

Estudos de Turismo na Terra de Makunaima



Leila Marcia Ghedin
Karla de Oliveira
Luciana de Souza Vitório
(Orgs.)



Leila Marcia Ghedin
Karla de Oliveira
Luciana de Souza Vitório
(Orgs.)

Estudos de Turismo na Terra de Makunaima



Reitora do IFRR

Nilra Jane Filgueira Bezerra

Pró-Reitora de Ensino

Aline Cavalcante Ferreira

Pró-Reitora de Extensão

Roseli Bernardo Silva dos Santos

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Romildo Nicolau Alves

Pró-Reitor de Administração

Emanuel Alves de Moura

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Adnelson Jati Batista

Diretora-Geral do *Campus* Amajari

Pierlangela Nascimento da Cunha

Diretora-Geral do *Campus* Boa Vista

Joseane de Souza Cortez

Diretor-Geral do *Campus* Boa Vista Zona Oeste

Isaac Sutil da Silva

Diretora-Geral do *Campus* Novo Paraíso

Vanessa Rufino Vale Vasconcelos

Diretora do *Campus* Avançado Bonfim

Moacir Augusto de Souza

Núcleo de Publicações

Amarildo Ferreira Junior

ORGANIZADORAS

Leila Marcia Ghedin

Karla de Oliveira

Luciana de Souza Vitório

CORPO EDITORIAL

Dra. Diana Priscila Sá Alberto

Ma. Elizabete Melo Nogueira

Dra. Georgia Patrícia da Silva Ferko

Dr. Iury Teixeira de Sevilha Gosling

Ma. Jordana de Souza Cavalcante

Dra. Karla Cristina Damasceno de Oliveira

Ma. Leila de Sena Cavalcante Duarte

Dra. Leila Márcia Ghedin

Ma. Luciana de Souza Vitório

Dra. Márcia Teixeira Falcão

Dra. Maria das Neves Magalhães Pinheiro

Ma. Maria Neusa de Lima Pereira

Ma. Rosijane Evangelista da Silva

Ma. Vanessa Tonelli da Silva

Me. Vitor Lopes Resende

EDITORIAL

Editor-Chefe: Amarildo Ferreira Junior

Diagramação e Projeto Gráfico: Jayne de Castro Thomé

Revisão Editorial: Silvana Menezes da Silva

Revisão de Texto: Ana Paula Santos de Oliveira

Secretaria Editorial: Saula Leite Oliveira e Thiago Santos Pinheiro Souza.

Capa: Cocar da etnia Wai-Wai sobre o pôr do sol de Boa Vista.

Cocar: Mahsiyano Wai-Wai.

Foto e Arte da Capa: Paulo De Carvalho (www.paulodecarvalho.net)

Linhas de Pesquisa: 1. Planejamento e Gestão de Destinos Turísticos; 2. Gestão de Empreendimentos Turísticos; 3. Turismo e Sustentabilidade; 4. Educação e Turismo.

Órgão Financiador: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima
Sistema Integrado de Bibliotecas do IFRR - SISBI

E82 Estudos de turismo na terra de Makunaima / organizado por Leila Marcia Ghedin, Karla de Oliveira, Luciana de Souza Vitória. – Boa Vista: GEPTTEC/IFRR, 2022.
423p. : il. color.

Inclui bibliografias.

ISBN 978-65-86852-05-9

1. Turismo - Amazônia. 2. Sustentabilidade. 3. Turismo - Administração. I. Ghedin, Leila Marcia (org.). II. Oliveira, Karla de (org.). III. Vitória, Luciana de Souza (org.).

CDD – 338.4791811

Bibliotecária Responsável: Paula Lima Garcia - CRB 11/887

Todo conteúdo presente nesta obra é de inteira responsabilidade dos autores.

© todos os direitos desta edição reservados ao IFRR

APRESENTAÇÃO

Este livro é a sistematização do resultado da produção científica, obrigatória, da segunda turma do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis, ofertado pelo *Campus* Boa Vista no período de 2018 a 2020. Esse curso tem sua história ligada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Turismo, Tecnologia, Educação e Cultura (GEPTTEC), pertencente ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e surgiu como resultado de uma pesquisa de demanda realizada pelos pesquisadores do grupo supracitado, que buscava ofertar novos cursos no eixo Turismo, Hospitalidade e Lazer.

Consideramos esta obra uma conquista da área de Turismo do IFRR e do GEPTTEC, tendo em vista a íntima relação entre o curso de turismo e o desenvolvimento histórico do IFRR. O primeiro curso de nível superior ofertado pelo Instituto foi o de Tecnologia em Gestão de Turismo, em 2003. Como consequência disso, a então Escola Técnica Federal de Roraima (ETFRR) se transformou em Centro Federal de Educação Tecnológica de Roraima (CEFET-RR). Esse marco levou o GEPTTEC a ser um grupo de pesquisa genuinamente do Instituto, pois foi o primeiro grupo cadastrado no CNPq e certificado pelo IFRR. Seguindo o mesmo caminho, o curso Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis foi a primeira pós-graduação ofertada à comunidade pelo *Campus* Boa Vista-IFRR na modalidade presencial, e sem o auxílio financeiro de programas federais de bolsas de incentivo ao ensino e à produção científica.

Com a sistematização do conhecimento científico da primeira turma do curso, veio a produção do primeiro livro eletrônico do IFRR, “Destino Roraima: olhares sobre a gestão do turismo”, de 2018, organizado pelas professoras e pesquisadoras do GEPTTEC. As atividades acadêmicas do curso de Pós-Graduação, desde a primeira turma, estiveram relacionadas com a prática da pesquisa, com as vivências profissionais por meio de visitas técnicas e com o desenvolvimento de projetos factíveis que contextualizam a atividade turística no espaço amazônico.

A conclusão da segunda turma apresenta, como resultado, a obra “Estudos de Turismo na Terra de Makunaima”, que contempla os seguintes te-

mas em interface com o Turismo: planejamento, gestão, empreendedorismo, sustentabilidade e educação. Todo o seu conteúdo é resultado da produção do conhecimento científico oriundo dos trabalhos de conclusão de curso dos estudantes ingressantes na turma de 2018. Os artigos compilados foram construídos pelos discentes e seus respectivos orientadores.

Os capítulos de 1 a 5 versam sobre o planejamento de empreendimentos e destinos turísticos, abordando temas como capacidade de carga turística, atrativo turístico em comunidades indígenas, práticas sustentáveis em empreendimentos hoteleiros e gestão de resíduos sólidos.

Os artigos de 6 a 9 dialogam sobre a gestão estratégica com uso de ferramentas digitais, observância às normativas de sustentabilidade e aos impactos causados na atividade turística pela Pandemia da SARS-CoV-2 (Covid 19). Nos trabalhos de 10 a 13, a sustentabilidade é abordada de forma a compreender as ações e os discursos ditos sustentáveis para além da dimensão ambiental e econômica e a refletir sobre a importância do olhar e do saber-fazer comunitário nas destinações turísticas locais.

Por fim, os capítulos 14 e 15 arrematam o arranjo da obra ao versar sobre a interface turismo e educação, em que o turismo adentra a dimensão pedagógica e possibilita vislumbrar como a aprendizagem e o lazer podem propiciar vivências e construção de conhecimento.

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados pela pandemia de covid 19, que provocou a modificação no comportamento e nas atitudes da maioria dos seres humanos. Muitas vidas foram perdidas, entre elas a do discente Pedro de Souza Fernandes, o qual recebeu uma homenagem póstuma de sua orientadora, a Profa. Ma. Elisabete Melo Nogueira, dos colegas de classe e professores do curso. Esta é uma tentativa de dizer que “vidas humanas importam” e que a presença de Pedro Fernandes estará para sempre lembrada por suas participações nas aulas e nas páginas desta obra.

Diante de todo o exposto, deixamos aqui um convite à comunidade - acadêmica, profissionais da área de turismo e leitores em geral interessados no tema - a conhecerem os “Estudos de Turismo na Terra de Makunaima” presentes nesta obra. Desejamos uma excelente leitura.

As Organizadoras.



Homenagem Póstuma a Pedro de Souza Fernandes

Loren Dinelli (2022) definiu o seu colega Pedro de Souza Fernandes, do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), como: “O arquiteto mais turismólogo de Roraima”, uma vez que, obstinado por se especializar na área de Turismo, resolveu voltar para academia aos 73 anos de idade, sem saber que mais tinha a ensinar que a aprender. Pedro Fernandes, o primeiro roraimense a se formar em Arquitetura, dono de um extenso currículo, sempre voltado para o aproveitamento do espaço de forma criativa e focado no lazer e no turismo, projetou na capital do estado de Roraima o Aquamak Park (da família Kimak), a Sede Social do Clube Atlético Telaima, o Complexo de Lazer Turístico – Pesque e Pague – do Sullivan e o Projeto inicial da implantação e urbanização de toda área de lazer do Complexo Ayrton Sena, na Avenida Capitão Ene Garcez. Guardava no coração o pensamento de Oscar Niemeyer (1907 - 2012): “Se a reta é o caminho mais curto entre dois pontos, a curva é o que faz o concreto buscar o infinito”. Foi com esse compromisso que, em Tepequém, localizado no município do Amajari, projetou a Pousada Ecológica MontBello; no município de Caracaraí, um Barco Hotel; no município de São Luiz do Anauá, o Hotel Crystal. Para consolidar essa relação com o turismo, Pedro Fernandes resolveu elaborar como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) o projeto de um Hotel Fazenda, na Fazenda Cachoeira Dourada, na vicinal IV, Vila Campos Novos, no município de Iracema (figura A), de propriedade do senhor Elilson de Albuquerque Rocha Lima, Cicinho, como é conhecido.

Figura A: Croqui elaborado para o Hotel Fazenda Cachoeira Dourada, Campos Novos, Iracema-RR



Fonte: Fernandes, 2019.

Por obra do destino, Pedro Fernandes foi chamado a distribuir sua alegria contagiante em outro plano antes da conclusão do curso, deixando saudades e a recordação de sua infindável busca por conhecimento. A ele, nosso ecoarquiteto - como se autodenominava - dedicamos as páginas deste e-book, em agradecimento ao conhecimento compartilhado, à alegria constante, à amizade, à determinação e à inspiração que trouxe para todos os colegas do curso.

Até breve, amigo!

Elizabeth Melo Nogueira¹
Loren Dinelli

¹ Elizabeth e Loren escreveram o texto de homenagem póstuma a Pedro Fernandes, uma como Professora Orientadora e outra como colega de classe, mas as duas como amigas pessoais dele. Esta é uma singela homenagem a um estudante que fazia a diferença nas aulas.

SUMÁRIO

ESTUDO PRELIMINAR PARA IMPLANTAÇÃO DA CAPACIDADE DE CARGA TURÍSTICA NA SERRA GRANDE - CANTÁ - RR COMO UMA ALTERNATIVA PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL	10
ETNOTURISMO: PRÁTICAS E SABERES DA MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA COMO ATRATIVO TURÍSTICO	38
IDENTIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS EM UM HOTEL NA ZONA NORTE DA CIDADE BOA VISTA-RR.....	74
A DESTINAÇÃO ADEQUADA AOS RESÍDUOS SÓLIDOS PARA A CONSERVAÇÃO DE ATRATIVOS TURÍSTICOS SUSTENTÁVEIS: O CASO TEPEQUÉM - AMAJARI-RORAIMA.....	113
O USO DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS EM HOTÉIS DE BOA VISTA-RORAIMA....	144
FERRAMENTAS DE GESTÃO COMO ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO: estudo de caso de uma agência de viagem em Boa Vista – Roraima.....	165
A IMPORTÂNCIA DE UM GUIA DIGITAL TURÍSTICO PARA O TURISMO EM RORAIMA.....	189
ARRAIAL BOA VISTA JUNINA: UMA PROPOSTA PARA O EVENTO, SOB A PERSPECTIVA DA SUSTENTABILIDADE EM CONSONÂNCIA COM A NBR ISO 20121	214
TURISMO EM RORAIMA: IMPACTOS CAUSADOS NA ATIVIDADE TURÍSTICA PELA PANDEMIA DA COVID-19.....	238
A (IN)SUSTENTABILIDADE DO TURISMO DE PESCA ESPORTIVA NO BAIXO RIO BRANCO-RR	264
DESTINO TEPEQUÉM: MITO, NATUREZA E DESAFIOS DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL	293
A PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE O IMPACTO DA PANDEMIA NO FLUXO DE TURISTAS NA SERRA DO TEPEQUÉM EM RORAIMA	317
O PAPEL DO CONDUTOR LOCAL DE ECOTURISMO PARA A SUSTENTABILIDADE DOS ATRATIVOS NATURAIS DO ESTADO DE RORAIMA.	344
TURISMO IDIOMÁTICO: ANÁLISE E REFLEXÕES DO CURSO LIVRE “ESPANHOL INTERMEDIÁRIO - UMA PONTE ENTRE MONTE RORAIMA E MACHU PICCHU, PERU”	376
TURISMO PEDAGÓGICO: ESTUDO DE CASO NA FAZENDA CASTANHAL (RR). 397	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	421



ESTUDO PRELIMINAR PARA IMPLANTAÇÃO DA CAPACIDADE DE CARGA TURÍSTICA NA SERRA GRANDE - CANTÁ - RR COMO UMA ALTERNATIVA PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL

Jaqueline Pereira do Nascimento¹
Leila Márcia Ghedin²

RESUMO

O presente trabalho apresenta sugestões para a implantação da Capacidade de Carga Turística (CCT) na Serra Grande, pois o turismo desenvolvido neste atrativo tem ocorrido de forma exploratória e depreciativa. Diante disso, surgiram os seguintes objetivos, sendo o geral: elaborar um estudo preliminar para a implantação da CCT na Serra Grande - Cantá - RR - Brasil, tendo em vista o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, gerando renda local, com valorização ambiental e o reconhecimento das populações que vivem no entorno da serra; e os específicos: realizar um estudo bibliográfico, identificando os parâmetros para a elaboração da CCT para a Serra Grande; avaliar os documentos municipais relacionados ao desenvolvimento do turismo sustentável do município do Cantá; e elaborar as recomendações necessárias para a implantação da CCT na Serra Grande. O Turismo Sustentável traz o planejamento em todo o seu processo de inclusão, o que ajuda a melhorar tanto o atrativo como a conscientização de todos os atores envolvidos. A pesquisa teve caráter qualitativo, pois a pesquisadora expressa sua opinião, além de exploratório e descritivo. Isso acontece a partir da comparação entre a indicação dos teó-

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR, *Campus Boa Vista*.

2 Doutora em Educação em Ciências e Matemática (UFMT). Mestre em Educação em Ciências na Amazônia (UEA). Mestre em Planificación Integral para el Desarrollo del Turismo (Universidad del Zulia). Licenciada em Pedagogia (UFRR). Pesquisadora e Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Turismo, Tecnologia, Educação e Cultura – GEPTTEC (IFRR). Docente no Instituto Federal de Roraima - IFRR. E-mail: leilaghedin@ifrr.edu.br.

ricos sobre parâmetros de sustentabilidade e a presença desses parâmetros nos documentos analisados. A coleta de dados foi feita através da revisão bibliográfica sobre o tema, análise de documentos, como o Plano Municipal de Turismo do Cantá (Lei nº 339/2020) e o Inventário Estratégico da Oferta Turística de Roraima - INVENTURR 2021. Como resultado dessa análise, emergiu a melhoria na infraestrutura básica e turística. Este estudo indicou também que é de suma importância para que o turismo na Serra Grande se desenvolva de forma sustentável a implantação da CCT no local. Acredita-se que os objetivos foram alcançados e que os resultados obtidos podem auxiliar na implementação da CCT na referida serra, principalmente porque a própria Lei nº 339/2020 defende o turismo de forma sustentável.

Palavras-chave: Capacidade de Carga Turística. Turismo Sustentável. Serra Grande. Cantá.

RESUMEN

El presente trabajo presenta sugerencias para la implantación de la Capacidad de Carga Turista (CCT) en la Sierra Grande, ya que el turismo desarrollado en este atractivo ha sido de forma exploratoria y depreciativa. Ante esto, surgieron los siguientes objetivos (Generales): Elaborar un estudio preliminar para la determinación de la CCT en la Sierra Grande – Cantá – RR - Brasil, con miras a desarrollar el turismo de forma sustentable, generando ingresos locales, con valoración ambiental y el reconocimiento de las poblaciones que viven en el entorno de la Sierra. (específicos): Realizar un estudio bibliográfico identificando los parámetros para la elaboración de la CCT para la Sierra Grande; Evaluar los documentos municipales relacionados al desarrollo del turismo sustentable del municipio de Cantá; Elaborar las recomendaciones necesarias para la implementación de la CCT en la Sierra Grande. El turismo sustentable tras la planificación en todo el proceso de inclusión, lo que ayuda a mejorar tanto el atractivo, como la concientización de todos los involucrados. La recolecta de datos fue realizada a través de la Revisión Bibliográfica respecto al tema, análisis de documentos como el Plan Municipal de Turismo del Cantá (Ley n. 339/2020) e Inventario Estratégico de la Oferta Turista de Roraima- INVENTURR 2021. Este estudio indicó que es de suma importancia, para que en el turismo de Serra Grande se desarrolle de manera sustentable la implantación de la CCT. Se considera que los objetivos fueron alcanzados y que los resultados obtenidos pueden contribuir en la implementación de la CCT en la Sierra, principalmente porque la ley n. 339/2020 piensa en el turismo de manera sustentable.

Palabras-clave: Capacidad de Carga Turista. Turismo sustentable. Sierra Grande. Cantá.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, o presente trabalho seria feito da seguinte forma: determinar a Capacidade de Carga Turística da Serra Grande, Cantá – RR; verificar os indicadores de monitoramento, além do diagnóstico. Porém, em função da pandemia SARS-CoV-2 (Covid-19), não foi possível fazer a pesquisa *in loco*, por questão de segurança sanitária. Por esta razão, foi modificado para uma pesquisa bibliográfica.

Tem-se notado que o turismo desenvolvido na Serra Grande - Cantá – RR vem ocorrendo de forma exploratória e depreciativa, sem se importar com a preservação da fauna e flora, causando sérios prejuízos ao local, devido à falta de fiscalização e monitoramento e de um planejamento específico do local.

Observando tal situação, pensou-se em buscar uma alternativa viável para o turismo na Serra Grande continuar, mas de forma sustentável para a preservação local. Com base em estudos anteriores de espaços semelhantes, vimos a Capacidade de Carga Turística (CCT) como uma importante alternativa para auxiliar no uso turístico recreativo da Serra Grande. Diante disso, surgiu o questionamento: *Como determinar a CCT na Serra Grande, Cantá - RR como uma alternativa para o Turismo Sustentável? Como consequência desta, surgiram outras questões norteadoras: Quais estudos bibliográficos anteriores podem auxiliar na elaboração da CCT na Serra Grande - Cantá - RR? Quais documentos oficiais o município do Cantá possui a respeito do turismo sustentável? Quais recomendações poderiam contribuir para a implantação da CCT na Serra Grande-Cantá?*

Para responder aos questionamentos anteriores, traçamos como objetivo geral: elaborar um estudo preliminar para a implantação da CCT na Serra Grande - Cantá – RR, tendo em vista o desenvolvimento do turismo de forma sustentável, gerando renda local, com valorização ambiental e o reconhecimento das populações que vivem no entorno da serra; e como objetivos específicos: realizar um estudo bibliográfico, identificando os parâmetros para a elaboração da CCT para a Serra Grande; avaliar os documentos municipais relacionados ao desenvolvimento do turismo sustentável do município do Cantá; e elaborar as recomendações necessárias para a implantação da CCT na Serra Grande.

Entendemos que controlando o uso do espaço por meio do planejamento

das atividades turísticas desenvolvidas no local será possível solucionar os problemas presentes e evitar prejuízos futuros. Nesse sentido, acreditamos que se faz necessário buscar essa alternativa do ponto de vista social, econômico e ambiental para o turismo local se desenvolver de forma sustentável e ser valorizado tanto pelo poder público, iniciativa privada, sociedade local, turistas, dentre outros.

TURISMO SUSTENTÁVEL

O turismo, nos últimos anos, tem se apresentado como uma atividade econômica em alta, assumindo um importante papel na economia de diversos países. Entretanto, ao mesmo tempo em que o turismo pode gerar renda numa localidade, ele também pode trazer sérios danos ao meio ambiente (KOROSSY, 2008).

Neste sentido, deve-se buscar a forma mais eficaz de se trabalhar o turismo em cada lugar, observando a realidade local e envolvendo todos os atores locais na atividade turística, para que o planejamento seja mais viável e tenha resultados positivos.

Segundo Marçal da Rocha (2011, p. 385), “Já é quase senso comum entre os pesquisadores e gestores do setor turístico, que a sustentabilidade do setor deverá estar centrada em três pilares: o econômico, o sócio-cultural e o ambiental.” Entretanto, o turismo sustentável é algo complexo e, para conseguir trabalhá-lo em um local ou comunidade, é necessário incluir alguns pressupostos, como destaca Beni (2003, p. 14):

Enfim, o Turismo Sustentável, portanto, em sua vasta e complexa abrangência, envolve: compreensão dos impactos turísticos; distribuição justa de custos e benefícios; geração de empregos locais diretos e indiretos; fomento de negócios lucrativos; injeção de capital com consequente diversificação da economia local; interação com todos os setores e segmentos da sociedade; desenvolvimento estratégico e logístico de modais de transporte; encorajamento ao uso produtivo de terras tidas como marginais (turismo no espaço rural); subvenções para os custos de conservação ambiental.

Nesse sentido, a ideia de Turismo Sustentável surge para amenizar os impactos que o turismo de massa traz aos atrativos. Nota-se que ele traz tanto

a conscientização ambiental quanto a cultural; e não somente isso, pois também ensina o planejamento econômico e estratégico em todo o seu processo de inclusão. Tem-se alguns conceitos, a iniciar pelo da Organização Mundial do Turismo (2003, p. 24):

O desenvolvimento do turismo sustentável atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida.

Para o Relatório Brundtland (1987), citado por Saarinen (2006), UNWTO (2004), Hardy e Beeton (2001) e Tosun (1998 apud KOROSSY, 2008, p. 59), “O conceito de turismo sustentável deriva do desenvolvimento sustentável.” Em contrapartida, Beni (1999, p. 12-13) destaca que:

O *turismo sustentável* pode ser interpretado de um ponto de vista setorial, em que a meta básica é a viabilidade da atividade turística, mais na linha da *sustentabilidade econômica do turismo*. (...) Uma segunda interpretação baseia-se amplamente na ecologia como visão sociocultural e política, acentuando de maneira notável a necessidade de *turismo ecologicamente sustentável*. Esta é uma abordagem preservacionista em que a prioridade deverá ser dada à proteção dos recursos e ecossistemas naturais.

Ou seja, que o turismo pode gerar emprego e renda local e preservar os espaços naturais quando trabalhado de forma justa e consciente com os moradores, para que comecem por eles o respeito e a conscientização com o meio ambiente.

No entanto, Butler (1998 apud CANDIOTTO, 2009, p. 50) argumenta que o “turismo sustentável se apresenta como contraposição ao turismo de massa”, pois este está relacionado à superlotação dos atrativos como forma de lucrar sem se importar com o meio ambiente ou com os atores locais. O autor aponta a Conferência Mundial de Turismo Sustentável, realizada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em 1990, como marco oficial da incorporação da ideia de desenvolvimento sustentável ao turismo. Nessa conferência, foi definido que

O turismo sustentável constitui um modelo de desenvolvimento econômico que foi concebido para: - Melhorar a qualidade de vida da comunidade visitada; - Oferecer ao visitante uma elevada qualidade de experiências; - Manter a qualidade do ambiente de que tanto a comunidade anfitriã quanto o visitante dependem (OMT, 1996, p. 12).

Assim, a ideia de turismo sustentável surgiu para melhorar tanto a questão econômica da população local como também a valorização ambiental, trazendo a conscientização dos moradores e visitantes para a preservação do lugar para que outros também possam ter acesso futuramente, constituindo, assim, um produto formatado e pronto para ser consumido de forma equilibrada.

Entretanto, Beni (1999, p. 11) diz que, embora tenham percebido, há muito tempo, o impacto que o turismo causa, tanto no meio ambiente natural quanto no artificial, esperou-se algum tempo para agir, e só começaram a investigar no início dos anos 1980, quando a expansão do turismo se definiu. Beni lembra que uma parcela do problema pode ter sido pelo conhecimento incipiente sobre a relação complexa entre turismo e meio ambiente. Além disso, ainda resalta a falta de coordenação entre a política de desenvolvimento e a ambiental.

Oliveira e Manso (2010), recorrendo à OMT, destacam que o desenvolvimento do turismo sustentável propicia o desenvolvimento sustentável e diminui as diferenças regionais, protegendo os espaços endêmicos.

O desenvolvimento sustentável do turismo é um meio para diminuir as assimetrias regionais existentes entre os países e no interior dos países, na medida em que este vai de encontro às necessidades das regiões turísticas, já que protege e aumenta as oportunidades de desenvolvimento dessas mesmas regiões. Por outro lado, e segundo a mesma organização, as diretrizes para o desenvolvimento sustentável do turismo e as práticas de gestão aplicam-se a todas as formas de turismo (OLIVEIRA; MANSO, 2010, p. 239-240).

Dessa forma, para os autores, o turismo sustentável veio como um meio de desenvolver e assegurar o turismo, no sentido de valorizar e atuar nas necessidades locais de cada espaço, não se uniformizando num modelo único, e sim se adaptando à realidade local e, com isso, garantindo o bem estar de cada atrativo e dos atores locais, contribuindo para um turismo ideal e agindo em todas as suas formas.

CAPACIDADE DE CARGA TURÍSTICA

Inicialmente, é importante salientar que o termo Capacidade de carga surgiu nas Ciências Agrárias, na atividade pecuária, para definir a quantidade de animais que um determinado solo, com pastagem, pode suportar e se renovar sem causar danos irreversíveis ao meio ambiente. Delgado (2007) enfatiza que estudar esse conceito na pecuária é fácil, porque se analisam poucas coisas, a quantidade de comida diária de um animal e o tempo de recuperação do solo para nova pastagem; ou seja, são análises totalmente técnicas e de fácil quantificação.

Entretanto, quando passamos a aplicar esse conceito na atividade turística, observamos uma grande diferença, principalmente porque, no caso do turismo, há a interferência do homem. Segundo Ruschmann (1997), “o conceito de capacidade de carga deve ser aplicado ao planejamento turístico, visto que tanto os recursos naturais como os construídos pelo homem têm um limite para absorver visitantes, e esse limite, quando ultrapassado, provoca deterioração”. Assim como na atividade pecuária, observou-se a necessidade de controlar o fluxo de animais. Viu-se que nessa atividade era muito mais necessário esse monitoramento, devido ao crescimento de visitas para evitar a deterioração dos espaços.

É interessante notar, na fala de Delgado (2007), que existem outros conceitos de capacidade de carga e que o turismo se diferencia dos demais pela ação do homem, principalmente porque este, muitas vezes, pensa somente no lucro e esquece dos demais recursos que fazem parte da atividade turística.

Takahashi (1997 apud DA SOLLER; BORGHETTI, 2013, p. 513) diz que:

A preocupação com a Capacidade de Carga em áreas destinadas ao turismo remete à década de 1950, ante o crescimento das taxas de visitação de parques e demais áreas naturais protegidas dos Estados Unidos, levando os administradores dos espaços a iniciarem estudos para desenvolver metodologias que permitissem o manejo de visitantes em uma área, sem comprometê-la.

No começo da década de 1960, passou a ser incluído no conceito de Capacidade de Carga Turística (CCT) a preocupação com o contentamento e bem-estar dos turistas e/ou visitantes em relação ao local visitado. Assim, na década

seguinte, a questão ambiental foi crucial no conceito para estabelecer limites e evitar a degradação das áreas, além de não comprometer a resiliência dos ecossistemas (DA SOLLER; BORGHETTI, 2013).

Ainda segundo Da Soller e Borghetti (2013, p. 513), “Nas décadas de 1980 e 1990 houve uma revisão dos conceitos existentes, surgindo outras metodologias de controle de visitação para definir a CCT e regular a quantidade de visitantes em áreas naturais”.

Em se tratando do conceito, Cunha (2019, np) cita a OMT para definir a capacidade de carga turística como “o número máximo de pessoas que podem visitar um destino turístico ao mesmo tempo, sem causar a destruição física, econômica, sociocultural e ambiental e um inaceitável decréscimo da satisfação dos turistas”.

Com base nas observações dos autores supracitados, percebeu-se que é necessária uma definição mais clara do conceito, incluindo o número máximo de visitantes, porque muitos ainda não tinham percebido a importância de controlar o fluxo de pessoas para um melhor desempenho desta atividade.

Pires (2005) explica que:

As definições acerca da capacidade de carga consideram quatro componentes básicos: biofísico; sociocultural; psicológico; e manejo da capacidade de carga. O componente biofísico está relacionado aos componentes naturais e histórico-culturais. O componente sociocultural reconhece que se a atividade turística exceder um determinado nível, impactos negativos na comunidade local poderão ocorrer. O componente psicológico remete ao número máximo de visitantes, durante um determinado período, que garanta a satisfação do visitante. Por fim, o componente do manejo se refere ao limite de visitação em uma determinada área que possibilite um manejo adequado da mesma por parte dos gestores (PIRES, 2005, p. 9-10).

Interessante notar que Pires (2005) introduz a melhor maneira de planejar da maneira correta a CCT em uma localidade, pois esses quatro componentes são essenciais para um bom desenvolvimento da atividade local, garantindo o desenvolvimento sustentável e a valorização ambiental do destino turístico. Da mesma forma, Marçal da Rocha (2011) ressalta que, antes de se planejar o turismo em alguma localidade, faz-se necessário responder a duas perguntas essenciais:

A primeira é de ordem sócio-política ambiental, ou seja: a sociedade está disposta a conviver com os turistas? Os recursos naturais serão preservados com a demanda turística? Se as respostas forem positivas, passa-se então para as próximas perguntas de ordem de gestão econômica: Com a infraestrutura existente quantos turistas a região consegue absorver? Como serão realizadas as construções de novos equipamentos e infraestruturas, caso aumente a demanda turística? (MARÇAL DA ROCHA, 2011, p. 387).

Levando em conta essa metodologia de planejamento do turismo, indicada por Marçal da Rocha (2011), compreendemos que o planejamento do turismo sustentável, especialmente o desenvolvimento de atividades turísticas em espaços naturais, pode obter bons resultados, pois este é o modelo que contempla desde a ordem sócio-política ao bem-estar das populações do entorno da localidade a ser planejada a atividade turística.

Diante de tal exposição e direcionamento dos autores supracitados, entendemos que, para a presente pesquisa, devemos observar os resultados obtidos em alguns estudos anteriores no que se refere à determinação de CCT realizados em atrativos turísticos análogos ao de Serra Grande. Dessa forma, compreendemos que estes antecedentes poderão direcionar as considerações sobre a determinação da CCT na Serra Grande, no Cantá-RR, especialmente, em uma pesquisa de caráter bibliográfico.

ANTECEDENTES DE ESTUDO

Esta seção traz casos de estudo realizados em espaços análogos ao de Serra Grande. Esses casos passam a ser a base teórica e prática para esta pesquisa, tendo em vista que a pandemia da SARS-CoV-2 (Covid-19), por uma questão de segurança sanitária, impossibilitou a realização da visita *in loco* para a aplicação da metodologia no espaço estudado.

Dito isto, numa seleção com vários artigos, foram selecionados três para o enriquecimento do trabalho. De início, trazemos o estudo de Soares, Gonzales e Pivott (2006), que realizaram um trabalho de título **Estudos preliminares para a análise da Capacidade de Carga da cachoeira Pedro David, em São Francisco Xavier, distrito de São José dos Campos-SP**. Seu objetivo foi identificar as metodologias para a análise da Capacidade de Carga desta cachoeira,

que é um atrativo turístico natural da localidade, para posterior aplicação das metodologias identificadas.

As metodologias utilizadas foram: selecionar técnicas de pesquisa em turismo para o levantamento do perfil do visitante, o Método de Cifuentes (1992), para o cálculo do número de visitantes, considerando adequado para uma determinada área, e o desenvolvimento de parâmetros para pesquisa de campo com base no método do Manejo do Impacto do Visitante (MIV). Para a caracterização do posicionamento dos atores sociais relacionados ao uso da cachoeira (moradores, empresários e lideranças governamentais), a outra utilizada foi a Metodologia ZOPP (do alemão Ziel Orientierte Projekt Planung – Planejamento de Projetos Orientado por Objetivos).

Os resultados alcançados nesse trabalho indicaram que o estudo para determinar a Capacidade de Carga deve ser desenvolvido em três etapas, a saber: I – Levantamento Bibliográfico para a elaboração do projeto, bem como elaboração do plano de pesquisa para levantamento do perfil do visitante e o levantamento das características do recurso; II – Estudo de campo, que envolve algumas ferramentas, como medição da área de concentração dos banhistas, aplicação de formulário estruturado com questões semi-abertas através de amostragens, levantamento do número de capacidade simultânea na cachoeira, observação da visitação e registro dos seus efeitos em quatro dias (dois sábados e dois domingos) e registro de visitantes através de fotos tiradas de duas em duas horas; e III – a metodologia de Cifuentes (CCFísica, CCReal e CCEfetiva).

Por outro lado, Dias e Cordeiro, Korossy e Selva (2013) realizaram a pesquisa com o título **Determinação da capacidade de carga turística a partir do método Cifuentes et al. (1992): aplicação à Praia dos Carneiros (Tamandaré/PE)**, localizado no litoral sul de Pernambuco, cujo objetivo foi realizar um estudo de Capacidade de Carga (CC), de modo a refletir e verificar como seu resultado pode contribuir para a sustentabilidade da referida praia.

A metodologia aplicada foi o modelo de Cifuentes et al. (1992) para calcular a CC de uma das principais praias de Tamandaré, a Praia dos Carneiros, definindo, com isso, duas zonas: a de faixa de praia e a de piscinas naturais. Os resultados encontrados sugeriram um limite máximo de usuários de 129 visitantes/dia para a faixa de praia e de 1.161 visitantes/dia para a zona de piscinas

naturais. Contudo, quando se comparam os limites sugeridos com as taxas de visitantes, verificou-se que a CC está dentro do aceitável para a zona de piscinas naturais e acima do recomendado para a zona da faixa de praia.

Comparando os trabalhos expostos anteriormente, embora os objetivos sejam diferentes, uma das metodologias utilizadas por ambos foi a de Cifuentes (1992), com algumas técnicas diferenciadas de acordo com o que se pretendia nos objetivos de cada estudo e com a realidade de cada localidade (o que nos remete que a CCT também é importante para a Serra Grande), porém, cada um encontrou os seguintes resultados: Gonzales e Pivott (2006) concluiu que o estudo para determinar a CC da Cachoeira Pedro David deve ser desenvolvido nas três etapas citadas: levantamento de dados, estudos de campo e características da visita, além do MIV e do ZOPP.

Já Cordeiro et al. (2013), verificaram que os resultados encontrados sugerem um limite máximo para a faixa de praia e para a zona de piscinas naturais de visitantes/dia, porém, os autores observaram que, de acordo com a Capacidade de Manejo do órgão gestor (condições necessárias para gerir a área, como posto, carros e barcos para fiscalização, estacionamento e servidores), é de apenas 20%, o que compromete o número máximo de visitantes/dia mencionados acima, tendo que ser feito um novo planejamento específico para a Praia de Carneiros, pois o que existe abrange toda a Área de Proteção Ambiental (atende todos os atrativos que estão inseridos na Unidade de Conservação), o que dificulta o controle de fluxo de visitantes no local.

Observando os dois trabalhos acima e comparando-os com a Serra Grande, percebe-se que a atividade turística de ambos não foram feitas com um planejamento adequado (como citado nos parágrafos acima), o que causou sérios impactos à atividade turística, como a deterioração de seus recursos (não há infraestrutura adequada, fiscalização exclusiva para o atrativo), principalmente, na Praia de Carneiros.

Na Serra Grande, a realidade não é diferente, por isso a necessidade de se trabalhar a Capacidade de Carga Turística para não só limitar um número máximo de pessoas (principalmente nos finais de semana e feriados, onde o fluxo é intenso e não existe uma fiscalização adequada), mas também conscientizar todos os atores envolvidos da necessidade de se preservar o local, através de

um planejamento adequado, com monitoramento, fiscalização, implementação da geração de renda local e conscientização de todos em relação à educação ambiental para evitar o aumento dos impactos ambientais, principalmente nos períodos de alta temporada, como sugeriu Dias e Cordeiro, Körössy e Selva (2013).

Em se tratando de CCT em atrativos naturais, viu-se a necessidade de se planejar adequadamente, de acordo com a realidade de cada local, para evitar a deterioração dos espaços e possíveis impactos ambientais tão sérios quanto nos locais em que não existem a CCT, como observado na Praia de Carneiros, em que a capacidade adequada estava em 20%, muito abaixo, porque a mesma abrange todos os atrativos que fazem parte da Área de Proteção Ambiental de Tamandaré – PE.

Considerando a necessidade de planejamento adequado para áreas naturais, Minasi (2013) realizou um trabalho com o tema **Reflexões sobre turismo, capacidade de carga e desenvolvimento econômico**, cujo objetivo foi apresentar uma reflexão acerca do tema turismo e planejamento turístico, evidenciando a CC voltada ao meio ambiente e sua relação com a economia. É importante ressaltar que, nesse artigo, a autora menciona a importância do planejamento na atividade turística usando o tripé: turismo, meio ambiente e economia.

A autora organizou o trabalho da seguinte forma: inicia fazendo uma reflexão sobre a relação entre turismo e meio ambiente, em que discorre sobre a importância que o planejamento traz para o turismo e a delimitação da CCT como meio de conservação dos atrativos naturais. Posteriormente, aborda o crescimento econômico e o profundo processo rumo ao desenvolvimento sustentável. Por fim, analisa como a atividade turística está relacionada com a dinâmica econômica e recomenda que a utilização do território pelo turismo seja de forma sustentável e que os planejadores turísticos prevejam as ações antrópicas em longo prazo e proponham meios para prevenir tais ações.

Fazendo a comparação desse artigo com os demais, percebe-se a importância do planejamento específico, juntamente com a CCT específica para cada atrativo, para a atividade turística, tanto na melhoria da economia como na preservação dos atrativos, evitando uma sobrecarga de pessoas e preservando para as futuras gerações, pensando, dessa forma, no desenvolvimento sustentável.

É o que se pôde observar na Serra Grande - a necessidade de planejar -, pois nota-se a preocupação apenas com os lucros, e não com os atrativos em si. Minasi (2013) ressalta que muitos empresários buscam apenas o lucro, não limitam um número máximo de pessoas quando oferta o atrativo, o que pode piorar a situação, pois, por não existir a fiscalização adequada por parte do setor público, este se mostra negligente ao não promover o planejamento do turismo sustentável do espaço natural a ser utilizado pelo turismo. Por outro lado, o setor privado revela sua preocupação apenas com o objetivo de auferir lucros rapidamente.

Percebe-se pelos próprios autores que é de total importância planejar a atividade turística para obter bons resultados, entretanto, a CCT é fundamental para o desenvolvimento do turismo em qualquer área, principalmente em área natural, tendo em vista que este ajuda no desenvolvimento sustentável de qualquer região, por isso a necessidade de se determinar a CCT na Serra Grande, visando, especialmente, o desenvolvimento local.

A Serra Grande está localizada no Município do Cantá, no estado de Roraima, Brasil, e conforme dados do Inventário Turístico (2021, np):

O município possui potencial turístico para integrar uma Rota ou Roteiro que atendam aos turistas para diversos segmentos turísticos existentes no município como o turismo rural ou agroturismo, turismo de aventura, turismo de eventos, etnoturismo entre outros segmentos. De fato, o município ainda precisa melhorar quanto a infraestrutura turística e de apoio, como pavimentação nas vilas que dão acesso aos principais atrativos turísticos, iluminação pública e saneamento básico, além de sinalização turística principalmente no atrativo Serra Grande.

Por essa razão, surgiu a ideia da implantação da Capacidade de Carga Turística na Serra Grande, pois, além de limitar o número de visitantes/dia, como podemos observar nos estudos expostos anteriormente, ela traz consigo, automaticamente, a fiscalização a infraestrutura, o monitoramento da atividade, dentre outros benefícios ao atrativo e à localidade.

MUNICÍPIO DO CANTÁ

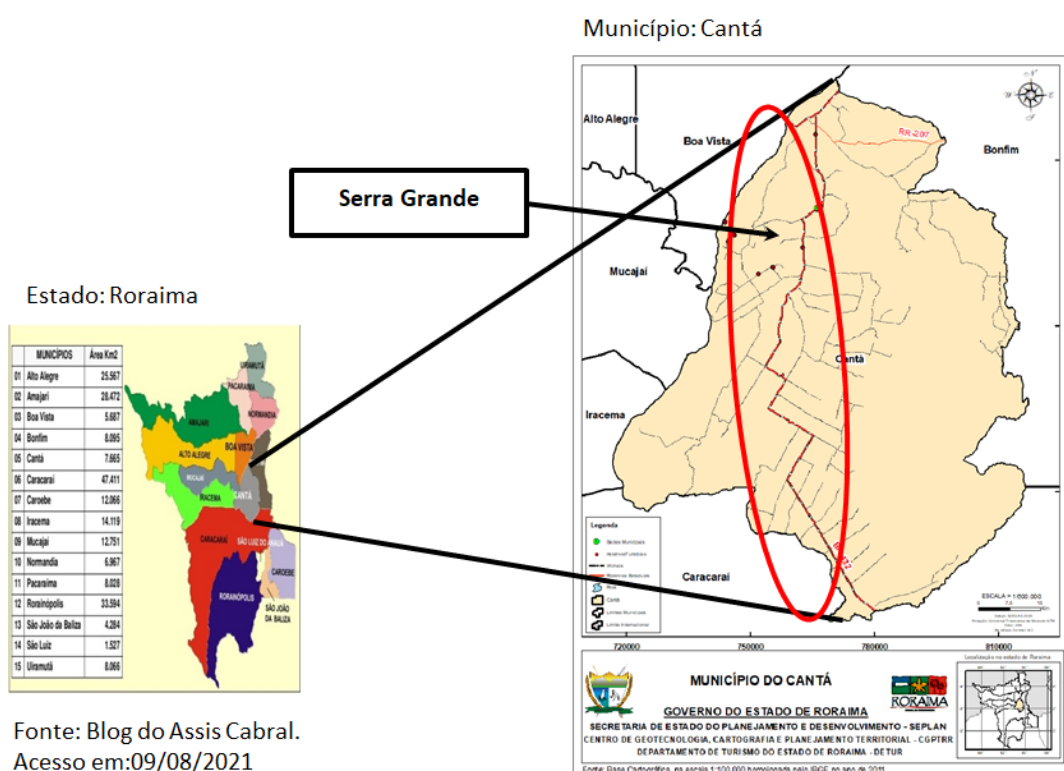
Segundo dados do INVENTURR (2021), o município do Cantá está distante da capital Boa Vista há aproximadamente 36 km, tendo como vias de acesso a

BR-432 e RR-206. Possui uma área territorial de 7.664,831 km², fazendo divisa com os seguintes municípios: ao norte com Boa Vista, ao sul com Caracaraí, ao leste com Bonfim e a oeste com Mucajaí e Iracema.

É composto pelas vilas Serra Grande, União, Central e Félix Pinto. Entretanto, no início do século 20, antes de ser transformado em município, fazia parte do município de Bonfim e era chamado de Colônia Brás de Aguiar. Somente em 1995 se tornou independente e recebeu o nome de Cantá, o qual foi herdado de uma planta da região. Sua independência se deu através da Lei nº 099/95, de 17 de outubro de 1995 (DETUR, 2020).

A seguir, apresentamos o mapa de Roraima dando destaque ao espaço objeto de estudo.

Figura 01: Localização da Serra Grande



Fonte: Blog do Assis Cabral.
Acesso em:09/08/2021

Fonte: Adaptação Própria, 2021.

De acordo com dados do IBGE (2020), a população do Cantá está estimada em 18.799 habitantes, com densidade demográfica de 1,81 hab/km². Segundo o DETUR (2020, online), “a região também é habitada por indígenas das etnias Macuxi e Wapixana, que vivem nas comunidades Canauanim, Malacacheta e Taba Lascada.”

O município faz parte da Região Turística **Roraima, a Savana Amazônica**, que, segundo o INVENTURR (2021, p. 2):

É composta por 5 municípios, caracterizada por possuir em sua maior parte territorial as savanas (tipo de formação vegetal mista composta de extrato baixo e contínuo de gramíneas e subarbustos, com maior ou menor número de pequenas árvores espalhadas.), belas cachoeiras e trilhas para os amantes do turismo de aventura, piscinas naturais e uma grande riqueza histórica e cultural.

Por ser um município jovem, ainda enfrenta muitos desafios, principalmente com a questão do turismo, pois, até o momento, não existe arrecadação municipal específica para os serviços de apoio turístico. Conforme o INVENTURR (2021), não existem meios de hospedagem no município; o mesmo se aplica a agências de turismo. Mais uma vez vem à tona a necessidade de se planejar o turismo local e elaborar políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do turismo, em especial o turismo sustentável e, com isso, a implementação da CCT para os atrativos turísticos do município.

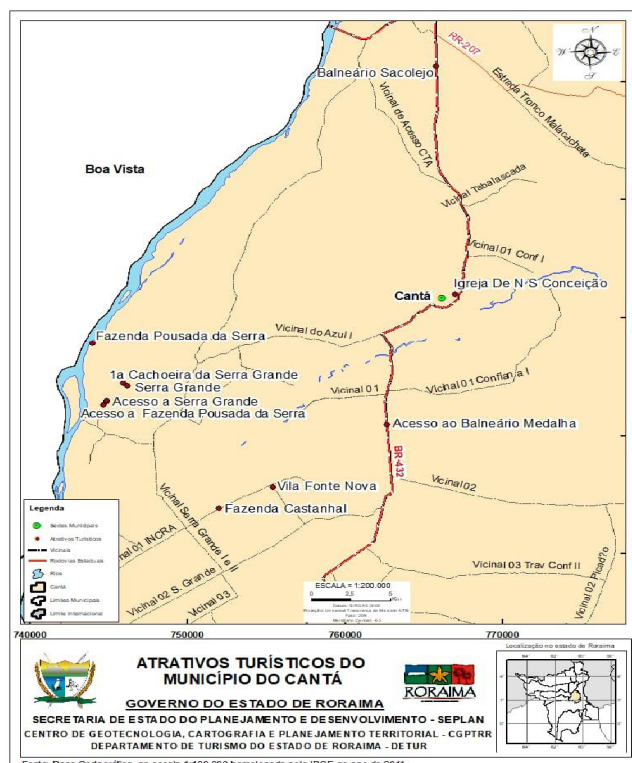
O município possui diversos atrativos turísticos, como o Sítio do Onédio, o Balneário Medalha, a Fazenda Pousada da Serra, o Balneário e Restaurante Sacolejo, o Festejo de Nossa Senhora da Conceição, o Hotel Fazenda Castanhal, a Festa da Damurida, o Festejo do Beijú, a Festa do Milho, a Festa do Abacaxi, o Festejo da Mandioca, a Festa Indígena Intercultural – Canauanim e Sítio Lua Azul; e, entre eles, está a Serra Grande, campo desta pesquisa. A seguir, apresentamos a caracterização do espaço objeto desse estudo, a Serra Grande (INVENTURR 2021).

SERRA GRANDE

De acordo com o INVENTURR (2021), a Serra Grande está distante cerca de 20 km da sede do município do Cantá e está localizada entre as Vilas Serra Grande I e II. Tem acesso pela Vila Serra Grande I e Vicinal Rio Branco. É carac-

terizada como um atrativo natural de grande extensão com trilhas, vistas panorâmicas e quedas d'água.

Figura 02: Mapa do Cantá – localização da Serra Grande



Fonte: INVENTURR 2021

Ainda segundo o Inventário Turístico (2021, p. 314), a “Serra Grande, cujo maciço se destaca na paisagem do alto Rio Branco”, possui “grande área de floresta nativa”, com possibilidade do desenvolvimento de atividades turísticas. Entre elas, as trilhas. Existem diversos acessos, sendo um próximo à Vila Serra Grande I. O acesso ao local é feito por estrada de terra na maior parte do caminho, há muitas dificuldades e é realizado por dentro de propriedades privadas. A melhor época para visitação ocorre nos meses de março a setembro, época do período chuvoso, o que permite a cheia das cachoeiras.

Segundo o DETUR (2020, online):

a região oferece boas opções de trilhas. Algumas delas levam a cachoeiras e corredeiras, mas o destino mais procurado é o topo da serra. A trilha tem duração de 4h e passa por trechos escorregadios, íngremes e com muitos obstáculos naturais, o que garante a adrenalina e aventura,

além da vista encantadora. Contudo, quem se aventura pela região precisa ser cuidadoso, pois há muitos poços e até abismos profundos, por isso é indicado o acompanhamento de guias (...). Outro passeio interessante pode ser feito a bordo de voadeiras pelo Rio Branco, de onde se tem uma ampla vista de toda a Serra. O ponto alto do passeio é uma ilha habitada por macacos guariba.

Diante do exposto, observamos que a região da Serra Grande possui um grande potencial para o desenvolvimento de diversas atividades turísticas. Porém, não há um planejamento turístico para o município e, menos ainda, para o uso sustentável dos recursos naturais presentes na Serra Grande. Documentos como esses auxiliam no ordenamento da atividade turística em espaços com natureza delicada.

Conforme constatamos na fundamentação teórica do presente trabalho, um documento imprescindível para o desenvolvimento do turismo sustentável em espaços naturais é a determinação da capacidade de carga turística do referido espaço. No que se refere à Serra Grande, observou-se a incipiência de documentos direcionados à gestão do turismo e ao controle de visitantes. Diante desta lacuna e a possibilidade de contribuir com o desenvolvimento turístico na localidade, o presente trabalho utilizou-se da pesquisa bibliográfica para realizar um estudo teórico visando a elaboração da CCT para a Serra Grande.

MARCO METODOLÓGICO

A pesquisa teve um caráter qualitativo, pois a pesquisadora expressa sua opinião, além de exploratório e descritivo (TRIVIÑOS, 2011). Isso acontece a partir da comparação entre a indicação dos teóricos sobre parâmetros de sustentabilidade e a presença desses parâmetros nos documentos analisados. A coleta de dados foi feita através da revisão bibliográfica sobre o tema Capacidade de Carga Turística - CCT, Plano Municipal de Turismo do Cantá - PMTC (Lei nº 339/2020) e Inventário Estratégico da Oferta Turística de Roraima - INVENTURR 2021.

Como não existe ainda um Plano Diretor do Município, este foi substituído pelo Plano Municipal de Turismo do Cantá. Também não existe Núcleo Turístico na Serra, porém há condutores locais credenciados, o que ajuda na

preservação local, pois estes, sendo moradores, conhecem melhor a realidade local (tanto econômica quanto física, dentre outros) da sua região.

Quanto à verificação *in loco* dos fatores físicos, infraestrutura e a determinação do cálculo da CCT no município, não foi realizada devido à questão da pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19), conforme já mencionado, que afetou todo o mundo; por esta razão, não foi possível o deslocamento até o local e os materiais necessários para esse estudo.

No que se refere ao Turismo Sustentável, CCT e sobre os Casos Anteriores de Estudo de CCT em espaços parecidos, foram realizados em lugares com características comuns à Serra Grande, como são os casos da Cachoeira Pedro David – São Francisco Xavier (SP) e da Praia de Carneiros – Tamandaré (PE).

O presente estudo traz como colaboração o estudo preliminar sobre a implantação da CCT na Serra Grande. Entendemos que isso irá auxiliar no desenvolvimento do turismo sustentável no referido atrativo natural. Em consequência disso, são sugeridos alguns parâmetros a serem seguidos quando o município for determinar a CCT para o atrativo “Serra Grande”. Além disso, foram elaboradas algumas recomendações necessárias para a sua implantação.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Para esse estudo, foram analisados o Plano Municipal de Turismo do Cantá (PMTTC) e o Inventário Estratégico da Oferta Turística de Roraima (INVENTURR). O Plano Municipal de Turismo do Cantá foi criado, organizado e estruturado pelo próprio município, através de uma construção em conjunto com a sociedade local, a iniciativa privada e a prefeitura municipal, ou seja, envolveu todos os atores locais, tendo como alvo implantar um planejamento voltado ao Turismo Sustentável, mostrando a importância e o compromisso desse plano para com a sociedade cantaense.

O INVENTURR é um levantamento sistemático de dados voltados à atividade turística, elaborado pela Secretaria Estadual de Planejamento e Desenvolvimento (Seplan), através do Departamento de Turismo do Estado de Roraima (DETUR), entregue em 2021, com o objetivo de apresentar as potencialidades, atrativos, produtos, serviços e estruturação turística dos 15 municípios do estado de Roraima, entre eles o Cantá.

De acordo com o INVENTURR (2021), a Serra Grande

Tem vocação (natural/passível de investimentos) para investimentos na área de turismo sustentável”. Localizada entre as vilas Serra Grande I e II e, por se tratar de um ambiente totalmente natural é passível de investimentos tanto no que diz respeito a infraestrutura turística como hotéis/pousadas ou camping, restaurantes, lanchonetes e um centro de atendimento ao turista, além de infraestrutura de apoio como serviços de saúde mais eficazes em caso de acidentes (INVENTURR, 2021, p. 324).

Analisando essa questão, é muito bom ter uma infraestrutura turística, porém é necessário um estudo aprofundado, pois, por se tratar de um ambiente totalmente natural, poderia descaracterizar o meio e comprometer sua paisagem, trazendo prejuízos imensuráveis ao próprio recurso.

Observando o documento desenvolvido pelo DETUR, compreendemos que é necessário e primordial ter infraestruturas no atrativo, entretanto os mais viáveis seriam: sinalizações turísticas, fiscalização e monitoramento, por meio de pessoas, além de locais para coleta de lixo. No caso das lixeiras, entendemos que a implantação não seria indicada necessariamente na serra em si, mas sim nas comunidades do entorno, como nas vilas que dariam esse suporte; além disso, ajudaria na distribuição de renda aos residentes.

De acordo com o Plano Municipal de Turismo 2020-2025 para o Cantá (PMTTC), o turismo foi pensado de forma sustentável. Percebemos isso observando a maneira como foi elaborado. O mesmo ocorreu envolvendo todos os atores locais. Isso o caracteriza como algo positivo, pois envolve conscientização ambiental e cultural, planejamento econômico e estratégico em todo o seu processo de inclusão, o que demonstra um total interesse do município pelo Turismo Sustentável.

Dessa forma, o município está dando um passo importante para o desenvolvimento turístico na localidade, valorizando o local e, com isso, formatando um produto para ser apreciado tanto pelos visitantes de hoje quanto pelos de amanhã.

Entretanto, um desafio para mais a frente é a sua total implementação, tendo em vista que o próprio plano cita, na parte do financiamento, que gerariam custos e que esses precisam ser previstos no orçamento do município e/ou financiados. Além disso, necessitam estar de acordo com a realidade finan-

ceira do município. Ou seja, embora a lei tenha sido aprovada, ainda é necessária a aprovação da liberação de verba para que ela funcione.

Com relação aos objetivos específicos, um passo muito importante é dado no que se refere à melhoria da infraestrutura, a potencialização da atividade turística, bem como em ações que beneficiam toda a população. Outro é o trabalho em equipe, envolvendo todos os atores locais. Isso ajuda no fortalecimento do turismo e na valorização do atrativo, além do crescimento econômico.

Entretanto, quando é colocado o planejamento específico para cada atrativo e tipologia de turismo, respeitando, assim, a gestão e a metodologia, é interessante falar da Capacidade de Carga Turística (CCT) como uma alternativa para o desenvolvimento local, tendo em vista que sua implantação traça requisitos essenciais para a valorização dos atrativos e das comunidades.

Contudo, é necessária muita cautela. Sabe-se que a maioria do público visitante, muitas vezes, não conhece e nem entende a atividade turística, somente busca satisfazer seus desejos. Neste caso, é preciso dosar o grau de satisfação com o bom senso. E, como mencionado por Da Soller e Borghetti (2013), a CCT é justamente para controlar o fluxo de turistas em um determinado atrativo. Daí, a necessidade de determinar a CCT no atrativo o quanto antes, tendo em vista que a lei municipal, em seu texto, aborda e valoriza as questões ambientais.

O plano foi formulado para consolidar a Política Municipal de Turismo e apresentar orientações estratégicas para o desenvolvimento do turismo no município.

O turismo deve ser trabalhado no sentido de priorizar o desenvolvimento de forma sustentável. O sustentável, nos termos dos planos cantáenses, devem se firmar sobre as bases de uma prática turística construída enquanto atividade humana, preocupada e em consonância com a conservação ambiental e com o desenvolvimento social e econômico das comunidades. Bem como a afirmação da cultura das diferentes comunidades que vivem em Cantá, e que recebem os turistas (PLANO MUNICIPAL DE TURISMO, 2020, p. 9).

Diante do exposto nos documentos elaborados pelo município e pelo Departamento de Turismo do Estado, percebemos que a instituição pública do município do Cantá está disposta a investir no desenvolvimento do turismo sustentável. Isso demonstra uma abertura para a elaboração dos documentos

necessários para tal fim. O PMTC destaca que o turismo sustentável é o segmento apoiado pelo município. Com base nisso, compreendemos que a elaboração da CCT para a Serra Grande é uma questão de tempo. Assim, ressaltamos que esta pesquisa se torna uma importante contribuição para a localidade.

A seguir, apresentamos um quadro comparativo e avaliativo entre os parâmetros indicados pelos teóricos e estudiosos da área e a indicação dos documentos municipais para o desenvolvimento do turismo sustentável na localidade. O quadro está dividido em três colunas. Da esquerda para a direita, na primeira coluna, está representada a visão dos teóricos da área de turismo quanto aos parâmetros para a implantação da CCT em uma área natural considerada para o presente estudo. A segunda coluna mostra a indicação dos documentos municipais. Por fim, a terceira coluna, da esquerda para a direita, apresenta a conclusão da pesquisadora com base nas leituras e estudos realizados para este trabalho.

Quadro 01: Comparação entre a indicação dos teóricos e dos documentos elaborados pelo município.

PARÂMETROS PARA A IMPLANTAÇÃO DA CCT NA SERRA GRANDE, VISANDO O TURISMO SUSTENTÁVEL		
O que dizem os teóricos no parâmetro ambiental?	O que indicam os documentos do município?	Conclusão da pesquisadora
<p>"A sustentabilidade do setor deverá estar centrada em três pilares: o econômico, o sócio-cultural e o ambiental." (MARÇAL DA ROCHA, 2011, p. 385).</p> <p>"Subvenções para os custos de conservação ambiental." (BENI, 2003, p. 14).</p> <p>Preocupação com todos os recursos que envolvam o meio ambiente. (OMT, 2003, p. 24).</p> <p>Prioridade a preservação e proteção dos recursos e ecossistemas naturais. (BENI, 1999, p. 12-13).</p> <p>Valorização local e ambiental. (OMT 1996, p. 12).</p>	<p>"Este turismo deverá ser sustentável em todos os seus aspectos (PMTTC, 2020, p. 16)".</p>	<p>Percebe-se que o documento elaborado pelo município contempla a valorização ambiental e dos recursos naturais. Isto pode indicar que a instituição pública está aberta para discutir a determinação da Capacidade de Carga Turística na Serra Grande.</p>
O que dizem os teóricos no parâmetro Sociocultural	O que indicam os documentos do município?	Conclusão da pesquisadora
<p>"A sustentabilidade do setor deverá estar centrada em três pilares: o econômico, o sócio-cultural e o ambiental." (MARÇAL DA ROCHA, 2011, p. 385).</p> <p>"Interação com todos os setores e segmentos da sociedade." (BENI, 2003, p. 14).</p> <p>"As necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural." (OMT, 2003, p. 24).</p> <p>"Baseia-se amplamente na ecologia como visão sociocultural e política, acentuando de maneira notável a necessidade de turismo ecologicamente sustentável." (BENI, 1999, p. 12-13).</p> <p>"Melhorar a qualidade de vida da comunidade visitada; oferecer ao visitante uma elevada qualidade de experiências; manter a qualidade do ambiente de que tanto a comunidade anfitriã quanto o visitante dependem." (OMT, 1996, p. 12).</p>	<p>"A gestão deve promover, enquanto desenvolvimento social, a qualidade de vida da população e dos visitantes que vem para o Cantá fazer turismo. Esse eixo é de suma importância e deve ser debatido amplamente e de maneira aberta nas audiências públicas, buscando abranger todos os atores da comunidade cantaense, que trabalham com o turismo, para atender demandas de maneira adequada." (PMTTC, 2020, p. 8).</p>	<p>Nota-se a preocupação do PMTTC com a população para que o turismo seja desenvolvido de forma que não prejudique os munícipes. Acredita-se que poder público pode ver a Capacidade de Carga Turística como uma aliada nesta questão para a boa qualidade de vida dos moradores, controlando o fluxo de turistas e excursionistas.</p>
O que dizem os teóricos no parâmetro Econômico	O que indicam os documentos do município?	Conclusão da pesquisadora
<p>"A sustentabilidade do setor deverá estar centrada em três pilares: o econômico, o sócio-cultural e o ambiental." (MARÇAL DA ROCHA, 2011, p. 385).</p> <p>"Distribuição justa de custos e benefícios; geração de empregos locais diretos e indiretos; fomento de negócios lucrativos; injeção de capital com consequente diversificação da economia local." (BENI, 2003, p. 14).</p> <p>"É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas(...)" (OMT, 2003, p.24)</p> <p>"a viabilidade da atividade turística, mais na linha da sustentabilidade econômica do turismo." (BENI, 1999, p. 12-13).</p>	<p>"Fomentar o desenvolvimento sustentável da atividade turística em Cantá, de modo a superar as expectativas dos turistas e excursionistas, e beneficiar a economia, a cultura, e a sociedade cantaense. Com respeito ao meio ambiente e ao patrimônio material e imaterial, permitir que a atual e futuras gerações possam continuar a usufruir de um turismo de qualidade em Cantá (PMTTC, 2020, p. 7).</p>	<p>O plano busca o desenvolvimento do Turismo Sustentável e a Capacidade de Carga Turística quando implantada num atrativo, ajuda na qualidade, valorização e conservação ambiental, como também, no crescimento econômico; portanto acredita-se que ela ajudará no desenvolvimento da atividade turística do atrativo.</p>

O que dizem os teóricos no parâmetro Histórico-cultural	O que indicam os documentos do município?	Conclusão da pesquisadora
<p>“As necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida.” (OMT, 2003, p. 24). “Melhorar a qualidade de vida da comunidade visitada; Oferecer ao visitante uma elevada qualidade de experiências; Manter a qualidade do ambiente de que tanto a comunidade anfitriã quanto o visitante dependem.” (OMT, 1996, p. 12).</p>	<p>“É importante que se mantenham pesquisas sobre o município, para a apropriação da história de Cantá (pelos moradores e turistas), e que a apropriação dos micros histórias deem embasamento sócio antropológico à comunidade cantaense, implicando na construção e afirmação de uma identidade social para o Cantá.” (PMTTC, 2020, p. 8).</p>	<p>O referido documento visa à proteção da identidade histórico-cultural do Cantá; isto inclui o comportamento dos moradores e a sua forma de convivência, sua história, cultura. Com a implantação da Capacidade de Carga Turística num atrativo ela ajuda, também, na preservação dessas identidades.</p>
O que dizem os teóricos no parâmetro Étnico	O que indicam os documentos do município?	Conclusão da pesquisadora
<p>“É visto como um condutor ao gerenciamento de todos os recursos, de tal forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida.” (OMT, 2003, p. 24). “O turismo sustentável constitui um modelo de desenvolvimento econômico que foi concebido para: Melhorar a qualidade de vida da comunidade visitada; Oferecer ao visitante uma elevada qualidade de experiências; Manter a qualidade do ambiente de que tanto a comunidade anfitriã quanto o visitante dependem.” (OMT, 1996, p. 12).</p>	<p>“O sustentável, nos termos dos planos cantaenses, devem se firmar sobre as bases de uma prática turística construída enquanto atividade humana, preocupada e em consonância com a conservação ambiental e com o desenvolvimento social e econômico das comunidades. Bem como a afirmação da cultura das diferentes comunidades que vivem em Cantá, e que recebem os turistas.” (PMTTC, 2020, p. 9).</p>	<p>Mais uma vez, o Plano Municipal de Turismo do Cantá está preocupado com a população local. E um dos objetivos da implantação da Capacidade de Carga Turística na Serra Grande é justamente proteger não somente o ambiental e sim as comunidade e grupos étnicos que vivem no município e no entorno da Serra grande, buscando preservar a sua cultura e melhorando a qualidade de vida da comunidade.</p>

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Pôde-se perceber, a partir da comparação dos teóricos com o documento do município, que o PMTTC aborda o turismo sustentável nos cinco pontos apresentados de forma clara; é o que mostra também o objetivo geral do documento, que, inclusive, foi citado na questão econômica para se trabalhar de forma harmônica no município, considerando todos os investimentos necessários para se alcançar um turismo de qualidade tanto para os visitantes quanto para a comunidade.

Por esta razão, é importante se pensar na implantação da CCT na Serra Grande, já que este atrativo é um dos mais frequentados no município e pode se tornar referência para posterior implantação nos demais produtos turísticos locais, pois, no que se refere aos parâmetros apresentados no Quadro 01, a

CCT contempla os cinco pontos do referido quadro, principalmente, a valorização ambiental e da comunidade que vive no entorno da serra, dentre outros pressupostos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, tendo em vista que o próprio trabalho se converte em um estudo preliminar que auxilia na implantação da Capacidade de Carga Turística na Serra Grande. O presente estudo desenvolveu uma visão panorâmica necessária para o desenvolvimento do turismo sustentável na região, pensando na geração de renda para a localidade e na valorização das questões ambientais diferenciadas do espaço em questão. Contribui ainda com a promoção do reconhecimento das populações que vivem no entorno da serra.

Com a realização do estudo bibliográfico e a análise avaliativa dos documentos oficiais do estado e do município sobre o desenvolvimento do turismo sustentável, foi possível a identificação dos parâmetros necessários para a determinação da Capacidade de Carga Turística para a Serra Grande, parâmetros estes que podem ser aplicados em outros atrativos com a mesma finalidade.

Ao desenvolver as ações supracitadas, aparecem como consequência as recomendações necessárias para a implantação da Capacidade de Carga Turística na Serra Grande, que são elas:

- Realizar o planejamento específico de acordo com a realidade local do atrativo Serra Grande;
- Realizar um estudo de impacto ambiental para o controle da atividade turística, para a implantação da CCT, considerando o método Cifuentes;
- Realizar a fiscalização e monitoramento, através de profissionais da área do turismo;
- Elaborar a sinalização turística, tanto nas trilhas já existentes quanto nos atrativos turísticos que se encontram na serra;
- Criar locais específicos para a coleta de lixo;
- Realizar capacitação a todos os envolvidos;
- Condutores locais capacitados e credenciados para fazer o guiamento na Serra Grande.

Um ponto importante do plano, no que se refere ao desenvolvimento social, é o envolvimento de todos os atores locais, bem como a busca de parcerias com as instituições de ensino, no sentido de capacitar os munícipes para a atividade turística, para que o turismo seja trabalhado com profissionais qualificados na área e os serviços sejam de qualidade. Dessa forma, promove a valorização do município.

Os critérios utilizados para a elaboração do Plano Municipal de Turismo do Cantá (PMTTC 2020-2025) demonstram que o mesmo compreende o desenvolvimento da atividade turística de forma sustentável. Esta característica é percebida em vários momentos da análise do documento, especialmente, quando envolve todos os atores locais.

Embora o PMTC tenha sido elaborado e aprovado, o que se deve fazer inicialmente é que ele funcione e contemple todas as suas propostas, mas, para isso, como foi abordado no próprio plano, é necessário que o ente público inclua a legislação no orçamento do município, nas Legislações Orçamentárias (Plano Plurianual – PPA, Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO e na Lei Orçamentária Anual – LOA), para que ela não fique somente no papel.

Para que isto aconteça, o que se pode fazer, no entanto, é que todos os atores locais se mobilizem, tracem metas e juntamente com o poder público, de forma planejada, destinem uma verba específica para a atividade turística, durante a elaboração dos planos orçamentários, através de emendas com a participação popular e aprovadas pelos parlamentares, para que realmente o PMTC venha a funcionar e trazer melhorias para o turismo local e para o município.

REFERÊNCIAS

BENI, Mário Carlos. Como Certificar o Turismo Sustentável. **Revista Turismo em Análise**, v. 14, n. 2, p. 5-16, nov. 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63641>. Acesso em: 17 maio 2020.

BENI, Mário Carlos. Política e Estratégia do Desenvolvimento Regional: Planejamento Integrado e Sustentável do Turismo. **Revista Turismo em análise**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 7-17, maio 1999. Disponível em: <https://www.periodicos.usp.br/rta/article/view/63455/66200>. Acesso em: 18 maio 2020.

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Considerações Sobre o Conceito De Turismo Sustentável. **Revista Formação**, v. 1, n. 16, p. 48-59, 2009. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/861/885>. Acesso em: 18 maio 2020.

CANTAÁ-RORAIMA. **Lei n. 3339/2020**. Plano Municipal de Turismo de Cantá. Disponível em: <https://www.canta.rr.leg.br/leis/legislacao-municipal/leis-municipais/leis-municipais-2020/lei-no-339-2020.pdf/view>. Acesso em: 6 ago. 2021.

CUNHA, Licínio. **Capacidade de Carga Turística do País: Necessidade ou Absurdo?** Universidade Lusófona. Site Publituris, 2019. Disponível em: <https://www.publituris.pt/2019/10/25/capacidade-de-carga-turistica-do-pais-necessidade-ou-absurdo/>. Acesso em: 13 maio 2020.

DA SOLLER, Juliane; BORGHETTI, Cristiano. Capacidade de Carga Turística: um estudo no Caminhos Rurais de Porto Alegre RS. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 5, n. 3, julho-septiembre, pp. 511-527, 2013. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/RS. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547094012.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

DELGADO, Maurício. Análise da Metodologia Criada por Miguel Cifuentes Referente À Capacidade de Carga Turística. **Revista Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 73-93, maio, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/download/62609/65397/81777>. Acesso em: 8 maio 2020.

DETUR/RR – Departamento de Turismo de Roraima. Disponível <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/legislacao/regioes-turisticas/roraima-a-savana-amazonica>. Acesso em: 7 ago. 2021.

DIAS e CORDEIRO, Itamar. KÖRÖSSY, Nathalia. SELVA, Vanice. Determinação da Capacidade de Carga Turística a Partir do Método Cifuentes *et al* (1992): Aplicação À Praia Dos Carneiros (Tamandaré/PE). **Revista Turismo Visão e Ação** v. 15, n. 1, p. 57-70, jan-abr, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270535409_DETERMINACAO_DA_CAPACIDADE_DE_CARGA_TURISTICA_A_PARTIR_DO_METODO_CIFUENTES_ET_AL_1992_Aplicacao_a_Praia_dos_Carneiros_TamandarePE. Acesso em: 18 jul. /2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados 2020**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr/canta.html>. Acesso em: 7 ago. 2021

KÖRÖSSY, Nathália. Do “Turismo Predatório” ao “Turismo Sustentável”: uma

revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 56-68, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1154/115415175006.pdf>. Acesso em: 19 maio 2020.

MARÇAL DA ROCHA, Jefferson. Desenvolvimento e sustentabilidade do Turismo: preceitos da teoria da capacidade de carga turística. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, v. 3, n. 3, julho-diciembre, p. 382-392, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547087007.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020

MINASI, Sarah Marroni. **Reflexões Sobre Turismo, Capacidade de Carga e Desenvolvimento Econômico**. IV Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Tema: Crises do Capitalismo, Estado e Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, RS, 4 a 6 de setembro de 2013. ANAIS. Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://www.unisc.br/site/sidr/2013/Textos/133.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2021

OLIVEIRA, Ermelinda; MANSO, José R. Pires. Turismo Sustentável: utopia ou realidade? **Revista de Estudos Politécnicos**, v. VIII, n. 14, p. 235-253, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-99112010000200015. Acesso em: 20 maio 2020

OMT- Organização Mundial do Turismo. **Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

OMT- Organização Mundial do Turismo. **Desenvolvimento do turismo sustentável: Manual para organizadores locais**. Publicação de Turismo e Ambiente, 1996.

PIRES, Paulo dos Santos. "Capacidade de Carga" como Paradigma de Gestão dos Impactos da Recreação e do Turismo em Áreas Naturais. **Revista Turismo em Análise**, v. 16, n. 1, p. 5-28, maio 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63717>. Acesso em: 22 abr. 2020.

RORAIMA-DETUR. **INVENTURR 2021** – Inventário Estratégico da Oferta Turística de Roraima. Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/segmentacao/inventario-turistico/send/14-inventario-turistico/72-inventario-turistico>. Acesso em: 7 ago. 2021.

RORAIMA-DETUR. **INVENTURR 2021** – Inventário Estratégico da Oferta Turística De Roraima. **Resumo Executivo**. Disponível em: <http://www.tu->

risimo.rr.gov.br/index.php/segmentacao/resumo-executivo-plano-de-reto-
mada-2020-2021/send/15-relatorios-e-resumos-executivos/75-resumo-execu-
tivo-inventario-da-oferta-turistica. Acesso em: 7 ago. 2021.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: a**
proteção do meio ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Turismo)

SOARES, Paulo Henrique Volpe; GONZALEZ, Carla Cabral; PIVOTT, Cleide. **Es-
tudos Preliminares para Análise da Capacidade de Carga da Cachoeira
Pedro David em São Francisco Xavier, Distrito de São José dos Campos,
SP.** Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/inic/inic/06/
INIC0001305.ok.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/inic/inic/06/INIC0001305.ok.pdf). Acesso em: 18 jul. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a**
pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.



ETNOTURISMO: PRÁTICAS E SABERES DA MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA COMO ATRATIVO TURÍSTICO

Janaina Feliciano Oliveira de Souza¹
Leila Marcia Ghedin²

RESUMO

Este artigo teve como objetivo identificar as práticas e saberes da Medicina Tradicional Indígena da Comunidade Raposa Serra do Sol I que podem ser transformadas em atrativos turísticos. Para isso, buscamos responder ao seguinte questionamento: “como transformar a medicina tradicional indígena em atrativo turístico, tomando como realidade a Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I?” A metodologia desta pesquisa teve abordagem qualitativa e utilizou-se do método fenomenológico, com alguns elementos da pesquisa etnográfica. A pesquisa teve abordagem qualitativa, fez-se uso do método fenomenológico para reduzir as respostas à essência da informação. Houve pesquisa bibliográfica e documental. O critério de escolha dos atores da pesquisa foi ser liderança indígena, cientista que estuda o tema e/ou tenha trabalho publicado na área de turismo e tendo a Comunidade Raposa Serra do Sol I como objeto de estudo. Para o alcance dos objetivos, foi utilizado como instrumento o questionário com questões abertas, enviado aos atores envolvidos na pesquisa pelo aplicativo whatsapp, por e-mail e/ou por telefone. As respostas contribuíram para o resultado final deste trabalho. O desenvolvimento desta pesquisa proporcionou o conhecimento acerca da concepção dos atores sobre as práticas e saberes da medicina tradicional indígena, praticados na Comunidade Indígena

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. Graduada em Gestão de Turismo- IFRR.

2 Professora e Orientadora do Curso de Pós-graduação em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Mestre no Ensino de Ciências na Amazônia. Mestre em Planejamento do Turismo. Professora Pesquisadora do IFRR nos temas de turismo e educação. E-mail: leilaghedin@ifrr.edu.br

Raposa Serra do Sol I e que podem ser ofertados aos turistas como bem cultural imaterial, mas com anuência da referida comunidade. Uma das indicações é a elaboração de um plano de uso turístico social para referida comunidade.

Palavras-chave: Medicina Tradicional Indígena. Etnoturismo. Turismo Cultural. Raposa Serra do Sol.

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo identificar las prácticas y conocimientos de la Medicina Tradicional Indígena en la Comunidad Raposa Serra do Sol I que pueden transformarse en atracción turística. Para ello, buscamos dar respuesta a la siguiente pregunta: “¿Cómo transformar la medicina tradicional indígena en un atractivo turístico, teniendo como la Comunidad Indígena Raposa Serra do Sol I?” La metodología de esta investigación tuvo un enfoque cualitativo y utilizó el método fenomenológico, con algunos elementos de la investigación etnográfica. La investigación tuvo un enfoque cualitativo, utilizando el método fenomenológico para reducir las respuestas a la esencia de la información. Hubo investigación bibliográfica y documental. El criterio para la elección de los actores de la investigación fue ser un líder indígena, un científico que estudie el tema y tenga un trabajo publicado en el área de turismo y teniendo como objeto de estudio la Comunidad Raposa Serra do Sol I. Para lograr los objetivos se utilizó como instrumento el cuestionario, con preguntas abiertas y enviado, a los actores involucrados en la investigación, a través de la aplicación whats, por correo electrónico y / o por teléfono, las respuestas que contribuyeron al resultado final este trabajo. El desarrollo de esta investigación brindó conocimiento sobre la concepción de los actores sobre las prácticas y conocimientos de la medicina tradicional indígena, practicada en la Comunidad Indígena Raposa Serra do Sol I y que puede ser ofrecida a los turistas como bien cultural intangible, pero con el consentimiento de dicha comunidad. Una de las indicaciones es la elaboración de un plan de uso turístico social para esa comunidad.

Palabras clave: Medicina Tradicional Indígena. Etnoturismo. Turismo cultural. Raposa Serra do Sol.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo identificar as práticas e saberes da Medicina Tradicional Indígena da Comunidade Raposa Serra do Sol I que podem ser transformadas em atrativos turísticos. Com este trabalho,

questionamos: “como transformar a medicina tradicional indígena em atrativo turístico, tomando como realidade a Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I?”. Acreditamos que a proposta da elaboração de um plano de uso turístico social das práticas e saberes da Medicina Tradicional Indígena da Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I contribuirá para o desenvolvimento do etnoturismo nas comunidades indígenas roraimenses. Esta pesquisa possibilita aos turistas conhecerem parte da medicina tradicional indígena, mediada pela interação do homem na busca de novos atrativos turísticos. Além disso, pode ser uma aliada no desenvolvimento do potencial do etnoturismo.

Parte-se para uma pesquisa de campo e bibliográfica para conhecer os principais atores que articulam e/ou desempenham as práticas da medicina Tradicional Indígena na Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I, na perspectiva de identificar quais são as práticas e saberes da medicina tradicional indígena de maior execução e que possam ser transformados em atrativo turístico.

A necessidade da elaboração deste estudo surgiu a partir de uma visita técnica realizada com a turma do curso de pós-graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR, em 2019, na Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I, município de Normandia, estado de Roraima. Nesta, percebi o quanto precisamos valorizar a medicina tradicional indígena, que é de suma importância para nós, povos indígenas, porque requer um autocuidado, busca desenvolver o respeito pela natureza por meio do contato com o ambiente natural e promove o bem-estar das populações locais envolvidas.

Portanto, este estudo poderá contribuir com a proposta de integrar as práticas e saberes da Medicina Tradicional Indígena, ofertando-os aos turistas como bem cultural imaterial da Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I por meio da elaboração de um plano de uso turístico social.

ETNOTURISMO

O Ministério do Turismo (2016) destaca que etnoturismo é um ramo do turismo que utiliza os recursos naturais e culturais de um determinado lugar para atrair visitantes, no intuito de gerar renda a comunidades tradicionais que

vivem no entorno desses recursos e, dessa forma, contribuir com sua conservação. Esse tipo de turismo busca desenvolver o respeito pela natureza e pela cultura, por meio do contato com o ambiente natural e cultural, promovendo o bem-estar das populações locais envolvidas.

Esse segmento da atividade turística tem por finalidade promover o uso turístico social³ do patrimônio natural e cultural de uma comunidade, incentivando sua conservação e desenvolvendo a formação de uma consciência ambientalista-cultural. Isto acontece por meio da interpretação do ambiente em que vivem, do conhecimento de artefatos, dos modos de vida e/ou das práticas tradicionais que desenvolvem e que pretendem que sejam disponibilizados aos turistas, no intuito de aumentar o bem-estar das populações que decidem trabalhar com o referido segmento (MTUR, 2016).

Ainda de acordo com o Ministério do Turismo (2016), o etnoturista, também chamado de turista étnico, quando viaja, busca visitar lugares que promovam o patrimônio cultural de um povo, quer conhecer as tradições e o estilo de vida dos povos e dos locais, deseja viver diferentes experiências e que estas se tornem inesquecíveis, desejam provar a culinária autóctone, bem como participar do dia a dia da comunidade visitada, aprender a fazer artesanato, danças, rituais, descobrir plantas medicinais, fazer trilhas, explorar florestas, rios e cachoeiras, entre outras atividades que o etnoturismo pode proporcionar.

O etnoturismo se caracteriza pelo respeito com o sagrado das comunidades tradicionais que se propõem a receber visitantes. É a própria comunidade quem decide se vai receber visitantes ou qual parte da sua história e cultura vai deixar à disposição dos turistas. É importante ressaltar que todas as atividades desenvolvidas em uma comunidade tradicional indígena e que são colocadas à disposição para que os visitantes conheçam são reguladas por documentos oficiais, um deles é a Instrução Normativa nº 03/2015 da FUNAI.

As iniciativas de etnoturismo e de ecoturismo em terras indígenas são disciplinadas pela Instrução Normativa nº 3 da FUNAI. De acordo com a fundação, as comunidades indígenas têm autonomia para explorar projetos de

3 O termo "uso turístico social" é utilizado neste trabalho como premissa para o planejamento turístico responsável e respeitoso, no sentido de reverência, com o Patrimônio Natural e ou Cultural de natureza imaterial de um povo (GHEDIN, 2006).

turismo em seus territórios, cabendo ao poder público o papel de monitorar e fiscalizar as atividades nas aldeias. As visitas são agendadas com os próprios representantes das comunidades ou agências de turismo autorizadas por eles.

Segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006), o ecoturismo é o segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo, dessa forma, o bem-estar das populações. Este segmento é caracterizado pelo contato com ambientes naturais, pela realização de atividades que possam proporcionar a vivência e o conhecimento da natureza e, acima de tudo, promover a proteção das áreas onde ocorrem.

Assim, o ecoturismo pode ser entendido como as atividades turísticas baseadas na relação sustentável com a natureza, comprometidas com a conservação e a educação ambiental. Por sua vez, o etnoturismo se utiliza do patrimônio natural e cultural de um lugar, tomando como base de uso o respeito pelo sagrado das comunidades tradicionais que decidem receber turistas. Dessa forma, podemos dizer que os segmentos turísticos supracitados se complementam e congregam da mesma preocupação, ou seja, o uso sustentável e responsável do patrimônio natural e cultural das comunidades receptoras.

Para Aragão (2015), a atividade turística é um fenômeno complexo, mas que remete às relações humanas e à produção cultural de bens materiais e imateriais⁴ de uma comunidade. Esses bens culturais identitários passam a ser os propulsores do movimento de pessoas pelo mundo para um lugar em especial. Essa dinâmica promove o encontro entre residentes e visitantes, uns interessados em conhecer atividades autóctones e outros em colocar à disposição da sociedade suas tradições como mola propulsora de atratividade.

Diante disso, observamos que os segmentos do turismo que estão relacionados com a natureza e com a cultura, como ecoturismo, turismo cultural, etnoturismo, turismo étnico, entre outros, se fundamentam no uso racional

⁴ Bens culturais materiais e imateriais são dois tipos de patrimônio que expressam a cultura e as características que identificam uma região ou de um povo. A cultura material é composta por elementos concretos e a cultura imaterial é relacionada com elementos abstratos que fazem parte de um povo ou região, tais como os hábitos, crenças, rituais, danças, modos de cura, ofícios, saberes, formas de expressão e lugares. (BEZERRA, 2020). Disponível em: <https://www.diferenca.com/cultural-material-e-cultura-imaterial/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

dos recursos naturais e culturais, em elementos como tradições e ancestralidades de uma região ou de um povo. Por isso, neste trabalho, utilizamos o termo “etnoturismo” como segmento do mercado turístico que valoriza e respeita estes elementos, mas que os põe em uso social, ou seja, utilizam de forma racional, responsável e respeitosa os elementos que fazem parte da identidade de um povo, transformando-os em atrativos turísticos.

Neste sentido, a Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I, localizada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, é uma comunidade que se encaixa na conceituação desenvolvida anteriormente e está disposta em colocar sua cultura, saberes e fazeres à disposição da sociedade, de tal forma que sejam agregados aos elementos identitários de seu povo, um valor monetário para disponibilizá-los à visitação. Essa atitude coloca a Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I no patamar de gestora de seus recursos naturais e culturais. ,

ATRATIVO TURÍSTICO

Entende-se por atrativo turístico todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse para o turismo (EMBRATUR, 1992). Segundo Cerro (1992, p. 5), é “todo elemento material que tem a capacidade própria, ou em combinação com outros, para atrair visitantes a uma determinada localidade ou zona”. É o que atrai ou movimenta pessoas para um determinado lugar por motivos diversos. Constitui o componente principal e mais importante do produto turístico, pois determina a seleção, por parte do turista, do local de destino de uma viagem, ou seja, gera uma corrente turística até a localidade. Os atrativos turísticos podem ser naturais, culturais, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados. Assim, destaca Jesus (2012, p. 224):

O turismo indígena, como acontece em diversas localidades brasileiras e estrangeiras, quando bem planejado e organizado, tem como uma de suas funções a de potencializar a cultura local, principalmente no que diz respeito aos elementos ligados à danç a, ao artesanato e à pintura, ao canto e à reza, à língua nativa, às bebidas e comidas típicas, à agricultura, entre outros elementos tradicionais. Além disso, possibilita novas formas de subsistência familiar tanto para a sociedade indígena como aqueles envolventes aos seus territórios.

Para que um território indígena se constitua um atrativo turístico, é imprescindível pensar em questões voltadas para o conjunto de vivências e realidades do povo que vive naquele território. Para se entender as relações socio-culturais dos e nos territórios indígenas, torna-se necessária a compreensão de um processo subjetivo de construção territorial que contemple o espaço de reprodução física, subsistência e sobrevivência.

Nesse sentido, trazemos um exemplo de uma das práticas realizadas pelos povos indígenas Ingarikó. Essa prática é chamada de Areruyá e foi classificada pelo IPHAN como um bem imaterial na cultura Ingarikó, portanto, um conjunto de vivências que identificam seu território.

O Areruyá é um ritual que precede e permeia toda a vida sociocultural, político-econômica, espiritual e ambiental do povo Ingarikó, além de utilizarem o ritual para a transmissão de conhecimentos e saberes da cultura, socializando internamente dentro da região e das suas comunidades. O ritual precede todas as ações dentro da comunidade como nas suas roças, caça, pesca, calendário agrícola, festas, reuniões, batizados, casamentos, festa da colheita dos produtos das roças, reuniões, encontros e assembleias. O ritual é realizado para equilibrar o mundo físico e o espiritual segundo a cosmovisão da cultura Ingarikó (IPHAN, 2018, p. 32).

Conforme já exposto anteriormente, o ritual do Areruyá faz parte do patrimônio imaterial do povo Ingarikó. A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 216, destaca que o patrimônio cultural brasileiro é “constituído por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes formadores da sociedade brasileira” (VIANNA, 2016, p. 8). Em 1998, a Conferência Inter-governamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento amplia o conceito de “patrimônio”, incluindo, também, os aspectos imateriais herdados ou criados pela sociedade.

A Declaração da UNESCO sobre as Peças Mestras do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade de 2001 define patrimônio cultural imaterial as “práticas, representações e expressões, os conhecimentos e as técnicas que proporcionam às comunidades, grupos e indivíduos um sentimento de identidade e continuidade” (UNESCO, 2001, online); e também integram o conceito a produção material e seus espaços de realização dessas práticas (UNESCO, 2003).

A UNESCO (2003, online) compreende o patrimônio cultural imaterial como “as expressões de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes”. E, de acordo com o IPHAN,

o patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN, 2020, p. 51).

Dessa forma, compreendemos que os elementos que compõem o patrimônio cultural imaterial de uma comunidade tradicional podem ser desde uma prática cotidiana a crenças espirituais, emergindo, assim, o caráter dinâmico e intangível dessa dimensão do patrimônio, estando sujeito a mudanças a partir do dia a dia dos seres humanos, tendo em vista que essa dimensão trata dos modos de vida, saberes e fazeres, que evoluem constantemente.

Essas particularidades das comunidades tradicionais aguçam a curiosidade das pessoas, tanto que há turistas que se movimentam dos mais diversos lugares do mundo motivados a conhecer modos de vida autóctones desenvolvidos por povos nativos. Aragão (2015) comenta que a cultura tem se constituído como mola propulsora do um turismo diferenciado. Tais segmentos turísticos “estão focados na valorização da cultura, ancestralidade e tradição, o destaque fica para o turismo étnico⁵” (ARAGÃO, 2015, online), ou seja, é o enaltecimento de saberes e fazeres culturais de povos que foram diminuídos ao longo do processo histórico da humanidade.

Assim, entendemos que, respeitadas as particularidades da cultura de cada comunidade tradicional, seus bens imateriais poderão ser transformados em atrativos turísticos, desde que haja um planejamento para que esses bens sejam postos em uso turístico social. Para Ghedin (2006), o termo “uso turístico social” consiste em

disponibilizar o Patrimônio Natural e ou Cultural de um povo para ser

5 Entendemos o termo “turismo étnico” como uma variação da palavra etnoturismo, termo utilizado neste trabalho, sendo definido, conforme já conceituado anteriormente, como aquele que respeita as tradições e ancestralidades dos povos visitados.

utilizado pela sociedade, ou seja, é uma tarefa que se realiza com a finalidade de deixar estes bens, materiais e imateriais, a disposição da sociedade para que essa conheça, aprecie e desfrute destes bens. Entende-se que o uso turístico destes bens contribui na preservação e conservação dos mesmos, pois passam a receber um valor monetário pelo seu uso (GHEDIN, 2006, p. 42).

Esta é uma forma de agregar valor econômico aos bens imateriais do patrimônio cultural de um povo e usar de forma responsável. Para que essa premissa seja satisfeita, é necessário que a comunidade em questão se manifeste, deixando claro quais elementos de sua cultura ancestral podem ser compartilhados com turistas e visitantes.

Assim, pelo anteriormente exposto, e referindo-se à Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I, acreditamos que várias das práticas cotidianas e ancestrais dessa comunidade possam ser colocadas em uso turístico social. Sobre isso, podemos trazer como exemplo as práticas e saberes medicinais desenvolvidos pelos indígenas da referida comunidade e que são repassadas pelos anciãos aos mais jovens como um valor sagrado e identitário de seu povo. Esse é um tipo de prática que pode ser transformado em produto turístico e atrair turistas à comunidade.

PRÁTICAS E SABERES DAS MEDICINAIS INDÍGENAS

A busca dos europeus pelo “Novo Mundo”⁶ os levou aos mais diversos e longínquos lugares. Onde aportavam suas embarcações, provocavam mudanças nos povos encontrados, algumas vezes por curiosidade dos residentes e outras por imposição do colonizador. Os povos originários encontrados no dito “Novo Mundo” eram pessoas com crenças, modos de vida, tradições, espiritualidade, formas de cura diferenciada, com culturas e identidades próprias.

6 “Novo Mundo” é um dos nomes dados ao hemisfério ocidental, mais especificamente ao continente americano. O termo tem as suas origens nos finais do século XV em razão da descoberta da América por Cristóvão Colombo. A descoberta deste novo continente expandiu o horizonte geográfico dos europeus que até então consideravam a Europa, a África e a Ásia como os únicos constituintes do Mundo. Em contraste com o Novo Mundo, os continentes europeu, africano e asiático formavam o Velho Mundo. Pedro Mártir Angleria criou o termo “Novo Mundo” (*novi orbis*) numa carta de novembro de 1492, na qual se referia à primeira viagem de Colombo à América. No ano seguinte, de Angleria refere-se novamente ao Novo Mundo (*orbis novus*). Em 1516, de Angleria publica o livro *De orbe novo* (“Sobre o Novo Mundo”). O termo foi também utilizado por Giovanni da Verrazzano na descrição da viagem que efetuou em 1524 ao longo da costa atlântica da América do Norte (as atuais costas Leste dos Estados Unidos e do Canadá). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Novo_Mundo. Acesso em: 6 nov. 2020.

A chegada dos portugueses ao Brasil marcou uma linha divisória na vida dos povos indígenas brasileiros. Desde então, as comunidades indígenas lutam para continuar em suas terras e viver delas. Atualmente, além das atividades de subsistência, historicamente desenvolvidas, podem optar por receber turistas motivados a conhecer as práticas e saberes tradicionais dessas comunidades e receber um valor econômico/financeiro por esses bens culturais imateriais, ocasionando o aumento da renda local. Conforme definido anteriormente, os etnoturistas buscam o contato direto com grupos étnicos autênticos que possibilitem o conhecimento de seus modos de vida, suas crenças, seus ritos, suas práticas e saberes identitários por meio de vivências programadas pela própria comunidade (BRASIL, 2004).

Nesse sentido, o desenvolvimento de atividades turísticas que estejam de acordo com a legislação vigente e que possuam modelos de uso responsável do patrimônio cultural de uma comunidade indígena é o mais indicado. Compreendemos que a cultura e a identidade de um povo antecedem a qualquer dinâmica de desenvolvimento local, mesmo o etnodesenvolvimento, que, por sua vez, entende o desenvolvimento respeitando as tradições, os ritos, os saberes, as práticas e outros valores que fazem parte dessas comunidades tradicionais; neste caso, os povos indígenas.

Segundo Stavenhagen (1985, p. 18):

O etnodesenvolvimento significa que uma etnia, autóctone, tribal ou outra, detém o controle sobre suas próprias terras, seus recursos, sua organização social e sua cultura, e é livre para negociar com o estado o estabelecimento de relações segundo seus interesses.

Sendo assim, entende-se que o desenvolvimento se relaciona com a capacidade de promover transformação que contemplem os indivíduos dessas comunidades de maneira participativa e sustentável.

Nogueira (2013, p. 8) entende que:

O etnodesenvolvimento visa à melhoria da qualidade de vida das comunidades indígenas por meio da qualificação de recursos humanos sem, contudo, perder de vista seus valores culturais, devendo manter – se como sociedade etnicamente diferenciada, compreendendo sua língua e a da sociedade envolvente, para obtenção dos bens e produtos dos “brancos” por meio de recursos próprios, sem, no entanto, destruir o ambiente natural.

Desse modo, compreende-se que o etnodesenvolvimento busca melhorar a qualidade de vida e o bem-estar social dos indivíduos e das comunidades tradicionais, conservando sua identidade. Assim, considerando as características idiossincráticas dos povos indígenas, Araújo et al. (2017, p. 16) destacam que

A arte, o artesanato, os ritos, entre outros valores que permeiam essas comunidades constituem seu patrimônio cultural, que, por intermédio dos fazeres e saberes, se perpetuam ao longo do tempo. Dessa forma, o local, quando encontra e assume a sua identidade, potencializa-se como alternativa ao Turismo Sustentável, em especial, ao Turismo Cultural e ao Enoturismo, contribuindo tanto para a preservação ambiental do território quanto a sua respectiva valorização cultural.

Os autores ressaltam que o etnoturismo seria o segmento do turismo mais indicado para desenvolvimento em comunidades indígenas, pois consideram que tem maior grau de contribuição no que se refere à conservação ambiental e à valorização da cultura local. Os povos indígenas possuem uma afinidade diferenciada com a natureza. Castro e Figueiredo (2019) destacam que esta é uma relação de pertencimento e dependência.

Em uma relação de pertencimento e dependência da natureza, os índios eram detentores de conhecimentos de cultivos e ciclos da natureza já que dependiam diretamente dela para a sobrevivência, como época de plantio e colheita, pesca e o saber sobre as plantas medicinais (DIEGUES et al., 1999 apud CASTRO; FIGUEIREDO, 2019, p. 58).

Observamos que os autores estabelecem uma relação de união e continuidade entre povos indígenas e natureza. Esta relação intimista os faz conhecedores das propriedades medicinais das plantas e as utilizam para a cura das enfermidades. Rodrigues (2020, p. 1) enfatiza que a utilização de “produtos naturais com propriedades terapêuticas é tão antiga quanto a espécie humana e, por um longo tempo, produtos de origem mineral, vegetal e animal, foram as principais fontes de medicamentos utilizados por diversos povos”.

O domínio da prática de uso das propriedades das plantas para a cura de doenças pelos índios é milenar, mas só recentemente passou a receber o respeito e a valorização que merece. Em nível mundial, a partir de 1970, essas práticas foram institucionalizadas por interesse da Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), que criaram

o Programa de Medicina Tradicional.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em conjunto com outros organismos internacionais como a organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) recomenda que os Estados nacionais considerem os recursos e os praticantes das medicinas tradicionais na organização da atenção primária à saúde, tendo em vista a melhoria das condições de saúde da população (FERREIRA, 2013 apud CASTRO; FIGUEIREDO, 2019, p. 61).

No Brasil, no mesmo ano em que foi publicado o documento Estratégias da OMS sobre a Medicina Tradicional 2002-2005, ano de 2002, é aprovada a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASI). Com a criação dessa política, surge a possibilidade de associar as Leis Orgânicas de Saúde com a Constituição Federal, que reconhece aos povos indígenas suas especificidades étnicas, culturais e seus direitos territoriais (BRASIL, 2002). A PNASI se projeta reconhecendo e buscando valorizar a medicina tradicional indígena, tratando a mesma como objeto de discurso no campo das políticas públicas de saúde indígena, conforme a Portaria do Ministério da Saúde nº 254, de 31 de janeiro de 2002 (DOU nº 26- seção 1, p. 46-49, de 6 de fevereiro de 2002).

Nesta perspectiva, há diretrizes que orientam que os serviços de saúde prestados devem ser articulados com a medicina tradicional indígena, reconhecendo os diferentes “atores” e seus saberes, sejam Pajés, Parteiras e Curadores/Benedeiras Tradicionais e suas práticas, sejam elas hortas medicinais, produção de medicamentos, rezas, entre outras.

Assim, a institucionalização da medicina tradicional valoriza e reconhece os saberes e as práticas medicinais das comunidades tradicionais. Rodrigues (2020, p. 1) destaca que

A recente valorização da medicina tradicional se deve em parte ao reconhecimento da sabedoria indígena, a incorporação de algumas plantas e seus extratos na farmacêutica, a necessidade do cuidado a saúde ser acessível a todos e a percepção de que produtos naturais seriam mais seguros e eficazes do que os medicamentos produzidos farmacologicamente.

Segundo a OMS, a medicina tradicional pode ser definida como a soma total das práticas baseadas em teorias, crenças e experiências de diferentes culturas e tempos, muitas vezes inexplicáveis, utilizadas na manutenção da saúde, assim como na prevenção, diagnóstico, tratamento e melhoria de enfermidades.

O papel crucial que a medicina tradicional exerce no cuidado à saúde de grande parte da população que vive em países em desenvolvimento é reconhecido mundialmente. De fato, por séculos, a medicina tradicional era o único sistema de cuidado à saúde disponível para prevenção e tratamento de doenças em diferentes culturas (CASTRO; FIGUEIREDO, 2019, p. 61). Porém, com o advento do etnoturismo, esses saberes e fazeres medicinais das comunidades indígenas podem se transformar em atrativo turístico, gerando visitação de turistas às comunidades tradicionais e, ainda, contribuindo com a conservação dos recursos naturais e culturais, especialmente os bens de natureza imaterial.

Sendo assim, o etnoturismo desenvolvido em sociedades tradicionais, como a Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I, poderá contribuir para a conservação da diversidade biológica do seu entorno e dos bens culturais imateriais da referida comunidade. Além disso, o uso responsável e respeitoso desses recursos e conhecimentos idiossincráticos garante a esses povos o direito de decidir sobre as formas de uso desses saberes, fazeres e práticas tradicionais.

Em Roraima, há 32 Terras Indígenas abrigando populações das etnias Macuxi, Yanomami, Yekuana, Ingarikó, Patamona, Taurepang, Waimiri-Atroari, Wai-wai, Wapixana (BETHONICO; SILVA, 2014). As comunidades que vivem nessas terras são detentoras de saberes e fazeres primevos⁷ sobre a medicina tradicional indígena, que sempre utilizaram para os cuidados, prevenção e tratamentos de saúde. Esses conhecimentos foram repassados aos seus descendentes até os dias atuais. Como exemplo, podemos citar os chás, xaropes, banhos, entre outros.

[...] fazer seus xaropes tradicionais de limão, alho e mel são usados para tratamento de gripe, chá de capim santo é usado para calmante, chá de erva cidreira também é calmante, chá de gengibre para gripe, chá de jatobá usado para tratamento de inflamações em geral, chá da folha de goiabeira usado para tratamento de dor de barriga (diarreia), banhos de alho brabo usado em crianças e adultos no tratamento de quebranto, susto e para gripe, banho de alho brabo, pinhão roxo e limão usado para tratamento de quebranto, gripe e susto, também são feitos a defumação com o maruay para limpar o ambiente, reza com os pajés para tratamento de doenças acometido pelos espíritos mal dentro da comunidade indígena, são feito defumação com o maruay(resina) sempre

⁷ São saberes populares no sentido daqueles saberes dos primeiros tempos; ou saber inicial (CHASSOT, 2003).

que iniciar trabalhos diários, sempre que entrar na mata é preciso fazer uma oração, se não fizer não consegue entrar... (SOUZA⁸, 2021, np).

Ademais, algumas comunidades indígenas participam de projetos desenvolvidos por meio das escolas que têm como objetivo principal desenvolver o sentimento de pertencimento e salvaguardar os saberes e fazeres repassados pelos ancestrais. Conforme destacado a seguir:

Existe um projeto desenvolvido para fortalecer os conhecimentos tradicionais na comunidade. Sendo um projeto educacional e comunitário, intitulado- Festejo Cultural das Tranças e Saberes Indígenas, é uma iniciativa da escola Estadual Indígena Arnaldo Ambrósio e da comunidade São Domingos, desenvolvido para integrar a escola e a comunidade no incentivo do uso das tranças: saber trançar variedades formas de peneiras, darruanas, tipitis, jamaxim, abanos, balaios, cocares, vestimentas indígenas, adereços, rede de algodão, tipoias, vassouras entre outros. E também mostrar o lado sagrado de como retirar as matérias-primas da mãe natureza, rituais de retirada do arumã. Esse projeto foi elaborado a partir da necessidade do fortalecimento dos saberes e das práticas indígenas, desse modo entende-se que esses conhecimentos são de suma importância para a conscientização e o fortalecimento para o desenvolvimento cultural do povo indígena (SOUZA⁹, 2021, np).

Tendo em vista que estas práticas são muito utilizadas nas comunidades indígenas até hoje, entendemos que podem ser transformadas em atrativos turístico-culturais, com o intuito de fortalecer o etnoturismo nas comunidades indígenas que tenham interesse em trabalhar com esse segmento do mercado turístico.

Sobre isto, a Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I, localizada na Terra Indígena Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol Serra do Sol (TIRSS), no município de Normandia, distante 230 km da capital do estado, Boa Vista, recebeu autorização da FUNAI para implantar a atividade de turismo comunitário como alternativa de geração de renda para a região. A Instrução Normativa nº 003/2015, de 11 de junho de 2015, estabelece normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas.

8 Estas informações fazem parte das vivências da pesquisadora, que é indígena e recebeu estes conhecimentos de seus ancestrais.

9 Idem à nota 8 deste texto.

10 A comunidade indígena São Domingos está localizada na terra indígena Moskow, na região da serra da lua, no município de Bonfim, distante aproximadamente 90 km de Boa Vista – RR.

Art. 1º Ficam estabelecidas as normas para a visitação com fins turísticos em terras indígenas, de base comunitária e sustentável, nos segmentos de Etnoturismo e de Ecoturismo.

Art. 2º São objetivos da visitação com fins turísticos em terras indígenas a valorização e a promoção da sociodiversidade e da biodiversidade, por meio da interação com os povos indígenas, suas culturas materiais, imateriais e o meio ambiente, visando à geração de renda, respeitando-se a privacidade e a intimidade dos indivíduos, das famílias e dos povos indígenas, nos termos por eles estabelecidos.

Art. 3º Compreendem-se por terras indígenas, para fins desta Instrução Normativa, as terras de ocupação tradicional estabelecidas pelo art. 231 da Constituição, delimitadas pela FUNAI nos termos do art. 2º, § 70, do Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996, as áreas objeto de portaria de restrição de uso, bem como as áreas reservadas, previstas no art. 26 da Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973.

Art. 4º São diretrizes gerais a serem observadas nos processos de autorização de atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas:

I - o respeito e o fortalecimento da identidade, usos, costumes e tradições, bem como da autonomia e das formas de organização próprias dos povos indígenas;

II - a proposição de atividades em bases sociais, ambientais e economicamente sustentáveis;

III - a promoção do diálogo e da cooperação entre os povos indígenas e a Funai para o controle de visitantes em terras indígenas, visando fortalecer as ações de desenvolvimento sustentável, bem como as ações de proteção territorial e ambiental das terras indígenas;

IV - a observância do direito de consulta prévia, livre e informada às comunidades indígenas e do direito ao usufruto exclusivo sobre suas terras e riquezas naturais;

V - o controle e a fiscalização do ingresso em terras indígenas pela FUNAI BRASIL-FUNAI, 2015, np).

Porém, o fato de a comunidade estar apta a desenvolver o turismo comunitário é um passo a frente para incluir o etnoturismo no rol de suas atividades, pois entendemos que são segmentos que se completam.

MARCO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve abordagem qualitativa, pois analisa e interpreta o fenômeno a partir da sua descrição. Entendemos que as experiências do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão do fenômeno (TEIXEIRA, 2005).

Assim, utilizou-se o método fenomenológico, pois acreditamos que investigar os saberes e fazeres de uma comunidade implica em considerar a cultura que a identifica, quase que individualmente. Sobre isso, Triviños (2011) destaca que Husserl defendia que pesquisar uma sociedade envolve observar o “mundo vivido” pelos sujeitos da pesquisa, mesmo que considerados isoladamente. E enfatiza que, para haver conhecimento, é necessária a “redução fenomenológica”, ou seja, a partir da resposta do informante, o pesquisador reduz essa resposta a algo que esteja muito próximo da essência do que foi dito e, posteriormente, o pesquisador a reduz ainda mais, de maneira que fique apenas o que foi compreendido como sendo a essência da informação. Esse processo auxilia o pesquisador a perceber e aprofundar as particularidades do fenômeno estudado (HUSSERL, 1986 apud TRIVIÑOS, 2011).

Pretendia-se desenvolver este estudo por meio de visitas de campo durante o ano de 2020. Porém, no referido ano, o cenário pandêmico causado pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) impediu que fosse realizado nessa modalidade. Por isso, reprogramamos a estratégia de captação de informações. Houve somente uma visita *in loco*, a qual foi realizada em 2019. As informações históricas e culturais da comunidade em estudo foram coletadas a partir de informações nas bibliotecas virtuais das universidades locais e por meio do envio de e-mails aos pesquisadores que estudam o tema com as comunidades indígenas no estado de Roraima.

Diante do exposto, sentimos a necessidade de eleger atores/sujeitos que tivessem esta vivência. Os critérios de escolha dos atores/sujeitos foram por seu conhecimento e proximidade com a comunidade objeto de estudo ou com a temática. Foram eles: liderança indígena, cientista que estuda o tema e/ou tenha trabalho publicado na área de turismo, tendo a referida comunidade como objeto de estudo. A escolha da comunidade se justifica por ser a única que possui o Plano de Visitação aprovado pela FUNAI no Estado. O instrumento utilizado foi elaborado em forma de questionário aberto, o qual foi enviado aos e-mails dos atores/sujeitos ou para seus telefones por meio do aplicativo *WhatsApp*. As respostas ao questionário regressaram por e-mail ou pelo aplicativo supracitado. Essas foram transcritas para um quadro contendo a resposta de todos os atores/sujeitos para cada pergunta, ou seja, cada pergunta tem seu quadro correspondente. O tratamento ético junto aos atores/sujeitos foi dado

por meio de um áudio, no referido aplicativo, em que eles autorizaram o uso das referidas informações no presente trabalho.

O desenvolvimento desta pesquisa proporcionou o conhecimento acerca da concepção dos atores sobre a possibilidade das práticas e saberes da medicina tradicional indígena, considerada patrimônio cultural da comunidade de característica imaterial, ser ofertada como atrativo turístico, tendo como produto desse trabalho o esboço de um plano de uso turístico social desses bens imateriais da referida comunidade. Sendo assim, foi realizada a aplicação de questionário, acesso a documentos, campo de observação, no intuito de obter narrativas das experiências dos envolvidos e vivenciar situações que dialoguem com os objetivos desta pesquisa.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme explicitado anteriormente, a escolha da elaboração do projeto surgiu a partir de uma visita técnica realizada com a turma do curso de pós-graduação lato sensu em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Sustentáveis do IFRR, no Festival das Panelas de Barro, que acontece todos os anos na Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I. A Reserva Indígena Raposa Serra do Sol está localizada no nordeste do estado de Roraima, alcançando ao norte a fronteira com a Venezuela e a Guiana.

Segundo Romano (2017), em artigo publicado no site Jus.com.br, a Raposa foi identificada em 1993 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Demarcada durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso, foi homologada em 2005 pelo seu sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva. É formada por imensas planícies, semelhantes às das regiões de cerrado, e por cadeias de montanhas, na fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. Nos limites da TI, encontram-se o monte Roraima, ponto culminante do estado, origem de seu nome e uma das montanhas mais altas do Brasil, e o Monte Caburaí, onde fica a nascente do rio Ailã, ponto extremo norte do país. Na área, vivem cerca de 20 mil índios, a maioria deles da etnia macuxi. Entre os grupos menores, estão os uapixanas, ingaricós, taurepangues e patamonas.

Foi demarcada pelo Ministério da Justiça, através da Portaria nº 820/98,

posteriormente modificada pela Portaria nº 534/2005. A demarcação foi homologada por decreto de 15 de abril de 2005, da Presidência da República.

Figura 1: Mapa da localização de terra indígena Raposa Serra do Sol



Fonte: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2018/12/22/genocidio-consequencia-do-brasil-repetir-a-desumanidade-dos-estados-unidos/>

Foi a partir dessa visita que houve a escolha pela comunidade e pelo tema etnoturismo: práticas e saberes da medicina tradicional indígena como atrativo turístico. Na visita foi observado que, na referida comunidade, os conhecimentos dos anciãos são valorizados. Assim, foi visualizada pela pesquisadora a possibilidade desses saberes e práticas da medicina tradicional indígena serem transformados em atrativo turístico. Além disso, a Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I, todos os anos, realiza um evento para mostrar sua cultura imaterial, identificado como Festival das Panelas de Barro.

Compreendemos que o referido evento é uma oportunidade para conhecer os costumes, as tradições, as histórias, as danças, a culinária da co-

munidade. Esses conhecimentos são transmitidos oralmente de geração a geração e são importantes para a formação do indígena, reforçando a sua identidade étnica.

Para tabular os dados do questionário, foi utilizado o método fenomenológico indicado por Panosso Netto e Ansarah (2005). Segundo esse autor, “a fenomenologia tenta compreender o viver dos indivíduos segundo a percepção de quem faz parte deste viver” (PANOSSO NETTO e ANSARAH, 2005, p. 32). Assim, os quadros apresentados a seguir são os resultados dos questionários. Na primeira coluna, são identificados os informantes; na segunda, foram transcritas as respostas dos questionários, exatamente como os informantes escreveram; na terceira coluna, apresenta-se a redução da fala dos sujeitos; na quarta, a pesquisadora extraiu de cada resposta uma conclusão.

Quadro 01: Entendimento sobre atrativos turísticos

Pergunta 1: O que você entende por atrativo turístico?			
Informantes	Respostas dos atores	Redução da resposta	Conclusão do Pesquisador
Informante 1	Os atrativos turísticos para mim são os pontos georreferenciado pela comunidade, pelo local de onde é visitado, assim como as cachoeiras, lagos, as trilhas, as serras. Também podem ser considerados os pontos que são atração dentro da comunidade, como as danças indígenas, parixara, aryruiar, também como comidas tradicionais, damurida, bebidas tradicionais o caxiri, o pajuaru são os atrativos turísticos, né, assim como os artesanatos, a casa do artesanato são os atrativos turísticos, isso que eu entendo.	Pontos georreferenciados na comunidade que são atração e podem ser visitados, como: cachoeiras, serras, danças indígenas, comidas típicas, artesanato.	São recursos naturais e culturais existentes na comunidade que atraem visitantes e podem gerar renda a partir do uso turístico social.
Informante 2	Atrativo turístico pode ser um lugar, um evento ou um acontecimento de interesse para o turismo que motiva o deslocamento de pessoas.	Um lugar, um evento ou um acontecimento, de interesse para o turismo, que motiva o deslocamento de pessoas.	São lugares que motivam o deslocamento de pessoas.
Informante 3	É todo recurso natural ou cultural, composto de elemento material com capacidade própria, ou valor inerente, para atrair visitantes de uma determinada localidade ou zona. Esse recurso, após ser formatado em negócio, de modo atender as especificações necessárias para comercialização e recepção de turistas de forma responsável social, ambiental e cultural.	É todo recurso natural composto de elemento para atrair visitantes de uma localidade, para comercialização e recepção de turistas de forma responsável.	São recursos naturais ou culturais que atraem visitantes a determinadas zonas e podem ser comercializados de forma responsável.
Informante 4	Para mim, trata-se de um espaço ou lugar cuja dimensão desperte nas pessoas ou grupos a exploração no sentido de entretenimento ou até mesmo para obtenção de conhecimentos/necessidades. Assim são motivados a se deslocarem, provocando transformações espaciais e sociais, neste sentido compreendo atrativo turístico como uma construção social com pessoas em trânsito.	Trata-se de um espaço ou lugar que desperte nas pessoas a exploração como forma de entretenimento e para obtenção de conhecimentos. Compreende atrativo turístico como uma construção social.	Um espaço que desperta nas pessoas o interesse em se deslocarem para um determinado lugar para conhecer e desfrutar.
Informante 5	Não sei muita coisa, só sei que os “não indígenas” devem respeitar nossa cultura, pois ela é nossa história de vida.	Destaca que os “não indígenas” devem respeitar a cultura, é a história de vida dos indígenas.	Pouco sabe, porém destaca a necessidade de respeito pela história de vida indígena.

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

No quadro 01, podemos observar que há pontos comuns entre os informantes 1, 2, 3, e 4, seguindo a mesma linha de resposta para a pergunta 1. Os referidos informantes-chave entendem que atrativos turísticos são be-

lezas naturais, valores culturais, importância histórica, lugares que despertam interesse de ser visitado e/ou conhecido. Observamos que essa compreensão é uma mescla das definições da Embratur (1992) e de Cerro (1992). Porém, o informante 4 identifica o atrativo turístico como um espaço de entretenimento e de transformação espacial e social, gerando uma construção social com pessoas em trânsito. A visão deste informante leva para uma reflexão filosófica e antropológica de construção social a partir da interação humana, trazendo a ideia de que o ser humano se modifica constantemente a partir de suas relações sociais, conforme destacado pelo IPHAN (2020). Por sua vez, o informante 5 deixa claro que sabe pouco sobre essa questão de atrativos naturais, mas acredita que, a partir do momento que o não-indígena entra na comunidade indígena, ele já começa a invadir a história e a cultura indígena, provocando modificações. Percebe-se a necessidade de ressaltar o sentimento de respeito, por parte do não-indígena, no que se refere à cultura indígena.

Tendo em vista a Instrução Normativa (IN nº 003/2015) da Funai, que estabelece normas e diretrizes para as atividades de visitação com fins turísticos em terras indígenas, são decididas pela própria comunidade as recomendações colocadas, como remover qualquer material das terras indígenas, fazer ou divulgar imagens sem prévia autorização ou divulgar técnicas ou conhecimentos tradicionais indígenas. Também é proibido aos visitantes ingerir bebida alcoólica em terras indígenas, pescar, caçar ou realizar atividades ligadas ao extrativismo.

Enfim, concordamos com Jesus (2012) que são belezas naturais, valores e manifestações culturais, que tenham importância histórica, lugares misteriosos que despertam o interesse das pessoas. Entendemos que o respeito é a base de tudo, pois, assim como o povo indígena, os não-indígenas têm suas especificidades e suas histórias de vida. Compreendemos o posicionamento do informante 5, tendo em vista os registros históricos da humanidade, mas precisamos ter cuidado para não sermos radicais e fomentar a segregação.

Quadro 02: transformação da medicina tradicional indígena em atrativo turístico

Pergunta 2: Entendendo a medicina tradicional indígena como parte da idiossincrasia de um povo, você acredita que esta pode ser transformada em atrativo turístico?			
Informantes	Respostas dos atores	Redução da resposta	Conclusão do Pesquisador
Informante 1	Eu creio que a medicina tradicional ela sempre é muito bem reservada né, preservada e reservada pelos os mais velhos, eles não passam esses conhecimentos pra as pessoas que para os mais jovens, ele vê quem tem vocação, e sim eles ensinam é essas medicinas, como fazer essas medicinas né, então tem que ter vocação, não é qualquer pessoa que faz medicina, é porque todos esses atrativos é que podem ser considerados atrativos né é a parti do ensinamento da cultura mesmo da tradição, milenar e que querem repassar isso para as pessoas quem chegam à comunidade né e que acredita que isso pode cura, uma planta, uma casca de árvore, é folha entre outros né são N produtos que podem ser considerados como medicinas tradicionais, e eu creio que uma parte dela pode ser sim uns dos atrativos turísticos né.	A medicina tradicional, ela sempre é muito bem reservada né, preservada e reservada pelos os mais velhos, não é qualquer pessoa que faz medicina, é porque todos esses atrativos é que podem ser considerados atrativos né é a partir do ensinamento da cultura mesmo da tradição milenar e que querem repassar isso para as pessoas que acreditam que isso pode cura, uma planta, uma casca de árvore, é folha entre outros né são N produtos que podem ser considerados como medicinas tradicionais.	Sim, pois são conhecimentos transmitidos oralmente de geração a geração, que são muito importantes para sua identidade étnica. Acredito que a partir do ensinamento da cultura milenar pode ser transformado em atrativo turístico.
Informante 2	Com certeza, a medicina tradicional indígena pode ser e é considerada como atrativo turístico de uma região ou comunidade indígena.	A medicina tradicional indígena pode ser e é considerada como atrativo turístico de uma região ou comunidade indígena.	A medicina tradicional indígena é um atrativo turístico de uma comunidade.
Informante 3	Sim, uma vez que a medicina tradicional indígena é composta de elementos da cultura imaterial indígena com capacidade própria, podendo garantir a saúde associada ao viver em um ambiente sadio. A medicina tradicional indígena pode oferecer experiência positiva para o visitante e ou turista. No entanto, deve ser gerenciada de forma organizada com a finalidade de produzir resultados positivos.	A medicina tradicional indígena é composta de elementos da cultura imaterial indígena com capacidade própria. Pode oferecer experiência positiva para o visitante e ou turista. Deve ser gerenciada de forma organizada com a finalidade de produzir resultados positivos	Sim. A medicina tradicional são nossos valores, têm plantas que só são passados para quem tem o "dom", e para aquele que merece, não é qualquer pessoa que faz medicina tradicional.

Informante 4	A medicina tradicional pode ser transformada em um atrativo turístico em minha concepção, desde que esteja protegida de possíveis especulações de grupos vinculados a biopirataria. Neste sentido as aldeias ou comunidades devem estar atentas para reforçar os cuidados quando for necessário o repasse das informações sobre os saberes ancestrais dos recursos utilizados nos antídotos.	A medicina tradicional pode ser transformada em um atrativo turístico, desde que esteja protegida de possíveis especulações de grupos vinculados a biopirataria, as comunidades devem estar atentas para reforçar os cuidados quando for necessário o repasse das informações sobre os saberes ancestrais.	Sim, desde que preservada os cuidados sobre os saberes ancestrais, seria uma forma de compartilhar sua cultura.
Informante 5	Não. O que tem que acontecer é respeito a nossa cultura e nossos costumes. Mas sei que muitos se utilizam como forma de atração turística ainda mais nesse ano de 2020, que foi o ano de pandemia e obrigou a todos a se isolarem mas como se manter nesse período. O importante é a valorização e o respeito as nossas tradições. E isso cabe aos conhecimentos da medicina indígena que deve ser usado para o nosso bem e cura e não como um atrativo turístico.	Não. Mas sei que muitos se utilizam como forma de atração turística. O importante é a valorização e o respeito as nossas tradições, cabe aos conhecimentos da medicina indígena que deve ser usado para o nosso bem e cura e não como um atrativo turístico.	Entendo que é importante valorizar e respeitar as tradições indígenas, porém se utilizados com a devida proteção de possíveis especulações este pode sim, ser transformado em atrativos turístico, pois isso pode ser usado para o bem-estar físico, mental e social das pessoas.

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Observa-se, no quadro 02, que, entre os informantes, há pontos comuns e contraditórios. Enquanto os sujeitos 1, 2, 3 e 4 seguem a mesma linha de raciocínio para a pergunta 2, o informante 5 é totalmente contra disponibilizar a medicina tradicional indígena como atrativo turístico; segundo ele, as culturas e os costumes devem ser respeitados nas suas tradições. A IN nº 03/2015 ressalta o respeito, o uso e o fortalecimento da identidade, assim como a autonomia e formas de organização das comunidades indígenas.

Justifica que são conhecimentos, saberes e fazeres ancestrais, devendo continuar sob a salvaguarda da comunidade. Conforme destaque do IPHAN (2020), o patrimônio cultural imaterial de uma comunidade pode ser utilizado de forma responsável, desde que preservado os cuidados sobre os saberes ancestrais. Essa ideia também está presente na conceituação de etnoturismo, em que é enfatizado o respeito com o sagrado das comunidades tradicionais.

Como indígena, estudante e pesquisadora do tema etnoturismo me sinto à vontade para opinar, e não vejo a transformação de alguns saberes e fazeres da medicina tradicional indígena em atrativo turístico como falta de respeito,

e sim como uma alternativa para valorização das culturas indígenas e da compreensão da importância das medicinas tradicionais dentro das comunidades, ou seja, pode ser uma alternativa de fortalecimento desses saberes milenares. Essa é uma questão de planejamento e gestão comunitária, que consiste em contemplar a participação dos indígenas da comunidade em todo o processo de planejamento da transformação de um bem imaterial em atrativo turístico e, posteriormente, dos membros dessa comunidade para serem gestores do etnoturismo.

Quadro 03: A Importância da medicina tradicional indígena ser transformada em atrativo turístico

Pergunta 3: Na sua opinião qual a importância da medicina tradicional indígena ser transformada em atrativo turístico?			
Informantes	Respostas dos atores	Redução da resposta	Conclusão do Pesquisador
Informante 1	Bom, no meu ponto de vista é que em minha opinião é a importância de compartilhar os conhecimentos tradicionais fazer com que esses saberes sejam compartilhados com o mundo né, a visão de mundo dos indígenas que é diferente do homem branco né, o não indígena, então pra mim é muito importante compartilhar né, quando o visitante chega dentro de uma comunidade indígena pra poder realmente viver como indígena, comer da sua comida, viver como ele vive, vai na roça, vai pescar, sabe de outras formas de compartilhar os saberes tradicionais, os chás, do rapé, do Ayahuasca, é fazer parte, alias fazer ensinar o que os antigos os nossos antepassados sabiam viver né, usando da medicina tradicionais no seu dia-a-dia né, viviam felizes, viviam em paz, viviam curado enfim são muitas formas de viver que hoje estar sendo já deixado né um pouco pra traz, tá sendo esquecidos pelos próprios indígenas por conta da tecnologia que já chegou pra dentro das comunidades entendeu, mais pra mim é muito importante dar valor do que nós temos e do que nós estamos aprendendo entendeu, eu acredito que é de suma importância sim de compartilhar não é transformar mas sim compartilhar entendeu.	Dá muita importância por compartilhar os conhecimentos tradicionais. Compartilhar esses saberes com o mundo fora da comunidade indígena é como mostrar a visão de mundo dos indígenas, que é diferente da visão do homem branco. Outras formas de compartilhar os saberes tradicionais, os chás, do rapé, do Ayahuasca, é fazer parte, ensinar o que os antepassados sabiam viver usando a medicina tradicional no seu dia a dia. É muito importante dar valor do que nós temos e do que nós estamos aprendendo.	Dá muita importância, pois entender as práticas e saberes medicinais dentro da cultura indígena permite ao visitante gostar de entrar num mundo diferente do seu habitual, o etnoturista gosta de experimentar coisas, produtos e lugares desconhecidos. Isso cria uma possibilidade de alternativa econômica para a comunidade.

Informante 2	A medicina tradicional poderá gerar renda para a comunidade indígena e transformar o lugar em atração. No entanto, é importante que os valores, crenças e saberes indígenas locais sejam preservados.	Gera renda, porém é importante que os valores, crenças e saberes indígenas locais sejam preservados.	Pode ser uma fonte de renda, mas a medicina tradicional deve ser tratada com respeito e responsabilidade.
Informante 3	Bem, a medicina tradicional indígena é carregada de magia: 1º os cantos e as rezas feitos pelos pajés e benzedeiros; 2º o uso de folhas e sementes ingeridas em forma de chás, lambedores ou aplicados diretamente nas enfermidades; 3º a utilização de pedras, animais e as vezes banhos. Tudo isso com o objetivo de tratar as doenças "do corpo" e do "espírito", as doenças são identificadas e tratadas com remédios oriundos da mata em forma de chás, óleos, resinas, banhos de imersão e ervas medicinais diversas, muitas vezes aplicadas diretamente na enfermidade, tudo isso acompanhado de bênçãos espirituais.	Destaca que a medicina tradicional indígena é carregada de magia e tem objetivo de tratar as doenças "do corpo" e do "espírito", as doenças são identificadas e tratadas com remédios oriundos da mata. E tudo isso acompanhado de bênçãos espirituais.	Percebe os benefícios sobre o uso da medicina tradicional indígena e que poderá contribuir para a interação entre a interculturalidade dos povos.
Informante 4	A importância está no reconhecimento dos saberes ancestrais e para compreender que os conhecimentos contribuem para além da cura, o respeito pelo ecossistema que representa o futuro do planeta "a Gaia". Desse modo, sendo executado de uma forma que respeite a filosofia dos povos seguirá reproduzindo discursos para outros contextos como justificativa para existência das nações indígenas resinificando a vida.	O reconhecimento dos saberes ancestrais, o respeito pela filosofia dos povos indígenas e pelos ecossistemas que representa o futuro do planeta "a Gaia".	A transformação em atrativo turístico enfatiza o reconhecimento e respeito pelos saberes e fazeres ancestrais, valorizando os bens imateriais de um povo.
Informante 5	Como disse não concordo em ser usado como um atrativo turístico, mas deve ser visto como uma forma alternativa de tratamento para doenças assim como ocorre com a medicina dita "normal".	Não concorda com a transformação em atrativo turístico. Deve ser visto como uma forma alternativa de tratamento para doenças como ocorre com a medicina dita "normal".	Discorda totalmente que se use para o etnoturismo. Enfatiza que seja uma alternativa de valorização dos saberes e das práticas da medicina tradicional para a cura das doenças.

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

O quadro 03 mostra que os informantes 1, 2, 3 e 4 responderam de forma semelhante à pergunta 3. Acreditam que há a possibilidade de transformar a medicina tradicional indígena em atrativo turístico. Entendem que isso ajuda a potencializar a cultura local, principalmente no que diz respeito aos elementos ligados aos bens imateriais, tais como a dança, pintura, canto, reza, comida típica e etc. Assim, possibilita novas formas de agregar valores à medicina tradicional indígena e fortalecer a identidade cultural. A fala desses informantes está

de acordo com o pensamento de Aragão (2015). Compreendemos que o uso turístico social permite resgatar e enaltecer a cultura de comunidades tradicionais. Por outro lado, o informante 5 não concorda com o uso dos saberes e fazeres da medicina tradicional indígena como um atrativo turístico, pois acredita que, a partir do momento que o não-indígena entra na comunidade indígena, ele já começa a invadir a história e a cultura indígena; então, ele defende que, dessa forma, o não-indígena desrespeita a cultura indígena.

Mas, de acordo com a Instrução Normativa nº 003/2015 da Funai, que estabelece normas e diretrizes para as atividades de visitação com fins turísticos em terras indígenas, é um dos desdobramentos da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI), que prevê apoiar iniciativas indígenas sustentáveis de ecoturismo e etnoturismo. Com a medida, as comunidades indígenas interessadas em trabalhar com turismo passam a ter obrigações de apresentar para a Funai um plano de visitação e informar às autoridades sobre a ocorrência de qualquer incidente durante o passeio, inclusive os provocados pelos próprios visitantes.

Entendemos que é importante valorizar e respeitar as tradições indígenas, porém, se utilizadas com a devida proteção de possíveis especulações, estas podem ser transformadas em atrativo turístico, pois isso pode ser usado para o bem-estar físico, mental e social das pessoas da comunidade em questão. Desde que preservados os cuidados sobre os saberes ancestrais, seria uma forma de compartilhar sua cultura.

Quadro 04: A medicina tradicional indígena como motriz para captação de turistas

Pergunta 4: Você acredita que a medicina tradicional indígena ofertada como atrativo turístico pode captar turistas para comunidade ou região?			
Informantes	Respostas dos atores	Redução da resposta	Conclusão do Pesquisador
Informante 1	Eu creio que sim né, porque são ofertadas assim nesse né sentido de dizer o que dar pra se mostrar para as pessoas que vem de fora um visitante, um turista, então durante um diagnostico feito na nossa comunidade por exemplo de fazer um levantamento dos potenciais o que deve ou não demonstrar para os turista né foi muito debatidos isso dentro de uma reunião lá né, porque nem tudo eles gostam de mostrar, porque é uma coisa sagrada, tudo é sagrado né, o espaço é sagrado é as coisas que são feitas da comunidade como eu disse antes não são feita por jovens né, são feitas pelos anciãos, pelos os mais velhos que entendem que isso não pode ser feito para todo mundo vê né, porque são ensinamentos é só a ciência dele que como ele aprendeu, ele tem que manter aquilo reservado né mas aos poucos eles vão se deixando fluir isso dentro de um diálogo com as pessoas visitantes né na comunidade, mas acredito que isso pode ser futuramente né ser um atrativo né e acima de tudo né valorizar isso né que as pessoas vão visitar um lugar eles tem que aprender, eles tem que respeitar principalmente né o local a ser visitado, as pessoas que estão sendo visitados, estão conversando entendeu, então eu creio que aos poucos eles vão se deixando fluir essa esse conhecimento que eles tem de milhares de anos que são repassados e que podem sim ser um atrativo turístico né.	Defende que há alguns saberes e fazeres que dão para mostrar para as pessoas que vem de fora, um visitante, um turista. Nem tudo eles gostam de mostrar, porque é uma coisa sagrada, tudo é sagrado, né, o espaço é sagrado e as coisas que são feitas da comunidade. Entendem que isso não pode ser feito para todo mundo ver né, mas acredito que isso pode ser futuramente né ser um atrativo né e acima de tudo né valorizar isso né, então eu creio que aos poucos eles vão se deixando fluir essa esse conhecimento que eles têm de milhares de anos que são repassados e que podem sim ser um atrativo turístico né.	Há que selecionar, junto aos anciãos, quais saberes e fazeres da medicina tradicional indígena poderiam ser mostrados ao visitante ou turista. Apesar de entender como uma alternativa de geração de renda, ressalta que muitos conhecimentos ancestrais são sagrados e não podem ser mostrados.
Informante 2	Acredito sim, pois poderá atrair a atenção e a curiosidade de turistas e visitantes para os benefícios da medicina tradicional.	Poderá atrair a atenção e a curiosidade de turistas e visitantes para os benefícios da medicina tradicional.	Acredita que os benefícios da medicina tradicional indígena podem captar turistas.
Informante 3	Sim, porque o conhecimento da cultura popular encanta a cultura de elite que podem vivenciar experiências positivas de forma organizada e profissional.	Acredita que sim, tendo em vista que cultura popular encanta a elite e essa se propõe a vivenciar experiências positivas de forma organizada e profissional.	Entende que a elite social pode se encantar pelo exótico. Considera que a medicina tradicional indígena motiva a visita às comunidades tradicionais.

Informante 4	Sim, pois como vivemos em uma sociedade doente e diante de muitas mazelas, representadas por processos de pandemias e enfermidades mais antigas, a cada dia pessoas buscam alternativas principalmente entre povos tradicionais numa perspectiva de sobrevivência e também na condição de buscar resistência para enfrentar situações de riscos físicos ou mentais. Ex, vacina do Sapó, busca de óleos ou gorduras de répteis (banha), cremes, leite ou xarope de ervas, em muitos locais são recomendados por xamãs (pajés) etc. Pessoas se deslocam para conhecer e adquirir estes recursos.	Destaca que vivemos em sociedade e que doenças e mazelas são constantes, representadas por processos de pandemias e enfermidades mais antigas. As pessoas de modo geral e, principalmente os povos tradicionais buscam uma perspectiva de sobrevivência resistência para enfrentar situações de riscos físicos ou mentais.	Sim, por ser mais uma forma para as pessoas que buscam alternativa para enfrentar doenças físicas e mentais, recorrem para os povos indígenas na perspectiva de adquirir os recursos, como xarope de ervas, entre outros.
Informante 5	Usada dentro da comunidade pode trazer benefícios, mas como disse não concordo muito em ser usada como atrativo turístico. Mas se for para o bem da comunidade aceito, mas deve ser criadas estratégias para esse tipo de atividade. O nosso conhecimento deve ser respeitado e utilizado com cuidado por quem esta envolvida.	Concorda que, se utilizada dentro da comunidade, pode trazer benefícios. Porém, não concorda muito em ser usada como atrativo turístico.	Acredita que, se for utilizada dentro da comunidade, pode trazer benefício, mas tem dúvidas quanto à transformação em atrativo turístico, porém se for uma escolha da comunidade, que sejam criadas estratégias que resgatem e valorizem os conhecimentos ancestrais.

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

Com base no quadro 04, que se refere à pergunta 4, os informantes seguiram a mesma linha de pensamentos. Acreditam que a medicina tradicional indígena, sendo ofertada como atrativo turístico, pode captar turistas para a comunidade ou região. De acordo com os informantes 1, 2, 3 e 4, pessoas buscam alternativas de sobrevivência e resistência considerando o momento de pandemia, que pode gerar até doenças mentais. Enquanto o turista ou visitante busca se distrair e arejar a mente buscando novos conhecimentos, a comunidade indígena oferta seus conhecimentos ancestrais como produto. Essa dinâmica pode auxiliar os dois. Esse é o pensamento de Aragão (2015) quando ressalta que a atividade turística se liga à cultura, e que, por isso, os vários segmentos do turismo buscam identificar nichos de mercado consumidor específico, pois o visitante gosta de entrar num mundo diferente do seu habitual e gosta de experimentar coisas desconhecidas, lugares e produtos diferentes. Já o informante 5 enfatiza que não concorda muito com o uso dos saberes e práticas da medicina tradicional indígena como atrativo turístico, mas disse que, se usados para o bem da comunidade, ele aceita, desde que os conhecimentos sejam respeitados e utilizados com cuidado. Sendo assim, com o envolvimento da co-

comunidade no planejamento, gestão participativa e comunitária das atividades ecoturísticas, com estabelecimento de normas de funcionamento, formação e capacitação das pessoas que vivem na comunidade ajudará na conservação e valorização das atividades tradicionais da comunidade local. Para tanto, a cultura popular encanta e a medicina tradicional traz resultados de experiência de longos anos para uso de cura das doenças. Sobre isso, Aragão (2015) esclarece que as críticas pela comercialização do patrimônio imaterial das comunidades tradicionais estão ligadas a simples valoração econômica das tradições ancestrais de um povo.

Quadro 05: a valorização da cultura de um povo por meio de um programa de atividades turísticas

Pergunta 5: Você acredita que um programa de atividades turísticas envolvendo a medicina tradicional indígena pode contribuir para a valorização da cultura de um povo?			
Informantes	Respostas dos atores	Redução da resposta	Conclusão do Pesquisador
Informante 1	Eu creio que sim, é no meu ponto de vista, sim, e nós temos que elaborar mais digamos assim mais documentos, artigos falando sobre isso, e esse envolvimento né do turista com indígena no sentido de aprender algo novo dentro da comunidade é de suma importância, porque contribui sim para a valorização da cultura aparte dai que ele vai entender a importância da manutenção da cultura, ele vai entende o que quer é um ser indígena né porque a partir dai ele começa a ter outras visões de mundo é que o mundo ocidental não ensina , então eu creio que seja muito gratificante né, pra mim já foi varias vezes citando meu exemplo, já foram vários exemplos já tive oportunidade né de praticar, as dança junto com os turistas, a pimenta no olho por exemplo né que são considerado remédios sagrados, medicinas sagradas né, é que tem sua importância dela pra nós no dia-a-dia indígena entre outro rituais que são feito né e ensinados e isso agente busca valorizar e colocar isso também para que as pessoas de fora visitantes e se sintam parte daquele momento que agente faz.	Sim, para a valorização da cultura aparte dai que ele vai entender a importância da manutenção da cultura, ele vai entende o que quer é um ser indígena né porque a partir dai ele começa a ter outras visões de mundo é que o mundo ocidental não ensina , então eu creio que seja muito gratificante né, citando meu exemplo, já tive oportunidade né de praticar, as dança junto com os turistas, a pimenta no olho por exemplo né que são considerado remédios sagrados, medicinas sagradas né, é que tem sua importância dela pra nós no dia-a-dia indígena.	Dá destaque ao planejamento dos esses rituais religiosos, a demonstração do artesanato, a dança e a comida típica, a vivências diante da globalização de mercado, tornam-se valor de troca, por ex. praticar as dança junto com os turistas, mostrando a importância de fazer no dia a dia os rituais para os visitantes sentir parte daquele momento sagrado.
Informante 2	Acredito sim, desde que respeite os saberes tradicionais pertencentes a este povo.	Lembra que devem ser respeitados os saberes tradicionais pertencentes a este povo.	Com certeza, pois significam vidas, porque ainda é nos ancestrais que esses povos buscam a sabedoria de viver o presente.

Informante 3	Sim, porque nas comunidades indígenas apesar dos programas de Saúde do SUS (Sistema Único de Saúde) coordenado pelos AIS - Agente Indígena de Saúde e AISAN - Agente Indígena de Saneamento os saberes tradicionais (medicina tradicional) são utilizados por meio da sabedoria dos anciãos levando em conta a diversidade cultural e os modos de vida da comunidade, a concepção de corpo e adoecimento.	Os saberes tradicionais (medicina tradicional) são utilizados por meio da sabedoria dos anciãos levando em conta a diversidade cultural e os modos de vida da comunidade, a concepção de corpo e adoecimento.	Com certeza, a medicina tradicional é a arte de cura e cada povo tem seu modo de usar e ver o corpo, a concepção de corpo e adoecimento. Os anciãos são os guardiões da sabedoria tradicional indígena.
Informante 4	Sim, pois como ideia de cultura, conforme Laraia, se configura em processo dinâmico, então, a busca pelos conhecimentos da medicina tradicional pode contribuir de forma significativa para o processo de valorização da cultura e da identidade étnica destas populações tradicionais em sua totalidade.	A busca pelos conhecimentos da medicina tradicional contribui de forma significativa para o processo de valorização da cultura e da identidade étnica destas populações tradicionais em sua totalidade.	É mais uma maneira de fortalecer a cultura de um povo. A medicina tradicional indígena pode dar significado ao processo de resgate e valorização dos saberes e fazeres tradicionais.
Informante 5	Se for bem aplicado concordo porque assim a sociedade valoriza o conhecimento dos povos indígenas que tem muito a contribuir com o desenvolvimento.	Sendo bem aplicado, concorda, porque assim haverá a valorização dos conhecimentos dos povos indígenas.	O uso deve estar atrelado ao planejamento responsável e sustentável.

Fonte: Elaboração Própria, 2021.

De acordo com o quadro 05, os informantes 1, 2, 3, 4 e 5 acreditam que um programa de atividades turísticas, envolvendo a medicina tradicional indígena, pode contribuir para a valorização da cultura de um povo, sim, desde que bem planejada. Os conhecimentos tradicionais indígenas têm muito a contribuir com a sociedade para o desenvolvimento da comunidade, na perspectiva de adquirir os recursos para a cura por ser mais uma forma para as pessoas que buscam alternativa para enfrentar doenças físicas e mentais. A medicina tradicional é a arte de cura e cada povo tem seu modo de usar e ver o corpo, a concepção de corpo e adoecimento. Os anciãos são os guardiões da sabedoria tradicional indígena. Observamos que os informantes foram unânimes em destacar que é necessário o uso responsável dos recursos culturais imateriais de um povo. Sobre isso, Ghedin (2006) esclarece que o caminho é apostar em favor desses saberes e fazeres, além do planejamento de uso turístico social direcionado a esses bens culturais imateriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho percebemos o quanto precisamos valorizar e fortalecer a identidade cultural dos povos indígenas e que, dentro dessa vivência, a medicina tradicional indígena se manifestou como um tesouro sagrado guardado pelos anciãos e repassado aos descendentes. Respeitar as práticas sagradas dos nossos ancestrais nos coloca na posição de guardiões dos modos de vida e da cultura imaterial dos povos originários. Nesta linha de ideias, o etnoturismo se mostra como uma prática responsável e conservadora desses valores.

Compreendemos que é de suma importância para os povos indígenas guardar e proteger suas tradições, especialmente as medicinais, que, em sua maioria, vêm da natureza e requerem autocuidado e respeito. Conforme observado no corpo da pesquisa e de acordo com o líder indígena respondente, a comunidade estudada aceita e permite que suas práticas e saberes da medicina tradicional sejam transformados em atrativo turístico, desde que aconteça por meio de uma programação de atividades realizada com a participação da comunidade e aprovada por ela. Além disso, a escolha das práticas e saberes da medicina tradicional indígena que serão mostrados ao público realizar-se-ão pela comunidade. Ao expressar essa vontade, a comunidade traz à tona a definição do etnoturismo e do ecoturismo, ambos se fundamentam no respeito pelo ambiente natural e pelas tradições sagradas das populações originárias.

Estes desejos expressados, por alguns informantes, coadunam com os fundamentos do planejamento participativo e, por consequência, o planejamento do uso turístico social dos saberes e práticas da medicina tradicional de uma comunidade indígena. Esse tipo de planejamento promove o bem-estar das populações locais envolvidas porque será a comunidade quem vai dizer qual ou quais bens imateriais ficarão à disposição dos turistas. Isto está de acordo com a In nº 03/2015, que assegura a conduta para os visitantes em terras indígenas. Assim, transformar as práticas e saberes da medicina tradicional indígena é uma via de mão dupla, devendo ser algo bom para o turista, mas também para a comunidade.

O desenvolvimento desta pesquisa proporcionou o conhecimento acerca da concepção dos atores sobre as práticas e saberes da medicina tradicional in-

dígena realizados na Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I e que podem ser ofertados aos turistas como bem cultural imaterial. Além disso, indicou a elaboração de um plano de uso turístico social, tendo como finalidade transformar algumas dessas práticas e saberes da medicina tradicional indígena da referida comunidade em atrativo turístico.

Portanto, acreditamos que a proposta da elaboração de um plano de uso turístico social das práticas e saberes da Medicina Tradicional Indígena da Comunidade Indígena Raposa Serra do Sol I contribuirá para o desenvolvimento do etnoturismo nas comunidades indígenas roraimenses. Sendo assim, esta pesquisa possibilitará aos turistas conhecerem parte da medicina tradicional indígena, mediada pela interação do homem na busca de novos atrativos turísticos. Além disso, pode ser uma aliada no desenvolvimento do potencial do etnoturismo, visando contribuir para garantir o desenvolvimento diferenciado, ofertando mecanismo de auxílio para transformar o uso da medicina tradicional indígena em instrumento que permite acesso à vida social partilhada e coletiva no fortalecimento das práticas e dos saberes da medicina tradicional indígena nas comunidades.

Contudo, compreendemos que este é um tema que não se esgota. Com este trabalho, trouxemos algumas reflexões sobre o uso racional das práticas e saberes da medicina tradicional indígena e deixamos alguns questionamentos no decorrer do trabalho que poderão inspirar estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Ivan Rêgo. Turismo étnico e cultural: a coroação da rainha das taieiras como atrativo turístico potencial em Laranjeiras (SE). **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 195-210, ago. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1154/115443158008.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ARAÚJO, Wilson Alves de. TEMOTEO, Joelma Abrantes Guedes. ANDRADE, Maristela Oliveira de. TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Desenvolvimento local, turismo e populações tradicionais: elementos conceituais e apontamentos para reflexão. **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 4, out-dez, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122017000400005. Acesso em: 7 nov. 2020.

BETHONICO, Maria B. de M.; SILVA, Castro C. **Crescimento da população indígena e a gestão das terras no estado de Roraima/Brasil**. Observatório Geográfico da América Latina. México-MX: EGAL, 2014. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/26.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BEZERRA, Juliana. **Cultura Material e Cultura Imaterial**. Site Diferença: descubra as diferenças e semelhanças. Diferença, 2020. Disponível em: <https://www.diferenca.com/cultural-material-e-cultura-imaterial/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Presidência da República. Casa Civil. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: mar. 2020.

BRASIL. Portaria do Ministério da Saúde nº 254, de 31 de janeiro de 2002. Brasília-DF: **Diário Oficial da União**, n. 26, seção 1, p. 46-49, de 6 de fevereiro de 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo (Mtur). **Segmentação do Turismo**: Marcos Conceituais. Programa de Regionalização do Turismo. Brasília-DF: Ministério do Turismo, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Ecoturismo**: orientações básicas. Brasília: MTUR, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267763977_MINISTERIO_DO_TURISMO_Ecoturismo_orientacoes_basicas. Acesso em: mar. de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Projeto Vigisus II. Coordenação Técnica. Área de Medicina Tradicional Indígena. In: FERREIRA Luciane Ouriques. OSÓRIO, Patricia Silva (org.). **Medicina Tradicional Indígena em Contextos – Anais da I Reunião de Monitoramento**. Projeto Vigisus II/ Funasa. Brasília-DF: Fundação Nacional de Saúde, 2007.

BRASIL-FUNAI- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Instrução Normativa 03/2015 - IN nº 03/2015**. Brasília: FUNAI, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/ascom/2015/doc/jun-06/in-03-2015.pdf>. Acesso em: maio 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Enoturismo e ecoturismo em terras indígenas**: Projetos de visitação em terras indígenas unem iniciativas de geração de

renda com preservação cultural e ambiental. Brasília: MTUR, 2016. Disponível em <http://antigo.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/11242-et-noturismo-e-ecoturismo-em-terras-ind%C3%ADgenas.html>. Acesso em: ago. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo (Mtur). **Ecoturismo e Etnoturismo em Terras Indígenas**: Projetos de visitação em terras indígenas unem iniciativas de geração de renda com preservação cultural e ambiental. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/etnoturismo-e-ecoturismo-em-terras-indigenas.html>. MTUR, 2018. Acesso em: out. de 2020.

CAMPOS, Wagner. **Ecoturismo é alternativa sustentável de renda para comunidades indígenas no Rio Negro**. Assessoria de Comunicação/FUNAI 2019. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/5224-etnoturismo-e-alternativa-sustentavel-de-renda-para-comunidades-indigenas-do-rio-negro?start=1#:~:text=Etnoturismo%20%C3%A9%20alternativa%20sustent%C3%A1vel%20de%20renda%20para%20comunidades%20ind%C3%ADgenas%20do%20Rio%20Negro,-Detalhes%20Publicado%20>. Acesso em: 19 set. 2020.

CASTRO, Marta Rocha de. FIGUEIREDO, Fábio Fonseca. Saberes Tradicionais, Biodiversidade, Práticas Integrativas e Complementares: o uso de plantas medicinais no sus. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, MG, UFU, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia>. Acesso em: 7 nov. 2020.

CERRO, F. LENO. La evaluación del potencial turístico en un proceso de planificación: el Canal de Castilla. **Estudios Turísticos**, 1992. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ritur/article/download/pdf/>. Acesso em: fev. 2020.

CHASSOT, A.I. **Alfabetização científica**: questões e desafios para a educação. Ijuí: Unijuí, 2003.

EMBRATUR. **Atrativo Turístico**. Brasília: Ministério do Turismo. <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/>, 1992. Disponível em: <https://www.dictech.com.br/dicionario/termos-tecnicos/turismo/significado-de/atrativo-turistico/>. Acesso em: fev. 2020.

FERREIRA, Luciane Ouriques. A emergência da medicina tradicional indígena no campo das políticas públicas. História, Ciências, Saúde. **Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n.1, jan.-mar. 2013, p.203-219.

GHEDIN, Leila Marcia. **Plan de gestión comunitária del turismo en la Serra**

de Tepequem-Amajari-Roraima-Brasil. (Dissertação de Mestrado). La Universidad del Zulia –LUZ. Maracaibo-Venezuela: LUZ, 2006.

IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio imaterial.** Brasília-DF: IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/rr/noticias/detalhes/4913/video-ritual-areruya-sera-apresentado-ao-povo-indigena-ingariko-rr>. Acesso em: 16 nov. 2020.

IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Vídeo **“Ritual do Areruyá” será Apresentado ao Povo Indígena Ingarikó (RR).** Brasília-DF: IPHAN, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/rr/noticias/detalhes/4913/video-ritual-areruya-sera-apresentado-ao-povo-indigena-ingariko-rr>. Acesso em: 11 nov. 2020.

JESUS, D.L. **A (re)tradicionalização dos territórios indígenas pelo turismo:** um estudo comparativo entre os Kadiwéu (Mato Grosso do Sul, BR) e Maori (Ilha Norte, NZ). Curitiba, 2012. 264f. Tese (doutorado) Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Curso de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/article/pdf/>. Acesso em: fev. 2020.

NOGUEIRA, Elizabete Melo. **Etnodesenvolvimento e educação indígena:** problema e perspectivas para a implantação do etnoturismo na terra Indígena Rapousa Serra do Sol na tirss, região ingarikó - wîi tîpî - 2013.

OMS-Organização Mundial de Saúde. **Estratégia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023.** Hog Kong-China: Organização Mundial de Saúde, 2013. Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/95008/9789243506098_spa.pdf;jsessionid=D65AD1DCC04CCF0044B-61351F97DBB72?sequence=1. Acesso em: 8 nov. 2020.

PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marilia Gomes dos Reis. (edi). **Segmentação do Mercado Turístico:** Estudos, Produtos e Perspectivas. Barueri-SP: Manole, 2009.

RODRIGUES, Danutta. **A descolonização do pensamento proposta por Daniel Munduruku e Eliane Potiguara:** “Eu não sou índio”. Povos indígenas no Brasil, out 2019. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Not%C3%A1cias?id=183225>. Acesso em: 23 abr. 2020.

ROMANO, Rogério Tadeu, **Tema Do Artigo: Marco Temporal Só Beneficia Os Ruralistas,** ago. 2017, disponível em: <https://jus.com.br/artigos/59816/o-marco-temporal-so-beneficia-os-ruralistas>. Acesso em 12 abr. 2021.

SOUZA, W. Alves de. **Autoconstrução da Educação Escolar Pataxó hãhãhãe de sua Forma de Ensinar:** território, indianidade, etno-matemática e (re)existência. Dissertação de Mestrado. Orientador: Carlos José Ferreira dos Santos. PPGER-Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Etno-Raciais. Defesa (2021). Disponível em: <https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt&id=234>. Acesso em: 1 mar. 2021.

STAVENHAGEN, R. Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista. **Anuário Antropológico**, v. 84, p.11-44, 1985.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

UNESCO-Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial**. Lisboa-PT: UNESCO Portugal, 2003. Disponível em: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>. Acesso em: 15 nov. 2020.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85>. Acesso em: 13 fev. 2021.



IDENTIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS EM UM HOTEL NA ZONA NORTE DA CIDADE BOA VISTA-RR

Dany Sybele Amaral de Sousa¹
Luciana de Souza Vitório²

RESUMO

O presente artigo trata das práticas sustentáveis adotadas em um hotel na zona norte de Boa Vista-RR, tendo como objetivo geral identificar as práticas sustentáveis adotadas no empreendimento hoteleiro. Já os objetivos específicos, propõem-se a listar as práticas sustentáveis desenvolvidas no empreendimento hoteleiro e analisar se essas práticas estão em consonância com a normativa brasileira da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT / NBR 15401: 2006). A metodologia adotada para o alcance dos objetivos se desenha como exploratória de cunho dedutivo de natureza aplicada. O procedimento técnico adotado foi o bibliográfico com abordagem do problema qualitativa. A coleta de dados se deu com a aplicação de entrevistas semiestruturadas aplicadas a dois gestores de um hotel. A análise de dados foi baseada na referida normativa sobre Meios de Hospedagem: sistema de gestão da sustentabilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para verificação da sua efetiva aplicabilidade nas ações de gestão do hotel. Os resultados apontam que o empreendimento hoteleiro ora pesquisado consegue cumprir os princípios da norma em seus aspectos.

Palavras-chave: Gestão ambiental. Práticas sustentáveis. Hotel. Boa Vista.

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR; Bacharel em Secretariado Executivo – UFRR. E-mail: dany.sybele@gmail.com.

2 Orientadora. Docente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – IFRR. Mestra Acadêmica em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Roraima – UERR. e-mail: luciana.vitorio@ifrr.edu.br

ABSTRACT

This article deals with the sustainable practices adopted in a hotel in the north area of Boa Vista-RR and has as its general objective the identification of sustainable practices adopted in the hotel project. The specific objectives aim: to list the sustainable practices developed in the hotel project and to analyze whether these practices are in line with the Brazilian regulations of the ABNT (Brazilian Association of Technical Standards) NBR 15401:2006. The methodology adopted in order to achieve the objectives is designed as exploratory, deductive in nature and applied, the technical procedure adopted was the bibliographic and the approach qualitative. Data collection took place with the application of semi-structured interviews conducted with two hotel managers. Data analysis was based on the aforementioned regulation on Accommodation Means: sustainability management system of the Brazilian Association of Technical Standards (ABNT) so as to verify its effective applicability in the hotel's management actions. Results indicate that the hotel business being researched is able to comply with the principles of the standard in its aspects.

Keywords: Environmental management. Sustainable practices. Hotel. Boa Vista.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar as práticas sustentáveis adotadas em um hotel na zona norte do município de Boa Vista-RR, tendo como objetivos auxiliares: listar quais são as práticas sustentáveis desenvolvidas no hotel na zona norte de Boa Vista-RR e analisar se as práticas sustentáveis do hotel na zona norte de Boa Vista-RR estão de acordo com as normativas brasileiras. Tendo como guia de problematização as práticas sustentáveis realizadas em um hotel na zona norte de Boa Vista-RR, busca verificar se existe empreendimento de hospedagem que execute práticas sustentáveis.

A metodologia adotada para esse tipo de pesquisa foi de cunho dedutivo de natureza aplicada e, do ponto de vista do objetivo, a pesquisa foi exploratória, sendo um estudo descritivo com procedimento técnico adotado de forma bibliográfica. A abordagem do problema foi em modo qualitativo por meio de questionamentos com instrumento de coleta de dados através de entrevistas. O tema abordado surgiu a partir do momento em que foram estudadas as disciplinas Práticas de Sustentabilidade Ambiental para Empreendimentos turísticos e Elaboração de Projetos de Desenvolvimento Local e Sustentável. Após

a realização de uma visita técnica, que estimulou a pesquisa, notou-se a necessidade de ampliar e contribuir na área do turismo com uma pesquisa voltada para gestores em hotelaria, visto que esse ramo de hotéis está crescendo em Boa Vista-RR.

Esperou-se que os resultados fossem comparados aos objetivos já apresentados, para que tivessem uma relevância social em que tanto hóspedes, colaboradores e gestores vissem e realizassem as práticas sustentáveis na hotelaria, bem como na comunidade em geral. Além disso, que as práticas sustentáveis se tornem frequentes de motivação para outras redes de hotéis e empreendedores de áreas direta e indiretamente. Também que esta pesquisa possa contribuir academicamente com trabalhos científicos posteriores e tenha continuidade às pesquisas iniciadas neste trabalho de conclusão de disciplina, nessa pós-graduação em turismo pelo Instituto Federal de Roraima.

Ao fazer uma visita técnica, no segundo módulo deste curso de pós-graduação em Turismo pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR), em um hotel da zona norte de Boa Vista-RR, fez-se um levantamento das práticas sustentáveis realizadas nessa unidade de hotelaria, o que motivou a busca pelas contribuições que essas práticas podem trazer para o desenvolvimento sustentável no município de Boa Vista/RR. Sendo assim, observou-se que se está iniciando o desenvolvimento de práticas sustentáveis no ambiente de empresas, e isso se dá também na área de hotelaria, como se observou em estudos de disciplinas concluídas do curso de pós-graduação lato sensu em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis. Questionou-se: No município de Boa Vista-RR, existem empreendimentos de hospedagem que executem práticas sustentáveis?

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A primeira conferência para tratar da relação do homem e natureza organizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) foi em 1972 na cidade de Estocolmo, na Suécia. Tinha como principal objetivo conscientizar a sociedade mundial sobre as consequências da degradação do meio ambiente. Nos anos 80, no relatório conhecido como Nosso Futuro Comum, “consagrou-se o enten-

dimento de que desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (SAFADI; SAFADI, 2011, np).

A constituição Federal de 1988 aponta, no capítulo VI, citado no artigo 225, que temos deveres e obrigações em relação ao meio ambiente para o nosso bem e das gerações futuras. Isso foi um dos fatores que impulsionaram a Organização das Nações Unidas (ONU) a fazer, em 1992, a segunda Conferência sobre meio ambiente no Brasil, chamada Rio 92, na Cidade do Rio de Janeiro.

Nessa conferência, os Chefes de Estados assinaram acordos, protocolos e elaboraram diversos documentos importantíssimos, como a Agenda 21, em que se comprometem a harmonizar o desenvolvimento sem causar danos à natureza. Foi nesse período que o termo “desenvolvimento sustentável” tomou força, agregando em suas comunidades e organizações a harmonização entre a economia, o social e o ambiental, atrelando o desenvolvimento das nações sem denegrir o meio ambiente.

Um dos focos do desenvolvimento sustentável são as empresas, que devem ser orientadas com relação a essa temática e por serem as que mais afetam o meio ambiente. Suas orientações poderão levar as pessoas a refletirem sobre o assunto, desdobrando em conhecimento, desenvolvimento e sustentabilidade.

A RELAÇÃO DO TURISMO E A SUSTENTABILIDADE

Em 1995, a Organização Mundial do Turismo (OMT), impulsionada pela Rio-92, “elabora a Agenda 21 para a indústria de viagens e turismo [...] três anos depois, lança o Programa Interamericano para Desenvolvimento do Turismo Sustentável por intermédio da Organização dos Estados Americanos” (CNC³, 2014, online).

Com isso, o turismo vem se consolidando cada vez mais e as localidades que estão em processo de desenvolvimento da atividade turística em determinada cidade, região e afins, acabam por enfrentar suas fragilidades. Segundo Safadi e Safadi (2011, np), “este é um dilema central do turismo, como proceder

3 Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo.

de forma equilibrada em relação às comunidades e os lugares, visto que seu desenvolvimento depende de alguma forma dos impactos da prática turística.”

Foi pensando justamente nesses questionamentos que, em 1999, a Organização Mundial do Turismo (OMT) publicou o Código Mundial de ética no Turismo, dando ênfase, em seu artigo três, à preocupação em reduzir as consequências negativas e as preocupações voltadas à sustentabilidade.

No intuito de alavancar a força tarefa, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2014) (aborda sobre o desenvolvimento sustentável de turismo, em Johannesburgo cidade da África do Sul, em 2002, onde ocorreu uma movimentação com a intenção de acelerar a mudança do comportamento global no sentido do consumo e da produção sustentável. Nesse sentido, a OMT (1999, np) define o turismo sustentável como “aquele que atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo que protege e amplia as oportunidades para o futuro.”

Em 2011, o turismo sustentável já articulava introduzir princípios nas políticas públicas nesse segmento. Em seguida, em 2012, ocorria a Conferência das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNDSD), na cidade do Rio de Janeiro, a Rio+20, que veio com o objetivo de debater sobre as temáticas que envolviam o desenvolvimento sustentável, economia verde, inclusão social e pobreza, o que trouxe a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, o turismo é visto pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), após uma pesquisa, como “um setor capaz de promover a aceleração econômica e o incremento nas áreas social, cultural e ambiental” (CND, 2014, np), e que pode sim interferir na área turística, ajudando a alavancar o setor.

HOTÉIS E O USO DAS PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS

A sustentabilidade está cada vez mais em evidência e a clientela está cada dia mais exigente. No ramo hoteleiro não é diferente com relação aos seus hóspedes. Os empreendedores em hotelaria, além de se preocuparem com a concorrência, devem estar atentos às modificações de comportamentos e hábitos dos hóspedes, devendo adequar-se conforme as exigências da demanda.

Além dos serviços de excelência já prestados pela hotelaria, as práticas sustentáveis trazem confiança e credibilidade ao hotel. Essas medidas adotadas por alguns gestores de hotéis trazem benefícios que levam a uma boa imagem da empresa ao praticar ações sustentáveis, levando, muitas vezes, a uma vantagem competitiva.

Conservar e preservar o meio ambiente em empresas do setor turístico geram pequenas mudanças, porém, causam grandes impactos em seu crescimento, reduzindo custos e obtendo lucros. Isso faz uma grande diferença nos recursos financeiros. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) enfatiza que:

Por vivermos em comunidade e, conseqüentemente, compartilhamos os mesmos espaços, temos a obrigação de utilizar práticas responsáveis que não comprometam a vida das gerações futuras. Ao diminuir alguns consumos de recursos naturais, as empresas podem reduzir seus custos e contribuir com um mundo melhor (SEBRAE, 2012, online).

Baseando-se no conceito de sustentabilidade empresarial, o empresário norte-americano Jonh Elkington, que é o fundador da Sustainability, uma Organização não Governamental (ONG) com a intenção de entender a sustentabilidade nos negócios, levou em consideração o tripé da sustentabilidade (Triple BottomLine), equilibrando a economia, o social e o ambiental para se chegar a um resultado equilibrado. Muitas redes de hotéis nacionais e internacionais estão voltadas à temática da sustentabilidade por promoverem resultados interessantes.

CONHECENDO AS NORMATIVAS QUE PREZAM PELA QUALIDADE, PADRÃO DE EXCELÊNCIA, MEIO AMBIENTE CHEGANDO AS PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS

Para que houvesse organização nos empreendimentos com procedência e qualidade, foram estabelecidas regras para padronizar a excelência em serviços e produtos nas empresas mundiais. A esta certificação dá-se o nome de ISO 9000, em que as empresas apresentam uma gestão de qualidade com processos econômicos eficientes e padronizados. A isso, cujo significado é Or-

ganização Internacional para Padronização, foi criada em 1947 em Genebra, na Suíça. ISO, em grego, tem significado de “igual”. Já no Brasil, fica a cargo da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) representar a ISO no país.

A ideia é tornar produtos e serviços competitivos no mercado nacional e internacional, elevando a qualidade de forma padronizada. Segundo Foster e Whittle (1990 apud ROESCH, 1994, np), a “gestão de qualidade total envolve transformação fundamental nas relações entre as pessoas nas organizações: desenvolve competências através de toda a organização, leva a formação de uma cultura de qualidade”, que vai desde seus colaboradores a operação dos serviços e produtos, estratégias, planejamento, fornecedores, dentre outros itens citados por Roesch (1994), formando uma cadeia de qualidade.

Ainda nesse segmento de normatização, tem-se a preocupação em desenvolver o crescimento econômico de forma a cuidar do meio ambiente, definida conforme a ISO por intermédio do Sistema de Gestão Ambiental (SGA) nos empreendimentos. A normativa que rege esse sistema é a NBR ISSO 14000 (Norma Brasileira da Organização Internacional de Padronização), que tem como objetivo o equilíbrio e a proteção ambiental, seguindo a legislação do país.

No Turismo, a normativa Brasileira NBR 15401: 2006 da ABNT define o turismo como:

[...] um dos maiores segmentos econômicos do mundo, vem cada vez mais sendo objeto de atenção em relação à sua potencial contribuição para o desenvolvimento sustentável e ao mesmo tempo quanto aos impactos que pode provocar nos campos ambiental, sociocultural e econômico. Organizações de todos os tipos no setor do turismo estão cada vez mais preocupadas em atingir e demonstrar um desempenho correto em relação à sustentabilidade, gerindo o impacto de suas atividades, produtos e serviços, levando em consideração sua política e seus objetivos de sustentabilidade. Esse comportamento se insere no contexto de uma legislação cada vez mais exigente, do desenvolvimento de políticas econômicas de outras medidas destinadas a estimular a proteção ao meio ambiente e ao patrimônio cultural e de uma crescente preocupação das partes interessadas, em particular os clientes, em relação à qualidade, às questões ambientais e ao desenvolvimento sustentável. (ABNT NBR 15401, 2006, p.17).

Assim, diante dos atores sociais e regiões específicas dos empreendimentos, a normativa citada tende a envolver todos aqueles que direta ou indi-

retamente trabalham no setor turístico, para que o desenvolvimento se torne de fato sustentável. O SEBRAE apresenta um guia de implementação de como implantar a normativa NBR 15401 e retrata sobre ela no país.

O Brasil é pioneiro na publicação de uma norma técnica e sistema de gestão que apresenta referências objetivas sobre como os meios de hospedagem podem utilizar seus recursos de maneira ambiental responsável, socialmente justa e economicamente viável. A abordagem da sustentabilidade do turismo por meio da normalização ajuda os meios de hospedagem a adotar práticas sustentáveis e a comunicar esse fato aos seus clientes e à sociedade em geral. A ABNT NBR 15401 foi desenvolvida no âmbito do Comitê Brasileiro de Turismo (ABNT/CB-54), sendo publicada no final de outubro de 2006 pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A referência utilizada para sua elaboração foi a norma desenvolvida pela Fundação Instituto de Hospitalidade, dentro do programa de certificação em Turismo Sustentável (PCTS). Sua construção contou com a participação de organizações não-governamentais [...] e diversas partes interessadas. (SEBRAE, 2012, inline).

Diante disso, a norma foi elaborada e relacionada de acordo com SEBRAE (2012) em conformidade com os princípios do turismo sustentável na seção 3 da ABNT normativa NBR 15401. Passa-se, então, a conhecer estes princípios.

PRINCÍPIOS DO TURISMO SUSTENTÁVEL SOBRE A NORMATIVA 15401:2006

Para que um empreendimento possa adotar a normativa técnica NBR 15401:2006, é primordial ter acesso e consultar os Princípios do Turismo Sustentável para implantar um sistema de gestão ambiental. Esta implantação é recomendada pelo SEBRAE (2012, online) com “orientações propostas, mas com adaptações necessárias ao contexto de cada meio de hospedagem, de forma a garantir a contínua manutenção do atendimento aos requisitos da ABNT NBR 15401”.

Os Princípios do Turismo Sustentável estabelecidos pelo Conselho Brasileiro para o Turismo Sustentável (CBTS) que são referências em nível nacional ao Turismo Sustentável são apresentados no quadro 1:

Quadro 1 – Princípios do Turismo Sustentável NBR 15401: 2006

Nº	PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
1	Respeitar a Legislação Vigente	O turismo deve respeitar a legislação vigente em todos os níveis no país e as convenções internacionais de que o país é signatário.
2	Garantir os direitos das populações locais	O turismo deve buscar e promover mecanismos e ações de responsabilidade social, ambiental e de equidade econômica, inclusive a defesa dos direitos humanos e de uso da terra, mantendo ou ampliando, a médio e longo prazos, a dignidade dos trabalhadores e comunidades envolvidas.
3	Conservar o ambiente natural e sua biodiversidade	Em todas as fases de implementação e operação, o turismo deve adotar práticas de mínimo impacto sobre o ambiente natural, monitorando e mitigando efetivamente os impactos, de forma a contribuir para a manutenção das dinâmicas e processos naturais em seus aspectos paisagísticos, físicos e biológicos, considerando o contexto social e econômico existente.
4	Considerar o patrimônio cultural e valores sociais	O turismo deve reconhecer e respeitar o patrimônio histórico-cultural das regiões e localidades receptoras e ser planejado, implementado e gerenciado em harmonia com as tradições e valores culturais, colaborando para seu desenvolvimento.
5	Estimular o desenvolvimento social e econômico dos destinos Turísticos	O turismo deve contribuir para o fortalecimento das economias locais, a qualificação das pessoas, a geração crescente de trabalho, emprego e renda e o fomento da capacidade local de desenvolver empreendimentos turísticos.
6	Garantir a qualidade dos produtos, processos e atitudes	O turismo deve avaliar a satisfação do turista e verificar a adoção de padrões de higiene, segurança, informação, educação ambiental e atendimento estabelecidos, documentados, divulgados e reconhecidos.
7	Estabelecer o planejamento e a gestão responsáveis	O turismo deve estabelecer procedimentos éticos de negócio, visando engajar a responsabilidade social, econômica e ambiental de todos os integrantes da atividade, incrementando o comprometimento do seu pessoal, fornecedores e turistas, em assuntos de sustentabilidade, desde a elaboração de sua missão, objetivos, estratégias, metas, planos e processos de gestão.

Fonte: NBR 15401, 2006.

Após conhecer os princípios que regem nacionalmente o Turismo Sustentável e que auxiliam na base de implementação para o alcance e manutenção do desempenho sustentável dos meios de hospedagem como argumenta SEBRAE (2012), seguem os procedimentos metodológicos adotados

na abordagem da pesquisa em questão, seu procedimento, sua abordagem, investigação, análise, descrição de campo para se chegar nos resultados e discussões exigidas.

METODOLOGIA

A finalidade a respeito da técnica e método do estudo científico quanto a sua natureza é classificada como uma pesquisa aplicada, que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (PRODANOV; FREITAS, 2013, np).

O tipo de método de abordagem, que é a base lógica da investigação para alcançar determinado fim com relação ao seu objetivo, é a pesquisa exploratória, que é citada por Prodanov e Freitas (2013, np) como:

[...] a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudo de caso. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos.

A pesquisa também se volta a ser descritiva, porque “o investigador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV; FREITAS, 2013, np).

Com relação aos procedimentos técnicos, ou seja, delinear o planejamento da pesquisa, os autores abordam uma dimensão mais ampla, traçando um modelo conceitual e operativo no processo para coleta de dados. Os procedimentos técnicos adotados são bibliográficos, quando a pesquisa é “elaborada a partir de material já publicado”, conforme Prodanov e Freitas (2013, np).

O tipo de método científico do estudo foi caracterizado como dedutivo a partir de dados gerais para alcançar uma situação específica por “procurar identificar opiniões, atitudes ou crenças de um determinado grupo ou população [...]” (GIL, 2008, 34). Além de ser “a utilização de instrumentos padronizados

de coleta de dados, como questionários [...] entrevistas [...]” (CASARIN; CASARIN, 2012, online).

Sobre a abordagem do problema, é de caráter qualitativo, porque “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade” (CASARIN; CASARIN, 2012, online), estimulando os entrevistados a falarem. A pesquisa qualitativa não pode ser mensurada em números, em porcentagem, em estatísticas, etc.

O instrumento de coleta de dados será por meio de entrevistas, pois, devido à pandemia, alguns cuidados foram levados em consideração, e sua flexibilidade permite a técnica de investigação. Gil (2008) cita que a entrevista é bastante usada em Ciências Sociais, para o qual seu objetivo é voltado a diagnosticar e orientar.

Sendo assim, a intenção de entrevista por pautas neste trabalho se dá com base no grau de estruturação, que é explorado pela investigadora, em que o entrevistado é levado a se sentir à vontade ao responder os questionamentos. Gil (2008) ainda completa que o roteiro da entrevista semiestruturada pretende obter uma visão geral do problema pesquisado recorrendo-se “a entrevistas informais com informantes-chaves, que podem ser especialistas no tema em estudo...” (GIL, 2008, 43).

Nesta pesquisa, as respostas foram oralizadas, portanto, podem ter viés de descrição pela entrevistada, e serão coletadas por meio de gravação em áudio, que, posteriormente, foram transcritas e analisadas para a conclusão desta pesquisa. O roteiro da entrevista contém dez perguntas – base para coleta de dados com o entrevistado. As entrevistas aconteceram com pedido de autorização, por escrito, aos entrevistados e assinados antes de iniciar a coleta dos dados. Em seguida, a entrevistadora iniciou os questionamentos, enquanto os entrevistados tinham suas respostas gravadas por meio de áudio coletadas no aparelho eletrônico da entrevistadora. Além disso, foi relatada a forma como sucedeu a busca pela coleta de dados.

A escolha do empreendimento hoteleiro foco da pesquisa se deu a partir de uma visita técnica - organizada pelo curso de pós-graduação -, a qual a pesquisadora teve a oportunidade de participar como pré-requisito da discipli-

na Práticas de Sustentabilidade Ambiental para Empreendimentos Turísticos, ministrada no período do desenvolvimento do estudo. A seguir, será iniciado o diário de campo, relatando os fatos ocorridos durante a coleta de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

REDE INTERNACIONAL DE HOTELARIA

A empresa multinacional francesa localizada em mais de cem países, com cerca de 3.700 estabelecimentos para estadias, incluindo o Brasil, atende hóspedes em vários ramos, desde a agência de viagem até meios de hospedagem, atuando em cinco categorias, desde o mais luxuoso hotel até os mais econômicos.

Nos anos setenta, a rede de hotéis resolveu investir em hotéis econômicos com a intenção de atender o público que tem orçamento limitado e que precisavam fazer viagens curtas empresariais. Em 1972, inaugurou sua primeira unidade em Paris, na França. Depois de avançar 14 unidades, começou a fazer seu caminho internacional em Amsterdã, na Holanda. Em 1984, já contava com 111 unidades em todo continente europeu, conforme cita Mundo das Marcas (2015).

No Brasil, a rede de hotelaria, atualmente, está em expansão com os hotéis I, que tem uma vertente econômica. O primeiro hotel I foi inaugurado na região nordeste do Brasil, na cidade litorânea de Maceió-AL. Após conquistar o mercado global em 2011, a rede I repaginou os apartamentos com designer moderno, aconchegante e mantendo a economia. E dividiu seus hotéis mais econômicos em três categorias por cores, como traz o Mundo das Marcas (2015, online):

- *I (bandeira vermelha)*: “bandeira de hotéis econômicos da empresa e principal carro-chefe da marca”;
- *I. Styles (bandeira verde)*: “esta bandeira oferece todos os serviços de um hotel econômico combinando conveniência, simplicidade, generosidade, praticidade e proximidade, aliados ao design moderno e variedade de estilos”;
- *I. Budget (bandeira azul)*: é a bandeira mais econômica da marca I, que oferece conforto essencial por um preço extremamente acessível (MUNDO DAS MARCAS, 2015, online).

O estado de Roraima conta com uma unidade, o I. Styles bandeira verde, está localizada na zona norte da capital do estado de Roraima. Essa unidade adota práticas sustentáveis baseadas no programa internacional da rede chamado de Planet 21.

GESTÃO E PRÁTICAS AMBIENTAIS EXECUTADAS NO EMPREENDIMENTO HOTELEIRO

Neste tópico, é apresentado o roteiro da entrevista e as respostas. Nele, a identificação **ENTREVISTADO A** refere-se ao gerente-geral, formado em Hotelaria com especialização em gestão estratégica e mestrado em docência nessa mesma área, e o **ENTREVISTADO B** é formado em Tecnologia e Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR) *Campus Boa Vista*.

Quadro 2 – Tempo de empresa

1. Quanto tempo trabalha na empresa?	
Entrevistado	Respostas pergunta 1
A	10 anos no Hotel [...] no ramo da hotelaria, 13 anos.
B	Eu trabalho há quatro anos e quatro meses.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Na primeira pergunta (quadro 2), o período de empresa é relevante para aprimoramento das atividades e questões gerenciais diárias. Nota-se como a empresa valoriza e explora talentos da própria instituição, identificando pessoas qualificadas as quais agregam uma visão analítica das situações e fatos acarretados. Essa é uma questão que deve ser levada em consideração em todas as áreas profissionais para alavancar melhor qualidade de serviços, principalmente na área do turismo, onde se engloba multidisciplinaridade.

Ao tratar sobre a valorização dos colaboradores que demonstram aptidão para o cargo de gestão, a normativa NBR 15401 inicia abordando sobre estabelecer “requisitos de desempenho da sustentabilidade (ambiental, socio-cultural e econômico), os quais são suportadas por um sistema de gestão da

sustentabilidade” (ABNT, 2006, p.15) A soma desses sistemas de gestão ajuda a fortalecer o trabalho e o gerenciamento: sistemas de gestão de qualidade NBR ISO 9000 e o sistema de gestão ambiental NBR 14001, que, juntas, trazem referência ao ciclo PDCA da gestão, onde: P - (Plan) Planejamento, D - (Do) Implementar, C- (Check) verificar e A - (Act) Aguir.

Quadro 3 – Função exercida no hotel

2. Qual a função que exerce no hotel?	
Entrevistado	Respostas pergunta 2
A	Gerente Geral.
B	Sou Sub-Gerente do Hotel.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Na segunda pergunta (quadro 3), ambos possuem cargos de tamanha importância. A função de gerenciar é saber agir de maneira pensada, supervisionada e coordenada, acompanhando os colaboradores em suas funções e tarefas as quais lhes foram atribuídos, além de fazer acontecer o que foi planejamento em nível da rede internacional, chegando ao nacional e, por fim, regional, especificamente na área da pesquisa, Boa Vista/RR, distante dos grandes centros movimentados brasileiros. A maestria em gerir é citada por Swarbrooke (2000, p. 21) em seu quarto princípio de gestão de turismo sustentável, em que demonstra preocupação sobre a gestão, pois, ela “não é apenas ambiental, mas também econômica, social, cultural, política e administrativa”, levando os líderes a repensarem seus conceitos para garantir uma boa gestão.

O encabeçamento para direcionar uma gestão sustentável preocupada de fato com o meio ambiente é dito por Swarbrook (2000) por meio de um conjunto de instauração que ajude a gestão a manter firme as adversidades que podem encontrar, porém mantendo o foco e objetivo principal.

Nesta perspectiva, a NBR 15401: 2006 ressalta que o turismo “é um dos maiores segmentos econômicos do mundo, vem cada vez mais sendo objeto de atenção em relação à sua potencial contribuição para o desenvolvimento sustentável [...]” (ABNT, 2006, p. 16), e, por isso, as organizações, sejam de pe-

queno, médio e grande porte, estão preocupadas em demonstrar a cada dia um melhor desempenho na tratativa sobre a sustentabilidade.

Quadro 4 – Treinamento antes da missão de gerenciar

3. Teve treinamento antes de iniciar seu trabalho na gestão e durante a gestão?	
Entrevistado	Respostas pergunta 3
A	É um processo que na verdade você trabalha desde quando você trabalha na operação, comecei como jovem aprendiz no hotel há 13 anos atrás [sic] e trabalhava em outra rede de hotel e eu cuidava toda a parte de governança [...] dentro da empresa tem essa parte de training que você faz algumas etapas e você é formado primeiro na área, aí você faz uma prova, é feito uma entrevista, aí [sic] você passa a trabalhar com os gestores da empresa para começar a ter todo o treinamento na área da gestão, ou seja, é todo um processo, né [sic]. Entre a área de operações e a minha primeira gestão foram cinco anos, fiquei três anos nesse processo de training [...] a medida que a empresa foi crescendo a gente, também foi evoluindo a parte.
B	Sim. O treinamento ele é feito antes da gestão com todo preparo e complemento da matriz e durante toda a gestão nós temos treinamentos anuais, mensais e semestrais [...] de dois em dois meses tem uma visita, uma vez por ano tem uma auditoria que é para vê se estão cumprindo todos os procedimentos padrões da rede [...] por isso, tem o treinamento que é constante tem um padrão bem diferenciado [...]. Então o gestor ele tem que tá [sic] acompanhando todos os setores, dando esses treinamentos, porque a responsabilidade é minha prioridade pra [sic] fazer e repassar tudo isso. Ainda mais, em época de pandemia onde muda muitas coisas. São protocolos que é implantada na França, ele é distribuído para todos os hotéis do mundo inteiro. Então, se ela falar que se você entrar hoje no elevador vai ter ali no máximo quatro pessoas (foto 17) então é um protocolo que tem em todos os hotéis.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A importância de começar o treinamento cedo numa empresa é crucial para o desenvolvimento das atividades, conforme relatam no quadro 4. Assim, a ABNT, por meio da Normativa NBR 15401 sobre Meios de Hospedagem: sistema de gestão da sustentabilidade, recomenda que a “implantação do sistema de gestão de sustentabilidade seja realizada, com orientações propostas, mas com as adaptações necessárias ao contexto de cada meio de hospedagem” (ABNT, 2006, p. 16). Mas, para isso, Beni (2003) aponta sobre a importância de estabelecer uma metodologia de planejamento e gestão responsável entre as atividades humanas, o desenvolvimento e a proteção ambiental.

Sobre a metodologia de planejamento, podemos destacar o princípio 1 da NBR 15401, que se volta para o respeito à legislação vigente com vistas à promoção do turismo sustentável.[...] o desenvolvimento de normas que estabelecem os requisitos mínimos para o turismo sustentável, aliadas a mecanismos de certificação, tem se destacado como uma das tendências mais presentes no mercado internacional”, destaca o documento (ABNT, 2006, p.12). Assim, despertam o interesse dos empreendimentos e partes interessadas a se engajarem mais num desenvolvimento sustentável.

Quadro 5 – Cursos de atualização

4. Há cursos de atualização na área da sustentabilidade?	
Entrevistado	Respostas pergunta 4
A	Tem. A empresa tem uma academia [...] eles são responsáveis por desenvolver cursos, então é um sistema que tem uma plataforma que todo o colaborador quando ele entra tem acesso [...] como o Brasil é muito grande não tem como ele fazer tudo presencial. [...] essa academia, fica em São Paulo então para os hotéis e as regiões que são muito distantes a gente faz [sic] esses cursos através dessa plataforma e todo ano, tudo que se renova, a gente [sic] tem cursos pra fazer uma atualização ou para você aprender coisas novas que estão saindo no mercado e aí sim, nós temos uma meta lá para atingir de cursos que a gente [sic] tem que fazer. Faz parte do currículo base de qualquer colaborador seja do gerente seja do recepcionista, enfim... essa academia tem os cursos no geral e dentro tem a sustentabilidade.
B	Sim. Nós temos uma plataforma que se chama Click A. e todos temos o curso PLANET 21 onde tem o curso de sustentabilidade. Tudo é passado e atualizado aos colaboradores todos os anos, tanto é que o hotel ele só passa por uma auditoria - que nós chamamos de Diversey - se ela comprovar que todos os funcionários fizeram aquele curso, se ele não faz, ela perde ponto e perde os royalties da rede.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A norma técnica brasileira NBR 15401 aponta, no princípio 2, a garantia aos “direitos das populações locais” ao oferecer, conforme a normativa, a “capacitação e treinamento voltado aos colaboradores e comunidade local” (ABNT, 2006, p. 8). Nessa questão, o hotel oferece, por enquanto somente aos colaboradores, um treinamento de forma online, por conta da pandemia e, devido o distanciamento das grandes metrópoles brasileiras, sendo inviável enviar um facilitador para Boa Vista/RR.

O curso, sendo a distância, abrange o maior número de colaboradores em treinamento na academia, assim chamada pelo hotel, a qual fornece os cursos. Outra situação que chamou a atenção foi o programa Planet 21, que teve como inspiração a Agenda 21 apresentada na Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente.

O princípio 5 da NBR 15401 traz ainda a contribuição “para o fortalecimento das economias locais, a qualificação das pessoas [...] e o fomento da capacidade local de desenvolver empreendimentos turísticos” (ABNT, 2006, 3), ou seja, manter a qualificação da equipe para diversos fins, incluindo a sustentabilidade, permitindo à empresa apresentar bons atendimentos e conscientizar tanto os funcionários quanto a clientela que está cada vez mais exigente.

Quadro 6 – práticas sustentáveis

5. No hotel tem práticas sustentáveis?	
Entrevistado	Respostas pergunta 5
A	Sim
B	<p>Hoje nós estamos implantando novas práticas sustentáveis onde o hotel ele não trabalha com quase nada de plástico. Não vou dizer que não trabalhamos com plástico porque nós trabalhamos, mas hoje, tudo que sai da cozinha praticamente. [sic] Nós não usamos canudo para servir ao cliente e ele é avisado sobre isso. Hoje 50% dos sachês - queremos chegar nos 80% - são de papel reciclável não é de plástico e estamos também implementando os refis de xampus, sabonetes que agora vem embalado em material biodegradável em uma nova forma de juntar com o programa PLANET 21 com o novo século da sustentabilidade e hoje o que estamos implementando do Programa PLANET 21 é:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reutilização da água; • Materiais recicláveis; • Energia renovável; • Resíduos sólidos que são o plástico. <p>O programa PLANTE 21 é baseado na sustentabilidade, utilização e reuso. Aqui nós temos o Planet 21 na água quente do chuveiro que ela é por placa solar (Foto 1, 2, 3) nada é elétrico, a placa solar ela aquece o boiler (Foto 4) que fica lá em cima do hotel e esse boiler distribui água quente (Foto 5) para todos os quartos, temos a E. T. A. (Equipamento de Tratamento de Água) também (Foto 5) que é uma sala de reutilização. Toda água que sai do chuveiro ela é tratada, passa por um processo de tratamento químico onde ela é novamente purificada e ela retorna para o vaso sanitário somente para o vaso sanitário e mais nada, ela é só usada pra isso é uma forma de economizar água é diminuir o custo, né [sic] do hotel e de ajudar o meio ambiente. Essa água é usada duas vezes e depois ela é descartada.</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Ao apresentar as práticas sustentáveis pelo entrevistado **B**, percebemos que a normativa NBR 15401 da ABNT enfatiza sobre a “abordagem da sustentabilidade do turismo por meio da normalização ajuda os meios de hospedagem a adotar práticas sustentáveis e a comunicar esse fato aos seus clientes e à sociedade em geral.” (ABNT, 2006, p. 3) O princípio 3 do turismo sustentável da NBR 15401, voltado para a conservação do ambiente natural e sua biodiversidade, inclui exatamente essa preocupação de não haver desperdício, como exemplifica o entrevistado. A normativa, então, cita em seu princípio 3 que:

Em todas as fases de implantação e operação, o turismo deve adotar práticas de mínimo impacto sobre o ambiente natural, monitorando e mitigando efetivamente os impactos, de forma a contribuir para a manutenção das dinâmicas e processos naturais em seus aspectos paisagísticos, físicos e biológicos, considerando o contexto social, econômico existente. (ABNT, NBR 15401, 2006, 15).

Para melhor entendimento sobre as práticas sustentáveis, os gestores autorizaram a visita técnica à pesquisadora. O sub-gerente **B** acompanhou a visita com os devidos esclarecimentos sobre o funcionamento das práticas sustentáveis adotadas no hotel e alertou que, no mesmo dia, estava ocorrendo a manutenção dos equipamentos. Em seguida, falou, de forma orgulhosa, sobre o funcionamento das Placas Solares (Foto 1, 2 e 3), Bolier (Foto 2), as caixas d’água que recebem a água aquecida do Equipamento de Tratamento de Água (E.T.A) (Foto 3).

Foto 1 - Placa Solar



Fonte: autora, 2021.

Foto 2 - Placa Solar



Fonte: autora, 2021.

As placas Solares aquecem a água do chuveiro e fornecem energia para

uso nos apartamentos, em horários de grande utilização, entre 19h e 22h. No total, são 36 placas solares localizadas na cobertura do prédio. O Sub-gerente informou que, recentemente, instalaram mais placas.

Foto 3 - Boiler



Fonte: autora, 2021.

Foto 4 - Caixa d'água para reuso de água



Fonte: autora, 2021.

Em formato de cilindro, o Boiler (Foto 3) é um reservatório térmico de água que, além de armazená-la, aquece e a mantém aquecida. Isso é bastante utilizado em empreendimentos hoteleiros, indústrias e residências. Já a foto 4, é uma caixa d'água com capacidade para dez mil litros de água reutilizados pelo E.T.A, a qual conheceremos em seguida.

Foto 5 - Sede da E.T.A.



Fonte: autora, 2021.

Foto 6 - E.T.A.



Fonte: autora, 2021.

A foto 5 indica o ponto onde fica o Equipamento de Tratamento de Água, o E.T.A (Foto 6), sendo acompanhado por um químico e a empresa que presta a manutenção. Abaixo, nas fotos (7 e 8), tem-se primeiro a caixa d'água com água de reuso, que é a primeira da fila. O equipamento de E.T.A. envia a água especificamente para esta primeira caixa d'água, as demais caixas são divididas entre hidrantes de combate a incêndio e os apartamentos.

Foto 7 - A 1º da fila que recebe a água do E.T.A.



Fonte: autora, 2021.

Foto 8 - E.T.A.



Fonte: autora, 2021.

Quadro 7 – Práticas sustentáveis adotadas pela gestão

6. Quais são as práticas sustentáveis adotadas pela gestão?	
Entrevistado	Respostas pergunta 6
A	<p>Por mais que não tenha o destino final, a gente cuida da reciclagem, da reutilização do papel de rascunho, a gente cuida da geração de lixo, [...] uma das coisas que a empresa está trabalhando forte agora é o plástico zero, a gente [sic] quer eliminar 100% do plástico usado no hotel a gente [sic] começou isso em dois mil e dezenove com as campanhas, só que com a pandemia foi difícil a gente manter porque agora tem de ser tudo descartável, né!? [sic]</p> <p>Você não pode reutilizar na verdade nada e isso também é uma dificuldade do estado, pra gente comprar canudos de papel não consegue encontrar é difícil, até que você consegue, mas assim... o manter que é mais difícil, as vezes você encontra uma vez, mas aí [sic] vai comprar uma segunda leva aí [sic] você não encontra, a gente acaba trazendo essas coisas de fora; só que isso é mais um custo, essa é uma das táticas que a gente [sic] está tentando lutar contra o mercado, uma época que é luva descartável pra tudo, é copo descartável, é utensílio descartável, né!? [sic] As máscaras descartáveis também e aí [sic] a gente começou a fazer um trabalho e a gente teve que ir a favor da maré, né!? [sic] Porque não tem outra forma hoje da gente... teria que ter uma outra estrutura muito maior, por exemplo a cozinha, onde a gente mais usa descartável, né!? [sic]</p> <p>E para você ter uma estrutura e uma equipe muito maior pra conseguir atender essa demanda de apresentar é... de cliente não encostar de fato em nenhum utensílio do hotel, tem sempre que ter alguém para repor para higienizar e alguém para limpar. Aí vai contra porque tivemos momentos bem difíceis, a gente chegou a fechar o hotel por dois meses e aí não entra receita e você tem que contratar mais gente e daí é mais complicado e a gente [sic] teve que retomar essa questão dos descartáveis no hotel, mas no próximo mês; outra coisa que iremos trabalhar, é a gente descartar muito o papelzinho e o frasco do xampu e do sabonete no quarto e tudo de plástico e a empresa já vinha desenvolvendo um fornecedor em xampus e saquinhos dos sabonetes ele vai ser biodegradável, já é biodegradável (Foto 9) mas ainda não conseguimos comprar aqui e o frasco do xampu ele é reutilizável para refil (foto 10) e essa é uma das linhas principais da sustentabilidade que a gente está trabalhando a eliminação do plástico. Senão em um total, mas em grande parte. Elencando as práticas sustentáveis trabalhamos: Energia Solar, Reutilização da água da chuva, Reciclagem do lixo e Eliminação do plástico. Por enquanto são quatro que conseguimos trabalhar aqui.</p>
B	Foram as que citei anteriormente. Reutilização da água, Materiais recicláveis, Energia renovável e Resíduos sólidos que são o plástico

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Ao ser questionado sobre quais as práticas adotadas pela gestão, um dos entrevistados relatou que, devido ao treinamento, o trabalho é realizado embasado no programa Planet 21 na academia online de capacitação do hotel. As práticas elencadas são utilizadas pela gestão e por ser norma da rede de hote-

laria com a prática de rascunho sendo bem presente.

Ao fazer uma análise, foi percebido um tom de descontentamento com relação às dificuldades em adquirir produtos sustentáveis e biodegradáveis (Foto 9 e 10). Quando eles, finalmente, encontram um fornecimento, logo é interrompido pela falta de continuidade das empresas fornecedoras, o que ocasiona a não continuação da manutenção, e isso reflete na compra fora do mercado roraimense.

A pandemia também é um fator que implica na reorganização das práticas sustentáveis no hotel, conforme relata o entrevistado **A**. Isso faz lembrar sobre a obra **Turismo e COVID-19: algumas reflexões**, de Beni (2020, online), que, ao se referir ao turismo, diz que é “mais do que qualquer outro setor da economia, apresenta uma característica de extrema sensibilidade a toda alteração situacional [...] que comprometem a saúde pública, como o recente surto do COVID-19”, que fez modificar toda a estrutura e organização da gestão com relação às práticas sustentáveis.

Foto 9 – Sabonete E. biodegradável



Fonte: autora, 2021.

Foto 10 – Xampu E. biodegradável



Fonte: autora, 2021.

A normativa NBR 15401 acrescenta que “um aspecto da sustentabilidade é aquele que tem ou pode ter um impacto significativo [...] são exemplos de aspectos da sustentabilidade [...] embalagens recicláveis [...] etc.” (ABNT,2006, p.16). É exatamente o que a empresa demonstra em seu trabalho com os fornecedores.

Quadro 8 – A realização das práticas sustentáveis

7. Como são realizadas as práticas sustentáveis no seu hotel?	
Entrevistado	Respostas pergunta 7
A	Reutilização de água e energia solar tem um sistema cada. Na reutilização de água capta a água da chuva; e aí, ela vai para um poço/tanque e a gente tem um sistema que se chama E.T.A. (Equipamento de Tratamento de Água) que é um equipamento que trata essa água com produtos químicos (Foto 6). O da luz são as placas solares (Foto 1 e 2) e do plástico e reciclagem do lixo é a equipe que, tem que está de fato treinada, a gente [sic] tem que acompanhar eles, tem que entender que isso é importante, isso é humano, são as pessoas, é você treinar as pessoas.
B	Da forma da placa solar que eu falei (Foto 1 e 2), o reuso da água no vaso sanitário, os produtos recicláveis e o biodegradável (Foto 9 e 10) que estamos implantando atualmente também na hotelaria e eu acredito que sim. Hoje na nossa lavanderia uma máquina que ela é altamente econômica tanto para água quanto para produtos. Tudo é dosado, tudo medido para que não tenha nenhum tipo de desperdício

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

As práticas sustentáveis são bem presentes no hotel da zona norte de Boa Vista/RR. O sujeito da pesquisa **B** fala da escolha em adquirir equipamentos que auxiliem na economia. Já o entrevistado **A**, ao abordar sobre a equipe que está bem treinada e consciente, tende a despertar o que diz a normativa NBR 15401 no capítulo 4 sobre Sistema de Gestão da Sustentabilidade, no item 4.4.6, que se volta para a competência, conscientização e treinamento, destacando que os gestores devem:

Assegurar-se de que o seu pessoal está consciente quanto à pertinência e importância de suas atividades, de como elas contribuem para atingir os objetivos da sustentabilidade, das potenciais consequências da inobservância de procedimentos operacionais especificados e dos impactos ambientais, socioculturais ou econômicos significativos, reais ou potenciais, de suas atividades e dos benefícios resultantes da melhoria do seu desempenho pessoal; [...] recomenda-se que o empreendimento considere no planejamento das iniciativas de treinamento ações como treinamento no local de trabalho, tutoria e outras que encorajem o aprendizado continuado. (ABNT NBR 15401, 2006, p. 20).

É fato que de nada adianta ter um excelente equipamento para ajudar na sustentabilidade se a gestão não prepara a equipe para trabalhar e cuidar do meio ambiente de forma consciente. E isso não só porque é uma obrigação, mas porque deve seguir as exigências da empresa internacionalmente e,

principalmente, o que é citado no princípio 1 sobre o respeito a legislação local e no princípio 2, que garante os direitos das populações locais, ao “promover mecanismos e ações de responsabilidade social, ambiental e de equidade econômica, inclusive a defesa dos direitos humanos e de uso da terra, mantendo ou ampliando, a médio e longo prazos, a dignidade dos trabalhadores e comunidades envolvidas” (ABNT NBR 15401, 2006, p. 20).

Quadro 9 – Contribuição para o desenvolvimento sustentável em Boa Vista-RR

8. Você acredita que essas práticas realizadas contribuem para o desenvolvimento sustentável de Boa Vista-RR?	
Entrevistado	Respostas pergunta 8
A	<p>Contribui, mas desde que o governo também comece a trabalhar em cima disso; é como eu falei, o lixo é um exemplo bem clássico quando se fala de sustentabilidade e assim, tem outra coisa que a gente trabalha na sustentabilidade que é a inserção dentro do nosso trabalho da comunidade é por exemplo, ter menos impacto possível aonde a gente [sic] está inserido e; o que é sustentabilidade pra gente? É a gente impactar o mínimo possível na comunidade que a gente [sic] está inserido. Então assim, eu sinto falta por exemplo do governo incentivar mais as questões indígenas do estado, vou dá um exemplo: as vezes a gente recebe uma pessoa de fora e falam queria muito levar uma coisa daqui você sabe me dizer aonde a gente consegue encontrar essas pessoas que trabalham com artesanato indígena, por exemplo? Eu conheço só um lugar porque não tem muito incentivo, tem subsídio. O governa dá subsídio: subsídio para a população indígena, dá subsídio para os [...], dá subsídio para o baixa-renda, dá subsídio para... enfim. Mas incentivo? Falta. Isso é um exemplo, então assim, a gente pode até trabalhar, eu já tentei promover por exemplo aqui dentro do hotel uma feira com a comunidade, mas foi muito difícil porque a gente [sic] não consegue acesso a essas pessoas [...] mas para eu chegar nessa população indígena pode parecer que isso seja uma forma de promover o hotel ou de promover algo midiático [...] e na verdade a gente não tem alguém que eu possa chegar lá e falar assim, por exemplo: - P. você que trabalha com as comunidades você pode me ajudar? Fazer a socialização de base, né. [sic] P. Consegue me apresentar pessoas que façam, que trabalham com artesanato que queiram e que tenham interesse em divulgar o trabalho, porque o trabalho indígena é muito artesanal e muito bonito, mas dificilmente você consegue encontrar. Aqui tem no aeroporto e numa loja pequena. E aí? Dá pra fazer? Dá, porque onde a sustentabilidade já atinge o humano ela é mais importante, eu acho. É um conceito meu, do que separar lixo por exemplo, porque se você trabalha com as pessoas, se você trabalha o desenvolvimento delas, desenvolvimento como pessoas, enfim... você consegue atingir outro nível do que você ensinar elas a separar por exemplo, papel, plástico, metal ... às vezes é meio intuitivo você colocar uma lixeira com várias cores [...] todo mundo sabe que tem que enfiar o “negócio” na cor que é o vidro, na cor... enfim. Mas é um conceito meu, mas assim falta os governos ter um pouco mais de visão com relação, principalmente nessa área de pessoas.</p>

B	Com toda certeza é... embora o município não tenha coleta seletiva não tenha um tipo de reutilização do lixo ou qualquer coisa que a sociedade pode reaproveitar, o hotel ele com certeza ajuda muito nesse seguimento, tanto para reutilização quanto pra [sic] evitar o máximo de uso de plástico no meio ambiente no descarte. Os hóspedes nos ajudam o governo não, e o que falta ainda pra ter um histórico ou alguma coisa assim de sustentabilidade local é a iniciativa pública, hoje se você quer ter alguma coisa... de sustentabilidade você tem que iniciar e investir com o teu dinheiro com tudo que vem do setor privado. O governo não dá nenhum apoio.
----------	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Os entrevistados concordam que as práticas sustentáveis contribuem para o desenvolvimento sustentável, especificamente em Boa Vista/RR. O referencial teórico desta pesquisa aborda a expressão de desenvolvimento sustentável que vem tomando força não só nas comunidades como nas organizações.

Swarbrooke (2000, p.72) ao se voltar para as primeiras vezes em que se usou a expressão desenvolvimento sustentável, nos anos 60, afirma que se tratou de uma questão relevante no pós-guerra e que, à medida que alguns continentes adquiriam sua independência:

[...] estavam decididos a preencher a lacuna de riquezas entre seus países e as nações desenvolvidas. Alguns deles tomavam uma perspectiva puramente a curto prazo e partiram para a exploração de seus recursos naturais com vistas a um lucro imediato. Outros tentavam partir de uma perspectiva a longo prazo e discutiam sobre como o desenvolvimento poderia acontecer de uma maneira mais sustentável (SWARBROOKE, 2000, p.72).

O desabafo dos entrevistados **A** e **B** com a falta de apoio dos nossos governantes é visível e compreensível, considerando que passam a não se ter um acesso e/ou facilidade de falar com atores locais e comunidade local para a Sociocultura. Vê-se o que diz a normativa a esse respeito no capítulo 6 - Requisitos Socioculturais para o Turismo Sustentável, subtítulo 6.1 - Comunidades Locais, no item 6.1.1:

O empreendimento deve se engajar em ações ou iniciativas voluntárias promovidas por organizações comunitárias, governamentais ou não governamentais, que tenham o objetivo de contribuir com o desenvolvimento das comunidades locais. (ABNT NBR 15401, 2006, p. .9).

Quanto aos estímulos às atividades complementares às operações do

empreendimento, a NBR 15401:2006, no item 6.2.2, diz que:

O empreendimento deve incentivar a venda de artesanatos e produtos típicos (inclusive culinários) da região, fornecidos por pessoas das comunidades, no empreendimento ou nas próprias comunidades locais, valorizando e promovendo a interação entre o cliente e o artesão. Pode ser conveniente que o empreendimento estimule o resgate de técnicas artesanais ligadas à cultura local. (ABNT NBR 15401, 2006, p. 9).

Quando o entrevistado **B** cita que os “hóspedes ajudam e o governo não”, tem a atenção voltada ao estabelecimento do planejamento e da gestão responsável, indicada no princípio 7, que diz:

O turismo deve estabelecer procedimentos éticos de negócio, visando engajar a responsabilidade social, econômica, ambiental de todos os integrantes da atividade, incrementando o comprometimento do seu pessoal, fornecedores e turistas, em assuntos de sustentabilidade, desde a elaboração de sua missão, objetivos, estratégicos, metas, planos e processos de gestão. (ABNT NBR 15401, 2006, p. 5).

Isso faz entender que a gestão executa o trabalho interno e luta para que, pelo menos, tenham apoio externo para prosseguir com a sistematização e as atividades de cunho sustentável, as quais sabe-se que é um trabalho que envolve a todos.

Quadro 10 – Transmissão de conhecimento aos colaboradores

9. De que forma vocês como gestores aprendem e transmitem aos colaboradores?	
Entrevistado	Respostas pergunta 9
A	Tem o sistema dentro da empresa que é a academia e vai muito do dia a dia você está ali presente para tudo. Claro que nossa finalidade agora é receita, é dinheiro. A gente tem uma empresa por trás, que a gente [sic] presta contas para eles, né [sic] e que a finalidade maior é dinheiro, mas tem que equilibrar isso dentro de cada empresa, acreditar muito nisso que essas práticas elas vão dá certo, que elas são tão importantes até para uma economia financeira; 3% de uma conta de energia, [...] que podemos reinvestir em outras coisas dentro do hotel, né? [sic] E fazer com que isso se torne uma prática diária tudo tem que ser aos poucos; assim, se você quiser inserir algo a força para as pessoas elas não vão acreditar naquilo, então tem que fazer com que elas façam isso diariamente no trabalho para que isso se torne rotina por mais que estude, por mais que a gente leia ou faça um curso, a gente [sic] faz online a gente precisa inserir isso no nosso dia a dia

B	Nós temos treinamentos que são marcados pela matriz e pela rede na França e são treinamentos muito por agenda hoje. Ontem, tive treinamento da cozinha, como fazer reutilização, uso e pouco desperdício e evitar o desperdício de alimentos e o descarte dele, devido que daqui a sete dias vai ter treinamento com todos os colaboradores de como evitar uso de papel. Coisas como o uso de rascunho, nós temos hoje uma tarjeta de cartão que ela já é reutilizada (Foto 11 e 12) é anotada a lápis o número do quarto que possa ser apagado e higienizado para ser reaproveitado; enfim, a rede em si dá um suporte grande para os gestores, eles repassam o processo os cursos e tudo que for necessário e o gestor tem que reaplicar isso com a equipe inteira.
----------	---

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Os gestores informam que fazem os treinamentos direcionados pela rede de hotelaria e repassados aos colaboradores, mas que eles aprendem mesmo é no dia a dia, lidando com as situações ocorridas durante as estadias dos hóspedes. Ver como a prática sustentável funciona é uma boa alternativa para entendimento da funcionalidade do hotel e da importância ao meio ambiente e para a economia. Mas que, antes de tudo isso, o curso é feito de forma online no programa de treinamento chamado de *Academia*. Nas fotos 11 e 12 constam a tarjeta reutilizável e higienizada com informações a lápis. Como existem pessoas que esquecem de apagar a luz, essa tarjeta reutilizável, ao ser retirada do local, leva em média até trinta segundos para desligar as lâmpadas ou qualquer outro eletrodoméstico; exceto o frigobar, que deve ser mantido ligado devido os mantimentos perecíveis.

Garantir a qualidade do serviço ou produto de um empreendimento não é uma tarefa fácil. O princípio 6 da NBR 15401:2006 trata exatamente da avaliação e satisfação do turista em verificar o trato e cuidado com o trabalho a ser realizado. Por isso, esse mesmo princípio esclarece que “o turismo deve avaliar a satisfação do turista e verificar a adoção de padrões de higiene, segurança, informação, educação e atendimento estabelecidos, documentados, divulgados e reconhecidos” (ABNT, 2006, p. 6). Além de prestarem um bom atendimento, as empresas devem satisfazer a clientela turística também com informações que agreguem valor na educação ambiental, seguindo com toda a segurança necessária ao seu público interno e externo.

Foto 11 - Tarjeta reutilizável



Fonte: autora, 2021.

Foto 12 - Suporte e a tarjeta reutilizável



Fonte: autora, 2021.

Obs: na figura da lâmpada o informe diz "sou de Led estou cheio de energia solar."

Quadro 11 – As práticas Sustentáveis, os benefícios e os desabafos

10. Quais benefícios o hotel ganhou com as práticas sustentáveis realizadas?	
Entrevistado	Respostas pergunta 10
A	<p>Aqui ainda não muitas, mas a gente vai chegar lá. Mas enfim, dentro da empresa como um todo a gente já conseguiu, por exemplo, [...] tem uma lavanderia própria e a gente ainda não conseguiu mensurar até porque a lavanderia é nova, mas a gente tem dentro dos quartos um informe, de quando haverá lavagem, é um informativo que a gente [sic] deixa para os clientes, por exemplo... se ele não quer que seja lavada a toalha a gente não troca a toalha e isso gera uma economia de água e de energia do próprio produto químico no lençol freático e a gente [...] mensura essa quantidade de toalhas que deixa de lavar e a cada três a empresa investe numa empresa em São Paulo e eles plantam árvores pelo Brasil todo, então um dos retornos é esse. Contribuir com o replantação das árvores principalmente na beira do rio.</p> <p>O hotel em Boa Vista/RR ainda não faz esse trabalho aqui porque normalmente é escolhido a cada ano uma região, e aqui em Roraima a gente ainda não tem o apoio do governo e das entidades para elaborar um trabalho desse por enquanto, vai tudo para fora. Mas é um estado muito novo perto dos outros então, tem bastante coisa pra desenvolver e já desenvolveu bastante é um estado muito promissor e a gente acredita muito aqui nessa região. A dois anos que moro em Boa Vista e sinto diferença que já está começando a desenvolver e muito.</p> <p>Desde as contratações que a gente fez do início pra cá e a prestação de serviço que era uma coisa assim que me preocupava bastante. Por que antes é [...] a prestação de serviços, a gente [sic] tinha muita dificuldade, hoje eu não vejo essa dificuldade nem pra contratar [...] a gente abria vaga e havia demora para contratar para achar uma pessoa bem qualificada, mas, com o perfil que a gente [sic] acreditasse que fosse oficial para atendimento, porque o estado não tem muito essa cultura de prestação de serviços de trabalhar final de semana. A grande maioria trabalha de segunda a sexta as vezes até meio expediente, então assim, é um pouquinho mais difícil; [...] mas as coisas foram mudando [...] a necessidade vai ensinando as pessoas que elas precisam mudar, enfim uma série de outras coisas que vão mudando.</p> <p>As pessoas começaram realmente a perceber e a gente [...] caminha para mudança principalmente no mercado de trabalho. Já passou um pouco essa ideia mesmo de segunda a sexta. Assim começa a ter mais restaurantes que funcione final de semana. Agora a cidade tem restaurantes e bares que funcionam diferente do tradicional.</p> <p>E a pandemia causou um impacto grande aqui também atingindo a sustentabilidade, porque tinha um planejamento para as práticas sustentáveis e com a pandemia tiveram que dá uma parada, um passo para trás a pandemia acabou atrapalhando o planejamento, a forma de gerenciar também os colaboradores, porque a gente [sic] teve que ter um foco maior em outras coisas como higienização, cuidado com o colaborador na questão de contágio e a gente vai aprendendo também, pra gente não é fácil está de máscara todo dia e isso continua sendo uma dificuldade e não fazia parte do nosso dia a dia.</p>

A

Para os clientes também isso é uma questão difícil a gente tem muita preocupação com o contágio não só entre nossos clientes como também nossos colaboradores que estão aqui diariamente.

Então, a gente [...] teve que mudar as nossas preocupações pra [sic]: como é que a gente vai adequar a nossa operação se a gente [...] precisa continuar trabalhando, precisa continuar com o hotel atendendo o cliente atendendo as pessoas que é o maior problema, essa interação entre as pessoas, devido a quantidade de contágio e aí a gente parou... a gente [sic] ficou um tempo com o hotel fechado e fomos sentar. Como é que a gente faz? A gente [sic] sempre fazia de um forma mas agora, precisa mudar e aí a gente [...] foi procurar a estudar e a adequar nossa operação para tudo isso assim ... para ter cuidado: como que uma camareira vai limpar o quarto? Onde o risco de contágio seja o mínimo e como a recepção vai atender cento e poucas pessoas por dia com o mínimo também de contato, com risco baixo de contágio, enfim...a gente teve que mudar nossas preocupações pra isso, são cento e seis apartamentos a capacidade máxima de pessoas no hotel são duzentos e vinte uma pessoas fora os colaboradores. Sendo vinte e seis colaboradores trabalhando os três turnos.

A gente tem que pensar muito em questão de estrutura, agora a gente tá mais parecido do que era com a nossa operação antes da pandemia. A gente [sic] foi aprendendo, mas em 2020 a gente teve que mudar e assim, mudanças que atingia cliente e ele também teve que se adaptar. Não só a gente o cliente também teve que se adaptar a bastante coisa a não ter serviço de limpeza todo dia por exemplo, a gente teve que restringir essa preocupação que acaba não podendo entrar toda hora no apartamento, restringimos o serviço de alimentação tivemos que ter somente três refeições, café da manhã, almoço e jantar hoje só temos o café da manhã e chegou o momento que a gente não tinha nem o café da manhã. Era tudo servido "empratado" tudo descartável e aí a gente [sic] foi adequando agora a gente aprendeu a trabalhar de uma outra forma e assim vai evoluindo.

A gente teve que adequar a nossa casa a criar hábitos que muitas vezes a gente até sabia que eles eram importantes, mas que não praticava, né [sic]. Higienizar os produtos do supermercado, né [sic]. Trocar de roupa assim que chega em casa, e isso na verdade, são hábitos que a gente deveria mas... que a gente não tinha porque a gente não tinha uma necessidade disso, né. [sic] A gente não imaginava que alguém poderia morrer só da gente entrar com a mesma roupa dentro de casa. E são necessidades que a gente [sic] vai aprendendo ao longo da vida, né!? [sic]

A impressão na pandemia que o hotel está vazio e é ... a gente sentiu bastante. Agora nem tanto, porque as coisas estão um pouquinho mais ... essa semana não, mas teve uma flexibilização, mas a gente chegou a tirar os móveis para que os clientes não pudessem sentar e entenderem que quando os clientes estivessem no hotel eles tinham que está dentro do quarto deles sem muita interação.

Automaticamente, tivemos que lidar com as pessoas que não queriam ficar pressas nos apartamentos, aí vem a questão da consciência, vêm a sensibilização, né. [sic] de tentar sensibilizar as pessoas que estão aqui que é importante sim que não é a casa deles que é um lugar de alta circulação e em casa precisamos ter o mesmo cuidado enfim... trabalhar em um hotel é trabalhar em uma casa grande.

B

Hoje não mais, foi o reconhecimento do cliente. Se o cliente se hospeda no hotel ele conhece, ele sabe que o hotel trabalha com a sustentabilidade e preservação do meio ambiente. Tanto é, que dentro do programa Planet 21 se você colocar no seu quarto que você não quer que lave ou troque essa toalha você vai usar no dia seguinte; a rede hoteleira - não aqui no Brasil - não implantaram ainda, mas fora... eles têm uma ideia de plantar uma árvore. Eles dão uma semente para o cliente ou o cliente pode levar para ele aquela semente e poder plantar, podendo indicar alguma organização não-governamental para fazer esse plantio. Então basicamente: não troque sua toalha, não gaste água e plante uma árvore. Fora o reconhecimento, todo o retorno financeiro que é bem grande; imagina você ter que aquecer a sua água por placa solar e não ter que usar energia que é bem mais cara aqui na cidade, a reutilização da água que hoje você paga 80% de esgoto. Então se sua conta for R\$ 10.000,00 reais de água, R\$ 8.000,00 a mais é de esgoto.

Então, se você for pagar dez a mais que oito, você vai pagar R\$ 18.000,00 de conta de água. Então com essa reutilização a gente já tem uma diminuição. Nós estamos pagando cerca de 15% a 20% de água a menos que pagávamos antes, a mesma coisa com a luz. A luz as vezes temos picos de aumento, antes de ter colocado a placa solar, porque são cento e seis apartamentos então são cento e seis chuveiros que iam ser ligados na eletricidade, hoje não mais.

A pandemia mexeu muito e tivemos que fechar o hotel por quase três meses entre abril e meados de maio onde o hotel abriu novamente, mas o hotel foi tratado, foi evitado até o uso de água... tanto para molhar as plantas e como não tinha ninguém, nossas luzes que são de led economizou mais e tudo foi pensado nesse retorno sustentável pra [sic] evitar o gasto financeiro e uma boa qualidade e conforto para o cliente.

Temos preocupação com os clientes com necessidades especiais (Foto 13 e 14) temos seis apartamentos no hotel para pessoas com necessidades especiais e o quarto é todo adaptado com cama mais baixa, banheiro mais amplo, o quarto é duas vezes maior que o quarto padrão para o hóspede e então temos todo esse cuidado tanto para pessoas com necessidades quanto para idosos para facilitar a locomoção dentro do apartamento.

Na pandemia para evitar a circulação de pessoas, assim que retornamos, nós adotamos algumas medidas como o café da manhã Take Way - alimentos que não são consumidos no local indicado, exemplo o restaurante - sendo servido no quarto montado para viagem, e o hóspede tirava no balcão e levava para o apartamento dele. Ele deixava numa mesinha fora e a camareira ia lá ou o pessoal do A e B (Alimentos e Bebidas) iam lá e retiravam com luvas e medidas de higienização e tudo foi pensado no cuidado com o cliente.

A pandemia não chegou atrapalhar as medidas de proteção com relação as práticas sustentáveis, porque o hotel fechou e não tinha receita para poder manter o hotel; porque é caro para se manter e no retorno não atrapalhou muito. O saco que tínhamos para colocar o kit era um saco de papel bem fininho então ele se desmancha ele é reutilizável, não foi usado sacola, a única coisa que alterou foi o uso de plásticos para embalar os alimentos então tudo que mandávamos para o cliente era embalado.

Aumentou a receita mais ou menos dois mil reais por mês; não foi muita coisa, então o uso de insulfilme e tudo que tínhamos que comprar era fracionado, a granola, o biscoito era individual o que aumentou foi o custo. Tivemos que pensar em muitos detalhes e recuar em algumas coisas a gestão que foi planejada foi reprogramada.

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

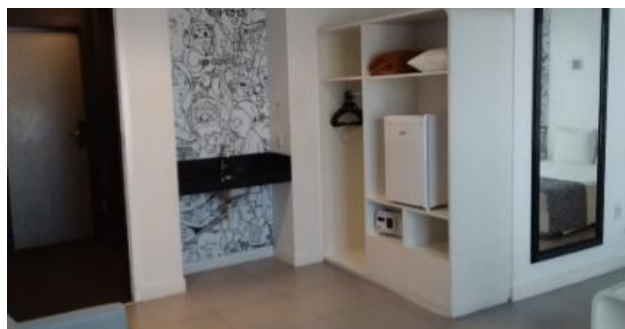
Nesta última pergunta do quadro 11, foi impossível interromper os entrevistados. Notaram-se algumas divergências com relação ao programa “economize e plante uma árvore”, mas ocorreu concordância de que as práticas sustentáveis do hotel trouxeram benefícios. Atento a isso, o que mais chamou a atenção, além das expressões, foram o desabafo e o misto de sentimentos com relação a tudo isso que se está vivenciando e o que se pode fazer para manter um meio ambiente sustentável com as ações humanas, atitudes perante a mudança planetária de um vírus poderoso que levou a óbito muitos amigos, parentes, conhecidos e familiares próximos. O trabalho que cada um faz, interfere na sociedade em diferentes esferas, localidades e comunidades e ainda temos o dever de nos importarmos com aqueles que necessitam de ajuda para locomoção, assim como nossos portadores de necessidades especiais (PNE) e a terceira idade, como mostram as fotos a seguir.

Foto 13 - Cama PNE.



Fonte: autora, 2021.

Foto 14 - frigobar e guarda-roupa PNE.



Fonte: autora, 2021.

A cama é baixa, para que os cadeirantes possam se acomodar e para alguns idosos, que preferem cama baixa para facilitar na hora de sentar e em seguida deitar. O frigobar fica na altura dos PNE, assim também como o guarda-roupa, além da pia, localizada próximo a eles.

Foto 15 - Pia PNE com aquecimento.



Fonte: autora, 2021.

Foto 16 – sanitário PNE com acessibilidade



Fonte: autora, 2021.

A pia está identificada com indicativo de água aquecida em vermelho por meio das placas solares e na cor azul, indicativo de água fria. As barras auxiliares ajudam tanto a terceira idade como os portadores de necessidades especiais.

Foto 17 - Elevadores com distanciamento



Fonte: autora, 2021.

Foto 18 - Identificação nas lâmpadas



Fonte: autora, 2021.

O cuidado com a pandemia e higienização continua. Por isso, a importância de se manter distante um do outro, mesmo no elevador. O elevador (foto 17) tem capacidade para oito pessoas, mas, conforme protocolos internacionais, o empreendimento hoteleiro manteve a marcação no chão do elevador para uma capacidade de no máximo quatro pessoas. O mais interessante são os hóspedes respeitando o limite estabelecido, o qual foi presenciado pela pesquisadora. Já na foto 18, foi percebido durante a visita que, em todas as tomadas, há o lembrete de energia solar com lâmpadas de led. Assim, os corredores do hotel acendem conforme a presença de pessoas por meio de sensores para ajudar na economia de energia.

A pesquisa, em si, fez entender a importância das práticas sustentáveis apresentadas pelo hotel, as quais respondem a problemática dessa pesquisa. Além de ter as práticas sustentáveis, o trabalho é realizado mesmo diante de obstáculos. A sustentabilidade trabalhada no hotel com os colaboradores, gestores e hóspedes leva a perceber que é possível um trabalho desse no estado de Roraima, ainda que sejam de forma humilde, a chegar a uma estrutura tão valiosa, como a apresentada nesta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, identificou-se, por meio de coleta de dados em entrevista-semiestruturada, a execução das práticas sustentáveis em um hotel na zona norte do município Boa Vista/RR em cumprir com os princípios da Normativa NBR 15401:2006. O trabalho realizado por esse hotel poderia ser mais intensificado se essas práticas dependessem não somente da administração do hotel, mas também das entidades públicas, Governo do Estado de Roraima e Prefeitura de Boa Vista, que não deram sequência ao planejamento de sustentabilidade desde o ano de 2020.

O mercado, para ser aberto de forma primordial na área do turismo, não basta oferecer somente hotel. Precisa apresentar estrutura local desde a saída do aeroporto com a chegada de voos com mais de cem passageiros e que conta com no máximo seis táxis para deslocamento.

O aeroporto de Roraima é de cunho internacional, o que poderia atender os países fronteiriços. O estado, por ser de fronteira, tem um aeroporto com estrutura pequena, não apresenta estrutura de alfândega, não tem estrutura de imigração e apresenta limitação de voos de horários limitados. Mas, o estado tem muito potencial que não é desenvolvido e aproveitado.

E, ainda sim, um estado pequeno como Roraima consegue apresentar receita muito grande pela estrutura que apresenta. Isso foi confirmado pelos gestores do hotel. Há poucos habitantes em relação a outros lugares do Brasil e consegue gerar uma receita às vezes superior a outros municípios pela qualidade de pessoas e pela renda per capita da população.

Sobre a prestação de serviços, ainda é muito deficiente nas várias áreas,

que vão desde: taxistas, motoristas de aplicativos, restaurantes, hotelaria, etc. A missão é fazer com que as pessoas possam voltar para apreciar o turismo de lazer, aventura e de negócio. O turismo de pesca ainda é o que predomina no estado, é muito explorado, como citam trabalhos científicos, como os de Vitória e Viana (2016) e Dinelli (2017).

O estado tem visão que deve ser trabalhada, aprendendo com os erros e acertos, governos e entidades privadas. Aproveitar que em Roraima as entidades são, na visão dos gestores, presentes. Saber a quem recorrer é de tamanha relevância para resolução de problema.

Com o devido apoio das entidades públicas, acrescentaria uma relevância social não só para hóspedes, gestores e colaboradores, mas para a sociedade em saber que em Boa Vista existe uma prática sustentável que pode servir de exemplo e estímulo ao empresariado roraimense que não procura e, às vezes, não tem contato com essa realidade que já existe na cidade.

A curiosidade da pesquisadora em saber se existiria ao menos um empreendimento no estado que envolvesse as práticas sustentáveis foi de tamanha relevância que levou o estudo apresentado a trazer a sociedade, por meio deste artigo, o trabalho ali desenvolvido, como reutilização da água e da chuva, o trabalho com materiais recicláveis, energia renovável e resíduos sólidos, além de todo o equipamento que auxilia no trabalho sustentável, porém levando em consideração os treinamentos ocorridos em meio a uma pandemia.

Com os resultados obtidos no hotel pesquisado, ao serem listados e analisados sobre as práticas sustentáveis desenvolvidas no hotel, pôde-se fazer um comparativo com a NBR 15401:2006 e, assim, permitiu-se analisar se as práticas sustentáveis estão em consonância com a normatização da Associação Brasileira de Normas Técnicas, a ABNT.

O cumprimento dessa normativa é na medida do possível apresentado pela NBR 15401:2006 e seus princípios, destacando, principalmente, o estabelecimento do planejamento e a gestão responsável com seus colaboradores, fornecedores, turistas, hóspedes, etc. Além de garantir a qualidade dos produtos, processos e atitudes, avaliando a satisfação e adoção de padrões e protocolos sanitários da Organização Mundial da Saúde (OMS), higiene, segurança,

informações, trabalhando especialmente a educação ambiental.

A rede de hotelaria na região norte é tida como forte no mercado. Os empreendedores de hotelaria, ao abraçarem o estado de Roraima, tiveram uma impressão muito boa ao se surpreenderem com um impacto positivo, apesar do estado ser pequeno em relação a quantidade de hotéis, o que fez entender que o mercado ainda seja fechado.

Nas demais regiões brasileiras, por outro lado, os empresários se unem para melhorias até mesmo sustentável. Em Roraima, há uma falha de interesses por grande parte dos grupos empresariais no estado em resolver essas problemáticas sobre práticas sustentáveis. Talvez não somente a falta de apoio do governo e prefeitura em colaborar para a execução de práticas sustentáveis ao não promover um trabalho sustentável e nem de forma mais completa, mas sim o não interesse de muitos empresários de procurarem e trabalharem a sustentabilidade dentro de suas empresas.

O trabalho sustentável traria a eles visibilidade empresarial, atrairia a clientela com o trabalho ambiental responsável e impactaria o resultado na economia e receita. A questão da biossegurança não pode ser um fator de segundo plano. O que vivemos não é mais algo para o futuro. Com a globalização, a circulação de pessoas é cada vez mais intensa no mundo todo, e a essa interação agrega-se a área do turismo.

Já não se vê fronteiras para diversas especialidades e, principalmente, para agentes químicos, biológicos e afins. A pandemia ocasionada por um vírus mortal é o grande retrato de tudo isso. E o mais alarmante é a consequência de não trabalharem a sustentabilidade, assim como outros assuntos tão importantes, tais como: a saúde, segurança, educação, o turismo entre outros. Ao citá-los, percebemos a relação que eles juntos podem provocar se as pessoas, incluindo os governantes e suas políticas públicas, não se conscientizarem e trabalharem em prol do meio ambiente, que continuará respondendo de maneira devastadora. Mas ainda temos pessoas e instituições preocupadas em apresentar ao mundo pesquisas relevantes à sociedade em geral.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) tem uma parcela no desenvolvimento na área do turismo e no desenvolvimen-

to sustentável, pois um de seus gestores no empreendimento hoteleiro é formado pela renomada instituição. Apresentou-se de forma elegante em suas respostas e explicações acerca do tema estudado na pesquisa e ficou muito radiante em poder contribuir nos questionamentos da autora.

Pesquisas sobre práticas sustentáveis devem ser estudadas e analisadas para acompanhamento das evoluções de um desenvolvimento sustentável na esperança de que sejam trabalhos puramente positivos ou pesquisas que possam agregar conhecimento para melhorar ainda mais o trabalho sobre meio ambiente, englobando, claro, a natureza e sua biodiversidade e o tripé que envolve a economia, o social e, principalmente, o ambiental.

REFERÊNCIAS

ACCOR. Disponível em: <https://all.accor.com.pt-br/brands/index.shtml>. Acesso em: 29 set. 2020.

ACCOR. Disponível em: <https://ibis.accor.com/pt-br/country/hoteis-brasil-pbr.shtml>. Acesso em: 29 set. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 15401**: Meios de Hospedagem – Sistema de gestão sustentável – Requisitos. Número de referência ABNT 15401:2006. Rio de Janeiro: sede da ABNT, 2006. 22 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 1988, com as alterações anotadas pelas emendas constitucionais nº 1/92 a 44/2004. Edição de 2018 de 30 anos da constituição da cidadania. Brasília, DF: Senado Federal, 2018.

BENI, Mário Carlos (2020). Turismo e COVID-19: algumas reflexões. **Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3, Especial COVID-19. Disponível em: <http://dx.doi.org/1018226/21789061.v12i3a02>. Acesso em: ago. 2021

BENI, Mário Carlos. (2003). Como Certificar o Turismo Sustentável? **Revista Turismo em Análise**, v. 14, n. 2, p. 5-16. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984.v14i2p5-16>. Acesso em: ago. 2021.

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica: da teoria à prática** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). **Estudos em Turismo: turismo e sustentabilidade**. Rio de Janeiro, RJ: editora, 2014.

DINELI, L. C. F. **O turismo de pesca esportiva na região do baixo Rio Branco-RR é sustentável?** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Turismo) - Instituto Federal de Roraima, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rr.html>. Acesso em: 11 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/mapas/GEIS%20-%20RJ/map10177.pdf>. Acesso em: 11 set. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE RORAIMA (IFRR). **Manual de normas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Comissão elaboradora. Michel Grunspan (presidente); Renata Ticianeli et al. Boa Vista, 2013, p. 84.

MUNDO DAS MARCAS. Disponível em: <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2009/04/inis-hotel.html>. Acesso em: 29 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO-OMT. **Código Mundial de Ética no Turismo**. Madrid. OMT, 1999. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/home/programas/Imagens_programas_home/VersoFinalAERI.pdf. Acesso: março de 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de Freitas. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. ISO 9000: caminho para a qualidade total? **Revista de Administração**, São Paulo, rausp.usp.br, 1994.

SAFADI, Marcelo; SAFADI, Sandro. **Manual de sustentabilidade para os pequenos meios de hospedagem**. Associação Brasileira da Indústria de Hotéis. Brasília, 2011.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE).

Meios de Hospedagem: sistema de gestão da sustentabilidade / Associação Brasileira de Normas Técnicas, O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Rio de Janeiro: ABNT; SEBRAE, 2012.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Sustentabilidade para os pequenos negócios.** Disponível em: https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/sustentabilidade-para-os-pequenos-negocios,b6_ad6ca28e87510VgnVCM1000004c00210aRCRD. Acesso em: 29 set. 2020.

SWARBROOKE, Jhon. **Turismo Sustentável:** conceitos e impacto ambiental. V, 1. São Paulo: Editora Aleph, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Manual de Norma para Apresentação dos Trabalhos Técnicos Científicos da UFRR.** Biblioteca Central. Coordenadora Presidente Keyla Rebouças Soares da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Agrárias. 3 ed. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

VITÓRIO, L. S.; VIANA, L. S. G. Turismo de base comunitária: análise quanto às interferências do turismo de pesca no baixo Rio Branco, Roraima, Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 2, p.126-49, ago. 2016.



A DESTINAÇÃO ADEQUADA AOS RESÍDUOS SÓLIDOS PARA A CONSERVAÇÃO DE ATRATIVOS TURÍSTICOS SUSTENTÁVEIS: O CASO TEPEQUÉM - AMAJARI- RORAIMA

Loyane de Moura Sousa¹
Karla Cristina Damasceno de Oliveira²

RESUMO

Nos últimos anos, a atividade turística no Brasil vem apresentando alto crescimento, no entanto, para o desenvolvimento deste segmento, muitas vezes, faz-se a utilização de recursos naturais, principalmente no turismo de aventura e ecoturismo. Roraima é rico em potencialidades turísticas, lugar que abriga a Serra do Tepequém, um atrativo natural que devemos proteger para as gerações futuras, pois, à medida que a região é visitada, desperta-se preocupação por sua taxa de utilização sem controle. Esta pesquisa buscou responder ao seguinte questionamento: Quais os impactos ambientais ocasionados por visitantes e moradores nos principais atrativos na Serra de Tepequém? Com objetivo de identificar os impactos ambientais ocasionados pelo descarte de resíduos sólidos por visitantes e moradores nos principais atrativos turísticos da Serra do Tepequém no município de Amajari/RR, com o intuito de propor instrumentos para atenuar as consequências provocadas por estes resíduos na localidade. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter explicativo com o uso da técnica Snowball, desenvolvida a partir da aplicação de entrevistas aos universos, moradores, empresários, guias locais, prefeitura, utilizando-se de questionário via google forms aos turistas. Nota-se que a destinação correta dos resíduos sólidos é de suma importância para a preservação de atrativos turísticos, visto que o descarte inadequado de lixo pode acarretar

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. Bacharel em Administração – UFRR. E-mail: loyanesousamoura@gmail.com

2 Doutora e Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Docente no Instituto Federal de Roraima - IFRR. E-mail: karla.oliveira@ifrr.edu.br.

na contaminação do solo, do ar e da água, portanto, recomenda-se a aplicabilidade da educação ambiental e a logística reversa, instrumentos da Política Nacional dos Resíduos Sólidos.

Palavras-chave: Resíduos sólidos. Turismo. Sustentabilidade. Atrativos turísticos. Tepequém.

ABSTRACT

In recent years, tourism activity in Brazil has shown high growth, however, for the development of this segment, natural resources are often used, mainly in adventure tourism and ecotourism. Roraima is rich in tourist potential, a place which houses the Serra do Tepequém, a natural attraction that we must protect for future generations, because, as the region is visited, there is concern about its rate of use without control. This research sought to answer the following question: What are the environmental impacts caused by visitors and residents in the main attractions in Serra de Tepequém? Aiming to identify the environmental impacts caused by the disposal of solid waste by visitors and residents in the main tourist attractions of Serra do Tepequém in the municipality of Amajari/RR, in order to propose instruments to mitigate the consequences caused by this waste in the locality. This is a qualitative research, with an explanatory character using the Snowball technique, developed from the application of interviews to universes, residents, entrepreneurs, local guides, city hall, using a questionnaire via Google forms to tourists. It is noted that the correct disposal of solid waste is of paramount importance for the preservation of tourist attractions, since the improper disposal of garbage can lead to contamination of the soil, air and water, therefore, the applicability of education is recommended environmental and reverse logistics, instruments of the National Solid Waste Policy.

Keywords: Solid Waste. Tourism. Sustainability. Tourist attractions. Tepequem.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Turismo colaborou de forma significativa para expansão da economia, influenciando predominantemente os serviços de hospedagem, alimentação, transporte e eventos. Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) aponta que essa prática vem gerando mais empregos e faturamento, tanto que no ano de 2019, o segmento arrecadou mais de 136 bilhões de reais no país, em decorrência da diversidade dos atrativos e de programas de incentivo como o Inves-

te Turismo (PORTAL BRASILEIRO DE TURISMO, 2019).

Segundo o site Roraima em Foco (2020), o estado de Roraima vem acompanhando o crescimento do setor. Porém, com o desenvolvimento e o fluxo constante de pessoas, as quais utilizam-se dos recursos naturais, os atrativos vão sendo degradados, sobretudo em decorrência da elevada quantidade de lixo gerada pelos visitantes e moradores (PIRES, 2006). Os resíduos gerados pelos praticantes de turismo e habitantes em áreas naturais motivam preocupação em virtude aos impactos ambientais, que, caso não sejam controlados, podem ensejar poluição e contaminação de cursos de água; poluição atmosférica, visual e sonora; desmatamento, distúrbios à vida selvagem e perda de biodiversidade (FANDÉ; PEREIRA, 2014).

O Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil (2019), publicado pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE), indica que, aproximadamente, 6,3 milhões de toneladas de lixo ainda não são sequer coletadas no país e que 40% do lixo são coletados, ou seja, 29,5 milhões de toneladas são descartadas em lixões³ ou aterros⁴ sanitários que não possuem sistemas e medidas necessários para proteção do meio ambiente contra danos e degradações. Dessa maneira, é possível ter uma noção da gravidade dos danos causados por esses resíduos graças ao descarte de forma inapropriada, o qual acarreta prejuízos às pessoas, bem como à fauna, à flora e ao meio ambiente.

Os dados obtidos através do Departamento de Turismo de Roraima (DETUR), demonstram que a Serra do Tepequém é uma área muito utilizada, devido à proximidade com a capital Boa Vista, principalmente em dias de eventos e feriados, atraindo de cinco a seis mil visitantes, entre turistas locais e de outros lugares do Brasil, despertando preocupação sobre os impactos que isso causará ao meio ambiente.

O interesse por esse tema - o descarte de resíduos e impacto ambiental causado por turistas e moradores - surgiu em razão da leitura do resumo publicado pelo professor Diego Lima, de tema "Ocorrência de lixo em quatro pontos

3 Forma inadequada de disposição final de resíduos sólidos que se caracteriza pela simples descarga do lixo sobre o solo, sem medidas de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública (SANTA CATARINA, 2020).

4 Obra de engenharia projetada sob critérios técnicos, cuja finalidade é garantir a disposição correta dos resíduos sólidos urbanos que não puderam ser reciclados (ECYCLE, 2020).

turísticos na serra do Tepequém, norte do estado de Roraima” , e também do desejo em dar continuidade ao estudo de conclusão do curso de Administração, que foi realizada no ano de 2017, juntamente com o conhecimento crítico que vinha sendo construído a respeito do Turismo e meio ambiente no estado de Roraima no decorrer da especialização em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis, realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRR.

Esses aspectos motivaram a elaboração do projeto e o desenvolvimento desta pesquisa, que buscou responder ao seguinte questionamento: Quais os impactos ambientais ocasionados por visitantes e moradores nos principais atrativos na Serra de Tepequém? O objetivo geral deste trabalho foi o de identificar os impactos ambientais ocasionados pelo descarte de resíduos sólidos por visitantes e moradores nos principais atrativos turísticos da Serra do Tepequém, no município de Amajari/RR, com o intuito de propor instrumentos para atenuar as consequências provocadas por esses resíduos na localidade. Apresenta como objetivos específicos: Levantar informações sobre o tipo de resíduo mais descartado pelos visitantes e moradores nos principais atrativos da região, bem como descobrir como ocorre o tratamento pela gestão municipal; identificar os impactos ambientais causados por estes resíduos; elaborar a Matriz *SWOT* com o intuito de mapear o desenvolvimento do turismo na região.

DESTINOS TURÍSTICOS E A SUSTENTABILIDADE EM CONJUNTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ATRATIVO ECOLOGICAMENTE EQUILIBRADO

O Turismo é uma atividade que se desenvolve com o deslocamento de pessoas, as quais buscam conhecer e explorar lugares, ao passo que acabam por fazer o uso de uma série de serviços de modo que essa prática funcione. Para tanto, faz-se necessária a apropriação de espaços na natureza, transformando-os em lugares de lazer, gerando impactos e consequências futuras para a localidade (RUSCHMANN, 2016).

De acordo com Sousa (2017), essas transformações se aceleraram com o tempo e acabaram causando impactos ambientais. O aludido autor ainda aponta que isso fez com que a sociedade se atentasse às questões ambientais

ao sentir-se ameaçada em função de suas ações contra a natureza. Embora necessário, o crescimento não é garantia de qualidade de vida nem deve ser encarado sempre como positivo, uma vez que pode produzir graves consequências ao meio ambiente, como o esgotamento dos recursos naturais e a poluição (BRASIL, 2008).

Nesse sentido, o tema “sustentabilidade” passou a ser discutido, tornando-se essencialmente importante para a prática de atividades em concomitância com a utilização adequada dos recursos naturais (IPEA, 2010). Com esse viés, Spilki e Naime (2012, p. 14) afirmam que “a sustentabilidade é definida como um planejamento do desenvolvimento que promove o uso racional dos recursos naturais, com a justa repartição dos benefícios alcançados”.

A partir dessa linha de pensamento, o relatório Nosso Futuro Comum, desenvolvido pela Comissão Mundial para o Desenvolvimento e Meio Ambiente (CMM), define o desenvolvimento sustentável como “aquele que atende as necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1987, p. 46).

Considerando que a natureza pode ser o principal atrativo de uma localidade, a sustentabilidade passa a ser um aspecto fundamental para o desenvolvimento sustentável do turismo no país e para a conservação ambiental, com a combinação das dimensões sociais, econômicas e ambientais (COSTA, 2013). Destarte, é possível constatar que o turismo e a sustentabilidade se complementam. Ora, conforme exposto pelos autores, nota-se que o turismo praticado de forma sustentável atende às exigências do turista, ao mesmo tempo em que há o cuidado na preservação e diminuição dos impactos ao meio ambiente.

SERRA DO TEPEQUÉM, LUGAR DE AVENTURAS E PAISAGENS NATURAIS

A Serra do Tepequém é remanescente de uma antiga superfície de erosão, preservada no meio do planalto norte da Amazônia, de solo arenoso e frágil, coberto por uma vegetação rala, formando campos limpos, com inúmeras cachoeiras, rios e riachos. O ponto mais alto é o Platô, que está 1.022 m acima do nível do mar. O clima da região é caracterizado por duas estações distintas:

a seca começa no final de dezembro e vai até meados de abril; entre maio e novembro é a estação das chuvas, com temperaturas médias máximas e mínimas em torno de 32°C e 20°C. E em áreas de maior altitude, a temperatura é mais baixa (MELO; FILHO, 1996).

Está inserida em uma estrutura geológica muito antiga, que data do período pré-cambriano. Devido à sua rica estrutura mineral, despertou a curiosidade e cobiça para muitas expedições desde o século XIX (SILVA, 2017). No ano de 1930, o ciclo da garimpagem começa a desenvolver-se na região com o levantamento Mezach Breunstz, conhecido como Bruston, que descobriu a existência de grande depósito de diamantes em Tepequém, então financiado pelo famoso fazendeiro da localidade, Antônio Piauí, conforme sinalizam Rodrigues e Vieira (2009). Em consequência disso, muitos garimpeiros partiram dos mais diversificados locais em busca da exploração de ouro e diamantes (SILVA, 2017).

Esse cenário começa a mudar através da Emenda Constitucional nº 6, de 15 de agosto de 1995, a qual vedou qualquer tipo de garimpo no estado, em razão dos danos irreparáveis que a mineração causa ao meio ambiente (BRASIL, 1995). Nada obstante, mesmo com a modificação constitucional, as grandes mineradoras não estavam cumprindo-a. Diante disso, no ano de 2001, o Congresso Nacional aprovou a Lei Complementar que permitiu aos moradores a exploração do garimpo manual como fonte de renda, estimulando, dessa forma, menos prejuízos à natureza, o que, pelo menos teoricamente, propaga-se até os dias atuais (GHEDIN, 2011).

Tepequém passou, lentamente, pelo processo de turistificação em razão da mineração ter se tornado apenas manual. A comunidade começou a apresentar dificuldades em obter renda, dado que o garimpo era o único modo que concedia economia local (TOMÉ, 2017). A comunidade da Serra, segundo Ghedin (2006), participou do plano estratégico da cidade de Amajari a partir do ano de 2001, no qual foram formuladas ações para desenvolver o turismo na região. Com o apoio de instituições públicas e privadas, os residentes passaram a participar de programas de formação e sensibilização em turismo, que deram início à atividade econômica e social da comunidade.

Todavia, o desenvolvimento do turismo na localidade começa a ganhar

contornos equivocados pela ausência de planejamento, políticas públicas, articulação, desarranjos interinstitucionais dos órgãos oficiais regulamentadores das práticas turísticas, impactando a área (RODRIGUES; VIEIRA, 2012). De acordo com a pesquisa desenvolvida por Rodrigues e Vieira (2012), é possível notar um fluxo desordenado na região, provocando impactos ambientais, devido à ausência de controle sobre o desenvolvimento do turismo na Serra. Nesse cenário, percebe-se que é necessário a elaboração de um planejamento turístico, que haja fiscalização dos órgãos competentes e a instauração de uma política de gestão de resíduos sólidos para atenuar os impactos causados.

RESÍDUOS SÓLIDOS E A LEGISLAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

Conforme a NBR 10.004 (2004), resíduo sólido é todo material proveniente de origem doméstica, industrial e comercial. Desde que entrou em vigência em 2010, a Política Nacional dos Resíduos Sólidos vem sendo um marco para o setor de resíduos no país, já que veio para mudar a maneira como a sociedade lida com o resíduo que fabrica. E, principalmente, para conter a quantidade de resíduo urbano, um dos piores problemas do planeta, distinguindo também o que não é passível de reaproveitamento para a destinação correta (ANDREOLI et al., 2014).

A Política Nacional dos Resíduos Sólidos no Brasil é regulamentada pela Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, que dispõe sobre os princípios, objetivos e instrumentos, bem como aborda as normas pertinentes à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluindo responsabilidades de seus geradores e do poder público. Criada para ordenar a maneira como o país trata o seu lixo, essa política busca promover a sua reciclagem e destinação corretas, de modo a tornar possível a construção de um ambiente mais limpo por meio de diretrizes legais para a gestão dos resíduos (BRASIL, 2010).

Em relação aos rejeitos, Ecycle (2013) os conceitua como o lixo em que todas as possibilidades de reaproveitamento já foram finalizadas e não há mais nenhuma forma de utilização. A Lei nº 12.305/10 ainda cita alguns instrumentos para a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010). Dentre eles estão:

- **A educação ambiental:** Processo pelo qual um indivíduo, juntamente

com a sociedade, desenvolve valores sociais e atitudes voltadas para a preservação do ambiente.

- **A logística reversa:** Visa ao retorno de embalagens ao ponto de origem da cadeia de suprimentos ou destinação certa, reduzindo impactos ambientais.

Estes instrumentos permitem que a Política Nacional dos Resíduos Sólidos possa ser concretizada, de forma que sejam organizados os parâmetros da Lei para desenvolvimento do hábito de preservação ambiental na sociedade, por meio dos quais todos podem ajudar a percorrer este processo, buscando ações para combater o alto índice de resíduo produzido (SOUSA, 2017).

Em Tepequém, mostra-se interessante a utilização de dois instrumentos citados pela Política Nacional no Brasil, quais sejam: a) a logística reversa, que pode ofertar uma destinação correta e/ou reciclagem aos resíduos e; b) a educação ambiental, que pode ajudar no processo de tentar criar consciência ambiental nos turistas e moradores.

PROPOSTAS PARA A MELHOR GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: LOGÍSTICA REVERSA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO FERRAMENTAS DE CONSCIEN- TIZAÇÃO E REDUÇÃO SOBRE EFEITOS ACARRETADOS POR RESÍDUOS SÓLIDOS EM ATRATIVOS TURÍSTICOS.

A Reverse Logistic (2006) conceitua a logística reversa como um processamento econômico e eficiente para produtos descartáveis do ponto de consumo até a sua origem, com a finalidade de recuperar valor ou disposição adequada. Segundo o Artigo 3º, Parágrafo 12, da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), a logística reversa tem o poder de transformar os resíduos do pós-consumo em novos ciclos produtivos ou dar-lhe destinação adequada por meio de procedimentos logísticos (BRASIL, 2010).

Levando em consideração o que foi mencionado pelos autores acima, pode-se afirmar que a LR apresenta uma visão sustentável, possibilitando que os recursos naturais sejam utilizados atrelados aos interesses da comunidade, corroborando para o gerenciamento de resíduos. Atrelada à reciclagem, pode

ainda contribuir para a diminuição da degradação ambiental. No processo de formulação de projetos de logística reversa, a educação ambiental é um tema de extrema importância, pois é a força principal, a qual garantirá o encaminhamento das ações e a manutenção contínua e eficaz da LR em qualquer local onde seja aplicada. Porém, para isso faz-se necessário que esta seja bem conduzida e ministrada (VAZ, 2012).

A educação ambiental refletirá na redução dos custos ambientais, tendo em vista que a população deverá atuar como protetora do meio ambiente com o despertar da conscientização ecológica, que possui, dentre suas premissas, a utilização de tecnologias limpas, acarretando no incentivo à realização do princípio da solidariedade de que o meio ambiente é único, indivisível e de titularidade indeterminável, e deve ser justa e equitativamente acessível a todos (RUSCHMANN, 2016).

Portanto, a educação ambiental é instrumento importante para a preservação ambiental, uma vez que o incentivo à conscientização ecológica na sociedade, a qual deverá ser envolvida como um todo, é que garantirá que a preservação do meio ambiente seja estimulada, ainda que isso não signifique que a degradação ambiental acabará (FIORILLO, 1997).

Consoante a isso, a atividade turística, em particular o ecoturismo, realizada com racionalidade e planejamento, pautando-se no suporte dos Princípios Básicos da Educação Ambiental⁵, resultará na difusão da conscientização ecológica, culminando na exata expressão de desenvolvimento sustentável por aliar interesses econômicos com interesses ambientais (BUENO; PIRES, 2006).

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como aplicada. De acordo com Nascimento (2016), esta forma de pesquisa é destinada para construir conhecimento quanto à solução de problemas específicos, direcionada para a busca da verdade a determinadas práticas em circunstância particular.

Com relação à abordagem, este estudo se caracteriza como qualitativo.

5 Art 4º da Lei nº 9.795, de 2 de abril de 1999, versa sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999).

Minayo (2001) aponta que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, envolvendo-se com um nível de realidade que não pode ser mensurado, ela lida com os significados, atitudes, crenças, valores, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

No tocante aos objetivos, a pesquisa é explicativa. Para Gil (2008), o foco central deste tipo de pesquisa é identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos, aprofundando o conhecimento e explicando o porquê das coisas, recorrendo-se, principalmente, à utilização do método observacional. Segundo Zanella (2009), a observação permite o uso do sentido visual para obter informações da realidade.

Trata-se também de um estudo de caso, tendo em vista que essa ferramenta é uma das formas de se realizar pesquisa em ciências sociais, com a utilização de levantamento de dados, pesquisas e análises, estipulando o como e o porquê das complexas circunstâncias da sociedade (YIN, 2001). No período de 30 a 31 de outubro de 2020, foi realizada pesquisa de campo na área de estudo. Fonseca (2002) denota que esse tipo de estudo se configura por investigações e coleta dos dados junto às pessoas. Este trabalho se desenvolveu a partir da aplicação de entrevistas, com o auxílio de um roteiro de perguntas abertas, aos quatro universos (moradores, empresários, guias locais, prefeitura), tendo sido utilizada a técnica *snowball*. Utilizou-se ainda questionários aos turistas que recentemente visitaram a Serra.

Com relação à entrevista, Gil (2008) menciona que se trata de uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma parte busca coletar dados enquanto a outra parte se apresenta como fonte de informação, considerando-a como técnica por excelência na investigação social.

Referente a técnica *snowball* (bola de neve), Baldin e Munhoz (2011) abordam que é utilizada em pesquisas onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos indivíduos que, por sua vez, sugerem demais entes e, assim, sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto ou que seja atingido o ponto de saturação. Ele acontece quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa.

Para a realização de coleta de dados primários, fez-se um pré-teste no dia 19 de setembro de 2020, com a finalidade de identificar se as perguntas seriam as ideais para colher dados com o máximo de veracidade e aproximados da realidade, de forma a ter um resultado fidedigno sobre o assunto. Nessa linha, Gerhard e Silveira (2009) afirmam que o pré-teste se destina a evidenciar possíveis deficiências na elaboração do questionário, tais como: complexidade das perguntas, imprecisão da redação, perguntas desnecessárias e constrangimento aos informantes.

Uma vez constatada a adequação das perguntas à finalidade da pesquisa, foram realizadas entrevistas com os quatro grupos supracitados (Moradores, Guias, Proprietários de Pousada, Servidores da Prefeitura de Amajari). Nos grupos moradores e proprietários de pousada, entrevistou-se três pessoas de cada universo; no grupo guia turístico, foi feita entrevista com dois guias; e entrevistada uma pessoa no grupo Prefeitura, conforme indicação e disponibilidade, totalizando nove pessoas entrevistadas. Cumpre ressaltar que, devido à pandemia do Covid-19, não foi possível permanecer mais dias na localidade. Dessa forma, parte dessas entrevistas foi realizada via ligação telefônica, sendo gravada com o devido consentimento do entrevistado, que assinou digitalmente e presencialmente, conforme modo de entrevista praticada, termo de consentimento Livre e Esclarecido.

No tocante aos turistas, foram aplicados 34 questionários via plataforma *Google Forms* com 12 perguntas fechadas e uma aberta, a fim de conhecer a opinião dos visitantes a respeito do tema.

Dando continuidade a esta pesquisa, nos dias 30 e 31 de outubro de 2020, foi realizada pesquisa de campo no povoado de Tepequém, oportunidade em que foi possível conversar com os donos de pousada, guias locais e moradores a respeito do tema da importância da destinação correta aos resíduos sólidos. Outrossim, procedeu-se à visita dos principais pontos turísticos e de mais fácil acesso na localidade (Cachoeira do Paiva, Barata, Poção), locais em que foi feita observação e registro fotográfico.

Conforme um dos objetivos específicos, foi produzida Matriz *SWOT* a partir da visita realizada na Vila de Tepequém, análises de entrevistas e questionários e fotos, de modo a mapear e diagnosticar o mercado interno e externo

relacionados ao atrativo turístico, para identificar possíveis incompatibilidades e apresentar melhorias que possam ser seguidas continuamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

GRUPO – MORADOR

A Senhora, V. R⁶, técnica de enfermagem no município, nasceu em Tepequém, e possui 55 anos. Quando questionada sobre “O que você achava de o Tepequém ser lugar de visitação turística?”, afirmou que há vantagens e desvantagens no desenvolvimento do turismo na região.

A entrevistada relatou que é bom quando vai turista, gasta dinheiro no local, que procura pousada, camping, compra comida nos restaurantes. Todavia, ressaltou que é muito difícil quando vem o tipo de turista que ela chama de “baderneiros” que vão com torbal na moto, que amanhecem o dia com o som alto, causando perturbação tanto às pessoas como aos animais.

Questionada, a entrevistada confirmou que o lixo deixado em atrativos turísticos causa incômodo, que os visitantes deixam muito lixo, principalmente fralda descartável, absorvente, garrafa, papel higiênico.

Acerca do reaproveitamento desse material na região, a moradora citou que as pessoas juntam apenas as latinhas para vender em Boa Vista. Sobre a coleta, apontou que possuem uma ação de parceria entre a própria comunidade e os guias locais, que, juntos, em um grupo de limpeza, se organizam para os finais de semana coletar os resíduos nos atrativos ou, então, quando vão visitá-los já leva um saco de lixo, porque, segundo a entrevistada, já sabem que irão encontrar algo. Inclusive, contou que muitas vezes pensam que trabalham na Prefeitura porque limpam o lixo. A moradora aduziu: [...] não é minha obrigação, qualquer coisa que eu vejo eu vou juntar, onde eu vou eu limpo”. Outrossim, explicou que “[...] os visitantes vão bebendo e deixam latas, garrafas, comem bombom e deixam lá no meio da rua, nós (moradores) que vamos juntando (R.V., 2020).

Relativo à coleta dos resíduos, a entrevistada afirmou que, em todas as

6 Para preservar a identidade dos informantes, foram criados nomes fictícios.

casas, juntam o lixo, ensacam, e toda terça-feira o caminhão do lixo passa, uma vez na semana. Além disso, relatou que o caminhão vai até as cachoeiras, recolhe os sacos de lixo, até duas vezes por semana quando há mais turistas, por exemplo, em feriados.

Questionada sobre o desenvolvimento de um programa de logística reversa e gestão de resíduos sólidos e se poderia contribuir para a diminuição dos impactos ambientais causados em Tepequém, a moradora disse que seria maravilhoso, pois geraria empregos fazer a seleção dos resíduos, e que isso seria fantástico.

A respeito do potencial da criação de uma cartilha de boas práticas ambientais no turismo aos visitantes e moradores da região em favor da consciência ambiental, V. R. contou que já fizeram folders há um tempo atrás e deu certo naquele momento, e que não sabe se era porque tinham menos pessoas e conseguiram, à época, diminuir os impactos. Agora, com o aumento da quantidade de turistas, ela aludiu que é mais difícil o controle, e que lixeira tem, mas o pessoal não deixa.

Outro morador entrevistado foi o senhor J. G. M., comerciante, 59 anos, o qual veio do Maranhão, vive na região há 32 anos e tem o ensino médio incompleto.

Ao ser questionado sobre Tepequém ser lugar de visitaçãoturística, o morador falou que encontra muitas vantagens. Citou que passou por dois lados, o do garimpo e do desenvolvimento do turismo no povoado.

Após a proibição do garimpo, segundo o entrevistado, os moradores que ali ficaram necessitavam de algo para sobreviver, quando então resolveram abraçar o turismo na região. J. G. M. relatou que era presidente da associação de moradores da comunidade, e que o pouco da população que restou na época se juntou para utilizar o turismo como fonte de renda.

Com relação à sua convivência com o turismo, declarou que no momento apenas trabalha com o comércio, mas que abriu o primeiro restaurante na região e já foi guia turístico local, tendo realizado muitas trilhas quando surgiu a atividade na região no ano de 2001. Além disso, afirmou que, naquele tempo, não havia tantas pessoas, que ultimamente o fluxo aumentou.

Para mais, disse que a lata de alumínio é o tipo de lixo que mais encontram nos atrativos. A respeito da coleta, deu a mesma resposta que a entrevistada V. R, uma vez que afirmou que às terças o caminhão sobe a Serra e vai aos atrativos para coletar e levar os resíduos até a Vila Brasil, sede do município de Amajari. Vale ressaltar que também mencionou o reaproveitamento da venda de latinhas na capital.

Sobre o desenvolvimento de um programa de logística reversa e gestão de resíduos sólidos a fim de contribuir para a diminuição dos impactos ambientais causados em Tepequém, o entrevistado apontou que seria benéfico não apenas na Serra, mas também na sede do município. Nesse sentido, complementou que “[...] quando o caminhão do lixo não vem, eu vou e deixo os resíduos lá e vemos coisas demais que poderia ser reaproveitada, se houvesse um projeto desse seria bom demais, muita coisa é desperdiçada” (M. J.G., 2020).

J. G. M. disse, além disso, no tocante ao questionamento sobre a criação de uma cartilha de boas práticas ambientais aos visitantes e moradores da região para construir consciência ambiental nos turistas e moradores, que, com certeza ajudaria, fazendo a diferença para alguém. Relatou que, graças a Deus, hoje tem as crianças nas escolas, que aprendem desde pequenas a preservar o meio ambiente.

O senhor S.V., 55 anos, ensino superior completo, professor, mora há 32 anos no povoado, também foi entrevistado no dia 30 de outubro de 2020.

O morador discorreu que acha o turismo importante para a economia local. A respeito da convivência com a atividade, afirmou que é membro do Conselho de Turismo, e que atualmente vem construindo um Museu do Garimpo no Município.

Sobre os resíduos descartados nos atrativos, o entrevistado apontou que isso causa incômodo nele, e que encontra principalmente plástico e vidro nas cachoeiras. No que concerne às ações para a coleta do lixo, também salientou que, algumas vezes, a comunidade se mobiliza para recolhê-lo nos lugares frequentados pelos turistas. Outrossim, citou que seria interessante a adoção de um programa de logística reversa em Tepequém e que uma cartilha poderia ajudar muito a constituir consciência ambiental dos visitantes das cachoeiras.

Com efeito, os relatos dos moradores entrevistados revelam que a comunidade é receptiva e deseja cada vez mais participar do turismo na localidade. Também é perceptível que se preocupam com os resíduos gerados, realizando ações para amenizar a quantidade de lixo deixado nos atrativos. Observa-se, no mais, que se incomodam com os turistas do tipo “baderneiros” que causam poluição sonora e que não se importam com a Serra.

Conforme lecionam Burgos e Mertens (2016), a participação da comunidade no turismo contribui para o desenvolvimento dos projetos turísticos, além disso, a receptividade atrai turistas, beneficiando a comunidade.

Ademais, é relevante anotar que, segundo GOMES et al. (2006), é através da participação dos moradores que se pode medir o quanto uma atividade turística se aproxima de um turismo mais sustentável, dando direito e deveres a todos os interessados e afetados pelos processos turísticos.

GRUPO POUSADA

No grupo pousada, foram entrevistados três empresários, os quais possuem pousadas na localidade da Serra do Tepequém. O primeiro entrevistado foi o senhor E. A., 41 anos, ensino superior completo, dono da pousada X. Durante a entrevista, narrou que a pousada foi aberta há quatro anos, e que é mais visitada durante finais de semana e feriados prolongados.

Questionado a respeito de existir algum tipo de orientação para que o hóspede traga de volta para a hospedagem o lixo que seria descartado nos atrativos, ele afirmou que apenas de forma verbal. Sobre o lixo deixado pelo visitante, o empresário disse que é recolhido e descartado na lixeira para ser coletado pelo caminhão da Prefeitura toda terça-feira, descartado no aterro e sem estrutura adequada. Ademais, informou que não há reaproveitamento dos resíduos.

O entrevistado ressaltou que é de grande importância o tratamento adequado dos resíduos sólidos para diminuir o impacto ambiental em qualquer região onde tenha grande circulação de pessoas. A respeito da maneira como os lixos sem destinação correta podem afetar o meio ambiente e a saúde de pessoas, apontou que o acúmulo de resíduos descartados sem o tratamento adequado gera poluição ambiental, afetando o solo, a água e o ar.

Além disso, com relação aos resíduos presentes na localidade, declarou que podem afetar o turismo na região, porque nenhum turista que tenha consciência ambiental vai querer visitar um local com histórico de sujeira ou poluição. Sobre como a introdução de um projeto de logística reversa e gestão de resíduos sólidos pode contribuir para a diminuição dos impactos ambientais causados em Tepequém, disse que pode ajudar sim, mas que se faz necessário cobrar dos turistas e moradores que não produzam nem descartem lixo nas lagoas, cachoeiras e trilhas.

Outrossim, narrou que a criação de uma cartilha aos visitantes e moradores da região pode ajudar a criar consciência ambiental nas pessoas. Nessa linha, em suas palavras, complementou que “seria muito válido explorar esse tema para que os mais relaxados tenham um mínimo de conhecimento e passem a mudar seus maus hábitos” (A. E., 2020).

De mais a mais, indicou a cobrança de ingresso para turistas e visitantes; limitação do número de visitantes diário para evitar prejuízos ao meio ambiente e manter a preservação dos pontos turísticos; conscientizar os moradores e turistas sobre a importância de preservar a natureza; redução do desmatamento e queimadas (muito comuns na região); fiscalização, por parte do governo e da população, para evitar as invasões de terra e atos de degradação ao meio ambiente, como maneiras de desenvolvimento sustentável.

O senhor G. S. M., administrador e turismólogo, 38 anos, foi o segundo entrevistado. Narrou que abriu a pousada Y há 15 anos, sendo mais visitada na alta temporada dezembro, novembro, janeiro, junho, fim do ano e meio do ano, bem como em feriados longos.

A respeito da existência de orientação para que o hóspede traga de volta para a hospedagem o lixo que seria descartado nos atrativos, o empresário contou que não tem explicitamente dentro do voucher que o cliente recebe, mas que conversa informalmente com o turista sobre o cuidado que deve ter com a região.

Sobre o lixo deixado pelos visitantes, disse que é colocado na lixeira urbana e a coleta do caminhão da prefeitura passa e recolhe às terças-feiras, e acaba indo parar no aterro sanitário na Vila Brasil. O senhor G. S. M. citou ainda

que tentou por um tempo fazer coleta seletiva na pousada, entretanto, viu que não havia sentido continuar se o lixo acabava indo parar no aterro, sem cuidado adequado.

Na sua visão do empreendedor, o tratamento adequado dos resíduos sólidos permite degradar menos o meio ambiente. Com relação aos efeitos que os resíduos sólidos sem destinação correta podem gerar ao meio ambiente e à saúde de pessoas, afirmou que pode causar doença na população, contaminar o lençol freático, igarapé, contaminação de solo, afetando também o atrativo turístico, devido a todo excesso de lixo. No ponto, informou que nas cachoeiras e atrativos não há uma limpeza frequente, e que a comunidade, associações e guias se movimentam para limpar a região, a qual tentam deixar o mais limpo possível.

A respeito do desenvolvimento de um programa de logística reversa e gestão de resíduos sólidos poder contribuir para a diminuição dos impactos ambientais causados em Tepequém, defendeu que tudo a favor de diminuir o lixo é válido. Sobre a criação de uma cartilha de boas práticas voltada ao turismo sustentável na região aos visitantes e moradores da região poder contribuir para criar consciência ambiental nos turistas e moradores, expôs que acredita que é importante. Disse que, seja placa ou folder, toda informação ao visitante é importante, pois precisa-se criar uma ação constante.

Por fim, indicou como formas de desenvolvimento sustentável para a região: processo de reciclagem, coleta seletiva, cultura do Tepequém no garimpo, venda de artesanato e participação da comunidade no turismo.

O terceiro entrevistado neste universo foi o senhor F. J. F. L., empresário, 59 anos, mora há nove anos em Tepequém e há cinco anos abriu a pousada Z. Relatou que primeiro abriu um bar voltado às pessoas que gostam da natureza e que, com o tempo, acabaram abrindo a pousada, sendo mais visitada em alta temporada, setembro a março, fim de semana e feriados.

Sobre a existência de orientação para que o hóspede traga de volta para a hospedagem o lixo que seria descartado nos atrativos, citou que fala verbalmente, entretanto, sustentou que isso vai de cada um. Afirmou não concordar que tenha lixeiras nas localidades frequentadas, tanto pela dificuldade do ca-

minhão do lixo em ir buscar como pela demora, ocasionando o acúmulo dos resíduos, o que pode mostrar descuido do lugar e o turista sentir que não está chegando em um ambiente adequado.

Diferente das outras pousadas, noticiou que faz reciclagem tanto das latinhas como de garrafas de vidro, pneus, garrafas pet, parte orgânica para alimentar animais e compostagem. O resto, segundo o entrevistado, vai no aterro, onde o caminhão da prefeitura busca toda terça-feira. Sobre a importância do tratamento adequado dos resíduos sólidos, o empresário aponta que 80% dos resíduos jogados em aterros podem ser reaproveitados, e que, caso continue assim, todo o planeta vai acabar virando uma lata de lixo.

Na opinião do empresário, os resíduos presentes na localidade, com certeza, podem afetar o desenvolvimento turístico da região. Citou que, “se o turista chega nos atrativos e já vê um monte de lixo jogado, as pessoas já olham com reprovação, mas quem deixa o lixo são os “baderneiros” que descartam sem cuidado o lixo” (L. F. J. F., 2020).

A respeito do desenvolvimento de um programa de logística reversa e gestão de resíduos sólidos poder contribuir para a diminuição dos impactos ambientais causados em Tepequém, afirmou que pode contribuir, todavia, precisa-se de apoio para cuidar e reciclar o máximo que puder. Por fim, sobre a criação de uma cartilha de boas práticas voltada ao turismo sustentável como forma de contribuir para conscientização ambiental nos turistas e moradores, o empresário disse que, não sendo papel, sim, que talvez cartazes ou placas seriam mais interessantes. Aduziu, ainda, que se as pessoas tiverem ganhando dinheiro com aquilo irão preservar, evitar excessos e poluição sonora.

GRUPO GUIA TURÍSTICO LOCAL

No grupo guia turístico, foram entrevistados dois guias locais. O senhor J. S., guia local do Tepequém, 50 anos, mora há 10 anos na Vila, atua como guia há três anos, trabalha na cooperativa de guias e condutores. Apontou que os lugares mais frequentados ultimamente são o Platô, a cachoeira do Barata, a cachoeira do Paiva e a Pedra Mão de Deus. Questionado, informou que a região do Tepequém é mais visitada em feriados, tendo exemplificado que no dia 7 de setembro havia gente demais no local.

Relatou que encontra bastante lixo nas cachoeiras, principalmente latas. Além disso, disse que orienta os turistas a não deixarem os resíduos nas cachoeiras, porque entende que “o certo é pegar o lixo e colocar na lixeira e tem lixeiras nas cachoeiras, mas tem muitos não fazem isso” (S. J., 2020).

Outrossim, declarou que não aplica questionário ao final do guiamento, apenas pergunta informalmente se gostaram do passeio, e que na maioria das vezes dizem que gostam e que querem voltar novamente. O público que mais visita a região, de acordo com o entrevistado, é composto por famílias, jovens, sendo poucos idosos.

Questionado, afirmou que os resíduos presentes na localidade com certeza podem afetar o turismo na região, porque os turistas que deixam detritos, principalmente, quando chove, a chuva carrega para os igarapés. Assim, a maioria desse lixo acaba acumulando, poluindo as águas. Em relação ao desenvolvimento de logística reversa, gestão ambiental e a criação de uma cartilha de boas práticas voltada ao turismo sustentável na Serra poder contribuir para a conscientização dos turistas e moradores, disse que seria bom, porque sempre fala para os visitantes não jogarem lixo na localidade, mas nem sempre escutam.

A. C. S., engenheiro agrônomo, ensino superior completo, mora há cinco anos no Tepequém, atua como guia há dois anos. Entre os lugares mais frequentados, ele citou as cachoeiras do Paiva, Barata, Cabo Sobral, Funil, o Platô, e também os poços de mais fácil acesso.

A região é mais visitada, segundo o referido entrevistado, no final de ano, feriados, carnaval, fins de semanas, de modo que, durante a semana, somente ficam os moradores. Apontou que, durante as trilhas e visitas às cachoeiras, sempre há lixo, mas não muito. Disse que sempre informa aos visitantes para não deixarem resíduos nos atrativos. Afirmou que não aplica questionário para saber a opinião dos turistas e, quanto ao perfil destes, declarou que a maioria são adultos, jovens e poucos idosos. Além disso, confirmou que os resíduos presentes na localidade podem afetar o desenvolvimento turístico da região, porque, além de ser feio, principalmente a lata, plástico e vidro (resíduos mais encontrados), influenciam na formação do fogo, que tem ocorrido com frequência na Serra, e também polui o meio ambiente, as águas.

Sobre o desenvolvimento de um problema de logística reversa e gestão ambiental, apontou que seria importante esse tipo de projeto na região. A respeito de uma cartilha de educação ambiental, o guia expôs que, além de legal, é fundamental, porque as pessoas vêm para fazer turismo e quem vem fazer turismo está ligado à questão ambiental também, e às vezes, por não serem orientados com mais informações, cartazes e placas, acabam esquecendo desses pontos. Indicou, por fim, que para o desenvolvimento sustentável da localidade é necessária a conscientização dos turistas e da comunidade, fiscalização do poder público, colocar placas, uso de leis federais, destino correto do lixo, tendo espaço para a coleta dos resíduos e capacidade de carga.

Pelos relatos dos guias, nota-se, principalmente, um público de adultos e jovens. No tocante aos atrativos, percebe-se que o Poção, Cachoeira do Paiva e Barata são os lugares mais visitados devido ao fácil acesso. A respeito de quando a região é mais visitada, observa-se que é em feriados e fins de semana, conforme apontado pelos três proprietários de pousada nas entrevistas, moradores e guias turísticos. Sobre os resíduos descartados, os guias citam que é o plástico e o alumínio, em conformidade com as falas dos moradores.

GRUPO – PREFEITURA

No diálogo com a senhora P. M. S., uma das representantes da prefeitura do município de Amajari, ela citou que, a todo tempo, bastante gente frequenta a região do Tepequém, principalmente em feriados prolongados, em especial o carnaval. Porém, ressaltou que a Prefeitura não dispõe de dados concretos e que, de segunda a quinta, há menos pessoas, na sexta é que começa a subir mais gente para a Serra.

Expôs que “independentemente de ser feriado ou não, tem gente, aos finais de semana, tanto que todo tempo as pousadas estão cheias, deu uma parada na época da pandemia, quando teve o decreto, pela segurança das pessoas” (S.P.M., 2020). Complementou apontando que o município pretende começar a fazer esse levantamento real da quantidade de pessoas que visitam a Serra.

A respeito da coleta de resíduos na região, disse que o lixo é recolhido pela Prefeitura com carro de coleta e levado para o lixão da Sede do Muni-

cípio, bem como que não há tratamento, não é feita reciclagem, apenas vai para o aterro.

Com relação à coleta nas cachoeiras, mencionou que “em especial no poção, lago esmeralda, pessoas que vão lá e não trazem de volta o seu lixo, entretanto os próprios moradores têm ajudado a gente, juntam esse lixo e trazem para o lixão, temos feito reuniões, porque realmente é uma questão importante” (S.P.M., 2020).

Os relatos da representante da prefeitura, dos guias, moradores e proprietários de pousada deixam perceptível que a coleta dos resíduos sólidos na região não possui um tratamento eficaz, bem como não é realizada reciclagem, apenas a venda das latinhas para a capital Boa Vista. Vale frisar que, como exposto alhures, somente a pousada Z implementa a reciclagem, com a reutilização de garrafas de vidro, pneus, garrafas pet e resíduos orgânicos.

GRUPO – TURISTA

No universo turístico, aplicou-se questionário fechado a 34 pessoas que recentemente visitaram a região. Dentre elas, 51,5% são do sexo feminino e 48,5%, do sexo masculino. Em sua maioria, 54,5% se encaixam entre 19-24 anos, seguida de um público entre 25 e 34 anos, 42,5%, e somente 3% menor de 18 anos.

A maioria do universo entrevistado possui ensino superior 32,4%, seguido de 26,5% com ensino superior incompleto e 23,5% com ensino médio.

Perguntados a respeito do costume em ir ao Tepequém, 88,2% disseram ir com frequência à região, com 32,4% afirmando que vão pelo menos uma vez por mês; seguido do percentual de 29,40% que vão pelo menos a cada quatro meses. Dentre o público pesquisado, a maioria permanece na localidade por dois dias, 47,5%, seguido de 35,3% que passam de três a quatro dias no atrativo e 14,7% afirmaram que passam pelo menos um dia na região e somente 2,9 % ficam uma semana na Serra.

Sobre o período de visitação, 47,1% declararam que vão principalmente nos feriados; 38,2 % em finais de semana; e 14,7% no período de férias. Entre os pontos mais visitados, 100% do universo disse que vão à cachoeira do Pai-va; 82,4% citaram ir até à cachoeira do Barata; 82% afirmaram ir ao Poção; e

76,59% citaram que costumam ir ao Lago Esmeralda.

A respeito do crescimento na visitação dos atrativos recém explorados quanto ao turismo, destacam-se Cachoeira Lage Verde, Pedra Mão de Deus, e principalmente, o Lago Esmeralda. Todavia, segundo relatos dos moradores entrevistados, o Lago se encontra em processo de secagem pelo dono, não houve êxito em conseguir mais informações sobre o assunto com o dono da propriedade a qual localiza-se o lago Esmeralda.

Quando questionados se costumavam levar de volta o seu lixo   capital, 51,5% dos turistas afirmaram que sim. Ao perguntar se levavam alimentos e bebidas aos pontos turísticos, 72,7% expuseram que levam. O Poção foi o lugar onde mais foi encontrado latinha de cerveja, identificou-se também embalagens de bombom.

Sobre se já descartaram algum tipo de resíduos nas cachoeiras, 97,1% da amostragem alegam que já lançaram algum tipo de detrito nas cachoeiras e a mesma porcentagem cita que já encontrou lixo nos atrativos. 100% do universo apontam que se incomodaram ao se deparar com as poluições nas localidades.

No tocante a encontrar lixeiras ou placas de sinalização que indiquem lugar adequado para descarte do lixo, 55% afirmaram que não. Os visitantes, instados acerca da sua opinião sobre maneiras para diminuir os resíduos deixados nos pontos turísticos em Tepequém, citaram, principalmente, a necessidade de fiscalização, mais lixeiras nos atrativos e a conscientização de parte dos visitantes.

Quanto a fazer churrasco, 67,6% declararam que fazem churrasco nas cachoeiras ou consomem alimentos. Neste ponto, conforme figuras 01 e 02, foram encontrados restos de carvão no Poção e na Cachoeira do Paiva, comprovando a fala do senhor M.J.G., morador da Vila, o qual aponta que os visitantes insistem em fazer fogo nos atrativos.

Conforme análise das respostas dos visitantes, nota-se uma maior presença do sexo feminino, entre os 19-24 anos, em harmonia com o apontamento dos guias turísticos sobre o tipo de público que mais visita a região.

A respeito do tempo de permanência, a maioria afirma passar pelo menos dois dias na localidade. Conforme dados apresentados, os turistas prefe-

rem ir à Serra em feriados e fins de semana, de acordo com o que sinalizaram os universos entrevistados (moradores, prefeitura, pousadas e guias).

A respeito dos resíduos deixados nas cachoeiras, há, de certa forma, uma contradição quanto às respostas dos turistas instados para a pesquisa, em razão de 100% afirmar que se incomodam em encontrar lixo nas cachoeiras, mas 97,1% citam ter jogado resíduos em algum momento nos atrativos. Nota-se que, para que haja diminuição da quantidade de detritos descartados e, conseqüentemente, dos impactos ambientais, faz-se necessária a participação do universo turista a fim de que não sejam descartados lixos na localidade, facilitando também a coleta destes para o caminhão da Prefeitura.

Em virtude de identificar-se um turismo desordenado na Serra do Tepequém, observou-se a necessidade da construção de um mapeamento para reconhecimento das forças, fraquezas, ameaças e oportunidades, a respeito do turismo na localidade. Assim, elaborou-se Matriz *Swot*, conforme estabelecido nos objetivos específicos, facilitando ainda o entendimento dos resultados aos universos pesquisados e leitores.

MATRIZ SWOT (Serra do Tepequém, Amajari)

Quadro 01- Matriz SWOT Turismo Serra do Tepequém

<p style="text-align: center;">FORÇAS</p> <ul style="list-style-type: none">• Atrativos naturais;• Condutores locais;• Patrimônio histórico e cultural;• Clima ameno;• Hospitalidade;• Fauna e flora diversificada;• Práticas de várias modalidades de turismo;• Local considerado Seguro e Tranquilo;• Próximo da capital Boa Vista.	<p style="text-align: center;">OPORTUNIDADE</p> <ul style="list-style-type: none">• Aumento de renda dos brasileiros;• Visibilidade Nacional por reportagem na Globo e nas mídias sociais;• Geração de empregos com a criação de serviços e produtos turísticos;• Aumento da consciência ambiental;• Maior demanda turística pela região;• Novos investimentos pela iniciativa privada;• Sensibilização do governo local quanto às necessidades locais;• Política de coleta seletiva, Logística Reversa, educação ambiental.
<p style="text-align: center;">FRAQUEZAS</p> <ul style="list-style-type: none">• Ausência de centro de informações turísticas;• Poluição ambiental e sonora;• Falta de apoio do governo;• Acesso precário (estradas, pontes sem manutenção);• Sinalização;• Carência de transporte regulamentado;• Falta de planejamento turístico;• Lixo descartado por visitantes nas cachoeiras;• Falta de Regularização fundiária;• Energia elétrica instável;• Ausência de estudo de Capacidade de carga;• Falta de consciência ambiental por parte dos turistas;• Vestígios de fogueira.	<p style="text-align: center;">AMEAÇAS</p> <ul style="list-style-type: none">• Turismo em massa;• Não existe cooperação com os municípios vizinhos para integrar a atividade turística da região (isolamento da atividade);• Ausência de investimento em políticas públicas para o turismo;• Falta de cooperação entre os agentes sociais do turismo: poder público, iniciativa privada e comunidade local;• Dificuldades para atrair investimentos externo;• Ausência de Política ambiental que vise o planejamento e monitoramento de atrativos turísticos.

Fonte: Sousa, 2020.

Com a elaboração da Matriz, no que se refere ao tema deste trabalho, percebe-se que a Serra do Tepequém é um lugar tranquilo, com um grande patrimônio histórico e cultural, além da própria paisagem, fauna e flora. Por outro lado, há poluição sonora e ambiental realizada por turistas que não pos-

suem respeito à natureza e aos moradores. Há também falta de atuação do poder público. Identifica-se ainda a imprescindibilidade do controle de carga ambiental, em razão das taxas de visitação elevadas em feriados, fins de semana, conforme apontou o universo de entrevistados, e contenção do fogo que tem causado várias queimadas na região.

Além da infraestrutura para chegar até a localidade, o percurso para chegar até a Serra foi bem difícil em virtude da falta de manutenção na via de acesso e da ausência de asfalto na estrada do quilômetro 100 até a entrada da região. Com o recapeamento da estrada até a Vila Tepequém, obra a qual está sendo realizada pelo Governo de Roraima, irá melhorar o acesso a localidade, no entanto, há preocupação pela ausência de capacidade de carga, em razão do possível aumento da taxa de visitação, que já é alta, conforme dados apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, nota-se que a destinação correta dos resíduos sólidos é essencial para a preservação de atrativos turísticos, especialmente ao se considerar que o tempo de decomposição do lixo no meio ambiente é longa. O alumínio, principal material identificado na localidade, leva em média 200 anos para se decompor. O segundo resíduo mais deixado é o plástico, que leva mais de 400 anos para se decompor.

Em verdade, o descarte inadequado de resíduos pode acarretar a contaminação do solo, da água, além de deixar o atrativo turístico feio, o que pode fazer com que o turista não tenha interesse em visitar a área, prejudicando ainda a economia local, já que muitos moradores fazem do Turismo a sua fonte de renda, afetando também os investimentos feitos pelos proprietários de pousadas e restaurantes quanto à construção e manutenção dos seus empreendimentos na Vila.

Outrossim, identificou-se ausência de atuação do governo, sendo que este é a base para o desenvolvimento de um atrativo, tanto para o controle e fiscalização quanto para a infraestrutura. Insta salientar, neste ponto, que, ao ir até o povoado, o acesso foi difícil, pois a estrada até a Serra estava sem manutenção, com ausência de asfalto e vários buracos.

Consta em placa, antes da entrada ao Município de Amajari, a informação de que o trajeto até o Tepequém será totalmente recuperado, no entanto, até o momento a obra não foi realmente iniciada. À vista disso, desperta-se também a preocupação de que o impacto gerado pela recuperação das vias faça com que mais visitantes possam ir até a Serra de forma desordenada, já que não há estudos de capacidade de carga ambiental para a localidade, há ausência de políticas públicas para o devido controle e fiscalização bem como falta planejamento turístico voltado ao desenvolvimento da atividade, de modo a traçar objetivos para a prática do Turismo sustentável na região, não esquecendo ainda do patrimônio histórico e cultural e a inserção da comunidade.

Conforme observado ao longo desta pesquisa, a comunidade da região do Tepequém é receptiva e participativa quanto ao turismo, sendo relevante anotar que muitos ofertam camping como forma de conseguirem renda. Todavia, os moradores se incomodam com o turista chamado por eles de “baderneiro”, que, além de descartar lixo nas vias públicas, cachoeiras e trilhas, fica com o som alto por altas horas da noite, e com torbal de moto, causando perturbação sonora.

No que diz respeito à coleta e tratamento de lixo na região, constatou-se que é realizada pela Prefeitura Municipal de Amajari toda terça-feira. Segundo os moradores, o caminhão vai até a localidade, inclusive, nos atrativos para buscar os resíduos sólidos, que são levados até a Vila Brasil, sede do município.

Entretanto, não há tratamento do lixo, que é apenas jogado no aterro sem o devido impacto. Conforme relato dos moradores e pela observação, foi possível notar que grande parte desses resíduos poderia ser reaproveitado, através da reciclagem e ainda para o uso de artesanato, transformando-se em mais uma fonte de renda aos municípios.

Nesse cenário, propõe-se que os resíduos sejam devolvidos às pousadas e casas dos moradores, de maneira que o caminhão do lixo não tenha que ir até aos atrativos, bem como se implante sinalização para a conscientização ambiental dos turistas e moradores, através de programas de gestão ambiental e logística reversa.

No tocante à implantação de programas de logística reversa e gestão am-

biental, 100% dos universos instados concordam que são meios eficazes para a diminuição dos resíduos na localidade. Os universos ainda reconhecem que uma cartilha de sustentabilidade pode contribuir para conscientizar turistas e moradores, tendo em vista que a educação é capaz de transformar o modo como as pessoas se comportam. No entanto, é necessário que a sociedade comece a ter consciência a respeito de como os resíduos descartados indevidamente pode afetar a natureza e a sua própria saúde, dado que, conforme dados apresentados, ainda que se incomodem com o lixo nos atrativos, 97% do universo turista afirmam que, em algum momento, descartaram resíduos inadequadamente nos atrativos da Serra.

Quanto aos empresários, indica-se que trabalhem em conjunto com a comunidade e sejam disseminadores constantes sobre o descarte de resíduos sem o cuidado devido. Além de preservar a Serra, irão obter renda enquanto o atrativo estiver funcionando bem.

No tocante aos guias turísticos, recomenda-se que continuem mantendo a Associação de Condutores Locais, dispoendo em conjunto de um centro de informações aos turistas, ofertando também indicações antes de se iniciar o guiamento, sendo também um disseminador para a preservação da região.

No que se refere à Prefeitura do Município, aconselha-se que façam estudos para identificar a quantidade de visitantes na Serra em parceria com o Governo Estadual e o departamento de Turismo do Estado. Indica-se também a inserção de coleta seletiva, tendo em vista que muitos dos resíduos que vão parar no aterro é passível de reaproveitamento.

De mais a mais, sugere-se a divulgação da cartilha de turismo sustentável, desenvolvida através desta pesquisa e disponibilizada no apêndice A, aos turistas e moradores através das pousadas e áreas de camping no momento que o visitante for realizar a reserva, ao chegar à localidade ou também por meio do *WhatsApp* ou e-mail. À guisa de conclusão, é relevante registrar o objetivo de que este trabalho contribua de alguma forma à comunidade da região objeto da pesquisa, turistas, proprietários de pousadas, prefeitura e à sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

A.E. **Grupo Pousada**. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Boa Vista, Roraima. 10 de novembro de 2020.

ANDREOLI et al. **Resíduos sólidos**: origem, classificação e soluções para destinação final adequada. Coleção Agrinho, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS. **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil**. 2015. Disponível em: [http:// https://abrelpe.org.br panorama-2018-2019/](http://https://abrelpe.org.br/panorama-2018-2019/). Acesso em: 10 ago. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10.004**: resíduos sólidos: Classificação. Rio de Janeiro, 2004.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (bola de neve)**: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: Congresso Nacional de Educação. 2011. p. 329-341.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 6, de 15 de agosto de 1995**. Brasília, 1995.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Brasília, 1999.

BRASIL. **Lei nº 12.305 de 2 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Brasília: Gráfica do Senado, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. **O boom turístico em Roraima**, 2017.

BURGOS, Andrés; MERTENS, Frédéric. As redes de colaboração no turismo de base comunitária: implicações para a gestão participativa. **Tourism & Management Studies**, v. 12, n. 2, p. 18-27, 2016.

CARLOS, Edileuza; FILHO, Raimundo Almeida. **Mapeamento de áreas degradadas pela atividade de garimpos na Região da Serra Tepequém (RR)**. Através de Imagens. Landsat-TM. 1996.

COSTA, Helena Araújo. **Destinos do turismo**: percursos para a sustentabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CUNHA, L. D. **A paisagem da serra do Tepequém-RR e sua potencialidade para o geoturismo**. 2013.

ECYCLE. **Você sabe a diferença entre resíduo e rejeito**. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/voce-sabe-a-diferenca-entre-residuo-solido-e-rejeito.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

FANDÉ, B.; PEREIRA, V. F. G. C. Impactos ambientais do turismo: um estudo sobre a percepção de moradores e turistas no município de Paraty-RJ. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental-REGET**, v. 18, n. 3, p. 1170-1778, 2014.

FIORILLO, Celso Antonio Pacheco; RODRIGUES, Marcelo Abelha. **Manual de direito ambiental e legislação aplicável**. São Paulo: Max Limonad, 1997.

FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**, 2002.

GHEDIN, Leila Marcia et al. Sinalização turística: uma proposta de uso turístico para a serra do Tepequém. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-16, 2011.

GHEDIN, Leila Márcia. **Plan de gestión comunitaria del turismo para la Sierra de Tepequém, município Amajari**, estado del Roraima, Brasil. 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

GÓMEZ, Carla Pasa et al. A Participação da Comunidade no Turismo de Base Comunitária: um estudo de múltiplos casos. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 2, p. 263-279, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. IPEA. **Sustentabilidade ambiental no Brasil: biodiversidade, economia e bem-estar humano**. Brasília, 2010.

J. S. **Grupo Guia Turístico**. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Amajari, Roraima. 31 de outubro de 2020.

L. F. J. **Grupo Pousada**. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Boa Vista, Roraima. 26 de novembro de 2020.

M, J.G. **Grupo Morador**. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Ama-

jari, Roraima. 31 de outubro de 2020.

M. G. S. **Grupo Pousada**. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Boa Vista, Roraima. 28 de outubro de 2020.

MINAYO, Maria Cecília (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

NASCIMENTO, Francisco Paulo. **Classificação da pesquisa: natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos**. Brasília: Thesaurus, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório nosso futuro comum**. Disponível em: <http://www.onu.org.br/rio20OFuturoqueQueremos.pdf>. Acesso em: 25 set. 2020.

PIRES, P. S. **As múltiplas facetas e implicações da relação turismo e meio ambiente**. In: Seminário de pesquisa em turismo do mercosul. 4, 2006. Caxias do Sul, RS: UCS. Anais. 2006. 1 CD-ROM.

PORTAL BRASILEIRO DE TURISMO. **Crescimento do Turismo no Brasil**. Disponível em: <https://www.mercadoeventos.com.br/mais-empregos-mais-faturamento-e-crescimento-do-turismo-no-brasil>. Acesso em: 22 fev. 2020.

PORTAL RORAIMA. **Tepequém: Espaço físico e místico**. Disponível em: <http://tepequem.rr.gov.br/conheca-o-tepequem>. Acesso em: 22 fev. 2020.

R. V. **Grupo Morador**, 2020. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Amajari, Roraima. 30 de outubro de 2020.

RODRIGUES, Emerson da silva; VIEIRA, Jaci Guilherme. Tepequém, do garimpo ao turismo, tepoking (rei dos tepuis). **Textos e Debates**, v. 1, n. 16, 2012.

RORAIMA. **Departamento Estadual do Turismo**, 2020. Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

RORAIMA. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento. **Guia Turístico Roraima 2009**. Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/guia-turistico>. Acesso em: 23 fev. 2020.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papirus editora, 2016.

SANTA CATARINA. Vigilância Sanitária. **Resíduos sólidos**. 2020. Disponível em: <http://www.vigilanciasanitaria.sc.gov.br> Acesso em: 3 set. 2020.

S. A. C. **Grupo Guia Turístico**. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Amajari, Roraima. 30 de outubro de 2020.

S.P.M. **Grupo Prefeitura**. Entrevista concedida a Loyane de Moura Sousa. Amajari, Roraima. 30 de outubro de 2020.

SILVA, Fernanda Dantas da. **A contribuição da aula de campo para o ensino de ciências no ensino médio regular, à luz da teoria de Jerome S. Bruner**. 2017.

SOUSA, Loyane de Moura. **Logística reversa**: um estudo em uma franquia O Boticário na região de Boa Vista-RR. Boa Vista, Universidade Federal de Roraima, 2017.

SPIILKI, Fernando Rosado; NAIME, Roberto. **O Padrão da (des) ordem da natureza**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2012.

VAZ, Leticia. **Educação ambiental e logística reversa**, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos I. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANELLA, Liane Carly Hermes, **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2009.



O USO DE PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS EM HOTÉIS DE BOA VISTA-RORAIMA

Márcia Fernanda da Fonseca¹
Luciana de Souza Vitória²

RESUMO

A hotelaria é considerada um mercado em ascensão do ponto de vista turístico. O setor hoteleiro tem como responsabilidade a preservação do meio ambiente, pois, o futuro econômico desses empreendimentos está interligado aos aspectos do desenvolvimento ambiental, econômico e sociocultural. Apesar da disseminação dos conceitos sobre sustentabilidade, o problema relatado neste artigo está relacionado aos entraves que os gestores encontram para aplicar as boas práticas de sustentabilidade na rotina dos hotéis de Boa Vista. O objetivo geral do trabalho é destacar a importância da adoção de práticas sustentáveis em hotéis em Boa Vista. O objetivo específico é fazer uma descrição de como os gestores analisam o que é sustentabilidade e que práticas eles adotam. Utilizamos o recurso da entrevista, com uma abordagem exploratória, com o intuito de evidenciar as ações implementadas por eles no dia a dia. Foi adotada uma análise qualitativa, parcialmente quantitativa, para identificar como os hotéis em Boa Vista têm procurado se adequar às boas práticas, para contribuir com o desenvolvimento sustentável do turismo. Os resultados indicam que pouco tem sido feito para aproveitar os recursos naturais. Também ficou constatada a ausência de programas, nesses empreendimentos, que auxiliem na redução de custos para alcançar o desenvolvimento sustentável voltado à preservação do meio ambiente.

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo – UFRR e acadêmica de Especialização em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis-IFRR.

2 Professora e Orientadora do Curso de Planejamento e Gestão de Empreendimento e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. Mestra em Turismo. E-mail: luciana.vitorio@ifrr.edu.br

Palavras-chave: Turismo. Hotel. Sustentabilidade. Gestão.

ABSTRACT

The hotel industry is considered a growing market, from a tourist point of view. The hotel sector is responsible for preserving the environment, as the economic future of these projects is linked to aspects of environmental, economic and sociocultural development. Despite the dissemination of concepts about sustainability, the problem reported in this article is related to the obstacles that managers face in applying good sustainability practices in the routine of hotels in Boa Vista. The general objective of the work is to highlight the importance of adopting sustainable practices in hotels in Boa Vista. The specific objective is to describe how managers analyze what sustainability is and what practices they adopt. We used the interview resource, with an exploratory approach, in order to highlight the actions implemented by them on a daily basis. A qualitative, partially quantitative analysis was adopted to identify how hotels in Boa Vista have sought to adapt to good practices in order to contribute to the sustainable development of tourism. The results indicate that little has been done to take advantage of natural resources. It was also noted the absence of programs in these projects that help reduce costs to achieve sustainable development aimed at preserving the environment.

Key words: Tourism. Hotel. Sustainability. Management

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento sustentável tem como objetivo garantir o crescimento econômico e, ao mesmo tempo, proteger o meio ambiente, levando em consideração as futuras gerações. Muito tem se falado em sustentabilidade, pois trata-se de uma preocupação mundial, desde que este esforço não implique em prejuízos à qualidade e segurança dos serviços, à produtividade da equipe e ao conforto do consumidor, mas, para desenvolver a atividade de forma sustentável, deve-se buscar a economia de recursos.

De acordo com Gonçalves (2004, p. 16), no setor de hospedagem, o consumidor está muito mais atento às questões sociais e ambientais e tem exigido isso das empresas, tanto no turismo, de uma forma geral, quanto na hotelaria, que são os segmentos que têm registrado um elevado índice de crescimento por todo o mundo. Diante do crescimento do setor, o aspecto ambiental deve

estimular as empresas a considerarem o impacto de suas atividades sobre o meio ambiente, na utilização dos recursos naturais, e contribuir para a integração da administração ambiental na rotina de trabalho (ALMEIDA, 2002). Assim, as práticas sustentáveis devem ser aplicadas com foco na redução de custos, mas também na preservação do meio ambiente.

Dessa forma, é imprescindível que se tenha uma definição do que o termo sustentabilidade significa no ponto de vista da hotelaria, e Beni (2003, p. 16) destaca que a palavra sustentabilidade pretende refletir uma política e estratégia de desenvolvimento econômico e social contínuo, sem prejuízo ao meio ambiente e dos recursos naturais, ou seja, oportunizando meios de preservação para o futuro alinhado com o desenvolvimento.

Considerando que o turismo uma atividade que faz girar a roda da economia e que a hospedagem é um fator indispensável na geração de lucros e de grande competitividade econômica, o objetivo deste artigo é evidenciar que ações adotadas nos hotéis em Boa Vista têm foco no aproveitamento dos recursos naturais sem agredir o meio ambiente. E, também, avaliar como a gestão tem trabalhado para promover práticas que possam alinhar os aspectos social, econômico e sustentável.

Inicialmente, será apresentado um referencial teórico destacando conceitos sobre sustentabilidade, um pequeno histórico sobre o município onde se dá a pesquisa e um levantamento sobre os hotéis registrados em Boa Vista que estão inseridos no sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo – CADASTUR³.

Em seguida, visando contribuir com informações que possam esclarecer de forma prática o assunto, será feita uma explanação sobre os recursos metodológicos aplicados na realização do artigo, como a percepção dos gestores sobre sustentabilidade, a adoção de programas de tratamento de esgoto, implementação de sistemas de tratamento e reaproveitamento da água, reciclagem de material, práticas de uso conscientes de água e de energia elétrica e

3 Cadastur é o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo, formalizando e legalizando estes prestadores de serviços junto ao Ministério do Turismo. É obrigatório para Meios de Hospedagem, Agências de Turismo, Transportadoras Turísticas, Organizadoras de Eventos, Parques Temáticos, Acampamentos Turísticos e Guias de Turismo-MEI (Microempreendedor Individual). Outras atividades podem ser cadastradas em caráter opcional.

programas de educação ambientais.

Para finalizar a pesquisa, será apresentada uma descrição das análises e os resultados sobre as ações adotadas nos hotéis em Boa Vista que visam à utilização dos recursos naturais, através de programas e iniciativas sustentáveis. E, por fim, as considerações finais.

TURISMO E SUSTENTABILIDADE

O turismo sustentável foi definido pela Organização Mundial de Turismo (OMT, 2003, p. 24) como aquele que “atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro”. O turismo é um fenômeno em transformação, e a relação entre turismo e meio ambiente é complementar, uma vez que o último constitui a matéria-prima da atividade turística (MEDEIROS, 2013, p. 205).

Em 1987, o termo ‘desenvolvimento sustentável’ ganhou definição no Relatório Brundtland, documento produzido pela Organização das Nações Unidas (ONU). sobre a relação turismo e sustentabilidade, Beni (2003, p. 12) destaca que o desenvolvimento sustentável é um conceito útil à medida que aponta para a necessidade de reflexões ao estabelecimento de uma visão da estrutura da organização da economia, da sociedade e de suas relações de troca com o meio ambiente. E o turismo sustentável vai ao encontro de uma atividade que possibilita, em todos os seus momentos, a consciência humana com seus efeitos (MEDEIROS, 2013, p. 215).

Existem controvérsias sobre o termo sustentável com relação à gestão. Para Candiotta e Corrêa (2004, p. 279), o termo não passa de uma utopia vaga, de pouca aplicabilidade dentro da estrutura política e econômica mundial, onde predominam interesses neoliberais e imperialistas. Já para Barbieri (2007, p. 25), a gestão ambiental é entendida como diretrizes e atividades administrativas e operacionais, tais como planejamento, direção, controle e alocação de recursos e outras realizadas, com o objetivo de obter efeitos positivos sobre o meio ambiente, quer reduzindo ou eliminando os danos ou os problemas causados pelas ações humanas, quer evitando que eles apareçam.

Apesar dos diferentes conceitos com relação ao termo e sua aplicabilidade

de, é evidente uma preocupação por parte de alguns empreendimentos sobre o cuidado com o meio ambiente e os custos do investimento. Para Gonçalves (2004), o setor do turismo, em geral, e a hotelaria, em particular, têm a obrigação e a responsabilidade de fazer da ética ambiental parte integrante de suas metas organizacionais e gerenciais.

No caso em análise, é essencial que se tenha conhecimento das práticas sustentáveis adotadas nos hotéis, reconhecendo como os gestores otimizam os recursos ambientais. Conforme Freitas e Almeida (2010), o segmento hoteleiro brasileiro apresenta lacunas acerca da produção de conhecimento sobre a gestão ambiental e as práticas ambientais efetivas no setor. Dessa forma, no que se refere à gestão ambiental de um hotel, é preciso compreender que ela é composta por um conjunto de políticas, programas, práticas gerenciais e operacionais.

Por essa razão, é importante destacar que o turismo sustentável não é uma ação isolada, dentro da cadeia turística, já que o sucesso dos seus negócios depende, em boa parte, da “saúde” do meio ambiente. Tachizawa e Andrade (2008) apontam que a responsabilidade socioambiental se tornou um importante instrumento gerencial para capacitação e criação de condições de competitividade para as organizações, qualquer que seja seu segmento econômico.

Contudo, deve-se levar em consideração que existem normas para os meios de hospedagem quando se fala em aspectos ambientais na política de gerenciamento desses empreendimentos, isto é, na gestão ambiental dos meios de hospedagem. Beni (2003, p. 13) e, seguindo no mesmo conceito, Erdogan e Baris (2007), complementam que os hotéis se constituem um elemento-chave da cadeia organizada de atividade na indústria de viagens e turismo, ocupando um lugar crucial das preocupações com a proteção do ambiente relacionado com o turismo e viagens.

Segundo Almeida (2002), uma empresa, para ser sustentável, deve buscar em todas as suas ações e decisões a ecoeficiência, ou seja, gerar serviços que alcancem eficiência, através da substituição de tecnologias, materiais, produtos, por meio de uma boa gestão. Na visão de Almeida (2002, p. 101), a ecoeficiência é uma filosofia de gestão empresarial que incorpora a gestão ambiental, ou

seja, é uma mudança de comportamento no que se refere à sustentabilidade, otimizando recursos para garantir o futuro.

Dessa forma, procurando produzir mais e com melhor qualidade, gerando menos poluição e utilizando menos recursos naturais, essas ações podem ser percebidas com a aplicação de métodos que possam reduzir custos para os empreendimentos, bem como garantir interação entre a gestão e a qualidade no meio ambiente.

REGULAMENTAÇÃO E CERTIFICAÇÃO

É importante compreender que há necessidade de uma articulação conjunta de políticas públicas ambientais e de turismo que sejam capazes de regular as ações com foco no desenvolvimento sustentável de processos produtivos, visando uma minimização dos impactos ambientais, sendo possível exercer essa atividade com fins lucrativos para salvaguardar os bens do sistema ambiental (VIEIRA; ARAÚJO, 2015, p. 521).

Sobre a importância da normatização do setor, para Furtado (2009), os indicadores são considerados ferramentas capazes de medir os efeitos do desenvolvimento sobre o meio ambiente considerando a utilização dos recursos naturais no presente, como também no futuro. Os sistemas de indicadores de sustentabilidade correspondem aos mecanismos que são adotados para avaliar o nível do desenvolvimento sustentável de um dado espaço territorial ou de uma dada atividade econômica (SILVA, 2016, p. 479).

Para orientar e medir os indicadores de sustentabilidade de empresas, neste caso, dos hotéis em avaliação, podemos mencionar a ISO 9001 (gestão da qualidade), ISO 14001 (gestão ambiental), AS 8000 (gerenciamento social), ABNT/NBR 16001 (gestão da responsabilidade social). Nesse aspecto, é importante destacar que:

É bem provável que, em um futuro muito próximo, as empresas se vejam compelidas a apresentar bons indicadores de sustentabilidade a fim de obter recursos financeiros e parceiros para seus processos econômicos e, com isso, poder galgar novos patamares de rentabilidade (PINTO, 2002, p. 27).

Sendo assim, vale destacar que indicadores são meios pelos quais as ações, em prol do desenvolvimento sustentável, podem ter meios oficiais de divulgação das informações que vão além da evidenciação de dados relativos à economia e finanças.

É importante ressaltar que, para avaliar o desempenho ambiental na gestão de hotéis, é necessário monitorar quais práticas sustentáveis estão sendo adotadas, com o intuito de minimizar impactos ao meio ambiente no decorrer de suas atividades.

HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BOA VISTA

De acordo com o IBGE, a cidade de Boa Vista se originou da sede de uma fazenda estabelecida no local, no século XIX. Em 1890, o povoado foi elevado à condição de vila e, em 1926, passou a ser município, adotando o nome da antiga fazenda Boa Vista. Com a criação do Território Federal de Roraima, em 1940, a cidade foi escolhida para ser a capital. Em 1988, com a promulgação da Constituição, foi então constituído o Estado de Roraima. Boa Vista é a capital mais setentrional do país. Seu acesso é feito pela BR-174.

SELEÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Foram definidos os hotéis a serem avaliados, levando-se em conta a inserção do hotel no CADASTUR, que tem como objetivo promover o ordenamento, a formalização e a legalização dos prestadores de serviços turísticos no Brasil.

Conforme dados do Departamento de Turismo do Estado (DETUR), até dezembro de 2020, 67% dos hotéis inscritos no CADASTUR estavam localizados na capital Boa Vista.

Como recursos metodológicos, foram utilizados a pesquisa documental e a aplicação de questionários. A pesquisa documental teve por finalidade reunir informações acerca dos conceitos de sustentabilidade, bem como se estes vêm sendo devidamente colocados em prática no setor de turismo, especialmente nos hotéis. Já a aplicação de questionários, mostrou-se fundamental para coleta de dados e alcance dos objetivos definidos para a pesquisa. Cada um tem

sua metodologia e exige técnicas específicas, e Andrade destaca que:

Instrumentos de pesquisa são os meios através dos quais se aplicam as técnicas selecionadas. Se uma pesquisa vai fundamentar a coleta de dados nas entrevistas, torna-se necessário pesquisar o assunto, para depois elaborar o roteiro ou formulário. Evidentemente, os instrumentos de uma pesquisa são exclusivos dela, pois atendem às necessidades daquele caso particular. A cada pesquisa que se pretende realizar procede-se à construção dos instrumentos adequados. (ANDRADE, 2009, p. 132-133).

Os hotéis visitados durante a pesquisa concentram-se na região centro-sul da capital, possuindo entre 10 e 106 Unidades Habitacionais (UH's).

Com relação ao perfil dos entrevistados, 71% responderem ser do sexo masculino e 29%, do sexo feminino.

Quanto ao nível de escolaridade, 29% dos entrevistados informaram ter apenas o ensino médio e 71% tinham formação superior.

Em relação à idade, 57 % dos entrevistados tinham entre 21 e 35 anos e 42%, entre 40 e 45 anos.

Vale ressaltar que todos declaram exercer o cargo de gerência nos hotéis visitados. Visando garantir o sigilo dos entrevistados, os gerentes serão identificados como A, B, C, D, E, F, G e H, respeitando o sigilo dos participantes da pesquisa, através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B).

METODOLOGIA

Neste trabalho, foi aplicada uma pesquisa exploratória, de caráter descritivo, com uma abordagem qualitativa, visto a necessidade da interação de dados que foram coletados, em entrevistas individuais, direcionada a cada gestor de hotel em Boa Vista, com objetivo de esclarecer quais práticas sustentáveis são adotadas nos hotéis.

Conforme Sampieri et al. (apud RÉVILLON, 2001, p. 3), os estudos exploratórios são feitos, normalmente, quando o objetivo da pesquisa é examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que não tenha sido abordado antes.

Contribuindo com a metodologia aplicada nesta pesquisa, Gil (1994, p. 109) aponta que a entrevista (Anexo A) é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais e, acrescenta, que as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Ressalta-se que a pesquisa envolve apenas dados de domínio público e que foram utilizados meios para que os participantes não fossem identificados, garantindo, assim, a impessoalidade aos participantes da pesquisa (Anexo B).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para alcançar o objetivo proposto da pesquisa, buscou-se, inicialmente, por conta do Decreto Municipal nº 033/E, de 16 de março de 2020, que determinou medidas de prevenção de contágio contra a Covid 19 (SARS-CoV-2), regras de distanciamento. Por este motivo, foram enviados e-mails aos gestores dos hotéis, incluídos no CADASTUR, para que eles respondessem à entrevista, elaborada com perguntas diretas sobre sustentabilidade.

Não se obteve nenhuma resposta através do e-mail. Questionados, alguns entrevistados informaram não ter recebido o e-mail ou observado a solicitação via e-mail institucional. Então, buscou-se a realização da entrevista de forma presencial, atendendo todos os critérios sanitários previstos. Apenas 42% deles foram visitados e se disponibilizaram a responder a entrevista de forma presencial. Entre os gestores visitados, 0,28% deles analisaram o conteúdo e preferiram não participar da análise. Os demais não atenderam a solicitação para responder a pesquisa.

Segundo Laville e Dionne (1999), pesquisador é aqui um descritor, um narrador dos fatos que observa, nunca um interventor, ele vigia, não interage, mesmo que ele já tenha uma perspectiva preconcebida do objeto de estudo.

PERCEPÇÃO DOS GESTORES SOBRE SUSTENTABILIDADE

Com relação à percepção dos entrevistados sobre o conceito de susten-

tabilidade, todos que aceitaram participar da pesquisa afirmaram se tratar de um processo no qual o objetivo é a preservação do meio ambiente. Porém, nenhum deles conseguiu explicar como esse processo deve ser desenvolvido na gestão, evidenciando pouco conhecimento sobre a relação sustentabilidade, empresa e turismo.

De acordo com Sebrae (2012, p. 8), a adoção de práticas empresariais sustentáveis passa a ser um fator de competitividade, independente do porte da empresa, pois melhora a sua imagem, proporcionando um diferencial frente aos consumidores.

Ao analisarem a pergunta sobre o conceito de sustentabilidade, os gestores demonstraram que o tema está mais ligado aos discursos ambientalistas do que à prática, que o conceito é abstrato, distante da realidade dos empreendimentos locais, como se a prática de medidas sustentáveis fosse intangível, sejam por questões econômicas, seja por falta de conhecimento de técnicas sustentáveis que não gerem gastos, que é o que mais preocupam os gestores.

Por outro lado, é notório que os gestores compreendem que as práticas de sustentabilidade têm sua importância, mas que são pouco estimuladas, incentivadas por políticas públicas, o que dificulta que saiam da teoria para a prática na rotina diária da gestão empresarial. De acordo com Beni (2003, p. 13), as políticas públicas de turismo precisam ser repensadas em função da própria dinâmica da atividade, saindo do ponto de vista teórico e alinhando-se a práticas possíveis que tragam em seu curso a economicidade desejada, bem como a manutenção dos recursos naturais.

Ainda trazendo a reflexão sobre economia e sustentabilidade, Beni (2003, p.12) aponta para a necessidade de reflexões ao estabelecimento de uma visão da estrutura da organização da economia, da sociedade e de suas relações de troca com o meio ambiente. Observou-se que os gestores entendem qual o ideal proposto conforme os aspectos sobre sustentabilidade, mas que não se tornam práticas, nem fazem parte de projetos que visam a implantação de programas sustentáveis, tendo em vista o pouco interesse no assunto.

ADOÇÃO DE PROGRAMAS DE TRATAMENTO DE ESGOTO

Nos hotéis visitados, todos os entrevistados informaram que, em relação ao tratamento de esgoto dos hotéis em Boa Vista, apenas utiliza-se a rede coletora oferecida pela Companhia de Águas e Esgoto de Roraima (CAER), em rede externa.

Para os gestores, este é um serviço essencial e único, e a coleta pública é suficiente para atender as necessidades ambientais, sem levar em conta que um tratamento adequado do esgoto produzido no hotel pode ter custos elevados. No entanto, é sabido que essa é uma das alternativas que sugerem reaproveitamento, bem como reutilização dos resíduos em serviços internos do hotel, visando contribuir com a saúde e com a preservação do meio ambiente. Além disso, existem meios capazes de reduzir o descarte total e o desperdício de águas utilizadas em vasos sanitários, duchas e chuveiros.

Apesar dos impactos positivos que o tratamento interno pode gerar ao empreendimento, os gestores demonstraram pouco conhecimento no assunto, o que evidenciou pouco nível de informação sobre o tema. Tanto Post quanto Altman (1994) acreditam que a falta de responsabilidade com as práticas ambientais está alicerçada na ausência de formação ou qualificação dos administradores e empregados da organização. Apesar de quatro dos entrevistados informarem ter formação superior, nenhum deles tem formação voltada à educação ambiental.

É importante destacar que um gerenciamento adequado pode gerar economia, sem, necessariamente, implicar em um aumento de custos para a empresa. Esse processo pode ser implementado através de iniciativas e treinamentos com todos os colaboradores, pois, em se tratando de gerenciamento de resíduos sólidos, é possível considerar como parte do processo a conscientização dos funcionários, os hóspedes e a sociedade sobre suas responsabilidades ambientais (DE CONTO et al., 2011, p. 228).

PROGRAMA E IMPLEMENTAÇÃO DE SISTEMAS DE TRATAMENTO E REAPROVEITAMENTO DA ÁGUA

O setor hoteleiro é considerado potencialmente impactante para os recursos hídricos, pois, segundo Waggett e Arostsky (2006, p. 56), hotéis utilizam

um grande volume de água para suas atividades hoteleiras. E o uso racional da água é uma preocupação mundial. O Brasil é considerado uma das principais bacias hidrográficas do mundo, porém, a escassez do produto é um fato que tem gerado várias discussões, inclusive com relação a meios de reaproveitamento, bem como sua utilização de forma consciente. E o crescente consumo de água tem feito do reuso planejado uma necessidade primordial (MORELLI, 2005, p. 4).

No hotel A, a gerente informou que a empresa terceiriza o serviço de lavanderia, com objetivo de economizar e reduzir o consumo. A percepção, em geral, é de que a preocupação sobre o uso sustentável da água trata-se, apenas, do aspecto economicidade, pois, nos hotéis pesquisados, não há investimentos em programas nem atividades relacionadas ao uso racional da água. Reutilizar a água, por exemplo, é uma das alternativas de maior importância para o meio ambiente, para as empresas e a população em geral (LONDE et al., 2014).

Pode-se ainda afirmar que o uso racional da água ocorre também por meio da conscientização dos usuários, adequação dos processos de consumo, eficiência hidráulica e utilização de equipamentos economizadores de água (ANA et al., 2005). Mas, para que essa conscientização ocorra, todo o empreendimento deve estar voltado às questões que remetam às práticas sustentáveis e que estas sejam prioridades. Sendo assim, terceirizar o serviço talvez não seja o melhor caminho para gerar economia e diminuir o desperdício. Ao invés disso, investir em ações educativas e estratégias sustentáveis pode ser o início de práticas que realmente contribuam com a redução do desperdício.

Outro fator importante, mas que é timidamente adotado nos hotéis pesquisados, é o reúso da água. Apenas um dos entrevistados informou que reutiliza a água dispensada pelas centrais de ar para molhar plantas. Contudo, iniciativas como controlar o uso da água através de equipamentos de reutilização, como em caixas sanitárias, lavagem de pisos, e até mesmo a irrigação de jardim são práticas extremamente importantes, pois, a partir desse conhecimento, é possível avaliar os principais componentes responsáveis pelo uso da água e priorizar o desenvolvimento de tecnologias para se gerar uma maior economia efetiva (TOMAZ, 2005, p. 180).

No hotel H, é feito o reúso da água através de uma ETA (conforme figu-

ra 1), onde a água da chuva é captada para reutilização em vasos sanitários e jardinagem.

Figura 1: Estação de tratamento de reúso de água



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 2: Vaso sanitário que utiliza água



Fonte: Dados da pesquisa reaproveitada

RECICLAGEM E REAPROVEITAMENTO DE MATERIAL

Abreu (apud GONÇALVES, 2004, p. 75) descreve que os impactos ambientais da hotelaria, no andamento das atividades, afetam muito o meio ambiente, porém ficou demonstrado durante as entrevistas que quase nada se tem feito com relação ao reaproveitamento e a reciclagem de materiais. Cinco gerentes responderam que não adotam nenhum tipo de ação voltada a essa prática. Conforme Vieira (2004), a hotelaria é um segmento que está muito propenso a desperdiçar. O resíduo sólido não é apenas um problema ambiental, mas também um problema operacional (POWERS; BARROWS, 2004, p. 141).

Devido à escassez de tratamento ao produto que poderia ser reaproveitado, é notável que cresce e demanda altos custos a eliminação do lixo. E, pra piorar, ainda não há soluções reais para os grandes problemas criados pelos aterros sanitários, que são potenciais geradores de poluição ambiental.

[...] as indústrias precisam produzir com qualidade e ao mesmo tempo diminuir a utilização dos recursos naturais, reciclar, não poluir, cuidar dos resíduos, promover ações em relação aos recursos humanos e à sociedade (MEZOMO; CORONA; VASCO, *on-line*, p. 1).

No Hotel B, a entrevistada respondeu que são realizadas doações de len-

ções, quando os mesmos já estão em condições gastas e, também, são feitas coleta e doação de latas de alumínio utilizadas no restaurante, iniciativas bem tímidas diante da problemática, que vai muito além de uma doação. Quantidade de produtos de limpeza, sabonetes, materiais descartáveis, como copos, guardanapos, latas de bebidas, além de restos orgânicos, podem ser reaproveitados, precisando apenas que haja para tal finalidade capacitação, pois evitar desperdícios e reciclar lixo são uma obrigação de todo cidadão consciente (VIEIRA, 2004, p. 53).

Todavia, criar meios, mobilizar colaboradores e hóspedes para uma mudança de comportamento, direcionando a eles ações de consciência ambiental, são alternativas que podem colaborar de forma efetiva. Para tanto, são necessários recursos mínimos que não demandam altos investimentos, como capacitações, palestras, divulgação de material informativo, mobilização interna com o objetivo de promover um senso comum sobre a importância da preservação do meio ambiente, além de uma grande possibilidade de transformar o lixo em recursos, como a reciclagem, pois grande parte do lixo de um hotel pode ser uma importante fonte de renda, além de ajudar a aumentar as diversas receitas da empresa, conforme Viera (2004, p. 53-54).

PRÁTICAS DE USO CONSCIENTES DE ÁGUA E DE ENERGIA ELÉTRICA

A energia gera um alto custo nos meios de hospedagem e representa um processo complexo que necessita ser entendido para torná-lo eficiente, a fim de contribuir e ajudar com a preservação do ambiente e, ao mesmo tempo, reduzir o consumo de energia elétrica e de água, através do equipamento de energia solar e de reaproveitamento da água, por exemplo. Tudo isso promove uma grande diminuição dos impactos ambientais em recursos naturais não renováveis (OMT, 2015). Além disso, toda atividade gera um certo impacto, conforme define De Conto:

A exemplo das indústrias, dos hospitais e dos centros comerciais, os meios de hospedagem, independentemente de sua capacidade de leitos, são responsáveis pelo meio ambiente (DE CONTO, 2005, p. 821).

Seguindo com a sequência das entrevistas, o hotel B adota o uso de tec-

nologias limpas, através de cartões inteligentes, para garantir o uso racional de energia elétrica, o que demonstra que há maior preocupação com o consumo do que com questões ambientais, haja vista que o uso de energia não só demanda custos, mas deve ser uma preocupação mais abrangente. Preocupar-se com a fonte que nos fornece o produto deve-se ser analisado, pois a fonte pode se tornar esgotável. Sant'Anna e Zambonim (2002 apud BERNADELLI JR et al., 2014, p. 566) afirmam que a maioria dos impactos ambientais, associados ao setor hoteleiro, pode ser minimizada por meio de medidas administrativas e gerenciais que sejam de forma preventiva e com o uso de tecnologias limpas.

No hotel C, estão sendo realizados investimentos na aquisição de energia limpa e renovável, com a instalação de energia solar para abastecer todo o hotel, que conta com 30 apartamentos. A busca por alternativas de energias limpas e renováveis também está ligada ao aumento de tarifa com as mudanças estruturais do setor elétrico e à redução dos impactos ambientais e incentivar energias alternativas (MARTINEZ et al., 2009).

E sobre a dificuldade de implantar sistemas de energia renováveis em hotéis, Cordeiro e Körössy (2018, p. 44) ressaltam que esse fato pode ser explicado pela dificuldade da aplicação da política de desenvolvimento sustentável que envolva a rede de empresários, consumidores, produtores e governos e órgãos de controle e fomento.

No Hotel H, cerca de 3% dos custos com energia elétrica foram reduzidos com a implantação de placas solares (figura 3), uso de equipamentos que utilizam a luz solar para aquecimento de água (figura 4), uso de energia solar nos apartamentos (figura 5), utilização de sistemas inteligentes de consumo de energia e lâmpadas de LED (figura 6).

Figura 3: Placas de captação de energia solar



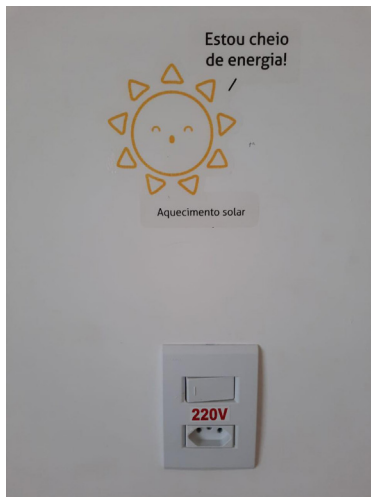
Fonte: Dados da Pesquisa

Figura 4: Boiler, reservatório para aquecer aquecimento da água



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 5: Tomada alimentada energia solar



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 6: sistema inteligente de consumo de energia



Fonte: Dados da pesquisa

Conforme a gestão do Hotel H, a implantação das placas solares, o uso de lâmpadas econômicas, sistemas inteligentes de uso de energia e o aquecimento da água através da energia solar trouxeram ao empreendimento cerca de 3% na redução da tarifa de energia. O valor economizado com a conta é investido em outros setores, como aquisição de equipamentos com tecnologias avançadas para economicidade, como máquinas de lavar para serem usadas na lavanderia.

PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL VOLTADOS A COLABORADORES E HÓSPEDES

Nos hotéis visitados, dois deles, A e B, responderam durante a entrevista que orientam os colaboradores e hóspedes a economizar água e energia, sem dar exemplos de ações concretas ou programas voltados, especificamente, para educação ambiental. Ressalta-se que o gestor é o principal responsável por todos os processos que envolvem tanto os colaboradores quanto os fornecedores e hóspedes. Sendo assim, o gestor tem como papel fundamental direcionar as ações nos hotéis, para que sejam implementadas práticas sustentáveis. Ferreira et al. (2019, p. 202) enfatizam que a Educação Ambiental é responsável por estimular a conscientização do indivíduo em relação aos problemas ambientais.

A Norma NBR 15.401 (BRASIL, 2006) orienta os meios de hospedagem na busca de caminhos alternativos para a sustentabilidade, porém foi observado que nenhum dos entrevistados adota qualquer tipo de prática sustentável com base na legislação vigente. Segundo Butler (2008 apud PERES JR; REZENDE, p. 241, 2011), aqueles que adotarem posturas ambientalmente corretas voluntariamente, antes que elas se tornem normas impostas, serão recompensados pelo mercado.

A relação turismo e meio ambiente precisa ser equilibrada para que ambos os envolvidos, na atividade turística, estejam voltados às práticas sustentáveis para manter a preservação do meio onde estão inseridos. E essa conectividade precisa unir todos os colaboradores, hóspedes e gestores. Segundo Ferreira et al. (2019, p. 202), a educação ambiental é responsável por estimular a conscientização do indivíduo em relação aos problemas ambientais.

No Hotel H, todos os colaboradores são incentivados, através de cursos, para o uso de práticas sustentáveis, bem como a economia de produtos, o descarte correto de lixo, o uso adequado de água e energia, além de noção ideal de preservação do meio ambiente, dentro do ambiente do trabalho, bem como na comunidade onde vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do processo exploratório definido como procedimento investigativo, através da entrevista, foi possível constatar que a rede de hotelaria no município de Boa Vista, em sua maioria, é formada de hotéis de pequeno porte. Por esse motivo, há poucos colaboradores e uma rotina exaustiva de trabalho, o que, inclusive, impactou negativamente na pesquisa, pois os entrevistados tiveram pouco tempo para atender o estudo.

Contudo, apesar das restrições impostas pelo momento no qual o mundo passa, diante da Pandemia de SARS-CoV-2, no contato direto com quem se dispôs a participar da pesquisa, foi possível constatar que há carência de políticas públicas e programas de incentivo ao fomento de ações de sustentabilidade na maioria dos hotéis pesquisados em Boa Vista, Roraima.

O discernimento sobre o conceito de sustentabilidade e sua importância para o desenvolvimento econômico e social, fica voltado ao campo das considerações sobre o tema, mas não na política de gerenciamento. Percebe-se que não há o comprometimento de que é importante colocar na rotina de atividades do hotel a adoção de práticas sustentáveis, com ações no cotidiano que ajudam na conscientização sobre o meio ambiente.

Presume-se que falta a mínima sensibilização com as práticas de sustentabilidade, e que, devido ao modelo de empresa, faltam investimentos com visão e manutenção ecologicamente correta.

Ficou evidente a falta de conhecimento técnico de alguns dos gestores no que se refere à gestão ambiental, o que os torna mais preocupados com os custos domésticos do que com o futuro do meio ambiente. Não há, à primeira vista, intenção de investimentos ou implementação de programas voltados a práticas sustentáveis. Porém, esse cenário vem sendo modificado com a inserção de grandes empresas no estado, que possuem maior potencial econômico e de atrativos a hóspedes cada vez mais exigentes e atentos às questões ambientais.

No entanto, nos empreendimentos onde os gestores têm formação específica em hotelaria e gestão ambiental, as práticas sustentáveis são adotadas como rotinas diárias, e todas as ações são voltadas ao bem-estar dos hóspedes,

colaboradores e, o principal, ao meio ambiente, sem deixar de levar em conta o principal objetivo do empreendimento, que é a lucratividade do negócio.

Dessa forma, é notável que há necessidade de maior mobilização para que esses empreendedores vejam, nas práticas sustentáveis, meios de manter-se lucrativos sem prejudicar o meio ambiente, com colaboradores e hóspedes também com consciência ambiental em suas ações diárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernando, 2002. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009

BARBIERI, J. C. **Gestão Ambiental Empresarial: conceitos, modelos e instrumentos**. São Paulo: Saraiva, 2007.

BENI, M. C. (2003). Como Certificar o Turismo Sustentável. **Revista Turismo em análise**, v. 14, n. 2, p. 5-16. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v14i2p5-16>. Acesso em: fevereiro de 2020.

BERNADELLI, J.M. J. et al. Sistemas de Gestão Ambiental na Operação dos Empreendimentos Hoteleiros. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 6, n. 4, p. 564- 582, out - dez, 2014.

CANDIOTTO, L.Z.P.; CORRÊA, W.K. **Desenvolvimento rural sustentável: algumas considerações sobre o discurso oficial do governo federal**. Geografia, Associação de Geografia Teorética (AGETEO), Rio Claro, v. 29, n. 2, p. 265-280, mai/ago. 2004.

CORDEIRO, I.; KÖRÖSSY, N. Quando as políticas públicas de turismo sustentável ignoram a dimensão social: reflexões a partir do estudo de caso de Fernando de Noronha. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 42-58, dez. 2018.

DE CONTO, S. M. et al. Las condiciones de saneamiento básico como factor decisivo en la elección del destino turístico: Un estudio basado en la información brindada por los huéspedes. **Estudios y perspectivas em Turismo**, v. 20, n. 1, p. 213-228, 2011a.

ERDOGAN, N.; BARIS E. Environmental protection programs and conservation practices of hotels in Ankara, Turkey E [Versão eletrônica]. **Tourism Management**, n. 28, p. 604-614, 2007.

FERREIRA, L.C. et al. Educação Ambiental e Sustentabilidade na prática escolar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 201-214, 2019.

FREITAS, A. L. P.; ALMEIDA, G. M. M. Avaliação do nível de consciência ambiental em meios de hospedagem: uma abordagem exploratória. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n. 2, p. 405-417, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, L. C. **Gestão Ambiental em meio de hospedagem**. São Paulo: Aleph, 2004.

LAVILLE, Christian; Dionne, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed: Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

MARTINEZ, Maria Fernanda et al. Redução do consumo de energia elétrica através de conceitos Green Building. **Eletrônica de Potência**, v. 14, n. 2, maio, 2009.

MEDEIROS, L. da M. Turismo e Sustentabilidade Ambiental: Referências para o desenvolvimento de um turismo sustentável. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 3, n. 2, jan/jun, 2013. Disponível em: <https://www.revistasu-ninter.com/revistameioambiente/index.php/meioAmbiente/article/view/181>. Acesso em: fevereiro de 2020.

MEZOMO, Jocilane; CORONA, Hieda Maria Pagliosa; VASCO, Ana Paula Debastianne. **Indicadores de Sustentabilidade do Instituto Ethos e o Processo de Gestão das Indústrias Associadas a FIEP**, no Município de Pato Branco. [online]

MORELLI, Eduardo Bronzatti. **Reuso de água na lavagem de veículos**. Dissertação. 107 fls. São Paulo, 2005. Disponível em <https://tratamentodeagua.com.br/wp-content/uploads/2016/05/REUSO-DE-%C3%81GUA-possibilidades-de-redu%C3%A7%C3%A3o-do-desperd%C3%ADcio-nas-atividades-dom-%C3%A9sticas.pdf>. Acesso: 25 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2003. 168p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Desenvolvimento do turismo sustentável**: Manual para organizadores locais. Publicação de Turismo e Ambiente, 1996.

PINTO, Luiz Fernando da Silva, 2002. **Gestão Cidadã**: ações estratégicas para a participação social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV.

POWERS, Tom; BARROWS, Clayton W. **Administração no setor de hospitalidade**. São Paulo: Atlas, 2004.

RÉVILLON, A. S. P. A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. **Revista Formação**, n. 16, v. 1, p. 48-59. 2003. 48.

SEBRAE 2012, **O que pensam Micro e Pequenas Empresas sobre sustentabilidade**. Disponível em: www.sebrae.com.br/estudos-e-pesquisas pág 8. Acesso em: fevereiro de 2020.

SILVA, Nicole Cavalcanti; Cândido, Gesinaldo Ataíde. Sistema de indicadores de sustentabilidade do desenvolvimento do turismo: um estudo de caso do município de Areia – PB. **Rev. Bras. Pesq. Tur.**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 475-496, set./dez. 2016.

TACHIZAWA, T. ANDRADE. **Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa**. São Paulo: Atlas, 2008

TACHIZAWA, T.; ANDRADE, O.B. **Gestão socioambiental**: estratégias na nova era da sustentabilidade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

TOMAZ, P. **Aproveitamento de água de chuva para áreas urbanas e fins não potáveis**. 2. ed. São Paulo: Navegar Editora, 2005, 180p.

VIEIRA, A. F.; ARAÚJO, J. L. L. Turismo e sustentabilidade ambiental na comunidade de Barra Grande, Cajueiro da Praia, Piauí (PI). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 519-536, 2015.



FERRAMENTAS DE GESTÃO COMO ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO: estudo de caso de uma agência de viagem em Boa Vista – Roraima

Wilde Coelho Sales¹
Maria Neusa de Lima Pereira²

RESUMO

O presente trabalho apresenta a relevância da aplicação de ferramentas de gestão nas organizações, auxiliando na mensuração de dados, na análise de metas, no planejamento de ações e na cobrança de resultados, considerando que as rápidas e inesperadas mudanças no mundo dos negócios decorrem do mundo globalizado em que vivemos, que transforma e vem transformando a realidade das organizações. Este estudo tem por objetivo analisar, propor e implantar ferramentas de gestão, mostrando que estas ferramentas são eficazes no gerenciamento para o processo de melhoria contínua e o sucesso da organização. Neste sentido, a pergunta norteadora da presente análise foi a seguinte: como implementar em uma microempresa, do setor de serviços, ferramentas de gestão para a melhor condução dos processos? O método utilizado para a pesquisa e elaboração deste estudo foi o estudo de caso, com abordagem qualitativa, além da pesquisa bibliográfica. Foi proposta a implantação na empresa estudada de quatro das principais ferramentas de gestão: Ciclo PDCA, Análise SWOT, Matriz 5W2H e Matriz GUT. Observou-se que a empresa não possui controle efetivo de dados para o acompanhamento de sua performance e, conseqüentemente, tomada de decisões, dificultando, assim, um posicionamento no mercado e seu crescimento. Porém, identificou-se que os gestores estão dispostos a mudanças e utilização das ferramentas e que,

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis-IFRR. Graduado em Administração de Empresas - FARES. E-Mail: wilde.sales@hotmail.com

2 Professora orientadora do IFRR e Orientadora deste artigo. Mestre em História social - UFRJ. Licenciada em Letras UFSM. Bacharel em Administração- UFRR. E-Mail:marianeusa@ifrr.edu.br.

apesar do quadro muito reduzido, pretendem trabalhar de forma organizada e colocando em prática as ferramentas de gestão, tendo uma visão mais ampla dos negócios e do mercado concorrente. Percebeu-se também que a empresa possui um campo amplo de oportunidades, ainda não explorado e pode trazer benefícios futuros.

Palavras-chave: Agência de viagem. Turismo. Empreendedorismo. Ferramentas de Gestão.

ABSTRACT

The present work "MANAGEMENT TOOLS AS GROWTH STRATEGY: Case study of a travel agency in Boa Vista - Roraima" presents the relevance of the application of management tools in organizations, which assist in data measurement, goal analysis, action planning and results collection, considering the rapid and unexpected changes in the business world, result from the globalized world in which we live, which transforms and transforms the reality of organizations. This study aims to analyze, propose and implement management tools, showing that these tools are effective in management, for the process of continuous improvement and the success of the organization. In this sense, the main question of this analysis was as follows: How to implement management tools in a micro-enterprise, in the service sector for the better conduct of processes? The method used for the research and elaboration of this study was the case study, with a qualitative approach, in addition to bibliographic research. It was proposed the implementation in the company studied, 4 of the main management tools, such as: PDCA CYCLE, SWOT ANALYSIS, MATRIX 5W2H and MATRIX GUT. It was observed that the company does not have effective data control for monitoring its performance and consequently decision making, thus hindering a positioning in the market and its growth. However, it was identified that managers are willing to change and use the tools, despite the very small framework, intend to work in an organized way and putting into practice the management tools, having a broader view of the business and the competing market. It was also noticed that the company has a wide field of opportunities, not yet explored and that can bring future benefits.

Keywords: Travel agency. Tourism. Entrepreneurship. Management Tools.

INTRODUÇÃO

As rápidas e inesperadas mudanças no mundo dos negócios que transformaram a realidade das organizações decorrem do mundo globalizado em que vivemos. Em virtude dessas mudanças, as micro e pequenas empresas têm que buscar modos de gestão mais eficazes, utilizando novas tecnologias, qualificando seus trabalhadores e aperfeiçoando os processos internos de suas empresas, visando se posicionar melhor em um mercado cada vez mais incerto e competitivo.

Não há crescimento esperado por uma organização sem um gerenciamento adequado e ferramentas de gestão capazes de neutralizar ações do mercado concorrente. A implantação de ferramentas de gestão tem proporcionado ampla competitividade, aumento da produtividade, excelência na prestação dos serviços e consequente superação das expectativas dos clientes.

Essas ferramentas, além de facilitar e reduzir o fluxo de processos nas agências de viagem, objeto deste estudo, organiza de forma sistemática a carteira de clientes, possibilita a criação de novas ações com foco em melhores resultados e ajuda a identificar novas oportunidades. Sem essas ferramentas, a estrutura gerencial do negócio pode ficar comprometida, pois é necessário compreender o alcance e o significado das oportunidades na relação com o mercado.

Nesse sentido, este estudo se justifica pela relevância da aplicação de ferramentas de gestão nas organizações, que, independente de sua dimensão, auxiliam na mensuração de dados, análise de metas, planejamento de ações e cobrança de resultados, devido às rápidas transformações do mercado atual, visto que a inquietação do autor que o instiga muito é: Como implantar em uma agência de viagem, ferramentas de gestão para a melhoria de seus processos e resultados?

Nessa perspectiva, o presente estudo visa como objetivo analisar a aplicação das ferramentas de gestão (Ciclo PDCA, Análise SWOT, 5W2H e Matriz GUT), sensibilizando para a importância no desempenho de uma agência de viagem em Boa Vista, Roraima. Para isso, foi realizada a análise de como a gestão da empresa estudada tem sido conduzida desde a sua criação, bem como

as dificuldades dos gestores para conduzi-la. A partir dessa análise, serão indicadas quatro ferramentas de gestão essenciais na administração de empresas, a saber: Ciclo PDCA, Análise SWOT, 5W2H e Matriz GUT. Respectivamente, as ferramentas citadas direcionam a empresa para a padronização e melhoria dos processos, analisa os cenários internos e externos, desenvolve soluções e indica quais problemas priorizar.

Visando alcançar os resultados esperados, foi realizada, no decorrer da pesquisa, entrevista semiestruturada aplicada pelo pesquisador durante o mês de dezembro de 2020. A entrevista foi realizada com o gestor administrador da agência, objeto deste estudo. Além da entrevista, também foi realizada a pesquisa bibliográfica e documental por meio da análise de livros, artigos científicos e materiais institucionais, conforme estudos teóricos de Yin (2001).

A agência de viagem estudada, como a maioria das MPE's³, limita-se a realizar atividades administrativas básicas e atividades operacionais diárias.

A empresa já recebeu consultorias na área de planejamento estratégico, finanças, identidade visual e 'marketing' digital. Mesmo compreendendo a necessidade de prospectar novos clientes, o quadro reduzido de colaboradores impossibilita os gestores de conduzir o gerenciamento de forma sistemática. Com isso, os esforços sempre estiveram direcionados a manter a clientela atual, de modo a cumprir com suas obrigações de despesas fixas.

Percebe-se a ausência de acompanhamento dos dados, por falta de utilização das ferramentas gerenciais, com informações insuficientes para que os gestores pudessem agir de forma estratégica e tomar as decisões necessárias.

Como análise de desempenho financeira, a empresa se limita às entradas, saídas e o saldo da conta bancária, demonstrando informações insuficientes para a tomada de decisão dos gestores.

Assim, a pergunta norteadora da presente análise precisa ser reforçada: Como sensibilizar uma microempresa do setor de serviços, em Boa Vista, Roraima, para a implantação de ferramentas de gestão?

Dessa forma, o universo latente ao estudo em questão, após a entrevista

3 MPE's – Micro e Pequenas Empresas.

realizada, está diretamente ligado ao fato de os gestores não possuírem as ferramentas de gestão apropriadas para aplicar no negócio e desconhecerem os números reais de seu desempenho.

A coleta de dados foi obtida a partir de entrevista semiestruturada com os gestores da empresa. Essa categoria de entrevista faz uma combinação de perguntas abertas e fechadas, dando maior liberdade ao entrevistado sobre o tema abordado, permitindo respondê-las espontaneamente (MINAYO, 2010).

O artigo está estruturado da seguinte forma: abordagem conceitual de empreendedorismo, micro e pequenas empresas; conceituação e histórico do segmento de agências de viagem; conceituação e aplicação das ferramentas de gestão em agências de viagem.

GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

O desenvolvimento econômico e social do Brasil tem se intensificado com estudos relevantes sobre o empreendedorismo. Conforme o relatório Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2019), a taxa de empreendedorismo total no Brasil foi de 38,7%. A estimativa é de que cerca de 53,5 milhões de brasileiros entre 18 a 64 anos (população adulta (APS) a qual as taxas gerais de empreendedorismo são calculadas), estavam à frente de um empreendimento, independentemente do seu estágio. Ainda segundo o (GEM, 2019), desde a primeira participação do Brasil, em 2000, este percentual de empreendedores é o segundo maior, ficando abaixo apenas do registrado em 2015 (39%).

O termo “empreendedorismo” deriva da palavra francesa *entrepreneur*, que significa “aquele que assume riscos”. Chiavenato (2007) define empreendedor como: a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal, assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente.

São vários os conceitos de empreendedorismo encontrados na literatura. Destaca-se, neste estudo, o entendimento de Peter Drucker (1981, 34), quando afirma: “O empreendedorismo é um comportamento, e não um traço de personalidade”.

Estudos revelam que empreender surge de “necessidades” ou “oportunidades”. A primeira por pessoas que se encontram ociosas e vislumbram um sustento no negócio. A segunda, por pessoas que, a partir de uma ideia, identificaram uma oportunidade no mercado, sendo este o mais duradouro (SEBRAE, SP, 2016).

Conforme o relatório executivo (GEM, 2019), as motivações para empreender não se restringem apenas às “necessidades” ou “oportunidades”, elencando novas possibilidades em quatro afirmações expostas aos empreendedores, de modo a obter respostas positivas ou negativas sobre cada uma delas.

Tabela 1 - Percentual dos empreendedores iniciais segundo as motivações para iniciar um novo negócio - Brasil 2019.

Motivação	Taxas
Para ganhar a vida porque os empregos são escassos	88,4
Para fazer diferença no mundo	51,4
Para construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta	36,9
Para continuar uma tradição familiar	26,6

Fonte: GEM Brasil 2019

A partir desses dados, observa-se que 88,4% dos empreendedores iniciais atribuem a iniciativa de empreender à escassez de postos de trabalho. Já 51,4% desses empreendedores, foram motivados a empreender pelo desejo de contribuir para um mundo melhor.

Contrapondo os anteriores, um terço motivou-se pela necessidade de obter renda, construir riquezas. Por fim, o último dado apresentado corresponde a um quarto dos empreendedores que deram continuidade aos negócios da família.

GESTÃO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

A gestão de empreendimentos desse porte é desafiadora, pois qualquer problema pode tornar-se um obstáculo, principalmente para empreendedores inexperientes. Alguns dos aspectos que contribuem negativamente para a ad-

ministração dessa categoria de negócio estão relacionados a falta de planejamento e gestão, alta carga tributária e juros elevados e pela inexperiência dos empreendedores. Os motivos elencados causam um impacto significativo na empresa, influenciando no preço de venda e na sua margem de lucro.

O desenvolvimento das pequenas empresas também pode estar relacionado à sua estrutura, pelo fato de virem de cunho familiar, onde a gestão é mais informal e os cargos de gestão serem ocupados por membros pouco preparados, como afirma Drucker (1981, p. 225): “O maior problema das pequenas e médias empresas é que geralmente são pequenas demais para manter a gestão que precisam”.

Em contraposição ao que se observa como desafios para a gestão de microempresas, existem aspectos favoráveis à sua administração, como o fato de possuírem estruturas mais enxutas, menor *Market Share*⁴ e o estreito relacionamento com clientes e fornecedores.

Dessa forma, é inevitável uma mudança no modelo de gestão, aproveitando os fatores motivadores da empresa.

A proximidade e o envolvimento dos colaboradores são fatores propulsores, possibilitando um estreito relacionamento e uma gestão mais participativa. Nas teorias da gestão, Chiavenato (2003) discorre sobre a gestão participativa, em que os gestores devem olhar para seus colaboradores como parceiros, buscando o envolvimento e comprometimento de cada um, em prol de um objetivo comum. Nas organizações privadas, existe, por exemplo, o PPR⁵, em que o colaborador tem participação nos lucros da empresa.

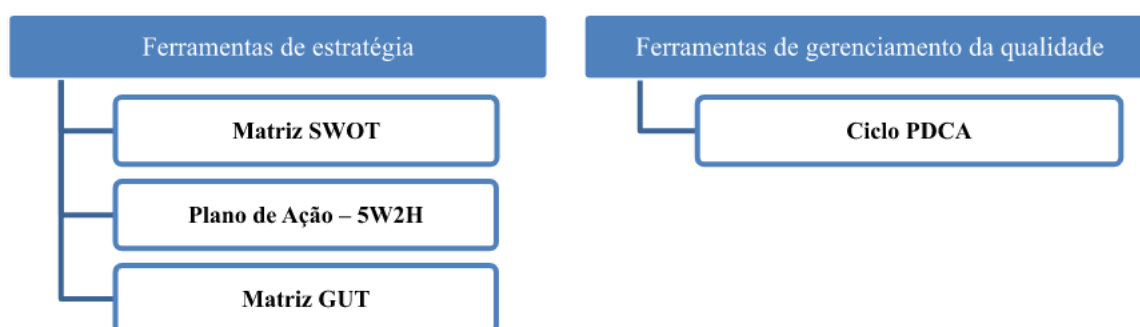
As MPE's são regidas pela Lei Geral, também conhecida por Estatuto Nacional da Microempresa e da empresa de Pequeno Porte, criada pela Lei Complementar n.º 123/2006. O principal benefício desta Lei é o tratamento tributário diferenciado. No Brasil, as MPE's representam 99% do total de estabelecimentos existentes, respondendo por 52% do total de empregos formais do setor privado. As agências de viagem, em sua maioria, são micro e pequenas empresas (SEBRAE, Pequenos Negócios em Números, np).

4 Market Share (quota de mercado), pode garantir a subsistência da empresa com um número menor de clientes.

5 PPR – Plano de Participação nos Resultados.

As Microempresas são classificadas através do seu faturamento bruto anual, ou seja, aquelas que auferem receita bruta anual até R\$360 mil (SEBRAE, Pequenos Negócios em Números, np). Em geral, são empresas pequenas, com o quadro de pessoal reduzido, sendo facilmente impactadas por mudanças no ambiente externo, que as impedem de competir no mercado.

FERRAMENTAS DE GESTÃO: CONCEITO, APLICAÇÃO E BENEFÍCIOS



As ferramentas de gestão trazem vários benefícios para a gestão empresarial, bem como o gerenciamento de forma eficiente, evitando falhas nos processos e direcionando os gestores para a tomada de decisões mais assertivas.

A partir do planejamento estratégico, falar-se-á de forma simplificada sobre os conceitos e aplicação de algumas ferramentas consideradas para uma gestão eficaz.

O planejamento estratégico deve ser compreendido como um conjunto de processos, contínuos e sistemático que concentram a atenção, recursos e esforços da empresa em um caminho para que ela se organize e atinja um objetivo (SEBRAE – Gestão Empresarial, np). Segundo Merhi Daychoum (2018), muitas vezes, desvia-se deste caminho a ser seguido, mas o importante é que seja possível retomá-lo, mesmo que para isso seja necessário fazer ajustes, pois ele existe e está lá estabelecido para que o mesmo seja tido como referência. Merhi Daychoum (2018, 41) afirma que: “O principal elemento motivador para o sucesso de qualquer empreendimento, é um bom planejamento”.

Outra conceituação de planejamento estratégico apresentada por Oliveira (2007, 64) é:

processo administrativo que proporciona sustentação metodológica para se estabelecer a melhor direção a ser seguida pela empresa, visando ao otimizado grau de interação com os fatores externos - não controláveis - e atuando de forma inovadora e diferenciada.

A partir da análise realizada na agência de viagem estudada, sugere-se a implantação das quatro ferramentas propostas neste trabalho, por identificar os pontos a ser melhorados, bem como a necessidade de mudança na/da organização, objetivando envolver e influenciar a empresa na totalidade para esse novo modelo de gestão. Dessa forma, é perceptível as mudanças a curto, médio e longo prazos, seguindo o planejamento estratégico.

Há no mercado uma abundância de ferramentas distintas para variadas categorias de processos gerenciais, como as de gerenciamento de rotinas, relacionamento com clientes, solução de problemas, entre outras. Uma ferramenta de gestão pode atender mais de um processo gerencial, assim como também o contrário pode acontecer, ou seja, um único processo gerencial pode utilizar mais de uma ferramenta de gestão, vislumbrando o mesmo propósito na organização. Abaixo, serão apresentadas algumas ferramentas de gestão estratégica e de gerenciamento da qualidade (MERHI DAYCHOUM, 2018).

FERRAMENTAS DE ESTRATÉGIA

Dentre as ferramentas estratégicas para uma gestão eficaz, foram selecionadas algumas destas para este estudo: Matriz SWOT, Plano de ação – 5W2H e Matriz GUT. A seguir, apresenta-se uma descrição sucinta de cada uma dessas ferramentas.

Matriz SWOT.

Trata-se de uma ferramenta utilizada para avaliar o ambiente interno e externo à organização. A matriz SWOT é composta por quatro quadrantes: *Strengths* (Forças), *Weaknesses* (Fraquezas), *Opportunities* (Oportunidade) e *Threats* (Ameaças). As forças fazem parte dos fatores internos da empresa e representam todos os seus diferenciais, compondo sua vantagem competitiva, como produtos exclusivos e atendimento personalizado. O outro quadrante que faz parte

dos fatores internos são as fraquezas. Elas representam os pontos fracos que a empresa possui em relação aos seus concorrentes, como credibilidade, preços, atendimento ao cliente, estrutura, qualidade dos produtos etc. O quadrante das oportunidades é determinado em tópicos que representam um potencial grande para elevar sua vantagem competitiva. Geralmente, é muito difícil prever uma oportunidade e conseguir controlar a periodicidade em que elas aparecem, por isso ela é considerada um fator externo. Por fim, as ameaças, que também são fatores externos com grande potencial de prejudicar a sua empresa de algum modo, como o surgimento de novos concorrentes ou inovações que podem até tornar os produtos obsoletos (MERHI DAYCHOUM, 2018).

Plano de Ação – 5W2H.

Técnica utilizada para garantir que a operação seja conduzida com segurança por todos os envolvidos na empresa. Considerado como uma ferramenta administrativa e da qualidade, pode ser aplicado em várias áreas do negócio e em diferentes contextos dentro de uma organização, como na execução de um projeto, atingimento de metas ou até mesmo na organização de uma excursão. Seu objetivo principal é auxiliar no planejamento de ações, ajudando a esclarecer questionamentos, sanar dúvidas e a tomar decisões (FERRAMENTAS DA QUALIDADE.ORG). A ferramenta é uma espécie de lista de verificação, formada por sete perguntas, e tem o seguinte significado:

- *WHAT*: O que será feito?
- *WHY*: Por que será feito?
- *WHERE*: Onde será feito?
- *WHEN*: Quando será feito?
- *WHO*: Por quem será feito?
- *HOW*: Como será feito?
- *HOW MUCH*: Quanto custará?

Matriz GUT.

As ações apontadas por meio da matriz GUT auxiliam na resolução de problemas. A sigla significa Gravidade, Urgência e Tendência, cujo grau será demonstrado através de notas atribuídas a cada um dos problemas elencados,

sendo em seguida multiplicadas, gerando uma classificação que irá ajudar no direcionamento das ações a serem executadas (FERRAMENTAS DA QUALIDADE.ORG), conforme demonstrado abaixo:

Gravidade: medindo o impacto do problema isoladamente, esse aspecto mensura os danos causados caso não sejam solucionados. Avaliados em índices de 1 a 5, sendo 1 para sem gravidade; 2 pouco grave; 3 grave; 4 muito grave; e 5 extremamente grave. Portanto, aspecto que ajuda na identificação de prioridades;

Urgência: Avaliado na mesma escala, sendo 1 para ocorrências sem urgência, que podem esperar; 2 para pouco urgentes; 3 para urgentes de curto prazo; 4 para muito urgente; e 5 para ocorrências que demandam solução imediata, determinando, assim, prazos para a resolução dos problemas detectados;

Tendência de agravamento da situação: classifica a possibilidade de agravamento na ausência de solução em 1, sem possibilidades; 2 para ocorrências que podem piorar a longo prazo; 3 em médio prazo; 4 em curto prazo; e 5 as que podem se agravar imediatamente.

FERRAMENTAS DE GERENCIAMENTO DA QUALIDADE

Dentre as várias ferramentas voltadas para a gestão de qualidade, serão apresentadas aquelas essenciais na gestão de uma organização, como as agências de viagem: ciclo PDCA, diagrama de Ishikawa ou Espinha de Peixe e o Programa 5 S.

Ciclo PDCA.

Método utilizado para a manutenção (padronização) e a melhoria dos processos, também conhecido como Ciclo de Deming ou Ciclo de Shewhart. São quatro as fases do Ciclo PDCA: P – Plan (planejar): que significa planejar; D – Do (executar): é a fase da execução. Antes de executar, é necessário planejar as atividades, definir a meta e os métodos; C – Check (Verificar): é a fase de monitoramento, medição e avaliação; A – Action (Agir): nesta fase, são apontadas soluções para os problemas encontrados. Portanto, o ciclo PDCA deve ser girado e obedecendo padrões gera expectativa em obter aumento da competitividade (SEBRAE/BA– Empreendedorismo, 2019, np).

PANORAMA DAS AGÊNCIAS DE VIAGEM NO BRASIL: NOVOS RUMOS E NOVAS OPORTUNIDADES

Agência de viagem, agência de turismo ou agência de viagem e turismo, muitas são as denominações, mas com propósitos semelhantes, cada uma com sua forma de trabalho e seguimento de mercado. Estudos indicam que tudo começou no final do século XIX, quando o inglês Thomas Cook iniciou a Thomas Cook and Son, a primeira agência de viagem registrada do mundo (CANDIOTO, 2012). Apesar de que os estudos revelam também que a companhia britânica Cox & Kings⁶, criada em 1758, é a agência de viagem mais antiga do mundo e que ainda existe com vários escritórios espalhados pelo mundo (REVISTA ECOTOUR NEWS E NEGÓCIOS, 2010).

No Brasil, por falta de registros, não se sabe ao certo sobre o início dessa atividade. Tudo começou no começo do século XX, quando empresas se dedicavam à realização de vendas de viagens de navio e câmbio. Assim surgiu, em 1904, a Miller, fundada pelo introdutor do futebol no Brasil, Charles Miller, quando assumiu a empresa de seu tio, fundada em 1880. Na mesma época, a família Cinelli iniciava, no Rio de Janeiro, as famosas “Casas”, como ficaram conhecidas as empresas que se dedicavam a essa categoria de comércio.

Conforme disposto na Lei n.º 11.771/2008 (BRASIL, 2008, online), sobre a Política Nacional de Turismo, compreende-se, em seu artigo 27, por agência de turismo “quem exerce atividade econômica de intermediação remunerada entre fornecedores e consumidores de serviços turísticos ou os fornece diretamente, como, por exemplo: passeios turísticos, excursões, transfer, entre outros.” No parágrafo 3.º do mesmo artigo, a Lei cita ainda que:

a intermediação das agências de turismo, compreende a oferta, a reserva e a venda a consumidores de vários serviços turísticos. Além da intermediação, as agências de viagem e turismo podem desempenhar atividades complementares, como: programas educacionais e de aprimoramento profissional, obtenção de passaportes, vistos, ou qualquer outro documento necessário à realização de viagens, desembaraço de bagagens em viagens ou excursões, entre outros (BRASIL, 2008, online).

Observa-se que as agências de viagens e turismo têm um papel fundamental no cenário turístico, servindo como elo seguro e confiável entre o clien-

6 <http://www.coxandkings.co.uk/aboutus-history.aspx>

te e os prestadores de serviços turísticos.

Foi instituído pelo CADASTUR uma classificação única de agência de turismo, conforme citado nas funções descritas na Lei Geral do Turismo, mas existem diferenças em função da aplicabilidade de produtos e serviços prestados, bem como seu domínio territorial. Porém, já se praticava no mercado a nomenclatura agências de viagem, conforme publicado no Decreto n.º 5.406, de 30 de março de 2005. Marcela Candioto (2012, np) afirma que:

No Brasil, antes da criação do Ministério do Turismo (MTur) em 2003, o registro e a classificação era responsabilidade do Instituto Brasileiro do Turismo (Embratur), posteriormente foi instituído o Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos (CADASTUR). Desde então, o registro das agências de turismo é feito através de um sistema online do Ministério do Turismo.

O CADASTUR é o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo, além de servir de fonte de consulta para os turistas e verificar a situação cadastral das empresas que prestam serviços turísticos em cada Estado da Federação. O sistema é totalmente gratuito e pode ser acessado através do endereço eletrônico: <https://cadastur.turismo.gov.br/>.

AGÊNCIAS DE VIAGEM E SUAS TIPOLOGIAS

A abordagem do tema remete a diferentes tipologias, segundo alguns estudiosos, no intuito de perceber as diferenças dessa atividade, aplicando uma nomenclatura atual. As agências e operadoras de turismo são classificadas a partir de diferentes tipologias. Segundo Tomelin (2001, p. 61), diferentes estudos apontam a seguinte classificação:

- Agências de viagens detalhistas - (conhecidas no mercado nacional como agências de viagens ou agências varejistas) – geralmente não elaboram seus próprios produtos, mas comercializam viagens com roteiros preestabelecidos (pacotes), organizados por agências maioristas ou operadoras de turismo, e podem ou não oferecer serviços de receptivo;
- Agências de viagens maioristas (conhecidas no mercado nacional como agências atacadistas) – elaboram os programas de viagens (pacotes) para as agências detalhistas disponibilizarem ao consumidor final;
- Agências operadoras (conhecidas no mercado nacional como operadoras) – elaboram e operam seus programas de viagens por meio de seus próprios equipamentos ou por subcontratação de operadoras

locais. Podem vender seus produtos às agências detalhistas e ao público em geral, por meio de seus escritórios locais;

- Agências de viagens receptivas (conhecidas no mercado nacional como receptivas) – prestam serviços para as operadoras de turismo e as demais agências de viagens por meio de oferta ao turista de uma gama variada de serviços, como traslado (transfer) e passeios pela cidade (city tours e sightseeing), assessoram o turista enquanto este estiver no destino da viagem e elaboram e vendem ao turista passeios e programas locais, cobrados à parte do pacote turístico;
- Agências de viagens consolidadoras (denominação comum no mercado informal) – consolidam serviços junto às transportadoras aéreas, repassando bilhetes às agências que não possuem credenciais para este fim;
- Agências de viagens e turismo escola “empresas-laboratório de instituições educacionais de cursos superiores de Turismo”, legalmente constituídas, “que desenvolvem ações didático pedagógicas e operacionais, a fim de atender às necessidades de ensino-aprendizagem para o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais do egresso como agente de viagens” (TOMELIN, 2001, p. 61).

Ao longo dos anos, o seguimento de agências de viagem passou por transformações, modificando sua atuação no mercado mundial, como a desregulamentação do transporte aéreo mundial e a flexibilização estabelecida na atuação das empresas de aviação no Brasil, a guerra tarifária, as oscilações cambiais e o surgimento da internet (TOMELIN, 2001).

A desregulamentação do transporte aéreo mundial nos Estados Unidos no ano de 1978 ocasionou a guerra tarifária entre as companhias aéreas, baixa lucratividade do setor e conseqüente redução do comissionamento das agências. Dessa forma:

O processo chamado de “desregulamentação” pode ser tratado como uma política de maior liberdade comercial e operacional, na qual as empresas aéreas passam a estipular suas próprias tarifas, rotas e frequências desejadas, sem a necessidade de autorização do poder concedente (governo) (PALHARES, 2002, p. 58).

A flexibilização, como ficou conhecida a desregulamentação do transporte aéreo no Brasil, teve seu início a partir dos anos 90. O mercado, que tinha um controle efetivo do Departamento de Aviação Civil (DAC), hoje Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), passou a ter mais liberdade de tarifa, rotas e concorrência (CASTRO; LAMY, 1993).

No Brasil, a ABAV Nacional (Associação Brasileira das Agências de Via-

gens), preocupada com as mudanças no setor, sofridas pela flexibilização do transporte aéreo, bem como pela chegada recente do sistema Low coast, Low fare⁷, que teve seu início com a entrada da companhia aérea GOL, em 2001, no mercado da aviação brasileira, lançou, a partir de 2005, em parceria com o SEBRAE Nacional e apoio técnico do Instituto de Hospitalidade, o Programa de Desenvolvimento Setorial em Agenciamento e Operações Turísticas (PROAGÊNCIA), por meio do Instituto de Certificação e Capacitação da ABAV (ICCABAV).

No PROAGÊNCIA, foram ofertados cursos voltados para a capacitação de gestores, empreendedores e profissionais, como o Curso de “Agente a Consultor”, pois seria inevitável o fechamento de algumas agências que trabalhavam exclusivamente com emissão e dependiam do comissionamento repassado pelas companhias aéreas. O curso trouxe uma nova visão, mostrando alternativas para a permanência desse agente de viagens no mercado. Muitas agências se especializaram em seguimentos específicos, como o atendimento corporativo governamental e não governamental (ABAV/SEBRAE, 2008).

A segmentação de oferta e demanda específica foi uma das maiores oportunidades que muitas agências apostaram e garantiram sua permanência num mercado cada vez mais competitivo. Dessa forma, a agência de viagem pode classificar a categoria de viagem a ser oferecida ao turista: oferta (viagem de lazer, negócio, aventura, eventos, entre outras) e/ou demanda (terceira idade, LGBTQIA+, família, casal, entre outras). As agências que buscaram esta especialização prospectaram novos negócios e nichos de clientes, tornando a agência especialista no público-alvo desejado e mais competitiva.

As agências de viagem com lojas físicas enfrentam uma batalha entre sites de companhias aéreas e agências de viagem virtuais, as chamadas OTAS⁸, mesmo com o fim das lojas físicas das companhias aéreas nas áreas centrais das cidades. A internet atrai muitos consumidores, e as compras voltadas para o turismo tem se intensificado. Os turistas estão cada vez mais conectados e independentes na sua forma de comprar, principalmente os mais jovens. Porém, ainda há uma grande oportunidade que as agências de viagem com loja física

7 Low Coast, Low Fare – Baixo custo, Baixa Tarifa.

8 OTAS – Online Travel Agency (Agência de Viagem Online).

podem aproveitar, oferecendo um atendimento personalizado, pois o cliente que compra de uma agência física pode ter uma vantagem maior e um menor risco (SEBRAE, agência de turismo, 2021, *online*).

Atualmente, são cerca de 118 mil cadastros de prestadores de serviços turísticos regularizados no sistema em todo o Brasil. Desse número, cerca de 32.400 são agências de viagem, e filiadas à ABAV são cerca de 2.200, conforme dados do CADASTUR/ABAV. Responsáveis por 80% dos produtos e serviços turísticos no Brasil, as agências de viagem filiadas a ABAV têm perfil bastante heterogêneo, 70% são empresas de micro e pequeno porte, 17% de grande porte e 13% são MEI⁹.

Essa heterogeneidade demonstra o quão grande são as oportunidades que as agências de viagem podem ter em relação aos nichos de mercado e perfis de clientes, bem como o crescimento em faturamento, principalmente pelas micro, pequenas empresas e MEI's.

Buscando demonstrar o nicho desse mercado, observa-se que o faturamento dos associados, em 2020 foi de R\$ 14 bilhões, desse total 13,3% foi de agências com faturamento anual até R\$ 81 mil; 23% agências com faturamento entre R\$ 81 mil e R\$ 360 mil; 46% agências com faturamento entre R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões; e 17,3% agências com faturamento acima de R\$ 4,8 milhões. Na distribuição de vendas internacional e nacional, 38% das agências realizaram 100% de vendas nacional; 29% venderam 75% nacional e 25% internacional; 17% venderam 50% nacional e 50% internacional e; somente 10% venderam 100% internacional (ABAV, 2021 – PRESS RELEASE).

É importante, ainda, destacar o perfil do cliente. Como pode ser observado na figura representada pelo gráfico abaixo, 20% das agências trabalham 100% o perfil de lazer; 7% das agências trabalham 50% lazer; e 50%, corporativo; 7% das agências trabalham 75% o corporativo; e 25%, lazer; 15% das agências trabalham 75% lazer e 25% corporativo; e somente 1% das agências trabalha 100% o corporativo. Portanto, observa-se uma lacuna para ser segmentada (ABAV, 2021 – PRESS RELEASE).

9 MEI – Microempreendedor Individual.

Gráfico 1 - Perfil do Cliente



Fonte: ABAV (2021) – PRESS RELEASE. Adaptado pelo Autor.

Vale salientar que, referente ao faturamento do ano de 2020, houve uma queda de 58,7% em relação ao ano de 2019, isso em decorrência dos impactos causados pela pandemia do novo coronavírus, que afetou diretamente o setor (ABAV, 2021 – PRESS RELEASE).

CARACTERÍSTICA DA AGÊNCIA DE VIAGEM DO ESTUDO DE CASO

A agência de viagem objeto deste estudo de caso é uma microempresa estabelecida desde 2012 e que atua como agência de viagem emissiva (enquadra-se na tipologia das detalhistas). O público-alvo é, na maioria, famílias, funcionários públicos e de empresas privadas, com foco em viagens de lazer. A gestão é realizada pelos próprios empreendedores, desde o contato inicial com o cliente até a finalização do atendimento, bem como a parte administrativa e estratégica da empresa.

A empresa foi idealizada a partir da oportunidade de os gestores já terem experiências no segmento, por já terem trabalhado em companhias aéreas e em outras agências de viagem. Os gestores são pessoas na faixa etária de 37 a 54 anos do sexo masculino e feminino, todos com nível superior e formação acadêmica em turismo e administração.

Inicialmente, o negócio começou a funcionar em home office (escritório em casa), sendo, posteriormente, estabelecido em local comercial. Trata-se de

uma empresa caracterizada como familiar, não tendo sido contratado ainda funcionários externos, o que somente acontecerá com o crescimento futuro da empresa.

Apesar de investimento baixo para a implantação, é uma atividade que requer uma reserva de capital, bem como dedicação exclusiva, pois o trabalho deve ser realizado de forma personalizada, na maioria das vezes, procurando sempre superar as expectativas dos clientes.

METODOLOGIA

A proposta deste trabalho foi a realização de um estudo de caso que pode ser classificado como exploratório, objetivando seu melhor entendimento. Yin (2001, p. 53) afirma que um estudo de caso pode ser apresentado de duas maneiras, sendo:

1. Um estudo de caso é uma investigação empírica em que:
 - “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 53).
2. A investigação de estudo de caso:
 - “enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e análise de dados” (YIN, 2001, p. 53).

Yin (2001) afirma ainda que a estratégia de utilização de estudo de caso requer condições que, em sua forma, deverá responder questões - como e porquê. Não exige controle sobre eventos comportamentais e focaliza acontecimentos contemporâneos.

Para o estudo, foi utilizado o método de pesquisa de estudo de caso único. Yin (2001) informa sobre o fundamento lógico para projetos de caso único, em que deve ser feita uma distinção entre projetos de caso único e de casos

múltiplos. Significa que deverá ser decidido se será utilizado um estudo caso único ou múltiplo para a formulação das questões da pesquisa.

Optou-se pelo estudo de caso único por ser melhor trabalhado, porque a agência de viagem escolhida para este estudo tem a gestão conduzida pelos próprios empreendedores desde o início dos negócios. Assim, dentro da sua vivência, entendeu-se que seria melhor relatado todo o processo de condução da gestão.

A coleta de dados foi evidenciada a partir de entrevista semiestruturada com os empreendedores, seguindo um roteiro de entrevistas. A entrevista semiestruturada faz uma combinação de perguntas abertas e fechadas, dando maior liberdade ao entrevistado sobre o tema abordado, permitindo responder espontaneamente (MINAYO, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fatores como o corte no comissionamento das agências, antes pago pelas cias aéreas, e a transformação digital responsável pela criação de grandes agências virtuais possibilitaram maior autonomia dos consumidores para realizar suas compras. Tais fatores aumentaram a competitividade no setor, reduzindo a demanda por serviços de turismo em agências de viagem com lojas físicas.

Diante do cenário apresentado e com base no resultado da entrevista com a empresa, fica evidente que a atuação dos gestores ainda está limitada a atividades operacionais, voltadas para contato com fornecedores e atendimento aos clientes, dificultando, assim, pensar estrategicamente novas ações voltadas para venda e fechamento de negócios importantes, bem como a conquista de clientes novos e projeção no mercado local.

A formação e a experiência dos gestores na área de atuação não mitigaram a necessidade da empresa de interpretar seus dados e transformá-los em ações concretas para torná-la mais competitiva.

Percebe-se que a agência de viagem estudada, desde o início de suas atividades até os dias atuais, enfrenta dificuldades inerentes à sua gestão. A maior dificuldade encontrada foi a estruturação para poder se posicionar no

mercado. Inicialmente, o negócio começou em home office (escritório em casa) e só posteriormente foi estabelecido em local comercial.

Um dos empreendedores relata exatamente o que já foi mencionado no decorrer deste artigo, que a dificuldade do acesso ao crédito é um dos entraves para impulsionar os negócios, pois uma empresa, mesmo sendo micro, depende da disponibilidade de capital de giro para que os negócios se desenvolvam.

A partir da entrevista com os gestores, percebeu-se que, mesmo com uma variedade de ferramentas disponíveis para a realização de uma boa gestão, os empresários se limitam apenas ao básico, como planilhas simples de Excel, livro de anotações e agendas. Isso se deve ao fato de estarem focados no operacional, deixando de lado a parte estratégica da empresa.

Diante da situação encontrada, apresenta-se como proposta que a empresa desenvolva um plano de trabalho para a implantação das ferramentas. É importante iniciar com a aplicação da ferramenta do Ciclo PDCA, por se tratar do possível controle dos processos da empresa. Durante essa aplicação, o Brainstorming poderá ser utilizado, porque, além de envolver os colaboradores, também garantirá a participação de forma descontraída para a apresentação de ideias inovadoras e de possíveis soluções de melhorias nos processos, bem como a utilização das outras ferramentas que apoiarão a execução da ferramenta do Ciclo PDCA. É importante desenvolver um cronograma de trabalho para implantação das ferramentas descritas neste estudo, além de outras que os gestores entendam como necessárias durante o processo de implantação das ferramentas sugeridas.

Para a manutenção da aplicação das ferramentas, é imprescindível a realização de treinamentos com os colaboradores e gestores da empresa, em especial, os voltados para a ferramenta 5'S, para sensibilizar não somente quanto à aceitação, mas também a sua correta aplicação, por se tratar de uma ferramenta que precisa ser operacionalizada em períodos sistematizados, de modo que a mesma apresente os resultados desejados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário atual, mesmo em empresas pequenas, as tomadas de deci-

sões e a assertividade nas ações devem migrar do amadorismo para dados e informações consistentes, analisando o desempenho da organização, bem como os possíveis riscos. Portanto, as ferramentas gerenciais trarão para a empresa melhores resultados, com uma visão sistêmica dos negócios, ampliará sua participação no mercado e a aplicação da melhor estratégia de competição.

Ao considerar que o objetivo deste estudo de caso foi o de analisar e sensibilizar sobre a importância das ferramentas de gestão, essenciais para o melhor desempenho, e conseqüentemente, o crescimento de uma agência de viagem em Boa Vista, Roraima, além de propor a implantação de ferramentas gerenciais na empresa estudada, pode-se afirmar que ele foi alcançado. Isso se deu quando se identificou, na coleta de dados, que as ferramentas de gestão ainda não são desenvolvidas na empresa, demonstrando, assim, o quão foi relevante este estudo para sensibilizar os gestores, não somente sobre a eficácia de tais ferramentas, mas, especialmente, da necessidade de implantação das mesmas no modelo de gestão da empresa, de modo que a mesma venha alcançar melhorias contínuas em seus processos de gestão e, conseqüentemente, sucesso em seus resultados futuros.

Diante das inúmeras dificuldades observadas no gerenciamento da empresa, sugere-se acompanhamento por meio de consultoria especializada na utilização das ferramentas propostas com prática diária. Buscar, junto às agências de apoio aos pequenos negócios - SEBRAE e Associação Brasileira das Agências de Viagens - ABAV, apoio e orientação para que isso se torne uma prática na vida da organização e conseqüentemente a solidez nos negócios e o crescimento esperado.

É recomendado para trabalhos futuros a realização de estudos de caso com um número maior de agências de viagem, pois o estudo em questão se limitou a um estudo de caso único. Com a realização de estudos e aplicação das ferramentas de gestão é possível melhorar o desempenho e a profissionalização deste importante segmento.

REFERÊNCIAS

ABAV. PRESSRELEASE. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1DGNA-fIRPad1cUYxhOFJBeiSpgrBH3FHi/view> - Acesso em: 16 fev. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS AGÊNCIAS DE VIAGENS (ABAV). Disponível em: <http://www.abav.com.br>. Acesso em: 4 fev. 2021.

ABAV / SEBRAE (2008), “Desenvolvendo Agências de Viagens Vencedoras” PROAGÊNCIA. Disponível em: http://www.abav.com.br/arquivos/proagencia_final.pdf> Acesso em: 6 fev. 2021.

BRASIL. Lei n. 11.771, de 17 de setembro de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm. Acesso em: 4 fev. 2021.

CANDIOTO, Marcela Ferraz. **Agências de Turismo no Brasil: Embarque imediato pelo portão dos desafios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CASTRO, Newton; LAMY Philippe. **Desregulamentação do setor transporte o subsetor transporte aéreo de passageiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1993.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo: Dando Asas ao Espírito Empreendedor. Empreendedorismo e viabilização de novas empresas. Um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

DAYCHOUM, M. **40 +20 ferramentas e técnicas de gerenciamento**. 7 ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2018.

DRUCKER, P. F. **Prática de Administração de Empresas**. São Paulo: Editora Pioneira, São Paulo, 1981.

FERRAMENTAS DA QUALIDADE.ORG. Disponível em: <https://ferramentasda-qualidade.org/> Acesso em: 25 maio 2021.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo. IBQP/SEBRAE, 2019.

KAKUTA, Gisele. **Eficiência e sucesso para seus negócios: como garantir a eficiência implantando a gestão da qualidade**. São Paulo: Editora Gold Ltda,

2006. (Coleção Gestão Empresarial).

MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/cadastur-numero-de-registros-aumentou-38-em-tres-meses>. Acesso em: 4 fev. 2021.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

OLIVEIRA, Djalma de P. R. **Planejamento Estratégico**: conceitos, Metodologia e Práticas. 23 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PALHARES, G. L. **Transportes turísticos**. São Paulo: Editora Aleph, 2002

REVISTA ECOTOUR NEWS E NEGÓCIOS. 2010. Disponível em: <https://www.revistaecotour.news/2010/11/importancia-das-agencias-de-viagens.html>. Acesso em: 4 fev. 2021.

SEBRAE. **Segmentação da Oferta nas Agências de Viagens**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/segmentacao-da-oferta-nas-agencias-de-viagem,1336201221455510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SEBRAE. **Agência de turismo online – Apresentação de Negócio**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/agencia-de-turismo-online,07a4209a0720e610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SEBRAE. **O Panorama das Agências de viagens e Operadores Turísticos no Brasil**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/o-panorama-de-agencias-de-viagens-e-operadores-turisticos-no-brasil,fefff76f-f144b510VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em: 3 fev. 2021.

SEBRAE. **Pequenos Negócios em Números**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/sebraeaz/pequenos-negocios-em-numeros,12e8794363447510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 3 mar. 2021.

SEBRAE/BA. **Empreendedorismo**. 2019. Disponível em: [Conheca_as_principais_ferramentas_de_gestao_SEBRAE.pdf](#) Acesso em: 25 maio 2021.

SEBRAE/SP. **Empreendedorismo**: como Opção de Carreira. Serviço de Apoio

às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo. SEBRAE-SP, 2016.

SEBRAE, GESTÃO EMPRESARIAL. **Planejamento Estratégico**: como construir e executar com maestria. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/GESTAO-EMPRESARIAL-Planejamento-estrategico-como-construir-e-executar-com-maestria.pdf> Acesso em: 7 mar. 2021.

TOMELIN, C. **Mercado de agências de viagens e turismo**. São Paulo: Aleph, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



A IMPORTÂNCIA DE UM GUIA DIGITAL TURÍSTICO PARA O TURISMO EM RORAIMA

Beatriz Cristina França dos Santos¹
Wilson Alves da Silva Filho²

RESUMO

O turismo em Roraima é uma atividade que vem sendo consolidada e está se expandindo aos poucos. Ainda há muito a ser feito, o estado tem enorme potencial turístico a ser estudado, desenvolvido e aproveitado para beneficiar a comunidade local como um todo. Desse modo, este trabalho tem como intuito demonstrar a importância de um guia turístico atualizado para o melhor desenvolvimento do turismo em Roraima e propor a criação de uma aplicação *web (site)* em forma de guia digital turístico para o estado. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada a caracterização do estado de Roraima, evidenciando alguns detalhes da localidade e trazendo informações sobre alguns pontos turísticos de cada município como fonte de atratividade. Buscou-se identificar a importância de um guia digital turístico, fazer uma análise sobre a probabilidade de o Departamento Estadual de Turismo de Roraima (DETUR) (), empresas e turistas utilizarem a ferramenta digital para divulgação e troca de informações turísticas. Em relação à metodologia, foram utilizadas pesquisas exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa. Todos os objetivos desta pesquisa foram alcançados de forma satisfatória e a ferramenta proposta mostrou-se possível de execução, com grande potencial se colocada, de fato, em prática.

Palavras-chave: Guia Digital Turístico. Atratividade. Destino Roraima.

1 Discente de Pós-Graduação em Turismo – IFRR. E-mail: beatrizcfd@hotmail.com

2 Professor e Orientador do Curso de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis - *Campus* Boa Vista - IFRR. E-mail: wilson.filho@ifrr.edu.br;

ABSTRACT

Tourism in Roraima is an activity that has been consolidated and is expanding little by little, there is still a lot to be done, the state has enormous tourist potential to be studied, developed and used to benefit the local community as a whole. Thus, this work aims to demonstrate the importance of an updated tourist guide for the better development of tourism in Roraima and propose the creation of a web application (site) in the form of a digital tourist guide for the state. For the development of this work, the characterization of the state of Roraima was made, highlighting some details of the location and bringing information about some tourist attractions in each municipality as a source of attractiveness. the probability of DETUR (State Department of Tourism of Roraima), companies and tourists using the digital tool for dissemination and exchange of tourist information. Regarding the methodology, exploratory and descriptive research with a qualitative approach was used. All the objectives of this research were satisfactorily achieved and the proposed tool proved to be feasible and has great potential if actually put into practice.

Keywords: Digital Tourist Guide; Attractiveness; Destination Roraima;

INTRODUÇÃO

Atualmente, a sociedade está cada vez mais imediatista e conectada às redes sociais. Para a maioria dos usuários, os acessos às informações tornaram-se uma necessidade constante, e é importante que se tenha meios para que estas informações cheguem às pessoas que busquem por ela. O turismo em Roraima é uma atividade que vem sendo consolidada recentemente. Aos poucos está se expandindo, porém ainda há muito o que ser feito, o estado tem um enorme potencial turístico a ser estudado, desenvolvido e aproveitado para beneficiar a comunidade local como um todo.

O estado de Roraima fica situado no norte do Brasil e é cortado pela linha do equador, sendo repleto de paisagens e vistas, composto por uma fauna e vegetação diversificadas, típica da região da floresta amazônica, com lavrados e savanas. É composto por 15 municípios e faz fronteira com Venezuela, Guiana, Pará e Amazonas. Roraima é um estado rico em belezas naturais e experiências que podem encantar as pessoas, mas ainda é uma localidade que vive no “anonimato”, pois é pouco conhecido até mesmo pelos próprios moradores. É muito difícil encontrar informações atualizadas e corretas relativas à

maior parte do turismo no estado e sobre os empreendimentos que compõem a atividade turística.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi feita a caracterização do estado de Roraima, evidenciando algumas especificidades da localidade e trazendo informações sobre alguns pontos turísticos de cada município como fonte de atratividade. Buscou-se evidenciar a importância de um guia digital turístico, fazendo, por fim, uma análise sobre a probabilidade de o Departamento Estadual de Turismo de Roraima (DETUR), empresas e turistas utilizarem a ferramenta digital para divulgação e troca de informações turísticas.

Diante do que foi exposto, este estudo teve como intuito demonstrar a importância de um guia turístico atualizado para o melhor desenvolvimento do turismo em Roraima e propor a criação de uma aplicação *web (site)* guia digital turístico para o estado.

A INTERNET E A SUA UTILIZAÇÃO

A internet foi criada como um meio de comunicação alternativo na década de 1990, durante a Guerra Fria, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o intuito de facilitar a troca de informações para que pudessem criar estratégias de guerra e evitar os ataques soviéticos. A primeira conexão foi feita em 29 de outubro de 1969.

A internet atual surgiu de uma rede idealizada em meados dos anos 60, como uma ferramenta de comunicação militar alternativa, que resistisse a um conflito nuclear mundial. Um grupo de programadores e engenheiros eletrônicos, contratados pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, desenvolveu o conceito de uma rede sem nenhum controle central, por onde as mensagens passariam divididas em pequenas partes, que foram chamadas de “pacotes”. Assim, as informações seriam transmitidas com rapidez, flexibilidade e tolerância a erros, em uma rede onde cada computador seria apenas um ponto (ou “nó”) que, se impossibilitado de operar, não interromperia o fluxo das informações (MONTEIRO, 2001, p. 27-28).

A partir dessa criação, a internet passou por inúmeros processos de desenvolvimento e aperfeiçoamento até chegar ao ponto como a conhecemos hoje. Houve muitos avanços tecnológicos, e desenvolveu-se cada vez mais com o passar dos anos. A otimização dessa ferramenta tecnológica se tornou atual-

mente uma das principais fontes de informações para a sociedade como um todo, passou a conectar pessoas em grande escala, facilitou o acesso e a troca de informações.

A internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. Ademais, à medida que novas tecnologias de geração e distribuição de energia tornaram possível, a fábrica e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, a internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação (CASTELLS, 2003, p. 7).

A internet é um excelente meio de comunicação, pois engloba um universo muito amplo que possibilita à sociedade o desenvolvimento de atividades relacionadas às suas responsabilidades cotidianas, como realizar pesquisas, trabalhar, estudar, fazer cursos a distância, assim como realizar atividades relacionadas ao lazer, conhecer pessoas virtualmente, conversar com pessoas de várias nacionalidades, conhecer novos locais, acessar redes sociais, compartilhar textos, fotos e vídeos online, entre diversas outras funções que podem ser realizadas através desta ferramenta, sendo um universo abrangente e repleto de oportunidades.

APLICAÇÃO WEB

Aplicação *web* (rede) é um sistema operacional que é projetado para atender a grandes demandas. Trata-se de um *software* instalado em um servidor na *web* que tem como funcionalidade processar e armazenar informações para atender as demandas. De modo geral, é um sistema de informática programado para ser utilizado através de um navegador de internet ou aplicativos criados e desenvolvidos através da utilização das tecnologias *web* HTML, JavaScript, CSS etc. As aplicações *web* se diferenciam de websites, pois suas aplicações são distintas das comuns, suas plataformas são mais eficazes, completas e com dinamismo maior. As maiores vantagens desse sistema são permitir maior acessibilidade, não ter limitação de espaço, o custo para manutenção é menor, proporcionar maior segurança e melhor usabilidade.

A norma ISO/IEC 25010 (2011) apresenta um modelo de qualidade, o qual define características para serem usadas como métricas de quali-

dade para os produtos de software em geral. O modelo de qualidade da norma ISO/IEC 25010 (2011) distribui as características em oito categorias, sendo elas: performance e eficiência, compatibilidade, usabilidade, confiabilidade, segurança, manutenibilidade e portabilidade (CHIUCHI, 2011, p. 6).

A evolução da internet e o aperfeiçoamento desta ferramenta possibilita que estas aplicações não fiquem restritas somente a um determinado computador, permitindo que sejam disponibilizadas na rede. Esse sistema operacional proporciona várias funcionalidades, podendo servir como fonte de pesquisas, vendas, negócios etc. Portanto, determinadas aplicações *web* tornam-se uma grande aliada para o setor do turismo, tendo em vista que esse tipo de plataforma pode servir como fonte de compra e venda de passagens, pesquisas relativas a locais que englobam o trade turístico, como possíveis locais para hospedagem, alimentação, informações sobre pontos turísticos, localização, valores etc. Outra vantagem que esse tipo de ferramenta proporciona é que as informações contidas nessas plataformas podem ser facilmente atualizadas em tempo real.

Apesar da diferença de proposta entre os formatos impressos e eletrônicos, as editoras buscam transmitir informações via sites com credibilidade. Atualmente, com a tecnologia móvel, a divulgação de guias turísticos conta com uma nova plataforma, os aplicativos para dispositivos móveis, que apresentam uma interface mais compacta, além de serem atualizados em tempo real, ao contrário das publicações impressas (BRILHANTE; CORRÊA, 2014, p. 363).

O DESTINO RORAIMA

O estado de Roraima foi criado em 5 de outubro de 1988, tendo por limites Venezuela ao norte e noroeste, Guiana ao leste, Pará ao sudoeste e Amazonas ao sudeste e oeste. É composto por 15 municípios: Boa Vista (capital), Amajari, Alto Alegre, Bonfim, Caroebe, Caracaraí, Cantá, Iracema, Mucajaí, Normandia, Pacaraima, Rorainópolis, São João da Baliza, São Luiz do Anauá e Uiramutã.

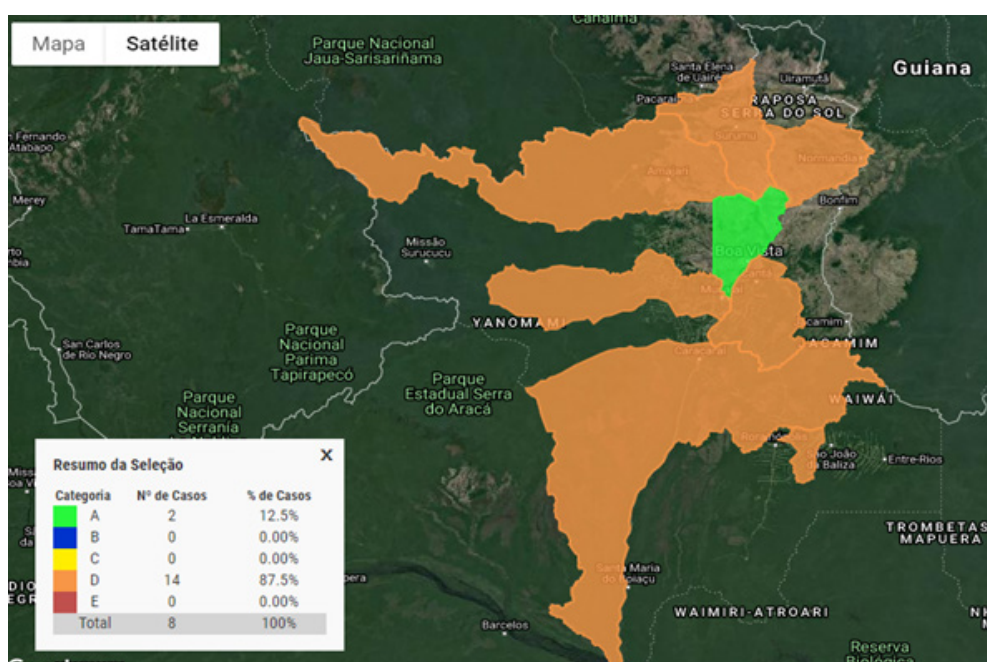
Boa Vista, capital de Roraima, tem uma área total de 5.117,9 km², o que corresponde a 2,5% do estado, e foi criado em 9 de julho de 1890 (IBGE, 2010)³.

³ **BRASIL/RORAIMA.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama> Acesso em: 1 abr. 2020.

População estimada de Roraima (2019) – 605.761 pessoas. População de Roraima no último censo (2010) – 450.479 pessoas. Densidade demográfica (2010) – 2,01 hab/km². Área da unidade territorial (2018) – 224.273,831 km². Gentílico – Roraimense. Sigla – RR. Clima – Tropical úmido e equatorial úmido, caracterizando-se como quente e úmido com duas estações bem definidas: a estação do verão (outubro a março) e a estação das chuvas (abril a setembro). Hidrografia – Os principais rios são: Branco, Uraricoera, Tacutu, Amajari e Cauamé.

Dentre os municípios, oito deles estão inseridos em regiões turísticas, conforme considera o Mapa do Turismo Brasileiro (Figura 1). O estado de Roraima está dividido em três regiões turísticas, sendo: Águas e Florestas da Linha do Equador (Caracaraí e São Luiz), Extremo Norte do Brasil (Amajari, Normandia e Pacaraima) e Roraima, a Savana da Amazônia (Boa Vista, Cantá e Mucajaí), os municípios supracitados compõem essas regiões.

Figura 1- Regiões Turísticas de Roraima



Fonte: Brasil4, 2021.

O estado, todavia, apresenta uma diversidade de atrativos naturais e histórico-cultural:

4 Disponível em: <http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home>. Acesso: em 9 set. 2021.

No Extremo Norte do Brasil, Roraima vai além do misterioso e desafiador Monte Roraima. Destaca-se também por um conjunto de belezas naturais e aspectos culturais que fazem de Roraima um lugar único e peculiar no mundo: lindas cachoeiras, trilhas que levam a sítios arqueológicos, o lavrado roraimense, serras de belezas inigualáveis e 780 espécies de aves que podem ser observadas somente no Estado. A pesca esportiva no Rio Branco e seus afluentes faz de Roraima um dos melhores destinos para a prática de pesca esportiva, devido às espécies de peixes que são encontradas, em especial o Tucunaré, que é considerado o símbolo da pesca esportiva no Brasil. Quanto aos aspectos culturais, Roraima apresenta uma enorme influência da cultura indígena, por ser um Estado composto por 11 etnias. Suas tradições, rituais, cultura, mitos, gastronomia, artesanato e crenças agregam um enorme valor histórico-cultural para a região (PPA, 2020-2023, p. 26).

Para uma melhor compreensão dinâmica e simplificada, vejamos dados importantes de cada município a seguir:

Quadro 1: Atrativos Turísticos de Roraima; Distâncias entre a Capital de Roraima, os Municípios, Estados e Países de Fronteira

MUNICÍPIO	ALGUNS ATRATIVOS DE CADA LOCALIDADE	DISTÂNCIA ENTRE BOA VISTA E A SEDE DOS MUNICÍPIOS (km)	DISTÂNCIA ENTRE BOA VISTA E OUTRAS CAPITAIS (km)	DISTÂNCIA ENTRE BOA VISTA E PAÍSES DE FRONTEIRAS (km)
1. Alto Alegre	1. Igarapés	89	1. Região Norte Belém-1434,3 Manaus-758 Macapá-1112,3 Palmas-1986,9 Porto Velho-1329,9 Rio Branco-1621,0 2. Região Nordeste Aracajú-3023,3 Fortaleza-2566,0 João Pessoa-3070,7 Maceió-3091,0 Natal-2986,9 Recife-3106,0 Salvador-3008,2 São Luís-1915,3 Teresina-2171,3	1. Venezuela Caracas-1582 Puerto La Cruz-1330,0 Puerto Ordaz-862,0 Santa Elena de Uairén-230,0
2. Amajari	1. Comunidades Indígenas 2. Serra do Tepequém 3. Cachoeiras	154		2. República Guiana Georgetown-641,0 Lethem-125,0
3. Boa Vista	1. Praças 2. Monumentos 3. Igrejas 4. Mirante 5. Orla	-		
4. Bonfim	1. Fazenda Buritizal Grosso	120		

5. Cantá	1. Cachoeira da Serra Grande	30	3. Região Centro-Oeste Brasília-2495,4 Campos Grande-2656,0 Cuiabá-2098,1 Goiânia-2490,0
6. Caracará	1. Corredeiras do Bem-Querer 2. Parque Nacional do Viruá 3. Parque Nacional da Mocidade	155	
7. Caroebe	1. Cachoeira da Pedra ou do Granito	358	
8. Iracema	1. Praias do Rio Branco 2. Cachoeira do Leonardo	93	4. Região Sudeste Belo Horizonte-3117,7 Rio de Janeiro-3419,8 São Paulo-3290,2 Vitória-3388,7 5. Região Sul Curitiba- 3358,6 Florianópolis-3608,0 Porto Alegre-3771,9
9. Mucajá	1. Encenação da Paixão de Cristo	55	
10. Normandia	1. Comunidade Indígena da Raposa 2. Lago do Caracaranã	190	
11. Pacaraima	1. Sítio arqueológico Pedra Pintada	220	
12. Rorainópolis	1. Marco da Linha do Equador	298	
13. São João da Baliza	1. Festa Junina 2. Feira Agropecuária	336	
14. São Luíz do Anauá	1. Rio Anauá	320	
15. Uiramutã	1. Parque Nacional do Monte Roraima 2. Cachoeira do Urucá	306	

Fonte: Autoria própria.

ALTO ALEGRE⁵:

A cidade de Alto Alegre é cercada por igarapés. Um dos mais visitados é o Banho Au-Au, que fica localizado a aproximadamente 40 km de Boa Vista. É um ambiente tranquilo e relaxante, funciona diariamente das 7h às 18h. A área é natural, repleta de árvores e as águas são cristalinas, o local é agradável para tomar um bom banho de rio e se refrescar do calor Roraimense. Há até quem

⁵ Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/legislacao/guia-turistico>.

leve snorkel para ver os peixinhos mais de perto.

AMAJARI⁶:

O município contém 19 comunidades indígenas, que possuem e mantêm consigo as tradições bem fortes. Nas comunidades, é possível experimentar comidas típicas, conhecer e até mesmo adquirir produtos artesanais, e apreciar a cultura local. Um dos atrativos turísticos mais conhecidos de Roraima está localizado no município de Amajari: A Serra do Tepequém – que está localizada a aproximadamente 210km da capital Boa Vista. Na Serra do Tepequém, é possível praticar diversas atividades ligadas ao ecoturismo, bem como fazer trilhas, como a trilha até o Platô, que chega a 1.022 metros de altitude, conhecer diversas cachoeiras, como a Cachoeira do Paiva, a Cachoeira do Barata, a Cachoeira do Funil, a Cachoeira do Sobral, entre outras. É possível também conhecer algumas poções, como o Poção Esmeralda. Pode-se apreciar as belas vistas e paisagens a partir de alguns mirantes que se encontram no local. Outra atividade também bastante procurada na localidade é conhecer a corredeira do Tilim do Gringo, que é um canal aberto entre as rochas, feito por empresários de mineração belga que eram donos do garimpo de Tepequém na década de 1950.

BOA VISTA⁷:

A capital Roraimense conta com diversas opções de lazer e atrativos turísticos. Na localidade, é possível conhecer diversas praças, pubs, barzinhos, restaurantes, balneários, monumentos, igrejas, entre outras opções. Um dos locais que chama bastante atenção no município é Complexo Poliesportivo Ayrton Senna – São 3 km de puro lazer para a população, que pode usufruir de toda infraestrutura com quadras de tênis, de vôlei, de futebol e de basquete; pistas para patinação e bicicross; parques infantis; bares com música; sorveterias; restaurante; quiosques de artesanato; praças; chafariz; e vários cantinhos com bancos para sentar e simplesmente observar tudo o que acontece ao redor. O Portal do Milênio foi inaugurado na virada do século 20 para o século 21. É o monumento que marcou a passagem para o ano 2000. Esse complexo compõe um dos mais agradáveis espaços de lazer de roraimenses e visitantes.

6 Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/legislacao/guia-turistico>.

7 Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/legislacao/guia-turistico>.

Outro lugar para se conhecer é a Orla Taumanan (Taumanan significa “paz” na língua Macuxi). É o lugar ideal para quem quer admirar o Rio Branco. A Orla, construída onde era o Porto de Cimento, é composta por duas plataformas, Meremê (que significa “arco-íris” em Macuxi) e Weiquepá (que significa “nascer do sol” em Macuxi), que compreendem alguns quiosques com restaurantes e bares.

A capital também conta com o Parque do Rio Branco, inaugurado em 20 de dezembro de 2020. Uma das principais atrações é o Mirante, de 100 metros de altura. É a estrutura mais alta da cidade e também da região Norte. O espaço tem uma passarela com piso de vidro e dois elevadores (um social e um panorâmico). Outra atração é a “Selvinha Amazônica”, que conta com oito cenários belíssimos para diversão da população e visitantes.

BONFIM⁸:

Um dos locais que tem se tornado bastante conhecido e muito procurado no município de Bonfim é a Fazenda Buritizal Grosso, que fica localizada a 130 km da capital Boa Vista. É um local para a diversão, ambiente muito tranquilo onde é possível ter contato com a natureza e descansar. É uma fazenda particular agrícola onde pode-se fazer bate e volta ou pernoitar (acampando em rede/barraca ou alugando quartos). Conta também com um buffet *self service*. Pensando no lazer do turista, há possibilidades como tomar banho no lago, admirar a paisagem, alugar caiaques e/ou pranchas de Stand Up Padlle.

CANTÁ⁹:

Um destino também bastante conhecido e procurado pelos moradores locais e turistas é a Serra Grande, que está localizada a 38 km de Boa Vista. Esse é, sem dúvidas, um local para os amantes de trilhas. Algumas delas levam às cachoeiras e corredeiras, mas o destino mais desejado pelos aventureiros é o topo da serra, que tem 850 metros de altura. A trilha tem duração de mais de 3h, no percurso é possível se deparar com uma fauna diversificada, flora característica da floresta amazônica e do lavrado roraimense. As trilhas passam por trechos escorregadios, íngremes e com muitos obstáculos naturais, que garan-

8 **Fazenda Buritizal Grosso** - Disponível em: <https://fazendaburitizalgrosso.com/>.

9 **Em Roraima, Serra Grande é opção de lazer para aventureiros** - Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2013/07/em-roraima-serra-grande-e-opcao-de-lazer-para-aventureiros.html>.

tem bastante adrenalina e aventura, além da vista encantadora apresentada pelas belezas naturais.

CARACARAÍ¹⁰:

Os principais pontos turísticos do município de Caracará são as Corredeiras do Bem-Querer, o Parque Nacional do Viruá e o Parque Nacional da Mocidade.

As corredeiras do Bem-Querer ficam localizadas a 125 km de Boa Vista, o local possui quedas d'águas na região do médio Rio Branco. As corredeiras são formadas em um trecho que possui bastante blocos de rocha, onde é possível praticar canoagem, pesca esportiva e passeio de caiaque. No local, ainda é possível observar vestígios ancestrais através de algumas pinturas e inscrições rupestres, que tornam a região um santuário ecológico.

O Parque Nacional do Viruá está localizado a 190 km da capital. Dentre os atrativos oferecidos podemos citar a Passarela Samaúma e o Mirante da Serra, que fica a 170 metros de altitude, possibilitando uma visão panorâmica da paisagem do parque.

O Parque Nacional Serra da Mocidade é um complexo ambiental com uma biodiversidade riquíssima.

CAROEBE¹¹:

Em Caroebe, temos dois atrativos conhecidos: a Cachoeira da Pedra ou Granito, que é um dos principais pontos turísticos do local, possuindo uma queda d'água com cerca de 50 metros de altura em meio a diversas pedras e o Rio Jatapu, onde é propícia a pesca esportiva.

IRACEMA¹²:

O turismo em Iracema é basicamente voltado às belezas naturais. Al-

10 **Veja fotos das Corredeiras do Bem-Querer, em Caracará** - Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/fotos/2015/08/veja-fotos-das-corredeiras-do-bem-querer-em-caracarai-rr.html>; **Parque Nacional do Viruá** - Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/11392-parque-nacional-do-virua-e-reaberto>. **Parque Nacional Serra da Mocidade** - Disponível em: https://ambientes.ambientebrasil.com.br/unidades_de_conservacao/parques_nacionais/parque_nacional_da_serra_da_mocidade.html.

11 **Principais Atrativos em Caroebe** - Disponível em: (<https://www.google.com/amp/s/amp.visiteobrasil.com.br/norte/roraima/atrativos/caroebe>)

12 **Turismo Iracema**. Disponível em - (<https://www.iracema.rr.gov.br/turismo/>).

gumas desses atrativos que podemos citar são as Praias do Rio Branco, que aparecem esporadicamente no período de janeiro a maio; Cachoeira do Leonardo, um lugar que encanta pela tranquilidade e beleza por se tratar de uma queda d'água de cerca de 10m de altura, entre muitas pedras e no meio da floresta e Cachoeira do David, conhecida por ser um complexo de cachoeiras e Lago do Alípio.

MUCAJAI¹³:

Em Mucajaí, temos um evento que atrai bastante pessoas para o município: a Encenação da Paixão de Cristo. Esse evento, um dos maiores realizados na região Norte, acabou se tornando patrimônio cultural de Roraima. O evento atrai visitantes de todo o Estado, além de turistas do Amazonas e da Venezuela. Durante a Semana Santa, a cidade entra em festa. A encenação da Paixão de Cristo conta com a participação de atores profissionais e amadores que percorrem a cidade acompanhados pelo público até o Monte das Oliveiras: uma rocha em formato de serra.

Outro lugar bastante conhecido são as Cachoeiras do Evandro, cuja queda d'água é cercada por rochas em meio a natureza. É um local propício para quem gosta de trilhas. Durante o percurso, é possível encontrar sete cachoeiras. A trilha para elas varia de distância e intensidade. Na quinta cachoeira é possível encontrar um poço e uma mini gruta.

NORMANDIA¹⁴:

Em Normandia, é possível encontrar a Maloca da Raposa, que é uma das mais antigas reservas indígenas, do povo Macuxi. Por ser um local sagrado para os indígenas, é preciso autorização prévia para visita.

Há também o Lago Caracaranã, que fica localizado a aproximadamente 180 km da Capital, encontra-se dentro da demarcação contínua da Raposa Serra do Sol. É um lugar repleto de belezas naturais, conta com uma faixa de praia com areia branca e fina, lago com água meio esverdeada e cristalina, diversos

13 **Mucajaí Conjunto Arquitetônico e Encenação da Paixão de Cristo** - Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/mucajai-conjunto-arquitetonico-e-encenacao-da-paixao-de-cristo/#!/map=3832&loc=2.450550102679449,-60.92329325414965,17>. **Mucajai/RR: Bate e volta na Cachoeira do Evandro** - Disponível em: <https://jovijou.com/roraima/mucajai-rr-bate-e-volta-na-cachoeira-do-evandro/>.

14 **Conheça as belezas naturais do Lago Caracaranã**. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/VARIEDADES/Entretenimento/Conheca-as-belezas-naturais-do-Lago-Caracarana/49716>.

cajueiros e pés de azeitona, que proporcionam bastante sombra, tornando o local muito tranquilo, relaxante e agradável.

PACARAIMA¹⁵:

O Sítio Arqueológico Pedra Pintada está situado nas terras da reserva indígena de São Marcos. Na Pedra Pintada, é possível encontrar desenhos/inscrições rupestres, que, segundo pesquisadores, são bem parecidos com os encontrados nas civilizações egípcias, fenícias, etruscas e hebraicas. Essas inscrições datam de 4 mil anos, os desenhos levam as cores ocre e vermelha. A Pedra conta com 60 metros de diâmetro e 40 metros de altura, dá para admirá-la ao longe. Para chegar mais perto, é preciso atravessar o rio Parimé, onde se inicia a reserva. Dentro da caverna há diversas pinturas, e já foram encontradas urnas funerárias.

RORAINÓPOLIS¹⁶:

Em Rorainópolis, podemos encontrar o marco da Linha do Equador. Essa é a chance de tocar a Linha do Equador (imaginária) ou deixar um pé no hemisfério norte e outro no hemisfério sul, pois é ali que está o marco da passagem dessa linha pelo estado de Roraima. Na localidade, é possível encontrar diversas praias e corredeiras propícias à pesca esportiva (com destaque para o tucunaré) e a prática de canoagem.

SÃO JOÃO DA BALIZA¹⁷:

Um dos eventos mais aguardados na cidade é a festa junina: barracas de comidas típicas se espalham por estandes que ficam embaixo de uma gigantesca tenda coberta de palha. Outro evento que movimenta a cidade é a grande Feira Agropecuária, que arrasta festeiros das cidades vizinhas.

SÃO LUÍS DO ANAUÁ¹⁸:

Em São Luiz do Anauá, o bom é parar em uma ponte para ver o rio correr, ouvir o barulho da água, admirar o verde brilhante e ouvir os pássaros cantarem.

15 **Pedra Pintada, mais um dos mistérios da região amazônica.** Disponível em: (<https://diariodoturismo.com.br/pedra-pintada-mais-um-dos-misterios-da-regiao-amazonica/>);

16 Disponível em: (<http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/legislacao/guia-turistico>).

17 Disponível em - <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/legislacao/guia-turistico>.

18 Disponível em - <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/legislacao/guia-turistico>.

UIRAMUTÃ¹⁹:

No município, temos o verdadeiro ponto mais ao norte do Brasil, com seus imponentes 1.465 metros de altitude. Ele fica a 80 km do Parque Nacional do Monte Roraima e abriga a nascente do rio Uailã. O acesso é possível apenas por via aérea. Sem falar nas belíssimas cachoeiras, que são bastante conhecidas e procuradas pelos visitantes, entre elas podemos citar a Cachoeira do Urucá, a Cachoeira das Sete Quedas e a Cachoeira Urucazinho.

²⁰Esses atrativos turísticos são apenas uma mostra de algumas possibilidades de turismo que pode ser realizado nos 15 municípios de Roraima. Com base nesses dados, podemos concluir que os municípios de Roraima possuem atrativos turísticos, sejam eles eventos regionais, atrativos naturais, opções de lazer, turismo etnográfico, entre muitos outros segmentos de turismo que podem ser realizados na região.

A IMPORTÂNCIA DE UM GUIA TURÍSTICO

O turismo tem avançado, crescido e se desenvolvido cada vez mais. Dentro dessa atividade, existem alguns termos e definições que são importantes para o funcionamento e desenvolvimento do turismo, como as ACT's, que são as Atividades Características do Turismo, e o *Trade* turístico, que é a base do turismo, é o conjunto de empresas e serviços que compõem a atividade turística, é a estrutura para o desenvolvimento do turismo.

Segundo Candiotto (2009, p. 41), "*trade* turístico engloba todas as empresas que atuam na organização, promoção e desenvolvimento do turismo, sobretudo as grandes empresas transnacionais que controlam o setor turístico".

19 **Roraima, cenário de belezas para o turismo: prospecção local dos habitantes de boa vista perante destinos turísticos.** Disponível em - <https://reitoria.ifrr.edu.br/pro-reitorias/pesquisa-e-pos-graduacao/e-book-destino-roraima>.

20 É importante ressaltar que esses são apenas alguns exemplos de atrativos da localidade e que existem outros que não foram citados, inclusive alguns atrativos turísticos do estado de Roraima localizam-se em áreas demarcadas (reservas indígenas) o que torna a efetivação do turismo mais delicado nessas áreas, tornando indispensável um estudo mais aprofundado respectivo ao turismo que poderá ser realizado ou não nesses locais. Caso a ferramenta que é proposta ao decorrer deste trabalho seja de fato colocada em prática, a pesquisadora salienta que será necessária uma pesquisa mais detalhada e aprofundada em cada município para que se possa fazer um levantamento de dados minucioso relativo às Atividades Características do Turismo (ACT's), para que essas informações sejam disponibilizadas de forma completa, atualizada e centralizada no Guia Digital Turístico de Roraima;

Atualmente, ainda há uma grande confusão entre as definições de **guia turístico** e **guia de turismo**.

Nesse contexto, o GUIA DE TURISMO é um profissional habilitado que conduz uma ou mais pessoas durante viagens nacionais e/ou internacionais. Presta informações, orienta o visitante e apresenta os locais a serem visitados. E o GUIA TURÍSTICO é uma ferramenta física (livros e impressos) ou *online* (*sites* e aplicativos) que compreendem informações sobre o destino escolhido pelo turista como museus, patrimônio cultural, hotéis, restaurantes, espetáculos, horários, transportes, moeda, tradições locais, ou seja, um informativo que tenha dados úteis para o viajante.

Existem dois elementos importantes para facilitar a atividade turística: o guia de turismo, que é um profissional treinado para lidar com o público e qualificado para dar informações sobre obras e monumentos, bem como assistir o turista no uso de serviços locais além da conservação do ambiente; e o guia turístico, que se constitui de um manual ou compilação de informações dos principais pontos de turismo. (RODRIGUES; BECO; TEIXEIRA, 2011, 38).

No capítulo 7 deste estudo, é demonstrado, por meio de pesquisa, a importância de um guia turístico com informações completas e atualizadas.

PROPOSTA DE UM GUIA DIGITAL TURÍSTICO SOBRE RORAIMA

Abaixo, é apresentada a estrutura do guia digital turístico sobre Roraima como possível negócio. Para isso, utiliza-se o CANVAS, uma ferramenta que possibilita conhecer um modelo de negócio de forma visual, focando nas nove principais partes do negócio. Assim, a proposta pode ser analisada de maneira mais clara e efetiva, demonstrando também viabilidade da ideia (de negócio) para uma futura execução, por meio do levantamento de dados que englobam a oferta de valor, a essência do negócio e os pontos necessários para sua funcionalidade:

Quadro 2: Guia digital turístico para Roraima

PARCERIAS PRINCIPAIS	ATIVIDADES PRINCIPAIS	PROPOSTA DE VALOR	RELACIONAMENTO COM O CLIENTE	SEGMENTO CLIENTE
<p>Agências de Transporte;</p> <p>Agências de Turismo;</p> <p>Agências de Viagens;</p> <p>DETUR;</p> <p>Hotéis;</p> <p>Restaurantes;</p> <p>Empresas anunciantes.</p>	<p>Divulgação de imagens e conteúdos relativos ao trade turístico de RR;</p> <p>Prospectar novas empresas (dispostas a divulgar seus serviços no site);</p> <p>Promover venda de espaços no app para empresas divulgarem.</p>	<p>Disponibilizar dados atualizados sobre o trade que compõe a atividade turística em RR, facilitando e tornando mais prático o acesso às informações;</p> <p>Oferecer espaço para empresas de turismo ofertarem seus serviços;</p>	<p>Assistência Pessoal (Interação humana, seja no ponto de venda, call center ou e-mail);</p> <p>Cocriação (Busca o envolvimento do cliente para a criação ou o desenvolvimento de produtos e serviços).</p>	<p>Moradores que tem interesse em conhecer melhor o estado;</p> <p>Turistas;</p> <p>Empresas de turismo;</p>
	<p>RECURSOS PRINCIPAIS:</p> <p>Internet; Computador e/ou celular;</p> <p>Equipe (Programadores/ Desenvolvedores/ Designers);</p>	<p>Trabalhar em um design atrativo;</p> <p>Linguagem simplificada e clara para facilitar a compreensão;</p> <p>Facilidade, praticidade e dinamismo na disponibilização de informações;</p> <p>Conhecer melhor os interesses dos turistas e até mesmo moradores.</p>	<p>CANAIS:</p> <p>Aplicação Web (Site);</p> <p>Redes Sociais (Instagram e Facebook);</p> <p>Whatsapp Web.</p>	
<p>ESTRUTURA DE CUSTO:</p> <p>Computador e/ou celular; Internet; Técnica em Análise de Sistemas; Turismóloga; Hospedagem (site).</p>		<p>FONTE DE RECEITAS:</p> <p>Acesso ao site (clientes premium); Anúncios das empresas relacionadas as ACTs (Atividades Características do Turismo: Alojamento, Agências de Viagem, Transporte Aéreo, Transporte Terrestre, Transporte Aquaviário, Aluguel de Transporte, Alimentação, Cultura e Lazer); Venda direta de produtos (souvenir com temas regionais) pelo próprio site; Venda de serviços (consultoria e assessoria para o desenvolvimento de projetos para implementação de atrativos turísticos) pelo próprio site.</p>		

Fonte: Autoria própria.

Outras possíveis Fontes de Receitas do CANVAS (situações hipotéticas): parceria com as empresas - firmar uma relação de colaboração, a empresa pagaria um valor simbólico/comissão para ter o seu negócio evidenciado na plataforma e seus anúncios mais aparentes. Venda de produtos ou serviços feitos através da mídia digital - disponibilizar o link de uma empresa que venda pacote turístico; caso a pessoa acesse e compre o pacote anunciado através da aplicação *web* (Guia Digital Turístico), a empresa pagaria um valor simbólico/

comissão como fonte de receita.

Nos capítulos seguintes, será detalhada uma etapa importante que antecede a criação e/ou desenvolvimento de um negócio com foco em inovação: a validação, chamada nos trabalhos científicos de coleta e análise de dados por meio de questionário. Esse procedimento visa conhecer os desejos e necessidades dos *stakeholders* (parceiros, segmentos de clientes, fornecedores, etc.) para, assim, se ter informações acerca da viabilidade ou não do negócio que se pretende desenvolver.

METODOLOGIA

Metodologia, para Souza (2013, np), “é a descrição da estratégia a ser adotada onde constam todos os passos e procedimentos adotados para realizar a pesquisa e atingir os objetivos”. Para o desenvolvimento deste trabalho, foi utilizada a pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa.

A pesquisa exploratória tem como intuito se familiarizar com o assunto e aprimorar as ideias. Dessa forma, foi feita uma pesquisa bastante flexível, levando em consideração os questionários online que foram aplicados com moradores, turistas, possíveis clientes (empresas) e DETUR (GIL, 2007).

Tratou-se também de uma pesquisa descritiva, pois buscou-se descrever características do destino Roraima e foi feita a coleta de dados utilizando-se de questionários *online*, levando em consideração as opiniões do DETUR, moradores, turistas e potenciais clientes que possivelmente irão utilizar a ferramenta proposta.

A pesquisa qualitativa tem a predominância de descrição. Descrição de pessoas, de situações, de acontecimentos, de reações, inclusive transições de relatos (MARTINS; THEÓPHILO, 2009). Sendo assim, foi feita a análise de cada um desses aspectos por meio dos resultados dos questionários, visando evidenciar a percepção do DETUR, potenciais clientes (empresas), turistas e moradores locais, buscando demonstrar a importância da criação de um guia digital turístico para auxiliar no desenvolvimento do turismo local.

Como procedimentos metodológicos que foram adotados neste trabalho, destaco a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa biblio-

gráfica foi realizada através dos levantamentos obtidos por meio de livros, impressos diversos e artigos já publicados, para a elaboração da fundamentação teórica deste estudo (GIL, 2007).

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente. Se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se pode entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado (GIL, 2007).

A pesquisa de campo foi realizada através da internet. Como instrumento de pesquisa, foram adotados três tipos de questionários. O primeiro foi aplicado aos moradores locais e turistas; o segundo ao DETUR; e o terceiro, aos potenciais clientes (empresas). Os questionários foram enviados via *WhatsApp* para uma lista de contatos de *networking* que estão na agenda da pesquisadora. O período da coleta de dados foi entre os dias 4/03/2021 a 12/03/2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a coleta de dados, foram elaborados três tipos de questionários com o intuito de mensurar e demonstrar de forma clara e objetiva a importância de um guia digital turístico e a potencialidade dessa ferramenta como uma fonte para tornar o destino Roraima mais conhecido e atrativo. Sendo assim, a seguir estão dispostos os resultados de forma mais detalhada:

QUESTIONÁRIO 1 - Destinado a moradores locais e turistas, continha somente perguntas fechadas. Aplicado entre os dias 04.03.2021 e 08.03.2021, teve o total de 170 participantes.

- 68,2% dos participantes eram do sexo feminino; 31,2% do sexo masculino; e 0,6% assinalou a alternativa outro;
- 1,8% dos participantes estão da faixa etária menor de 18 anos; 37,6%, de 18 a 25 anos; 37,1%, de 26 a 35 anos; 17,1%, de 36 a 45 anos; 3,5%, de 46 a 55 anos; e 2,9%, são maiores de 55 anos;
- 71,2% dos participantes residem em Roraima e 28,8% residem em outros estados do Brasil;
- Dos que não residem em Roraima, 0,6% residem em Alagoas; 1,8%, no

Amazonas; 12,4%, na Bahia; 5,9%, em Goiás; 0,6%, no Maranhão; 1,2%, em Minas Gerais; 0,6%, no Pará; 1,2%, na Paraíba; 1,8%, no Piauí; 0,6%, no Rio de Janeiro; 0,6%, no Rio Grande do Norte; 0,6%, no Rio Grande do Sul; 0,6%, em Rondônia; 0,6%, em Santa Catarina; e 2,4% residem em São Paulo;

- 81,2% dos participantes costumam viajar e 18,8% não têm esse costume;
- Destes, 40,5% costumam viajar em média uma vez ao ano; 27%, duas vezes ao ano; 5,5%, três vezes ao ano; e 11,7%, quatro vezes ou mais;
- O primeiro local que os participantes costumam utilizar para procurar informações turísticas é o *Google* (37,6%); em segundo lugar, as mídias sociais (26,5%); em terceiro lugar, são sites locais que contenham informações turísticas (20%);
- 81,2% dos participantes já conhecem o estado de Roraima; destes, 81,8% têm interesse em conhecer melhor;
- 18,8% dos participantes ainda não conhecem o estado de Roraima; destes, 24,1% têm interesse em conhecer;
- 98,2% disseram saber a diferença entre um guia turístico e um guia de turismo;
- 100% disseram (em sua opinião) que seria importante a criação de um guia turístico com informações completas e atualizadas sobre o destino Roraima;
- Em uma escala de 0 a 10, consideram importante a criação dessa ferramenta: escala 10 teve 55,3% das marcações; em segundo lugar, escala 8 com 22,4%; em terceiro lugar, escala 9 com 14,1%; em quarto, escala 7 com 5,9%; em quinto, escala 3 com 1,2%; e, por fim, empatado com 0,6% cada, escala 6 e 5;
- 98,8% dos participantes consideram que a criação de um guia digital turístico poderá colaborar para tornar o destino Roraima mais atrativo;
- 100% dos participantes consideram útil a possível criação desta ferramenta;
- 98,2% dos participantes mostraram interesse em utilizar esta ferramenta.

A partir dos resultados obtidos através dos questionários com moradores locais e turistas, a proposta da criação de um guia digital turístico para Roraima

se mostrou muito relevante, tendo em vista que todos os participantes consideraram importante e útil um guia digital turístico. Mais de 80% dos participantes costumam viajar pelo menos uma vez ao ano. Destes, os que já conhecem o estado de Roraima têm interesse em conhecer melhor, e os que não conhecem têm interesse em conhecer; sites/apps com informações turísticas ficaram em terceiro lugar no ranking quando se trata de métodos para pesquisar informações turísticas; todos os participantes consideraram importante a criação de um guia turístico com informações completas, atualizadas e centralizadas sobre o destino Roraima, e concordam também que seria útil a criação desta ferramenta; 98,8% consideram que esta ferramenta poderá colaborar para tornar o destino Roraima mais atrativo e 98,2% dos participantes mostraram interesse em utilizar a referida ferramenta.

QUESTIONÁRIO 2 - Destinado ao Departamento de Turismo de Roraima (DETUR), continha perguntas abertas e fechadas. Direcionado ao diretor do DETUR, foi aplicado no dia 08.03.2021.

- Faixa etária – entre 35 e 46 anos;
- Tempo de atuação em políticas públicas voltada para o turismo – 20 anos;
- Tempo de atuação no mercado – 16 anos;
- Considera a ferramenta “Guia Turístico” importante;
- Considera que seria importante a criação de um guia digital turístico com informações completas, atualizadas e centralizadas sobre o *trade* turístico de Roraima;
- Em uma escala de 0 a 10, sendo “0” nada importante e “10” extremamente importante, considera um guia turístico extremamente importante (10);
- Concorda que a criação de um guia digital turístico poderia colaborar para tornar o destino Roraima mais atrativo;
- Concorda que seria útil a criação dessa ferramenta - Guia Digital Turístico do destino Roraima;
- Se a criação dessa ferramenta for realmente implementada, mostrou interesse em colaborar com repasse de informações para agregar e

complementar o site com dados turísticos referente ao estado de Roraima;

- Percepção e conclusão do participante em relação a proposta de criação dessa ferramenta – “Hoje a SEPLAN/DETUR já dispõe de um *app* piloto que se pretende promover para atender as demandas de informações oficiais voltadas aos turistas, empresas, prestadores de serviços e demais atores do turismo estadual. É chamada de ZO´E, que significa “ponto” em Macuxi. O *app* está agora na fase de construção do banco de dados. O projeto vem sendo construído em parceria com a UERR, Estácio, IEL - Programa BITERR e vai contar com o banco de dados elaborado pela SEPLAN/DETUR por meio do Inventário Estratégico da Oferta Turística de Roraima - INVETURR. Todavia, quanto mais *apps* se voltarem ao atendimento deste pleito, melhor para nosso estado. É importante também, salientar que foi criado, no final do ano de 2020, o ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO DE BOA VISTA, no qual serão promovidas diversas ações voltadas ao campo da inovação em nosso estado e, dessa forma, este projeto é extremamente elegível à construção de uma startup que possa produzir o *app* e lançá-lo no mercado. Parabéns pela iniciativa e conte conosco para contribuir no que for necessário”.

Através do resultado obtido com o questionário 2, a proposta de um guia digital turístico para Roraima mostrou-se interessante e possível de execução, sendo que o diretor do Departamento de Turismo de Roraima mostrou-se favorável a ideia e disponibilizou-se (como representante do DETUR) à agregar esta ferramenta com repasses de informações para complementar as informações turísticas relativo ao estado de Roraima. Afirmou que este guia poderá servir como uma ferramenta importante e útil para o turismo em Roraima e concorda que pode atrair mais turistas para a localidade.

QUESTIONÁRIO 3 - Foi destinado a empresas do *trade* turístico de Roraima. Continha perguntas abertas e fechadas, foi aplicado entre os dias 04.03.2021 e 12.03.2021 e contou com a participação de oito empresas.

- 50% dos participantes eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino;

- Formação - 1 participante com o Ensino Médio completo, 2 participantes com nível superior completo, 1 participante com mestrado, 1 participante com MBA em Gestão e Consultoria MPE, 3 participantes da área de Turismo;
- Área de atuação - 1 participante atua na promoção, organização e infraestrutura de eventos; 1 participante em locação de automóveis; 2 participantes como guia de turismo; 1 participante na área de turismo; 1 participante em hotelaria; 1 participante em restaurante; e 1 participante não está atuando no momento;
- Tempo de atuação no mercado - 1 participante atua há 3 anos; 1 participante, há 13 anos; 2 participantes, há 10 anos; 1 participante, há 20 anos; 1 participante, há 25 anos; 1 participante, há 45 anos; 1 participante não tem atuação no mercado;
- Enquadramento jurídico da empresa - 25% MEI, 25% LTDA, 12,5% EPP, 12,5% não formalizado, 25% marcou a opção "outro";
- Município de atuação - Boa Vista 100% dos participantes;
- Ramo: Agência de turismo e viagens 25%; 12,5% empresa de alimentação; 12,5% empresa de eventos; 12,5% empresa de hospedagem; 37,5% marcou a opção "outro";
- Faixa etária - 37,5% de 26 a 35 anos; 25% de 36 a 45 anos; 25% de 46 a 55 anos; 12,5% maior de 55 anos;
- 100% dos participantes residem em Roraima;
- 100% dos participantes consideram um guia turístico importante;
- 87,5% dos participantes consideram que seria importante a criação de um guia digital turístico com informações completas e atualizadas sobre o trade turístico de Roraima, 12,5% não consideram importante;
- Em uma escala de 0 a 10, sendo "0" nada importante e "10" extremamente importante, 62,5% dos participantes consideram extremamente importante (escala 10), 12,5% consideram muito importante (escala 8) e 25% consideram importante (escala 5);
- 100% dos participantes concordam que a criação de um guia digital turístico poderia colaborar para tornar o destino Roraima mais atrativo;
- 100% dos participantes concordam que seria útil a criação dessa ferramenta (Guia Digital Turístico do destino Roraima);

- 100% dos participantes disseram que teriam interesse em utilizar essa ferramenta;
- Hipótese: Se a criação desta ferramenta fosse realmente realizada, você teria interesse em pagar montante (R\$) para divulgar seus serviços nesta plataforma (Guia Digital Turístico do destino Roraima) - 87,5% dos participantes marcaram que sim, teriam interesse, e 12,5% marcaram que talvez teriam interesse;
- Opinião pessoal dos participantes relativa à criação desta ferramenta:

Resposta 1: Boa ideia;

Resposta 2: Abriria muito mais os horizontes em relação à procura de outras pessoas. Roraima tem muitos atrativos que até mesmo muitos nascidos aqui no estado desconhecem, pontos de beleza pouco visitados por falta de conhecimento em relação a localização. Contudo, um guia turístico bem elaborado iria nos render muitos momentos incríveis;

Resposta 3: Oportuna e necessária;

Resposta 4: Boa, porém as coisas estão vulneráveis para atualizar um agora;

Resposta 5: Acho o tema muito interessante, e, se a ferramenta for atrativa, faremos o possível para colaborar;

Resposta 6: Muito útil para que o turista encontre os produtos e prestadores credenciados pelos órgãos responsáveis;

Resposta 7: Toda ferramenta de divulgação é importante para o desenvolvimento do Turismo. Roraima precisa investir em divulgação, seja ela com novas ferramentas do mercado ou melhor aproveitamento das já existentes porque o estado tem um potencial enorme a desenvolver na área do turismo;

Resposta 8: Tem fundamental importância para que as pessoas possam saber onde encontrar os pontos de forma rápida, facilitando para que aproveitem melhor a viagem visitando muito mais lugares;

Através desses resultados, pode-se perceber que os empresários se mostraram abertos à ideia proposta, todos consideram um guia turístico útil e importante, concordam que poderia atrair mais turistas para a localidade, mostraram também interesse em fazer uso desta ferramenta.

Trabalhando na hipótese de o instrumento de fato ser criado, a maioria dos participantes mostrou interesse em investir na plataforma para divulgação de seus serviços e, por fim, mostraram-se muito positivos em relação à proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como intuito principal demonstrar a importância de um guia turístico atualizado para o melhor desenvolvimento do turismo em Roraima e propor a criação da aplicação *web (site)* guia digital turístico para o estado. A ideia surgiu a partir da percepção de que as tecnologias digitais, assim como o setor de turismo, estão em constante desenvolvimento e crescimento.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados de forma satisfatória, pois foi feita a caracterização de forma geral do estado de Roraima, foi possível trazer informações sobre algum tipo de atrativo turístico de cada município, demonstrando que é um estado com bastantes potencialidades a serem melhor desenvolvidas. Além disso, evidenciou-se a importância e necessidade de um guia digital turístico atualizado para o destino Roraima como forma de tornar o estado mais conhecido e atrativo, e tentar voltar a atenção dos turistas para a localidade.

A presente pesquisa evidenciou também que criação do instrumento para apoio às ações do turismo é uma proposta viável, sendo apresentada a sua utilidade e usabilidade através do preenchimento da ferramenta CANVAS, que foi detalhada, para transmitir, de forma mais simples e clara, o modelo de negócio idealizado pela pesquisadora, destacando: as principais parcerias, as atividades que podem ser realizadas, os principais recursos que seriam utilizados, a proposta de valor, como seria o relacionamento com os clientes, quais seriam os segmentos de clientes, em quais canais seria disponibilizada, a estrutura de custo necessária e, por fim, quais seriam as fontes de receita.

É possível notar que o guia digital turístico tem grande potencial caso seja de fato executado, pois trata-se de uma ferramenta de suma importância, que pode agregar positivamente e auxiliar no desenvolvimento do turismo no estado de Roraima, podendo ser utilizada não apenas por turistas, mas também por moradores locais, empresas e pelo Departamento Estadual de Turismo em

Roraima (DETUR).

Mais que um simples *app*, o guia digital turístico, após desenvolvido, pode se tornar um negócio formalizado, o que, conseqüentemente, denota tanto a geração de recursos financeiros quanto de empregos e impostos, o que beneficia diretamente toda a sociedade roraimense.

REFERÊNCIAS

BRILHANTE, Marianna do Nascimento; CORRÊA, Cynthia. **Análise comparativa de guias turísticos em formato de aplicativo**: Lonely Planet e Mtrip. 2014

CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessôa. Considerações sobre o conceito de turismo sustentável. **Revista Formação**, v. 1, n. 16, 2009.

CASTELLS M. **A Galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

CHIUCHI C. A. **Diretrizes para a criação de aplicações web com ênfase em portabilidade e eficiência**. São José do Rio Preto, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

MARTINS G. A.; THEÓPHILO C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MONTEIRO L. **A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações**. In: Congresso brasileiro da comunicação, XXIV, 2011, Campo Grande/MS, 2011.

RODRIGUES A.; BECO A.; TEIXEIRA L. **Guia turístico em dispositivo móvel baseado em Ra** – Mobiguidetour, 2011.



ARRAIAL BOA VISTA JUNINA: UMA PROPOSTA PARA O EVENTO, SOB A PERSPECTIVA DA SUSTENTABILIDADE EM CONSONÂNCIA COM A NBR ISO 20121

Beatriz da Conceição Bezerra¹
Ismayl Carlos Cortez²

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é demonstrar a importância da aplicabilidade da NBR ISO 20121 como forma de orientar a instituição promotora do evento Arraial Boa Vista Junina sobre os conceitos e aspectos fundamentais estabelecidos pela norma, em função da sustentabilidade, durante o planejamento do evento, para que, ao longo das edições, a Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura (FETEC) se baseie no princípio da melhoria contínua, através do ciclo PDCA-Planejar, Fazer, Checar e Agir. A estrutura metodológica utilizada foi a exploratória e descritiva de abordagem qualitativa. Quanto à coleta de dados, para atingir os objetivos propostos, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e documental, bem como a aplicação de uma entrevista estruturada, junto à FETEC. Analisou-se, também, os relatórios de 2017 a 2019 sobre o festejo junino. A pesquisa constatou que, de forma parcial, a instituição conhece e já executa algumas ações que visam a aplicação da ISO 20121. Sendo assim, há viabilidade de planejar e realizar o evento nos preceitos que a norma estabelece.

Palavras-chave: Boa Vista Junina. NBR ISO 20121. Sustentabilidade. Evento. Turismo.

1 Discente de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. E-mail: biaconceisao19@hotmail.com

2 Doutor em Ciências da Educação. Professor do *Campus* Boa Vista-IFRR. E-mail: ismayl@ifrr.edu.

ABSTRACT

The general objective of this article is to demonstrate the importance of the applicability of NBR ISO 20121, as a way to guide the institution promoting the Arraial Boa Vista Junina event, on the fundamental concepts and aspects considered by the standard, due to, during planning of the event. So that throughout the editions, the Education, Tourism, Sport and Culture Foundation-FETEC, is based on the principle of continuous improvement, through the PDCA-Planning, Making, Checking and Acting cycle. The methodological structure used was the exploratory and descriptive qualitative approach, regarding data collection, to achieve the proposed objectives, a bibliographic and documentary research was used, as well as the application of a structured interview, with FETEC, it was analyzed, also, the reports from 2017 to 2019 on the June celebration. The research found that, in part, the institution knows and already performs some actions aimed at the application of ISO 20121, thus, it is possible to plan and carry out the event in accordance with the precepts established by the standard.

Keywords: Boa Vista Junina. NBR ISO 20121. Sustainability. Event. Tourism.

INTRODUÇÃO

Os eventos são acontecimentos que contribuem para o desenvolvimento de um destino turístico, porém, geram impactos sociais, ambientais e econômicos nos locais em que são realizados. Dessa maneira, há necessidade de um planejamento que vise práticas sustentáveis, que considere os aspectos sociais, ambientais e econômicos, no sentido de minimizar os impactos negativos através de iniciativas de sustentabilidade, tornando-os em eventos sustentáveis.

De acordo com o PTN 2013-2016, “o turismo vem crescendo e contribuindo ao longo dos anos na economia brasileira, na geração de empregos e renda para as comunidades locais, nos destinos escolhidos pelos turistas”. Ressalta “que para o ano de 2022 o turismo seja responsável por 3,63 milhões de empregos”. O documento destaca ainda que “estão incluídas como geradoras de empregos diretos as atividades relacionadas à hotelaria, agências de viagens, companhias aéreas, outros tipos de transportes de passageiros, restaurante e lazer” (PLANO NACIONAL DO TURISMO - PNT, 2013 – 2016, online).

A Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008, estabelece normas quanto

às políticas de turismo em âmbito nacional, definindo quais as atribuições do Governo Federal, determinando suas funções, desde o planejamento até a fiscalização da atividade turística. Segundo o que dispôs o seu art. 3º, *parágrafo único*, o Poder Público “atuará mediante apoio técnico, logístico, e financeiro, na consolidação do turismo como importante fator de desenvolvimento sustentável, de distribuição de renda, de geração de emprego e da conservação do patrimônio natural, cultural e turístico brasileiro” (LEI nº 11.771/2008, np).

Alinhado à Lei Geral do Turismo, encontra-se vigente o Plano Nacional do Turismo – PNT 2018-2022, o qual estabelece ações, planos e programas da coordenação e integração de ações do plano federal entre os órgãos participantes. Uma das suas iniciativas é estimular a adoção de práticas sustentáveis no setor turístico.

Quanto ao segmento de eventos, “a captação e a promoção de eventos permitem um retorno econômico e social ao país e cidades-destino. Assim, dentro do contexto focando no estudo de fontes alternativas para um destino tornar-se competitivo”. É o que diz Ansarah (1999, p. 87), que acrescenta que os eventos permitem ainda “criar novos caminhos para aumentar os níveis de emprego e renda, pode-se apostar no segmento do turismo de eventos”.

Para a norma ISO 20121, os eventos “são encontros planejados que precisam de espaço e tempo para que aconteçam, proporcionam experiências e/ou transmitem conhecimento”. Possibilitam, também, a concentração de “pessoas nos mais diversos lugares e com inúmeras finalidades e são essenciais para todos se socializarem, porém tais situações geram impactos sociais, ambientais e econômicos, exatamente nos fundamentos do tripé da sustentabilidade” (ABNT NBR ISO 20.121, 2012, np).

Porém, o segmento de eventos, desde o início da pandemia da Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, sofreu, mundialmente, impactos sociais, econômicos e culturais, em razão das medidas protetivas de combate ao Coronavírus. Devido ao isolamento e distanciamento social, vários eventos foram cancelados, inclusive, o Arraial Boa Vista Junina, sendo que as edições de 2020 e 2021 aconteceram através de *lives*.

Considerando as diretrizes que preconizam a Lei do Turismo e as ini-

ciativas do PNT 2018-2022 em relação à sustentabilidade, a pesquisa destaca como objetivo geral: demonstrar a importância da aplicabilidade da norma ISO 20121 como forma de orientar a instituição promotora do evento Arraial Boa Vista Junina sobre os conceitos e aspectos fundamentais estabelecidos pela norma, em função da sustentabilidade durante o planejamento do evento; e como objetivos específicos: apresentar o escopo da NBR ISO 20121 a fim de orientar a instituição promotora do evento e de analisar os relatórios de 2017 a 2019 sobre o festejo junino. A finalidade é identificar maiores detalhes sobre o evento, possibilitando minimizar os impactos sociais, ambientais e econômicos do festejo.

Nesse sentido, a pesquisa justifica-se por considerar que a NBR ISO 20121 orienta e pode contribuir de forma contínua para que o festejo junino seja realizado nos requisitos propostos pela norma. Importante destacar que o evento promove como marca “o Maior Arraial da Amazônia”, atraindo centenas de visitantes e turistas.

Porém, será que a instituição promotora do festejo considera os aspectos de realizar um evento nos moldes da sustentabilidade em virtude da marca divulgada? É imprescindível que o planejamento e o gerenciamento sejam de forma sustentável, para que seja condizente com a marca divulgada. Sendo assim, a NBR ISO 20121 contribuirá para um planejamento sustentável, através do ciclo PDCA.

Como problema de pesquisa, tem-se a seguinte questão norteadora: É possível realizar o Arraial Boa Vista Junina de forma sustentável, ou seja, aplicando as orientações da gestão sustentável de eventos propostos pela norma ISO 20121?

Este trabalho segue a seguinte sequência:, inicialmente, apresenta um breve histórico sobre o Arraial Boa Vista Junina; em seguida, apresenta os conceitos de evento, turismo de eventos e eventos sustentáveis; logo em seguida, conceitua-se sustentabilidade e desenvolvimento sustentável; posteriormente, aborda o Sistema de Gestão para a Sustentabilidade de eventos – NBR ISO 20121, seus conceitos e sua importância para os eventos sustentáveis. Apresenta, ainda, a metodologia da pesquisa, a análise dos resultados, bem como as considerações finais, sugestões e pretensões de futuras pesquisas.

Dessa forma, na próxima seção, será exposto o referencial teórico, para que o leitor possa entender os conceitos mais importantes da pesquisa, apresentando, por meio da apresentação de pensamentos (citações) de autores específicos da área de turismo, o desenvolvimento do tema.

ARRAIAL BOA VISTA JUNINA-UM BREVE HISTÓRICO

Atualmente, os festejos juninos são mais conhecidos na região nordeste. Em relação ao evento Boa Vista Junina, “se origina desde o início do século passado, quando os antigos fazendeiros locais, movidos por costumes do catolicismo, faziam festejos de São João, São Pedro e Santo Antônio”; porém, obteve também a participação dos nordestinos devido à migração. “[...] com a migração de nordestinos, o ritmo musical *forró* ficou introduzido desses festejos, assim como as danças *de grupos*, no que hoje são os *Grupos Quadrilha Juninas*” (FETEC, 2017, p. 3). De acordo com Bezerra e Guerreiro (2013, p. 18):

Inicialmente o festejo acontecia na Praça Capitão Clóvis. O arraial teve início no ano de 2001, promovido pela FETEC. No ano de 2012, foi realizado a 12ª edição do arraial com o tema “Boa Vista Junina 2012 Nossa História Nossa Gente o Melhor Arraial da Amazônia”, o evento acontece no mês de Julho na Praça do Centro Cívico, começando no dia 09 do referido mês, dia do aniversário do município de Boa Vista, são várias noites de festa com diversos atrativos como: os concursos de quadrilhas, as apresentações folclóricas, as comidas típicas e os shows regionais e nacionais, com tudo isso a festa mobiliza milhares de pessoas, com muita animação e diversão.

Sabe-se que é na capital Boa Vista, estado de Roraima, que os maiores eventos se realizam, tanto de produção local como os carnavais, as apresentações teatrais e musicais, bem como as atrações e espetáculos nacionais e internacionais, além do Arraial Boa Vista Junina.

O evento mais popular e que acontece a maior participação da população no Município em Boa Vista é a famosa festa junina, que acontece durante 9 (nove) dias, que além da riqueza peculiar deste tipo de evento, agrega toda a bagagem cultural diversa da região com todas as suas influências, nordestinas, indígenas e dos portugueses. Tem um pouco de tudo, quadrilheiros, forrozeiros, fogueira, balões, arraial, comidas típicas, concurso de quadrilha e de música junina, casamento matuto e música de todas as regiões brasileiras (PDITS, 2017, p. 96).

O festejo junino é realizado, anualmente, na Praça Fábio Marques Paracat. “O Arraial Boa Vista Junina 2019, foi realizado no período de 19 a 23 de junho, na Praça Fábio Marques Paracat, na Avenida Ene Garcez” (FETEC, 2019, online). O evento, denominado “o Maior Arraial da Amazônia”, encontra-se na sua 20ª edição, sendo esta realizada através de *live*, em razão da Covid-19.

Quadrilheiros de plantão já podem preparar o traje caipira porque vai ter Boa Vista Junina, sim! O maior arraial da Amazônia passará por algumas adaptações por causa da pandemia do novo coronavírus. O evento vai acontecer de 3 a 6 de dezembro, em formato de *live* (PMBV, 2020, online).

O evento tem como objetivo “a valorização cultural e artística de Boa Vista, oferecendo a comunidade entretenimento e lazer, promovendo turismo cultural com políticas públicas, bem como, difundir essa tradição do povo boavistense”. Além dessa valorização, o arraial propõe “manter vivo as tradições das manifestações culturais com a identidade própria de nosso Estado. E desta forma potencializar o turismo local e a economia criativa local” (FETEC, 2018, online).

As principais atrações do festejo são as quadrilhas juninas, as bandas locais e o show com banda nacional. Além da participação do público local, tem-se a visita de turistas de outros estados e também dos países circunvizinhos - como a Venezuela e a Guiana -, os quais podem assistir os espetáculos, degustar da culinária local e também experimentar a Maior Paçoca do Mundo:

[...] é uma iguaria resultante da mistura de costumes dos pioneiros (carne conservada ao sal e sol) com dos indígenas (farinha de mandioca amarela), é uma mistura de carne de sol e a farinha amarela. A maior paçoca do mundo tem título de recorde mundial, com registro no Guinness World Recrd e a cada ano paçoca vem superando o seu próprio recorde. A iguaria foi distribuída para aproximadamente 30 mil pessoas gratuitamente; isso faz com que seja propagado um dos ícones da nossa gastronomia local, fazendo que seja estimulada comercialização do produto e que sejam valorizados nossos costumes gastronômicos (FETEC, 2018, online).

Com a finalidade de garantir entretenimento, lazer e segurança aos frequentadores. Para a realização do evento, a Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura (FETEC) possui parceria com vários órgãos públicos, como Secretaria Municipal de Saúde, Corpo de Bombeiros, Polícia Civil, Juizado da

Infância e Juventude, entre outros.

Essas parcerias oferecem maior segurança à população, permitindo que as pessoas participem do evento e possam presenciar as atrações culturais. É importante salientar que o festejo contribui muito para a economia local.

EVENTO, TURISMO DE EVENTOS E EVENTOS SUSTENTÁVEIS

Para melhor entendimento desta pesquisa, temos que compreender o conceito do termo evento:

O evento é uma reunião de um, ou mais público (s) em atividades de interesse comum, podendo ser definido como um fato ou acontecimento espontâneo ou organizado, capaz de provocar interesse e que pode ser explorado para fins mercadológicos (COSTA; TALARICO, 1996, p. 17).

O turismo de eventos é um dos segmentos mais importantes do setor de serviços, pois se apresenta como um fator transformador de um segmento turístico, refletindo na sociedade ou região (MELO NETO, 2001).

Segundo Valls (1992), a imagem do destino turístico criada na mente dos turistas reais ou potenciais se dá através de várias formas. Criar formas diferenciadas perante os demais concorrentes requer do destino distinção, peculiaridade e autenticidade.

Brito e Fontes (2002, p. 30) afirmam que o turismo de eventos:

É o segmento de turismo que cuida dos vários tipos de eventos que se realizam dentro de um universo amplo e diversificado. São congressos, conferências, cursos, exposições, feiras, shows, simpósios, solenidades, etc., que refletem o esforço mercadológico dos diversos segmentos, tais como as áreas médica e de saúde, culturais, econômicas jurídicas, artísticas, esportivas e comerciais, ao ingressarem em seus mercados potenciais com novas tecnologias, descobertas científicas e produtos.

Para Costa (2012, p. 35):

O setor de eventos no Brasil apresenta uma crescente evolução em diversos segmentos: lazer e entretenimento, negócios, turismo social e turismo esportivo, seja por meio da entrada de grandes grupos no mercado, seja pela maior percepção, por parte das empresas e das agências, do grande potencial mercadológico e financeiro. Todos os eventos, no entanto, além dos impactos econômico-financeiros geram, também,

impactos para a sociedade e para o meio ambiente. Já existem, no mercado brasileiro, diversas empresas que incluem em sua gestão a preocupação com os impactos que seus eventos produzem; e tentam eliminar ou reduzir esses impactos seguindo medidas sustentáveis simples.

Segundo Brito e Fontes (2002), os eventos estão vinculados à ideia de planejamento:

Eventos são todos os acontecimentos previamente planejados, organizados e coordenados de forma a contemplar o maior número de pessoas em um mesmo espaço físico e temporal, com informações, medidas e projetos sobre ideia, ação ou produto, apresentando os diagnósticos de resultados e os meios mais eficazes para se atingir determinado objetivo (BRITO; FONTES, 2002, p. 66).

Aplicando-se o conceito de sustentabilidade à realização de um evento, podemos definir um Evento Sustentável como aquele capaz de “reduzir o seu impacto ambiental direto, mas também contribuir para deixar um legado positivo e duradouro para a comunidade local” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2020, p. 2).

Souza e Filho (2017, p. 55) entendem que “os impactos ambientais dos eventos podem ser considerados quanto à poluição sonora, geração de resíduos sólidos, captação e descarte de água, aumento no fluxo de trânsito de veículos no entorno e muitos outros”.

Equilibrar interesses da sociedade com os da empresa é um intento presente nas estratégias de comunicação organizacional, algo que está tipicamente a cargo da área de relações-públicas. Os eventos podem estar inseridos no plano de negócio, marketing e relações-públicas, mas devem se harmonizar com os propósitos da organização. As ações de planejamento, portanto, devem considerar o fato de que um evento é componente e extensão da imagem organizacional, devendo atentar-se para todos os efeitos e desdobramentos desde a fase de elaboração, caso daqueles que impactam pessoas, comunidade e sociedade. Dessa forma, os eventos ganham contornos de atividade ou produto estratégico, inclusive no escopo da responsabilidade social e do desenvolvimento sustentável (SOUZA; FILHO, 2017, p. 54-55).

Quanto às práticas sustentáveis a serem adotadas nos eventos, segue abaixo o quadro, informando sobre os princípios:

Quadro 1 – Práticas a serem adotadas em eventos sustentáveis³

PRINCÍPIOS	PRÁTICAS A SEREM ADOTADAS
Gerenciamento de resíduos	Redução na geração e destinação final, economizando recursos naturais e energia.
Consumo de energia	Planejar, orientar o uso racional e consciente de energia elétrica; Utilização de fontes renováveis.
Material de apoio	Utilização de materiais produzidos de forma ecologicamente correta e socialmente justa.
Alimentação	Uso de produtos certificados; Utilização dos coquetéis e buffets com alimentos orgânicos e certificados.
Ambientação	Utilizar plantas e flores características da região do evento, produtos artesanais de comunidade tradicionais, inibindo o comércio ilegal e predatório.
Neutralização do carbono	Através de ações carbon free, com plantio de árvores, fomentação de áreas verdes e recuperando áreas degradadas.
Acessibilidade	Adoção de medidas de acessibilidade, produção de materiais em braile, sonorização especial, acesso a portadores de necessidades especiais, entre outras ações.
Inclusão social	Oferecer espaço para o Terceiro Setor (ONGs e OSCIPs); Destinar os resíduos para cooperativas de catadores.

Fonte: Elaboração própria, 2021.

As práticas adotadas na realização de eventos sustentáveis minimizam os impactos ambientais dos eventos, que podem ser observados quanto à poluição sonora, geração de resíduos sólidos, captação e descarte de água, acessibilidade, inclusão social, aumento no fluxo de trânsito de veículos no entorno e muitos outros.

SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

De acordo com a etimologia, sustentabilidade vem do latim *sustentare*, que significa sustentar, suportar, conservar em bom estado, manter, resistir. O conceito foi introduzido no início da década de 1980 por Lester Brown, fundador do Worldwatch Institute, que definiu comunidade sustentável como a que

³ Elaborado a partir de Barbosa (2009, p. 15).

é capaz de satisfazer às próprias necessidades sem reduzir as oportunidades das gerações futuras (CAPRA, 2007, p. 312).

O conceito de sustentabilidade começou a ser delimitado na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (CNUMAH) realizada em Estocolmo em junho de 1972. O objetivo era refletir e debater sobre a relação entre as atividades humanas e meio ambiente. Em 1983, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Organização das Nações Unidas cria uma comissão de Organizações Não-Governamentais e Cientistas presidida por Gro Harlem Brundtland para a elaboração do que ficou conhecido como Relatório Brundtland "Our Common Future" (Nosso Futuro Comum) divulgado em 1987. O relatório foi resultado de quatro anos de debates em todo o mundo até se chegar a um entendimento crítico sobre a incompatibilidade entre os modelos de desenvolvimento, produção e consumo dos países industrializados e em desenvolvimento e, o uso indiscriminado dos recursos naturais e dos ecossistemas. É nesse contexto que é defendido o conceito de desenvolvimento sustentável, apontado pelo Relatório como "o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades" (RELATÓRIO BRUNDTLAND, 1991, p. 46).

Nessa perspectiva, observa-se que há entendimentos diferentes entre os autores quanto ao marco inicial do termo sustentabilidade. Para alguns autores, como Clovis Cavalcanti, sustentabilidade "significa a possibilidade de se obterem continuamente condições iguais ou superiores de vida para um grupo de pessoas e seus sucessores em dado ecossistema" (CAVALCANTI, 2003, p.42).

Ainda de acordo com o autor, as discussões atuais sobre o significado do termo "desenvolvimento sustentável" mostram que se está aceitando a ideia de colocar um limite para o progresso material e para o consumo, antes visto como ilimitado, criticando a ideia de crescimento constante sem preocupação com o futuro (CAVALCANTI, 2003, 46).

Considerando, o que propõe o Programa de Regionalização do Turismo, em seu Caderno Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade, "a sustentabilidade depende fundamentalmente de planejamento e da maneira como se levam em conta os quatro princípios que a sustentam: ambiental, econômico, sociocultural e político-institucional" (CAVALCANTI, 2003, 46).

Além disso, dá ênfase ao conceito de desenvolvimento sustentável em vários aspectos.

Desenvolvimento sustentável é a atividade que harmoniza o imperativo

do crescimento econômico com a promoção de equidade social e a preservação do patrimônio natural, garantindo assim que as necessidades das atuais gerações sejam atendidas sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras (PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO, 2007, p. 18).

“O desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade são conceitos importantes, cuja interpretação e operacionalização têm sido vigorosamente defendidas nas decisões de planejamento e política em todo o mundo”, afirma Hall (2001, p. 21), que aponta que “não são apenas ideias acadêmicas abstratas, mas conceitos que se espalham e afetam o cotidiano de todos no planeta, mesmo que as pessoas nunca o percebam”.

Segundo Pires e Raab (2004, 45), o turismo sustentável “é uma área emergente do turismo que tem se destacado tanto no âmbito da oferta através de investimentos por parte dos governos, como no âmbito da demanda, por parte dos turistas”, ademais “refletindo, desse modo, o interesse das sociedades por questões ambientais, em diferentes níveis”.

Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável são termos que estão associados, pois revalidam ideologias igualitárias e equidade social, capaz de reconhecer imparcialmente o direito de cada um, e sem comprometer as futuras gerações.

NBR ISO 20121: O SISTEMA DE GESTÃO PARA SUSTENTABILIDADE DE EVENTOS

A ABNT NBR 20121 (2012) “especifica requisitos de um sistema de gestão para a sustentabilidade de eventos, a fim de melhorar a sustentabilidade de eventos. É aplicável a todos os tipos e tamanhos de organizações envolvidas no projeto e execução de eventos e acomoda diferentes condições geográficas, culturais e sociais. A norma propõe ainda “que as organizações reconheçam a sua relação e o impacto sobre a sociedade, e as expectativas da sociedade com os eventos” (ABNT NBR ISO 20121, 2012, np).

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é o Foro Nacional de Normalização. As Normas Brasileiras, cujo conteúdo é de responsabilidade dos Comitês Brasileiros (ABNT/CB), dos Organismos de Normalização Setorial (ABNT/ONS) e das Comissões de Estudo Especiais (ABNT/CEE), são elaboradas por Comissões de Estudo (CE), formadas por re-

presentantes dos setores envolvidos, delas fazendo parte: produtores, consumidores e neutros (universidades, laboratórios e outros). Os Documentos Técnicos ABNT são elaborados conforme as regras da Diretiva ABNT, Parte 2. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) chama atenção para a possibilidade de que alguns dos elementos deste documento podem ser objeto de direito de patente. A ABNT não deve ser considerada responsável pela identificação de quaisquer direitos de patentes. A ABNT NBR ISO 20121 foi elaborada pela Comissão de Estudo Especial de Sustentabilidade na Gestão de Eventos (ABNT/CEE-142). O Projeto circulou em Consulta Nacional conforme Edital nº 06, de 14.06.2012 a 13.07.2012, com o número de Projeto 142:000.00-001. Esta Norma é uma adoção idêntica, em conteúdo técnico, estrutura e redação, à ISO 20121:2012, que foi elaborada pelo Project Committee Sustainability in Event Management (ISO/PC 250), conforme ISO/IEC Guide 21-1:2005 (ABNT NBR ISO 20.121, 2012, np, grifo nosso).

Segundo Bezerra e Guerreiro (2013, p. 28), “o turismo de eventos apresenta uma notável evolução em comparação aos demais segmentos turísticos. É considerado um dos segmentos mais relevante do setor de serviços. E se destaca pela sua capacidade de atrair turistas durante a baixa temporada”.

Por outro lado, a realização dos eventos requer planejamento. A ABNT ISO 20121 estabelece ações a serem adotadas, parcialmente ou totalmente, possibilitando, ao longo do tempo, potencializar as ações positivas. A norma não é obrigatória, apenas norteia e orienta a organização a alcançar ações que visem a sustentabilidade perante o evento.

Como prevê a norma, o evento Boa Vista Junina, uma vez que já adota ações previstas na NBR ISO 20121, poderá dar continuidade a essas medidas, a fim de implantar totalmente o sistema de gestão junto ao festejo.

De acordo com a publicação, “[...] esta norma é para ser aplicada de forma flexível e permitirá que as organizações que não trabalhem em prol do desenvolvimento sustentável, comecem a implantar um sistema de gestão para sustentabilidade de eventos [...]” (ABNT NBR ISO 20.121, 2012, np). A Norma compreende todas as fases de um evento, desde concepção, planejamento, execução e pós-evento. Com a finalidade de melhor entendimento sobre a norma, simplifica-se no quadro abaixo:

Quadro 2- Desmembramento da NBR ISO 20121

INÍCIO	SEÇÕES	ANEXOS
1. Prefácio Nacional	1. Escopo	A- Orientação sobre planejamento e implementação
	2. Referências Normativas	
	3. Termos e Definições	
	4. Contexto da Organização	B- Gestão da cadeia produtiva
	5. Liderança	
2. Introdução	6. Planejamento	C- Avaliação
	7. Suporte	
	8. Operação	
	9. Avaliação de Desempenho	
	10. Melhoria	

Fonte: Adaptado, a partir da ABNT NBR ISO 20121.

Em relação aos anexos, A direciona as ações da empresa para obtenção da certificação; B orienta sobre aquisição sustentável; C apresenta diretrizes de avaliações. Por se tratar de um sistema de gestão, o princípio da melhoria contínua é observado na forma de ciclo PDCA - Planejar, Fazer, Checar e Agir.

PLANEJAR

- 1.1 Identificar e engajar as partes interessadas;
- 1.2 Determinar o escopo do sistema de gestão;
- 1.3 Definir os princípios que regem o desenvolvimento sustentável;
- 1.4 Estabelecer e documentar a política;
- 1.5 Designar e comunicar funções e responsabilidades;
- 1.6 Identificar e avaliar as questões. Estabelecer objetivos e planos para alcançá-los.

FAZER

- 2.1 Prover recursos e assegurar competências e consciência suficientes;

2.2 Manter as comunicações internas e externas;

2.3 Criar e manter documentação e procedimentos requeridos para a efetividade do sistema;

2.4 Estabelecer e implementar processo para o controle operacional e gestão da cadeia produtiva.

CHECAR

3.1 Monitorar e avaliar o desempenho do sistema, incluindo auditorias internas e revisão da gestão.

AGIR

4.1 Identificar não conformidade e tomar as medidas corretivas.

Para iniciar a aplicação da norma, é necessária a utilização do ciclo PDCA, a qual relaciona cada uma das etapas e suas subdivisões a serem seguidas.

E, para viabilizar esta pesquisa, utilizou-se dos procedimentos metodológicos que estão descritos na próxima seção.

METODOLOGIA

A problemática que deu origem à pesquisa tem como direcionamento demonstrar a importância da aplicabilidade da NBR ISO 20121 como forma de orientar a instituição promotora do evento Arraial Boa Vista Junina sobre os conceitos e aspectos fundamentais estabelecidos pela norma em função da sustentabilidade, durante o planejamento do evento, para a sua realização de forma sustentável.

O estudo foi realizado junto à Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura (FETEC). A estrutura metodológica utilizada foi a exploratória e descritiva de abordagem qualitativa. Segundo Gil (2007, p. 41), a pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a

descoberta de intuições”.

Ainda de acordo com o autor, “a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever um estudo detalhado das características de um fenômeno através da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados” (GIL, 2007, p. 42).

Quanto à coleta de dados, para atingir os objetivos propostos, foi utilizada pesquisa bibliográfica. De acordo com Roesch (2009, p. 106-107), “a revisão de literatura, na prática, implica seleção, leitura e análise de textos relevantes ao tema do projeto, seguida de um relato por escrito”. Em seguida, realizou-se pesquisa documental. Ambas foram utilizadas para a construção do referencial teórico deste estudo

Ademais, houve a aplicação de uma entrevista. Para Marconi e Lakatos (1999, p. 94), trata-se de um “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”.

Ainda sobre este instrumento:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p. 109).

Ainda segundo Gil (2008, p. 109) “a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais”. Muitos profissionais “valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação”, acrescenta o autor

Para este estudo, optou-se por entrevista estruturada:

A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais (GIL, 2008, p. 113).

Gil (2008, p. 117) explica que “nas entrevistas estruturadas, as perguntas devem ser formuladas de maneira tal que correspondam a um estímulo idên-

tico para todos os informantes [...] as questões devem ser feitas exatamente como estão redigidas no formulário e na mesma ordem”.

Tal procedimento metodológico foi necessário para obter informações relevantes sobre o festejo, haja vista verificar a possibilidade da realização do evento, conforme a NBR ISO 20121, e demonstrar a importância da sustentabilidade do ponto de vista social, ambiental e econômico.

Diante da definição do instrumento e com o intuito de verificar a viabilidade da pesquisa e obter maiores informações pertinentes ao festejo Boa Vista Junina, no dia 24 de setembro de 2020, foi encaminhado a Carta de Apresentação e o pré-teste da pesquisa, com reiteração no dia 26 de outubro de 2020, para a FETEC, através de e-mail eletrônico, informando a pauta e o objetivo da pesquisa.

Nessa perspectiva, é cada vez mais frequente a coleta de opiniões e depoimentos pela internet (SANTOS, 2009). Assim, elaboramos nossos próprios instrumentos de coleta de dados a serem aplicados on-line (questionários ou formulários, roteiros de entrevistas. Dessa forma, podemos ter uma maior proximidade com os informantes, estabelecendo processos interativos de comunicação (SANTOS, 2009).

Considerando a técnica de entrevista, Boni e Quaresma (2005, p. 74), apontam que:

A técnica de entrevistas abertas atende principalmente finalidades exploratórias, é bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados. Em relação a sua estruturação o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal. A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante.

No dia 11 de fevereiro de 2021, a FETEC me concedeu entrevista, por meio da equipe da Superintendência de Cultura, tendo a participação de três colaboradores. Entretanto, um respondente respondeu às perguntas de forma ordenada, clara e coesa.

Em geral, a seção metodológica descreve os equipamentos e procedimentos usados para obter os resultados pretendidos. Utilizou-se a pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa; para a coleta de dados, a pesquisa bibliográfica e documental; e como instrumento aplicação, uma entrevista estruturada. O nível de detalhe apresentado foi considerado suficiente para apresentar os resultados obtidos pela pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo aplicou uma entrevista estruturada composta por cinco perguntas abertas no dia 11 de fevereiro de 2021, as quais foram direcionadas para um colaborador da instituição. Analisou-se também os relatórios dos anos de 2017, 2018 e 2019 sobre o Arraial Boa Vista Junina, fornecidos pela FETEC, no dia 1 de março de 2021, através de e-mail, com a finalidade de identificar maiores detalhes sobre o evento.

A primeira pergunta da entrevista estruturada:

1. A instituição FETEC, conhece as normas da NBR ISO 20121?

Como instituição pública sim. Até porque a ISO é uma ótima ferramenta de orientação e guia para as instituições públicas e privadas elaborarem e produzirem seus eventos de forma segura, consciente e sustentável.

Percebeu-se que a instituição, parcialmente, conhece as normas da ISO 20121. Se já conhece, qual seria o motivo de não aplicar o Sistema de Gestão a fim de diminuir os impactos sociais, ambientais e econômicos e potencializar as ações positivas gradativamente?

Na segunda pergunta:

2. Sabe quais são os princípios da sustentabilidade a serem seguidos na organização de um evento?

Sim, sabemos. No planejamento de nossas ações, pré-produção, produção e pós-produção, temos o cuidado de inserir elementos que terão impacto direto nas

ações de sustentabilidade, tanto social, econômica e cultural em toda sua extensão como evento público.

A resposta foi positiva, porém não foi possível identificar quais e como esses elementos são inseridos diretos nas ações da sustentabilidade. Nesse caso, recomenda-se a utilização do ciclo PDCA, pois facilitaria o planejamento das ações perante o evento.

Em relação à terceira pergunta:

3. Na visão da instituição, quais seriam os desafios de planejamento e execução do evento de forma sustentável?

Todo evento tem sua característica própria, sua, “cara” e, sua peculiaridade [...] o grande desafio institucional é mudar essa rotina, os hábitos que foram inseridos e incorporados ao longo do ano ao evento. Com a nossa contemporaneidade, vem (e temos), novos desafios, novos paradigmas sociais que temos que adaptar ao evento, isso tudo traz esses novos desafios as instituições que promovem eventos. Hoje, em plena pandemia, temos uma crise econômica e sanitária, isso é um grande desafio para a execução dos eventos públicos. A FETEC como instituição pública e promotora de eventos públicos, tem uma preocupação ímpar em relação a todas essas questões; principalmente, para dar oportunidades ao público cliente que trabalha nos nossos eventos para geração de renda através da economia criativa.

Como todo evento possui suas características peculiares, e devido à pandemia da COVID-19, a instituição teria o desafio de realizar o festejo presencialmente e de modificar as características culturais.

Já na quarta pergunta:

4. Para a instituição, qual seria a importância de minimizar os impactos sociais, ambientais e econômicos no evento?

É de suma importância tratar desse assunto: do impacto social, ambiental e econômico. No planejamento de produção do evento, como exemplo, o Arraial Boa Vista Junina. Temos o Edital de Chamamento Público para os permissionários de espaços públicos. Essas pessoas clientes são o público que trabalham em parceria

com a FETEC no evento. É uma troca justa e transparente, todos têm a oportunidade de comercializar seus produtos; assim como seguir as regras estabelecidas no edital. Assim como, outras instituições fazem parte dessa cadeia produtiva do evento. Mais um exemplo, é a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis, recolhe todo o material reciclável do evento, todos os dias. Temos a limpeza pública. As quadrilhas juninas e suas associações, recebe através de convênio público, um montante de recurso para fomentarem suas ações e metas para suas apresentações artísticas; e assim, diretamente e indiretamente realizam um enorme processo de inclusão social e econômico em suas comunidades, bairros e associações. Todas essas ações é um imenso processo capilar, que se estende até os grotões mais distantes do nosso Município de Boa Vista.

Nesta questão, percebe-se que a instituição está atenta à inclusão social, econômica junto aos comerciantes e ambulantes e às quadrilhas juninas; ambientalmente, tem-se a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis, que recolhe o lixo produzido durante o evento.

Na última questão:

5. É possível a realização do Arraial Boa Vista Junina, conforme a NBR ISO 20121?

O Arraial Boa Vista Junina é um processo cultural (evento), que vai fazer 21 anos de atividade cultural, social e econômico agora em 2021. Ao longo desses anos, a FETEC vem aprimorando ano a ano suas ações e metas em todos os segmentos trabalhados no evento, para que assim, tenha pleno êxito na execução e realização do arraial. Sabemos o quão é importante a ISO em suas aplicações e implicações na realização de eventos. O próprio legado da ISO já a legitima como um grande instrumento socioeconômica e cultural do Brasil. A Prefeitura Municipal de Boa Vista e a Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura tem toda vontade como política pública de realizar seus eventos públicos conforme a ISO 2021, temos certeza de que com a implementação da ISO em nossos eventos, todo o processo de produção e planejamento terá os melhores resultados possíveis.

Ao longo das edições, a FETEC vem melhorando as ações do evento, e sabe da importância da ISO 20121. Constata-se que a FETEC, parcialmente, já

adota medidas que caracterizam a utilização da norma ISO 20121 e que a instituição, a cada edição, vem aperfeiçoando suas ações.

Nas análises dos relatórios 2017 a 2019, foram identificadas as seguintes informações, conforme tabela a seguir:

Quadro 03 - Dados do evento

Ano	Período do Evento	Grupos Folclóricos	Estimativa de Público	Ações já adotadas
2017	14 a 17/06	24 (divididos em 2 de 12)	200.000	Economia criativa, inclusão social, parcerias, valorização do artesanato, associação de Catadores de materiais recicláveis e aperfeiçoamento das ações e metas.
2018	16 a 23/06	24 (divididos em 2 de 12)	150.000	
2019	19 a 23/06	24 (divididos em 2 de 12)	200.00	

Fonte: Adaptado, a partir dos Relatórios FETEC.

Para contrapor os resultados da entrevista, analisou-se os Relatórios dos períodos 2017, 2018 e 2019, a fim de evidenciar e consolidar as informações do evento.

Constata-se que a FETEC, parcialmente, já adota medidas que caracterizam a utilização da norma ISO 20121, como a inclusão da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis, que recolhe o lixo produzido durante o evento, parcerias e valorização do artesanato. Porém, precisa implementar a norma em sua totalidade, uma vez que, para a tomada de decisões, orienta os gestores e a cadeia produtiva envolvidos na promoção dos eventos. Há possibilidade da implementação parcial ou globalmente.

Dessa maneira, confirma a hipótese de que é possível transformar a realização do Arraial Boa Vista Junina em evento sustentável. Ademais, a instituição promotora do evento demonstra conhecer os princípios da sustentabilidade a serem seguidos na organização de um evento e, de forma parcial, sabe como aplicar as orientações da gestão sustentável de eventos propostos pela NBR ISO 20121.

Averiguou-se que o maior desafio institucional seria mudar a rotina e os

hábitos que foram inseridos e incorporados ao longo dos anos ao evento, haja vista que se trata de manifestações culturais; e também em função do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19.

Sugeriu-se, então, que a instituição, após a pandemia, planejasse e executasse uma edição do evento como teste, tomando como ponto de partida o ciclo PDCA, para que se possa analisar os entraves e, principalmente, os benefícios de se realizar um evento sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o Arraial Boa Vista Junina é um evento de grande repercussão, sendo o evento de maior visibilidade que o município de Boa Vista promove, uma vez que as quadrilhas juninas já se apresentaram em eventos internacionais. Há destaque também para a maior paçoca do mundo, com título de recorde mundial, registrado no Guinness World Record. Além de que, o evento concentra, aproximadamente, de 150 mil a 200 mil pessoas durante a programação do festejo junino.

Uma vez que a instituição, a cada edição, vem aperfeiçoando suas ações. A implementação da norma possibilitaria corrigir os impactos negativos e potencializaria as ações positivas, tendo como base as dimensões da sustentabilidade. A norma se propõe a estabelecer, implementar, manter e melhorar continuamente o sistema de gestão para sustentabilidade de um evento, incluindo os processos necessários e suas interações.

Observa-se que a NBR ISO 20121 pode influenciar positivamente e sustentavelmente a imagem do Arraial Boa Vista Junina. Como o *Rock in Rio*, o evento desenvolveu uma série de ações visando diminuir o impacto ambiental do evento. Dessa maneira, surge no mercado nacional de eventos um evento sustentável, localizado em plena Amazônia, possibilitando atrair números significativos de turistas para o destino turístico Roraima.

Identifica-se que é possível transformar a realização do Arraial Boa Vista Junina em evento sustentável. Há viabilidade de aplicar as orientações da gestão sustentável de eventos propostos pela norma ISO 20121, diminuindo os impactos sociais, ambientais e econômicos.

Devido à pandemia da Covid-19, as duas últimas edições do Arraial Boa Vista Junina foram realizadas através de *lives*. Portanto, há pretensão de continuidade desta pesquisa. Planeja-se acompanhar, junto à instituição, a próxima edição do evento, pós-pandemia, com a finalidade de encontrar outras concepções e aspectos do evento.

REFERÊNCIAS

ABNT NBR ISO 20121. **Sistemas de gestão para sustentabilidade de eventos: Requisitos com orientações de uso**. 2012.

ANSARAH, M.G.R. **Turismo**: segmento de mercado. São Paulo: Futura, 1999.

BARBOSA, Admilson Clayton. **Princípios do desenvolvimento sustentável na gestão de eventos**. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3751-1.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BEZERRA, Beatriz da Conceição; GUERREIRO, Nerley. **Turismo de eventos: percepção dos frequentadores do Arraial Boa Vista Junina**. Orientadora: Geórgia Patrícia da Silva. TCC (Graduação). Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, Boa Vista, 2013.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), jan-jul/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BRITO, Janaína; FONTES, Nena. **Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Nosso futuro comum**: comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CAPRA, F. **Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

CAVALCANTI, Clóvis. (org.). **Desenvolvimento e Natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez, 2003.

COSTA, A. R.; TALARICO, E. de G., **Marketing Promocional**: descobrindo os segredos do mercado. São Paulo: Atlas, 1996. 270 p.

COSTA, D. de F. A ISO 20121 e o papel do setor de eventos na sustentabilidade. In: Confederação Nacional de Comércio de Bens, Serviços e Turismo. **Turismo em Pauta**, n. 13. 21 Rio de Janeiro: CNC, 2012. Disponível em: <http://issuu.com/abeocnacional/docs/121218200528ecd6db79afd6496abfb41b50f7836fda>. Acesso em: 10 fev. 2021.

FETEC. **Relatório das ações desenvolvidas pela Superintendência de Cultura**. 2017.

FETEC. **Relatório das ações desenvolvidas pela Superintendência de Cultura**. 2018.

FETEC. **Relatório de Gestão do exercício**. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Colin Michael. **Planejamento Turístico; políticas, processos e relacionamentos**. Tradução de Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto).

LEI Nº 11.771, DE 17 DE SETEMBRO 2008. **Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, atribuições do Governo Federal**. Brasília, DF, set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm Acesso em: 11 set. 2021.

MARCONI, M. A., & LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MELO NETO, F. P. de. **Marketing de eventos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Dicas para tornar seu evento sustentável**

vel. Disponível em: <http://a3p.ana.gov.br/Documents/docs/outros/DicasParaTornarSeuEventoSustentavel.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Programa de Regionalização do Turismo.** Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade. Brasília, 2007.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de Turismo** - 2013-2016.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Plano Nacional de Turismo** - 2018-2022.

PDITS. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável do Município de Boa Vista-RR.** 2017. Disponível em: https://observatorio.prefeitura.boavista.br/politicas-publicas/plano-de-desenvolvimento-integrado-do-turismo-sustentavel-pdits?__=__ Acesso em: 9 fev. 2021.

PIRES, E.; RAAB, C. **As inter-relações turismo, meio ambiente e cultura.** Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2004.

PMBV. **Prefeitura anuncia Boa Vista Junina 2020 em formato de live.** Disponível em: <https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2020/11/prefeitura-anuncia-boa-vista-junina-2020-em-formato-de-live> Acesso em: 3 mar. 2021.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, Tânia Steren dos. Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 120-156.

SOUZA, Ana Maria Malvezzi de.; FILHO, Gino Giacomini. Eventos sustentáveis: um novo ambiente para a comunicação. **Revista Logos**. v. 24, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/9760/23946>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VALLS, J. **La imagen de marca de los países.** Barcelona: McGraw-Hill, 1992.



TURISMO EM RORAIMA: IMPACTOS CAUSADOS NA ATIVIDADE TURÍSTICA PELA PANDEMIA DA COVID-19

Helen Mara Pinheiro Garcêz da Silva¹
Wilson Alves da Silva Filho²

RESUMO

O turismo é uma atividade de suma importância para a economia de um país, de uma região ou de uma cidade. A chegada de turistas movimentava a economia, devido ao consumo de produtos e serviços locais. O principal segmento do turismo em Roraima é o turismo de natureza, o estado conta com uma vasta riqueza natural, o que se torna o principal recurso desse setor. No entanto, devido à pandemia do coronavírus, que emergiu em 2020, houve um colapso em vários setores sociais no mundo, como na educação, economia e, principalmente, saúde. Em Roraima, a pandemia chegou de forma abrupta, sendo decretado estado de calamidade pública. Nesse contexto, buscou-se entender quais foram os impactos negativos da pandemia da Covid-19 no setor turístico de Roraima. Assim, este estudo tem por objetivo geral: conhecer quais estratégias as agências de turismo receptivo de Boa Vista-RR e o DETUR utilizaram para minimizar os impactos causados na atividade turística no estado de Roraima em virtude da pandemia da Covid-19. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se como instrumento de coleta de dados dois questionários destinados a agências de turismo receptivo e ao Departamento Estadual de Turismo de Roraima. Mediante a pesquisa, constatou-se que os principais impactos foram a brusca queda de vendas, que afetou o faturamento. No entanto, as empresas foram criativas nas estratégias

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos - *Campus* Boa Vista-IFRR. E-mail: helengarcez24@gmail.com

2 Professor e Orientador do Curso de Pós-Graduação Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos - *Campus* Boa Vista- IFRR. Professor do *Campus* Boa Vista Zona Oeste-IFRR. E-mail: wilson.filho@ifrr.edu.br

para a retomada das atividades, impulsionando a prática no estado. Este, por sua vez, traçou um plano de retomada visando a recuperação do faturamento das empresas e o aquecimento da economia local.

Palavras-chave: Economia. Setor turístico. Covid-19.

ABSTRACT

Tourism is an activity of utmost importance for the economy of a country, region or city. The arrival of tourists drives the economy, due to the consumption of local products and services. The main segment of tourism in Roraima is nature tourism, the state has a vast natural wealth, which becomes the main resource in this sector. However, due to the coronavirus pandemic that emerged in 2020, there was a collapse in several social sectors in the world, such as education, economy and mainly health. In Roraima, the pandemic arrived abruptly, being declared a state of public calamity. In this context, we sought to understand the negative impacts of the Covid - 19 pandemic on the tourist sector in Roraima. Thus, this study has the general objective: to know what strategies the receptive tourism agencies of Boa Vista-RR and DETUR used to minimize the impacts caused on the tourist activity in the state of Roraima, through the Covid - 19 pandemic. , objective two questionnaires destined to receptive tourism agencies and to the Roraima State Department of Tourism were used as data collection instrument. Through the research it was found that the main impacts were the sudden drop in sales, which affected sales. However, the companies were creative in strategies for resuming activities, boosting the practice in the state. This, in turn, drew up a recovery plan, aimed at recovering the companies' revenues and heating up the local economy.

Keywords: Economia. Setor turístico. Covid-19.

INTRODUÇÃO

O turismo pode ser considerado um dos fenômenos econômicos que mais se desenvolveu nas últimas décadas, a ponto de tornar-se uma atividade econômica responsável pela geração de emprego e receita em muitas localidades e uma tendência de crescimento mundial que utiliza recursos naturais e culturais das localidades, beneficiando quem atua no setor e em outros ramos da economia local.

Essa atividade econômica tem sua base na utilização dos recursos na-

turais e culturais, fazendo-se necessárias estratégias que possibilitem a implementação de atividades turísticas em localidades que não dispõem dos recursos básicos, para que, assim, essas regiões possam usufruir dos benefícios trazidos pelo turismo. Estratégias essas indispensáveis para a continuação das atividades turísticas quando o setor sofre com a baixa demanda.

No entanto, em dezembro de 2019, teve início a pandemia da Covid-19, que se exacerbou em 2020, atingindo brutalmente todo o mundo, deixando setores como a economia e, principalmente, a saúde em extrema calamidade. No Brasil, espalhou-se rapidamente, atingindo todos os estados, constatando, mais uma vez, a desigualdade social tão marcante e expondo o despreparo brasileiro diante de uma crise sanitária.

No estado de Roraima, os primeiros casos da Covid surgiram em março de 2020, disseminando-se de forma intensa em todo estado. Este entrou em colapso nos diversos setores, incluindo o turismo, uma vez que a principal forma de contenção do vírus foi feita por meio do isolamento social, o que estagnou a procura por serviços turísticos e abalou diretamente a economia.

A principal base do turismo, no estado de Roraima, são os recursos naturais, uma vez que o estado possui várias riquezas, como cachoeiras, rios, serras e balneários, atraindo muitas pessoas e movimentando, assim, a economia local. No entanto, visto a estagnação do setor provocada pela pandemia, as empresas turísticas tiveram grandes problemas em virtude da queda na procura de seus serviços, necessitando buscar estratégias e formas para continuar funcionando em meio à crise sanitária. Portanto, visando entender melhor esse cenário, o artigo tem como objetivo geral: conhecer quais estratégias as agências de turismo receptivo de Boa Vista-RR utilizaram para minimizar os impactos causados na atividade turística no estado de Roraima em virtude da pandemia da Covid-19.

E, no intuito de atingir o objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Descrever como se deu início a pandemia da Covid-19; demonstrar os principais impactos causados no setor de turismo em Roraima.

Ressalta-se que o turismo movimenta outros segmentos econômicos, gerando emprego e renda, por isso é de suma importância a recuperação desse

setor. Entretanto, entende-se que é necessário cautela na retomada das atividades, visto que o coronavírus ainda é uma realidade assombrosa, que faz milhares de vítimas em todo o mundo. Dessa forma, o artigo abordará, em tópicos, o turismo e a Covid-19, para possibilitar melhor compreensão dos entrelaçamentos entre esses dois assuntos e, assim, apresentar com maior clareza os resultados desta pesquisa.

PRÁTICA TURÍSTICA EM RORAIMA

O Turismo é uma prática econômica antiga que foi evoluindo com o passar das décadas. Antigamente, era uma atividade das altas classes sociais, mas, com a evolução, chega na atualidade como atividade acessível a toda população (RAMOS; COSTA, 2017).

Atualmente, esse setor se tornou um dos fatores que mais tem contribuído para a economia, auxiliando na geração de receita e incentivando a geração de empregos em diversos setores (BEZERRA; CAVALCANTE, 2018). Essa contribuição é mais evidente em regiões com menor desenvolvimento que não apresentam variedade nas atividades econômicas, contribuindo na redução de desigualdade regional de renda (RABAHY, 2019).

São vários os contrastes do que pode ser o “turismo”, que, além de atividade econômica, é um momento de muitas oportunidades para quem o vivencia. Para melhor compreensão, neste artigo, adota-se a definição de Oscar de La Torre (1992, p. 19), que diz que o turismo é:

[...] um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (TORRE, 1992, p. 19).

O turismo tem a capacidade de “promover influências a partir das tendências de mercado, prevendo oportunidades de negócios, sendo capaz de definir a existência de produtos e, por conseguinte, de mercado turísticos” (BEZERRA; CAVALCANTE, 2018, p. 13). Essa atividade movimenta a economia de acordo com a demanda por seus pacotes. De acordo com Sinhasique (2019), quando

há grande movimentação turística, aquece-se a indústria, a indústria naval, o setor da construção civil, aumenta-se a oferta de emprego e a cultura.

É comum que no setor turístico haja renovação constante e períodos de baixas demandas, portanto, nesse setor é muito importante que os agentes sempre promovam novas perspectivas para que estas supram a necessidade do cliente (AGUIAR; BENEDETTI, 2018).

O Brasil possui uma vasta riqueza natural, que se demonstra muito atraente para os consumidores de turismo. Apesar do turismo não ser um mercado principal para o desenvolvimento econômico brasileiro, o turismo internacional pode se beneficiar da estrutura desenvolvida e sustentada pelo turismo doméstico (RABAHY, 2019). A tendência é que o turismo internacional no Brasil cresça, trazendo aumento de emprego e renda. Esse segmento turístico também pode melhorar as dívidas externas do país (VIEIRA; LUCENA; QUEIROZ, 2019). O número de viagens internacionais é crescente em todo o mundo, mostrando um crescimento da atividade turística, possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico nas áreas de transporte e comunicação, progressos na globalização, aumento de renda e mais tempo para lazer, bem como a alteração de hábitos de consumo das pessoas (RABAHY, 2019).

O estado de Roraima está localizado no extremo norte do Brasil, tendo a cidade de Boa Vista como capital. A sua principal atividade econômica é a Agropecuária, sem muita variação de atividades para aquecer a economia local. Portanto, os benefícios do turismo são mais evidentes no estado. Roraima, como destino turístico, ainda é pouco conhecido (SEVALHO; CAVALCANTE, 2018). Seu turismo tem como base fundamental os recursos naturais. Dessa forma, seus principais pontos turísticos são o Monte Roraima, o Monte Caburaí, as cachoeiras do Uiramutã, a Serra do Tepequém, a Serra Grande e outros (BEZERRA; CAVALCANTE, 2018).

No ano de 2019, as atividades relacionadas ao turismo roraimense tiveram faturamento de 333 milhões de reais, confirmando um crescimento do setor, o melhor dos últimos três anos (FECOMÉRCIO, 2020). Ainda de acordo com Fecomércio (2020, online), tal faturamento trouxe efeitos positivos, como o aumento de empregos formais gerados no setor, “sendo criados 274 novos postos em 2019, sendo 230% maior do que em 2018, e o melhor resultado desde 2014”.

Entretanto, após a pandemia da Covid-19, vários setores foram afetados negativamente em todos os estados brasileiros, assim como em Roraima, dentre eles o turismo.

PANDEMIA DA COVID - 19 E EFEITOS NA ECONOMIA BRASILEIRA

A pandemia da Coronavírus (SARS-CoV-2), mais conhecido como Covid-19, teve início em dezembro de 2019, na China, levando a uma grave crise sanitária em todo o mundo (AQUINO et al., 2020). O novo coronavírus tem alto índice de contaminação e disseminação. Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, classificou a doença como pandemia (PORSSE et al., 2020). Uma pandemia brutal que em poucos meses fez 120 mil vítimas, atingindo 2 milhões de pessoas (WERNECK; CARVALHO, 2020).

A Covid-19 é descrita como uma doença respiratória aguda que pode apresentar sintomas leves, como febre, tosse e cansaço, podendo ser confundida com uma gripe comum, ou sintomas graves, como falta de ar, sendo transmitida, principalmente, de pessoa para pessoa através de gotículas liberadas no ato de tossir ou espirrar (TESINI, 2020).

No Brasil, a pandemia foi extrema, espalhou-se rapidamente, afetando todos os estados brasileiros (PORSSE et al., 2020), deixando o sistema de saúde pública em verdadeira calamidade, evidenciando ainda mais a desigualdade social, tão presente na sociedade brasileira, em que existem muitas pessoas vivendo em aglomerados populacionais sem as mínimas condições básicas de saneamento e moradia, sem acesso a direitos básicos como água (WERNECK; CARVALHO, 2020). Nesse contexto, “apesar do histórico de lutas pela legitimação de direitos, o país ainda se caracteriza pelo expressivo quadro de desigualdade socioespacial, socioeconômica e educacional” (SILVA; SANTOS; SOARES, 2020, p. 133), vulnerabilidades estas geradas, principalmente, por conta do alto índice de desemprego e redução de fundos nas políticas sociais (WERNECK; CARVALHO, 2020).

Além de afetar gravemente o sistema de saúde, a pandemia da Covid-19 paralisou o mundo de diversas formas, devido ao desconhecimento sobre a doença, falta de medicamentos e vacinas eficientes. As medidas de conten-

ção mais adequadas a serem adotadas foram o isolamento social, o distanciamento social e a sanitização (AQUINO et al., 2020; PORSSE et al., 2020). Diante disso, vários setores foram afetados, entre eles educação e economia. Esta, duramente abalada, pois apenas atividades essenciais foram mantidas em funcionamento, como supermercados, farmácias, postos de gasolinas e hospitais (GULLO, 2020). De acordo com Gama Neto (2020), a primeira área econômica a ser afetada foi a de transporte aéreo de passageiros, pois, motivada pelo medo de contágio, houve uma grande queda no fluxo de passageiros.

Em 2020, havia uma perspectiva estável sobre o desenvolvimento econômico mundial, mas havia também alguns impasses, como: o confronto entre a República Popular da China e os Estados Unidos, dificuldades econômicas de países subdesenvolvidos, como Brasil e Argentina, o lento desenvolvimento da zona do euro e a desvalorização do petróleo, em 2019, causando desânimo (GAMA NETO, 2020).

O Brasil, por sua vez, vinha apresentando uma economia ruim, porém com indícios de que 2020 seria melhor que 2019, levando em conta a aprovação da reforma da previdência e possíveis aprovações da reforma administrativa e da reforma tributária, que, a longo prazo, reduziriam a dívida pública e encolheriam a máquina pública (GULLO, 2020).

Contudo, os problemas brasileiros, mais que evidenciados, foram intensificados por conta da pandemia, uma vez que o isolamento social obrigou o fechamento do comércio, ocasionando redução da produção e da jornada de trabalho. Com isso, as empresas se viram obrigadas a demitir seus funcionários, aumentando o índice de desemprego. Logo, muitas empresas também tiveram que fechar as portas (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020), principalmente, as pequenas, algumas ainda iniciando.

Então, nesse contexto, a desigualdade social dominante na sociedade brasileira é ressaltada com a falta de emprego. As pessoas de baixa renda perderam seu poder de compra. Muitas ficaram sem condição de sustentar sua família, impossibilitadas de arcar com o aluguel, a luz, a água, comprar seus remédios, obrigando o governo a implantar medidas que assegurassem uma renda mínima aos mais pobres e promovessem a proteção ao trabalho dos assalariados, possibilitando mais eficiência no distanciamento social (AQUINO

et al., 2020) para minimizar os impactos negativos que a pandemia provocou na sociedade brasileira. Assim, foram dias esperando o retorno à normalidade. As pessoas se adaptaram e se reinventaram para sobreviver. Contudo, a pandemia ainda é prevalente, embora já se tenham vacinas. O comércio já retoma suas atividades, escolas começam a funcionar e a economia brasileira apresenta um longo caminho para recuperação, visto que, conforme o IPEA (2021):

Apesar da melhora no ambiente macroeconômico, refletida no aumento generalizado dos indicadores de confiança nos últimos meses, o produto interno bruto (PIB) deverá apresentar um resultado próximo à estabilidade no segundo trimestre, quando comparado aos primeiros três meses do ano. Enquanto os resultados do Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), indicam uma contração de 0,3% na margem do PIB no segundo trimestre, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) estima crescimento de 0,1% da atividade econômica no mesmo período (IPEA, 2021, online).

Ainda segundo o IPEA (2021), os efeitos da pandemia sobre a atividade econômica, no ano de 2021, são mais brandos em comparação a 2020, porém, na indústria de transformação, ainda há escassez de matéria prima. É certo que a economia levará tempo para voltar a crescer e trazer melhorias para a sociedade, e que os efeitos causados pela pandemia ainda serão sentidos a longo prazo.

IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO SETOR BRASILEIRO DE TURISMO

O Relatório de Impacto da Pandemia da Covid-19 nos setores de turismo e cultura no Brasil, elaborado pela Coordenação-Geral de Dados e Informações do Ministério do Turismo, apresentou evidências dos efeitos da pandemia sobre os setores de turismo e cultura. Até a data de sua publicação (set/2020), os dados apresentavam um cenário de paralisação do setor. Contudo, o relatório, assim como outros estudos semelhantes, previa o início de um processo de retomada, que considerava o controle da pandemia.

O mesmo relatório elaborado pela Coordenação-Geral de Dados e Informações do Ministério do Turismo (2021) ratifica que os cenários delineados não se concretizaram e o mundo ainda enfrenta os efeitos da pandemia, com o crescimento do número de mortes e de infectados. É certo que o desenvolvimento

de diferentes vacinas e o início da campanha de vacinação promoveram grandes avanços, mas, sem dúvida, ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Enquanto não há uma vacinação em massa em todo o mundo, permanecem a adoção dos protocolos de biossegurança para evitar a propagação do vírus por meio do distanciamento social e da utilização de máscaras, dentre outros. Neste cenário, ainda temos o fechamento das fronteiras internacionais e a paralisação quase completa do setor de turismo, em especial do turismo internacional. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2021, p. 14)

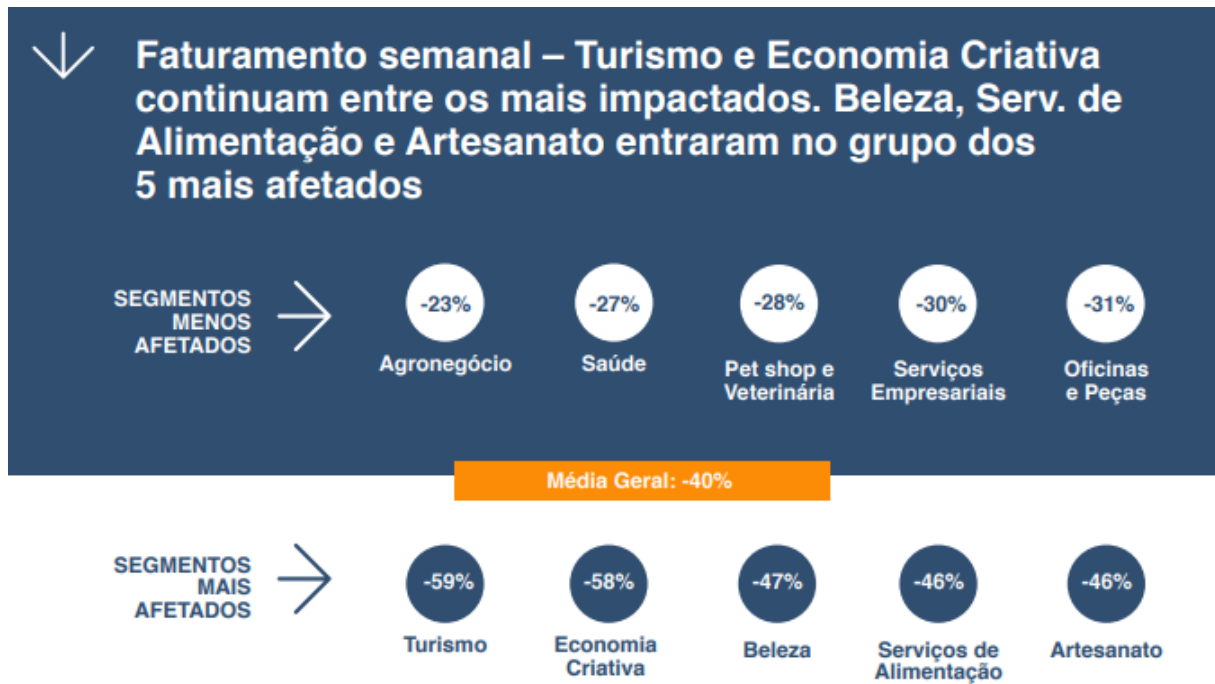
Nacionalmente, o setor de turismo foi responsável pela injeção de 152,5 bilhões de dólares na economia em 2018, o equivalente a 8,1% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no ano. Em relação aos empregos, o setor foi responsável por quase sete milhões de postos de trabalho no mesmo período (7,5% do total). Nos últimos cinco anos, o turismo gerou um em cada cinco novos empregos no país, segundo o Ministério do Turismo (2021).

Diante de tanto avanço, a pandemia do novo coronavírus veio atravancar esse ciclo de crescimento, já que, no Brasil, o setor foi imediatamente afetado. Em vista da necessidade de adotar distanciamento social e evitar aglomerações, a atividade turística ficou diretamente comprometida no País. Pontos turísticos foram fechados, voos suspensos, eventos cancelados, fronteiras interditadas, hotéis, pousadas, bares e restaurantes obrigados a fechar as portas. Em todo o Brasil, o setor acumula perdas desde o início da pandemia, haja vista que até mesmo as grandes festividades populares deixaram de ser realizadas em função do necessário distanciamento social, conforme o Ministério do Turismo (2021).

A Covid-19 não segue uma linha específica para atingir, trazendo prejuízos para grandes empresários e pequenos negócios, sendo que os pequenos negócios demonstram sofrer um maior impacto com a pandemia, que produz distorções sociais, contribuindo para a elevação dos índices de pobreza.

Pode-se comprovar o que foi relatado acima por meio de uma pesquisa quantitativa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), juntamente com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), com o intuito de identificar o impacto da pandemia da Covid-19 nos pequenos negócios. Os resultados reforçam que os setores de cultura/economia criativa e turismo foram os mais impactados pela pandemia, conforme pode ser observado na figura 01.

Figura 1: Impacto da pandemia de COVID-19 nos pequenos negócios



Fonte: Pesquisa Sebrae – O impacto da pandemia do coronavírus nos pequenos negócios – 10ª edição. Coleta: 25 de fevereiro a 1º de março de 2021.

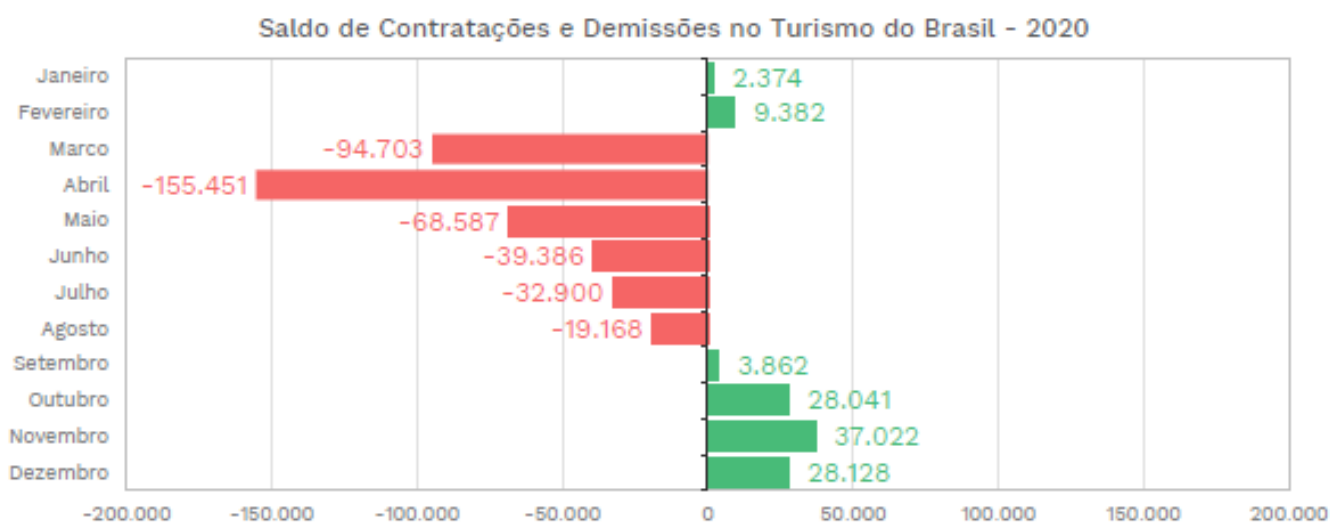
A partir das Recomendações Internacionais para Estatísticas de Turismo (RIET- 2008), o setor de turismo foi subdividido em oito Atividades Características do Turismo (ACTs), documento que é a base metodológica mundial para definições de estatísticas do setor. Essas ACTs são subdivididas em Alojamento, Agências de Viagem, Transporte Aéreo, Transporte Terrestre, Transporte Aquaviário, Aluguel de Transporte, Alimentação, Cultura e Lazer, o que possibilita ter um panorama de várias atividades que compõem o setor. Além disso, a divisão permite identificar quais dessas atividades são mais relevantes para a economia, tanto em nível nacional quanto em macrorregião, Unidade da Federação e município.

De acordo com as ACTs, foi possível realizar outro mapeamento: o de mercado de trabalho no setor de turismo, no sentido de avaliar a importância socioeconômica do turismo no conjunto da economia, identificar o perfil da mão de obra e, assim, contribuir para diagnósticos mais precisos do desempenho das ACTs. Tal levantamento foi realizado pelo Ministério da Economia, por meio do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), que disponibiliza informações referentes ao saldo de contratações e demissões dos

empregados do setor turismo, coletado mensalmente, por meio do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial).

Além disso, informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) referentes às ocupações formais também são disponibilizadas pelo mesmo ministério, e, apesar dos dados mais atuais serem de 2019, continuam sendo referência para complementar as análises do mercado de trabalho. Diante do exposto, em 2020, 301.386 postos de trabalho no setor de turismo deixaram de existir, conforme dados do CAGED, sendo que o pico da queda ocorreu em abril, com saldo negativo de 155.451 demissões, o que pode ser observado na figura 2.

Figura 2: Saldo de Contratações e Demissões no Turismo do Brasil - 2020

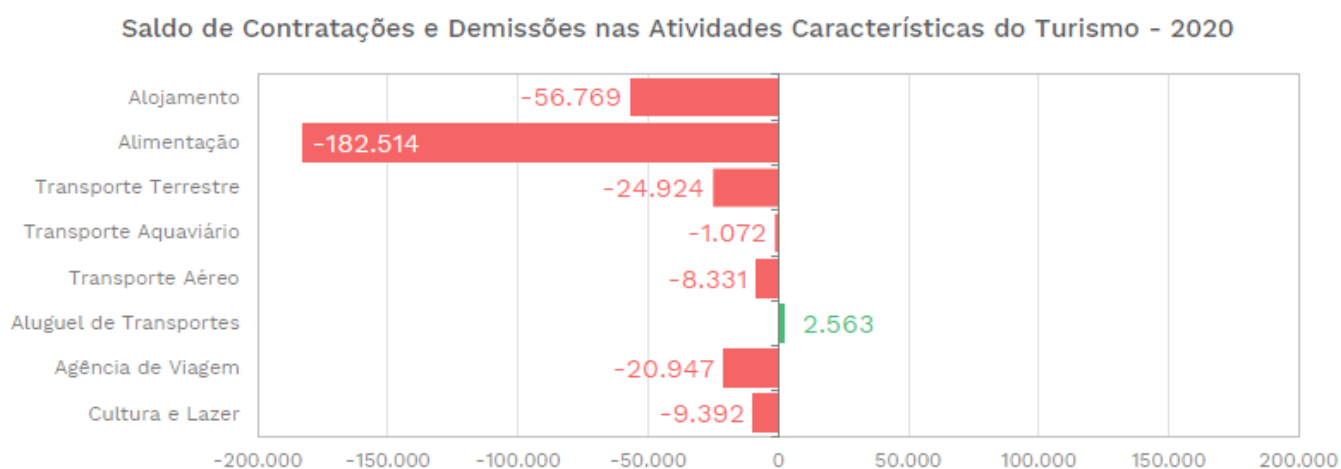


Fonte: Ministério da Economia - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e Relação Anual das Informações Sociais (RAIS).

Quando a análise é feita por Atividades Características do Turismo, destaca-se a ACT Alimentação, que teve redução de 182.514 empregos. Essa ACT corresponde a 62,5% das ocupações formais no turismo, conforme dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2019. Em direção oposta, a ACT Aluguel de transporte apresentou saldo positivo de 2.563 novos postos de trabalho em 2020, conforme pode se observar na figura 3. A ACT Agências de Viagem também afetou o número de empregados do setor. Os dados do

CAGED disponibilizados pelo Ministério da Economia sobre o ano de 2020 demonstram que o setor teve saldo negativo entre contratações e demissões, perdendo 20.947 postos de trabalho. O número é menor se comparado com os serviços de alimentação e alojamentos, com redução de 56.759 empregos, e transportes terrestres, com saldo negativo de 24.924 empregos, é o que conclui o Ministério do Turismo (2021).

Figura 3: Saldo de Contratações e Demissões nas Atividades Características do Turismo - 2020

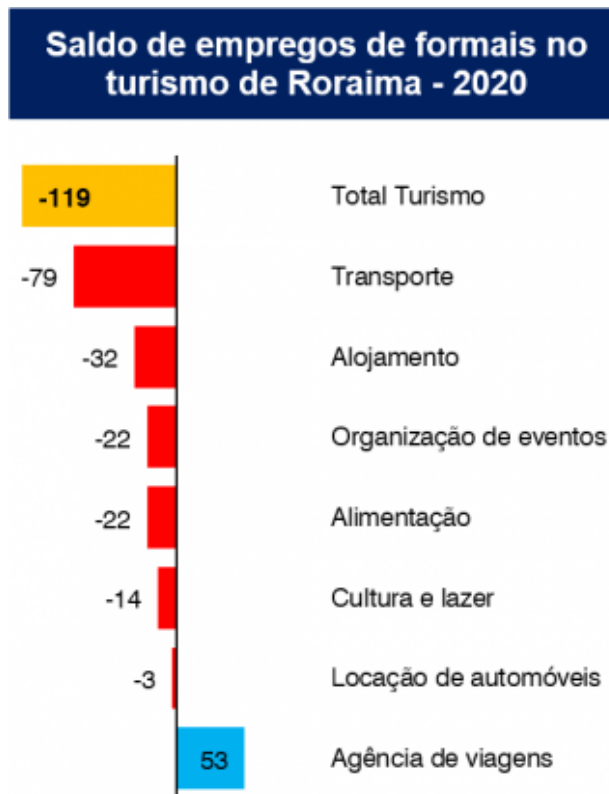


Fonte: Ministério da Economia - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e Relação Anual das Informações Sociais (RAIS).

Os dados apresentados acima deixam claro o grande impacto ocasionado pela pandemia no setor de turismo, em que empresas de todos os portes foram afetadas, sobretudo os pequenos negócios, tendo surtido reflexo direto nos postos de trabalho.

A seguir, a figura 4 traz dados relativos às Atividades Características do Turismo em Roraima (RR). É possível visualizar dados do turismo em RR de modo geral e perceber que, apesar do agravamento da pandemia da Covid-19, em 2020, as pessoas não deixaram de viajar, fazendo com que houvesse um aumento significativo no saldo de empregos no setor de agências de viagens, mesmo tendo impactos negativos com as quedas nos setores de transporte, alojamento, organização de eventos, alimentação, cultura e lazer e locação de automóveis.

Figura 4: Saldos de empregos de formais no turismo de Roraima-2020



Fonte: Fecomércio RR.

Traçando uma relação entre o cenário nacional (BR) e o cenário estadual (RR), é possível perceber que as taxas divergem em alguns setores. Em âmbito nacional, o aluguel de transportes teve um aumento significativo enquanto os outros setores tiveram quedas. Já em Roraima, o setor que teve crescimento foi o de agências de viagens.

Mesmo diante de um cenário desolador, segundo o Ministério do Turismo (2021), as perspectivas de retomada indicam que o turismo doméstico tem sido um dos primeiros a estabelecer uma recuperação gradual, devido à preferência por roteiros mais curtos e de menor distância em relação à origem.

Mais do que isso, no período pós-pandemia, o turismo poderá vir a dar grande contribuição à retomada econômica e geração de empregos. Isso porque, pela natureza dos serviços envolvidos em sua cadeia produtiva, o setor é mão de obra intensiva, diferentemente de outras atividades, em que novas tecnologias estão substituindo muitos postos de trabalho. Incluem-se as atividades relacionadas a hotelaria, agências de turismo, companhias aéreas e demais tipos de transportes de passageiros e turistas, além de restaurantes e empreendimentos de cultura e lazer.

IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO SETOR TURÍSTICO DO ESTADO DE RORAIMA

Fazer turismo é uma prática realizada em bons momentos na vida da maioria das pessoas, em que muitas delas têm um sonho e se planejam para isso, outras vão usufruir de suas férias para descansar, criar novas memórias, adquirir um conhecimento ou uma vivência nova. No entanto, podem ocorrer eventos que adiem ou cancelem tais planos. Segundo Vareiro e Pinheiro (2017), de modo geral, as crises têm uma influência significativa na condução das viagens, visto que 57,2% dos turistas modificam suas atividades turísticas quando estão diante de uma crise econômica, sendo razoável aceitar que tal comportamento também se manifeste por ocasião de uma crise de saúde pública.

Esse setor é totalmente sensível a toda alteração, retraindo-se com facilidade a qualquer tipo de oscilação, como “taxa de câmbio, flutuações sazonais da demanda, riscos meteorológicos, geológicos, convulsões sociais, instabilidade política, terrorismo e riscos epidêmicos e pandêmicos que comprometam a saúde pública” (BENI, 2020, p. 3).

Nesse contexto, o turismo brasileiro ficou estagnado diante da crise sanitária ocasionada pela pandemia da Covid-19, sendo que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), em virtude do aumento dos casos de contaminação pelo novo Coronavírus; e,, em seguida reconheceu, em 11 de março de 2020, a existência de pandemia provocada pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2). As suspensões de viagens e fechamento de fronteiras em todo mundo foram determinantes no estacionamento do turismo, entendendo-se que as continuações das atividades agravariam a disseminação do vírus (GEDOZ, 2020).

A pandemia se instalou no estado de Roraima de forma brutal, fazendo com que o Governo de Roraima e a prefeitura de Boa Vista decretassem estado de calamidade pública em todo território estadual e municipal, no dia 22 de março de 2020, por meio do Decreto nº 28.635-E e do Decreto nº 038/E, respectivamente. Nesse sentido, em contexto mundial, o turismo no estado de Roraima teve sua paralisação, provocando impactos negativos na economia durante a pandemia da Covid-19.

O setor turístico do estado é grande contribuinte no faturamento, gerando emprego e renda, ressaltando que o turismo no estado é caracterizado, principalmente, por suas paisagens naturais, como descreve Roraima (2009, p.4):

Uma região rica por natureza, com uma imensa floresta, entrecortada por rios caudalosos, com fauna exuberante e habitada por um povo nativo de beleza singular e por brasileiros de todas as raças e de todos os recantos. A Amazônia de Roraima é um componente adicional nesse universo de riquezas que diferencia o nosso Estado dos demais estados da região. Aqui, temos diferentes ecossistemas, como as savanas (lavrados), campinaranas e florestas. Roraima tem o rio Branco, berço da ocupação do europeu, que foi além do Equador para desbravar território até então inóspito, habitado por indígenas, de diferentes etnias, que fazem de nossa terra um imenso caldeirão cultural, com diversidades de costumes e idiomas (RORAIMA, 2009, p. 4).

A região tem atraído cada vez mais pessoas por suas belezas naturais. No entanto, devido à pandemia de coronavírus, o setor sofreu com a brusca queda nas vendas e no faturamento, colaborando na demissão dos colaboradores. Foram previstas perdas que passavam de 2 milhões de reais no período crítico da pandemia, sendo o principal motivo o cancelamento de cerca de 90% dos serviços contratados (RORAIMA, 2020a). Com isso, o Departamento Estadual de Turismo (DETUR) aderiu rapidamente a medidas que viabilizassem, futuramente, a retomada das atividades turísticas:

Após a adoção das medidas de combate a pandemia, principalmente com o isolamento social, a Secretaria Estadual de Planejamento e Desenvolvimento – SEPLAN, por meio do Departamento de Turismo, alinhou-se a todos os demais destinos turísticos do país e mobilizou todo trade de Roraima a adotar a campanha da remarcação das viagens, garantindo que os visitantes retornem ao estado tão logo a situação da visitação turística fosse retomada, evitando prejuízos com a devolução de pagamentos oriundos de cancelamentos com a contratação de produtos e serviços turísticos. A situação de calamidade pública, desencadeada pela pandemia, fez com que a SEPLAN/DETUR, desse início à execução da Medida 7 do seu Plano Plurianual - PPA, que é: AÇÕES VOLTADAS À GESTÃO DE CRISES, CONFLITOS E MITIGAÇÃO DE IMPACTOS MULTIDIMENSIONAIS NO TURISMO ESTADUAL (SEPLAN, 2020, p. 6).

Atualmente, o setor já demonstra um movimento de retomada ainda singelo. Em princípio, a maior preocupação foi em manter as agências de turismo abertas, evitando que decretassem falência, o que prejudicaria ainda mais a economia local. Assim, as empresas do ramo turístico precisaram usar da criatividade, elaborando estratégias para não sofrerem grandes prejuízos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é um estudo de caráter exploratório. Trata-se, segundo Gil (2007), de uma pesquisa de importância essencial, visto a familiarização entre o pesquisador e o tema a ser investigado, permitindo que o investigador aprimore suas ideias a fim de expô-las com maior clareza. A pesquisa também se apresenta como descritiva. Para Gil (2007, p. 42), “A pesquisa descritiva tem por objetivo descrever um estudo detalhado das características de um fenômeno através da utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados”. Assim, a pesquisa tratou de descrever o cenário da pandemia da Covid-19 e seus efeitos na economia e no turismo. Por fim, sua abordagem metodológica é de caráter qualitativo.

Os procedimentos metodológicos que foram utilizados neste artigo foram a pesquisa de campo e a pesquisa bibliográfica. Para a pesquisa de campo, o instrumento escolhido foi o questionário constituído de perguntas fechadas e abertas. Conforme Marconi e Lakatos (1999), o questionário é um instrumento de pesquisa caracterizado por ter a estrutura de uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito, instrumento esse ideal para o momento, considerando os empecilhos provocados pela pandemia. Dessa forma, o questionário permite coletar a maior quantidade de informação, em menor tempo, além de respostas mais rápidas e exatas.

Segundo Gil (2008, p. 123), as perguntas fechadas são comumente utilizadas, porque conferem maior uniformidade às respostas e podem ser facilmente processadas. Nessas questões, pede-se aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas numa lista. Quanto às perguntas abertas, Gil (2008, p.122) aponta a necessidade de solicitar aos respondentes que ofereçam suas próprias respostas.

Para a pesquisa bibliográfica, foram utilizados livros, impressos, materiais online, como documentos em sites governamentais, artigos científicos, para isso utilizou-se da plataforma do *google* acadêmico, banco de dados da *Scielo*. Para obtenção desses materiais bibliográficos, foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Covid-19, Covid-19 e economia, Covid-19 e turismo, Economia mundial, Economia brasileira, Turismo, Conceito de Turismo, Turismo Roraima.

A pesquisa foi aplicada em Boa Vista-RR para cinco agências de turismo receptivo e para o Departamento Estadual de Turismo de Roraima (DETUR). Para a pesquisa exploratória, a coleta de dados foi feita a partir de dois questionários online, que foram elaborados no *Google Forms*. O primeiro foi voltado para agências de receptivo e aplicado no dia 31 de agosto de 2021, sendo essas nomeadas nas análises de dados por letras - empresa A, B, C, D e E. O segundo questionário foi voltado para o DETUR, sendo aplicado no dia 02 de setembro de 2021. Esses questionários foram enviados através da internet de forma online por meio do aplicativo *WhatsApp* para uma lista de networking da pesquisadora.

A pesquisa qualitativa tem a predominância da descrição. Sendo assim, foi feita a análise de dados para evidenciar e descrever os principais impactos e estratégias adotados pelas agências de turismo receptivo de Boa Vista-RR e pelo DETUR para alavancar o setor de turismo durante a pandemia.

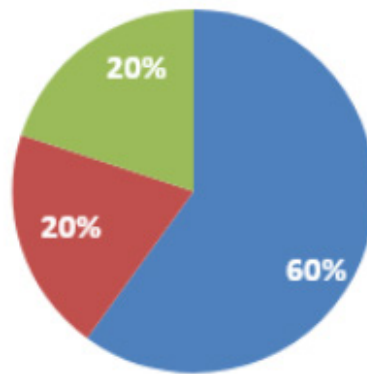
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que fosse possível alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foram feitos dois tipos de questionários para trazer de forma clara e simplificada as análises e resultados. Nesse primeiro momento, apresenta-se o questionário 1 (Quadro 1), aplicado às operadoras e agências de turismo.

Mediante as perguntas de identificação dos participantes (proprietários/sócios gerentes) das agências de turismo receptivo de Boa Vista-RR, verificou-se que 80% dos participantes foram do sexo masculino e 20%, do sexo feminino. Quanto à escolaridade (dos proprietários/sócios gerentes), observa-se, no Gráfico 01, que 60% dos participantes possuem pós-graduação, 20% possuem apenas formação em geografia e os demais, 20%, possuem apenas graduação em turismo:

Gráfico 01: Escolaridade dos proprietários/sócios gerentes

■ PÓS-GRADUAÇÃO ■ GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA ■ GRADUAÇÃO EM TURISMO

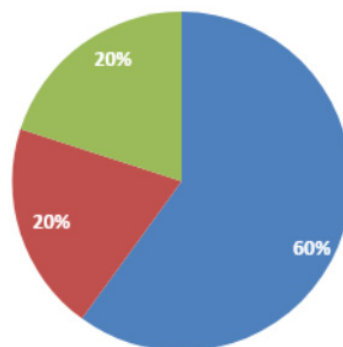


Fonte: Autoria própria.

No estudo, a pesquisa contou com a participação de 100% dos partícipes atuantes na área de turismo, e, ao questionar sobre o tempo de atuação na área, certificou-se que o participante da empresa A possui 13 anos no mercado; da empresa B, 8 anos; da empresa C, 18 anos; da empresa D, 30 anos; e da empresa E, 6 anos. No Gráfico 02, pode ser observado o tipo/porte das empresas pesquisadas, sendo 60% formalizadas como ME (Microempresa); 20% são MEI (Microempreendedor Individual); e 20% têm outro tipo de enquadramento. Todas atuam na capital Boa Vista - RR. Em relação à faixa etária (idade do proprietário/sócio gerente), 20% estão entre a faixa etária de 26 a 35 anos; 40%, entre 36 a 45 anos; 20%, entre 46 a 55 anos; e 20% são maiores de 55 anos.

Gráfico 02: Tipo/Porte das Empresas (pesquisadas)

■ ME ■ MEI ■ OUTROS



Fonte: Autoria própria.

Em relação às perguntas voltadas para o impacto ocasionado pela Covid-19, averiguou-se que, para a questão 1, todas as empresas apontam que o principal impacto foi financeiro, devido à baixa procura por serviços turísticos. Para a questão 2, as empresas mencionaram que o principal impacto no empreendimento foram as quedas bruscas das vendas. A empresa B cita que tal fato provocou a perda de 70% do faturamento.

Entende-se que tais impactos foram ocasionados, principalmente, por causa das medidas de contenção do vírus, pois o distanciamento e isolamento social foram determinantes para o turismo, sobretudo pela proibição de eventos. Nesse ínterim, foram suspensas atividades coletivas e todo e qualquer tipo de reunião com presença de público, incluindo excursões, medidas essas anunciadas no decreto nº 28.635 (RORAIMA, 2020). Roraima (2021) menciona que o setor teve prejuízo em torno de 325 milhões de reais, contudo, a diminuição nos casos da Covid fez com que o setor venha recuperando o movimento.

Em questão de estratégias tomadas para a retomada das atividades, a empresa A relata que a melhor estratégia é vivenciar o momento, fazer o que dá para fazer naquele dia. Ademais, critica o posicionamento da gestão federal, pedindo mais rigidez nos protocolos de contenção ao vírus e maior incentivo à vacinação. A empresa B, por sua vez, usou como estratégia vendas para viagens futuras com um maior prazo para que o cliente usufrua de bons momentos em um futuro bem próximo. A empresa C aponta que sua principal estratégia foi o cumprimento do protocolo de saúde. Já a empresa D, adotou como tática contactar possíveis clientes de forma *online* e promoções de pacotes de viagens em grupo. Por fim, a empresa E voltou-se para a vendas de produtos de *camping*.

Em resposta à última questão (4), a empresa A vem buscando investir em áreas turísticas de baixa concorrência a fim de aumentar o faturamento da empresa e maior contribuição na economia do estado. A empresa B tem buscado criar roteiros com o intuito de chamar a atenção do público-alvo, instigando-os a novas aventuras. Por sua vez, a empresa C tem adotado o método de implantação de protocolos de biossegurança que abrangem os guias e os turistas, garantindo melhor qualidade e mais segurança nas viagens. A empresa D está buscando impulsionar as vendas por meio de parcerias e

qualificações para, assim, oferecer serviços de maior qualidade. Por fim, a empresa E está investindo mais intensamente no ecoturismo, aproveitando as vantagens que o estado oferece.

O setor turístico é uma área que pede reinvenção, sempre novas estratégias, pois, mesmo na “normalidade social”, sofre com períodos em que as vendas diminuem. Nesse sentido, “promover a qualificação ou aperfeiçoamento dos destinos, atrativos e roteiros turísticos, facilita a inserção, posicionamento ou reposicionamento no mercado da segmentação do turismo pretendido” (AGUIAR; BENEDITTI, 2018, p. 32). Assim, considera-se que todas as empresas participantes da pesquisa foram criativas nas estratégias escolhidas para a manutenção de seu negócio.

O segundo questionário (Quadro 2) foi aplicado ao Departamento Estadual de Turismo de Roraima (DETUR) para entender, sob o ponto de vista do estado, como a pandemia afetou o setor turístico e como estão sendo traçadas medidas para a retomada das atividades. O participante desse segundo momento é do sexo masculino, tem de 36 a 45 anos, possui doutorado, atuante do setor de turismo há 16 anos na capital Boa Vista-RR.

De acordo com o DETUR, os principais impactos causados pelo Covid-19 no setor do turismo foi a redução do fluxo turístico regional e nacional. Sobre as principais estratégias para retomada das atividades, o Departamento relata a elaboração e execução do Plano de retomada do turismo de Roraima. Ainda segundo o departamento, a execução das ações previstas no plano de retomada é a principal tática para impulsionar o setor turístico no estado de Roraima no período da pandemia de Covid-19.

O plano de retomada citado pelo DETUR tem como objetivo “conceber, por meio do plano de retomada do turismo, medidas capazes de mitigar o cenário instalado pela pandemia da Covid-19 bem como dispor de ações voltadas ao fortalecimento da atividade turística pós-crise em Roraima” (SEPLAN, 2020).

Entre as diretrizes do plano, estão “Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e emprego produtivo para todos; articular a realização de campanhas em prol do turismo seguro; encorajar a construção de medidas inclusivas e sustentáveis de inovação em todo os setores do turismo” (SEPLAN,

2020, online). São diretrizes convenientes para o momento em questão, ressaltando a importância que o turismo tem na economia, uma vez que ele movimenta diversos setores (ACTs) e gera emprego e renda.

Outro ponto interessante desse plano é a visualização de possíveis catalisadores que tendem a colaborar na retomada das atividades, ressaltando que tais ações começaram a ser implantadas em 2020. Os catalisadores seriam roteiros exclusivos, promoção do turismo regional, transporte através da malha aérea e rodovias e outros (SEPLAN, 2020). Visto isso, salienta-se que as empresas buscaram soluções coesas previstas no plano de retomada.

É necessário ressaltar que, apesar de tudo, a maior perda e impacto foi no âmbito social, tendo em vista que a pandemia da Covid-19 evidenciou diversos problemas já existentes e conhecidos da comunidade geral. Esses agravamentos impactaram diretamente na atividade e fluxo turístico, gerando, consequentemente, desemprego e perda de renda da população.

Os efeitos da pandemia foram catastróficos de modo geral. No setor de turismo, esses danos são incontestáveis. Esses impactos, tanto sociais quanto econômicos, foram sentidos por diversas nações, regiões e lugares. A recuperação dos diversos setores, assim como do turismo, será de forma lenta e gradual, fazendo com que planejamentos sejam indispensáveis para essa restauração.

Levando em consideração as medidas restritivas, principalmente, em relação ao fluxo de turistas, realizadas através das barreiras sanitárias como medidas protetivas, é importante muita cautela, planejamento e criatividade para retomada das atividades na nova realidade em que estamos inseridos atualmente.

Percebe-se que tanto as agências de turismo receptivo quanto o DETUR buscaram formas de se reinventar durante esse colapso que a pandemia da covid-19 ocasionou. Ressalta-se que ambos buscaram alternativas, que, embora diferentes uns dos outros, tiveram a mesma finalidade, buscando retomar as atividades da sua empresa e alavancar o turismo de modo geral no estado de Roraima.

Faz-se necessário, também, a união da iniciativa pública junto com as instituições privadas, bem como a participação de todos (informais, autônomos etc.) os envolvidos em turismo de cada localidade para que possam tomar de-

cisões conjuntas e eficazes para a retomada das atividades turísticas. Dessa maneira, possibilitaria um avanço econômico e social coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado de Roraima conta com o turismo de natureza como sua atividade turística principal, por possuir riquezas naturais, necessitando maior investimento para atrair turistas e, assim, aquecer o mercado.

O setor turístico de Roraima foi fortemente abalado pela pandemia do coronavírus. Isso trouxe grandes transtornos para a economia local, acarretando o aumento dos índices de desemprego. Tal fator não foi diferente de outros lugares do Brasil e no restante do mundo.

Surtos virais e pandemias globais dessa dimensão são esporádicos e prejudiciais, porém não surgem com aviso prévio e, como podemos perceber, pode ter uma escala tanto local como mundial (caso da Covid-19). Sendo assim, é indispensável que os órgãos públicos e privados tentem se precaver e criar planejamentos prévios para que, quando essas situações ocorram, possam colocar em prática as estratégias do plano para amenizar os danos gerados.

Com a chegada da Covid-19, podemos perceber que nenhum país estava preparado para uma pandemia desta dimensão. Só no Brasil já são mais de 598 mil mortos, sem contar os falecidos dos demais países. A chegada dessa doença fez com que praticamente todos os setores fossem paralisados devido a sua agressividade e fácil contágio.

Partindo dessa percepção, foi possível notar que nenhum país ou setor estavam preparados para enfrentar uma pandemia dessa proporção, gerando grande caos, inseguranças e conflitos. Houve certa demora para que iniciativas de controle da doença fossem tomadas para que as atividades fossem retomadas. Até hoje (outubro de 2021), ainda não foram restabelecidas 100%. Ainda estão sendo feitos muitos testes e tentativas para o retorno gradual das atividades dos diversos setores, dentre os quais o do turismo.

As estratégias adotadas pelas agências de turismo receptoras de Boa Vista-RR têm sido eficientes na retomada gradual da atividade turística no estado,

sendo necessária, a cada dia, buscar novas ideias, novos roteiros e novas maneiras de fazer turismo.

O plano diretor, ou seja, o Plano de Retomada do Turismo, realizado pelo DETUR, se bem executado, tem capacidade de realizar a retomada das atividades de modo que tudo ocorra como o previsto, com responsabilidade e segurança, sendo necessário que as empresas adotem as medidas dispostas nesse condutor. Isso impulsiona a atividade turística no estado, promovendo uma melhor recuperação econômica das empresas e da região.

Sabe-se que ainda há um longo caminho a percorrer, e a movimentação do turismo será retomada lentamente, assim como os demais ramos econômicos. Portanto, é essencial a participação das empresas em conjunto com o governo para a recuperação do setor.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marilúcia de Almeida Pereira; BENEDETTI, Udine Garcia. Corredeiras do bem querer, caracaraí/rr: estudo com visitantes e pescadores sobre hábitos e ações ecológicas. **Destino Roraima**, p. 31, 2018.

AQUINO, Estela ML et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2.423-2.446, 2020.

BENI, Mario Carlos. Turismo e Covid-19: Algumas Reflexões/Tourism and COVID-19: Some Reflections. **Rosa dos Ventos -Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3, 2020.

BEZERRA, Karen Janaína do Nascimento; CAVALCANTE, Leila de Sena. Operadoras de turismo e o uso do marketing digital para a promoção do destino turístico Roraima. **Destino Roraima**, p. 13, 2018.

COELHO, Mariana de Freitas; MAYER, Verônica Feder. Gestão de serviços pós-covid: o que se pode aprender com o setor de turismo e viagens? **Gestão e Sociedade**, v. 14, n. 39, p. 3.698-3.706, 2020.

FECOMÉRCIO. **Turismo em Roraima movimentava a economia e gera empregos**. 2020. Disponível em: <https://fecomerciorr.com.br/2020/02/05/turismo-em-roraima-movimenta-a-economia-e-gera-empregos/>. Acesso em: 3 set. 2021.

FECOMÉRCIO. **Turismo perdeu 34% do seu faturamento em 2020**. 2021. Disponível em: <https://fecomerciorr.com.br/2021/02/18/turismo-perdeu-34-do-seu-faturamento-em-2020/>. Acesso em: 3 set. 2021.

FGV; SEBRAE. **O Impacto da pandemia de Coronavírus nos Pequenos Negócios**. 10 Ed. do Sebrae, março de 2021. Disponível em: <https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/o-impacto-da-pandemia-de-coronavirus-nos-pequenos-negocios-10a-edicao-do-sebrae-marco-2021>. Acesso em: 6 set. 2021.

GAMA NETO, Ricardo Borges. Impactos da covid-19 sobre a economia mundial. **Boletim de Conjuntura** (BOCA), v. 2, n. 5, p. 113-127, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GULLO, Maria Carolina. A Economia na Pandemia Covid-19: Algumas Considerações/The Economy in Pandemic Covid-19: Some Considerations. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3, 2020.

IPEA. **Atividade econômica**: dados recentes e previsões para 2021 e 2022. 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/tag/previsoes-macroeconomicas/> Acesso em: 3 set. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas. Amostragens e técnicas de pesquisa. Elaboração, análise e interpretações de dados, v. 4, 1999.

MECCA, Marlei Salete; GEDOZ, Maria Gorete do Amaral. Covid-19: reflexos no turismo. **Rosa dos Ventos**, v. 12, n. 3, p. 1-5, 2020.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestaopublica/2020/03/ministerio-da-economia-avalia-impacto-economico-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 1 set. 2021.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho/ptbr/assuntos/empregador/caged>. Acesso em: 6 set. 2021.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Relação Anual das Informações Sociais (RAIS)**. Disponível em: <http://www.rais.gov.br/sitio/index.jsf>. Acesso em: 6 set. 2021.

PORSSE, Alexandre A. et al. **Impactos econômicos da COVID-19 no Brasil**. Nota Técnica NEDUR-UFPR, v. 1, 2020.

RABAHY, Wilson Abrahão. Análises e perspectivas del turismo en Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, p. 1-13, 2020.

RAMOS, Dina Maria; COSTA, Carlos Manuel. Turismo: tendências de evolução. PRACS. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 10, n. 1, p. 21-33, 2017.

RORAIMA. **Decreto Nº 28635-E DE 22/03/2020**. 2020. Disponível em <https://www.fier.org.br/c%C3%B3pia-coronav%C3%ADrus>. Acesso em: 3 set. 2021.

RORAIMA. **Guia Turístico Roraima Ecológico, Histórico e Cultural**. Editora Ltda., 2009. Disponível em :<http://tepequem.rr.gov.br/downloads/guia-turistico-rr.pdf>. Acesso em: 4 set 2021.

RORAIMA-FEMARH, **Lei estadual nº 815/2011**. Disponível em: https://www.imprensaoficial.rr.gov.br/app/_edicoes/2015/07/doe-20150724.pdf. Acesso em: 7 de setembro de 2021.

RORAIMA-FEMARH. **Instrução Normativa 07/2015**, 2015. Disponível em :<http://tepequem.rr.gov.br/downloads/instrucaoformativa07/2015.pdf>. Acesso em: 8 set 2021.

RORAIMA. **Pesquisa avalia impactos do Covid-19 no turismo em Roraima**. 2020a. Disponível em: <http://turismo.rr.gov.br/index.php/component/k2/item/8-pesquisa-avalia-impactos-do-covid-19-no-turismo-em-roraima>. Acesso em: 2 set. 2021.

RORAIMA. **Aos poucos, turismo em Roraima volta à normalidade**. 2021. Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/component/k2/item/20-aos-poucos-turismo-em-roraima-volta-a-normalidade>. Acesso em: 2 set. 2021.

SEPLAN. **Plano de Retomada do Turismo de Roraima Gestão de Crise/ COVID-19**. 2020. Disponível em: file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/PLANO%20DE%20RETOMADA%20DO%20TURISMO%20-%20RR_v1-1.pdf. Acesso em: 3 set. 2021.

SEVALHO, Carla Danielle Duarte; CAVALCANTE, Leila de Sena. Diagnóstico mercadológico: uma análise do ambiente interno de uma agência e operadora de turismo de Boa Vista, Roraima. **Destino Roraima**, p. 113, 2018.

SILVA, Delmira Santos da Conceição; SANTOS, Marília Barbosa dos; SOARES, Maria José Nascimento. Impactos causados pela COVID-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 128-147, 2020.

SINHASIQUE, Eliane. **Como o turismo pode movimentar a economia e gerar empregos**. 2019. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/como-o-turismo-pode-movimentar-a-economia-e-gerar-empregos/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

TESINI, Brenda L. **Coronavírus e síndromes respiratórias agudas (Covid-19, Mers e Sars)**. Manual MSD para profissionais da saúde, 2020.

TORRE, Oscar de La. **El turismo fenómeno social. Editorial Fondo de cultura económica**. México, DF, 1992.

VAREIRO, Laurentina Maria da Cruz; PINHEIRO, Teresa Cláudia de Sousa. A influência da crise na escolha pelo consumidor entre agências de viagens ou operadores on-line. **Turismo -Visão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 220-243, 2017.

VIEIRA, Edson Roberto; LUCENA, Andréa Freire de; QUEIROZ, Antônio Marcos de. Determinantes da demanda de turismo internacional do Brasil: uma análise gravitacional no período de 2000 a 2015. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 50, n. 4, p. 97-114, 2019.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Caderno de saúde pública**, 2020.



A (IN)SUSTENTABILIDADE DO TURISMO DE PESCA ESPORTIVA NO BAIXO RIO BRANCO-RR

Loren Caroline Ferreira Dinelli¹
Elizabete Melo Nogueira²

RESUMO

Roraima é dotado de variados ecossistemas, com vocação natural para a prática de atividades de ecoturismo. O estado dispõe de diferenciado conjunto de recursos pesqueiros, com destaque para o Tucunaré-açu (*Cichla Temensis*), e, dada essa diversidade na ictiofauna local, empresas privadas vêm atuando no segmento de Turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco, situado entre os municípios de Caracaraí e Rorainópolis, desde meados dos anos 2000. Com o objetivo de analisar como se desenvolve o Turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco, em Roraima, sob a ótica da sustentabilidade, a pesquisa fez uso metodológico de pesquisa aplicada, exploratório-descritiva, por meio da abordagem qualitativa, à luz da fenomenologia, com a contribuição das pesquisas bibliográfica, documental e eletrônica, além da observação participante e da contribuição de atores sociais diretamente envolvidos no planejamento, na gestão e no uso dos recursos naturais locais, por meio da aplicação de questionários. As informações obtidas, analisadas por meio da técnica de triangulação de dados, resultaram na identificação do total de 25 empresas atuantes no segmento, além de aspectos relacionados à forma como a atividade é desenvolvida, à extrapolação de uso dos recursos naturais, à necessidade de regulamentação do segmento e às demais ações que impedem que ele trilhe os caminhos da sustentabilidade, sob a percepção de representantes das gestões municipais de Caracaraí e Rorainópolis, do Fórum Estadual de Turismo de Ro-

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos de Destinos Turísticos Sustentáveis – IFRR. E-mail: lorendinelli@gmail.com

2 Orientadora do Curso de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão de Empreendimentos de Destinos Turísticos Sustentáveis-IFRR. Mestre em Educação Agrícola-UFRRJ. E-mail: lorendinelli@gmail.com

raima, de empresários de turismo que operam na região e de representantes das comunidades de Caicubi e Santa Maria do Boiaçu.

Palavras-chave: Turismo. Pesca Esportiva. Baixo Rio Branco. Roraima. Sustentabilidade.

ABSTRACT

Roraima is endowed with varied ecosystems, with a natural vocation for the practice of ecotourism activities. The state has a differentiated set of fishing resources, especially the Tucunaré-açu (*Cichla Temensis*) and, given this diversity in the local fish fauna, private companies have been operating in the Sport Fishing Tourism segment in Baixo Rio Branco, located between the municipalities from Caracaraí and Rorainópolis, since the mid-2000s. In order to analyze how the Sport Fishing Tourism is developed in Baixo Rio Branco, in Roraima, from the perspective of sustainability, the research made methodological use of applied, exploratory-descriptive research, through a qualitative approach, in the light of phenomenology, with the contribution of bibliographic, documentary and electronic research, in addition to participant observation and the contribution of social actors directly involved in the planning, management and use of local natural resources, through the application of questionnaires. The information obtained was analyzed using the data triangulation technique and resulted in the identification of a total of 25 companies operating in the segment, in addition to aspects related to the way the activity is developed, the extrapolation of the use of natural resources, the need for regulation of the segment and other actions that prevent it from taking the paths of sustainability, under the perception of representatives of the municipal administrations of Caracaraí and Rorainópolis, of the State Tourism Forum of Roraima, of tourism entrepreneurs operating in the region and representatives of the communities of Caicubi and Santa Maria do Boiaçu.

Keywords: Tourism. Sport Fishing. Baixo Rio Branco. Roraima. Sustainability.

INTRODUÇÃO

O segmento de turismo de pesca surgiu como resposta à demanda de visitantes dispostos a praticar a atividade de pesca de forma recreativa, por meio da pesca amadora, que, iniciada por volta de 1496 e difundida na década de 1990 no pantanal brasileiro (BRASIL, 2010), encontra na região amazônica condições propícias para sua prática, haja vista as favoráveis condições climá-

ticas, hidrográficas e a considerável incidência de peixes de couro e de tucunarárs (*peacock bass*), que consiste na espécie mais procurada pelos amantes do turismo de Pesca Esportiva.

No estado de Roraima, segundo Nogueira et al. (2013), a atividade turística vem sendo ofertada por meio da iniciativa privada desde meados dos anos 2000, em embarcações regionais e hotéis de selva, onde a diversidade dos recursos naturais consiste no principal atrativo para que a atividade econômica se desenvolva, concentrando-se, em grande parte, no Baixo Rio Branco, compreendido entre os municípios de Caracaraí e Rorainópolis.

É evidente que o uso desses recursos naturais requer planejamento e gestão integrados, a fim de que a atratividade não seja motivo causador da degradação ambiental e da marginalização das comunidades que residem na região onde o Turismo de Pesca Esportiva é ofertado, sendo urgente, desse modo, que seus processos de planejamento, gestão e oferta sejam pautados em ações responsáveis. Nesse sentido, a pesquisa teve como questão norteadora de investigação: A atividade de Turismo de Pesca Esportiva desenvolvida no Baixo Rio Branco, em Roraima, é sustentável?

O trabalho teve por finalidade dar continuidade à pesquisa empreendida em 2016, na ocasião da graduação em Tecnologia em Gestão de Turismo, a fim de propor a reflexão sobre a forma como o turismo de Pesca Esportiva é desenvolvido no Baixo Rio Branco, situado na região centro-sul do estado de Roraima, e apresenta grande relevância econômica, ambiental e social, por permitir a elucidação da forma como o fenômeno turístico se manifesta na região, considerando questões relativas ao planejamento, ao desenvolvimento e à gestão dos recursos hídricos e pesqueiros por ela utilizados.

Para responder à questão norteadora, elegeu-se como objetivo geral da pesquisa analisar como se desenvolve o Turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco, em Roraima, sob a ótica da sustentabilidade. Para isso, estabeleceu-se como objetivos específicos: i) identificar os empreendimentos que ofertam pacotes de Turismo de Pesca Esportiva nos municípios de Caracaraí e Rorainópolis; ii) compreender o contexto em que o Turismo de Pesca Esportiva é desenvolvido nesses municípios, sob o prisma de operadores de turismo de Pesca Esportiva que atuam no Baixo Rio Branco, de representantes das gestões

municipais de Caracará e Rorainópolis, de representantes do Fórum Estadual de Turismo de Roraima e de representantes da comunidade local; iii) comparar a atividade desenvolvida à literatura científica para elucidar a (in)sustentabilidade do turismo na região do Baixo Rio Branco, em Roraima.

O estudo se apoia na seguinte estrutura: na revisão de literatura, busca-se delimitar bases conceituais que propiciem, de forma sucinta, a compreensão da relação entre a sustentabilidade e o turismo, especialmente no tocante ao segmento de turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco, em Roraima. Posteriormente, ilustramos o percurso metodológico trilhado para alcançar os objetivos da pesquisa fenomenológica empreendida, seguido dos resultados da pesquisa e das inferências das autoras acerca dos aspectos que permitiram a compreensão sobre a factível (in)sustentabilidade da atividade de Turismo de Pesca Esportiva desenvolvida na região. Por fim, a estrutura do artigo conta com as considerações finais, com os resultados, limitações do estudo e contribuições para pesquisas futuras, como também com as referências das literaturas científicas e documentais que sustentaram as discussões aqui propostas.

TURISMO E SUSTENTABILIDADE

A concepção de turismo nos dias atuais é fruto da percepção de atores de distintas áreas do conhecimento. Para Molina, Rodrigues (2001) e Dias (2008), as primeiras definições do fenômeno ocorreram entre os anos de 1929 e 1930, diante do anseio de compreender os aspectos tocantes aos deslocamentos de viajantes.

A evolução do conceito de turismo inicia-se com a preocupação estritamente economicista (BARRETTO, 2003), e dá lugar à compreensão da atenção que o fenômeno exige, tendo em vista sua ação frente a ambientes naturais e sociais de notória fragilidade, acreditando-se ser justa, neste momento, a concepção do mexicano Oscar de La Torre, que o define como:

un fenómeno social que consiste en el desplazamiento voluntario y temporal de individuos o grupos de personas que, fundamentalmente por motivos de recreación, descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a otro, en el que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generando múltiples interrelaciones de importancia social, económica y cultural (LA TORRE, 1991, p. 19).

No entendimento de La Torre (1991), apreende-se o turismo como fenômeno que abrange as interações sociais, econômicas e culturais proporcionadas pelo indivíduo deslocado temporariamente de seu local de residência, por motivações diversas, sem finalidade comercial e lucrativa, em consonância com o conceito de lazer iniciado após a Segunda Guerra Mundial, que, segundo Ruschmann (2012), incrementou o poder de compra das pessoas e, conseqüentemente, sua busca por bem-estar durante o ócio.

O reconhecimento da abrangência e da pluralidade do turismo indica a necessidade de uso de ferramentas eficazes por parte dos órgãos oficiais responsáveis por seu ordenamento e planejamento. No Brasil, o Ministério do Turismo (MTur), a fim de facilitar a identificação de estratégias viáveis e específicas para o planejamento, a gestão e a comercialização dos produtos turísticos, optou pela segmentação de mercado (DIAS, 2008), a fim de dar suporte à transformação de recursos naturais, culturais ou artificiais em produtos e atrativos turísticos aptos a atender às necessidades dos distintos públicos-alvo de forma assertiva e competitiva.

É evidente que a existência e a qualidade de recursos que possam atrair certa parcela de visitantes precede a oferta turística e que cabe também à gestão pública assegurar que eles sejam utilizados de forma responsável, a fim de que impactos negativos sejam mitigados e que a atividade turística consista em instrumento de desenvolvimento, em um conjunto de ações que considerem os aspectos naturais, sociais e econômicos das localidades receptoras, sobrelevando-se, nesse momento, o conceito de sustentabilidade.

Dias (2008) aponta o final do século XX como o início de um processo de transformação das tendências de desenvolvimento que, ao invés de restringir-se ao conceito de crescimento econômico, visando unicamente o aumento de riquezas materiais e *status* social, apresentou maior preocupação ambiental e social.

Em 1971, no encontro Founex, na Suíça, iniciou-se a discussão sobre as consequências de um modelo de desenvolvimento extremamente economicista, que não considerava a problemática ambiental em suas ações. A partir do debate promovido pelo encontro, elaborou-se o Relatório Founex, que direcionou o desenvolvimento a um horizonte intermediário, considerando a conser-

vação ambiental e as questões sociais como fatores determinantes em suas ações, ocasião em que o economista Ignacy Sachs difundiu o conceito de eco-desenvolvimento, que mais tarde se tornaria o desenvolvimento sustentável aqui abordado, apoiado nas condicionantes sociais, ambientais e econômicas. (BURSZTYN et al., 1993; RIBEIRO, 2001; SACHS, 2005).

Apesar da compreensão da relevância de marcos como a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) em 1972 (RIBEIRO, 2001; SACHS, 2002; BEZERRA, 2009), da Declaração de Cocoyoc em 1974 (BURSZTYN et al., 1993; BEZERRA, 2009), da elaboração do Relatório Brundtland - Nosso Futuro Comum, em 1987 (DIAS, 2008) e da enorme contribuição da Conferência das Nações Unidas (UNCED), também conhecida como Eco-92, para a disseminação do conceito de sustentabilidade (DIAS, 2008), destaca-se, nesse momento, a Agenda 21, criada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) em 1997, direcionada para a indústria do turismo, visando estimular a adoção de práticas sustentáveis no desenvolvimento das atividades do setor (NELSON; PEREIRA, 2004).

Para a OMT (1997 apud NELSON; PEREIRA, 2004, p. 34), “sustentabilidade é a opção para a sobrevivência da humanidade num mundo onde os recursos naturais não super abundam”. Ao considerar a fragilidade e as limitações dos recursos naturais existentes, é justo ressaltar a relevância de todos os esforços realizados no intuito de adotar, em caráter de urgência, medidas que assegurem sua manutenção e conservação.

Na ocasião da XIII Assembleia Geral da Organização Mundial do Turismo, realizada no período de 27 de setembro a 1 de outubro de 1999, no Chile, considerando os importantes avanços alcançados no decorrer dos últimos anos no que tange à sustentabilidade da atividade turística, redigiu-se o *Global Code of Ethics for Tourism*³, apontando normas de condutas a serem observadas por comunidades receptoras, turistas, visitantes, órgãos públicos e agentes de desenvolvimento turístico (UNWTO, 1999).

O referido código ético prevê fatores relacionados à sustentabilidade no desenvolvimento da atividade turística, considerando a valorização cultural e o respeito às comunidades locais, a harmonia entre os diversos atores sociais

3 Tradução: Código Mundial de Ética do Turismo.

envolvidos na prática turística, a promoção dos direitos humanos, a responsabilidade e a proteção ao patrimônio natural, bem como fatores inerentes aos aspectos econômicos propiciados pelo fenômeno turístico (UNWTO, 1999).

A observância dos princípios estabelecidos no documento reitera, portanto, a necessidade de alicerçar o planejamento da atividade turística em bases responsáveis, equilibrando aspectos econômicos, socioculturais e ambientais, a fim de possibilitar o desenvolvimento sustentável do fenômeno turístico.

Ruschmann (2012) acrescenta que esta forma de planejamento colabora diretamente para a contenção de possíveis danos irreparáveis causados nos meios turísticos, para reduzir problemas sociais que assolam as comunidades locais e para agregar valor ao produto ofertado.

Dentre os recursos naturais utilizados pela atividade turística no Brasil, destaca-se aqui a urgente necessidade de planejamento de práticas sustentáveis para a gestão dos recursos hídricos e pesqueiros utilizados pelo segmento de Turismo de Pesca Esportiva, que atua sobre ambientes naturais cujos recursos são finitos e ambientes sociais sensíveis às interferências resultantes da atividade turística.

TURISMO DE PESCA ESPORTIVA

O Turismo de Pesca apresenta como principal atrativo a utilização dos recursos pesqueiros por meio da atividade de pesca. Para o MTur (2006, p. 28), o segmento compreende as atividades de turismo que ocorrem por meio da prática da pesca amadora, incluindo planejamento, operação, agenciamento, transporte, hospedagem, alimentação, recepção, recreação e entretenimento, eventos, dentre outros.

Souza e Corrêa (2000) complementam que nessa modalidade de pesca, sob nenhuma hipótese, utiliza-se da ictiofauna para a prática comercial e que seus praticantes atuam de forma conservacionista ao devolver os peixes à água após a captura, corroborando com a Lei Federal nº 11.959, de 29 de junho de 2009, que dispõe sobre o conceito de pesca amadora como modalidade “praticada por brasileiro ou estrangeiro, com equipamentos ou petrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto” (BRASIL,

2009, art. 8, np).

Quanto à distinção entre a pesca amadora recreativa e a pesca amadora esportiva, o MTur (BRASIL, 2006) esclarece que a pesca amadora recreativa tem finalidade de lazer, turismo ou desporto, sem fins comerciais, respeitando os limites de tamanho de peixes e cotas de captura, enquanto na Pesca Esportiva a finalidade principal é a de comercialização de pacotes de Turismo de Pesca, cuja atividade consiste em devolver à água não somente os peixes menores, como também os maiores, podendo ser abatidos somente os exemplares que forem consumidos no local da pescaria, sendo esse abate limitado a espécies de tamanho intermediário.

Na legislação vigente, o artigo 25 da Lei federal nº 11.959/2009, de 29 de junho de 2009, estabelece que o controle das ações de pesca amadora nos estoques pesqueiros nacionais, bem como a receita proveniente dessas atividades, por meio da emissão de Licença de Pesca Amadora, seja realizado pelo Governo Federal, por meio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a fim de custear as logísticas de gestão e fiscalização do ambiente natural.

No Brasil, devido à grande diversidade dos ecossistemas e, conseqüentemente, da ictiofauna neles contida, é crescente o desenvolvimento da atividade que, de acordo com o Guia de Pesca Amadora do Programa Nacional de Desenvolvimento da Pesca (PNDPA) (1999), elaborado pela EMBRATUR, apresenta bons prospectos, com destaque para o Pantanal, que recebe elevado número de pescadores durante todo o ano, e para a Amazônia, que atrai visitantes nacionais e internacionais em busca de peixes de couro e de tucunarés (*cichla*), que consiste na espécie mais atrativa para a pesca esportiva, por destacar-se como um predador natural.

TURISMO DE PESCA ESPORTIVA EM RORAIMA

O estado de Roraima, localizado no extremo norte do Brasil, com 223.644,527 km² de área territorial distribuída entre 15 municípios, com população estimada de 631.181 pessoas em 2020 (IBGE, 2021), é composto por diferenciada biodiversidade e patrimônio cultural, com vocação turística para

segmentos diversos, especialmente para as atividades ecoturísticas, dada a conservação de seu patrimônio natural, que justifica a presença de treze unidades de conservação (UCs) distribuídas no decorrer da bacia do Rio Branco, sendo seis unidades de proteção integral, quatro de uso sustentável e três Reservas Particulares do Patrimônio Natural (CREPALDI, 2014, p. 6).

Esse patrimônio natural, gerido pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e salvaguardado pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, é composto por: Parque Nacional Serra da Mocidade, Parque Nacional do Viruá, Estação Ecológica de Niquiá e Estação Ecológica de Caracaraí como unidades de proteção integral; e as Área de Proteção Ambiental Baixo Rio Branco e Área de Proteção Ambiental Xeriuini, que consistem em áreas de uso sustentável (NOGUEIRA, 2006; CREPALDI, 2014, p. 6; VITÓRIO, 2014, p. 20).

Na pesquisa empreendida, enfatizou-se, contudo, a atividade do Turismo de Pesca Esportiva desenvolvida por empresas privadas no Baixo Rio Branco, representado na figura 1, que possui extensão de cerca de 388 km, tendo início na vila Vista Alegre, cortando todo o centro-sul do estado até encontrar-se com o rio Negro, no estado do Amazonas (USSAMI, 2010, p. 89), estando compreendido, desse modo, entre os municípios de Rorainópolis e Caracaraí.

à existência de recursos pesqueiros abundantes, sendo necessário, ainda, que o visitante tenha à sua disposição elementos que a tornem viável, tais como: transporte e acessibilidade à localidade, pessoal capacitado para atendê-lo, alojamento, alimentação, embarcações para conduzi-los, bem como facilidades que estão aliadas a outros segmentos e setores (BRASIL, 2010).

Nesse sentido, Nogueira et al. (2013, p. 75) apontam a existência de operadores de turismo nos municípios de Caracaraí e Rorainópolis, com infraestruturas de hospedagem, alimentação e condução aptas à prática da atividade, ofertando pacotes de pesca semanal a turistas provenientes de várias regiões do Brasil e/ou de outros países.

Ainda segundo Nogueira et al. (2013), as estruturas de turismo de pesca atuantes nos municípios de Caracaraí e Rorainópolis estão situadas especialmente nos rios Itapará, Água Boa do Univiní e Xeriuini, conforme Portaria Normativa nº. 07/2015/Presidência da FEMARH, de 24 de setembro de 2015, que aponta o grande potencial turístico regional e regulamenta a atividade pesqueira nesses rios, estabelecendo que:

na região do Baixo Rio Branco, no que tange a Rio Itapará; Rio Água Boa do Univiní; Rio Xeruiní, nos limites do território do Estado de Roraima, fica permitido apenas a pesca amadora esportiva e a pesca de subsistência, ficando proibida as demais categorias de pesca (RORAIMA-FEMARH, 2015, np).

No que tange à Fundação Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (FEMARH), que consiste no principal órgão fiscalizador da atividade pesqueira e demais recursos naturais em âmbito estadual, conforme a Lei estadual nº 815/2011, art. 4º, ela:

tem por objetivo promover, elaborar, gerir, coordenar e executar a política do meio ambiente e de recursos hídricos do Estado de Roraima, com a finalidade de garantir o controle, a preservação, a conservação e a recuperação ambiental, visando o desenvolvimento socioeconômico sustentável e a melhoria da qualidade de vida da população (RORAIMA-FEMARH, 2011, np).

No estado de Roraima, portanto, além do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a FEMARH e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) atuam no monitora-

mento e na gestão das atividades desenvolvidas nos recursos naturais locais, incluindo-se os pescadores.

Ciente de que a sustentabilidade requer, além do atendimento às vertentes econômicas e naturais, atenção para com o aspecto social no que diz respeito às atividades desenvolvidas, Banducci (2006) defende que o turismo de Pesca Esportiva não representa um viés unicamente econômico, uma vez que possibilita a relação direta entre o visitante e a comunidade autóctone, sendo necessário que o turismo permita que a comunidade seja vista, ouvida e respeitada em sua identidade.

Ao visitar 16 comunidades ribeirinhas no Baixo Rio Branco em 2019, em expedição fluvial de cunho acadêmico-científico, Cavalcante et al. (2020, p. 203) perceberam que as comunidades estão economicamente subordinadas a lógica de escoação e comércio das capitais Boa Vista, no estado de Roraima, e Manaus, no estado do Amazonas, bem como à atividade de turismo de Pesca Esportiva desenvolvida na região, que, embora reconhecidamente altere o modo de vida das comunidades, permite que elas ali permaneçam mesmo sendo privadas, muitas vezes, do assistencialismo econômico, sanitário e educacional por parte da gestão pública.

Ainda sob o prisma da vertente social, embora a região disponha de dispositivos legais de ordenamento dos recursos hídricos, o Diagnóstico Preliminar do Potencial de Desenvolvimento de Pesca Esportiva na Região do Baixo Rio Branco realizado em 2005 (FILHO; ANDRETTA; NOGUEIRA, 2005, p. 187) constatou que, além do potencial turístico para a prática de turismo de pesca, a existência de conflitos entre os distintos atores sociais no que tange à utilização e gestão dos recursos pesqueiros.

Nove anos após a pesquisa exploratória realizada por Filho, Andretta e Nogueira (2005), em relatório técnico elaborado a fim de proporcionar uma breve avaliação sobre os estoques de tucunaré no rio Água Boa do Univini e a proposição de medidas de gestão, o analista ambiental Daniel Crepaldi concluiu novamente que:

o rio Água Boa do Univini além de outros afluentes do Rio Branco, despontam nesse cenário como local propício a captura de grandes tucunarés, contudo, conflitos entre operadores de turismo, pescadores pro-

fissionais e comunidades ribeirinhas, têm interferido no processo de gestão pesqueira da região (CREPALDI, 2014, p. 6).

Com isso, é possível inferir que os conflitos de interesses entre os usuários dos recursos naturais têm comprometido a sustentabilidade da atividade. Cabe lembrar que Fernández Fúster (1975, p. 127 apud BARRETTO, 2005, p. 40) já indicava a relação conflituosa entre três tipos de atores sociais no mercado turístico: os turistas, os moradores locais e os agentes que ofertam atividades turísticas, sendo necessário, assim, dispor de legislação protetiva tanto para visitantes quanto para as comunidades locais.

Barretto (2005, p. 41) ressalta ainda que planejar atividades turísticas pressupõe negociar com distintos interesses e partes interessadas, sendo preciso harmonizar os anseios de forma responsável, propiciando o bem-estar entre os envolvidos, bem como recompensando a comunidade anfitriã com recursos financeiros que melhorem sua qualidade de vida, sendo esta uma das inquietações que motivaram a presente pesquisa.

METODOLOGIA

O objeto de estudo desta pesquisa consiste na atividade de turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco, que, com cerca de 388 km de extensão (USSAMI, 2010, p. 89), abriga 17 comunidades ribeirinhas (VITÓRIO, 2014, p. 16) e está compreendido entre os municípios de Caracaraí e Rorainópolis, no estado de Roraima.

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa ocorreu de forma aplicada, objetivando, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 35), possibilitar conhecimentos para aplicação prática, visando solucionar problemas específicos de um interesse local.

A pesquisa ocorreu também de forma exploratória, a fim de permitir maior familiaridade com o problema de pesquisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009); descritiva, para, conforme Triviños (2011, p. 110), atender à necessidade científica de conhecer e descrever, de forma exata, os fatos e fenômenos de determinada realidade; além de recorrer às pesquisas bibliográfica, documental e eletrônica para a obtenção de informações complementares, utilizando-se

ainda da pesquisa de campo para a observação do fenômeno *in loco*.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, visando compreender a dinâmica das relações sociais que envolvem o objeto de estudo de forma subjetiva, sendo este relacionado a fenômenos que não podem ser reduzidos a análises quantificáveis (MINAYO, 2001).

Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados questionários com questões abertas, fechadas e mistas, por acreditar que estes atendem aos objetivos do estudo com relação à necessidade de obtenção de conhecimento ainda não contemplado no material teórico disponível, e que, segundo Gil (1991, p. 121), equivale à técnica cujo propósito é obter informações subjetivas sobre, dentre outros aspectos, valores, conhecimentos, expectativas e comportamentos dos indivíduos aos quais é submetida.

Por considerar a abrangência do turismo como fenômeno social (LA TORRE, 1991), para o tratamento dos dados qualitativos, optou-se pela abordagem fenomenológica, que, segundo Panosso Netto (2005), utiliza-se de asserções articuladas dos discursos dos sujeitos abordados para extrair a essência de seu conhecimento acerca do objeto de estudo, evitando reducionismo no entendimento do fenômeno estudado.

Quanto ao universo da pesquisa, os participantes foram divididos em quatro grupos, sendo eles: i) empreendedores do segmento de Turismo de Pesca que desenvolvem suas atividades no Baixo Rio Branco; ii) representantes da gestão pública municipal de Caracaraí e Rorainópolis; iii) representantes do Fórum Estadual de Turismo; iv) e representantes das comunidades ribeirinhas Caicubi e Santa Maria do Boiaçu, localizadas nos municípios de Caracaraí e Rorainópolis, respectivamente, conforme o quadro abaixo.

Quadro 1 - Controle de distribuição de questionários

Atores sociais contemplados pela pesquisa	Atores abordados	Questionários Entregues	Questionários respondidos
Empresários do segmento	06	05	05
Prefeituras de Caracaraí e Rorainópolis	06	06	04
Fórum Estadual de Turismo de Roraima	20	13	11

Representantes das comunidades locais	03	03	03
---------------------------------------	----	----	----

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Justifica-se que o primeiro grupo de respondentes é composto por empresários que operam regularmente com o Turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco e que estavam devidamente cadastrados junto ao órgão regulamentador e fiscalizador da referida atividade em esfera estadual no ato da coleta de dados de 2016, e que o segundo grupo corresponde a representantes das pastas de finanças e de turismo dos municípios de Caracaraí e Rorainópolis.

No que concerne ao terceiro grupo de respondentes, ressalta-se a grande relevância de sua percepção sobre o objeto dessa pesquisa por se tratarem de membros representantes do Fórum Estadual de Turismo de Roraima. Cabe destacar que os Fóruns e Conselhos Estaduais de Turismo consistem em uma das estratégias estabelecidas pelo Núcleo Estratégico do Turismo Nacional, coordenado pelo MTur, com o objetivo de agregar atores sociais de entidades públicas e do setor privado que atuam efetivamente na atividade turística a fim de que participem da elaboração, implantação e monitoramento do Plano Nacional de Turismo vigente, através dos programas e ações do setor, viabilizando o desenvolvimento sustentável da atividade turística (MTUR, 2006, p. 6).

De acordo com dados fornecidos pelo Departamento Estadual de Turismo (DETUR), vinculado à Secretaria do Estado de Planejamento e Desenvolvimento (SEPLAN), o Fórum Estadual de Turismo de Roraima é composto por 20 instituições, sendo 10 representantes do setor público e 10 representantes do setor privado.

Dessa forma, conforme o Quadro 1, a amostra coletada considerou o total de 23 sujeitos que se dispuseram a responder aos questionários, bem como as contribuições da técnica de observação participante, igualmente realizada no ato da coleta de dados.

A pesquisa teve como recortes temporais os períodos de maio a dezembro de 2016 e outubro de 2020 a março de 2021, momentos em que as pesquisas de campo foram realizadas e em que, conseqüentemente, foram aplicados os questionários às amostras selecionadas. No primeiro momento, foram

consultados representantes das gestões municipais, representantes do Fórum Estadual de Turismo e empresários e, na segunda etapa, novamente consultou-se gestores das pastas de turismo em nível municipal, devido à mudança de gestão, representante do DETUR, que também representa o Fórum Estadual de Turismo, e os representantes das comunidades de Caicubi e Santa Maria do Boiaçu, tendo como critério de seleção seu grau de envolvimento na mediação entre comunidade e operadores de turismo de pesca.

Justifica-se, por fim, que, por delimitação da estrutura do artigo, algumas questões propostas nos questionários aplicados em 2016, na ocasião da graduação em Tecnologia em Gestão de Turismo, foram suprimidas na segunda etapa da pesquisa, realizada nos anos de 2020 e 2021, visando otimizar o processo de coleta de dados. Por esse motivo, não foram discutidas nas abordagens aqui contidas.

As informações obtidas por meio do referencial teórico acerca do tema, dos questionários respondidos nas duas etapas da pesquisa e da técnica de observação participante foram sistematizadas por meio do *software* Microsoft Excel, viabilizando a técnica de triangulação de dados, que resultou nas análises contidas no presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EMPREENDIMENTOS DE TURISMO DE PESCA ESPORTIVA NO BAIXO RIO BRANCO – RR

Para identificar os empreendimentos que operam com a atividade de Turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco-RR, propôs-se às Prefeituras de Caracaraí e Rorainópolis, aos conselheiros do Fórum Estadual de Turismo e aos representantes das comunidades de Caicubi e Santa Maria do Boiaçu as questões: “Você possui conhecimento sobre quantos empreendimentos desenvolvem atualmente a atividade de Turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco?” e “Quais são esses empreendimentos?”, resultando no total de seis respostas negativas e 17 afirmativas, que contribuíram para a elaboração do Quadro 2, que conta também com informações obtidas junto à entidade governamental regulamentadora de atividades realizadas em meios naturais em

Roraima na primeira etapa da pesquisa, à observação participante e à pesquisa eletrônica realizada em páginas virtuais especializadas em Pesca Esportiva.

Quadro 2- Operadores de Turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco – RR

Fonte de informações	Empresas identificadas	Total de empresas
Entidade pública reguladora	7	25
Prefeituras, Fórum Estadual de Turismo e Representantes de Caicubi e Santa Maria do Boiaçu	10	
Observação participante e Pesquisa eletrônica	8	

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Devido às duplicidades encontradas em alguns questionários⁴, elencou-se no Quadro 2, primeiramente, as informações obtidas por meio de consulta à entidade pública reguladora, por consistir em órgão público responsável pelo licenciamento das operações de turismo de Pesca Esportiva em esfera local. Em seguida, foram inseridas as operações não licenciadas, mas que se encontram em operação de acordo com os 23 sujeitos que contribuíram com a pesquisa; por último, foram inseridas as operações não informadas pela entidade pública e pelos questionários, mas que desenvolviam o Turismo de Pesca Esportiva na região no ato da observação participante.

Cabe esclarecer que as informações foram cedidas pela entidade pública no ano de 2016, na primeira etapa da pesquisa, e que, quando solicitadas em 2021, não foram respondidas. Por considerar que não houve realização de estudos de capacidade de carga para a região no espaço de tempo compreendido entre 2016 e o primeiro semestre do ano de 2020, que permitissem a comprovação de suporte dos recursos hídricos e pesqueiros para novos licenciamentos e consequente oferta de pacotes por novos operadores na temporada 2020/2021, inferiu-se que a instituição não efetuou licenciamentos após 2016.

4 Alguns respondentes informaram a mesma operação duas ou três vezes, como se fossem operações distintas. Nessas ocorrências, os sujeitos apontaram o nome do proprietário e, também, a razão social ou o nome fantasia do empreendimento. Nesse sentido, com a finalidade de obter maior aproximação do quantitativo exato de operações em funcionamento, optou-se aqui pela supressão de informações duplicadas para não subestimar o quantitativo real.

Outro aspecto relevante é que três das operações informadas pela entidade pública, embora constem na relação informada, não foram identificadas como operações em funcionamento no decorrer das pesquisas de campo. Conforme informações coletadas de modo informal junto aos moradores locais, encontram-se desativadas, não sendo possível saber se dispõem de licenças de operação válidas no corrente ano.

Na conclusão do levantamento de dados também foi possível observar que somente quatro empresas estavam regularmente cadastradas no Cadastur na atividade “Empreendimento de Apoio ao Turismo Náutico ou à Pesca Desportiva” em Roraima, indicando a defasagem de informações contidas no MTur, que pode resultar na insuficiência de esforços federais de fomento e regulação do segmento turístico no estado.

Ao comparar as informações obtidas em 2016 com as encontradas nos anos de 2020 e 2021, foi possível observar também o crescente número de operações em funcionamento no estado de Roraima oriundas do estado do Amazonas que não mantêm qualquer tipo relação comercial ou de geração de renda e empregos para Roraima, tampouco registros de licenciamento ou de controle de visitantes por elas atendidos.

A observância dos rios utilizados por empreendimentos turísticos não regularizados⁵ também consiste em fator a ser considerado ao tratar da factível sustentabilidade do turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco, pois é possível perceber que a atividade se desenvolve para além dos três rios contemplados pela Portaria Normativa nº. 07/2015/Presidência da FEMARH, demonstrando a defasagem da legislação ambiental em vigor, requerendo, assim, o empreendimento de estudos técnico-científicos que permitam a elaboração de um novo zoneamento de pesca para o Baixo Rio Branco, bem como a regulamentação da atividade turística na região.

Cabe ressaltar que, ainda que considerássemos somente os rios Água Boa do Univini, Itapará e Xeriuni, que, segundo zoneamento de pesca contido na Portaria Normativa nº. 07/2015/Presidência da FEMARH, são destinados

⁵ Por questões éticas, os nomes das empresas e/ou empresários apontados pelos sujeitos foram suprimidos do estudo, contudo, por meio de suas contribuições, constatou-se que as atividades de turismo de pesca esportiva têm se desenvolvido - além dos rios Xeriuni, Itapará e Água Boa do Univini, nos rios Branco, Anauá, Jufaris e Jauaperi.

unicamente à pesca de subsistência e à prática de Turismo de Pesca Esportiva, percebe-se que a atividade turística que se desenvolve à margem da legislação pertinente, por si só, já sobrecarrega as limitações de uso indicadas nos estudos preliminares de Filho, Andretta e Nogueira (2005), que subsidiaram a elaboração do dispositivo legal em discussão.

A análise do Quadro 2 permite deduzir, também, que há descontrole e imprecisão de registros, por parte dos órgãos reguladores dos recursos locais e dos agentes que atuam diretamente na gestão e no planejamento da atividade turística em Roraima, sobre as empresas de turismo que estão fazendo uso dos recursos pesqueiros do Baixo Rio Branco.

Essa constatação é motivo de grande preocupação, especialmente sob os aspectos ambientais e sociais, pois leva à compreensão de que a biodiversidade hídrica e pesqueira do Baixo Rio Branco se encontra sob ameaça de degradação extrema, considerando a quantidade de operações indicadas nesse momento da pesquisa, as necessidades de subsistência das populações autóctones e a grande fragilidade dos recursos naturais ainda disponíveis, que se encontram em fase de extrapolação de uso.

OPERAÇÃO DO TURISMO DE PESCA ESPORTIVA NO BAIXO RIO BRANCO – RR

Para alcançar o segundo objetivo específico da pesquisa, optou-se por considerar os 23 respondentes previamente indicados, bem como a observação participante, realizada durante as pesquisas de campo, visando dar maior atenção às questões qualitativas propostas pela pesquisa do fenômeno turístico.

Em relação à infraestrutura ofertada para a acomodação de turistas, Roraima oferece três tipos básicos de operação, sendo eles: barcos-hotéis⁶, acampamentos ou estruturas flutuantes⁷ e infraestruturas ou hotéis fixos (CREPALDI, 2014, p. 45). Dentre os empresários que colaboraram com a presente pesquisa, 01 declarou atuar com o Turismo de Pesca Esportiva por meio de estrutura

6 Embarcação que dispõe de acomodações e infraestrutura básica e de apoio para hospedagem e locomoção em vias aquáticas.

7 “Meio de hospedagem construído sobre uma plataforma flutuante fundeada ou atracada à terra” (BRAGA, 2003, p. 119).

flutuante, 01 por meio de *lodge*⁸ e 03 atuam no segmento por meio de barcos-hotéis. Todos os empresários informaram que operam com o Turismo de Pesca Esportiva no município de Caracaraí.

Para 15 dos 23 dos sujeitos que contribuíram com a pesquisa, o segmento turístico apresenta alto grau de relevância para a promoção do estado de Roraima. Para a maioria deles, as possíveis motivações para o investimento de empresários no setor são a potencialidade turística do segmento, seguida de retorno financeiro e, em menor grau, o desejo de investir para a economia do município. Também se apontou que não há aproveitamento de incentivos ofertados por entidades governamentais, indicando que não há ações públicas de fomento ao turismo na região.

No que se refere ao período de temporada de Pesca Esportiva, indicou-se que ela ocorre entre os meses de outubro e março, que equivale ao verão no estado de Roraima. O estado possui duas estações climáticas bem definidas: o inverno, caracterizado por fortes chuvas com ocorrência nos meses de abril a setembro, e o verão, que corresponde à época de seca e calor, com ocorrência nos meses de outubro a março, período em que o nível das águas está mais baixo e propício para a captura de tucunarés.

Os dados indicaram que os meses de atuação estão diretamente relacionados ao tipo de operação, pois embarcações dos tipos barco-hotel e estruturas flutuantes têm sua navegabilidade condicionada ao nível das águas, enquanto hotéis fixos dispõem de acessibilidade via transporte aéreo mesmo em períodos de baixa lâmina d'água.

Quanto ao perfil do turista, segundo os empresários que contribuíram com a pesquisa, esses são, majoritariamente, brasileiros, do gênero masculino, com faixa etária a partir de 46 anos e tomam conhecimento da atividade em Roraima por meio de indicação de amigos, revistas especializadas em Pesca Esportiva, agenciadores e pela internet. Ainda de acordo com os operadores, acredita-se que o visitante opta pelos pacotes ofertados no Baixo Rio Branco devido a fatores como a diversidade de espécies de peixes, conservação do ambiente natural, tranquilidade e infraestrutura ofertada pelo turismo.

8 "Meio de hospedagem localizado em área de selva densa ou de belezas naturais preservadas, construído com materiais característicos da região e com instalações simplificadas, que visa a integração do turista com o ambiente" (SOUZA; CORRÊA, 2000, p. 95).

No que tange aos serviços e produtos que compõem os pacotes disponíveis, de acordo com os respondentes, são ofertados aos turistas hospedagem, transportes, serviços de guiamento de pesca, alimentos e bebidas, serviços de primeiros socorros, de lavanderia e telefonia, material de pesca e, em menor incidência, serviços de internet, indicando também que apenas serviços de guias de pesca, hospedagem e alimentos e bebidas são provenientes dos municípios Caracaraí e Rorainópolis.

Quanto aos empregos ofertados a moradores das comunidades locais, de acordo com os respondentes, estes consistem em funções como piloteiros/guias de pesca, cozinheiros, camareiros, garçons, catadores de iscas e, em menor escala, gerentes, intérpretes, agentes de viagens e outros não especificados, havendo registro de pessoas que afirmaram não possuir conhecimento sobre os empregos ofertados pela atividade.

A análise do segundo objetivo específico permitiu a compreensão de que a atividade turística no Baixo Rio Branco já dispõe de infraestrutura turística desenvolvida em funcionamento, que independe, em muitos casos, da infraestrutura básica e de apoio do próprio estado de Roraima, haja vista a identificação de que muitos turistas embarcam e desembarcam pelo estado do Amazonas, o que indica a urgente necessidade de abandono das discussões científicas que se ocupam da potencialidade turística do segmento para o avanço em estudos que permitam contribuir para a continuidade da atividade turística praticada a longo prazo, assim como, e principalmente, para o bem-estar das comunidades e dos ecossistemas locais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A (IN)SUSTENTABILIDADE ATIVIDADE TURÍSTICA DESENVOLVIDA

Para permitir a elucidação sobre a possível sustentabilidade do turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco-RR, optou-se pela criação de quadro comparativo entre os impactos positivos e negativos percebidos pelos 23 sujeitos que colaboraram com a pesquisa e a literatura acerca do tema, com indicadores de sustentabilidade baseados no referencial teórico do estudo. Ressalta-se, de antemão, que as informações qualitativas obtidas pelos questionários fo-

ram previamente sistematizadas e sintetizadas devido à delimitação do artigo.

Quadro 3 – Percepção dos impactos do Turismo de Pesca Esportiva em RR

Indicador		Base teórica	Impactos positivos percebidos	Impactos negativos percebidos
Ambiental	Educação ambiental por meio do turismo	Nelson e Pereira (2004); Ruschmann (2012)	Incentivo à conservação do ambiente natural	Degradação do ambiente natural
	Criação de áreas de proteção da fauna e da flora	Ruschmann (2012); Sachs (2002)	Valorização dos recursos naturais	Extrapolação do uso dos recursos
	Descarte correto de resíduos	Ruschmann (2012)	Separação e coleta dos resíduos sólidos	Poluição e contaminação das margens dos rios
	Uso racional dos recursos naturais	Nelson e Pereira (2004); Ruschmann (2012); Sachs (2002)	Impacto mínimo sobre os estoques pesqueiros	Desequilíbrio dos estoques pesqueiros
	Solidariedade diacrônica entre geração atual e futura	Nelson e Pereira (2004); Sachs (2002; 2008)	Utilização mínima dos recursos naturais pelo turismo	Ameaça de degradação extrema e extinção de espécies
Econômico	Incremento na renda das comunidades	Nelson e Pereira (2004); Ruschmann (2012); Sachs (2008)	Compensação financeira às comunidades	Poucas empresas compensam as comunidades
	Equidade na distribuição da renda	Nelson e Pereira (2004); Ruschmann (2012)	Geração de emprego e renda	Baixa remuneração da mão-de-obra local
	Organização turística	Nogueira (2006); Ruschmann (2012)	Alternativa econômica sustentável	Empresas atuando de forma ilegal e sem geração de renda no estado
	Incentivo do poder público	Nelson e Pereira (2004); Sachs (2002; 2008)	Fomento ao turismo local por empresários	Inexistência de incentivos públicos para o segmento
Social	Promoção de emancipação social	Nelson e Pereira (2004); Ruschmann (2012); Sachs (2008)	Melhoria de vida das comunidades locais	Mudança de comportamento das comunidades locais
	Interação cultural	Ruschmann (2012)	Intercâmbio cultural	Aculturação das comunidades
	Produção mínima de ruídos	Ruschmann (2012)	Aumento da demanda turística	Perturbação sonora nas comunidades e recursos pesqueiros
	Desenvolvimento do orgulho étnico	Nelson e Pereira (2004), Ruschmann (2012)	Valorização da cultura local	Descaracterização de costumes locais

Social	Capacidade de carga (ecológica, social e psicológica)	Ruschmann (2012)	Aproveitamento da diversidade natural	Conflitos entre os usuários
	Planejamento participativo	Nelson e Pereira (2004); Nogueira (2006); Sachs (2002; 2008)	Infraestrutura turística satisfatória	Planejamento e gestão ineficazes
	Capacitação e treinamento para o turismo	Nelson e Pereira (2004); Nogueira (2006)	Promoção de capacitação profissional	Mão-de-obra local em funções menor remuneradas
	Participação efetiva da comunidade no turismo	Nelson e Pereira (2004); Nogueira (2006); Ruschmann (2012)	Envolvimento das comunidades locais	Marginalização da comunidade nos processos de gestão

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A observância do Quadro 3, que alia parte da literatura à prática percebida pelos 23 respondentes, permite a inferência de que o turismo no Baixo Rio Branco, ao mesmo passo que apresenta prospectos e ações sustentáveis, reflete um fenômeno que sofre com políticas públicas defasadas, desordenamento e gestão ambiental ineficazes que resultam em cerca de 21 anos de conflitos sociais entre seus usuários e ameaças de degradação.

Quando questionados sobre seu envolvimento nas ações de planejamento e gestão dos recursos naturais do Baixo Rio Branco, os respondentes afirmaram que não se sentem contemplados e encontram-se insatisfeitos com a forma como os recursos são geridos, especialmente no que tange à ineficácia ou inexistência de ações do poder público que mitiguem os conflitos sociais entre os usuários dos recursos pesqueiros.

É evidente que outras questões são cruciais para que a atividade trilhe, de fato, os caminhos da sustentabilidade e que, embora não tenham sido pontuados pelos sujeitos consultados, puderam ser observados no decorrer da observação participante, tais como: i) ausência de regulação da atividade de pesca amadora praticada por pescadores recreativos, que foram observados em grande quantidade durante as pesquisas de campo empreendidas semanalmente à comunidade de Vista Alegre, em Caracaraí, onde há grande fluxo de embarcações de pequeno porte; ii) ocorrência de pesca predatória em unidades de conservação; iii) dizimação de espécies animais ameaçadas de extinção, com maior incidência de tráfico de quelônios em períodos de desova; iv) ocorrência da atividade ilegal de mineração na região e, principalmente, nas

proximidades das comunidades locais, que tem degradado o leito dos rios e dizimado espécies aquáticas que consistem no sustento alimentar das comunidades locais.

Ressalta-se que a extrapolação de uso dos recursos naturais apontados no decorrer da pesquisa não ameaça somente a atividade turística, cujo potencial é inquestionável e que deve consistir em ferramenta de incremento de renda e valorização social em uma perspectiva mais responsável, como também põe em risco a saúde e sobrevivência das comunidades ribeirinhas e indígenas que residem às margens dos rios no Baixo Rio Branco, assim como das espécies animais e vegetais endêmicas daquele ecossistema.

Nesse sentido, o estudo corroborou com Nogueira (2006), ao indicar a urgência de identificar estratégias sustentáveis que permitam a otimização da gestão dos recursos naturais aqui discutidos, sobrelevando a necessidade de adoção do planejamento participativo como ferramenta viável para que os distintos atores sociais - entre eles os empresários de turismo, gestores públicos locais, órgãos oficiais responsáveis pelo ordenamento ambiental, comunidades locais, pescadores profissionais, pescadores amadores recreativos, instituições acadêmicas, bem como outras entidades correlatas - possam colaborar efetivamente, sobretudo, para que os estoques pesqueiros sejam aproveitados de forma justa e racional, em uma perspectiva conservacionista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu identificar o total de 25 empresas que ofertam pacotes no segmento de turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco-RR, por meio de barcos-hotéis, estruturas flutuantes e hotéis de selva, no período de outubro a março, época em que o nível das águas propicia, sobretudo, a captura de tucunarés (*cichla*), também conhecidos como *peacock bass*, espécie mais procurada pelo pescador esportivo.

Dentre as empresas operadoras identificadas, somente sete eram conhecidas pelo órgão público regulador de atividades em ambientes naturais em Roraima, e, no ato da pesquisa de campo, foi possível identificar que somente quatro empresas operadoras estavam regulares no Cadastur na atividade de

“Empreendimento de Apoio ao Turismo Náutico ou à Pesca Desportiva”, demonstrando a urgente necessidade de viabilizar estudos que compreendam a real capacidade de carga dos rios e lagos do Baixo Rio Branco, com a finalidade de evitar que a atratividade turística seja causadora de sua degradação.

Com o estudo realizado, foi possível compreender também o contexto em que a oferta turística é desenvolvida no Baixo Rio Branco, em Roraima, levando à inferência de que é mais que necessário mudar o discurso acadêmico voltado para as potencialidades turísticas do segmento na região para o empreendimento de pesquisas que colaborem com a elaboração de instrumentos que auxiliem a criação de novos planos de manejo, bem como de instrumentos de planejamento, gestão e desenvolvimento que respondam às necessidades ambientais, econômicas e sociais da região, de forma integrada, por meio da participação efetiva dos distintos atores sociais que utilizam os recursos.

A pesquisa permitiu, ainda, perceber que as condições sob as quais o turismo se desenvolve atualmente no Baixo Rio Branco caminham de forma insustentável, devido, em grande parte, à inexistência de ações concretas do poder público que viabilizem o uso adequado e racional dos recursos hídricos e pesqueiros da região, bem como de medidas concretas que coíbam atividades ilegais, que encontram cenário propício diante das ineficazes e limitadas ações regulatórias.

Dentre as limitações da pesquisa, estão: a distância geográfica entre o objeto de estudo e o local de residência da pesquisadora, que oneraram em tempo e custos a realização das pesquisas de campo; a restrita quantidade de referencial teórico atualizado acerca do tema em nível local; a delimitação de conteúdo imposta pela estrutura do artigo, que inviabilizou análises mais aprofundadas sobre o tema e a inesperada e ampla disseminação do vírus *Sars-CoV-2*, causador da pandemia da Covid-19, que impossibilitou a realização de entrevistas *in loco* nas comunidades de Caicubi e Santa Maria do Boiaçu, restringindo a coleta de dados às consultas virtuais, que causaram morosidade e limitações ao processo investigatório, dadas as dificuldades de acesso à internet pelos moradores locais.

Pensar o planejamento, a gestão e a oferta do turismo de Pesca Esportiva no Baixo Rio Branco sob a ótica da sustentabilidade, embora pareça utópico e

ideológico, consiste no esforço necessário para que a atividade se sustente a longo prazo. A pesquisa permitiu elucidar que é necessário abandonar a visão maniqueísta do fenômeno turístico praticado na região do Baixo Rio Branco, pois, ao mesmo tempo em que ele promove a localidade e gera renda em uma ótica mais conservacionista, a não observância de aspectos relacionados às limitações de uso dos recursos naturais, da efetiva atuação do poder público na regulamentação das atividades de pesca na região, bem como da inserção das comunidades e demais usuários no processo de manejo, gestão e desenvolvimento podem resultar na ocorrência de danos sociais e ambientais irreversíveis.

Por fim, é válido ressaltar que o estudo realizado não se esgota em si mesmo, sendo necessário o empreendimento de novas investigações acadêmicas no Baixo Rio Branco, a fim de contemplar a complexidade do fenômeno turístico praticado na região sob diferentes prismas, para que seja possível identificar, até mesmo, novos modelos de desenvolvimento que respondam às necessidades e especificidades das comunidades e da biodiversidade local.

Como contribuições para pesquisas futuras, a investigação aponta, ainda, a necessidade de compreender também, de forma qualitativa e quantitativa, a atividade praticada por pescadores amadores recreativos, que consiste em um grupo em ascensão no estado de Roraima, conforme constatado durante observação participante, bem como a urgência de pesquisas que levem à compreensão das necessidades e peculiaridades de cada uma das 17 comunidades ribeirinhas e das comunidades indígenas que residem no Baixo Rio Branco, a fim de viabilizar a elaboração e a implementação de planos de manejo e gestão integrados e compatíveis com seus anseios.

REFERÊNCIAS

BANDUCCI JUNIOR, A. **Catadores de iscas e o turismo de pesca no Pantanal Mato-Grossense**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BRAGA, R. **Dicionário de Turismo**. São Paulo: Uniletras, 2003.

BRASIL. EMBRATUR. Programa Nacional de Desenvolvimento da Pesca Amadora. **Guia brasileiro de pesca amadora. Brazilian sportfishing guide.** Brasília: PNDPA, 1999.

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de Junho de 2009. Brasília: 29 jun. 2009. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em: 5 jun. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo:** marcos conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação. **Turismo de Pesca:** orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BURSZTYN, M. (org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável.** Brasília: Editora Brasiliense, 1993.

CAMPOS, Ciro (org.). Instituto Socioambiental. **Diversidade socioambiental de Roraima:** subsídios para debater o futuro sustentável da região. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

CAVALCANTE, M. M. A. et al. Amazônia: explorando o Baixo Rio Branco - Roraima/Amazonas. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 40, p. 203-217, 2020.

CREPALDI, D. V. **Avaliação rápida dos estoques de *Cichla* no rio Água Boa do Univini e proposição de medidas de gestão.** Belo Horizonte: IBAMA, 2014.

DIAS, R. **Introdução ao turismo.** São Paulo: Atlas, 2008.

DIAS, R. **Planejamento do turismo:** política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2008.

FILHO, H. de O. S.; ANDRETTA, R. A.; NOGUEIRA, E. M. Diagnóstico preliminar do potencial de desenvolvimento da atividade de pesca esportiva na região do Baixo Rio Branco, estado de Roraima. **Bol. Téc. Cient. Cepnor**, Belém, v. 5, n. 1, p. 173-195, 2005.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora

da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Panorama. **Roraima**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/panorama>. Acesso em: 5 jun. 2021.

LA TORRE, O. de. **El turismo, fenómeno social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, S.; RODRÍGUEZ, S. **Planejamento integral do turismo**: um enfoque para a América Latina. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

NELSON, S. P.; PEREIRA, E. M. (org.). **Ecoturismo**: práticas para turismo sustentável. Manaus: Editora Valer/ Uninorte, 2014.

NOGUEIRA, E. M. Turismo no Baixo Rio Branco: Diagnóstico de capacitação e infra-estrutura. **Norte Científico**, v. 1, p. 15-27, 2006.

NOGUEIRA, E. M. **Em busca de um referencial teórico para situar impactos causados pela pesca esportiva nas comunidades de Terra Preta, Lago Grande e Canaueni região do Baixo Rio Branco Roraima Brasil**. I CONNEP – I Congresso de Pesquisa e Inovação em Rede – Um desafio para a Educação Profissional e Tecnológica de Qualidade. Natal: CEFET-RN, 2006, v.1. p.1-2.637.

NOGUEIRA, E. M. et al. O. **Mapa dos Hotéis de Selva do Baixo Rio Branco - Roraima - Brasil**. Faro: UAlg ESGHT Universidade de Algarve, 2013, v. 1, p. 73-88.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

RIBEIRO, W. C. Desenvolvimento sustentável e segurança ambiental global. Biblio 3W, **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. VI, n. 312, p.1-10, 2001a. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-312.htm> Acesso em: 13 jul. 2016.

RORAIMA. Governo do Estado de Roraima. Lei nº 815, de 07 de Julho de 2011.

Roraima: 07 jul. 2011. **Diário Oficial do Estado de Roraima (DOERR)**. Disponível em: <https://www.tjrr.jus.br/legislacao/phocadownload/leisOrdinarias/2011/Lei%20Estadual%20815-2011.pdf> . Acesso em: 5 jun. 2021.

RORAIMA. Fundação Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – FEMARH. Portaria Normativa nº 07, de 24 de Setembro de 2015. **Diário Oficial do Estado de Roraima (DOERR)**. Roraima: 24 set. 2015. Disponível em: <http://https://www.jusbrasil.com.br/diarios/100975079/doerr-24-09-2015-pg-18>. Acesso em: 5 jun. 2021.

RUSCHMANN, D. V. de M.. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papiрус, 2012.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SACHS, I. Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 33, p. 151-165, abr./jun. 2005.

SOUZA, A. M.; CORRÊA, M. V. M. **Turismo: conceitos, definições e siglas**. Manaus: Valer, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2011.

UNWTO. **World Tourism Organization Global Code of Ethics for Tourism**. General Assembly. Santiago: UNWTO, 1999. Disponível em: <http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/gcetpassportglobalcodeen.pdf> Acesso em: 12 jul. 2016.

USSAMI, H. Empresa de Energia Energética – EPE. **Bacia hidrográfica do Rio Branco/RR: estudos de inventário hidrelétrico**. São Paulo: Hydros Engenharia, 2010.

VITÓRIO, L. de S. **Turismo de base comunitária: análise quanto às interferências do turismo de pesca no Baixo Rio Branco, Roraima, Brasil**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Caxias do Sul. 2014.



DESTINO TEPEQUÉM: MITO, NATUREZA E DESAFIOS DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Lauro José de Albuquerque Prestes¹

RESUMO

Este artigo representa o esforço de elaboração de uma análise do discurso sobre o turismo na Serra do Tepequém. Tal abordagem possibilita perceber como os diferentes discursos dos atores e instituições locais convergem para a necessidade da implementação de práticas sustentáveis de aproveitamento turístico na Serra do Tepequém a partir da segurança jurídica gerada pela regularização fundiária na região. O problema de pesquisa neste artigo relaciona-se às dificuldades enfrentadas por estes agentes quanto a não realização do licenciamento ambiental exigido para a materialização do Plano Diretor, enquanto instrumento de planejamento necessária à regularização da gleba Tepequém. Assim, temos como objetivos específicos: a descrição dos desafios quanto ao desenvolvimento de uma abordagem exploratória, que utiliza-se da análise do discurso como técnica de pesquisa. Ao mesmo tempo em que busca-se evidenciar os desafios vivenciados pela comunidade local na busca em implementar práticas sustentáveis de manejo ambiental, aliadas às atividades econômicas do turismo. Nesta perspectiva, desenvolvemos uma abordagem qualitativa, a partir da análise de entrevistas e consulta a bibliografias especializadas, na busca em interpretar os significados das falas e dos discursos sobre o turismo no Tepequém. A metodologia utilizada convergiu para a abordagem e interpretação da análise dos discursos extraídos do Documentário *Serra do Tepequém: paraíso ameaçado*, produzido pela TV Assembléia, Canal 57.3. Os resultados indicam uma ausência do poder público quanto à implementação de ações de

¹ Me. Lauro José de Albuquerque Prestes é licenciado e bacharel em Ciências Sociais (UVA). Especialista em Gestão para o Etnodesenvolvimento (NUHSA/UFRR) e em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFSC/UFRR). Mestre em Sociologia (UFC), com MINTER em Antropologia (UFPE). Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimento e Destinos Turísticos Sustentáveis (IFRR).

fiscalização para coibir a prática da especulação imobiliária e geração de impactos ambientais, sobretudo, as que se relacionam à capacidade de suporte ambiental.

Palavras-chave: Destino Turístico. Licenciamento Ambiental. Especulação Imobiliária.

ABSTRACT

This article represents the effort to elaborate an analysis of the discourse on tourism in Serra do Tepequém. This approach makes it possible to see how the different discourses of local actors and institutions converge to the need to implement sustainable practices for tourism use in Serra do Tepequém, based on the legal security generated by land title regularization in the region. The research problem in this article is related to the difficulties faced by these agents, regarding not carrying out the environmental licensing, required for the materialization of the Master Plan, as a necessary planning instrument for the regularization of the Tepequém tract. Thus, we have as specific objectives: the description of the challenges regarding the development of an exploratory approach that uses the analysis of the discourse as a research technique, while seeking to highlight the challenges experienced by the local community, in the search for implement sustainable environmental management practices, combined with economic activities in tourism. In this perspective, we developed a qualitative approach, based on the analysis of interviews and consulting specialized bibliographies, in an attempt to interpret the meanings of the speeches and discourses about tourism in Tepequém. The methodology used converged to the approach and interpretation of the analysis of the speeches, extracted from the Documentary "Serra do Tepequém: threatened paradise", produced by TV Assembleia, for Channel 57.3. The results indicate an absence of public authorities regarding the implementation of inspection actions to curb the practice of real estate speculation and the generation of environmental impacts, especially those related to environmental support capacity.

Keywords: Tourist destination. Environmental Licensing. Real estate speculation.

INTRODUÇÃO

A degradação do meio ambiente resultante das atividades de mineração, visitas, invasões e especulação imobiliária, que vem ocorrendo de forma acelerada nos últimos anos na Serra do Tepequém, tem ocasionado impactos e

interferências negativas do ponto de vista ambiental, social e cultural, resultando em consequências críticas para a conservação da natureza e manutenção da cultura das comunidades tradicionais locais.

Assim, o objetivo deste artigo é fazer evidenciar que o discurso sobre o aproveitamento turístico, como uma das dimensões desta realidade, pode se constituir em uma estratégica para analisar as condições do atual modelo de desenvolvimento dessa atividade econômica na Serra do Tepequém, ao mesmo tempo em que se converte em fator de conscientização ambiental, em especial quanto à viabilidade e sustentabilidade dos empreendimentos turísticos nesta região.

Primeiramente, demonstraremos que o discurso do aproveitamento turístico se refere a uma alternativa econômica à situação de exploração resultante da atividade do garimpo que, uma vez proibido, passou a exigir possibilidades para o desenvolvimento sustentável na região.

Já num segundo momento, analisamos como a construção do discurso do aproveitamento turístico serve como indutor das motivações da especulação imobiliária que se instala, alterando, por consequência, o planejamento do Plano Diretor e a legitimidade das ocupações, sem a necessária preocupação com as interferências resultantes desta atividade econômica para o meio ambiente e as comunidades tradicionais.

Assim, considerando o crescente interesse quanto à prática da realização de atividades de visitação turística e ecoturismo neste destino em Roraima, esta pesquisa tem por finalidade analisar: De que modo   análise do discurso sobre a ocupa o e a prática do planejamento e gestão do destino Serra do Tepequém pode colaborar na compreensão das diferentes intera o es homem-natureza-cultura a partir do desenvolvimento do turismo nesta região?

Ademais, busca analisar: Como a interpreta o das diferentes ênfases e nacos discursivos presentes nas falas e narrativas dos atores sociais locais sobre a ocupa o e prática do planejamento de empreendimentos turísticos na Serra do Tepequém revela às interfaces apresentada pelo fen meno do desenvolvimento deste modelo de atividade econ mica no estado?

De modo a analisar o discurso sobre o aproveitamento turístico do destino

Tepequém, selecionamos o Documentário *Serra do Tepequém – paraíso ameaçado*, de agosto de 2020, com 28:20 min, produzido pela Assembléia Legislativa de Roraima, através da TV ALE, do qual foram selecionadas falas, narrativas e discursos que evidenciam o processo de interferência ambiental, social, cultural e econômico, resultante da especulação imobiliária e insegurança jurídica instalada neste destino turístico do estado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Bardin (1977 apud TOMAZZONI, 2006, p. 341-342), os discursos contêm mensagens sutis, subliminares, veladas, até misteriosas, que desafiam o espírito de investigação e o aguçar dos sentidos para o desvendar das razões e envolvimento dos diversos fatores e atores responsáveis por sua construção e difusão. Assim, de acordo com Tomazzoni (2006, p. 341):

O discurso, como uma forma de representação simbólica das relações de forças entre grupos em luta no campo da política, é uma das principais estratégias de conquista de poder no mundo atual. A ideia geral e inicial que vem à mente sobre análise do discurso é que o seu objetivo é confirmar que aquilo que se vê, se ouve, ou se lê, é, efetivamente, o que a mensagem transmite.

De acordo com essa proposta, o discurso se converte num campo de disputas pelo poder, constituindo-se numa estratégia de afirmação de interesses individuais e de grupos através da prática discursiva, motivada pelo jogo argumentativo instaurado. Neste caso, a motivação se explica pela necessidade de legitimação da verdade frente às situações conflitantes advindas da necessidade de impor uma ordem às coisas.

Por esta razão é que importa questionar quem são seus emissores e receptores, bem como para quê e a quem interessa a eficácia do discurso. No caso em questão, sobre as falas e discursos que se referem ao aproveitamento do destino turístico Tepequém, os atores e instituições implicadas no jogo argumentativo são representados por: empresários do turismo, representantes e associados da Associação dos Empreendedores em Turismo do Tepequém (ASSETT), técnicos da Superintendência de Patrimônio da União (SPU) e comunidade local. Tal como nos adverte Tomazzoni (2006, p. 342-343):

O discurso pode, portanto, dirigir-se a determinados grupos adaptando-se aos interesses desses grupos receptores, ou com objetivos de provocar sobre eles mudanças de ideias e de comportamentos. O discurso do turismo pode ser dirigido, por exemplo, aos turistas, às comunidades hospitaleiras, a estudiosos e interessados na área. Assim, uma das funções da análise do discurso do turismo é conhecer tanto o emissor quanto o receptor turístico.

No caso em análise, importa considerar quais grupos podem ser considerados emissores e receptores do discurso do aproveitamento turístico no Tepequém, que passa a ser elaborado com o objetivo da legitimação de interesses referentes à ocupação e exploração imobiliária ocorrida naquela região.

Nesse sentido, por sua contextualização social, é que a análise do discurso (AD) se difere da análise de conteúdo (AC), tal como argumenta Caregnato e Mutti (2006, p. 681):

[...] na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes.

Nesse caso, o indivíduo se identifica como portador de um metadiscurso, ao mesmo tempo em que percebe ser possível realizar algum controle sobre a linguagem falada, sem fazer menção à representação do interdiscurso, tal como uma memória socialmente estabelecida e que coloca o indivíduo numa cadeia de fenômenos.

No entanto, o que as distintas formas de análise têm em comum é que, ao tomar como objeto de estudo o discurso, este implica na negação contextual da realidade, tal como um discurso neutro sobre os acontecimentos do mundo, ao mesmo tempo em que apelam para a reificação da importância utilitária do discurso como forma de justificação da vida social.

Dessa forma, a formação discursiva constitui-se na relação com o interdiscurso e o intradiscurso. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer, sentidos do que é dizível e circula na sociedade, saberes que existem antes do sujeito, saberes pré-construídos e/ou constituídos pela construção coletiva. O intradiscurso é a materialidade, ou seja, a formulação

do texto, o jogo discursivo elaborado a partir da fala dos sujeitos envolvidos (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 681).

Tal jogo discursivo, associado à manipulação da fala como forma de legitimação de interesses, no caso do destino turístico Serra do Tepequém, passa a ser utilizado de modo a não fazer evidenciar a interferências e impactos ambientais decorrentes do não controle da capacidade de suporte das visitas, bem como da resultante expansão da especulação imobiliária sobre os atrativos e produtos naturais desta região. Como nos adverte Moesch (2000 apud TOMAZZONI, 2006, p. 344):

A ideologia, como categoria turística, permanece no campo das informações totalitárias que dão uma imagem ideal/lendária das localidades, bem como, da relação entre visitantes e visitados, isentando de qualquer tipo de impacto. O turismo, como mola de desenvolvimento das localidades, é tido como ideal promissor do progresso para os nativos, alavanca de modernidade e de enriquecimento de cidades e países pobres, relação linear de progresso e bem-estar.

Neste caso, a ideologia do turismo, como propulsor do desenvolvimento do destino Tepequém, serve como argumento para o discurso do progresso econômico desta localidade, sem o necessário questionamento dos limites e da capacidade de suporte do meio ambiente. Ademais, sem que se leve em consideração a legislação ambiental, a partir da elaboração de um minucioso planejamento para o aproveitamento turístico.

Contudo, importa destacar que para os receptores do discurso do aproveitamento turístico do Tepequém, tal como os moradores da Vila do Pai-va e Cabos e Soldados, cabe o questionamento sobre quem serão os reais beneficiários do desenvolvimento turístico ocorrido na região; se os empregos e facilidades possivelmente gerados com esta atividade econômica serão apropriados socialmente pelos moradores das comunidades envolvidas com o turismo; e mesmo se vale a pena pôr em jogo o bem-estar comunitário e o equilíbrio ambiental em troca da promessa do desenvolvimento econômico através do turismo.

Por esta razão, importa destacar que o poder simbólico do discurso do aproveitamento turístico do destino Tepequém, sendo essencialmente um jogo simbólico, implica numa dimensão argumentativa, em que os indi-

víduos são influenciados e convencidos a aceitar determinadas ideias, bem como adotar determinadas práticas e comportamentos que convergem para a apropriação deste discurso, não deixando de considerar que “(...) o poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras”, tal como um saber fazer resultante da interação social dos agentes envolvidos contextualmente (BOURDIEU, 2000, p. 141).

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo seguiu as orientações de abordagem da análise do discurso. Tal postulado de investigação fundamenta-se na pesquisa qualitativo-interpretativista, de caráter indutivo, em que o objeto de investigação é analisado em seu contexto sociocultural, na tentativa de atribuir sentido aos fenômenos observados, levando em conta os significados que as pessoas lhes conferem. Dessa forma, segundo Minayo (1995, p. 21-22):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Tal como um modelo de pesquisa exploratório, a abordagem de pesquisa qualitativa, ao especular sobre contexto da alegação do aproveitamento turístico do destino Tepequém, busca evidenciar o caráter subjetivo das narrativas e argumentações, de modo a compreender o comportamento, as ideologias e intenções dos agentes e instituições envolvidas no fenômeno de construção do discurso sobre o turismo a partir deste destino.

Já a ênfase interpretativa se refere ao um modelo teórico-metodológico de pesquisa nas Ciências Sociais, em que o pesquisador busca compreender o mundo a partir do ponto de vista dos atores envolvidos, tal como um nível de experiência subjetiva.

É nesse sentido que “(...) na visão interpretativista, é o fator qualitativo, ou particular, que interessa. Pesquisas dessa natureza objetivam investigar os processos que subjazem à produção e à compreensão linguística” (DIVAN; OLI-

VEIRA, 2008, p. 190).

Tal modelo de abordagemêmica do discurso toma como objeto de análise interpretativa o contexto social do turismo a partir da perspectiva dos participantes envolvidos, como uma estratégia de sondagem da linguagem, capaz de revelar a compreensão do fato social analisado, ao mesmo tempo em que confronta o contexto das interações sociais com as interpretações do pesquisador.

A opção por esta abordagem metodológica deveu-se, especialmente, por duas razões motivadoras: a) Pela abundância de depoimentos e entrevistas contidas no Documentário *Serra do Tepequém – paraíso ameaçado*, produzido pela TV ALE, da Assembleia Legislativa do Estado de Roraima; b) E pelas circunstâncias e limitações para o desenvolvimento da pesquisa, em meio a Pandemia por Sars-Cov.2/Covid 19.

As leituras bibliográficas, contida em livros, artigos e periódicos especializados foram sendo selecionadas e analisadas por extensão das atividades com as disciplinas da Especialização em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis, ofertada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR).

Já o tratamento dos dados foi realizado a partir da transcrição de entrevistas contidas nos depoimentos apresentados pelo material em mídia para, posteriormente, serem analisados em seu contexto interpretativo. Neste sentido, importa destacar, segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 682), que:

Na interpretação é importante lembrar que o analista é um intérprete, que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido.

Desse modo é que, na pesquisa qualitativa interpretativa, o pesquisador não realiza sua pesquisa somente através das impressões de seu próprio olhar, mas, sobretudo, através da interpretação dos olhares específicos fornecidos pelo conjunto de dados disponíveis, considerando que o saber teórico, de certa forma, é oriundo do saber comum.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados aqui apresentados referem-se a um compilado de informações que foram analisadas a partir de fontes secundárias, coletadas a partir de depoimentos fornecidos em entrevistas, documentários, periódicos e jornais disponíveis na internet a partir de sites e blogs oficiais, tais como: o Portal Roraima Turismo (CADASTUR), site TV ALE/RR, Blog @jôviajou, Blog Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira, Portal G1 Roraima e Jornal Folha de Boa Vista.

Ao consultarmos essas diversas fontes disponíveis, evidenciamos que o termo *Tepequém* tem sua origem semântica incerta, uma vez que, tradicionalmente, registra-se que esse nome é originado das palavras indígenas macuxi *Tupã queem*, significando Deus do fogo, por esta região se localizar sobre um vulcão extinto há alguns milhares de anos.

De acordo com esse relato², esse vulcão mítico e zangado, que queimava as plantações e roçados de macaxeira das malocas próximas, apavorava os indígenas daquela região, que se encontravam desesperados, pois não havia mais o que caçar ou pescar. Em consequência, o fogo destruía as roças de macaxeira, banana, buriti e tucumã, os animais fugiam assustados e os pássaros já não sobrevoavam mais a região.

Assim foi que, certo dia, o Pajé convocou todos da tribo para se reunirem em volta da fogueira, narrando a lenda macuxi que, nesse momento, o Pajé recebeu uma mensagem: “Teriam que ser sacrificadas três lindas virgens, pois só assim seria aplacada a fúria do vulcão”.

Tal como relatado, as três mais bonitas cunhantãs (moças) virgens se apresentaram para realizarem o sacrifício em benefício de seu povo, e, num gesto altruísta de renúncia, atiraram-se ritualisticamente dentro do vulcão em oferenda ao deus furioso.

Assim, uma vez aceito o sacrifício, decorreram-se os dias em que se viu aplacada a fúria do vulcão, que parou de jorrar suas lavas de fogo e começou a lançar diamantes, acompanhado do aparecimento de belíssimas cachoeiras,

2 Fonte: Ver Portal Roraima Turismo (CADASTUR). **Tepequém**: espaço físico e místico. Departamento de Turismo (DETUR). Disponível em: <http://tepequem.rr.gov.br/index.php/conheca-o-tepequem>. Acesso em: 19 jan. 2021.

como resultado das lágrimas das virgens sacrificadas.

Ao final desse ritual de sacrifício, a vida na região voltou ao normal, surgindo nova vegetação, os animais regressaram e muitas riquezas surgiram no local. O vulcão, hoje adormecido, transformou-se num grande platô, que tem à sua frente três lindas serras que representam as virgens sacrificadas.

Outras fontes apontam para a figura de Robert Hermann Schomburgk (1804-1865), que, patrocinado pela *Royal Geographical Society*, em 1830³, visava estabelecer os limites do território da colônia inglesa na América do Sul. De acordo com esta interpretação, Schomburgk usou a palavra *top* para descrever as serras e, para a maior delas, ele denominou Serra Rei, isto é, *Top-king*, que passou a ser chamada, a partir do dialeto dos caboclos da região, de *Tepe-quém*.

Mas, sobretudo, a mais aproximada ancestralidade semântica para o termo Tepequém se refere a sua origem geológica, de serra em formato de platô, constituindo-se num gigantesco bloco rochoso de forma tabular, predominante arenítica, o que na região denomina-se de *tepui*⁴ (tepuyes), tal como o termo indígena do grupo Pemon, de origem Carib, usado para denominar as montanhas encontradas na Gran Sabana, região da venezuelana e proximidades, que apresentam a forma semelhante a de uma mesa retangular⁵.

Contudo, seja qual for o real significado da origem semântica do termo *Tepequém*, observa-se que essa grande serra encontra-se envolta em uma confusa narrativa, em que hora é reivindicada a ancestralidade indígena para a origem do nome (macuxi e taurepang-pemon), hora são os interesses da do-

3 Fonte Revista Brasil-Europa - correspondência Euro-Brasileira: Robert Hermann Schomburgk, filho do pastor luterano Johann Friedrich Ludwig Schomburgk, nasceu na Saxônia, onde obteve a sua primeira formação. O relato que enviou à *Royal Geographical Society* causou impressão tão favorável nos meios científicos de Londres que, em 1835, foi encarregado de dirigir uma expedição à Guiana Inglesa. Em 1841, retornou à Guiana, agora como oficial do Governo Britânico para supervisionar a colônia e delimitar as suas fronteiras. Estabeleceu limites provisórios entre a Guiana e a Venezuela, que passou a ser conhecido como Schomburgk Line. Também estabeleceu fronteiras com Suriname, dos Países Baixos. Procurou fixar fronteiras com o Brasil, premido pelos problemas da escravização de indígenas.

4 Fonte Wikipedia: Enciclopédia Livre - O tepui é um tipo de meseta especialmente abrupta, com paredes verticais e cimo geralmente plano, composto de quartzito e arenito contendo leitos de ardósia característico do chamado Escudo das Guianas principalmente na zona da Gran Sabana venezuelana. Estas singulares formações também são encontradas em menores proporções nos países vizinhos como a Guiana, a Colômbia e o Brasil.

5 Também se considera o termo tepui uma variação do top/tepe. A serra localiza-se em uma formação geológica muito antiga que remonta ao pré-cambriano, e que dadas as suas características apresenta uma rica formação mineral, por isso vem desde o século XIX, provocando a curiosidade e a cobiça de muitas expedições.

mineração e exploração econômica (ingleses e da sociedade nacional) que prevalecem, de modo a impor a essa região uma definição cultural de terra de garimpo, mineração e especulação.

Contudo, a Serra do Tepequém está localizada nas terras pertencentes ao território do Amajari, um município ao norte do estado de Roraima, possuindo uma área de aproximadamente 28.472 km². Seus limites são a Venezuela a Oeste e Norte, Pacaraima a Leste, Boa Vista a Sudeste e Alto Alegre ao Sul.

Situa-se a 210 km da capital Boa Vista, apresentando vários atrativos, tais como o platô da Serra do Tepequém, que chega a uma altitude de 1.022 m acima do nível do mar⁶. Sua economia tem por base, essencialmente, o turismo e o artesanato, sendo uma região propícia à realização de atividades como trekking, maratonas, práticas de ciclismo ecológico, rapel, banhos de cachoeiras, observação de aves diurnas e noturnas, trilhas de moto e com automóvel 4x4, observação da flora local, como orquídeas e bromélias de várias espécies, animais e insetos, ainda a visitação de lagoas, grutas e cachoeiras, entre outras atividades.

Esse acolhedor município roraimense contém ainda 19 comunidades indígenas⁷, com comidas típicas, tais como a damorida e o beiju. Tem como bebida o caxiri, contando com uma rica produção de artesanatos feitos em pedra sabão. Nas festas e manifestações culturais, os indígenas apresentam o forró da maloca e a danç  do parixara aos visitantes, que buscam praticar o etnoturismo nas comunidades⁸.

Essa região foi o cenário de um dos mais contraditórios períodos econômicos experimentado pelo antigo Território Federal de Roraima, o atual estado de Roraima.  poca essa caracterizada pela exploração de ouro e diamantes, cuja história se faz presente na memória dos antigos moradores que viveram e/ou frequentaram a Vila do Cabo Sobral, principal centro das relações sociais nos tempos em que os diamantes do Tepequém eram a moeda corrente de

6 Fonte: Jornal Folha de Boa Vista – A Lenda do Tepequém e o Sacrifício das Virgens. Acessado em 19/01/2021, << <https://folhabv.com.br/coluna/MINHA-RUA-FALA/10578>>>.

7 O município de Amajari possui em sua região oito Terras Indígenas, totalizando 19 comunidades indígenas. As etnias presentes atualmente são: do povo Macuxi, Wapichana, Sapar  e Taurepang.

8 Fonte: Blog @J viajou – Blog de Turismo: eu fui, irei e estou... <http://joviajou.com/roraima/o-que-fazer-em-roraima-serra-do-tepequem-amajari>. Acesso em: 19 jan. 2021.

troca entre os moradores.

Mas não sem consequências, pois a região ficou marcada pelos vestígios dos danos ambientais causados por esta atividade econômica, tais como as alterações ambientais causadas pelas lavras da mineração, no desvio dos vários cursos de rios e intervenções em rochas, o desmatamento, a extinção de espécies da fauna e da flora, a contaminação das águas por mercúrio, sobretudo, pela ocupação e povoamento, que acabou por imprimir a presença de uma população que mantém as referências históricas da presença do antigo garimpo na região.

Não obstante, essa serra apresenta diversas atividades ligadas ao ecoturismo, sendo as trilhas e as visitas ao platô da Serra do Tepequém a principal delas. Como é o caso da Vila do Paiva, repleta de atrativos e produtos turísticos, somados às tradições indígenas originárias dos povos macuxi e taurepang (Pemon), com a cultura trazida e implantada por ex-garimpeiros, chegados na região a partir dos tempos áureos da mineração de ouro e diamantes.

Por consequência, o movimento de ocupação e povoamento da Serra do Tepequém, desde seus primórdios, sempre esteve ligado ao imaginário do Eldorado, favorecido pela atividade do garimpo na região⁹. Assim foi que, a partir do final da década de 1930 e em pleno desdobramento da 1ª Guerra Mundial, o platô do Tepequém foi descoberto, com seu extraordinário potencial para a atividade da mineração. Tal narrativa histórica pode ser exemplificada a partir do relato do Sr. Rony Buriti, filho de um ex-garimpeiro e morador da região, que em seu relato nos diz que:

Meu pai foi um dos que chegou aqui né... muitos anos atrás e o Tepe-

9 Os registros históricos a respeito da origem do garimpo e do povoamento do Tepequém são cercados de incertezas e desencontros históricos. Alguns dos fatos relevantes para a compreensão da forte migração e, conseqüentemente, criação da comunidade encontram-se documentados nas Crônicas do Rio Branco, documento escrito pelos monges beneditinos residentes na região de Boa Vista em meados de 1936. Dom Alcuino Meyer relata a respeito de um experiente garimpeiro paraibano Severino Pereira da Silva, que vivia na região do Cotingo: "*Severino foi ao Rio de Janeiro de avião levando muitos quilos de ouro e uma grande quantidade de diamantes no ano de 1936*" (Rodrigues, 2009; Vieira, 2009, p.86 e 87), fazendo assim a propaganda do potencial mineral da serra, incentivando que pessoas de várias regiões do Brasil, principalmente do Norte e Nordeste, viessem tentar fazer fortuna nos garimpos de Roraima. No mesmo documento encontra-se, também, o relato de uma das primeiras expedições para exploração do minério, datada de 1930, quando chegou ao Tepequém o geólogo guianense Mezach Breunstz, conhecido como Bruston, natural da Guiana Holandesa, hoje Suriname, acompanhado de dois homens. Esses chamados a serra por uns dos fazendeiros da região, Antônio Piauí, financiador da expedição e que buscava garantias a respeito da existência de diamantes na região.

quém na verdade foi descoberto no dia é... no dia 19/01/1937 né. E o meu pai chegou em 1938, filho daqui do Amajarí, próximo aqui da sede do município, a Vila Brasil e ele chegou aqui no Tepequém em 1938. Um dos desbravadores né, era o meu tio Jhonson que veio também, nessa, junto com essa equipe que veio descobrir Tepequém né, na verdade na época. Ele já esperava por uma boa notícia, da questão do garimpo aqui, e ele chegou 01 (um) ano depois que o garimpo foi desbravado na verdade (Entrevista Rony Buriti, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Como vemos, de acordo com a fala do Sr. Rony Buriti, esse morador faz menção à origem da descoberta e desbravamento da região da Serra do Tepequém como um lugar desabitado e com potencial para o garimpo. Assim, percebe-se que, por diversas vezes, é invocado o sentimento de pertença presente na posse das terras hoje ocupadas, o que vem de encontro à negação das narrativas das tradições indígenas originárias que já ocupavam essa região, seja de maneira fixa ou transitória.

Evidencia-se, com esse relato, a necessidade de construção de uma narrativa fundadora, tal como a indicada nos termos *descobridores* e *desbravadores*, capaz de justificar a inserção, ocupação e exploração de garimpeiros nessa região de Serra.

No mesmo sentido, qual seja, o da justificação da exploração econômica, a fala do ex-garimpeiro Sr. José Galdino é ilustrativo desse sentimento de eldorado, trazido pela atividade da mineração do ouro e diamantes, a saber:

Cheguei aqui como todo garimpeiro né, só com a cara e a coragem e a boroca rs... E aqui eu gostei muito desse lugar e eu acho que tinha alguma coisa assim que me atraía aqui... e pra chegar aqui foi um pouco difícil né, mas no sonho de pegar um grande diamante eu vim parar aqui no Tepequém, que eu fiquei sabendo que era um garimpo de diamante e eu já era garimpeiro (Entrevista José Galdino Moura, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Na fala desse ex-garimpeiro, a Serra do Tepequém representava tão somente a realização do sonho de conquista econômica, tal como indicado acima na fala do Sr. José Galdino, a partir do desejo de encontrar “um grande diamante”, sem referências à questão da preservação do meio ambiente e à perspectiva de desenvolvimento da atividade do turismo na região.

A mesma narrativa fundadora está presente nas histórias registradas

pelo Sr. José Galdino, em especial, a que relaciona a atividade do garimpo com a trajetória da migração de populações de outros estados do país. Nesses discursos, o Tepequém passa a se constituir como um lugar de garimpo, onde populações vindas do Nordeste do Brasil buscaram melhores condições de vida a partir da atividade da mineração. Tal como nos diz o ex-garimpeiro Sr. Raimundo Saraiva, ao relatar que:

Aí mandou me chamar lá, aí disse 'Raimundo Saraiva eu mendei lhe chamar porque nos vamos se embora pra Roraima e nos quer que você vá mas nois'. Aí, muito bem...vim aí em casa, combinei com minha mulher, 'cê que sabe, pra onde você for nos vamos'. Aí voltei lá e disse: pode mandar dizer pro homem lá que tava precisando de mim, que eu vou. 'Você vai mesmo?' Vou! Chegemo aqui no dia 11/11/76. Foi o seguinte...aí eu tava projetado pra ir pra Venezuela com esse filho dela. Aí ele veio aí na fronteira, mas ele foi preso. Mas ele passou sempre, aí ele me falou: 'bora olhar o Tepequém?' Vamo! Que ele já era acostumado a garimpar. Quando ele chegou aqui: 'não rapaz, aqui da pra gente escapar, nos fica aqui, nos vamos ficar aqui' (Entrevista Raimundo Saraiva, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Tal como relatado acima, na fala do Sr. Raimundo Saraiva, na época, a região Norte se constituía num atrativo para migrantes que cultivavam a atividade do garimpo e que, ao mesmo tempo, vinham com a intenção de melhorar de vida a partir da expectativa de encontrar ouro e grandes pedras de diamantes. Muito embora, tal como consta no relato, o interesse fosse chegar à Venezuela, encontraram na Serra do Tepequém o potencial do garimpo para a realização do sonho do eldorado migratório.

Contudo, importa considerar que a atividade do garimpo no Tepequém durou do final da década de 1930 até o final da década de 1990, quando o Governo Federal proibiu o garimpo na região, especialmente com o uso de maquinários. A partir desse momento, quem não foi embora em busca de outros locais para garimpar, precisou encontrar uma nova atividade para sobreviver. Como nos fala o ex-garimpeiro Sr. José Galdino ao relatar que:

A gente trabalhamo muito tempo no garimpo quando veio a paralização em 2000, aí muita gente foi embora né, desaconselhou mesmo, pra quem só vivia do garimpo. Aí eu fiquei, até eu brincava com os meninos, porque tinha uma porteira lá em cima, lá do maracajá, eu falei... que eu seria o último a sair daqui pra fechar a porteira. Graças a Deus não foi preciso né... a porteira fez foi se abrir mais para mim. A gente paralisou o garimpo e opinou pelo Turismo né. Foi assim uma parte bem difícil

porque tinha uma parte que era a favor do garimpo e outra do Turismo. Como o garimpo não tinha mais como voltar, que foi paralizado devido à degradação, aí a gente abraçou a questão turística. Nós fomos, praticamente, pioneiros nessa questão do Turismo. Muita gente sabe disso que a gente foi o primeiro restaurante aqui no Tepequém, hoje estamos com o comércio e para mim foi muito bom (Entrevista José Galdino Moura, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

De acordo com o relato acima, a paralisação das atividades de mineração na região do Tepequém trouxe consequências econômicas e sociais negativas para os moradores do lugar, uma vez que, após a proibição do garimpo pelo Governo Federal, a partir do ano de 2000, os antigos trabalhadores da mineração ficaram sem ter como sobreviver.

Em decorrência da exigência de paralisação das atividades e das dificuldades surgidas para as famílias que sobreviviam da mineração, de acordo com o relato, foi desenvolvido um trabalho de conscientização com os antigos garimpeiros do lugar sobre os impactos ambientais causados por esta atividade, bem como foi sugerido o aproveitamento dos recursos e atrativos naturais da Serra do Tepequém para o desenvolvimento de uma nova atividade econômica, agora relacionada ao Turismo, como demonstrado no depoimento abaixo:

Com o fechamento do garimpo na época né, é... ficou uma situação difícil para os moradores, pra quem vivia aqui no Tepequém, aqui na Vila do Paiva né... Como é que iria sobreviver né, já que o forte era o garimpo? E aí o garimpo chega a fechar, o governo federal vai e fecha o garimpo né e aí foi quando nasceu na verdade essa questão de explorar. E como é que a população ia sobreviver daqui do Tepequém, sem o garimpo? Mas graças a Deus que... Deus sempre abre uma porta e abriu essa porta chamado Turismo. Do ponto de vista de algumas pessoas, hoje o turismo é o nosso garimpo (Entrevista Rony Buriti, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Na fala do Sr. Rony Buriti, embora o Turismo tenha surgido como alternativa de geração de renda em um momento posterior à proibição da mineração, é possível perceber em sua fala que se impõe a perspectiva da cultura garimpeira na região, uma vez que a preocupação dos ex-garimpeiros é com a “exploração” do lugar, e não com a manutenção sustentável dos recursos e atrativos desse destino turístico.

Por consequência da imposição dessa cultura garimpeira, surge uma série de novos problemas relacionados não somente com a criação de condições

para o desenvolvimento da atividade turística sustentável, como a própria regularização fundiária da gleba Tepequém, como demonstrado no depoimento do Diretor de Regularização Fundiária do Instituto de Terras e Colonização do Estado de Roraima (Iteraima), o Sr. Wesley Gonçalves, ao afirmar que:

A região do Tepequém, mais especificamente, às vilas, essa região está dentro de uma gleba federal, que é a gleba Tepequém. A gleba federal juntamente com a gleba Amajarí, Eu-Eu elas estão sendo objeto de transferência da União para o estado. Esse processo de transferência ele é baseado na Lei 10.304 de 2001, e no Decreto de 2009, nº 6754. Recentemente houve, em novembro do ano passado, mais especificamente falando, houve uma medida provisória editada pelo Presidente da República, a MP 901, que alterou essa Lei 10.304, trazendo facilidades e critérios mais palpáveis para operacionalizar a transferência. E isso fará com que acelere esse processo de transferência das terras da União para o estado, possibilitando a regularização fundiária, tanto das áreas que ficarão no estado, como também daquelas que serão repassadas diretamente da União para o município, que é o caso das Vilas. Por exclusão, o critério estabelecido na própria Lei, às vilas e os núcleos urbanos consolidados, eles não são objeto de transferência para o estado. Eles permanecem na União e posteriormente à União faz doação dessas áreas para os municípios, promovendo a regularização fundiária dessas áreas (Entrevista Wesley Gonçalves, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

De acordo com o relato do Diretor de Regularização Fundiária do Iteraima/RR, entre as principais dificuldades elencadas e que impedem a efetiva regularização da gleba Tepequém, estão: a localização das Vilas (Vila do Paiva e Cabo Sobral), que estão situadas dentro de uma área federal pertencente à União; também os critérios técnicos, burocráticos e políticos de delimitação dos núcleos urbanos, situados dentro desta área, que, de certo modo, limita a possível operacionalização da transferência dessas terras ocupadas para o estado e os municípios roraimenses.

Como observa o Técnico do Iteraima, o Sr. Wesley Gonçalves, ao se referir aos entraves interposto ao processo de regularização fundiária, quando nos diz que:

O grande problema em relação ao Tepequém hoje é definir qual é o perímetro da Vila que vai ser excluído né... Há época delimitou um perímetro de aproximadamente 30 mil hectares, mas existe uma discordância em relação a esse perímetro, porque ele não engloba toda a área ocupada hoje na vila. Existe uma Lei Municipal alí do Amajarí que estabelece um perímetro muito maior do que esse de 30 mil hectares e esse perímetro muito maior ele é questionado pelos órgãos federais

justamente por não compreender a parte que esta ocupada. Ele se expande como vocês podem ver aqui, ele se expande além da área que maciçamente é ocupada ali. Então hoje o desafio é o que? É definir o perímetro da Vila que será regularizado. E todas as vezes que há uma ação pública na região, posteriormente, acontece mais especulações, mais invasão, venda de imóveis lá, por valores bem abaixo do mercado, justamente pela insegurança jurídica de continuar ou não com o imóvel. Mas isso vai causando o descumprimento da Lei Ambiental né, porque desmatam, faz-se obra sem qualquer registro nos órgãos competentes, sem qualquer fiscalização e isso traz uma série de prejuízos (Entrevista Wesley Gonçalves, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Assim, de acordo com o discurso técnico, atualmente, na região da gleba Tepequém, ocorre um processo de novas invasões, ocupações irregulares e especulação imobiliária, que têm resultado numa expansão do perímetro de ocupação da Vila do Paiva, ocasionando o descumprimento da demarcação do perímetro urbano, que, de acordo com a Lei municipal, era de 30 mil hectares.

Essas novas invasões e ocupações irregulares da gleba Tepequém, além de ocasionar desmatamento e impacto ambiental, resultam na construção de novas edificações sem o devido licenciamento dos órgãos competentes, o que tem prejudicado o processo de regularização fundiária dessa área, com a decorrente insegurança jurídica dos proprietários e empreendedores em turismo da região. Tal como comenta um dos moradores da região, o Sr. Altino Silva, filho e neto de garimpeiro, quando nos diz que:

A gente iniciou a ocupação dessa área né, pelo meu pai em 92 e quando foi quando ele começou criar, uma criação de gado aqui no Tepequém né, aí a partir desse tempo a gente sempre vem ocupando essa área né, a gente nasceu e se criou aqui né, a história da gente, a gente já vem desde 1940, até que foi com a chegada do meu avô. Talvez seja um dos maiores anseios que a gente tenha, seja essa regularização, até mesmo porque a regulamentação né, um pouco maior. Mas a gente entende também que pelo fato de a gente já ocupar muito tempo também essa área, que a gente se sente de uma certa forma o dono também né... Então assim a SPU veio, alguns anos atrás, começando fazer um levantamento né, e dentro desse levantamento hoje, contando da minha história né... eu não tinha a minha casa né, aqui ainda nessa área né, mas assim, a gente como tem a necessidade de ter o nosso canto, de ter o nosso lar. Tepequém em si hoje, mesmo tendo vindo muitas pessoas de fora e a gente vai falando, e falo pela área que a gente tem hoje, todo mundo tinha áreas grandes né, então uns se desfizeram, outros que venderam as suas, outros ou que deram entendeu, mas eu acho que sempre foi assim né. A gente tem algumas áreas né, ali pra cima que... as instituições vieram né, até falaram que era proibido, mas isso foi invadido também e assim a gente sempre vai vendo também e entendendo a parte do SPU também, que é né... a parte de querer controlar,

mas a gente também vai vendo a necessidade de que o Tepequém não vai parar só nisso né... Tepequém também às vezes tem a necessidade de crescer (Entrevista Altino Silva, TV ALE, 13/08/2020).

Em análise da fala deste morador da Vila do Paiva, percebe-se a utilização de argumentos que se referem à justificação da posse de algumas terras dentro da gleba Tepequém, fora do perímetro urbano, em razão da alegação de anterioridade. Da mesma forma, é possível identificar contradições nos argumentos utilizados pelo Sr. Altino Silva, ao se referir à chegada de seus antepassados a partir dos anos de 1940, quando, na verdade, o próprio morador afirma que somente chegaram à Serra do Tepequém no ano de 1992.

Também é possível identificar, na fala acima, a necessidade de justificação da posse de novas áreas que foram recentemente ocupadas pelo Sr. Altino Silva, dentro da gleba Tepequém, o que tem ocasionado a expansão dos limites da demarcação estabelecidas pelo SPU¹⁰, inviabilizando, por consequência, as condições para a realização do licenciamento ambiental, da construção do Plano Diretor e da consequente regularização fundiária dessas terras.

Sobre essa questão, qual seja, a do processo de especulação imobiliária atualmente em curso na região, o Sr. Joacir Luz, que é Vice-Presidente da Associação de Empreendedores em Turismo do Tepequém, considera que:

[...] outro dilema também nessa questão da regularização fundiária que é a questão da ocupação desenfreada, até então, sem processo de regularização, como é que a gente trabalha com o Plano Diretor do Tepequém? Onde se definem as áreas urbanas, onde define as rotas e os produtos turísticos em cima da Serra. Então, fazer tudo isso sem segurança jurídica, da regularização fundiária é complexo. É complicado porque alguém na área do judiciário pode barrar esse processo a qualquer momento. Então é preciso ter um entendimento de que a regularização é fundamental. Mas a gente também precisa ir caminhando para atender bem o turista, pra cuidar bem dos recursos naturais do Tepequém, que são o grande atrativo do Tepequém não é... (Entrevista Joacir Luz, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

De acordo com o Vice-Presidente da ASSETT⁴, somente com a regularização da gleba Tepequém e a construção do Plano Diretor é possível ter condições para a promoção de investimentos em Turismo nessa região, o que traria

10 Superintendência de Patrimônio da União (SPU).

como resultado a oferta e a expansão de serviços de qualidade na recepção e atendimento aos turistas, que buscam o destino da Serra do Tepequém, pois como argumenta o Sr. Joacir Luz:

A gente tem dificuldade de fazer licenciamento ambiental porque há um conflito entre né, Federação, estado, município. E nesse conflito a gente não consegue fazer licenciamento ambiental no Tepequém. Há uma dificuldade de conseguir recursos para financiamento na área de Turismo. Tem bastantes recursos, mas uma das exigências é que haja títulos de posse dado como garantia para esses financiamentos e a dificuldade que a gente encontra no dia a dia é de está investindo num lugar e a gente não ter segurança jurídica né, nenhuma, de que aquele lugar é realmente nosso e com aquela posse a gente possa desenvolver o que o Turista espera de nós. Lugares bacanas, bem resolvidos e que possam trazer o lazer, a expectativa do turista em passar momentos agradáveis lá em cima da Serra do Tepequém, que naturalmente já é um lugar sensacional. (Entrevista Joacir Luz, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Em sua fala, o Vice-Presidente da ASSETT¹¹ ressalta o conflito decorrente das disputas políticas entre o município, o estado e os órgãos que representam à União, tal como a SPU, na delimitação dos limites das áreas pertencentes a cada ente federado e das que não serão objeto de transferência por se localizarem em área de ocupação urbana.

Da mesma forma, identifica-se que é somente no discurso do representante da Associação dos Empreendedores em Turismo do Tepequém (ASSETT), entre os outros depoimentos analisados, que a referência à preservação e manutenção dos atrativos naturais da Serra do Tepequém é mencionada, relacionada à necessidade da oferta de produtos e serviços de qualidade ao turista.

Nesse sentido, se, por um lado, a região do Tepequém possui um excepcional potencial para o desenvolvimento do turismo, por outro, revela que os empresários e investidores desse setor encontram dificuldades em empreender, uma vez que, sem a regularização e posse dos títulos de posse dos empreendimentos, torna-se impossível conseguir linhas de financiamento para investimento no desenvolvimento do destino Tepequém.

Ademais, o processo de regularização fundiária da Serra do Tepequém traria não somente segurança jurídica para os proprietários e empresários in-

11 Associação dos Empreendedores em Turismo do Tepequém (ASSETT).

vestirem na atividade do turismo da região, bem como se constituiria numa forma de efetivar o processo conservação ambiental sustentável, dos produtos turísticos disponíveis, uma vez que, de acordo com o Sr. Joacir Luz:

As pessoas com segurança jurídica pra investir, começa a melhorar a qualidade do investimento, então você vai ter um atrativo pra pessoas que tem mais interesse em investir no turismo pra trabalhar melhor, questão das acomodações, dos serviços dentro do Tepequém, na definição da preservação das áreas que são utilizadas para o lazer do turismo. Porque hoje tudo tá muito a mercê, alguém pode chegar e cercar uma cachoeira, cercar um lago, dizer que é dele mesmo não sendo né, pela mera questão da ocupação. E quem garante que isso vai ser conservado? Quem garante que isso vai, vai continuar sendo um atrativo natural fantástico que nós temos no Tepequém? Lugares limpos, conservados e lugares abertos pros turistas. Então você não paga pra entrar nos lugares. São lugares públicos e isso é sensacional porque são poucos lugares turísticos do mundo em que você tem uma natureza tão preservada, com a liberdade das pessoas, de ir e vir e de estar nos diferentes lugares turísticos lá em cima da Serra. Esse ativo de liberdade com a natureza, junto com a cultura garimpeira do Tepequém, uma cultura antiga do final dos anos 30, torna o Tepequém um lugar turístico único no mundo (Entrevista Joacir Luz, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Dessa forma, no discurso desse representante da associação dos empreendedores em turismo do Tepequém, a efetivação da regularização da gleba na qual estão inseridos os produtos e atrativos turísticos, traria como consequência a demarcação das áreas de proteção e conservação ambiental do Tepequém, uma vez que esse patrimônio encontra-se ameaçado pela ação da especulação imobiliária atualmente em curso na região.

Outra questão mencionada refere-se à valorização da cultura garimpeira em detrimento da cultura e das tradições indígenas locais. Tal argumento exemplifica o processo de desvalorização das práticas, crenças e cosmologias originárias, em total desacordo com a possível vocação para o etnoturismo e/ou turismo de base comunitária, enquanto alternativa de desenvolvimento sustentável para o turismo local a partir desse destino.

Como demonstra o discurso do Diretor de Regularização Fundiária do Iteiraima, Sr. Wesley Gonçalves, ao comentar que:

Infelizmente a falta de regularização causa justamente o que a gente vê na região do Tepequém e na Vila do Paiva, e no entorno. Que é a especulação, a invasão e conseqüentemente a falta de preservação ambiental no local. Principalmente, o Tepequém que é um local, uma região

frágil né, por ser uma área ecologicamente especial e a falta de regularização faz com que haja essas invasões, o desmatamento, a ocupação irregular da área sem critérios. Infelizmente, por conta dessa falta de regularização hoje nós estamos vivendo o que vocês presenciaram lá na vila né. São imóveis em área de preservação permanente, desmatamento acontecendo em várias áreas, mas que a gente acredita que com a regularização, isso vai com certeza diminuir, uma vez que haverá a pessoa responsável pela área né. Ela passará a ser parceira, no que se diz respeito a preservação, pelo fato dela esta sendo responsabilizada ali, com a destinação da área pro nome dela (Entrevista Wesley Gonçalves, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

De mesma forma, ainda segundo o Diretor de Regularização Fundiária do Iteraima, com a regularização das terras hoje pertencentes à gleba Tepequém, não só se resolveria os atuais conflitos entre os entes federados pela posse destas terras, como também se evitariam problemas como novas invasões, ocupações e especulação imobiliária, estabelecendo a definição de competências quanto à manutenção de certas áreas, com a consequente responsabilização dos titulares dos lotes, em decorrência dos danos ambientais advindos das atividades de exploração econômica do turismo. Tal como comenta o Sr. Altino Silva, quando nos diz que:

A regularização será bem-vinda, até porque vai definir quem é quem. Quem é dono, quem não é. Ter as áreas que pode ficar pra preservação, porque eu acho que tem que ficar né. Que a gente precisa dessas áreas, como as áreas de mato que o pouco que ainda tem, que é pra explorar essa questão da observação de aves né, que faz parte do nosso Turismo. As cachoeiras, porque se ficar do jeito que está eu tô vendo que, do jeito que a coisa tá andando, que a gente praticamente começou nisso daqui, eu vejo que, daqui a pouco vai aparecer dono de cachoeira, vai aparecer tudo. Se regularizar, acredito eu que vai, vai diversificar né, vai melhorar, porque vai ficar todo mundo definido quem é dono, quem não é (Entrevista Altino Silva, Documentário TV ALE, 13/08/2020).

Com a regularização, de acordo com a fala desse morador, ocorrerá a responsabilização dos proprietários dos lotes a partir da titularidade de posse das terras, contribuindo, ao mesmo tempo, com a diversificação das atividades turística na Serra do Tepequém, tais como: a preservação das áreas de mata para a prática do turismo de trilhas, a observação de aves e a conservação das cachoeiras.

Ao mesmo tempo em que, efetivamente, seria possível a criação de condições ideais para o desenvolvimento de empreendimentos a partir dos princí-

pios da sustentabilidade socioambiental, a exemplo das atividades de ecoturismo, etnoturismo e turismo de base comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, com o propósito de analisar os discursos sobre o processo de aproveitamento turístico do destino Tepequém, em especial, sobre as práticas de ecoturismo desenvolvidas na Vila do Paiva e Cabos e Sobral, podemos considerar que o objetivo geral deste artigo foi alcançado, em especial, ao descortinar as falas, narrativas histórias e discursos referentes à perspectiva da necessidade de realização da regularização fundiária da gleba Tepequém, o que trará segurança jurídica à população local e aos empresários que investem no setor turístico desta região.

A partir dos resultados alcançados, percebemos que o planejamento do destino turístico Serra do Tepequém exige a responsabilidade de todos os envolvidos, em especial por se tratar de uma região com uma frágil biodiversidade e que necessita do estabelecimento de ações e de estratégias que promovam a conservação dos recursos naturais, utilizados como atrativos turísticos.

Ademais, faz-se necessário fazer efetivar a política de regularização fundiária na região, com a transferência da titularidade das terras pertencentes à gleba Tepequém para o município do Amajari e o estado de Roraima/RR, sobretudo, para que se possa efetivar a responsabilização pelos danos ambientais resultantes da exploração dessa atividade na região.

Além disso, o discurso do aproveitamento do Tepequém demonstra a transformação a que foi submetido esse destino turístico ao longo dos diferentes períodos de exploração, em especial, o da mineração, revelando os desafios socioambientais da interação homem-natureza-cultura, sobretudo, os relacionados às práticas de manejo ambiental sustentável dos recursos naturais e atrativos turísticos disponíveis.

Por fim, importa ressaltar a necessidade de monitoramento das atividades de ecoturismo e capacidade de suporte ambiental, praticada a partir do

destino turístico Serra do Tepequém, de modo que não possamos correr o risco de cometer os mesmo erros do passado, quando essa região foi objeto de uma insustentável exploração de seus recursos naturais.

Enfim, acreditamos que, com a realização deste estudo e dos resultados apresentados, possamos contribuir com outros pesquisadores que venham manifestar interesse em desenvolver pesquisas na região, com a consequente produção de conhecimento científico sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, A. A. Presença da Amazônia em Adelaide: Vitória Regia Robert (1804-1865) e Richard Schomburgk (1811-1891). **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, v.7, n. 119, Universidade de Colônia, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social y poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Cosas dichas**. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 127-142.

CADASTUR. Portal Roraima Turismo. **Tepequém**: espaço físico e místico. Departamento de Turismo (DETUR). Disponível em: <http://tepequem.rr.gov.br/index.php/conheca-o-tepequem> Acessado em: 19 jan. 2021.

CÂNDIDO, Francisco. A lenda do tepequém e o sacrifício das virgens. **Jornal Folha de Boa Vista**, Boa Vista/RR, 5 ago. 2020.

CAREGNATO, Rita Catalano; MUTTI, Regina. **Pesquisa Qualitativa**: análise de discurso versus análise de conteúdo. Florianópolis/SC, 2006, p. 679-684.

CAVALCANTE, Jordana. **Blog @Jôviajou** – Blog de Turismo: eu fui, irei e estou... Disponível: <http://joviajou.com/roraima/o-que-fazer-em-roraima-serra-do-tepequemamajari> Acessado em: 19 jan. 2021.

DIVAN, Lílian Márcia Ferreira; OLIVEIRA, Roberto Perobelli de. A Pesquisa Qualitativa e o Paradigma da Ciência Pós-Moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. **Rev. Gragoatá**, Niterói, RJ, v. 2, n. 25, 2008, p. 185-202.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.

SERRA DO TEPEQUÉM: paraíso ameaçado. Documentário TV Assembléia Legislativa de Roraima (ALE), Jornalista Johann Barbosa. Boa Vista/RR, agosto 2020, (28:20 min).

TOMAZZONI, Edgar Luiz. Análise do Discurso Turístico da Serra Gaúcha. **Revista em questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, 2006, p. 339-365.



A PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE O IMPACTO DA PANDEMIA NO FLUXO DE TURISTAS NA SERRA DO TEPEQUÉM EM RORAIMA

Graciele Oliveira dos Santos¹
Leila Márcia Ghedin²

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo identificar os impactos provocados no turismo durante a pandemia na Serra do Tepequém, em Roraima, a partir do ponto de vista dos moradores da localidade. O setor de Turismo, geralmente, é bem movimentado, porém, qualquer questão pode afetá-lo, por sua exposição a crises de diversas magnitudes, podendo ser econômica, ambientais, conflitos armados, entre outros. Em 2020, o mundo iniciou uma caminhada difícil com relação à saúde pública, que afetou consideravelmente o setor turístico. A pandemia da Covid-19 impactou o turismo de diversas formas, principalmente, no faturamento de grandes empresas e negócios familiares, ocasionando inúmeros desempregos no período. Com base nisso, e com a finalidade de identificar possíveis impactos gerados durante o período de pandemia no Brasil, buscou-se conhecer o atual panorama do setor turístico na Serra do Tepequém, em Roraima, onde o turismo é bem representativo para o estado, com reflexos no fluxo e impactos ao meio ambiente e na saúde dos moradores da localidade. Este trabalho caracteriza-se como qualitativo e descritivo, com referencial teórico reflexivo, no qual, para coleta de dados, adotou-se um questionário aplicado via *Google Forms*, disponibiliza-

1 Discente do Curso de Pós-Graduação em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos e Sustentáveis pelo IFRR e Tecnóloga em Gestão de Turismo pelo IFRR

2 Orientadora desta pesquisa; Professora titular do IFRR; Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil (2018); Mestra em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas (2012); Mestra em Planificación Integral para el des del Turismo – La Universidad del Zulia (2006); licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Roraima (2000).

do aos entrevistados por e-mail e aplicativo de mensagens. Concluímos que o fluxo de turistas na Serra do Tepequém, diante dos dados coletados, manteve-se praticamente igual aos momentos anteriores à pandemia. Foi perceptível o desrespeito aos decretos do município e à preservação do Meio Ambiente com o excesso de pessoas na localidade, impactando o meio natural.

Palavras-chave: Turismo. Visitação. Serra do Tepequém. Pandemia. Covid-19.

ABSTRACT

This article presents the result of a research that aimed to identify the impacts caused on tourism during the pandemic in Serra do Tepequém in Roraima from the point of view of local residents. The Tourism sector is generally quite busy, but any issues can affect it due to its exposure to crises of different magnitudes, which may be economic, environmental, armed conflicts, among others. In 2020, the world began a difficult journey with regard to public health, which considerably affected the tourism sector. The Covid-19 pandemic impacted tourism in several ways, mainly in the revenue of large companies and family businesses, causing numerous unemployment in the period. Based on this and in order to identify possible impacts generated during the pandemic period in Brazil, we sought to know the current panorama of the tourism sector in Serra do Tepequém in Roraima, where tourism is very representative for the State, with reflections on the flow and impacts on the environment and on the health of local residents. This work is characterized as qualitative and descriptive, with a reflective theoretical framework, in which, for data collection, a questionnaire applied via Google Forms was adopted, made available to respondents by email and messaging application. We conclude that the flow of tourists in Serra do Tepequém, given the data collected, remained practically the same as before the pandemic, the disrespect to the municipal decrees and the preservation of the Environment with the excess of people in the locality impacting the natural environment.

Keywords: Tourism. Visitation. Serra do Tepequém. Pandemic. Covid-19.

INTRODUÇÃO

A crise na saúde pública ocasionada pelo Covid-19, que atingiu o mundo no ano de 2020, desencadeou inúmeros problemas sanitários e econômicos em diversos setores. No Brasil, as consequências se refletem até hoje, tendo em vista que ainda não superamos os casos de infecção pelo vírus. A economia

continua instável e em processo de recuperação lento, sendo o setor do turismo um dos que mais tiveram perdas econômicas.

Considerando o panorama no setor turístico, o objeto escolhido para o desenvolvimento deste trabalho relaciona-se com as dificuldades enfrentadas pelo mundo durante a crise, que afetou várias pessoas, principalmente as que possuem baixo poder aquisitivo, tanto no que se refere a obtenção de renda quanto pelas problemáticas vivenciadas por estes sujeitos, como a exclusão social e econômica. Para tanto, buscou-se identificar quais impactos foram desencadeados no setor turístico da Serra do Tepequém ao meio ambiente e na vida das pessoas, buscando conhecer o atual panorama do setor turístico na Serra. A questão norteadora deste estudo se propôs a responder à seguinte questão de pesquisa: Quais impactos foram gerados diante da pandemia do Covid-19 ao ambiente e à vida dos moradores da Serra do Tepequém em 2020?

O objetivo geral foi identificar os impactos provocados no turismo durante a pandemia na Serra do Tepequém em Roraima no ponto de vista dos moradores da localidade. E como objetivos específicos identificar, a partir da investigação, os impactos na geração de renda e ao meio ambiente da Serra do Tepequém em Roraima; caracterizar os desafios de viver pós pandemia; incentivar a reflexão sobre a perspectiva do desenvolvimento de uma consciência ambiental para o turismo local.

Nesse contexto, a justificativa pertinente para esta pesquisa foram os estudos realizados até o presente momento e relacionados ao tema. Ela busca contribuir não somente na averiguação dos benefícios para o turismo local, mas promover a sua valorização no âmbito acadêmico e na sociedade em geral, visto que esta é uma pesquisa inicial sobre o tema no estado de Roraima relacionado ao tema, contribuindo, assim, no desenvolvimento e valorização do turismo no município.

Dentro das práticas do Turismo no estado de Roraima, a Serra do Tepequém oferta atividades turísticas em um meio natural, sendo estas modalidades uma forma de geração de renda para a comunidade. As próprias pessoas da localidade podem ofertar serviços como de guias locais, pousadas e alimentação regional, a fim de valorizar a cultura, o artesanato, as tradições e os ritos, além de agregar valor ao patrimônio imaterial, como as lendas, as danças, en-

tre outros, ressignificando a valorização dos produtos culturais, regionais e a conservação da identidade local, que fortalece a coletividade e a solidariedade entre os indivíduos.

Dessa forma, proporciona uma dinâmica produtiva e de subsistência a partir de seu próprio esforço e trabalho na atividade econômica, exercendo atratividade e o consequente desejo dos turistas de virem a conhecer essas especificidades e dinâmicas.

AS DEFINIÇÕES E O AVANÇO DO TURISMO NO MUNDO

A história do turismo teve origem em meados da Revolução Industrial, no século XVIII, quando o turismo ganhou força, inicialmente com propósitos educacionais, sendo um dos marcos históricos o *Grand Tour*, que foi caracterizado pelo deslocamento dos filhos de famílias ricas em torno do mundo.

O Grand Tour começou no século XVI, atingindo o auge no século XVIII. Era restrito principalmente aos filhos de famílias ricas, com propósitos educacionais, sobretudo de jovens recém-saídos de Oxford ou de Cambridge, duas das mais conceituadas universidades inglesas. Esses jovens deveriam percorrer o mundo, ver como ele era governado e se preparar para ser um membro da classe dominante (BARBOSA, 2002, p. 31-32).

No Brasil, o Turismo iniciou diante de uma apresentação do país na América do Sul como um deslumbrante espaço natural, sendo que a elevação do Turismo considerou a produção industrial e comercial, que permitiu o desenvolvimento do setor e uma maior procura pelo país. Para Furtado (2000).

Apesar de contar com um acervo de hábitos, culturas e tradições, além de possuir recursos naturais incomparáveis, qualidades capazes de transformar um potencial turístico em produto de qualidade a ser comercializado nas prateleiras das operadoras e agências de viagens, o Brasil até há pouco, jamais se preocupara em planejar, lapidar e embalar convenientemente a sua matéria-prima turística (FURTADO, 2000, p. 78).

Nessa perspectiva, o turismo cresceu no mundo, gerando novas tecnologias, novos estudos e o desenvolvimento da consciência acerca da relação do homem com a natureza, bem como os vínculos comunitários e sociais, tornando-se importante na conservação do meio ambiente, além de gerar renda

e também possuir uma enorme importância no desenvolvimento cultural das localidades.

As definições destinadas ao turismo descrevem-no como uma atividade de prática relacionada ao tempo de permanência do turista na localidade. Ou seja, o turismo é “a soma dos fenômenos e das relações resultantes da viagem e da permanência não-residentes, na medida em que não leva a residência permanente e não está relacionada a nenhuma atividade remuneratória” (BENI, 2001, p. 36), com o tempo determinando se a atividade se trata de visitação ou turismo.

Toda pessoa, sem distinção de raça, sexo, língua e religião, que ingresse no território de uma localidade diversa daquela em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem propósitos de imigração (IGNARRA, 2003, p. 15).

Todavia, percebemos que conceituar turismo é bem mais complexo, pois este envolve, além de motivações, espaços e culturas diferentes. Na abordagem do desenvolvimento do turismo, percebemos também essa complexidade, já que muitas atividades envolvem comunidades que buscam, por meio deste trabalho, uma geração de renda; logo, muitos dependem somente da atividade turística como subsistência, o que a torna vulnerável às adversidades (CHAGAS, 2004), sendo que qualquer evento pode interferir no fluxo de turistas à localidade, podendo ocasionar ameaças.

DESAFIOS DO TURISMO DIANTE DA PANDEMIA DO COVID-19

Ao analisarmos o contexto histórico da humanidade que envolve grandes crises na saúde pública, percebemos que diversos foram os eventos epidemiológicos no mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), entre os anos de 2011 a 2018, a humanidade vivenciou cerca de 1483 acontecimentos epidemiológicos e pandemiológicos (OMS, 2019), entre elas SARS, MERS, H1N1, H5N1, Ebola, Zika, febre amarela, entre outros.

A mais recente é a pandemia de Covid-19, tendo seu primeiro registro

em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Porém, foi em 2020 que o vírus, considerado muito contagioso, espalhou-se pelo mundo, contagiando diversas pessoas, especialmente as mais idosas. Pelo seu efeito de fácil contaminação, que causa uma Síndrome Respiratória Aguda Grave, a OMS orientou os países a isolar suas populações por meio do isolamento social, a fim de evitar o contágio das pessoas e a superlotação dos hospitais.

A crise na saúde rapidamente tornou-se mundial e afetou diversos setores e a economia de vários países. Logo, um dos primeiros setores a serem abalados com a queda no faturamento foi o turismo. As pessoas não podiam mais se deslocar, os países começaram a fechar aeroportos e proibiram a passagem em suas fronteiras, estava instalada também uma onda de desemprego pelo mundo.

Nesse contexto, vários foram os impactos no setor turístico, muitos trabalhadores foram demitidos, várias comunidades se isolaram e perderam suas rendas. Diante deste cenário, vários estudos surgiram acerca dos impactos no fluxo de turistas nas localidades, com a finalidade de avaliar e propor possíveis soluções para as várias problemáticas que surgiam rapidamente.

Em Roraima, o setor de turismo, buscando minimizar os desafios, realizou estudos que visavam recuperar o setor. O Departamento Estadual de Turismo, que integra a Secretaria de Planejamento do Estado (SEPLAN), lançou uma pesquisa no mercado local para entender quais foram os impactos e quais medidas poderiam ser adotadas para alavancar o setor. Os resultados apresentados já eram esperados pela secretaria, já que a crise sanitária atingiu o setor turístico no país e no mundo.

No entanto, o departamento constatou que, entre os 48 participantes ouvidos pela pesquisa, que caracteriza um total de 28% de todas as empresas registradas no estado de Roraima, entre os setores de agências de viagens, meio de hospedagens, guias de turismo, organização de eventos, empreendimento de turismo náutico e pesca desportiva, alimentos e bebidas, 90% dos negócios apresentaram uma queda no seu faturamento, o que ocasionou a demissão de funcionários.

O setor turístico em Roraima apresentou uma queda de 34% no seu fatu-

ramento no ano de 2020. A arrecadação com o setor atingiu um registro de R\$ 183 milhões, sendo que, em 2019, o faturamento foi de R\$ 277 milhões (FECOMÉRCIO-RR, 2021). Diante deste cenário, várias foram as consequências dessa perda, que refletiu nos empregos em Roraima.

Segundo dados da Confederação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, cerca de 120 postos de trabalhos no setor turístico foram extintos (FECOMÉRCIO-RR, 2021). Todos os setores foram atingidos, principalmente, o setor rodoviário de transporte, com queda de 12,8%, e o setor de organização de eventos, com queda de 34,4%.

Ainda segundo o estudo do SEPLAN, 46% das empresas preveem a reabertura de seus negócios e 54% acreditam que, devido aos impactos causados com a pandemia, não terão mais condições de reabrir as portas. Ou seja, os próximos meses serão desafiadores para o setor de turismo, uma vez que existem várias consequências que serão irreversíveis para a categoria.

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO E O TURISMO NA SERRA DO TEPEQUÉM

A Serra do Tepequém está localizada no Norte do estado de Roraima, no município de Amajari, e fica a 210 km da capital Boa Vista. A Serra abriga uma beleza natural exuberante, com vegetações, campos e cachoeiras atrativas para a prática do ecoturismo.

Sua imponência é revelada por suas vastas belezas naturais e sua exuberância é demonstrada pelo seu ponto mais alto, o topo da serra – platô - situado a 1.200m (mil e duzentos metros) de altitude [...] geograficamente, encontra-se em uma área de 12.000 Km², sendo localizado no centro de uma bacia fechada com altitude de 550 a 1022m (AMAJARI - PLANO ESTRATÉGICO PARA O TURISMO NA SERRA DO TEPEQUÉM, 2021-2025, np).

A Emenda Constitucional nº 21, de 6 de maio de 2008, tornou a Serra do Tepequém um patrimônio histórico, social, ambiental, turístico, artístico e cultural. Seu acesso acontece por via terrestre asfaltada, recentemente recapeada e sinalizada, que permite o percurso em pelo menos três horas saindo da capital Boa Vista.

Na década de 1930, iniciou-se na localidade a exploração de pedras pre-

ciosas por meio das atividades garimpeiras, ocorrendo, inicialmente, no ano de 1936 até 1970. Nessa ocasião, houve a migração em massa de pessoas oriundas de outros estados, que foram atraídas pelo garimpo, sendo que ocorria, ao mesmo tempo, a prática da criação de gado e agricultura entre 1950 e 1970 (FARIAS et al., 2013).

Após a proibição da garimpagem na Serra do Tepequém, a partir do ano de 1990, várias foram as consequências deixadas pela prática de exploração, entre elas crateras deixadas pela explosão de dinamites, que esculpiu forçadamente paredões, surgindo, posteriormente, cachoeiras e poços d'água (AMAJARI - PLANO ESTRATÉGICO PARA O TURISMO NA SERRA DO TEPEQUÉM, 2021-2025, np).

Atualmente, a Serra do Tepequém é considerada um atrativo turístico, que chama a atenção pelas belezas naturais presentes na fauna e na flora, que, durante todas as épocas do ano, atraem turistas do entorno, de outros municípios e até de outros estados e países para apreciarem as obras da natureza (GHEDIN, 2010).

O turismo foi uma alternativa para a comunidade como forma de subsistência por meio de uma prática sustentável. Buscava-se uma autonomia econômica. A princípio, o objetivo era um turismo gerenciado que visava a preservação do meio ambiente, bem como da cultura e da identidade local.

Atualmente, a prática turística desenvolvida na região parte da perspectiva do turismo ecológico, através do qual os moradores buscam organizar o turismo na região por meio da formalização da associação de condutores e guias locais, bem como na melhoria da infraestrutura da vila para receber o turista e no desenvolvimento econômico com base nos princípios da Economia Solidária.

Em 2021, os moradores iniciaram o ano se organizando para estruturar e formalizar o Plano Estratégico do Turismo na Serra do Tepequém, que subsidiará e norteará os anos de 2021 a 2025. A construção do Plano ocorreu de forma atípica devido à pandemia iniciada em março de 2020. Assim, a partir de consulta feita junto aos moradores, realizada via aplicativo de celular, a estruturação do Plano ocorreu com o número de pessoas reduzido e a apresentação via redes sociais.

Dessa forma, demonstra-se a preocupação e o interesse da comunidade diante da prática turista em meio a uma pandemia mundial, visando o bem-estar dos moradores, bem como o fluxo de turistas mediante medidas sanitárias em um cenário nada habitual.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e descritiva, pois buscou relacionar a pandemia de saúde pública, ocorrida no Brasil no início de 2020, que se estende até o presente momento, com os possíveis impactos decorridos do fluxo de turistas na Serra do Tepequém, em Roraima, levando em consideração os processos históricos de criação, implementação e o momento atual do Turismo em Roraima.

A pesquisa descritiva, segundo Gil (2008, p. 28), visa descrever as características relacionadas a uma população ou fenômeno que estabelecem relações variáveis. Corroborando com este pensamento, Selltiz et al. (1965) afirmam que, quando buscamos descrever algum fenômeno situacional ou detalhar uma ocorrência, a pesquisa descritiva relata com exatidão as características do local e dos indivíduos, buscando desvendar as relações destes com o evento e com as causas e suas consequências.

Para isso, no âmbito da metodologia, adotou-se a entrevista como instrumento de pesquisa, elaborada com base nas perspectivas do evento que motivou o desenvolvimento deste trabalho. As questões foram elaboradas a partir da análise de artigos e reportagens relacionadas à pandemia do Covid-19 desde o seu início. Quanto à aplicação do questionário, esta ocorreu de forma não presencial, considerando o isolamento social, que impossibilitou o contato direto com as pessoas. A seleção dos entrevistados foi de forma espontânea, e não houve critérios específicos, apenas que fossem moradores, empreendedores e/ou empresários na Serra do Tepequém, sendo selecionados de forma aleatória.

Por meio da divulgação do link do questionário construído no *Google Forms* e compartilhado via aplicativo de mensagem e e-mail, obtivemos o retorno de 20 respostas entre moradores, empreendedores e empresários; no univer-

so dos investigados, apresentaram-se pessoas de diferentes idades, sexo, escolaridade, profissões e posição social. Segundo a Associação de Moradores da Serra do Tepequém, atualmente, residem na localidade cerca de 400 pessoas.

O questionário foi aplicado durante o mês de março de 2021, período em que o Brasil completava um ano de pandemia da Covid-19. Como método, utilizou-se um estudo bibliográfico, a fim de coletar informações acerca do problema levantado. Para subsidiar o debate, a pesquisa ocorreu em duas etapas, sendo a primeira o levantamento de estudos que relacionem o Turismo, endemias e pandemias. Essas informações foram coletadas via plataformas digitais, artigos e textos científicos.

Na segunda etapa, foi construído um questionário composto por questões objetivas, que foi aplicado junto à comunidade, a fim de identificar, a partir da percepção dos moradores, quais os impactos provocados pelo fluxo de turistas na Serra do Tepequém diante da pandemia do Covid-19 na economia e ao meio ambiente local. Para a coleta de dados, adotou-se a técnica de investigação e identificação via questionário de pesquisa via *Google Forms*, que foi aplicado junto aos moradores, empreendedores e/ou empresários da localidade por meio de aplicativo de mensagem instantânea.

Desse modo, apresentamos tópicos que relacionam o desafio do turismo frente à pandemia de Covid-19, que se iniciou no ano de 2020, considerando um panorama da economia do Brasil e em Roraima, bem como uma abordagem do turismo na Serra do Tepequém, sendo, por fim, apresentadas as considerações finais.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

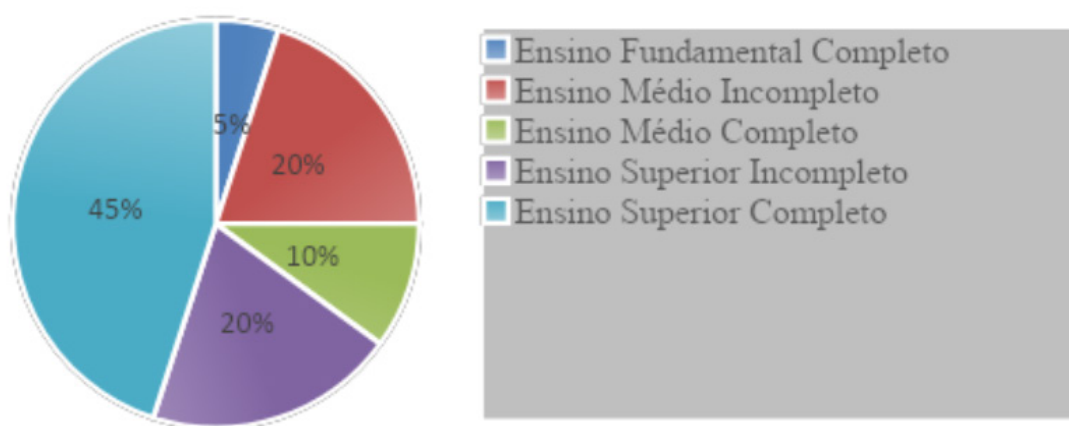
Após a coleta dos dados por meio dos questionários aplicados via *Google Forms*, apresentaremos os resultados obtidos e a análise diante das informações. Obtivemos, por meio do instrumento de pesquisa, o retorno de 20 pessoas entre moradores, empresários e empreendedores da Serra do Tepequém.

Como forma de caracterizar o grupo de pessoas entrevistadas, perguntamos a faixa etária dos indivíduos. Como resposta, obtivemos que 65% dos en-

trevistados estão na faixa etária entre 18 e 35; os outros 35% estão acima dos 36 anos. Perguntamos também como eles se consideravam com relação à raça e etnia, sendo que 95% das pessoas se consideram pardas e 5%, negras. Quanto à renda familiar, 80% dos entrevistados recebem entre 1 e 2 salários, 10% recebem entre 3 e 4 salários e os outros 10% dividem-se entre 5 a 7 salários.

Quanto à escolaridade dos entrevistados, 45% possuem Ensino Superior completo; 40% dividem-se entre Ensino Superior e Médio Incompleto; 10% possuem Ensino Médio Completo; e 5%, Ensino Fundamental completo (apresentados na figura 1).

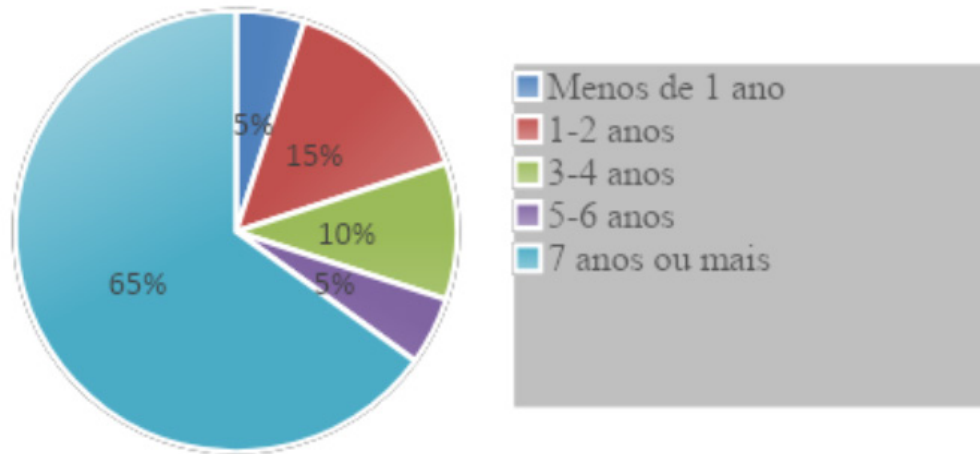
Figura 1 - Escolaridade dos entrevistados



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Perguntamos também o tempo de residência dos entrevistados na Serra do Tepequém, sendo que 65% residem há mais de 7 anos na localidade; 15%, entre 1 e 2 anos; 10%, entre 3 e 4 anos; 5%, entre 5 e 6 anos; e os outros 5%, há menos de 1 ano, conforme apresentamos na figura 2.

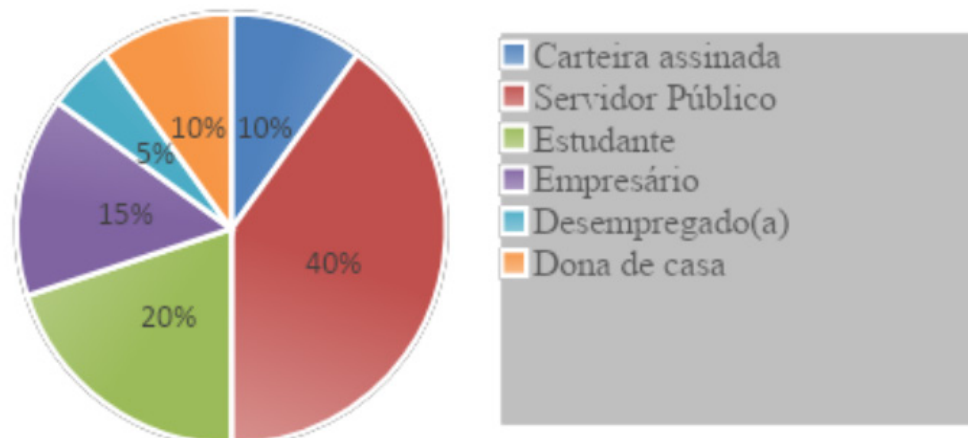
Figura 2 – Tempo de trabalho ou residência na Serra do Tepequém.



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Quanto ao vínculo de trabalho que se apresenta entre os entrevistados, temos 40% destes são servidores públicos; 20% são estudantes; 15% são empresários; 20% se dividem entre trabalhadores de carteira assinada e donas de casa; e 5% estão desempregados, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3 – Vínculo de trabalho



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Considerando as respostas anteriores, perguntamos às pessoas sem vínculo empregatício ou desempregados que responderam se esta situação ocorreu antes ou durante a pandemia, sendo que 70% dos entrevistados afirmaram que o desemprego ocorreu antes da pandemia e 30% perderam seus empregos após o início da pandemia. Diante desses dados, consideramos que mais entrevistados responderam à questão, pois a proporção de desempregados

do dado anterior se apresenta em um quantitativo menor do que nos dados apresentados aqui.

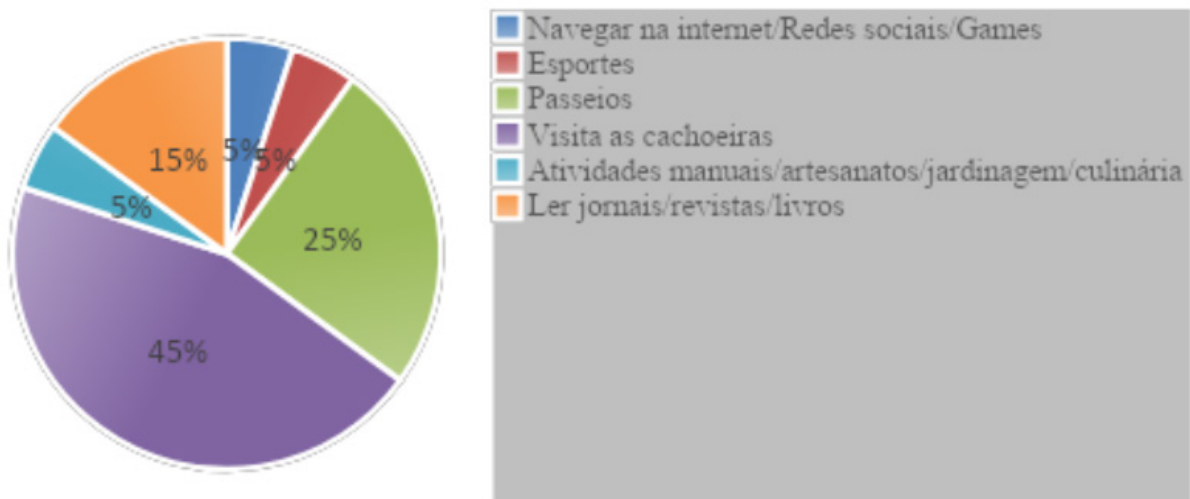
A crise sanitária sofrida pelo Brasil e pelo mundo acarretou, além de diversos entraves na saúde, inúmeros problemas na economia, sendo o aumento do desemprego entre a população um dos mais preocupantes da história do país. A informalização e a terceirização do trabalho também foram comprometidas, aumentando, dessa forma, a pobreza e a marginalização social no país.

Outro crescente derivado que acarretou os problemas sociais da população foi a carência por ajuda do Governo Federal, uma vez que as pessoas precisavam se manter em casa; e, com as lojas e empresas fechadas, o auxílio emergencial do Governo Federal não foi suficiente para atender as necessidades das famílias brasileiras.

No setor do turismo, segundo a United Nations World Tourism Organization (UNWTO, 2020), houve uma queda de 3,7% das atividades turísticas no Brasil, acarretando o desemprego no setor. Sendo a Serra do Tepequém um atrativo turístico, a porcentagem de 30% de desemprego ocorridos após o início da pandemia poderia ser justificada mediante a queda na visitação dos turistas.

Ademais, perguntamos quais atividades de lazer eram desenvolvidas pelos entrevistados antes da pandemia. Conforme a figura 4, obtivemos que 45% praticavam visitação a cachoeiras; 25% realizavam passeios; 15% afirmaram que liam jornais, revistas e livros; os outros 15% se dividiam entre as atividades manuais, esportes e internet.

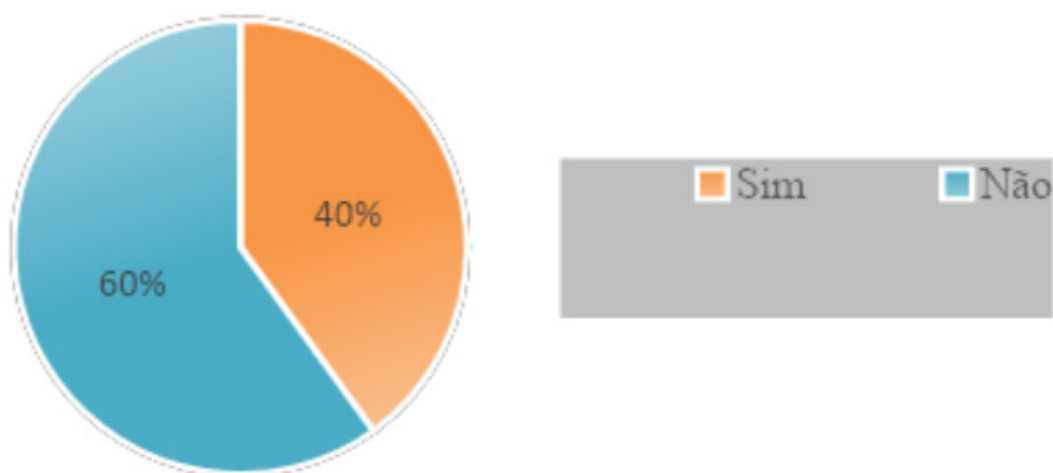
Figura 4 – Atividade de lazer mais realizadas antes da pandemia



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Nessa perspectiva, perguntamos aos entrevistados se as mesmas atividades desenvolvidas antes da pandemia foram mantidas no decorrer da crise sanitária, sendo que 60% afirmaram que não deram continuidade às atividades e 40% continuaram normalmente, conforme a figura 5. Devido o isolamento social, seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), muitas pessoas decidiram permanecer em suas residências, e, com o fechamento dos comércios e a proibição, em muitos casos, da circulação dos transportes intermunicipais e/ou interestaduais, o deslocamento caiu consideravelmente.

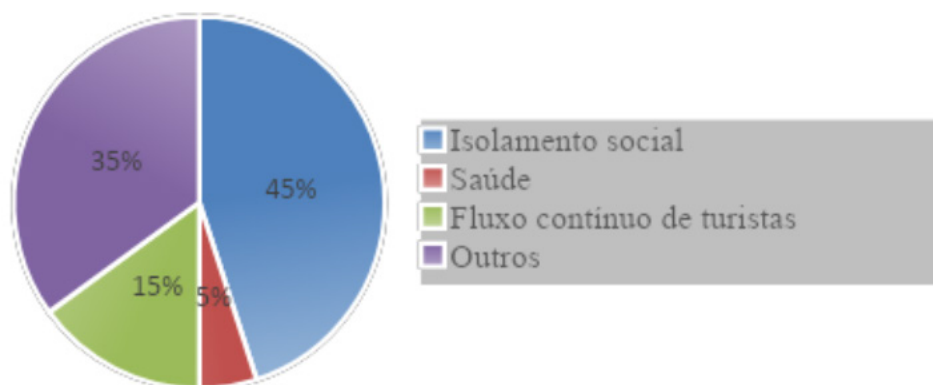
Figura 5 – Atividades de lazer foram mantidas durante a pandemia?



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, perguntamos qual o motivo da não realização das atividades antes praticadas com frequência (figura 6). 45% dos entrevistados afirmaram que foi devido ao isolamento social; 35% disseram ter outros motivos; 15% devido ao fluxo contínuo de turistas na Serra; e 5% por motivo de saúde.

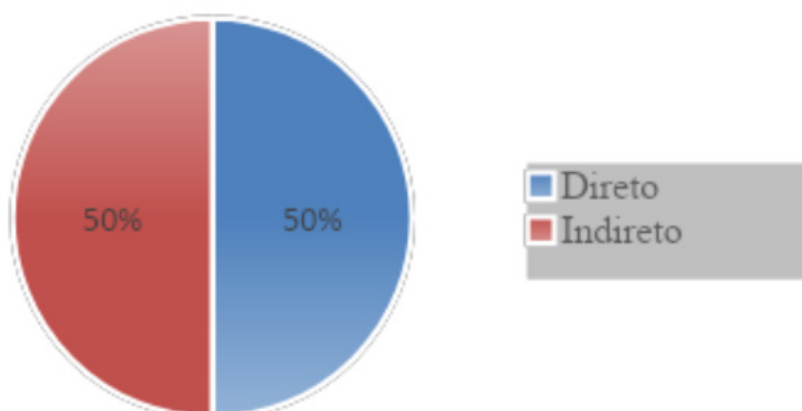
Figura 6 – Motivo pela não realização das atividades de lazer



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Na perspectiva das atividades turísticas na Serra do Tepequém, entre os entrevistados, perguntamos qual a forma de contato destes com os turistas na localidade. 50% possuem contato direto com turistas e os outros 50% possuem contato indireto, conforme resultados apresentados na figura 7.

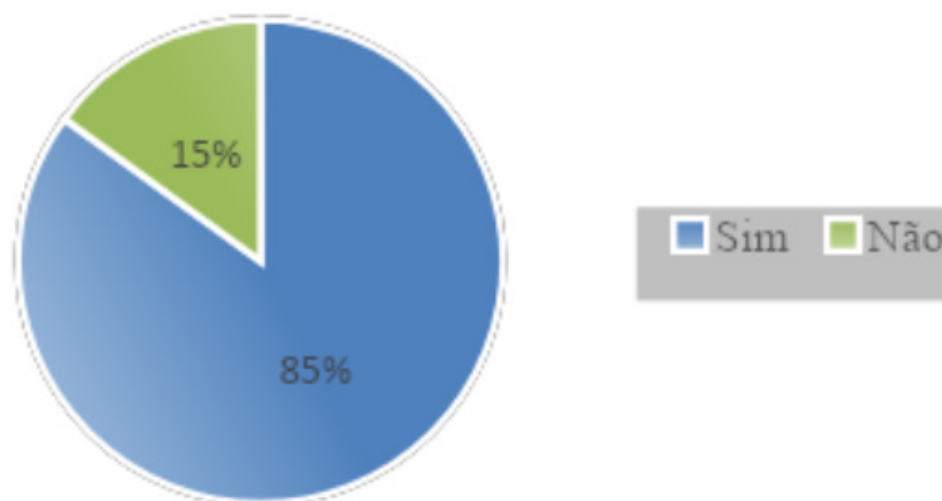
Figura 7 – Contato dos entrevistados com os turistas.



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Também perguntamos se durante a pandemia era possível ver turistas com frequência na Serra do Tepequém. Os resultados apresentados na figura 8 demonstram que 85% dos entrevistados descreveram que havia uma frequência no fluxo de turistas mesmo com a orientação do Estado e os decretos municipais de restrição de pessoas e comércios. Diante dos dados, percebemos que a circulação de turistas, segundo a visão dos entrevistados, permaneceu mesmo durante a pandemia, gerando, possivelmente, aglomerações e desrespeitos das orientações de isolamento social.

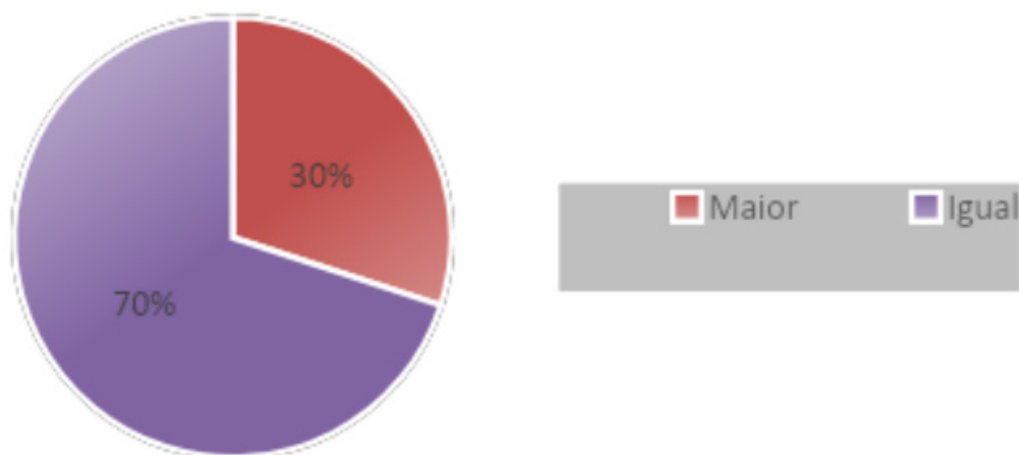
Figura 8 – Frequência dos turistas na Serra do Tepequém durante a pandemia.



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Ademais, pedimos a opinião dos entrevistados acerca do fluxo de turistas antes da pandemia em comparação com o momento atual. A figura 9 nos mostra que 70% opinaram que o fluxo dos turistas era maior antes da pandemia e 30% afirmam que o fluxo se manteve igual. Ou seja, na visão dos moradores, os turistas procuravam mais as belezas naturais da Serra do Tepequém para visitar ou conhecer.

Figura 9 – Comparação do momento com fluxo de turistas antes da pandemia.

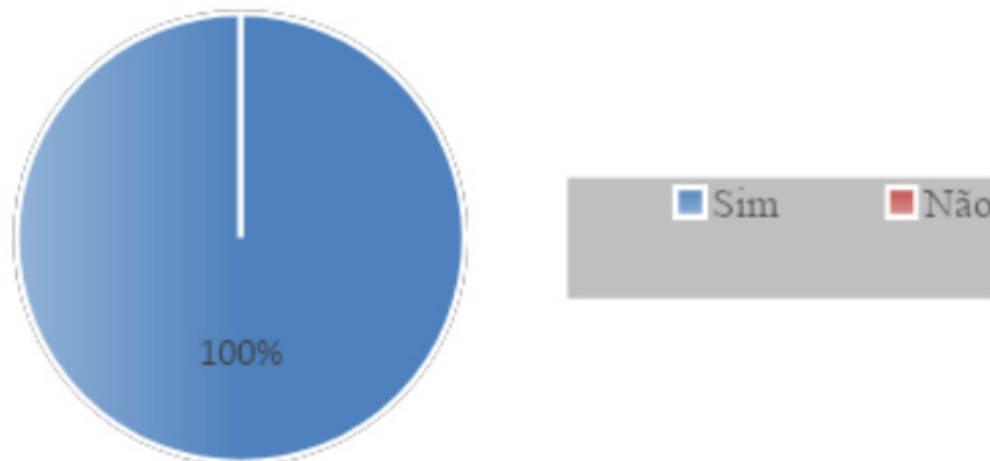


Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Na oportunidade, perguntamos para os entrevistados se o fluxo de turistas afeta ou não diretamente a vida dos moradores da região (figura 10). 100% dos moradores, empreendedores, comerciantes e empresários consultados avaliam que há, sim, uma interferência direta na vida da comunidade com a presença dos turistas.

Segundo Theobald (2002), o Turismo sempre teve uma relação de interferência nas comunidades receptoras. Entre os contatos positivos e negativos, o autor destaca que os aspectos positivos estão relacionados ao desenvolvimento da localidade, nas condições econômicas, sociais e culturais. Por outro lado, os impactos negativos influenciam diretamente na qualidade de vida dos moradores e do meio ambiente.

Figura 10 – O fluxo de turistas e a interferência na vida dos moradores da região.



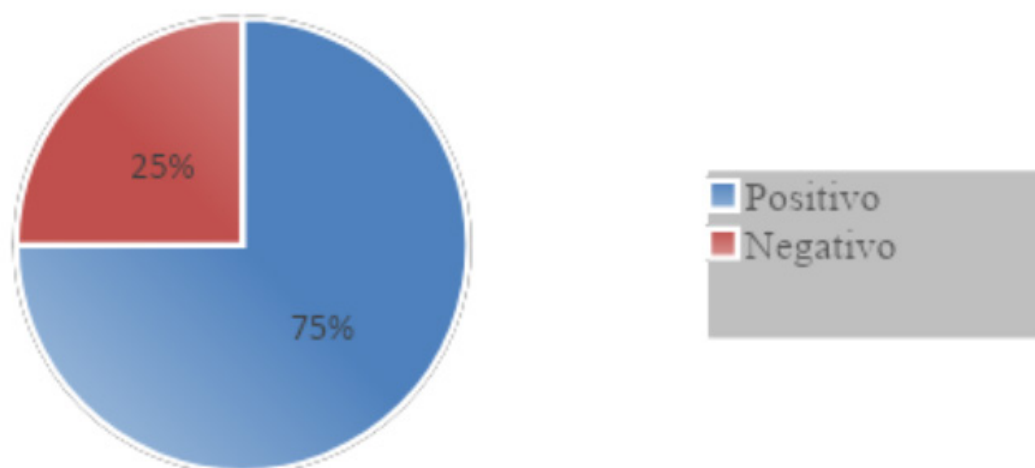
Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Ademais, perguntamos como os entrevistados avaliam o contato dos turistas com os moradores antes da pandemia. Na figura 11, apresentamos que 75% dos entrevistados avaliam como positivo e 25% avaliam como negativo. Contudo, analisando no campo científico as pesquisas relacionadas a esta temática, refletimos quais aspectos superam o outro na avaliação das relações sociais.

[...] o Turismo teve um impacto sobre tudo e todos os que estiveram em contato com ele. Num plano ideal, esses impactos deveriam ter sido positivos, no tocante aos benefícios obtidos tanto pelas áreas de destino quanto por seus residentes. Esses impactos positivos significariam para o local resultados tais como melhorias nas condições econômicas, uma promoção social e cultural e a proteção dos recursos ambientais. Teoricamente, os benefícios do Turismo deveriam produzir ganhos muito superiores aos seus custos (THEOBALD, 2002, p. 81).

Ou seja, apesar dos pontos positivos tão almejados pelo setor turístico, que são principalmente econômicos, em muitos casos os impactos negativos se sobressaem em relação aos positivos, o que torna o debate acerca das relações humanas nas atividades turísticas mais complexas.

Figura 11 - Contato dos turistas com os moradores antes da pandemia



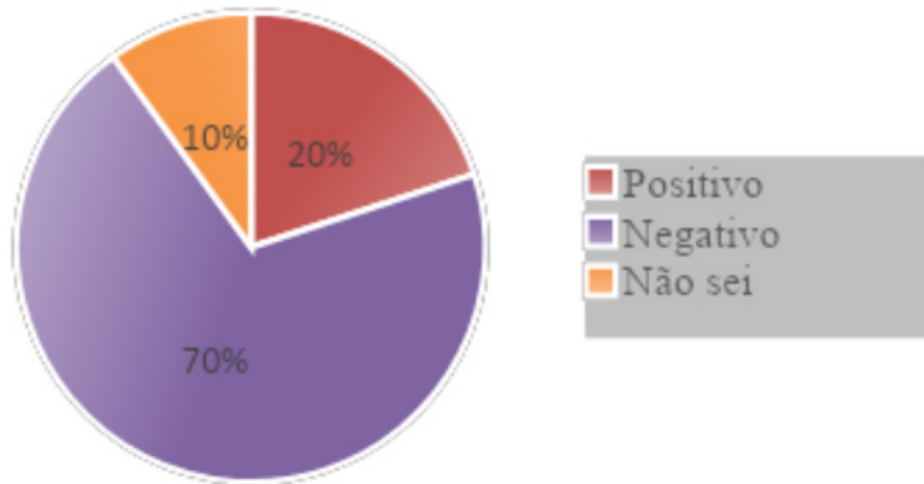
Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Relacionamos a percepção dos entrevistados acerca do contato dos turistas antes da pandemia com o contato destes durante a pandemia (figura 12), sendo que 70% avaliaram o contato como negativo, 20% como positivo e 10% não consideraram positivo, nem negativo. Corroborando com esta percepção, tomamos como fato a matéria do G1, publicada em 7 de setembro de 2020. Devido ao feriado da Independência, o jornal online publicou um material que abordava o descumprimento de regras que gerou aglomerações na Serra do Tepequém.

A partir de uma imagem que mostrava várias pessoas aglomeradas em uma das cachoeiras da Serra, a matéria enfatizava o número de pessoas sem máscara no mesmo local, no qual os moradores da localidade reclamavam da falta de fiscalização das autoridades sanitárias e do meio ambiente.

Na oportunidade, a prefeitura do município havia liberado as atividades turísticas, como pousadas e hotéis, para receberem hóspedes. Porém, com a imposição de várias regras, entre elas o uso de máscaras e o distanciamento social. Além da aglomeração, os turistas deixaram muitos resíduos no local, o que prejudica fortemente o meio ambiente.

Figura 12 – Contato dos turistas com os moradores durante a pandemia.

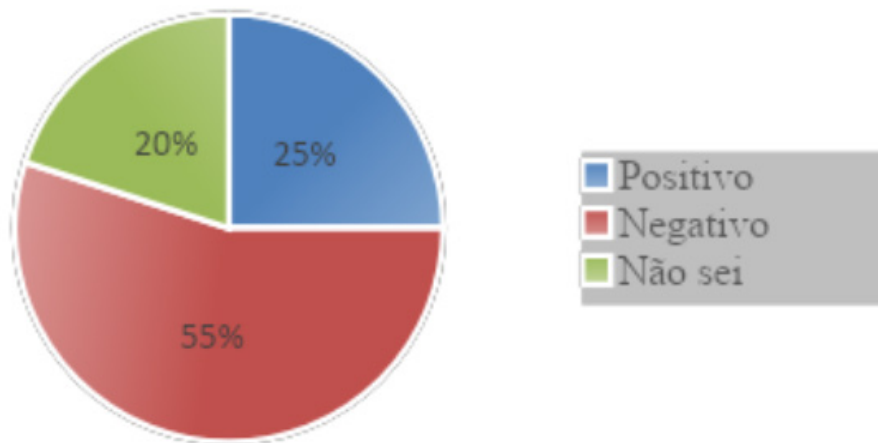


Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Perguntamos aos entrevistados qual a avaliação deles com relação ao contato dos turistas com o Meio Ambiente (figura 13). 55% avaliam como negativo, 25% como positivo e 20% não souberam responder. Ou seja, a maioria considera que o fluxo frequente de turistas na Serra prejudica o Meio Ambiente, uma vez que, como mencionado ao longo deste debate, muitos turistas não têm consciência e descartam de forma indevida os seus resíduos nas praças, cachoeiras e trilhas da região.

Observamos que, além dos resíduos sólidos, os moradores da Serra sofrem também com a poluição sonora, que gera desconforto às pessoas, ao meio ambiente e também aos animais. Estas questões são consideradas graves diante dos conceitos de turismo sustentável, que visa a conservação do ambiente natural e da preservação da relação do homem com o meio.

Figura 13 – Contato dos turistas com o Meio Ambiente



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

No tocante, perguntamos aos entrevistados em qual período, segundo eles, o Meio Ambiente foi ou é mais afetado. 70% consideraram que a agressão ao meio natural ocorreu mais antes da pandemia e 30% acreditam que o Meio Ambiente foi mais prejudicado durante a pandemia.

Diante do exposto, destacamos a relação do crescimento econômico com a qualidade do Meio Ambiente, considerando que o desenvolvimento do espaço turístico deve estar associado à redução dos impactos causados pelas atividades. Contudo, temos ciência de que os impactos ambientais podem ser amenizados, porém, não será possível reconstruir o espaço natural por completo, uma vez que, em espaços turísticos, o fluxo de turistas é constante e os impactos sempre estarão presentes nestes espaços (COLESANTI et al., 2007).

Diminuir a agressão ao meio ambiente torna-se um grande desafio para a atualidade. Conciliar as atividades turísticas com a conservação do meio natural só será possível mediante uma educação transformadora, a Educação Ambiental. Esta é uma ferramenta em potencial para orientar as pessoas em suas atitudes frente a uma consciência coletiva de respeito e valorização do seu ambiente.

Para tanto, na Serra do Tepequém, percebemos que há uma consciência dos moradores, empreendedores e empresários acerca da necessidade de uma prática social que proporcione cidadãos mais responsáveis e sensíveis com o Meio Ambiente. É indispensável que o ser humano seja preparado para uma

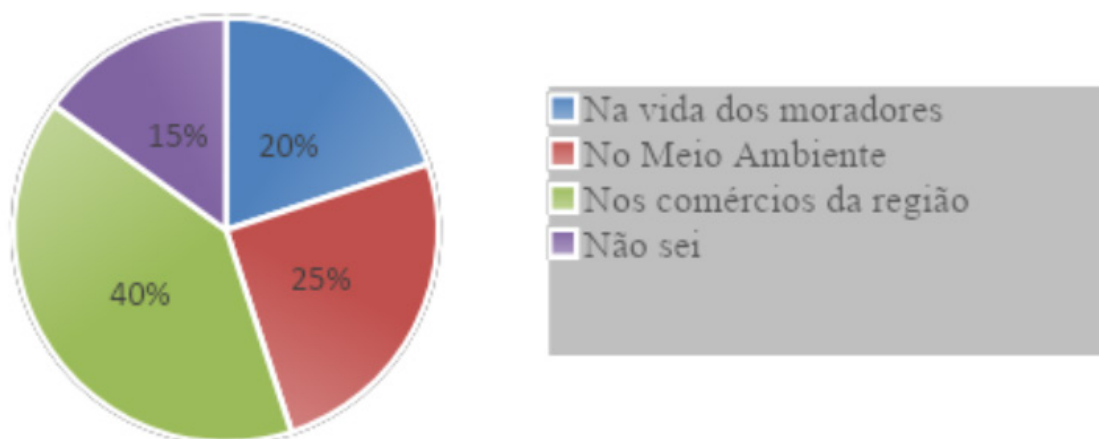
prática social que objetiva desenvolver o ser humano frente a uma relação social de diálogo, organização, reflexão e atitudes responsáveis com a natureza (LOUREIRO, 2012, p. 108).

Por conseguinte, perguntamos aos entrevistados acerca da avaliação destes em quais aspectos consideram que houve uma maior influência diante do fluxo de turistas na Serra do Tepequém. Conforme a figura 14, 40% consideram que a maior influência ocorreu nos comércios da região, para 25% foi ao Meio Ambiente, 20% dizem que a influência foi na vida dos moradores e 15% não souberam responder.

Embora as questões que envolvem os impactos do turismo na vida das comunidades tenham um debate complexo, não podemos classificar as interferências como positivas ou negativas sem antes realizar um estudo mais profundo a esse respeito. Entretanto, podemos considerar que o turismo na Serra do Tepequém desenvolveu a comunidade no sentido de estruturas para receber os turistas, bem como no aperfeiçoamento de guias e condutores locais, o que proporcionou a geração de renda para a população receptora.

Ademais, são notórias as mudanças no comércio da região, que envolve pousadas, alojamentos e restaurantes da localidade. Sob o mesmo ponto de vista, as pesquisas acadêmicas na comunidade também são destaques, pois proporcionaram mais planejamento das atividades, cooperação e coordenação dos atores e setores envolvidos no desenvolvimento local.

Figura 14 – Influência do fluxo de turistas



Fonte: própria via questionário *Google Forms*.

Na Serra do Tepequém, o turismo, aos poucos, foi retomado ainda durante a pandemia, ora com algumas orientações de saúde. Uma união dos setores públicos que envolvem o governo do estado de Roraima, Departamento Estadual de Turismo e a comunidade local, visando superar os prejuízos causados pela crise sanitária no setor turístico no ano de 2020, buscaram aplicar no estado uma campanha do Ministério do Turismo (MTur), intitulada “Não cancele, remarque!”, com a finalidade de recuperar o setor e os empregos perdidos durante a pandemia (DETUR-RR, 2021).

Recentemente, a estrada que dá acesso a Serra do Tepequém foi recuperada para permitir o deslocamento das pessoas até a localidade. A comunidade está se organizando, retomando as atividades da Associação de Moradores do Tepequém (ADESMONT) e a apresentação do Plano Estratégico da Serra do Tepequém 2021-2025, que visa organizar as atividades turísticas na comunidade.

Este Plano apresenta as potencialidades e os problemas sociais, estruturais e econômicos vivenciados pela comunidade, bem como propõe ações concretas que apontam soluções e iniciativas do setor público e dos atores locais, por meio das associações, guias de turismo, empresários, profissionais autônomos e acadêmicos na perspectiva de um turismo sustentável (AMAJARI – PLANO ESTRATÉGICO PARA O TURISMO NA SERRA DO TEPEQUÉM, 2021-2025, np). Por fim, é o anseio da população local na proteção ambiental e na promoção de renda para a região que pretende alavancar as atividades prejudicadas pela pandemia do Covid-19, iniciada no ano de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas leituras realizadas, destacamos as dificuldades enfrentadas pelo setor turístico em decorrência da crise sanitária instalada pelo mundo, sendo um dos setores mais atingidos. As consequências ainda estão sendo superadas; muitas, talvez, sejam irreversíveis. Em síntese, podemos identificar os impactos provocados mediante as medidas de isolamento social, cujas consequências afetaram diretamente o setor turístico.

A partir desse cenário, vários estudos foram realizados com o objetivo de identificar as perdas e entender quais ações devem ser adotadas para alavan-

car o turismo e solucionar os problemas em um momento de estabilidade da pandemia. Diante disso, a caracterização do novo turismo no país e em Roraima parte de uma nova perspectiva, com atividades associadas a novas regras de proteção, em que o turista, ao visitar qualquer localidade, deve respeitar o distanciamento social, usar máscaras em locais públicos e evitar aglomerações.

Apesar das orientações da Organização Mundial de Saúde e dos decretos municipais, o que vimos noticiados nos principais jornais do Estado nos causam certa preocupação, afinal, vários aspectos envolvem o comportamento anormal das pessoas diante do cumprimento de regras. Neste sentido, podemos considerar vários fatores que associam o comportamento dos turistas ao momento, como: o tempo prolongado de isolamento social, a falta de consciência da grandiosidade da crise sanitária, orientações desencontradas que indefinem o comportamento das pessoas, dentre outros. Ocasionalmente, a conduta errada aumenta o fluxo de turista, gerando, ao mesmo tempo, aglomeração e, conseqüentemente, interferindo na vida dos moradores e também no Meio Ambiente.

O comportamento dos turistas de forma desorganizada provoca barulhos excessivos, descarte incorreto de resíduos e poluição dos ambientes. A saturação do espaço frente ao alto fluxo de turistas causa danos permanentes à natureza. Por essa razão, é importante pensar o turismo na perspectiva da sustentabilidade e da educação ambiental, sendo necessário compreender que cada um tem responsabilidades sobre o espaço que pertence ou que frequenta.

A Serra do Tepequém, no início do ano de 2021, foi revitalizada com a finalidade de garantir o acesso à localidade também na época de chuvas no estado. A Associação de Moradores do Tepequém (ADESMONT), também no corrente ano, teve suas atividades revitalizadas e planejadas para ações em prol do Turismo, sendo uma dessas atividades a apresentação do Plano Estratégico do Turismo com vigência de 2021 a 2025, sendo essas estratégias possíveis caminhos para a retomada do turismo na região de forma ordenada e organizada.

Com base na leitura dos dados, percebemos uma preocupação entre os moradores, empreendedores e empresários da região. Tendo em vista que o fluxo de turista se manteve na pandemia, apesar de não ser na mesma propor-

ção, os entrevistados consideraram negativo o contato com os turistas diante a circulação do vírus Covid-19. Outro aspecto destacado foi a queda na geração de renda da comunidade; uma porcentagem dos entrevistados perdeu renda após o início da pandemia. Esses aspectos interferiram diretamente nas relações sociais, econômicas e de saúde pública, considerando que, frente a este cenário, pairava um sentimento de incerteza.

Nesse contexto, avaliamos, a partir de gráficos apresentados, que o comportamento do turista, do ponto de vista dos moradores, não foi satisfatório, considerando que estes apresentavam preocupações relacionadas à saúde da população local devido à pandemia e também à conservação do Meio Ambiente diante do fluxo contínuo dos visitantes.

De fato, ainda vivemos um momento de insegurança, o que torna impossível afirmar o grau de perdas quanto às atividades turísticas no estado. Contudo, pensar na dimensão do setor, considerando todos os aspectos, como físico, ambiental e humano, nos direciona a refletir acerca de nossas ações de consciência para com o meio em que vivemos. Por fim, esta pesquisa nos permitiu vivenciar os anseios frente as nossas posturas enquanto turistas. Apesar de afetado, o turismo ainda pode ser considerado uma fonte de disseminação no Covid-19 e a falta de consciência torna ainda mais grave a situação no aspecto de preservar a própria vida e a do outro. Estabelecer iniciativas que preservem a saúde das pessoas nos permite sonhar com o momento pós pandemia, com nossas relações sendo retomadas e as viagens restabelecidas.

REFERÊNCIAS

AMAJARI - PLANO ESTRATÉGICO PARA O TURISMO NA SERRA DO TEPEQUÉM (2021 - 2025). **2º Plano Estratégico para o Turismo na Serra do Tepequém (2021-2025)**. Tepequém/Amajari/Roraima/Brasil. Abril de 2021.

BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aeph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

BENI, M. C. **Fundamentos da Teoria de Sistemas Aplicados ao Turismo**. São Paulo, 2001.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira** (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 39). Rio de Janeiro, RJ. 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 4 maio 2021.

CHAGAS, M. M. das. Avaliação dos impactos sócio-econômicos do turismo gerados pelo setor hoteleiro: uma análise dos hotéis da Via Costeira – Natal/RN. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 13, n. 153, p. 93-104, 2014.

COLESANTI, M. T. M.; FARNESI, C. C.; NEHME, V. G. F.; BACELAR, W. B. **Agenda 21 e desenvolvimento sustentável**. Uberlândia: Roma, 2007. 61p.

FARIAS, M. V. de A.; VERAS, A.S. S.; SANTOS, A. P. R. dos. Ocupação humana e a transformação no meio ambiente na Serra do Tepequém, Roraima. **Mus. Int. de Roraima**, v. 7, n. 1, p. 8-13, 2013.

FECOMÉRCIO-RR. **Turismo Perdeu 34% Do Seu Faturamento Em 2020**. Disponível em: <https://fecomerciorr.com.br/2021/03/09/turismo-perdeu-34-do-seu-faturamento-em-2020-2/>. Acesso em: 10 maio 2021.

FURTADO, L. I. **Introdução ao turismo no Brasil**. (Cadernos Técnicos de Turismo). Rio de Janeiro: Infobook, 2000.

GHEDIN, L. M. et al. **Sinalização Turística**: uma proposta de uso turístico para a serra da Serra do Tepequém. UFRR. Boa Vista, 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Sustentabilidade e educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Doença por coronavírus 2019 (COVID-19). **Relatório de situação**. 88. Genebra: OMS; 2019.

RORAIMA - DEPARTAMENTO DE ESTADO DO TURISMO (DETUR). **Pesquisa avalia impactos do Covid-19 no turismo em Roraima**. Disponível em: <http://turismo.rr.gov.br/index.php/component/k2/item/8-pesquisa-avalia-impactos-do-covid-19-no-turismo-em-roraima>. Acesso em: 10 maio 2021.

RORAIMA - DEPARTAMENTO DE ESTADO DO TURISMO (DETUR). **Aos poucos, turismo em Roraima volta à normalidade.** Disponível em: <http://www.turismo.rr.gov.br/index.php/component/k2/item/20-aos-poucos-turismo-em-ro- raima-volta-a-normalidade>. Acesso em: 11 maio 2021.

RORAIMA – EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 001, DE 09 DE JUNHO DE 1993. Publicada no Diário da Assembleia nº 084 de 01 a 10/06/93. Disponível em: https://www.mpc.rr.gov.br/uploads/2013/09/02092013013614204_6.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

THEOBALD, William F. (org.). **Turismo Global.** 2. ed. Traduzido por Ana Maria Capovilla; Maria Cristina Guimarães Cupertino e João Ricardo Barros Penteadó. São Paulo: SENAC, 2002. Tradução de Global Tourism.

UNWTO. **Supporting Jobs and Economies Through Travel & Tourism:** a call for action to mitigate the socio-economic impact of covid-19 and accelerate recovery. Madri: UNWTO, abril de 2020. Disponível em: [https://webunwto.s3.eu-west-1.amazo- naws.com/s3fs-public/2020-04/COVID19_Recommendations_English_1.pdf](https://webunwto.s3.eu-west-1.amazonaws.com/s3fs-public/2020-04/COVID19_Recommendations_English_1.pdf). Acesso em: 7 maio 2021.



O PAPEL DO CONDUTOR LOCAL DE ECOTURISMO PARA A SUSTENTABILIDADE DOS ATRATIVOS NATURAIS DO ESTADO DE RORAIMA.

Josué Ferreira Barboza¹
Régia Cristina Macêdo da Silva²

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o papel do condutor local de Ecoturismo, bem como suas atribuições nas áreas naturais para o turismo e a comunidade local. Estes requisitos são importantíssimos e podem contribuir para a conservação e preservação do meio ambiente, influenciando também a própria comunidade local a valorizar este profissional. Em razão da variedade de atrativos naturais existentes no estado de Roraima, existe uma demanda cada vez maior de pessoas que se dirigem a esses locais sem a companhia de um condutor ambiental capacitado. Nesse sentido, o trabalho visa também apresentar uma reflexão sobre essa questão, enfatizando o papel do condutor ambiental para o turismo sustentável no estado. Desse modo, adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa exploratória participante, além da pesquisa bibliográfica. Foi elaborado um questionário e, após a coleta, os dados foram tabulados, analisados e servindo para demonstrar o importante papel desse profissional para a sociedade.

Palavras-chave: Ecoturismo. Atrativos turísticos. Condutor local.

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR (2021). Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Roraima - UERR (2020). Ainda possui Curso Técnico em Guia de Turismo pelo SENAC/RR (2020). É fundador e proprietário da agência e loja de turismo ecológico e religioso Vem Com Josué. E-mail: josue.ferr81@gmail.com

2 Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - PROCISA/UFRR (2019). Especialista em Gestão de Pessoas. Possui ainda MBA Executivo Empresarial em Empreendedorismo e Consultoria. Graduada em Administração pela Universidade Federal de Roraima (2007) e professora efetiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Roraima.

RESUMEN

El presente trabajo analiza quién es el conductor local de Ecoturismo, así como sus atribuciones en las áreas naturales, para el turismo y también para comunidad local. Estos requisitos son importantísimos y pueden contribuir a la conservación y preservación del medio ambiente, influenciando también a la propia comunidad local a valorar a este profesional. En razón de la gran existencia de atractivos naturales existentes en el Estado de Roraima, hay una demanda cada vez mayor de personas que se dirigen a esos lugares sin la compañía de un conductor ambiental capacitado, el trabajo tiene como objetivo también presentar una reflexión sobre este tema enfatizando en el papel del conductor ambiental para el turismo sostenible de este Estado. De ese modo, se adoptó como procedimiento metodológico la investigación exploratoria participante, más allá de la investigación bibliográfica. Se elaboró un cuestionario y luego de su recolección, los datos fueron tabulados, analizados y sirve para demostrar el importante papel de este profesional para la sociedad.

Palabras clave: Ecoturismo. Atractivos turísticos. Conductor local.

INTRODUÇÃO

Atualmente, vive-se uma demanda crescente pelo contato direto com a natureza e, com as repercussões na mídia sobre problemas ambientais, principalmente sobre a importância da construção de uma conscientização dessas áreas para as próximas gerações, procuram-se os melhores métodos de práticas sustentáveis.

Dessa forma, o ser humano tem a responsabilidade de desenvolver soluções, bem como a preservação e manutenção do meio ambiente em condições de equilíbrio, na busca do controle dos impactos negativos sobre os ecossistemas (NASCIMENTO, MOREIRA, 2018).

Em concordância com a preservação do meio ambiente na atividade turística, este trabalho apresenta o condutor local de ecoturismo como alguém que deve ter participação direta e contínua nos roteiros de visitas, para minimização dos impactos negativos nos atrativos ecoturísticos de Roraima.

Visando uma forma de turismo mais sustentável, Lemes e Nunes (2014) apontam o ecoturismo como um segmento que está passando por grande crescimento dentro da área de turismo, pois busca o equilíbrio do homem com

a natureza e possibilita a geração de renda de forma sustentável. No entanto, faz-se necessário uma maior fiscalização para garantir que as leis e, principalmente, um controle efetivo dessas atividades alcancem esse equilíbrio homem-natureza. Nesse caso, a educação ambiental pode ser capaz de contribuir para a formação de pessoas conscientes de seus impactos sobre a natureza.

As frequentes visitas que são feitas a esses lugares de forma desordenada representam uma ação ameaçadora tanto do ponto de vista ambiental como nos aspectos da sustentabilidade.

Partindo dessa premissa, as argumentações propostas anteriormente levantam a seguinte inquietação: É importante o condutor local de turismo para preservação ambiental?

Há uma grande tendência para a prática de atividades turísticas em áreas naturais do estado de Roraima, em locais como: Serra Grande, Monte Roraima, Tepequém, Campos Novos, entre outros. Nessa perspectiva, visando uma preocupação sustentável, esta pesquisa tem como objetivo principal apresentar o condutor local como agente potencial na sensibilização da preservação dos atrativos turísticos de Roraima.

Com belezas naturais de extrema exuberância, Roraima possui um conjunto de áreas naturais com atrativos que oferecem potencialidades para o desenvolvimento do ecoturismo e turismo de aventura, que já estão sendo aproveitadas por residentes locais, visitantes de outros municípios, por turistas de diferentes Estados do Brasil e também de outros países.

Além do Monte Roraima, que já é um produto turístico reconhecido, existem exemplos de lugares como Serra Grande, no município de Cantá, Campos Novos, no município de Iracema, Serra do Tepequém, no município de Amajari, Baixo Rio Branco, em Caracaraí, que são considerados potenciais turísticos.

Com todo potencial descrito acima, faz-se necessário verificar a formação das pessoas que fazem guiamento, tendo em vista que o condutor capacitado tem uma melhor visão de identificar a quantidade de pessoas a serem guiadas, bem como analisar a logística do tempo que irá permanecer na trilha e acampamento em relação à logística do que devem ou não levar.

Ainda dentro dessa proposta, a pesquisa tem como objetivos específicos

visualizar o grau de impacto negativo na natureza causado pelos visitantes sem o condutor capacitado; comparar com o grau de impacto causado pelos visitantes com a presença do condutor formado; sobretudo, de que modo agregar valor à profissão de condutor de turismo.

Dessa forma, embora existam exemplos de lugares como a Serra Grande, que não possuem estruturas físicas construídas pelo, propícias para receber turistas, a mesma possui belezas naturais endêmicas, desenvolvendo uma potencialidade turística muito grande. Essa é a razão das desenfreadas visitas que são realizadas de qualquer jeito, sem ordem e sem direção, muitas vezes sem a presença de um condutor capacitado, resultando em impactos ambientais recorrentes.

METODOLOGIA

Para este trabalho, adotou-se a abordagem qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a conferem a eles.

Foi adotada também a pesquisa exploratória, que, de acordo com (OLIVEIRA, 2018), é o tipo de pesquisa realizada quando o tema escolhido é pouco explorado, sendo difícil a formulação e operacionalização de hipóteses. Muitas vezes, esse tipo de estudo se constitui em um primeiro passo para realização de uma pesquisa mais aprofundada.

No primeiro momento, foi feita pesquisa bibliográfica por meio de artigos, livros e legislações referentes ao tema proposto. Num segundo momento, foi utilizada a pesquisa exploratória participante, ou seja, foi aplicado um questionário com 11 perguntas objetivas a 18 pessoas que já visitaram pelo menos dois atrativos turísticos de Roraima, acompanhadas ou não do condutor local.

Essas pessoas foram escolhidas quando do planejamento para um passeio turístico guiado por um condutor local. O questionário, que será disponibilizado nas páginas finais desta pesquisa, foi impresso e entregue às pessoas para que, de modo físico, pudessem participar respondendo cada pergunta.

As respostas obtidas foram tabuladas e apresentadas ao final deste trabalho através de gráficos, com a finalidade de facilitar a visualização e a compreensão dos dados coletados.

ECOTURISMO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neste primeiro tópico, será apresentado ao leitor uma noção de ecoturismo, bem como de educação ambiental, com o objetivo de familiarizá-lo com a temática aqui abordada.

Pensando na melhor forma de desfrutar da atividade turística e permitir que as futuras gerações também tenham o mesmo direito, Castro (2007) aponta o ecoturismo como o segmento da atividade turística indicado como uma alternativa sustentável da prática turística nos ambientes naturais.

Outro conceito importante para a definição da atividade do ecoturismo que também está de comum acordo com os princípios de sustentabilidade é dado pela Política Nacional do Ecoturismo (2010, p. 15), que a define como:

É um segmento da atividade turístico que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva a conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

Percebe-se, então, que o conceito de ecoturismo contraria totalmente o outro modelo de mercado turístico, cujas rédeas estão direcionadas somente para o capitalismo, implantando no visitante o consumismo irresponsável, o que se assemelha muito a este mundo globalizado, porém desequilibrado em relação às questões ambientais.

Diante disso, o ecoturismo tem como princípio o equilíbrio entre a utilização e a conservação das áreas naturais visitadas e, conseqüentemente, o desenvolvimento socioeconômico local (WWF- Interpretação ambiental p. 261). Trata-se de ações corretivas e de manutenção da integridade e da qualidade do meio ambiente. Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, np), a conservação da natureza se define como:

O manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação,

a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras.

Frente a essas recomendações, por que não pensar nas gerações futuras do estado de Roraima? Tendo em vista que a realidade turística desse pedaço do Brasil é o ecoturismo, seria interessante a promoção de programas por parte do governo e instituições educacionais como forma de incentivos para que todas as práticas de turismo nas áreas naturais sejam regulamentadas, pois, para Aguiar e Padua (2010, p. 503):

[...] governos, organizações não governamentais (ONGs), sociedade civil e instituições do setor privado têm desenvolvido programas de ecoturismo em parques e áreas naturais, como forma de promover um turismo responsável. Isto representa um conjunto de normas que ajudem a proteger a integridade ambiental, e, ao mesmo tempo, melhoram a qualidade de vida das populações do entorno dessas áreas.

No entanto, conforme o que foi dito acima, a promoção desses programas governamentais não deve se restringir apenas a algumas áreas ou regiões do Brasil, mas a todo o território nacional. Portanto, o ecoturismo é uma atividade em que há a interação de diversos indivíduos com o meio ambiente, bem como governantes, sociedade, comunidade local, condutores e ecoturistas. Por essa razão, devem estar sensibilizados quanto à preservação e manutenção do meio ambiente. Dessa forma, a educação ambiental é uma ferramenta para o desenvolvimento dessa conscientização, pois, conforme Bueno e Pires (2006, p. 16):

O ecoturismo deve ser compreendido não somente como um segmento turístico, mas como uma atividade que se afina aos ideais ambientalistas e promove experiências privilegiadas de educação, que estimulam a elucidação de valores e incentivam atitudes em prol da conservação da natureza e da consolidação de um novo comportamento social, o qual pode ser alcançado pela adoção das modalidades de Educação Ambiental.

Por conta dessa questão, encontramos um conjunto de propostas, definições e trabalhos científicos nas universidades brasileiras que buscam valorizar a educação ambiental como a melhor maneira de preservar o meio ambiente natural.

A educação ambiental é uma ferramenta eficaz para sensibilização de habitantes, condutores e ecoturistas através da realização de capacitações que promovam a sustentabilidade, sendo que a educação ambiental é um processo longo e contínuo, da qual deve ser buscada em todas as fases da formação do indivíduo (CAMPOS, VASCONCELOS, 2010, p. 58).

Como podemos perceber, é primordial o princípio da educação ambiental em qualquer faixa etária da vida das pessoas, sendo possível encontrar eco nas palavras de Nascimento e Moreira (2018). A Conferência de Tbilisi conceitua que é perceptível que a Educação Ambiental é um processo que deve ser contínuo, cujo objetivo está em proporcionar o desenvolvimento de hábitos, atitudes e conhecimentos que levem a uma mudança tanto de posicionamento quanto do comportamento dos indivíduos.

Contudo, ainda são poucas as áreas naturais com potencial turístico que trabalham o turismo regulamentado no Brasil, mesmo com tantos projetos universitários. Por isso que, às vezes, a exploração é feita de qualquer maneira. Dessa forma, o turismo, muitas vezes, é visto como uma atividade ameaçadora ao meio ambiente. Para não se configurar como tal, é necessário que seja aproveitado de forma sustentável. E o ecoturismo, sendo parte deste segmento, possui prática da educação ambiental, que, de acordo com Costa (2002, p. 2), possui algumas características, que são:

Toda forma de turismo em que a motivação principal dos turistas é a observação e a apreciação da natureza, bem como as culturas tradicionais que prevalecem nas áreas naturais contém elementos educacionais e tradicionais. Procura reduzir ao mínimo os impactos negativos sobre o entorno natural e sociocultural, além de contribuir para a proteção de áreas naturais incrementando a conscientização para a conservação de recursos naturais entre habitantes e turistas.

As características descritas acima apresentam a preocupação do autor com a relação do ecoturista e o ambiente natural, enfatizando que o agente humano deve preservar os atrativos naturais para que estes possam sempre estar disponíveis para futuras gerações. Além disso, várias atividades econômicas e sociais vêm desenvolvendo planejamentos com base nos pilares de conscientização, objetivando a diminuição dos impactos negativos sobre o meio ambiente, pois o futuro do mesmo está atrelado à maneira como é moldada a relação da sociedade com este espaço natural. Nesse sentido, a Educação Ambiental

tem a capacidade de causar mudanças sociais e econômicas nos modelos de desenvolvimentos atuais (LIMA; NETO, 2018).

A Educação Ambiental pode ser Formal e Não-Formal. A formal compreende a educação escolar, desenvolvida no âmbito dos currículos, enquanto a Não-Formal se apresenta como as ações e práticas educativas com finalidade de sensibilizar o coletivo com relação às questões ambientais e a organização e participação para defesa dos recursos do meio ambiente (BRASIL, 1999).

Importa considerar que os dois modelos de sensibilização educacional para o meio ambiente são fundamentais e já são implantados em Unidades de Conservação, uma vez que:

[...] a exploração da atividade do ecoturismo em UC, através da educação e da interpretação ambiental, pode constituir uma oportunidade ímpar para envolver as comunidades locais na gestão da área, sobretudo nas unidades de proteção integral, promovendo acordos entre as populações e as UC e oferecendo alternativas econômicas para as pessoas, fortalecendo assim as redes sociais e a governança local (EAGLES et al., 2002, np).

Importante ressaltar que, pelo fato das Unidades de Conservação (UC's) possuírem regras para serem visitadas, as pessoas sempre vão dá um jeito de procurar outros atrativos com potenciais turísticos para visitar. Contudo, se não forem acompanhadas de profissionais que as alertem para os cuidados com o meio ambiente, esta prática turística acabará sendo de forma incorreta.

Ambientes naturais são procurados por pessoas como um novo paraíso, onde imperam a calma, tranquilidade, como um local longe da poluição, do barulho e da agitação das grandes metrópoles. Segundo Serrano (2001), o turismo em áreas naturais seria decorrente do desejo de fuga da vida cotidiana, um retorno de uma vida mais ligada à harmonia entre homem e natureza, com o objetivo de resgatar costumes e até mesmo tradições dos modelos de sociedades do passado.

Essa tendência da procura por lugares em meio à natureza tem sido muito frequente nos atrativos de Roraima. Tanto é que só na serra do Tepequém, um dos produtos turísticos mais procurados do estado, chega a lotar o ambiente, tornando prejudicial para a sustentabilidade, o que fez o Portal de Notícias (Roraima1 08/09/2020 09:37) fazer o seguinte comentário:

O feriadão em Roraima foi marcado pela surpreendente fuga da população boa-vistense para a Serra do Tepequém, localizada a 210 Km da Capital, ao Norte do Estado, no Município do Amajari. Lembrou a corrida em busca do diamante, no final da década de 1930, quando aquele local se tornou o maior garimpo de diamante da América do Sul.

As trilhas estão se tornando um grande atrativo no estado, pois são práticas atrativas e cada vez mais pessoas buscam esses lugares para se aproximarem do ambiente natural. As trilhas são o caminho para que se possa desfrutar das áreas naturais de maneira organizada, segura e consciente, possibilitando a preservação do ambiente natural. Quando planejadas e manejadas adequadamente, servem de proteção ao usuário e ao ambiente, além de assegurar maior conforto e segurança ao caminhante (DIAS; QUEIROZ, 1997).

Como podemos perceber, é necessário haver manejo a partir dos cuidados por parte dos ecoturistas, uma vez que a erosão deteriora muito o meio ambiente natural, e, se a comunidade não fizer sua parte, o local deixará de ser visitado.

Dessa forma que a organização nas trilhas se dá exatamente quando há um planejamento, o manejo adequado e o profissional qualificado para tais conduções, pois, segundo a EMBRATUR (1994), as trilhas são corredores de circulação bem definidos, através dos quais os visitantes são conduzidos a locais de grande beleza natural para a observação da natureza.

Assim, a prática do turismo ecológico não envolve apenas visitação em áreas de matas, rios, oceanos. Vai muito além disso, pois ecoturismo ou turismo ecológico é um segmento do turismo que envolve patrimônios e belezas naturais ao incentivar a formação de uma consciência ambientalista e a conservação da natureza, sendo um dos segmentos do Turismo ligado à natureza, estimulando a prática de caminhadas através das trilhas ecológicas ou sob tração animal, aproximando o homem com a natureza (CARVALHO, 2004).

Como visto, esse segmento parece ser o modelo ideal para trabalhar o turismo em áreas verdes, com a garantia de que esse serviço dê oportunidade às gerações futuras.

IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DAS ÁREAS NATURAIS PELOS CONDUTORES TURÍSTICOS NO ESTADO DE RORAIMA.

Há um crescimento significativo dos serviços de turismo na atualidade. Dessa forma, com a demanda alta surge a necessidade de mais ocupações profissionais, como é o caso dos condutores locais.

De acordo com o Manual de boas práticas de rafting (2009), dentro das possibilidades de atuação para condução, ligadas a ambientes naturais e formalizadas institucionalmente, existem os profissionais guia de turismo especializado em atrativos naturais, tais como condutor de turismo de aventura e o condutor ambiental local.

Para as práticas de acompanhamento em áreas naturais, Ribas e Hickenbick (2012) apontam o condutor ambiental local, preferencialmente, como um integrante do entorno ou da localidade onde atua, um “*nativo*”, apresentando conhecimentos vivenciais do meio biológico e cultural do que interpreta, o que o difere dos demais sujeitos do mercado turístico.

Ao condutor de turismo de aventura, foram atribuídas responsabilidades através de normas técnicas criadas através de parceria firmada entre o Ministério do Turismo e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), através do Programa Aventura Segura (PAS), que deu direcionamento ao segmento no Brasil, sendo reconhecido internacionalmente por essa iniciativa (ABETA, 2009).

Das atribuições responsabilizadas ao condutor ambiental de turismo está a condução de pessoas por trilhas ecológicas e de aventura, promovendo sua interpretação.

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2007), define-se trilha como sendo uma via estreita não pavimentada e intransitável por veículos de passeio. As trilhas, de acordo as citações já abordadas, são para o trekking (caminhada), e por estas o condutor tem a oportunidade de sensibilizar as pessoas.

Com base em Mendes, Souza e Tabanez (1997, p. 20), as trilhas interpretativas:

[...] oferecem oportunidades de um contato direto com o ambiente na-

tural, direcionado ao aprendizado e sensibilizá-lo. Proporcionam, também, oportunidades de reflexo sobre valores, indispensáveis a mudanças comportamentais que estejam em equilíbrio com a conservação dos recursos naturais.

Dessa forma, o condutor capacitado é a figura ideal para transmitir a educação ambiental, que é uma aliada para a conservação destas trilhas. O condutor orienta os ecoturistas, que, ao apreciarem esses recursos naturais, serão sensibilizados a preservarem o local.

No percurso das visitas em trilhas ecológicas, o condutor pode aproveitar esse momento de lazer para a disseminação de conhecimentos sobre educação ambiental, que se tornam local de informação com auxílio de placas, sinais e instruções, além da própria experiência pessoal (ROCHA, BARBOSA, 2010).

Sendo assim, Souza (2014, p. 247) afirma que:

A trilha é metodologia fundamental no processo de sensibilização ambiental, prioritariamente da EA [Educação Ambiental] não formal. Esta afirmação justifica-se por se acreditar que este ambiente seja mais propício à sensibilização devido à possibilidade de contato da pessoa com a natureza e, assim, a mesma é condicionada a perceber, observar e analisar o ambiente pelo qual está de passagem, podendo despertar nela a vontade de preservar e conservar.

Sabe-se que as trilhas facilitam a aproximação de pessoas com o meio ambiente, propiciando experiências que estimulam a reflexão sobre atitudes predatórias do meio ambiente. Além disso, auxiliam a incluir a participação das comunidades locais nos processos de decisões das atividades (AGUIAR; PADUA, 2010). No entanto, segundo Rocha e Barbosa (2010, p. 459):

As trilhas são ferramentas de educação ambiental muito eficazes, porém, se mal administradas podem se tornar um agravante na degradação ambiental de uma área preservada. As trilhas permitem o acesso às áreas mais interiores da Unidade de Conservação e, por isso, devem ser planejadas e manejadas de modo a maximizar a conscientização ambiental do visitante e minimizar os impactos que estes podem acarretar. Além disso, a segurança dos visitantes é diretamente relacionada às condições da trilha.

Dessa forma, os condutores devem desenvolver meios que conciliem todos esses fatores para manutenção do equilíbrio ambiental, ou seja, a relação

entre homem e meio ambiente. Para isso, é necessário que esse profissional possua capacitações adequadas sobre educação ambiental, que podem ser desenvolvidas com o apoio de governantes, pesquisadores, instituições e a sociedade em geral.

A RELAÇÃO DO CONDUTOR LOCAL PARA O TURISMO SUSTENTÁVEL EM RORAIMA

A companhia do condutor ambiental nas atividades de trilhas e aventuras tem ocorrido de forma cada vez mais frequente a partir de visitas e excursões no estado de Roraima. Segundo Morais (2000), o condutor serve de elo entre o turista e o patrimônio cultural e natural da região. Justifica-se também que, pelo crescimento da atividade turística, é louvável considerar a valorização da profissão de condutor.

De acordo com pesquisas recentes realizadas através da aplicação de questionários e aplicadas aos admiradores da natureza de Roraima, muitas pessoas ainda se arriscam em se dirigir sozinhas para estes locais, perdendo a trilha e causando transtorno durante o passeio ecológico.

Foi o que evidenciou a Folhabv (8 de out. 2017) ao noticiar um grupo de jovens que ficaram perdidos na mata durante mais de 12 horas e foram resgatados pelo Corpo de Bombeiros de Roraima (CBM/RR). A ideia deles era percorrer a Serra Grande, no município do Cantá - RR, como uma aventura que não deu certo.

Por essa razão, é importante valorizar a companhia de quem conhece o local e tem as atribuições profissionais para conduzir tais atividades. Nesse sentido, o conceito de turismo sustentável se traduz em visitar algum lugar como turista e tentar causar um impacto positivo no meio ambiente, sendo capaz de produzir efeitos socioeconômicos, culturais e políticos em uma localidade, por meio da hospitalidade, correspondendo à interação entre residentes e visitantes, durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea.

No sentido da sustentabilidade, Castrogiovanni (2002) diz que o turismo avança por demonstrar maior comprometimento social, sem ultrapassar os

limites físicos e psíquicos dos elementos naturais e culturais do local. Por isso que instituições superiores de Roraima, como foi dito no começo desse projeto, têm demonstrado interesse e já estiveram em comunidades indígenas capacitando lideranças para viabilização de um modelo de turismo comunitário e sustentável para essas comunidades.

Sobretudo o turismo sustentável está intimamente interligado às pessoas interessadas, cuja participação tem de ser equilibrada, com envolvimento da comunidade como um ponto fundamental. Isso significa que não se deve esquecer das necessidades sociais dos turistas e da comunidade local (SWARBROOKE, 2000).

Porém, como enfatiza Swarbrooke (2000), tudo isso exige ação da parte dos governos das localidades turísticas, dos turistas, da comunidade local e da indústria do turismo. Ou melhor, que as comunidades locais precisam de mais poder para que lhes seja permitido o exercício de seus direitos no planejamento do turismo e no processo de desenvolvimento das atividades turísticas.

Ruschmann (1997) acredita que, para tornar o turismo uma atividade de desenvolvimento econômico, é imprescindível mudanças de posturas nas áreas sociais, culturais, econômicas e até mesmo ambiental, fundamentos no qual a implementação turística é viável.

Para isso, o planejamento deve contabilizar todas as possíveis formas de impactos, prevendo, se possível, o alcance e as consequências de programas que possam minimizar os efeitos negativos. Muitas vezes, devido à mercantilização da cultura, a arte local é induzida a mudanças para agradar os turistas e vender mais. A cultura torna-se uma mercadoria, além de poder ser descaracterizada em função de um processo de assimilação de parcelas das culturas dos turistas.

Da mesma forma, o Ministério do Turismo reconhece a geração e aumento da renda local com a melhoria dos padrões de conservação do ambiente naturais como impactos econômicos positivos do turismo, visto que este estimula a economia local, com a consequente melhoria da qualidade de vida das comunidades receptoras, passando estas a colaborar com a preservação e conservação dos espaços naturais, cada vez mais procurados pelos turistas (BRASIL, 2007).

A CAPACITAÇÃO DE CONDUTORES E GUIA DE TURISMO REGIONAL

O Condutor Ambiental Local é um profissional habilitado para levar as pessoas com segurança, através das trilhas e passeios, a um determinado local. Além da segurança, o Condutor estuda tudo sobre aquele passeio: animais, vegetação, história, lendas, curiosidades etc., justamente para torná-lo mais interessante e divertido para quem está fazendo o passeio.

Para ser um Condutor habilitado é preciso fazer um curso específico, estudar constantemente as condições das trilhas e ter treinamento para segurança, primeiros socorros e emergências.

Além disso, é necessário credenciamento junto aos órgãos gestores da política de turismo para que estes realizem um monitoramento periódico de sua atuação como condutor e o capacitem de acordo com parâmetros mínimos, conforme aponta a tabela abaixo.

Quadro 01 – Temas estudados pelo Condutor Ambiental Local

Condutor Ambiental Local	
TEMA 1	Meio Ambiente e Cultura (ênfase na UC); História e geografia regional; Ambiente da UC; Turismo e sustentabilidade; Legislação pertinente.
TEMA 2	Trabalho do condutor: técnicas de condução; Atividade de interpretação ambiental; Monitoramentos de impactos; Ética, apresentação pessoal, relações interpessoais.
TEMA 3	Primeiros socorros/resgate/combate a incêndios; Sexualidade/DST/drogas.

Fonte: IN 08/2008 – ICMBio.

Os guias de turismo são profissionais devidamente cadastrados no Ministério do Turismo, sob o regimento da Lei 8.623 de, 28 de janeiro de 1993, que, em seu art. 2º, ressalta que:

Para os efeitos desta Lei, é considerado Guia de Turismo o profissional que, devidamente cadastrado no Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR exerça atividades de acompanhar, orientar e transmitir informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas (BRASIL-MTUR, 1993, np).

O monitor ambiental que conduz os turistas dentro da Unidade de Conservação (UC) deve ser capacitado pelo curso oferecido pela UC, além de ser morador da região e ter conhecimentos específicos sobre o ambiente, história, cultura e peculiaridades da UC.

A monitoria ambiental também tem um propósito social de criar oportunidades para que a população dessas áreas possa integrar o processo participativo de desenvolvimento regional, por meio de atividades ligadas ao ecoturismo (MANUAL DE MONITOR AMBIENTAL, 2000).

Mesmo existindo diferenças na formação local de atuação e atribuições referentes ao guia de turismo e ao condutor ambiental e cultural, é possível afirmar que identificamos atribuições referentes aos dois profissionais em sua relação com o turista: técnicas de condução e segurança, respeito e cordialidade, domínio do roteiro, entre outras.

Franco *et al* (2003) diz que pela similaridade entre a profissão dos guias e dos condutores ambientais pode haver conflitos entre as duas categorias. No entanto, destaca que a diferença fundamental entre eles está no local de atuação, o qual o condutor ambiental está apto a trabalhar apenas nas unidades de conservação, enquanto as atribuições e locais de atuação do guia de turismo são mais amplas e técnicas (FRANCO *et al*, 2003, 61).

Conforme foi demonstrado, há um crescimento significativo na atividade de guiamento turístico, e, devido a esse crescimento, surgem as demandas de mercado por atuação desses profissionais, como é o caso do condutor local de ecoturismo, que, em termos de valorização do próprio local, é considerado o profissional mais importante para condução local.

Figura 1 – Localização de Roraima no mapa do Brasil



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roraima> (2018/11).

Nesta parte da pesquisa, serão apresentados cinco lugares bem procurados por turistas nos quais os condutores desempenham suas funções.

Aqui serão apresentadas opções de roteiros que podem ser realizadas em alguns atrativos naturais de Roraima acompanhados por condutores de turismo. Destacando que, antes do início dos passeios, assim como no momento em que é feita a montagem do grupo, todos recebem orientações por parte dos condutores sobre que tipo de vestimenta usar, o tipo de calçado, condições físicas, o que levar e o que não levar para a trilha, para segurança e o bem estar de todos no passeio.

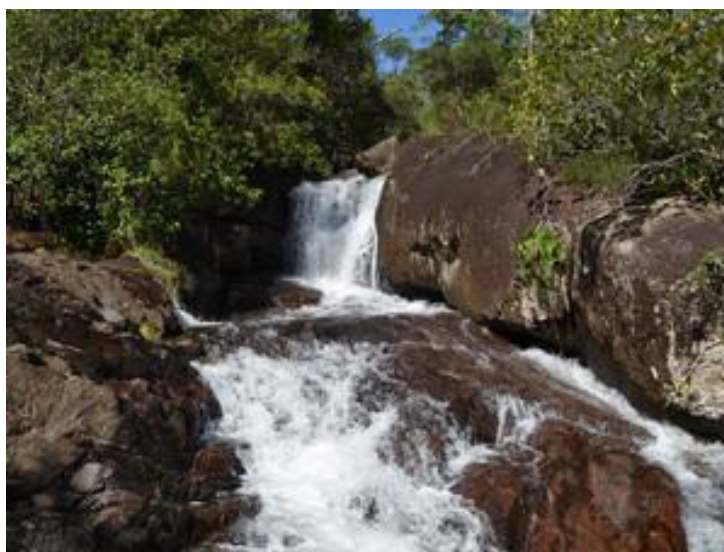
ROTEIRO SERRA GRANDE

No roteiro realizado pela trilha da Serra Grande, os turistas desfrutam de cachoeiras, corredeiras e piscinas naturais. Esse roteiro tem a duração de quatro horas e meia com um grupo de 12 pessoas, parando em cada atrativo para as pessoas descansarem, fazerem fotos, admirarem a paisagem, se refresca-

rem nas águas frias da serra, assim como para ouvir o condutor sobre a importância de preservar o meio ambiente para depois seguir pela trilha, parando nos demais atrativos até chegar ao acampamento que fica no topo.

O processo de permanência no local é pactuado entre o condutor e os turistas ou agência operadora do serviço. Mas, geralmente, varia entre bate e volta (passeio que sai cedo pela manhã e retorna a tarde) ou pernoite (retorno no dia seguinte) para atrativos próximos do local de saída.

Figura 2 – Cachoeira da Massagem – Serra Grande



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roraima> (2018/11).

ROTEIRO DE CAMPOS NOVOS

Campos Novos é um pequeno vilarejo que faz parte do município de Iracema, no estado de Roraima, mas o atrativo principal é a cachoeira do Davi, com cerca de 15 metros de altura. Para chegar a esse atrativo, que não é o único da trilha, os turistas têm que caminhar por duas horas subindo a serra, passando por várias piscinas naturais, corredeiras e outras cachoeiras.

Figura 3 – Cachoeira do Davi – Campos Novos, autor (2020)



Fonte: Experiência do próprio autor (2020)

ROTEIRO COMUNIDADE INDÍGENA RAPOSA I

A Comunidade Raposa I, situada no município de Normandia, estado de Roraima, distante 230 km da capital Boa Vista, apresenta uma riqueza ecológica e cultural abundante, podendo ser praticada nesta região várias modalidades da atividade turística, como o ecoturismo, pesca esportiva, turismo rural na agricultura familiar, turismo comunitário e etnoturismo.

De acordo como a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE/UFRR), o modelo de turismo na comunidade Raposa I é o de base comunitária, em que envolve a participação da comunidade como protagonista da atividade.

Figura 04 – Almoço em panelas de barro



Fonte: Experiência do próprio autor (2020)

Figura 05 – Lago da Raposa



Fonte: Instituto de Geociências (IGEO/UFRR)

ROTEIRO TEPEQUÉM

Cachoeira do Barata, Cachoeira do Paiva, Platô. São estes os principais atrativos na Serra do Tepequém. Os turistas podem conhecer estes roteiros em dois dias. No primeiro dia, pela manhã, você pode desfrutar da cachoeira da Barata, que é uma das mais bonitas da região, formando uma linda piscina natural, que nos dias de sol fica esverdeada. Esse roteiro inclui um almoço quando do retorno à Vila do Paiva.

À tarde, o visitante pode fechar o passeio com chave de ouro visitando a cachoeira do Paiva, que é a de mais fácil acesso de todas na serra. Basta seguir a partir da RR 203, passando pela comunidade da Vila do Paiva, percorrendo ainda cerca de três km em estrada de terra. Depois de deixar o carro, você terá que caminhar sobre pedras por 500 metros, sendo recomendado ir com um calçado apropriado, pois as pedras são lisas, ainda mais depois de chuvas.

Figura 06 – Platô – Serra do Tepequém



Fonte: Experiência do próprio autor (2019)

ROTEIRO DO MONTE RORAIMA

Localizado há 2.810 metros de altitude, de pura aventura, o roteiro pode se estender até o Monte Roraima. Este produto turístico localiza-se na divisa da tríplice fronteira entre os países Venezuela, Guiana e Brasil, sendo um dos principais destinos de turismo na América do Sul.

O Monte Roraima constitui um *tepui*, um tipo de formação montanhosa em formato de mesa, característico do planalto das Guianas. Delimitado por paredões com cerca de mil metros de altura, seu platô apresenta um ambiente ímpar, completamente diferente da floresta tropical e da savana que se estende aos pés do Monte Roraima.

A região do Monte Roraima é administrada e protegida na Venezuela pelo Parque Nacional Canaima e no Brasil pelo Parque Nacional do Monte Roraima. O ponto culminante do Monte Roraima está localizado no estado de Bolívar, na Venezuela, com a altitude máxima de 2.810 metros. O segundo ponto de maior altura da expedição ao Monte Roraima mede 2.772 metros; localiza-se em território guianense, ao norte do platô e próximo ao marco da tríplice fronteira.

Em Roraima, existem empresas especializadas que trabalham na expedição de trekking Monte Roraima com roteiro de nove a 11 onze dias, contando com carregadores, refeições, barracas e hospedagens incluídas no pacote, tornando a viagem muito confortável a todos os participantes.

Figura 07: Trilha para o Monte Roraima



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roraima> (2018/11).

Durante esse percurso, os guias sempre fazem paradas para acampar para no dia seguinte prosseguir. A recomendação é que todos estejam preparados fisicamente para que a excursão possa ser mais agradável.

O CONDUTOR DE TURISMO SEGUNDO A VISÃO DO VISITANTE E DO TURISTA

Nesta parte, será apresentada a discussão e análise dos dados obtidos através do questionário (Apêndice A) aplicado. É sabido que Roraima possui potencialidades incríveis para o ecoturismo, e este artigo buscou coletar dados dos próprios visitantes que vão a esses lugares. Conforme o gráfico 1, pode-se compreender quais são os atrativos naturais mais visitados do estado de Roraima.

Gráfico 01 - Atrativos turísticos mais visitados



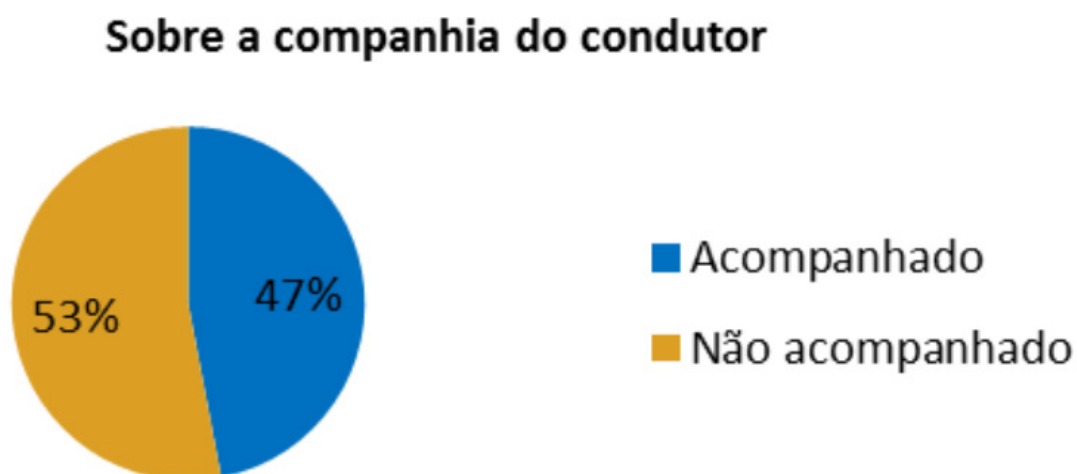
Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

O atrativo da Serra Grande, que fica a 68 km de Boa Vista, é o lugar mais visitado, exatamente pela proximidade da capital, onde os custos de deslocamento são bem menores em relação a outros lugares mais distantes.

Outro questionamento importante, e que se aproxima do principal objetivo da pesquisa, foi sobre a companhia do condutor quando se visita esses

atrativos. Percebe-se que, apesar de haver bastante equilíbrio nas respostas em relação se estavam acompanhados por condutor turístico durante o passeio, tal afirmativa teria como aspecto positivo a valorização da natureza e a segurança ofertada. Observe o gráfico 2.

Gráfico 02 – Sobre a companhia do condutor

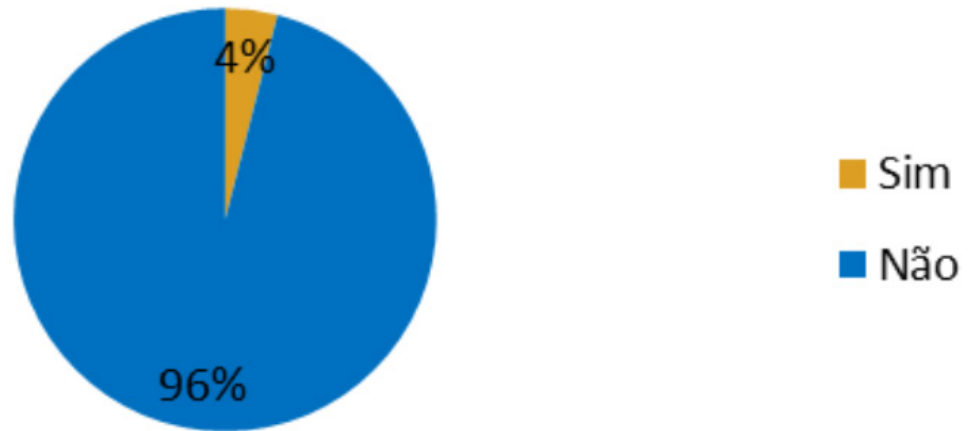


Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

No questionamento sobre a perda da trilha, as respostas foram quase unânimes. Porém, ainda ocorrem incidentes, pois muitas pessoas arriscam fazer os passeios por conta própria, na tentativa de pagar mais barato pela viagem, sem pensar nas consequências. Nesse sentido, importa considerar que os condutores conhecem os itinerários seguros. Esses incidentes podem gerar situações complexas; por vezes, até fatais.

Gráfico 03 – Já perdeu a trilha de algum atrativo turístico?

Já perdeu a trilha de algum atrativo turístico?

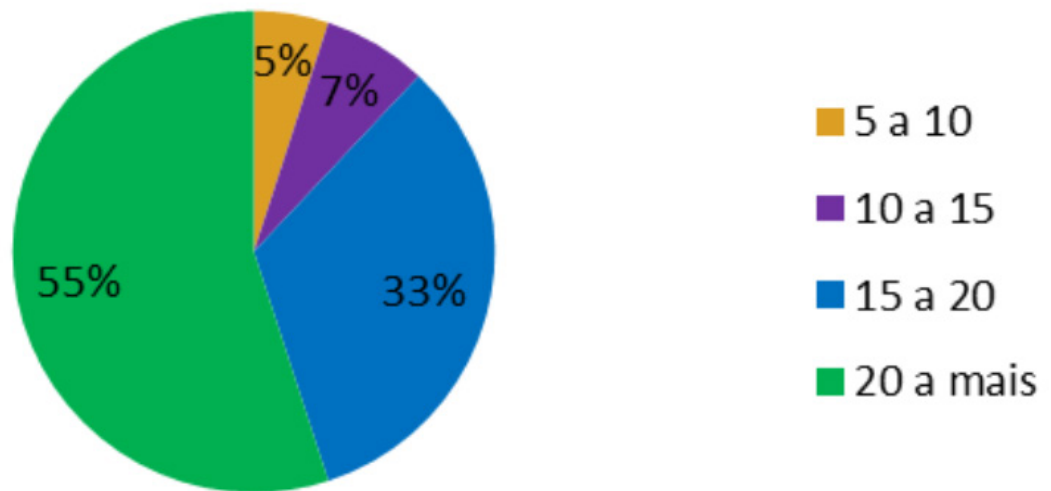


Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Quando perguntados sobre a quantidade de pessoas que haviam no grupo para realização do passeio, a maioria respondeu que fizeram com mais de 20 pessoas. Tal afirmativa evidencia o número excessivo de turistas guiados por um único condutor. A quantidade excessiva de pessoas na trilha costuma ocasionar acidentes. Muitos ficam para trás no percurso e terminam o passeio com experiências desagradáveis.

Gráfico 04 – Com quantas pessoas você já visitou um destino turístico?

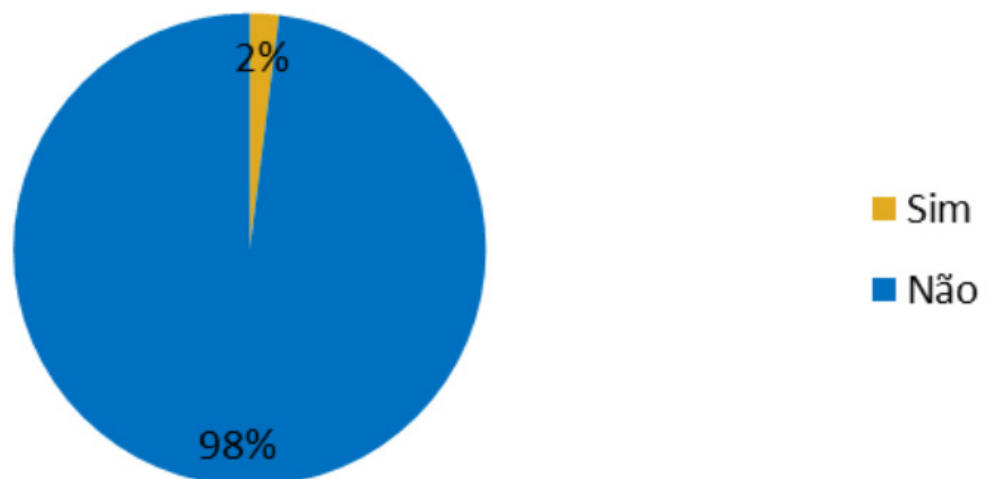
Com quantas pessoas você já visitou um destino turístico?



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Gráfico 5 – Já se acidentou ou já presenciou acidentes durante visitas a locais de turismo de aventura?

Já se acidentou ou já presenciou acidentes durante visitas a locais de turismo de aventura?



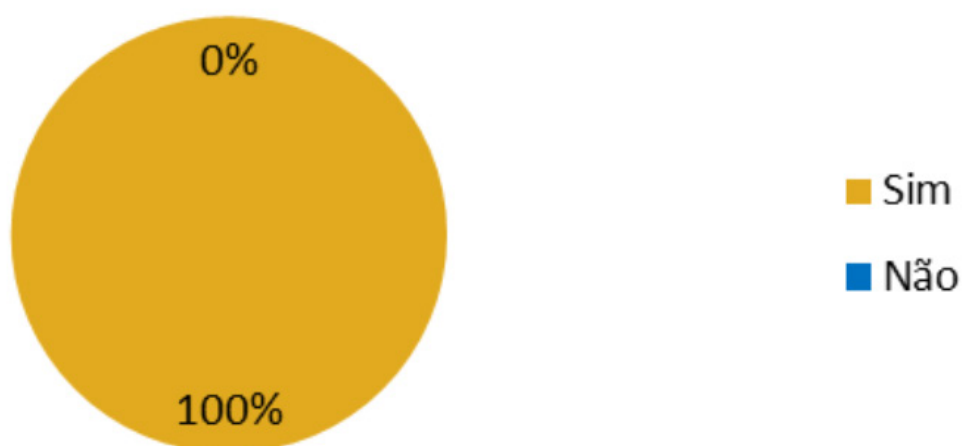
Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

O Gráfico 5 aborda a frequência de acidentes durante os passeios. Quando perguntado aos pesquisados se já haviam se acidentado ou presenciado acidentes durante as visitas, as respostas apresentaram um percentual positivo de ocorrências de acidentes, porém não tão grande em relação ao número de pessoas que se aventuram sem a companhia de condutores.

No Gráfico 6, cada participante da pesquisa apresentou interesse em pagar pela companhia de um condutor, mesmo com a hipótese de que cada um tivesse conhecimento da trilha.

Gráfico 6 – Mesmo conhecendo a trilha de determinado local, você pagaria pela companhia do condutor?

Pagaria um condutor, mesmo conhecendo a trilha?

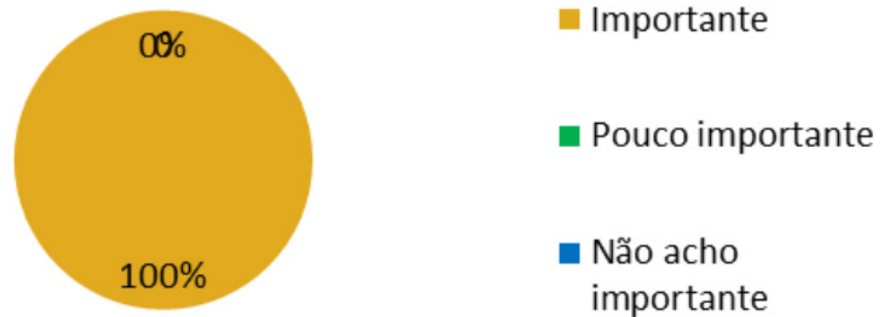


Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Já na pergunta referente ao gráfico 7, e que se relaciona diretamente com o objetivo da pesquisa, referentes ao papel do condutor de ecoturismo para o turismo sustentável, todos consideraram *importante*. A pergunta foi direta, mas exigia uma resposta aberta do que representa esse profissional para o turismo e conscientização sobre o meio ambiente e sustentabilidade.

Gráfico 7 – Como considera o papel do condutor para o turismo sustentável?

Como considera o papel do condutor para o turismo sustentável?

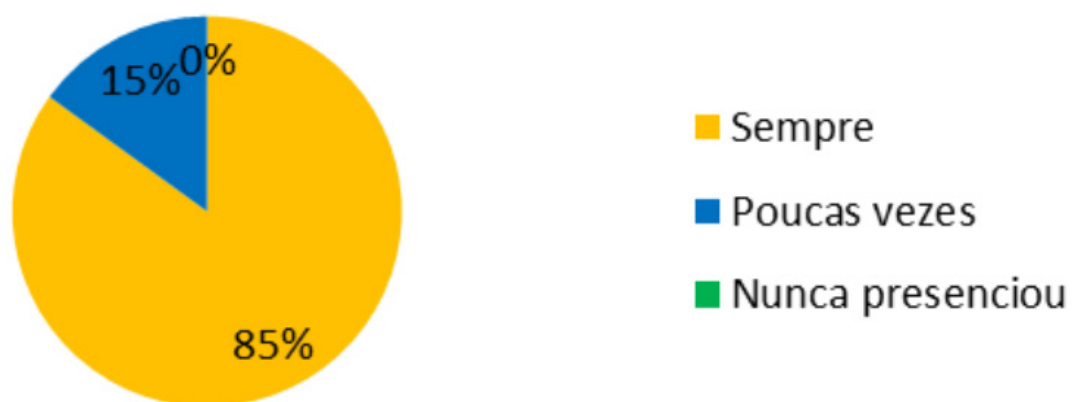


Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Da mesma forma, o gráfico 8 aborda um dos principais problemas decorrentes de visitas desordenadas aos atrativos, que se refere ao lixo e falta de higiene em decorrência da conscientização. Quando perguntado sobre a presença de sujeiras espalhadas no acampamento, os participantes responderam que “sempre” tem presenciado.

Gráfico 8 – Alguma vez, durante sua visita a áreas de trilha e camping, você presenciou sujeiras?

Alguma vez, durante sua visita a áreas de trilha e camping, você presenciou sujeiras?

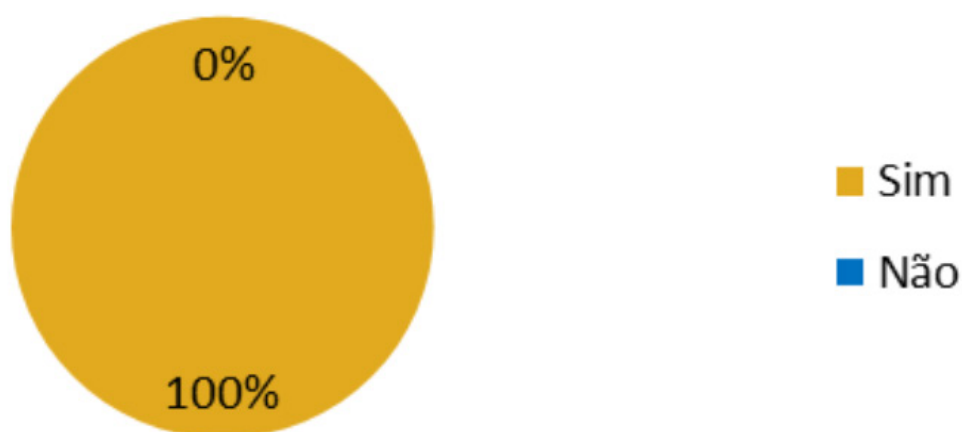


Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Dentro do contexto de conscientização no gráfico 9, é questionado ao participante se durante os passeios acompanhados de condutor local o mesmo tinha passado orientações sobre educação ambiental e conservação do local. De acordo com os dados coletados, em todas as visitas, o condutor passou orientações em relação à preservação do ambiente natural.

Gráfico 9 – Em suas visitas o condutor passou orientações sobre limpeza e conservação do local?

Em suas visitas o condutor passou orientações sobre limpeza e conservação do local?



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

No Gráfico 10, a pergunta é bem idêntica ao que foi questionado no gráfico 9. Por uma questão de reforço, perguntamos:

Gráfico 10 – A presença de um condutor capacitado influencia positivamente para a segurança do grupo e do local visitado?

A presença de um condutor capacitado influencia positivamente para segurança do grupo e do local visitado?



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

Finalmente, foi perguntado aos participantes, conforme é apresentado no gráfico 11, se seria importante as instituições educacionais investirem na educação dos condutores locais de todas as áreas com potencial turístico.

Gráfico 11 – Você acha importante as Instituições Educacionais investirem na educação dos condutores locais?

Você acha importante as Instituições Educacionais investirem na educação dos condutores locais?



Fonte: Elaborado pelo autor, 2021.

De acordo a análise de dados, percebe-se que, em seus resultados, existe uma unanimidade na concordância dos participantes de que é primordial o papel do condutor nas atividades de ecoturismo, principalmente, nas análises que trazem destaque a este profissional. Por outro lado, fica nítido que, na prática, ainda deve ser melhorada a questão dos passeios com a participação do condutor local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a preservação e manutenção de áreas naturais onde há desenvolvimento de atividades ecoturistas são de responsabilidade de todos, para que isso ocorra são necessários projetos de conscientização desenvolvidos por condutores após a capacitação devida.

A pesquisa propôs-se a enfatizar a necessidade da conservação de lugares naturais onde se desenvolvem atividades ecoturísticas, delimitando-se na preservação e manutenção de trilhas por meio de disseminação de conhecimento através do condutor, incluindo, por sua vez, que este deve possuir significativo conhecimento sobre educação ambiental.

Destaca-se, neste estudo, a importância de se conhecer o perfil e a percepção dos turistas que visitam unidades de conservação, de forma a propiciar uma maior integração destes aspectos no planejamento do uso público e, conseqüentemente, garantir uma experiência rica e agradável aos visitantes, sem causar impactos significativos aos recursos naturais e culturais da área visitadas.

Portanto, concluímos que a linha que separa a atividade do ecoturismo do turismo de massa em ambientes naturais é frágil e sutil, e pode ser ultrapassada sem que os responsáveis pelo manejo se dêem conta disso. Dessa maneira, o turismo nas diferentes regiões de Roraima que possuem atrativos necessita de mais estudos que auxiliem no planejamento e gerenciamento do espaço turístico, do uso público e das necessidades dos visitantes e da comunidade local, evitando, assim, a deterioração do destino.

No entanto, é fundamental que a sociedade esteja aberta a adquirir novos conhecimentos referentes à educação ambiental, em especial, os condutores

locais e visitantes. Além disso, os diferentes governos e instituições públicas e privadas devem disponibilizar recursos suficientes para o desenvolvimento destes projetos, como a capacitação de condutores.

Diante dos resultados da pesquisa com o grupo de visitantes de áreas naturais, percebe-se a possibilidade de existirem profissionais com pouca ou sem nenhuma capacitação para atuação a partir destes atrativos, permitindo a ocorrência de fragilidades e deficiências identificadas a partir da representatividade das respostas acionadas pelos visitantes. Assim, percebe-se a importância de os condutores locais estarem em constante presença nas conduções, dando maior significado a sua atividade profissional, não só guiando turistas como também ajudando na conservação de áreas naturais.

Com a proposta de contribuir com outros estudos, sugere-se que sejam elaborados projetos de capacitação por instituições de ensino capazes de promover a captação de condutores ambientais locais com a formação direcionada para o atendimento das demandas por visita dos destinos e atrativos naturais de Roraima, favorecendo, assim, a preservação dos ambientes naturais, contribuindo, ao mesmo tempo, para a preservação das belezas naturais e culturais do estado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Paula Wronski; PADUA, Suzana Machado; GOMES, Marcos Affonso Ortiz; UEZU, Alexandre. Subsídios para planejamento socioambiental de trilha no Parque Estadual da Serra Furada (SC). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, 2010.

ASSOCIAÇÃO DE EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA – ABETA; MINISTÉRIO DO TURISMO. **Manual de boas práticas de rafting**. Belo Horizonte: Editora dos autores, 2009a. (Série Aventura Segura).

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Ecoturismo**: orientações básicas. 2 ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Caminhos do Futuro**: Ecoturismo. CÉSAR, P.A.B. et al. São Paulo: Ministério do Turismo, 2007.

CAMPOS, Renata Ferreira; VASCONCELOS, Fernanda Carla Wasner; FÉLIX,

Lilian Araújo Grossi. **A Importância da caracterização dos visitantes nas ações de ecoturismo e educação ambiental do Parque Nacional da Serra do Cipó/MG.** Revista: Turismo em Análise, 2010.

CASTROGIVANNI, A. C. **Existe uma geografia do turismo?** In: GASTAL, S. 2002.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____ e col. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: ArtMed, 2006, p. 15-41.

FOLHABV. **Turistas se perdem na Serra Grande**, 8 de out. 2017.

FRANCO, A.C; MARQUES, P.G; SANTOS, S; ARAÚJO, T.; OLIVEIRA, M.A.A. O Monitor e o Guia de Ecoturismo: Um Conflito ou uma Parceria? **Revista Unibero de Turismo e Hotelaria.** 2003.

LEMES, Maysa Teodoro; NUNES, Josué Ribeiro; NUNES, Paula Alexandra; OLIVEIRA, Simone Santos. Contribuição do Ecoturismo e Educação Ambiental em um balneário localizado no município de Nobres (MT). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 7, 2014.

LIMA, Laissa Paloma Queiroz de NETO, Lourival Dutra, HOLANDA, Luciana Araújo de. Programa de Ecoturismo e Educação Ambiental do Projeto TAMAR - Fernando de Noronha: uma análise de 2013 a 2016. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 11, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1992. p. 43-44.

MENDES, A.F.; SOUZA, S.A.; TABANEZ, M.F. Trilha Interpretativa das Árvores Gigantes do Parque Estadual de Porto Ferreira na Modalidade Autoguiada. **Revista Instituto Florestal**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 173-188, dez. 2007.

MORAES, W. V. de. **Capacitação de profissionais.** Série Ecoturismo, v. 3. Viçosa: UFV, 2000.

NASCIMENTO, Hermógenes Henrique Oliveira; MOREIRA, Andréa de Sousa; SILVA, João Rafael Muniz. Educação Ambiental em Ação: o papel do ecoturismo em prol da sustentabilidade das unidades de conservação. **Revista PROEMA**, Fortaleza, v. 12, 2018.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão; MESSAS, Tatiana Pinto; PEREIRA, Eugênia da Silva; GHILARDI-LOPES, Natalia Pirani; BERCHEZ, Flávio Augusto. Educação Ambiental pelo Ecoturismo numa trilha marinha no Parque Estadual da Ilha Anchieta, Ubatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, 2010.

PORTAL DE NOTÍCIAS RORAIMA1. **Invasão do Tepequém**, 08/09/2020 09:37, Roraima, Brasil.

PRAE/UFRR – Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão: **Comunidade Raposa é a terceira terra indígena autorizada à visita turística no Brasil**, 16 de setembro de 2020.

ROCHA, Fernanda; BARBOSA, Fabiana Pestana; ABESSA, Denis Moledo de Souza. Trilha ecológica como instrumento de Educação Ambiental: estudo de caso e proposta de adequação no Parque Estadual Xixová-Japuí (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, 2010.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 10 ed. Campinas: Papirus, 1997

SOUSA, Raquel Gonçalves de SANTOS, Mirley Luciene dos. Percepção ambiental dos usuários da Fazenda Santa Branca Ecoturismo (APA - Ribeirão João Leite), Teresópolis (GO). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 3, 2010.

SOUZA, M. C. C. Educação Ambiental e as trilhas: contexto para a sensibilização ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 9, n. 2, p. 239-253, 2014.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável**: conceitos e impacto ambiental. Tradução de Margarete Dias Pulido. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2000.



TURISMO IDIOMÁTICO: ANÁLISE E REFLEXÕES DO CURSO LIVRE “ESPAÑHOL INTERMEDIÁRIO - UMA PONTE ENTRE MONTE RORAIMA E MACHU PICCHU, PERU”

Carla Caroline Pantoja Correa¹
Luciana de Souza Vítório²

RESUMO

O presente estudo teve como principal objetivo analisar um Curso Livre de espanhol intermediário na perspectiva do turismo idiomático. Tal curso, intitulado espanhol intermediário: uma ponte entre Monte Roraima e Machu Picchu, Peru, foi oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima-IFRR. Como objetivos específicos, este estudo buscou conhecer o turismo idiomático e sua utilização no ensino da língua estrangeira; listar os elementos turísticos utilizados no curso; compreender os métodos utilizados no ensino da Língua Espanhola, como língua estrangeira, aplicados no turismo idiomático. Metodologicamente, a pesquisa teve foco qualitativo e, como procedimento, adotou-se aplicação de questionário e análise documental. Os sujeitos desta pesquisa foram três acadêmicas do curso de letras espanhol e literatura hispânica do instituto Federal de Roraima, que ministraram o curso. Como resultados, evidenciam-se a compreensão dos elementos turísticos encontrados nas atividades realizadas e as abordagens utilizadas no curso e as análises dos materiais didáticos utilizados no curso de Língua Espanhola. Por fim, observou-se que o ensino de uma língua estrangeira, tendo como material de estudo o turismo, torna a aula muito mais eficaz e didática em um curso livre e até mesmo na sala de aula, seja ela de língua estrangeira ou de qualquer outra disciplina.

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. Graduada em letras espanhol e literatura hispânica E-mail: carlacarolinepc25@gmail.com.

2 Professora e Orientadora Curso de Pós-Graduação Planejamento e Gestão de Empreendimentos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. E-mail: luciana.vitorio@ifrr.edu.br

Palavras-chave: Turismo idiomático. Espanhol. Ensino. Língua estrangeira.

RESUMEN

El objetivo principal del presente estudio fue analizar un Curso Abierto de Español Intermedio desde la perspectiva del turismo idiomático. Este curso, titulado Español intermedio: un puente entre Monte Roraima y Machu Picchu, Perú, fue ofrecido por el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Roraima-IFRR. Como objetivos específicos, este estudio buscó comprender el turismo idiomático y su uso en la enseñanza de lenguas extranjeras; enumerar los elementos turísticos utilizados en el curso; comprender los métodos utilizados en la enseñanza de la lengua española, como lengua extranjera, aplicados en el turismo idiomático. Metodológicamente, la investigación tuvo un enfoque cualitativo y, como procedimiento, se utilizó un cuestionario y análisis de documentos. Los sujetos de esta investigación fueron 03 (tres) académicos del curso de Letras Españolas y Literatura Hispánica del Instituto Federal de Roraima, quienes impartieron el curso. Los resultados muestran la comprensión de los elementos turísticos encontrados en las actividades realizadas y los enfoques utilizados en el curso y el análisis de los materiales didácticos utilizados en el curso de Lengua Española. Finalmente, se observó que la enseñanza de una lengua extranjera utilizando el turismo como material de estudio hace que la clase sea mucho más efectiva y didáctica en un curso gratuito e incluso en el aula, ya sea en una lengua extranjera o en cualquier otra disciplina.

Palabras-clave: Turismo idiomático. Español. Enseñanza. Lengua extranjera.

INTRODUÇÃO

Este estudo consistiu em abordar temas como: ensino de línguas estrangeiras, no caso o espanhol, turismo, turismo idiomático, turismo e educação e a relação do turismo como instrumento para o ensino de um idioma, trabalhando, especificamente, o espanhol como uma língua estrangeira.

Supõe-se que as primeiras aprendizagens de uma língua estrangeira ocorreram pelo contato direto com o estrangeiro ou em sala de aula no ensino da língua estrangeira ou em um curso profissional de ensino de línguas ou até mesmo em casa, com livros e internet. No entanto, em todos esses casos, é necessário um falante fluente da língua que deseja aprender. Paralelamente a essas aquisições em meio natural, alguns povos se preocuparam em aprender

e ensinar, de forma sistemática, algumas línguas estrangeiras, e essa aquisição de contato com falantes de outro idioma se perpetua até os dias atuais.

De acordo com Revuz (1998, p. 215), “a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância”. Atualmente, o espanhol pode ser considerado uma língua adicional, pois a língua adicional, também chamada de L3 ou língua estrangeira adicional, é, na verdade, uma terceira língua aprendida pelo indivíduo.

Dentro desse contexto, na aprendizagem de uma língua estrangeira também ocorre um processo. Ao aprender uma nova língua, o indivíduo aprende não somente sobre o seu sistema linguístico, mas também outras concepções de mundo, outras culturas; aprende sobre o turismo, a economia, a agricultura, a gastronomia, tudo o que envolve o país falante da língua estudada.

Entende-se o turismo como o conjunto de atividades que envolvem o deslocamento de pessoas de um lugar para outro, seja ele local, em uma região próxima ou internacional. Já o turismo idiomático, traz consigo uma motivação educativa, pois engloba todos os aspectos do idioma do país estudado. Dessa forma, esse estudo buscou analisar o Curso Livre de espanhol intermediário na perspectiva do turismo idiomático, que seria o estudo do idioma com enfoque no turismo. O ensino utilizando o turismo é interdisciplinar, eficaz e coerente, o que possibilita um desenvolvimento do ensino da língua estrangeira com mais facilidade, pois trabalha com a realidade do idioma estudado e a realidade do estudante.

No primeiro tópico deste artigo, apresentaremos o conceito de turismo idiomático e suas vertentes, acompanhado de um quadro conceitual. No segundo tópico, trabalharemos com os métodos e enfoques para o ensino do espanhol como língua estrangeira. Sabemos que, no momento em que vivemos, o espanhol não seria na íntegra uma língua estrangeira, já que todos têm um contato com ela direta ou indiretamente; porém, na época em que ocorreu o curso em análise, o espanhol para os sujeitos de pesquisa ainda era uma língua estrangeira, pois pouco se sabia da língua.

Ainda dentro do presente trabalho, faremos uso de métodos de ensino

da língua estrangeira, utilizando o turismo idiomático e os elementos turísticos para o ensino da língua espanhola como língua estrangeira, acompanhado de um quadro que apresenta os elementos, atividades e avaliações que ocorreram no curso livre. Esta pesquisa é de natureza descritiva de abordagem qualitativa, com procedimento bibliográfico e documental, utilizando como instrumentos da pesquisa o questionário. A pesquisa ocorreu em três etapas.

A primeira etapa deste estudo consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica e documental. A segunda fase consistiu no levantamento de dados do curso livre e a terceira fase realizada foi a coleta de dados. Como instrumento dessa coleta, foi realizado um questionário contendo 11 perguntas para os sujeitos da pesquisa, que foram as acadêmicas que aplicaram o curso.

O presente trabalho fez uma análise e avaliação do turismo idiomático utilizado no curso livre de língua espanhola, trazendo consigo uma reflexão de como o Turismo Idiomático ou turismo na educação como um todo pode ser enriquecedor como instrumento metodológico e seus materiais didáticos podem favorecer o ensino, não somente no ensino de uma língua estrangeira, mas das disciplinas em geral.

Desse modo, esta pesquisa buscou contribuir com o conhecimento dos estudantes e professores de línguas a partir de uma visão mais clara dos métodos e enfoques para o ensino da língua espanhola, utilizando o turismo como base metodológica de aprendizagem - para os turismólogos, o turismo idiomático é um conceito recente. Este estudo busca ainda contribuir para os turistas que gostam e se interessam pelo assunto.

TURISMO IDIOMÁTICO

Para iniciar, o termo turismo idiomático se origina da junção de dois conceitos: turismo e idioma, sendo o primeiro uma atividade que foi nomeada como turismo; e o segundo, um termo dado a algo intangível, que caracteriza uma das maneiras de se expressar, caracterizado como idioma.

O turismo idiomático conta com uma larga trajetória referente ao ensino de língua estrangeira, especificamente, as línguas inglesa e espanhola. O Instituto Cervantes, a respeito do ensino da língua espanhola, expandiu seu ma-

terial didático, utilizando o turismo idiomático, trabalhando o turismo local e o turismo do local estudado.

A Espanha considerou o ensino de idioma como um forte recurso para impulsionar o setor de turismo regional, com o propósito de aumentar as possibilidades das ofertas turísticas, dentre elas o turismo idiomático (DE ANDALUCÍA, 2010). Seguindo este ponto de vista, a união entre o ensino do idioma e o turismo pode ser considerada a partir do momento em que o ensino de línguas para estrangeiros passou a ser reconhecido como um segmento do turismo cultural (FEDELE, 2008).

O Turismo Idiomático possui muita relevância em países cuja língua é conhecida por grande número de pessoas no mundo (MESA ZAMBRANA, 2014), pois ela acaba se tornando um atrativo para aqueles que desejam aperfeiçoar seus conhecimentos ou aprender um novo idioma.

Macias e Alles (2014, p. 3) apontam que o recurso turístico “idioma” está incluído dentro do Turismo Cultural em uma subcategoria chamada de “turismo criativo”, com denominação de “aprendizado de idiomas”, que também pode ser chamada de turismo idiomático. Em vista disso, a cultura tem papel fundamental na realização dessa atividade, significando um fator motivacional extra para a aprendizagem do idioma em um local específico.

O fato da aprendizagem da língua constituir a principal ou uma das principais motivações para a realização da viagem, o turismo idiomático, também designado por vários autores por turismo linguístico, de idiomas ou ‘trilinguismo’ (ASÚN, 2007; BARALO, 2007), integra as atividades realizadas pelos visitantes, durante as suas viagens e estadias fora do seu ambiente habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com objetivo de fazer uma imersão linguística numa língua diferente da sua língua materna (CASTRO; SILVA, 2013; TURESPAÑA, 2008).

Para Weber e Horner (2013 apud ARCHANJO, 2015), as línguas não são elementos abstratos, limitados e homogêneos, mas podem ser interpretadas como recursos comunicativos altamente dinâmicos, por meio dos quais as pessoas interagem no tempo e no espaço histórico, social e político do mundo em que vivem. Seu vínculo com a atividade turística pode ser visto como indisso-

ciável, visto que o turismo envolve a comunicação e a troca de histórias, experiências e convivências.

Fala-se, ao longo desta investigação, sobre a aprendizagem das línguas utilizando o turismo. Contudo, não existe ainda uma definição oficial do conceito de “turismo idiomático” (SILVA, 2009). Dependendo dos países e dos autores dos estudos, são utilizadas diversas terminologias para designar e definir o mesmo fenômeno, como ilustra a tabela (o Quadro 1) abaixo:

Quadro 01: Terminologia e definição do termo Turismo Idiomático, turismo de idiomas, turismo linguístico, trilinguismo e turismo educacional

Terminologia	Definição	Autor
Turismo idiomático	“Toda a atividade realizada pelas pessoas durante as suas viagens e Estadias(sic), em lugares diferentes do seu local de residência, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com o fim de fazer uma imersão linguística de um idioma distinto ao da sua língua materna”.	SILVA (2009, p. 17)
Turismo idiomático	“As atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e estadias em lugares diferentes do seu ambiente habitual por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, com o objetivo de fazer uma imersão linguística num idioma distinto ao do seu ambiente habitual”.	SECRETARÍA DE ESTADO DE LA NACIÓN (2008, p. 11)
Turismo idiomático	“Á saída do lugar habitual de residência, normalmente para outro país, com objetivo de aprender ou melhorar o conhecimento de um idioma”.	CUADRA e AGÜERA (2013, p. 17)
Turismo idiomático	“As viagens cujo motivo principal é aprender ou aperfeiçoar o idioma Espanhol na Argentina, complementando a estadia com o conhecimento da cultura, dos atrativos naturais e outros recursos próprios do país”.	SECRETARÍA DE ESTADO DE LA NACIÓN (2006, p. 1)
Turismo idiomático	“Uma forma de turismo educativo cujas motivações principais são visitar um destino diferente do da sua residência habitual e aprender uma língua. Compreende a participação a cursos específicos e a familiarização com as diferentes manifestações culturais da sociedade visitada”	ADRIANI et al. (2013, p. 2)
Turismo linguístico	Ocasões que se realizam ao estrangeiro/nativos, para pôr em prática atividades relacionadas com a aprendizagem da sua língua.	BARALO (2007, p. 32)
Trilinguismo	O campo que desenvolve a relação entre o estudo de uma língua e o turismo.	SÚN (2007, p. 8)
Turismo de idiomas	O turismo de idiomas é produzido pela motivação de aprender um idioma, em um local diferente da residência, em outra cultura e idioma.	LLAURI, RINCÓN e MARTINEZ (2017, p. 47)

Turismo de idiomas	Turismo de idiomas têm um conteúdo mais puramente acadêmico e cujo objetivo principal é o aprendizado de idiomas.	LÓPEZ RAMOS (2018, p. 6)
Turismo educacional	O termo turismo educacional geralmente refere-se a viagens nas quais a aprendizagem acontece a partir de um programa estruturado ou formal. Um tipo conhecido e popular de turismo educacional são os programas de intercâmbio, no qual os estudantes frequentam escolas ou programas (geralmente durante um semestre ou ano acadêmico) em outro local, muitas vezes um país estrangeiro.	OMT (2003, p. 90-91)

Fonte: CORRÊA, 2020.

MÉTODOS E ENFOQUES PARA O ENSINO DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Neste tópico, apresentam-se alguns métodos e enfoques relevantes para o ensino do espanhol. Iniciaremos pelo Método Tradicional Gramático e Tradução.

No século XIX, a utilização deste método cresceu em grande parte do mundo, sendo a primeira metodologia utilizada para ensinar línguas. Essa metodologia tem como aspecto principal o ensino da língua e a sua escrita, e é determinada por regras gramaticais, com o objetivo de explicar tal estruturação, com fins de que o aluno aprenda a ler e a escrever. De acordo com Gargalo (1999, p. 59), a língua se dá reduzida ao conhecimento das regras que as governam e o seu uso, levando em conta a capacidade de decodificar textos escritos e produzir discursos que repetem as regras da organização da estrutura oral.

No Método Tradicional, de acordo com Abadia (2000), o docente é quem ensina, não levando em consideração os interesses dos seus alunos, como se estes fossem uma folha em branco. Nele, o professor atua como o único possuidor do conhecimento, enquanto o aluno deve realizar os programas, projetos, objetivos propostos e determinados pelo professor.

De acordo com Gargalo (1999), o Método Base Estrutural foi desenvolvido entre 1930 e 1960 na Inglaterra. Esse método se divide em várias correntes metodológicas com elementos comuns, sendo o método situacional muito utilizado no ensino de língua espanhola. O referido método tem como objetivo a competência gramatical e o desenvolvimento da compreensão auditiva e expressão oral. As atividades de compreensão oral são repetições em grupo ou interativa, exercícios de substituição e transformação. O Método Estrutural

foca na compreensão textual a partir do contexto e também na utilização de desenhos para estabelecer uma relação entre os objetos e a língua meta (GARGALO, 1999).

Já o Método Nocial-Funcional, surge a partir das críticas ao método situacional, já existente na década de 1960, quando o Conselho da Europa, em busca de renovar o ensino de línguas, desenvolve o Projeto de Línguas Vivas, que enfatiza alguns aspectos (RICHARDS, 2006).

O referido enfoque surgiu na década de 1970, na Europa, quando os linguistas viram como necessário o estudo do discurso. O Enfoque Comunicativo centraliza o ensino de línguas e da comunicação, sendo o resultado da junção das competências sociolinguística, estratégicas, discursiva e gramatical (SÁNCHEZ, 2000).

O professor deixa de ocupar o papel principal, de possuidor do conhecimento, e passa a ser um guia da classe. Seu comprometimento é criar as condições para que os alunos aprendam, acreditem e criem seu próprio saber sobre a base que possuem (SÁNCHEZ, 2000, p. 203). O professor assume o papel de orientador das atividades propostas, deve ser sensível aos interesses dos alunos, encorajando a participação de todos.

O enfoque comunicativo parte da necessidade de comunicação real do aprendiz e sua comunidade em perguntar e dar resposta às mesmas, especificando que a competência comunicativa se refere aos níveis de correção na comunicação oral e escrita (HYMES, 1972).

Estes são os métodos e enfoques para o ensino de língua espanhola como língua estrangeira, considerados neste estudo. Observa-se que, em todos esses métodos e enfoques, é possível utilizar o ensino com base no turismo idiomático trabalhado os países estudados e também a vivência do próprio estudante, tornando o ensino interdisciplinar, pois, quando se estuda um país, estuda-se também a língua, a história, a geografia etc.

Considerando o objetivo da investigação, que é analisar um Curso Livre de espanhol intermediário na perspectiva do turismo idiomático, o próximo tópico irá explanar mais detalhes sobre o ensino da língua espanhola, utilizando como base o turismo idiomático, estudando a língua estrangeira por meio das suas vivências.

MÉTODOS DE ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA UTILIZANDO O TURISMO IDIOMÁTICO

Neste tópico, serão abordadas algumas formas de se ensinar a língua espanhola como língua estrangeira utilizando como base para esse ensino o turismo da região estudada e até mesmo o turismo do país em que o estudante vive. Nesse sentido, o enfoque comunicativo se mostra mais adequado para se ensinar uma língua estrangeira, pois observa-se mais alternativas para trabalhar com o turismo, em que o objetivo concentra-se na verificação das funções da linguagem que tem natureza interativa com um livro didático, algum material didático que se autodenomina de enfoque comunicativo. Nesse material, pode ser inserido o turismo, a história da língua e do país, sua geografia, sua gastronomia, suas vivências, trabalhando, assim, de forma interdisciplinar, facilitando o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

O Método Comunicativo, ou Abordagem Comunicativa, como também é chamado, é um método para o ensino de línguas, que enfatiza a interação como meio de ensino como também o seu objetivo final, sanando, assim, as dificuldades dos alunos para o ensino de uma língua estrangeira.

Portanto, como elemento linguístico enriquecedor do ato comunicativo, considera-se o turismo idiomático fundamental para o ensino do Espanhol como língua estrangeira moderna na educação básica. E esse turismo não é um fenômeno recente, é uma prática muito antiga, quando o turismo começou a se desenvolver e a aprendizagem de línguas estrangeiras se mostrava essencial para que os viajantes pudessem se comunicar. Hoje em dia, não é diferente; o aprendizado é mais fácil e menos cansativo.

ELEMENTOS TURÍSTICOS PARA O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Aprender um novo idioma não é somente falar uma outra língua, mas vivenciar a cultura, a história e os costumes de outros países. Aprender em uma sala de aula uma língua estrangeira vivenciando tudo isso ou aprender um idioma com foco em uma viagem, seja apenas para turismo ou a trabalho, com certeza é um grande incentivo.

Este tópico aponta alguns elementos turísticos para o ensino de língua estrangeira, como a cultura. Definir o que é cultura, é uma tarefa complexa. Segundo Eagleton (2005), a palavra cultura é uma das mais complexas existentes, sendo considerado o seu antônimo o termo natureza. O autor explica, entretanto, que, etimologicamente falando, o conceito de cultura é derivado do de natureza, uma vez que um de seus significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola”, conferindo à “cultura” o status de uma “atividade”.

A transição histórica da palavra cultura também codifica questões filosóficas fundamentais, como liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado, sugerindo uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz, numa relação em que “a natureza produz cultura que transforma a natureza” (EAGLETON, 2005, p. 12).

Para se trabalhar em sala de aula o ensino de espanhol como língua estrangeira, pode-se empregar alguns elementos turísticos, como as vivências, as crenças, o modo de se vestir, de se comportar, a história do país, a sua geografia, o clima, a gastronomia, a música, o teatro, o cinema, a literatura, a hospedagem, o transporte, entre outros.

Aprender uma língua estrangeira significa interiorizar não só a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica de uma língua, mas também as suas normas socioculturais. Para se comunicar, no verdadeiro sentido da palavra, tem que se estar em contato direto com a língua, com a cultura e as vivências. Ensinar uma língua estrangeira a partir da cultura, é ensinar comportamentos, comidas, festas e costumes daquele determinado país.

Almeida Filho (1993, p. 56) definiu a cultura de aprender como “maneiras de estudar e de se preparar para o uso da língua-alvo”. Portanto, percebe-se que o estudo da língua estrangeira vai muito além da língua gramatical e seus aspectos linguísticos, envolvendo, assim, todos aspectos que o idioma traz.

Moran (2001) afirma que o ensino de línguas interpreta e faz uso desses aspectos nos conceitos de sociolinguística, proficiência e competência comunicativa, entendendo-os como necessários para a comunicação intercultural apropriada e eficaz, incluindo aspectos como modos de se comportar, comer, falar e viver do falante nativo, assim como seus costumes, crenças e valores. Tal perspectiva de cultura, segundo Kramsch (2006), mantém a equação “uma

língua = uma cultura” e professores são convidados a ensinar regras de uso sociolinguístico do mesmo modo como ensinavam regras de uso gramatical. Desse modo, o ensino do idioma teve que andar em concordância com a cultura/turismo, acompanhada de atividades voltadas para essa área, como lista o Quadro 2, abaixo, com as atividades realizadas no curso em análise.

Quadro 02: Atividades que foram realizadas no curso: “espanhol intermediário: uma ponte entre Monte Roraima e Machu Picchu Peru”

Categoria	Assunto abordado	Atividade
Cultura	<ul style="list-style-type: none"> • História e geografia de monte Roraima e Machu Picchu. • Literatura e tradições locais. • Dança, música, teatro e cinema. • Lazer. • Gastronomia. • Comportamento e vestimentas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Debate com imagens dos dois locais, buscando semelhanças e diferenças, nos dois locais estudados. • Vídeos e diálogo. • Aprenderam uma dança regional de Roraima e uma do Peru. • Vídeos, imagens e diálogo. • Fizeram pratos típicos de cada região. • Desfile regional e seminário.
Turismo	<ul style="list-style-type: none"> • Transporte. • Pontos turísticos. • Hospedagens. 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparações (semelhanças e diferenças) imagens e vídeo.
Língua	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura em espanhol. • Fala em espanhol. • Compreensão. • Sentimentos em espanhol. 	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as atividades realizadas foram em espanhol.
Gramática	<ul style="list-style-type: none"> • Verbo gostar. • Artigo “el”. • Leitura e escrita em espanhol. • Vestimentas em espanhol. • Pronomes pessoais e possessivos em espanhol. • Direções. • Adjetivos. • Artigos definidos e indefinidos em espanhol. • Saudações em espanhol. 	<ul style="list-style-type: none"> • Música, leitura, atividades de escrita, comparações e jogos educativos.

Fonte: CORRÊA, 2020.

METODOLOGIA

Este projeto é de natureza descritiva de abordagem qualitativa, com procedimento bibliográfico e documental, com foco metodológico investigativo

utilizando como instrumentos da pesquisa o questionário. Esses foram os procedimentos aplicados na realização deste estudo, já que se utilizou de uma representação das realidades vivenciadas em um curso livre, realizado no Instituto Federal de Roraima - *Campus* Boa Vista pelas acadêmicas de Letras Espanhol e Literatura Hispânica.

Para Gil (2007, p.17), o termo pesquisa tem como definição:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolver-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a discussão dos resultados.

O presente estudo possui natureza descritiva, que tem por objetivo, segundo Schlüter (2003, p. 77), realizar uma “descrição sistemática, objetiva e precisa das características” de um determinado objeto de estudo. As pesquisas de natureza descritiva podem ser conduzidas sob uma abordagem quantitativa, qualitativa ou uma mescla de ambas (DENCKER, 2000). Para este estudo, optou-se pela pesquisa qualitativa, uma vez que a operacionalização da pesquisa foi dividida em três fases e cada uma delas apresentou características próprias, o que demandou abordagens distintas.

A primeira etapa deste estudo consistiu na realização de uma pesquisa bibliográfica e documental sobre educação e turismo, turismo idiomático, o ensino de língua estrangeira com base metodológica no turismo, metodologias de ensino de língua estrangeira, entre outros, que identificou alguns artigos, livros e textos sobre o tema, assim como de uma pesquisa documental do material, os planos de aula, a apostila desenvolvida pelas acadêmicas que realizaram o curso objeto de pesquisa deste estudo. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266), a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas.

A segunda fase consistiu no levantamento de dados do curso livre realizado no Instituto Federal de Roraima pelas acadêmicas do curso de letras espanhol e literatura hispânica, objetivando alcançar os objetivos específicos do presente trabalho, que são: listar os elementos turísticos utilizados no curso; compreender os métodos utilizados no ensino da Língua Espanhola como lín-

gua estrangeira aplicado no turismo idiomático. Foram analisados o material utilizado, a lista de conteúdo, atividades aplicadas, entre outros.

Por fim, a terceira fase realizada foi a coleta de dados, e como instrumento dessa coleta foi realizado um questionário contendo 11 perguntas para as professoras que aplicaram o curso. A escolha do sujeito de pesquisa deu-se a partir da realização de todas as etapas do curso, planejamento, execução, realização e avaliação. No questionário, buscou-se compreender o grau de entendimento do assunto, quais os elementos turísticos utilizados nas atividades realizadas, as abordagens, assuntos trabalhados, analisando a eficácia de se ensinar e aprender utilizando o turismo como base metodológica. A coleta de dados se deu por correio eletrônico e pelo aplicativo WhatsApp. Houve cuidado com o contato físico devido à pandemia do novo coronavírus. A escolha por esse tipo de instrumento de coleta de dados se deu pelo fato de que ele permite ao participante da pesquisa expor suas opiniões e interagir com o pesquisador (COHEN; MANION; MORRISON, 2000).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo teve início na graduação, quando houve participação na realização do curso livre “Espanhol intermediário: uma ponte em Monte Roraima e Machu Picchu, Peru” na instituição Instituto Federal Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR). Compreendendo a importância dessa temática, buscou-se, então, analisar um Curso Livre de espanhol intermediário na perspectiva do turismo idiomático, curso este oferecido no Instituto Federal de Roraima-IFRR. O presente estudo buscou alcançar seus objetivos analisando, dentro do curso livre, os elementos turísticos utilizados dentro do curso, as atividades realizadas, os conteúdos selecionados dentro dessa mesma perspectiva, conseguindo, assim, compreender os métodos utilizados para o ensino da língua espanhola aplicado ao turismo idiomático.

A escolha perpassa a aplicação de um questionário a três acadêmicas do curso de letras espanhol e literatura hispânica que participaram da execução, ministração e do processo de avaliação do curso. Após a definição da escolha do sujeito da pesquisa, iniciou-se o processo de colher os dados, e o instrumento utilizado consistiu em um questionário.

O questionário foi aplicado para as três acadêmicas, todas do sexo feminino, com as idades entre 23 e 34 anos, hoje com a formação acadêmica no curso de Letras Espanhol e Literatura Hispânica oferecido na instituição IFRR. Sua concepção diante do curso foi considerada ótima, diante da pontuação de 0 a 3.

As acadêmicas da pesquisa participaram e ministraram o curso no período da graduação, como pré-requisito para a formação (estágio). Suas avaliações foram positivas com relação à sua participação e desempenho como docentes.

O questionário propiciou analisar a relevância do curso junto às acadêmicas. Buscou-se refletir sobre a situação do curso no seu diverso contexto e campo de pesquisa, observando as metodologias de ensino e aprendizagem, e como o turismo está ligado a todos os assuntos escolares, inclusive ao ensino de língua estrangeira. Os sujeitos que participaram da pesquisa tiveram algumas experiências com o turismo idiomático, e entenderam sua relevância, conforme mencionado acima. Trabalhar o turismo idiomático mediante o ensino da Língua Espanhola é um caminho para aprimorar a visão dos discentes no que tange o ensino da língua estrangeira e sua cultura, conforme respostas dos sujeitos da pesquisa:

Quadro 03: Pergunta e resposta do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa

Pergunta	Respostas
6) Trabalhar com o turismo idiomático para o ensino de língua estrangeira, no caso o espanhol, mudou sua visão de como ensinar uma língua estrangeira? Justifique:	<p>“Mudou sim, além de facilitar o ensino de línguas os alunos se interessam mais quando conseguem enxergar que é real, que um país, um povo fala aquela língua” (H.F.S.P 34 anos).</p> <p>“Mudou sim, pois consigo agora ensinar meus alunos de uma maneira mais clara e com muito mais exemplos e mais fácil ensinar algo para eles quando eles já conhecem em português o que significa aí levo algo parecido para simplificar em espanhol, como fizemos com Monte Roraima e Machu Picchu” (C. C.P.C. 23 anos).</p> <p>“Mudou sim, é muito mais fácil e gratificante trabalhar uma língua estrangeira colocando-a em prática, vendo onde falam, como falam, e sempre relacionando com nossa língua materna”. (À.S 23 anos).</p>

Fonte: CORRÊA, 2020.

Os dados indicam que o curso de língua estrangeira, por meio do Turismo Idiomático, apresenta vários aspectos relevantes e motivadores na questão do ensino da Língua Espanhola, que, por sua vez, colabora na inovação de uma nova prática metodológica e criativa junto à instituição. Ao analisar as questões do questionário aplicado nesta pesquisa, percebe-se que as alunas que cursaram a licenciatura do curso de Letras espanhol e Literatura Hispânica do Instituto Federal de Roraima-IFRR se sentiram gratas no que tange às metodologias aplicadas e os materiais utilizados no período. Nessa perspectiva, o estudo é apenas um caminho a ser percorrido, não buscando resposta pronta, mas pontuar questões que propiciam uma reflexão sobre o ensino de uma língua estrangeira por meio do turismo idiomático. Em sua obra, Gil (2008) afirma:

As pesquisas sociais, tanto por seus objetivos, quanto pelos procedimentos que envolvem, são muito diferentes entre si. Por essa razão torna-se impossível apresentar um esquema que indique todos os passos do processo de pesquisa. No que parece haver consenso de parte da maioria dos autores, entretanto, é que todo processo de pesquisa social envolve: planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação do relatório. Cada uma dessas grandes etapas pode ser subdividida em outras mais específicas, dando origem aos mais diversos esquemas. Até o momento não foi possível definir um modelo que apresente, de forma absolutamente precisa e sistemática, os passos a serem observados no processo de pesquisa. Não há uma teoria suficientemente abrangente para tal, o que faz com que os autores procedam à determinação e ao encadeamento das fases da pesquisa com certa arbitrariedade (GIL, 2008, p. 50).

Ao responder sobre a eficácia e eficiência do ensino por meio do turismo idiomático, os sujeitos da pesquisa consideraram positivos, e todos já tinham algumas experiências em outros cursos. Pontuamos algumas contribuições:

Quadro 4: pergunta e resposta do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa

Pergunta	Resposta
9- Qual a principal contribuição do turismo idiomático no ensino da língua estrangeira na sua percepção?	<p>“Em tudo como falei acima o turismo está ligado a língua e a língua está ligada a cultura de um povo” (H.F.S.P. 34 anos).</p> <p>“Em tudo, pois como citei acima não dá de trabalhar os dois separados, quer dizer até dá mas acredito que o ensino não seria completo para os alunos” (C.C.P.C. 23 anos).</p> <p>“O ensino de tornar mais divertido, mais alegre quando trabalhando com algo que queremos conhecer, ou com algo que comparamos com o que já temos, nesse curso conseguimos ensinar o espanhol mostrando como é lá no Peru, falando de vestimentas, de culinária, de cultura do país em si”. (À.S. 23 anos).</p>

Fonte: CORRÊA, 2020.

Como desafios no curso, pode-se pontuar alguns, apresentados pelos sujeitos da pesquisa:

Quadro 5: pergunta e resposta do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa

Perguntas	Respostas
10-Qual foi o seu maior desafio no curso?	<p>“Conhecer profundamente Monte Roraima e Machu Picchu porque só poderia falar se conhecesse e se estudasse muito, pois eles sempre perguntam algo”. (H.F.S.P 34 anos).</p> <p>“Na época nosso curso era nível intermediário então eram pessoas que já conheciam a língua então foi um pouco difícil por que ainda estávamos em formação mais foi bem divertido o e conseguimos juntos aprender sobre Roraima e Peru” (C.C.P.C. 23 anos).</p> <p>“Ministrar o curso todo em espanhol” (À.S 23 anos).</p>

Fonte: CORRÊA, 2020.

Por fim, todos os sujeitos da pesquisa avaliam suas experiências no curso por meio do turismo idiomático como maravilhoso e inovador, que facilitou em muito o ensino e aprendizagem dos alunos que participaram do curso.

Quadro 06: pergunta e resposta do questionário aplicado aos sujeitos da pesquisa

Pergunta	Resposta
11- Como foi sua experiência utilizando o turismo como base no ensino do espanhol como língua estrangeira?	<p>“Achei maravilhoso pois consegui visualizar que os alunos aprendem com mais facilidade quando comparamos algo que eles conhecem, que vivenciam com algo de outro país, no caso ensinamos o espanhol com a nossa cultura e a cultura de peru falando suas diferenças e semelhanças” (H.F.S.P 34 anos).</p> <p>“Gostei muito pois consegui melhorar como professora, no início trabalhava apenas o literal do espanhol, agora consigo trabalhar com nossas vivências, trabalhando tudo, por que a língua envolve todo o país, e o turismo também e dá sim para trabalhar com eles juntos”. (C.C.P.C. 23 anos).</p> <p>“Gostei muito, pois como falei conseguimos conhecer um pouco o país pelas suas semelhanças e diferenças, conseguimos trabalhar o espanhol sem esquecer das pessoas que falam a língua, de como são, como se comportam, como se vestem, o que comem, locais históricos. Trabalhamos com Roraima e Peru fazendo uma comparação com os dois” (À.S 23 anos).</p>

Fonte: CORRÊA, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo abordou o processo de pesquisa, investigação e análise da questão do turismo idiomático utilizado no ensino da língua espanhola como língua estrangeira no Curso Livre de “Espanhol Intermediário, uma ponte entre Monte Roraima e Machu Picchu, Peru”, destacando os objetivos da pesquisa, as metodologias utilizadas diante das restrições de um mundo diferente, que incluem a diversidade cultural de cada país, a língua falante e as questões regionais que perpassam por diversos contextos; questões relevantes que requer um olhar atencioso no campo da pesquisa.

O presente estudo abordou um aspecto pontual na área do turismo, envolvendo um idioma e o turismo como instrumentos didáticos para o processo de aprendizagem da língua espanhola, que, no caso, foi a língua estrangeira analisada. A temática, por si só, fez compreender o quanto o Turismo Idiomático é uma temática ainda desconhecida no campo da pesquisa, considerando a escassez de referências bibliográficas nos periódicos e revistas da área de Turismo. Pouco se trata sobre esse assunto, sobre esse tema com esse enfoque de ensino de línguas, seja ela estrangeira ou nativa, tendo como base o turismo.

Desse modo, existem várias vertentes para o ensino de línguas, métodos, enfoque, alguns focando somente na gramática, leitura, escrita, outros nas questões da oralidade, enfim, trabalhando uma área de conhecimento. Porém, a análise do trabalho traz consigo uma reflexão de por que não trabalhar um todo, focando em todas as áreas e podendo, assim, trabalhar de uma maneira geral, estudando não somente a língua em si, mas tentando ir à além, estudando o povo, os aspectos culturais, o turismo no país, entre outros aspectos geográficos e históricos. Como as respostas às questões deste estudo demonstraram, é possível observar alguns métodos, técnicas, assuntos, atividades e estilos que podem ser utilizados em sala de aula, em um curso livre, enfim, no ensino de línguas.

Mesmo que o turismo idiomático, que seria turismo + idioma com suas técnicas e estilos de aprendizagem, não seja visto pela totalidade das pessoas da mesma maneira, seu estudo e conhecimento podem fornecer ao estudante de línguas, ao estudante de turismo e aos alunos, em geral, que se interessam por esse tema, uma exposição a um leque de teorias e experiências, explorando os pontos positivos e negativos de cada uma delas.

As escolas, os cursinhos de idiomas, os acadêmicos e sua totalidade devem discutir os principais temas e problemas de interesse da sociedade, de modo a oferecer respostas às suas indagações e necessidades. O vínculo entre assuntos previstos no currículo básico das escolas e as temáticas que envolvem a atividade turística é de grande importância, pois aproxima o aluno da realidade do meio em que ele vive, como o presente trabalho esclarece. Com isso, além de contribuir para a assimilação dos temas abordados nas disciplinas tradicionais, ele desenvolve no educando uma consciência cidadã e crítica em relação ao que acontece ao seu redor.

O artigo fez uma análise e avaliação do turismo idiomático utilizado no curso livre de língua espanhola. Indicou também como o Turismo Idiomático ou turismo na educação como um todo pode ser enriquecedor como instrumento metodológico e seus materiais didáticos podem favorecer no ensino.

Sendo assim, este trabalho espera ter contribuído para os acadêmicos de turismo, os turismólogos formados, para os professores de línguas estrangeiras e os professores das disciplinas em geral, pois se observa que conseguimos

incluir o turismo em todas as disciplinas oferecidas na escola como um todo. Por fim, depois de realizada a pesquisa, espera-se despertar interesse de outros estudiosos, levantando o máximo de questões possíveis para dar continuidade a esse assunto. Recomenda-se a realização de pesquisas para complementar e aprofundar as discussões sobre o turismo e a educação, andando lado a lado, envolvendo não apenas as acadêmicas que realizaram o curso livre, mas também a escola, em geral, docentes, gestores e alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADÍA, Melero Pilar. **Métodos y enfoques en la enseñanza**: aprendizaje del Español como Lengua Extranjera. Madrid: Edelsa, 2000.

ADRIANI, H. et al.

Una aproximación a la conceptualización del turismo idiomático en la Argentina. In: Reencuentro de saberes Territoriales Latinoamericanos, 2013, p. 1-13).

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

ARCHANJO, Renata. Globalização e Multilinguagem no Brasil Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online], Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 621-656, 2015.

ASÚN, E. O. **El trilingüismo en España**: actitudes y preferencias de los estudiantes alemanes de E/LE. Dissertação de Mestrado em Ensino de Español como Língua Estrangeira, Universidad Antonio de Nebrija, Madrid, 2007.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ.**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CASTRO, A.; SILVA, H. **O potencial do turismo linguístico em Aveiro e a sua relação com o ócio**. In: III Congresso Internacional em Estudos Culturais: Ócio, Lazer e Tempo Livre nas Culturas Contemporâneas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013.

CORRÊA, Carla Caroline Pantoja. **Monografia enfoque por tarefas o ensino da língua espanhola no curso livre no IFRR**. (Licenciatura em Letras). Insti-

tuto Federal de Roraima-IFRR, Boa Vista-RR, 2014-2017.

COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. **Research methods in education**. 5. ed. Londres: RoutledgeFalmer, 2000.

CUADRA, S.; AGÜERA, F. (2013). **Turismo idiomático**. In: Las nuevas tipologías de turismo en España: El caso de Andalucía, 2013, p. 17-22.

DE ANDALUCÍA, Junta. **El plan estratégico del turismo idiomático: El Español como Recurso Turístico en Andalucía**, 2010.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4 ed. São Paulo: Futura, 2000.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco; revisão técnica de Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FEDELE - **Federación de escuelas de español como Lengua Extranjera**, 2008.

GARGALLO, Santos Isabel. **Lingüística Aplicada a la Enseñanza-Aprendizaje del Español como Lengua Extranjera**. Madrid: Arco, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B. e HOLMES, J. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972.

KRAMSCH, C. Intercultural communication. In: Carter, R.; Nunan, D. (eds.). **The Cambridge guide to teaching english to speakers of other languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 201-206.

LLAURI, Narcisa; RINCÓN, Natalia; MARTÍNEZ, Mónica. El turismo idiomático: una alternativa de desarrollo sostenible. **Revista Publicando**, v. 4, n. 13, p. 45-61, 2017.

LÓPEZ RAMOS, Romén Moisés et al. **El Turismo Idiomático en España: Inicios, evolución histórica y situación actual**. 2018.

MESA ZAMBRANA, M. L. **Análisis del club de producto de turismo idiomático en la ciudad de Málaga**. Universidad de Málaga. 2014.

OMT. **Turismo internacional**: uma perspectiva global. Porto Alegre: Bookman, 2003.

RICHARDS, J. C. y RODGERS, T. (1986). **Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas**. Cambridge: Cambridge University Press. Colección Cambridge de didáctica de lenguas. Madrid: Cambridge University Press, 1998.

SÁNCHEZ, Pérez Aquilino. **Los métodos en la enseñanza de idiomas**. 2 ed. Madrid: SGEL, S.A., 2000.

SCHLÜTER, R. **Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria**. Tradução de Tereza Jardimi. São Paulo: Aleph, 2003.

SECRETARÍA DE TURISMO DE LA NACIÓN. **Oferta de turismo idiomático en la Argentina**. Argentina: Secretaría de Turismo - Dirección Nacional de Desarrollo Turístico, 2006.

SILVA, D. **Turismo Idiomático**: uma abordagem lusitana. Projeto de aplicação em Turismo, Licenciatura em Turismo. Instituto Superior Politécnico Gaya Escola, 2009.

TURESPAÑA. **Estudios de productos turísticos**: Turismo idiomático. España: Turespaña, 2008.



TURISMO PEDAGÓGICO: ESTUDO DE CASO NA FAZENDA CASTANHAL (RR)

Lisa O´hana de Souza Cirilo¹
Raphael Ramires Moura Fernandes²
Leila Marcia Ghedin³

RESUMO

O presente trabalho traz o seu enfoque sobre a possibilidade da realização do Turismo Pedagógico no Hotel Fazenda Castanhal. Este trabalho teve como objetivo analisar o espaço do hotel Fazenda Castanhal, relacionando possíveis atividades de turismo pedagógico que possam ser desenvolvidas no local. Com base nisso, foi apontado o seguinte interrogante: Como desenvolver turismo pedagógico no Hotel Fazenda Castanhal? O método utilizado para a pesquisa e elaboração deste trabalho foi fenomenológico de caráter exploratório, com abordagem qualitativa, além da pesquisa de campo e a bibliográfica. Os resultados obtidos surgiram a partir dos dados coletados com a aplicação dos instrumentos de pesquisa (questionário e entrevista), que foram tabulados e analisados. Como resultado, emergiram as possibilidades de entender a viabilidade do desenvolvimento do Turismo Pedagógico no Hotel Fazenda Castanhal, ressaltando os benefícios por meio do planejamento estratégico. Sendo assim, foram sugeridos alguns exemplos de propostas de atividades que podem ser utilizadas pelos docentes no Hotel Fazenda Castanhal.

Palavras-chave: Turismo. Turismo Pedagógico. Hotel Fazenda Castanhal.

1 Especialista em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. E-mail: lisaohanadesouzacirilo@gmail.com

2 Graduado em Tecnologia em Gestão de Turismo – *Campus* Boa Vista-IFRR. E-mail: raphaelramires@gmail.com

3 Professora e Orientadora do Curso de Planejamento e Gestão de Empreendimentos Turísticos Sustentáveis – *Campus* Boa Vista-IFRR. Doutora em Educação Em Ciências e Matemática- UFMT. Mestre em Planejamento Turístico –LUZ. E-mail: leilaghedin@ifrr.edu.br

ABSTRACT

The present work brings its focus on the possibility of the realization of Pedagogical Tourism at the Hotel Fazenda Castanhal. This work aimed to analyze the space of the Hotel Fazenda Castanhal relating possible pedagogical tourism activities that can be developed on site. Based on this, the following question errant was pointed out: How to develop pedagogical tourism at the Hotel Fazenda Castanhal? The method used for the research and elaboration of this work was phenomenological of exploratory character, with qualitative approach, in addition to field research and bibliographic. The results obtained emerged from the data collected with the application of the research instruments that were tabulated and analyzed. As a result, the possibilities of understanding the feasibility of the development of Pedagogical Tourism at the Hotel Fazenda Castanhal emerged, highlighting the benefits through strategic planning. Therefore, some examples of proposals of activities that can be used by teachers at the Hotel Fazenda Castanhal.

Keys-words: Tourism. Pedagogical Tourism. Hotel Fazenda Castanhal.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o turismo vem se transformando, contemplando novas formas de segmentos, levando, conseqüentemente, um novo olhar aos turistas e viajantes, já que a atividade turística possibilita um modo particular de adquirir e vivenciar novas experiências.

Dentro de suas mais variadas vertentes, o turismo pode proporcionar, a partir de viagens de caráter pedagógico, um contato dos estudantes com lugares, culturas, recursos históricos, ambientais e sociais. Experiência que implicará positivamente numa visão ampla e um aprendizado fundamental para a formação dos alunos.

Visualiza-se no Hotel Fazenda Castanhal, no município do Cantá/RR, o espaço que foi escolhido para a realização deste estudo, caracterizando-se como um grande atrativo turístico. Trata-se de um local que possui um grande potencial para a execução do turismo pedagógico, deliberando uma expansão no desenvolvimento de variados tipos de atividades, que vão desde o lazer, passeios e visitas, pesquisas, disseminando um pensamento consciente aos visitantes de que a localidade e seus arredores, além de desfrutados, devem

ser conservados, estudados, respeitados.

Por esse motivo, este artigo teve como objetivo principal analisar o espaço do hotel Fazenda Castanhal, relacionando possíveis atividades de turismo pedagógico que possam ser desenvolvidas no local.

Para a execução do trabalho elaboramos a seguinte interrogante: Como desenvolver turismo pedagógico no hotel Fazenda Castanhal?

O turismo pedagógico caracteriza-se, entre outras formas, como um meio de viagem de estudo, uma construção perceptiva e crítica do espaço, possibilitando a prática de uma atividade alternativa e muito interessante, que propõe a ampliação de novos olhares dos estudantes, visando apresentar aos mesmos a oportunidade de relacionar, na prática, o que foi visto em sala de aula.

Tendo em questão o assunto então relatado, traz-se a razão deste trabalho de pesquisa. De modo mais específico, apresenta-se a sua relevância social, quando contribui para a disseminação da importância de se estudar e conservar as áreas naturais para benefício presente e futuro da população em geral, além de envolver o aluno num processo de ensino em áreas não formais.

Já para a relevância científica, ele acrescenta uma contribuição acadêmica sobre o tema, com uma exposição da atividade proposta e os métodos de ensino pesquisados, para que, assim, sirva de utilidade para os demais acadêmicos, inserindo a instituição um trabalho para auxiliar tanto o conhecimento quanto futuras pesquisas, com a proposta de levantar a ideia da prática do turismo pedagógico.

TURISMO

O turismo é comumente estipulado em sua definição mais simplista como um “movimento de pessoas”. Mas, com o passar do tempo, essa definição acabou se tornando muito modesta, devido à tamanha expansão da atividade turística e os diversos setores da sociedade que o turismo atinge. Diante da abrangência do termo turismo, abordamos com a seguinte definição da autora Xavier (2012, p. 15):

O turismo é uma atividade econômica, pois gera produção de bens e ser-

viços; é uma atividade social, pois interfere consideravelmente nos hábitos e costumes do indivíduo, seja direta ou indiretamente; é uma atividade de lazer, já que foi por esse aspecto que o turismo se desenvolveu.

Dessa forma, o turismo é costumeiramente analisado por vários métodos e diversos autores, mas defini-lo não é tão fácil. Porém, possui uma peculiaridade particular, que é sua capacidade de se correlacionar às diversas áreas que o envolvem, Como as concepções e fatores que abrangem sua expansão e relação com os aspectos históricos e sociais, que envolvem a cultura, meio ambiente, geografia, economia.

Com as transformações que a sociedade vem sofrendo, o turismo tem sido considerado um fator importante no planejamento social, disponibilizando atenção para o desenvolvimento dos mais diversos tipos de atividades e práticas turísticas relacionadas aos dias atuais, na forma econômica, social, tecnológica e questões ambientais.

Sobre isso, Ruschmann (2001, p. 9) destaca as transformações do espaço em que o turismo vem se desenvolvendo atualmente:

O turismo contemporâneo é um grande consumidor da natureza e sua evolução, nas últimas décadas, ocorreu como consequência da “busca do verde” e da fuga dos tumultos dos grandes conglomerados urbanos pelas pessoas que tentam recuperar o equilíbrio psicofísico em contato com o ambiente natural durante seu tempo de lazer.

Vale lembrar que o turismo é uma atividade que abrange características variadas, influenciando na vida e no bem-estar das pessoas. O turismo oferece a oportunidade, a quem vive nas grandes cidades, de se conectar com a natureza. Acreditamos que o turismo traz possibilidade de maiores benefícios para a vida e para os cuidados com o meio ambiente.

Para a Organização Mundial do Turismo, o “turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo e inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros” (OMT, 2001, p. 3). Esta é uma das definições mais utilizadas e que busca atender às mais variadas áreas de estudo, tentando universalizar a definição e facilitar o processo de compressão.

Desse modo, o turismo possui definições diversificadas e interesses espe-

cíficos conforme a área do autor e/ou estudioso que esteja discorrendo sobre ele. Porém, todas seguem as características identitárias do turismo, como o tempo de permanência, o lugar de residência e a motivação. Assim, a segmentação do turismo pode ser entendida como uma forma de organizar o turismo para os meios de planejamento das mais variadas áreas em que ele pode se alocar. Além disso, são definidas por diferentes elementos e fatores relacionados aos serviços prestados, caracterizando-se a partir de suas especificidades, surgindo, dessa forma, as várias segmentações, como turismo de aventura, turismo rural, turismo religioso, turismo gastronômico, turismo cultural, turismo pedagógico, entre outros.

TURISMO PEDAGÓGICO

Percebendo a interatividade que há na atividade turística e no estabelecimento das relações humanas em conjunto com as experiências de vida adquiridas por meio das viagens, no que se refere ao ensino formal, entende-se que é importante e satisfatório relacionar e incluir nesse processo viagens educativas para contribuir com o aprimoramento dos estudos e, assim, consolidar o conhecimento obtido em sala de aula.

A partir dessa percepção de correlacionar viagens e estudos, em meados do século XVIII, e de acordo com registros históricos, é que foi evidenciada a realização das viagens de cunho educacional, realizadas por jovens aristocratas ingleses em grandes centros culturais da Europa, com a intenção de aprimoramento dos estudos. O Ministério do Turismo afirma que (BRASIL, 2010, p. 13):

As viagens de cunho educativo tiveram grande impulso a partir do século XVIII, com o aumento no número de pessoas que viajavam apenas pelo prazer e pela busca de informações e cultura. Com o desenvolvimento do capitalismo e a partir do momento em que a Europa acelerou seu curso de desenvolvimento baseado na industrialização e na racionalização do trabalho, as viagens em busca de prazer e emoção, visando ao aprimoramento pessoal fundado em categorias de apreciação estética, começaram a crescer em larga escala.

As viagens, que antes eram, na sua maioria, de lazer ou visitas familiares, passaram a ter outro objetivo: o de adquirir conhecimentos científicos. De acordo com Hoffmann e Cunha (2014), essas viagens recebiam o rótulo de “viagens

de estudo". Durante essa época, ocorreu o chamado *Grand Tour*, uma nova prática entre a alta sociedade europeia. Essas viagens, sob o rótulo de "viagens de estudo", obtinham a mesma relevância que um diploma, propiciando um *status* social. Ainda assim, o planejamento se baseava em viagens de boa qualidade com atrativos variados e agradáveis aos viajantes.

É importante destacar que a prática desta atividade foi se aperfeiçoando e se aprimorando, proporcionando, hoje, uma temática muito mais desenvolvida pela quantidade de atividades que podem ser realizadas nas viagens e pela visão interdisciplinar apresentadas nas viagens educacionais.

Com base nisso, o desejo de produção e o conhecimento dos alunos expandiram-se para além da sala de aula, buscando nos objetivos de aprimoramento dos estudos uma ligação entre a atividade turística e a pedagogia.

De acordo com Bonfim (2010), o turismo pedagógico apresenta a alternativa de ampliar o desenvolvimento social, crítico e educativo, o que traz à tona a importância e a utilidade que o turismo pode proporcionar enquanto atividade de lazer, servindo, assim, de base ao ensino. A partir disso, compreende-se que a atividade turística expõe uma nova ideia, que transforma o espaço turístico em um local de aprendizagem fora da sala de aula, colaborando, dessa forma, com o processo de aprendizagem.

Nesse contexto, o turismo pedagógico aparece como um impulsor, em uma forma diferente de propor tanto o turismo quanto as atividades socioeducativas, alinhando os dois em um aspecto de aprendizado em que haja a percepção de questões ecológicas, culturais e socioambientais.

Bonfim (2010) ainda destaca que o turismo pedagógico é uma atividade que busca promover uma interação entre pessoas de culturas distintas, exibindo, assim, diferentes formas positivas de aprender, descobrir e conhecer, possibilitando, dessa maneira, uma pedagogia que envolva a participação dos alunos, incentivando-os a participar ativamente.

Tendo em vista que a atividade turística em si é uma forma de adquirir conhecimento, mesmo que indiretamente, pois o turismo não trata apenas de uma forma ou atividade de lazer, as experiências adquiridas em viagens e passeios ampliam a percepção para uma nova leitura do mundo, desenvol-

vendo o entendimento de coisas que, até então, não eram conhecidas pelo turista em questão.

De acordo com Souza et al. (2011), percebe-se a carência do atual sistema educacional em elaborar com novas práticas educativas, que envolvam o desenvolvimento do aluno e possa construir um pensamento social e crítico. Desse modo, o turismo pedagógico aparece como uma opção significativa capaz de auxiliar as instituições educacionais, possibilitando uma interação temática entre sujeito e meio a partir da vivência.

Cada dia mais os docentes têm procurado o turismo pedagógico como alternativa de complementação de aprendizagem do ensino formal, estabelecendo, em meio à atividade pedagógica, uma pluralidade de aprendizagem na vivência, já que o turismo pedagógico permeia várias vertentes e abrange diversas áreas de aprendizado.

UM APRENDIZADO DIFERENCIADO

O Turismo Pedagógico é uma ferramenta que se desprende dos métodos convencionais usados para a ministração de aulas, mediante a temática que é aplicada e das propostas educacionais envolvidas, trazendo uma dinâmica interativa e inovadora que estimula o aluno a desenvolver a sua aprendizagem fora da sala de aula. Para Martins e Neto (2013, p. 462):

O turismo pedagógico deve ser compreendido como uma forma de tirar o aluno do restrito espaço de uma sala de aula, para um contexto mais amplo: o da realidade turística do seu município. É proporcionar perspectivas que criem ideias inovadoras e permitam formar um cidadão crítico, reflexivo e participativo.

Assim, entendemos que o turismo pedagógico pode contribuir para um importante ponto na vida do aluno, o aprendizado que insira a vivência na prática do que lhe é repassado teoricamente, ressaltando sempre que este instrumento de aprendizagem não é menos importante que os outros métodos utilizados e que é essencial que ocorra um planejamento específico para as ações desenvolvidas no campo para que, assim, a realização da atividade tenha êxito no processo de transmissão de conhecimento.

Diante das vantagens que o turismo pedagógico pode vir a oferecer, destaca-se uma figura de importante referência pedagógica, que articulava técnicas e instrumentos diferenciados para aplicar na aprendizagem do aluno: Célestin Freinet, um importante pedagogo francês (1896-1966), que foi um grande entusiasta dos métodos e práticas educativas que envolvessem a aprendizagem através da experiência, produção, criação e investigação. Propôs e desenvolveu técnicas marcantes no contexto educacional, já que era um crítico ferrenho da escola tradicional. Expôs a ideia de mudanças nas escolas, tendo em vista que as considerava apenas teóricas, distantes, assim, da realidade da vida escolar.

Conforme Elias (1997, p. 36), a ideia de Freinet “preconiza para o processo educativo uma escola viva, feliz, onde se trabalhe e construa, dando verdadeira significação social ao trabalho”. Dessa forma, ele demonstra como sua proposta proporciona ao aluno a construção de um conhecimento pela produção ou, mais especificamente, o exercício da vivência, despertando no aluno um pensamento crítico, através da observação constante e da vontade de aprender do aluno.

Em meio a sua proposta pedagógica e o desenvolvimento educacional, Freinet alicerça sua pedagogia em quatro eixos:

- A Cooperação: Como forma de construção social do conhecimento;
- A Comunicação: Como forma de integrar esse conhecimento;
- A Documentação: Registro da história que se constrói diariamente;
- A Efetividade: Ligação entre as pessoas e o objeto do conhecimento.

Para Elias (1997, p. 54), ainda há de se destacar a visão de Freinet como pedagogo sobre a educação.

Para Freinet, educação é trabalho cujo produto imediato é o conhecimento. Este, que tem como matéria-prima a vivência social dos alunos, deverá ser polido, aperfeiçoado e ampliado sob orientação constante e dedicação do professor, ao qual cabe propor técnicas e tornar possível o uso de materiais diversificados.

Desse modo, a educação para Freinet se dá num processo de construção, participação e transformação, resultando em um processo de conhecimento através da vivência e da participação efetiva do professor. Conforme o desen-

volvimento de seu método, ele criou um conjunto de práticas e técnicas que fundamentam sua teoria da Escola Moderna, são elas:

- A Aula-Passeio;
- O Jornal escolar;
- A Correspondência interescolar;
- Os fichários escolares cooperativos;
- O desenho e a expressão artística;
- A biblioteca de consulta;
- O texto livre;
- A autocorreção;
- Plano de trabalho semanal.

Assim, a proposta pedagógica de Freinet, cujas técnicas proporcionam ao aluno a realização de um trabalho real no âmbito da educação, também visa disseminar a importância de se inovar os meios de ensino educacionais, trazendo uma sensibilização e crescimento social dos educandos.

Das técnicas desenvolvidas por Freinet, uma, em particular, aparece como proposta de ensino bastante atual e vem sendo largamente empregada nas instituições educacionais.

O estudo do meio local, ou, como também é popularmente descrito, as aulas-passeio, é voltado para o interesse dos alunos. Trata-se de uma atividade que é basicamente programada para trazer aprendizagem e vivência, ampliando o conhecimento e o desenvolvimento dos participantes.

Desse modo, pode-se correlacionar essa técnica de ensino ao turismo. Ao juntar o turismo e a hotelaria, há grandes possibilidades de se desenvolver e concretizar o turismo pedagógico, uma segmentação do turismo com elementos e características voltadas para o aprendizado e que também busca se desenvolver através de viagens.

HOTELARIA

A hotelaria vem se desenvolvendo desde a Idade Média, com pequenas

hospedarias, que foram evoluindo nos séculos XVII e XVIII. Nessa época, os modos de vida palacianos contribuíram muito para a melhoria e a modernidade dos estabelecimentos com fins hoteleiros, que tinham a necessidade de atender os viajantes que se deslocavam com finalidades comerciais. Mas, foi com a conquista do homem no espaço tecnológico, tais como a eletricidade, máquina a vapor e a industrialização, que a hotelaria foi se firmando como uma indústria de serviços. Para Cândido (2003, p. 37):

A hotelaria pode ser considerada a indústria de bens de serviço. E como qualquer ramo industrial, possui suas características próprias de organização e sua finalidade principal é o fornecimento de hospedagem, alimentação, entretenimento, segurança e bem-estar dos hóspedes.

Dessa maneira, a hotelaria aparece como um importante serviço da área de hospedaria, sendo uma base da atividade turística, representando, desse modo, um produto/serviço dos diversos setores da hotelaria. Para Menezes e Silva (2013, p. 57):

A hotelaria é formada por empresas prestadoras de serviços que tem por objetivo acolher bem o turista. Nesse sentido, existe no mercado empresas com estruturas e serviços diferenciados para atender aos turistas dos mais variados segmentos, ou seja, meios de hospedagem com tipos e categorias de distintos.

Diante das características próprias que a hotelaria dispõe em seus empreendimentos, percebe-se que estes serviços turísticos são elementos fundamentais para que o turista possa desfrutar dos benefícios em sua estadia. A partir destas, Davies (2003, p. 18) apresenta sua definição de hotel assim:

É uma empresa de prestação de serviços e se diferencia completamente das empresas dos ramos industrial e comercial. O produto gerado pelo hotel é estático, ou seja, o consumidor é quem deve ir até ele para dar início ao processo de aquisição/consumo.

Assim, pode-se dizer que o hotel é um estabelecimento comercial, dedicado a proporcionar acomodações e prestações de serviço aos hóspedes e viajantes, munido e projetado de uma infraestrutura para o atendimento ao cliente. Ademais, são empreendimentos que podem ser projetados em diferentes locais e ter diferentes ramificações, como hotel, resort, eco hotel, hotel de saúde, motel e hotel fazenda, pousadas, hostel, entre outros.

HOTEL FAZENDA

Dentre os meios de hospedagem e suas mais variadas ramificações, destaca-se um tipo de empreendimento que se localiza em zona rural, o hotel fazenda. Conforme Ribeiro (2011, p. 30):

Geralmente se utilizam das instalações de antigas fazendas e oferecem ao hóspede, além do valioso contato com a natureza, a possibilidade de compartilhar atividades comuns nesse tipo de ambiente: ordenha de gado, passeios a cavalo, charrete, pesca, além de farta alimentação. O estilo de construção, em geral, é pitoresco e rústico, combinando com o ambiente rural.

São locais de hospedagem e situados em propriedades rurais ou fazendas que se disponibilizaram a exercer tal atividade turística e dispõem, necessariamente, de uma infraestrutura instalada, equipamentos e serviços a favor do turista. Nesses hotéis fazenda, além de toda estrutura disposta há modernidade e comodidade, também está presente a temática de um cenário típico da região, voltado à ruralidade, como explicam Barbosa e Lança (2015, p. 11):

Um hotel-fazenda é um empreendimento imobiliário com as características de um hotel convencional no seu interior. Em alguns casos, são construções já existentes em fazendas rurais, apenas desmembrado da propriedade. Esse tipo de hospedagem oferece atividades de lazer, espaço para jogos, eventos, tratamento de saúde e hospedagem. O hotel fazenda pode ser considerado um hotel inserido no meio rural, em alguns casos sem relação com a comunidade do entorno, utilizando-se apenas do cenário paisagístico.

As atividades de um hotel fazenda proporcionam ao turista, além do lazer e entretenimento, uma vivência no campo e práticas agrícolas, destinando, assim, uma experiência de elementos típicos de uma vida no campo.

Dessa forma, os hotéis fazenda têm o seu foco voltado à atividade hoteleira, disponibilizando ao turista toda estrutura e serviços que um hotel urbano oferece. E, mesmo possuindo um aspecto diferenciado, suas funções são as mesmas, prestando seus serviços e comodidade aos clientes, porém, com características voltadas ao meio rural. Como Barbosa e Lança (2015, p. 2) ainda indicam:

Esses estabelecimentos possuem características peculiares e próprias, usualmente visando o acolhimento e hospitalidade local. Pois os mes-

mos têm a função de acolher o visitante com um contato mais pessoal e informal, diferente dos hotéis urbanos. No ambiente rural, em inúmeros casos, os hotéis estão inseridos em propriedades rurais.

Observamos que as definições apresentadas anteriormente se caracterizam e se harmonizam com o turismo pedagógico. Nesse sentido, a união da hotelaria com o turismo pedagógico, no intuito de desenvolver as aulas passeios, transforma a forma de perceber o ensino contemporâneo.

METODOLOGIA⁴

Situado na Serra Grande, no município do Cantá, no estado de Roraima, a 70 km da capital Boa Vista, está localizado o Hotel Fazenda Castanhal. Um empreendimento que foi inaugurado em novembro de 2009 e tem um perímetro de 1.250 hectares, tendo sido o primeiro estabelecimento da categoria no estado de Roraima.

Localizado na margem direita do rio Quitauaú, o hotel tem duas fontes de acesso, primeiro prosseguindo pela BR- 401, entrando à direita na BR-432, que vai a caminho da cidade do Cantá, ou pela estrada que vai no sentido das vilas Serra Grande I e Fonte Nova, na via que dá acesso ao Haras Cunha Pucá.

O negócio, que teve origem com os proprietários Edson e Gerusa, tem em sua concepção a ruralidade, tendo em vista que o hotel está em um ambiente rural, próprio para o desenvolvimento de atividades agrícolas e práticas comuns da vida no campo. Associando isso à estrutura campestre do local, decidiram, então, investir em um novo tipo de empreendimento, já que o espaço poderia oferecer instalações e condições ideais para a elaboração de um hotel fazenda.

Com o funcionamento a todo vapor, o hotel está aberto para os hóspedes de sexta a domingo e tem à disposição dos clientes apartamentos aconchegantes, restaurante, área de jogos, sala de televisão, pedalinhos, piscina, além de oferecer atividades recreativas como trilhas, passeio a cavalo, passeio de bicicleta, caminhadas e um amplo espaço para a observação de pássaros, entre

4 Os dados referentes às informações que caracterizam o local de estudo foram obtidos no site da propriedade. Disponível: www.fazendacastanhal.com.br

outras práticas disponíveis para o hóspede.

Com um entorno de árvores nativas da mata sobre a região, a Fazenda Castanhal traz em si um atrativo turístico, em meio à natureza que a rodeia, proporcionando ao turista uma opção diferente da vida urbana, oferecendo instalações e acomodações com aspectos rurais para o visitante.

CARACTERIZAÇÃO, ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para alcançar o objetivo proposto, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, pelo método fenomenológico, de caráter exploratório, apoiando-se em um estudo de caso.

O presente trabalho é de abordagem qualitativa, que, de acordo com Rampazzo (2005, p. 58), “busca uma compreensão particular daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados”.

A pesquisa utilizou o método fenomenológico, que, segundo Gil (1989, p. 33):

Consiste em mostrar o que é dado e em esclarecer este dado. Não explica mediante leis nem deduz a partir de princípios, mas considera imediatamente o que está presente à consciência, o objeto. Consequentemente, tem uma tendência orientada totalmente para o objeto.

Nesse método, reduz-se a fala do entrevistado e se busca compreender a fala do mesmo.

Em relação à pesquisa estudo de caso, Gil (2002, p. 54) relata que o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

A partir dessas informações, este trabalho foi aplicado como uma forma de analisar o espaço do hotel Fazenda Castanhal, relacionando possíveis atividades de turismo pedagógico que possam ser desenvolvidas no local, tendo em vista que a pesquisa exploratória propõe uma familiarização inicial com o

tema e busca conhecer e entender as motivações e razões, além de analisar o objeto a ser estudado. Assim, para Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 63), “A pesquisa exploratória é, normalmente, o passo inicial no processo de pesquisa pela experiência e um auxílio que traz a formulação de hipóteses significativas para posteriores pesquisas”.

Foram coletados dados através de uma pesquisa de campo, realizada visita *in loco* no Hotel Fazenda Castanhal, com o intuito de conhecer o espaço (alojamentos, trilhas, espaços de recreação, entre outros) para, assim, facilitar a compreensão do ambiente estudado, o que trouxe uma grande contribuição para o desenvolvimento do trabalho.

Tendo em vista que este artigo é um recorte da pesquisa realizada em 2018, a coleta de dados foi desenvolvida por meio de aplicação de questionário e entrevista. Para este artigo, trazemos somente a visão do empresário sobre o turismo pedagógico e sua relação com a hotelaria. Assim, o participante da pesquisa foi o proprietário do Hotel Fazenda Castanhal.

É importante mencionar, devido à situação que estamos vivendo, a questão da pandemia da Covid-19, que, segundo a OMS (2020, np), “é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) a origem foi identificada na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China”. Em consequência da pandemia, não foi possível realizar a segunda parte da pesquisa no ano de 2020. Por isso, foram obtidas informações via mensagens telefônicas. Segundo o proprietário, atualmente, a Fazenda Castanhal está fechada. Ele ressalta que, quando tudo se normalizar, vão apenas alugar para eventos fechados.

O questionário foi composto de perguntas abertas. Foi aplicado utilizando a modalidade de entrevista informal com o proprietário do Hotel Fazenda para conhecer a opinião do mesmo sobre o desenvolvimento das atividades pedagógicas no local, traduzindo a opinião do entrevistado em resposta à execução da atividade turística.

RESULTADOS

Instrumento de Transcrição da Entrevista - Qualificação do Sujeito:

Proprietário do local de estudo

Quadro 01 - O proprietário tem algum conhecimento sobre o que é turismo pedagógico?

	Fala do Proprietário
Informante Chave	Eu tenho porque eu já fiz. “Pra mim entrar nesse ramo de turismo, eu fiz vários treinamentos, vários cursos. Então o turismo ele é muito amplo, nós temos hoje o turismo religioso, turismo comercial o turismo é, da terceira idade. E entre eles tem o turismo pedagógico (...) então melhor eu fiquei pra ter o conhecimento nessa área do turismo, nesse segmento do turismo pedagógico”.
Redução da fala do entrevistado	Tem conhecimento sobre o que é o turismo pedagógico por já ter feito vários cursos e treinamentos na área do turismo.
Conclusão dos Pesquisadores	Existe conhecimento sobre o turismo pedagógico, por já ter se capacitado anteriormente na área do turismo.

Fonte: Cirilo e Fernandes, 2018. Adaptação Própria.

Ao ser questionado se possui algum conhecimento sobre o que é turismo pedagógico, o responsável respondeu que sim, tem entendimento sobre a área por já ter efetuado vários cursos e capacitações, aprimorando, assim, seus conhecimentos sobre turismo e sua amplitude. Algo imprescindível para alguém que trabalha com um empreendimento do setor turístico. Então, a partir desses cursos, realizados no ramo turístico, o proprietário obteve conhecimento sobre as mais variadas segmentações que o turismo dispõe, como o já citado turismo pedagógico.

Quadro 02 - Você acha que o Turismo Pedagógico pode auxiliar na conservação do local?

	Fala do Proprietário
Informante Chave	“Sim, o turismo rural, que ele abrange todos esses tipos, esse segmento ele é voltado pra conservação do ambiente que está sendo executado, além da conservação ele também está voltado para o desenvolvimento das comunidades, além dele preservar a onde ele está locado ele consegue que as comunidades aos redores também consigam preservar aquele ambiente, pra que possa voltar em formas de emprego e renda pra elas, então quanto mais a conservação mais ela tem um retorno”.
Redução da fala do entrevistado	Diz que o turismo tem vários segmentos que podem auxiliar na conservação do meio ambiente e que também está voltado para o crescimento das comunidades locais gerando emprego e renda.
Conclusão dos Pesquisadores	Vê que o turismo rural abrange não só o turismo pedagógico mas vários outros segmentos do turismo que também podem auxiliar na conservação local

Fonte: Cirilo e Fernandes, 2018. Adaptação Própria.

O proprietário afirma que o turismo pedagógico pode auxiliar na conservação do local. Ele ainda alega que o turismo tem vários componentes e que, a partir desses muitos elementos, o turismo rural aparece como uma peça importante para a conservação local como também para o desenvolvimento das comunidades. Então, ele assimila a relação que o turismo rural pode ter com os outros segmentos do turismo que possam colaborar com a manutenção e conservação do ambiente estabelecido, como o turismo pedagógico.

A relação que a conservação por meio do turismo desempenha para com a comunidade, na visão do proprietário, é muito positiva, visto que, através da manutenção do ambiente, ele consegue estimular a comunidade a também conservar a área e, por consequência, atrair mais turistas e visitantes para a Fazenda Castanhal, gerando, assim, emprego e renda. Ele ainda relata que, quanto mais houver práticas de conservação na localidade, maior a possibilidade de gerar um retorno a todos os envolvidos.

Quadro 03 - Há interesse do proprietário na implantação/implementação do turismo pedagógico

	Fala do Proprietário
Informante Chave	“Há eu tenho, agora o que está faltando? Esse segmento ele precisa se organizar por exemplo, eu sou lá o empresário do turismo né, eu não tenho condições de formar turmas pra fazer esse tipo de turismo. Então que, que precisa? De alguém formado nessa área ou um empresário que vá atrás dessas turmas pra mim poder receber. Então eu tenho o local, posso aparelhar o local pra isso e receber, eu só não tenho como trazer, fazer esse, esse em que digamos uma turma do instituto ou da faculdade estadual pra ir lá, não. Eu tenho como receber.”
Redução da fala do entrevistado	Existe o interesse, mas é preciso de profissionais ou empresários da área que planejem melhor esta atividade, tendo em vista que a Fazenda Castanhal tem como receber, mas não buscar turmas e fazer o transporte dos alunos.
Conclusão dos Pesquisadores	Há o interesse, porém, é necessário um planejamento adequado para a realização desta atividade na Fazenda Castanhal.

Fonte: Cirilo e Fernandes, 2018. Adaptação Própria.

O proprietário diz ter o interesse na implantação do turismo pedagógico na Fazenda Castanhal, porém, ele faz a ressalva de que é preciso ter um melhor planejamento para a execução da prática na fazenda, ressaltando que ele é o agente do turismo local e não tem condições de fazer o intermédio entre ir atrás dos estudantes, elaborar e aplicar a prática do turismo pedagógico com os mesmos.

Como já dispõe do local para a recepção dos alunos, ele explica as contribuições que a Castanhal pode fornecer para a aplicação das aulas, porém, ele também cita que é preciso profissionais capacitados ou empresários do ramo turístico que façam essa ligação entre ir atrás e contatar turmas e planejar a viagem para que o proprietário possa receber como o mesmo explica. Uma atividade estipulada e planejada que envolva os três atores em questão nessa prática pedagógica, como os profissionais ou empresários interessados em levar turmas para desenvolver essa atividade, as instituições educacionais e a própria Fazenda Castanhal.

Quadro 04 - Em sua opinião, o Turismo Pedagógico pode contribuir com o seu empreendimento?

	Fala do Proprietário
Informante Chave	“Muito. Ele hoje é visto com bons olhos né, e a gente tem todo interesse. E a gente pra te falar a verdade a gente já trabalha com isso. Quando a professora Suzana que é do instituto leva a sua turma pra ter aula prática, já é um turismo pedagógico. Quando o pessoal da estadual vai pra ver, ou um curso de biologia ver, é trabalhar com a natureza lá, também já é um instinto pedagógico que a gente já tá fazendo, mas não comercialmente”.
Redução da fala do entrevistado	O turismo pedagógico é bem visto, e já se trabalha com ele na Fazenda Castanhal recebendo turmas de outras instituições, só não é realizado de forma comercial.
Conclusão dos Pesquisadores	A prática da atividade é vista com admiração pelo proprietário, por já se trabalhar esta modalidade na Fazenda Castanhal, de modo que não está implementada de forma comercial.

Fonte: Cirilo e Fernandes, 2018. Adaptação Própria.

Na opinião do proprietário, o turismo pedagógico pode contribuir positivamente para o seu empreendimento. Ele alega que o turismo pedagógico é visto com muita propriedade, e que é vista com bons olhos a execução desse segmento turístico no local, de modo que ele até cita, no começo de sua fala, o grande interesse na atividade, comentando ainda que a prática já é executada e trabalhada na Fazenda Castanhal, onde turmas de instituições educacionais e acadêmicas são recebidas para o desenvolvimento de suas atividades, como as do curso de Biologia, que trabalha, justamente, com as áreas naturais e já exercita esse tipo de prática pedagógica na fazenda. E ainda afirma que precisa de parcerias com as instituições educacionais.

Por outro lado, ele logo explica que essa atividade é praticada no local

pelo fato de a Fazenda Castanhal já possuir em si um instinto pedagógico e que o turismo pedagógico que lá é feito não é desenvolvido de maneira comercial. Assim sendo, a prática não é realizada com certa frequência, mas já é perceptível que o proprietário está aberto à prática do turismo pedagógico.

Quadro 05 - Dentre os públicos de turistas, quais são os frequentes a Fazenda Castanhal?

	Fala do Proprietário
Informante Chave	“E hoje nós temos é, são mais as pessoas que vão pra descansar né, vão pra ler um livro, ouvir uma música baixinha né, curtir a natureza e nesse segmento a família tá em primeiro lugar, aquele que vai com os filhos, pra poder sair um pouco dessa área do urbano pra ir mais pra área rural, pra conhecer o rural, conhecer é a ruralidade que existe dentro da gente. Então lá os filhos deles vão pra conhecer galinha, pavão, é ganso é ver como tira o leite, ver os animais da fazenda né, e como a fazenda funciona e além da diversão que tem na fazenda que é andar de cavalo andar de pedaliño, ver essas coisas, a observação de pássaros. Então esse é o segmento digamos o primeiro lugar hoje que nós temos hoje são as famílias que vão pra levar seus filhos pra conhecer a ruralidade nossas”.
Redução da fala do Entrevistado	O público alvo é mais o familiar, que vai para conhecer a ruralidade.
Conclusão dos Pesquisadores	As famílias buscam tranquilidade e lazer na Fazenda Castanhal para ter contato com a natureza.

Fonte: Cirilo e Fernandes, 2018. Adaptação Própria.

O público ou grupo que comparece com mais frequência à Fazenda Castanhal são as famílias, conforme a explicação do proprietário, que relata, logo em seguida, quais as atividades são realizadas pelos visitantes.

Trata-se de um momento de lazer e descanso que é compartilhado por toda família e que, além da descontração, há o momento de interação entre os visitantes e a ruralidade do local, como o contato com os animais da fazenda, as atividades rurais, a vegetação e o modo de vida local, uma área totalmente diferente do ambiente urbano que é encontrado na cidade.

E, além disso, ainda estão à disposição dos clientes os serviços de entretenimento que a fazenda disponibiliza para os visitantes que desejam outras formas de diversão. Assim, as famílias são o público mais ativo da propriedade, por estar sempre em busca da ruralidade da Fazenda Castanhal.

Quadro 06 - Em que a propriedade pode contribuir para que os educadores ministrem suas aulas no local?

	Fala do Proprietário
Informante Chave	“É receber esses alunos ou esses, essas pessoas interessadas no turismo pedagógico, e disponibilizar pra eles salas e Datashow. É esse tipo de coisa que a gente pode disponibilizar pra que eles possam usar né, além é de colocar à disposição as pessoas pra acompanhar nas trilhas e no rio. As pessoas que são da região que trabalham com a gente, que são conhecedores desse ecossistema”.
Redução da fala Do entrevistado	A Fazenda Castanhal pode contribuir disponibilizando salas, materiais e condutores locais para acompanhamento nas trilhas, auxiliando desta forma na aplicação das aulas.
Conclusão dos Pesquisadores	A Fazenda Castanhal se dispõe a colaborar com os educadores, oferecendo salas, ferramentas e condutores para o auxílio do desenvolvimento das aulas no local.

Fonte: Cirilo e Fernandes, 2018. Adaptação Própria.

O proprietário afirma que a Fazenda Castanhal pode contribuir com os educadores de várias formas, viabilizando, desde equipamentos e ferramentas para o desenvolvimento das aulas, até disponibilização de pessoas responsáveis para auxílio do estudo local.

A fazenda está inclinada a receber estudantes para que desenvolvam atividades pedagógicas em seu ambiente, além de se colocar à disposição e colaborar com as visitas técnicas, desenvolvendo, assim, uma relação recíproca.

Quadro 07 - Você tem alguma proposta ou ideia para receber estudantes de escolas/instituições educacionais na propriedade?

	Fala do Proprietário
Informante Chave	“A ideia que a gente acha que deve proporcionar isso é primeiro fazer uma parceria, fazenda castanhal por exemplo com o instituto federal, uma parceria e contrato no documento que nós temos. Nós poderíamos colocar digamos durante o ano duas visitas ou quatro visitas, já definindo data, qual é o mês, qual é o dia, quantas horas vão ficar lá, isso sim. Uma parceria que renderia pra nós, que a gente saberia que naquele dia nós teríamos alunos x. quantos alunos, quantos professores, isso é tinha que colocar, formalizar isso, dar um aspecto de coisa organizada. Bom não só ficar lá, qualquer dia ai descobre, - vamos pra castanhal! Não, vamos formalizar isso aqui que todas as classes as turmas do instituto vão ter que passar pela Castanhal. Que qui ia se proporcionar? A gente melhorar o ambiente proporcionar que a gente pudesse recebe-lo mais e seguir orientação desses alunos que estão estudando pra isso. Esses alunos seriam nossos orientadores”.
Redução da fala Do entrevistado	A proposta seria realizar uma parceria entre a Fazenda Castanhal e o Instituto Federal, em que fosse tudo planejado e documentado com antecedência, para que assim ocorram as visitas e seja benéfico para todos.

Conclusão dos Pesquisadores

Existe uma proposta para que se crie uma parceria entre a Fazenda Castanhal e as instituições educacionais, e que a partir destas parcerias se elaborem visitas planejadas e organizadas ao local, proporcionando uma interação satisfatória aos envolvidos.

Fonte: Cirilo e Fernandes, 2018. Adaptação Própria.

O proprietário explica e expõe seu ponto de vista, descrevendo sua ideia e se colocando de forma aberta ao diálogo para que haja uma comunicação entre todas as partes interessadas na atividade e que, em seguida, desenvolva-se a prática do turismo pedagógico na Fazenda Castanhal.

A ideia inicial do proprietário é realizar uma parceria com as instituições educacionais e acadêmicas, criando, assim, uma relação com as mesmas, incorporando, nessa associação, um planejamento que traga em si um contrato com todas as especificações da prática a ser realizada como data, hora, quantidade de pessoas e de visitas por ano, entre outros detalhes a se discutir.

Para que não se transcorra uma atividade desorganizada na fazenda, como citado pelo próprio proprietário na entrevista, ele deseja formalizar as visitas e se organizar para receber os estudantes.

Uma relação mútua que traga benefícios para ambos os lados, em que, ainda segundo ele, os alunos seriam os orientadores dos proprietários, aconselhando sobre a melhor forma de se desenvolver um ambiente conservado e bem cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como tema a prática do Turismo Pedagógico no Hotel Fazenda Castanhal. Buscou diante de todo o trabalho o entendimento da viabilidade da atividade pedagógica no local, já que o empreendimento turístico possui potencial para o desenvolvimento de atividades que não estejam diretamente ligadas somente ao lazer e entretenimento, possibilitando, assim, uma variedade de opções de atividades a serem desenvolvidas.

Evidencia-se que a atividade turística aliada à educação consegue proporcionar uma temática bastante ampla pela quantidade de atividade que podem ser realizadas, pensando em uma visão interdisciplinar apresentada nas viagens educacionais.

Tal segmento surge como alternativa de relacionar práticas do turismo pedagógico como um modelo opcional e de auxílio para o desenvolvimento das aulas, uma alavanca sugerida em meio a tantos outros métodos que buscam nada menos do que complementar os estudos dos alunos. Com isso, percebe-se o turismo pedagógico como uma ferramenta que tem potencialidade de despertar o interesse dos alunos para novos conhecimentos adquiridos na vivência, possibilitando maior interação com o local visitado, especialmente em áreas naturais, pois permite um contato maior com o meio ambiente, despertando a vontade de compreender e apreciar sua biodiversidade.

Percebe-se que Freinet buscava, em meio as suas propostas pedagógicas, justamente, a inovação das técnicas educacionais tradicionais, uma concepção original que traz métodos pedagógicos que focam na relação do meio social entre os estudantes. Uma proposta que visa à criação, produção e cooperação para o complemento do conhecimento dos alunos.

Dessa forma, a partir dos resultados apresentados e analisados, a atividade foi proposta para que seja desenvolvida frequentemente na Fazenda Castanhal, mas a possibilidade de ocorrer em outras localidades e ambientes abre um leque de oportunidades para que se elabore planejamentos que envolvam outros locais que também proporcionarão experiência e conhecimento de vários outros componentes, como social, cultural e ambiental.

Então, visto que não há impedimentos para a realização da atividade no Hotel Fazenda Castanhal, o que se busca é apenas a elaboração de um planejamento antecipado e concreto, acertando os detalhes como data, hora, transporte e alguns ajustes com as partes; assim, responde-se ao problema de pesquisa.

Em resumo, pode-se dizer que os resultados obtidos no levantamento desta pesquisa trazem em suas considerações que a viabilidade do turismo pedagógico está acessível para a possibilidade do desenvolvimento da atividade turística no hotel fazenda. Como também é perceptível que esta atividade é benquista entre os respondentes da pesquisa e que os resultados, a partir da execução da atividade, foram atingidos de forma satisfatória.

Contudo, para finalizar, apresentam-se algumas propostas de atividades que podem ser aplicadas pelos docentes em suas visitas técnicas, ou, como

chamados por Freinet, “aulas passeio”, que podem ser desenvolvidas no Hotel Fazenda Castanhal.

- Trilhas;
- Estudo do Meio Ambiente;
- Observação do Meio de Vida animal e a diversidade de habitats;
- Relatório da Disposição da Fauna e Flora;
- Pesquisas Sobre a Porcentagem e Qualidade da Água vinda do Lago;
- Observação dos processos produtivos da Fazenda;
- Estudo Técnico dos Recursos, Produtos e Serviços Disponíveis;
- Reconhecimento do Tipo de Vegetação Local e do Entorno;
- Proposta de Reciclagem e Meios Sustentáveis;
- Identificação e Conceituação do Local.

É relevante mencionar que a proposta deste trabalho teve resultado positivo em relação ao turismo pedagógico. Sobre o turismo e suas áreas, espera-se que este trabalho sirva e contribua de forma significativa na realização de futuros projetos, que tenham uma temática similar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Carla Emanuelle de Oliveira; LANÇA, Viviane Soares. **Turismo Rural**: Um olhar sobre o Hotel Fazenda Santa Barbara - Engenheiro Paulo de Fronti/RJ. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://epea.tmp.br/epeA2015_anais/pdfs/plenary/85.pdf. Acesso em: 16 ago. 2020.

BONFIM, Mailene Vinhas de Souza. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. In: **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**, v. 12, n. 1, p. 114-129, jan/abr de 2010. Disponível em: <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1127/1511>. Acesso em: 14 set. 2020.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de estudos e intercâmbio**: Orientações básicas. 2 ed. Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRES-SxO_.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020.

CÂNDIDO, Índio. **Gestão de hotéis: técnicas, operação e serviços.** Caxias do Sul: Educs, 2003.

CÂNDIDO, Luciane Aparecida. **Turismo em áreas naturais protegidas.** Caxias do Sul: 2003.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Alcino; SILVA, Roberto. **Metodologia científica.** 6 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

DAVIES, Carlos Alberto. **Manual de hospedagem: simplificando ações na hotelaria.** Caxias do Sul: Educs, 2003.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação.** Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFFMANN, Cléia Saionara; CUNHA, Aline Moraes. **O turismo rural pedagógico como aliado da conservação ambiental na cidade de porto alegre.** Porto Alegre, jun. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/indeex.php/folio/article/view/255>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MARTINS, Luiz Ailil. Vianna; NETO, Francisco Raimundo Alves. O turismo pedagógico como dinamizador do processo ensino-aprendizagem no PROEJA. In. **Revista de Educação – Educere ET Educare**, v. 8, n. 16, jul/dez, 2013 p. 455-468. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4893/6825>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MENEZES, Paula Dutra Leão. D; SILVA, Jéssica Cristina. D. Análise do sistema oficial de classificação dos meios de hospedagem do brasil. In. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 3, n. 1, p. 57-70, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao turismo..** São Paulo: Roca, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Histórico da Pandemia de COVID-19.** Brasília, 2020.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2005.

RIBEIRO, Karla Cristina Campos. **Meio de Hospedagem**, Manaus. 2011. Disponível em: https://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_meios_hosp.pdf&sa. Acesso em: 16 ago. 2020.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SOUZA, Rita de Cássia Alves. D. et al. O turismo a serviço da educação: As aulas-passeio promovidas por escola particular em Parnaíba (PI). **Revista Rosa dos Ventos**, Programa de Pós-Graduação em Turismo Universidade de Caxias do Sul, jan/jun, v. 3 n. 1, 2011 Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/download/681/pdf_31. Acesso em: 16 ago. 2020.

XAVIER, Adriana C. **Turismo e Meio Ambiente**. Campo Grande: Portal Educação, 2012.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Leila Marcia Ghedin



Doutora em Educação em Ciência e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT (2018). Mestre no Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA (2013). Mestre em Planificación Integral para el Desarrollo del Turismo pela Universidad del Zulia-Venezuela - LUZ (2006). Especialista em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Roraima - IFRR (2009). Especialista no Uso dos Recursos Naturais pela Universidade Federal de Viçosa - UFV (2001). Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Roraima - UFRR (2000). Guia Regional de Turismo do Rio Grande do Norte pelo SENAC (2000). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Roraima - IFRR (desde 1994). No *Campus* Boa Vista foi Coordenadora Pedagógica, Coordenadora do Curso Técnico em Turismo, Coordenadora do Curso de Tecnologia em Gestão do Turismo. Foi Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação, Coordenadora de Pesquisa, Coordenadora da Pós-Graduação. No *Campus* Avançado Bonfim foi Diretora. Na Reitoria foi Coordenadora de Editoração e Divulgação Científica do IFRR, membro da equipe Editorial da Revista Norte Científico do IFRR. É professora de cursos Técnicos, de Formação Inicial e Continuada, de Tecnologia, de Licenciatura e de Pós-Graduação nas áreas de turismo, educação, educação científica e matemática. Tem experiência em Planejamento Integral do Turismo, Gestão Comunitária do Turismo, Pesquisa em temas de Turismo, Educação e Etnomatemática fundamentada em Wittgenstein e Atitude Metódica de Pesquisa. É Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Turismo, Tecnologia, Educação e Cultura - GEPTTEC.

Karla de Oliveira



Doutora e Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Especialista em Docência e Metodologia de Pesquisa em Turismo pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Bacharel em Turismo pela UFPA. Adquiriu experiência em Inventários Culturais por ter integrado as equipes que realizaram os Inventários Nacionais de Referências Culturais (INRCs) Marajó e do Glorioso São Sebastião de Cachoeira do Arari - Ilha do Marajó/ PA. Desenvolveu pesquisas na área Museológica no Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG, como bolsista PCI/CNPQ. Conselheira Regional Suplente do COREM 1R. Professora EBTT no Instituto Federal de Roraima - IFRR. Realiza pesquisas nas áreas de turismo e patrimônio cultural, religiosidade e museologia. Integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Turismo, Tecnologia, Educação e Cultura (GEPTEC) e a Rede de Pesquisadores de Turismo, Patrimônio e Políticas Públicas da PanAmazônia (TPP PAN-AMAZÔNIA). Líder do Grupo de Pesquisa Patrimônio, Memória e Território (IFRR).

Luciana de Souza Vitória



Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima-IFRR. Tem em sua formação acadêmica Mestrado em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul-UCS e Bacharelado em Turismo pela Universidade Estadual de Roraima-UERR. Atualmente cursa Doutorado em Turismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Atua como Professora do Curso superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e da Pós-graduação lato sensu em Planejamento e Gestão de Destinos Turísticos. Pesquisadora associada ao Laboratório de Turismo, Ecologia e Meio Ambiente - LABTEMA/UERR, Pesquisadora e Vice-Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Turismo, Tecnologia, Educação e Cultura-GEPTEC/IFRR. Membro do Conselho Municipal de Turismo. Estuda e pesquisa os seguintes temas: Turismo; Turismo Comunitário; Turismo e Meio Ambiente; Turismo e Pesca Esportiva; Interferências do Turismo.

ESTUDOS DE TURISMO NA TERRA DE MAKUNAIMA

Os Estudos de Turismo na Terra de Makunaima são o resultado de pesquisas realizadas pelo corpo discente e seus respectivos orientadores do curso de Pós-graduação em Planejamento e Gestão de Empreendimentos e Destinos Turísticos Sustentáveis, ofertado pelo IFRR/*Campus* Boa Vista no período de 2018 a 2020. A obra está estruturada em consonância com as linhas de pesquisa do curso - planejamento e gestão de destinos turísticos; gestão de empreendimentos turísticos; turismo e sustentabilidade; turismo e educação e trazem um panorama do turismo no estado de Roraima. A leitura poderá propiciar o debate sobre planejamento e gestão estratégica do turismo local, considerando o cenário pandêmico atual, além de discutir o empreendedorismo e a sustentabilidade que se mostram como pontos cruciais para dinamizar o restabelecimento da atividade turística. A temática educação é abordada de forma a contribuir para a compreensão de sua intrínseca relação com o turismo no que tange às estratégias e atividades de turismo pedagógico. Aos leitores, cabe a viagem pelas terras de Makunaima, seja almejando um lugar turístico ou refletindo sobre os estudos de cada artigo.



Grupo de Estudo e Pesquisa em
**Turismo, Tecnologia,
Educação e Cultura**

